

Revista Linguística

Volume 19, número 2, maio/ago. de 2023

Organizadores da edição:

Roberto de Freitas Junior e
Marcos Luiz Wiedemer

Temas Livres | *Free Themes*

O dossiê 19/2 da Revista Linguística reúne 14 artigos e uma entrevista, escritos por pesquisadores de diversas correntes teóricas e de instituições acadêmicas diversas. Os autores exploraram multiplicidade de temas, apresentando novas perspectivas e reflexões para diversas questões da Linguística. Tal variedade reflete o alcance do campo e sua interlocução com diferentes áreas de saberes.

ISSN: 2238-975X

UFRJ

COMISSÃO EDITORIAL

Editor-chefe

Gean Nunes Damulakis, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Editores

Aniela Improta França, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Isabella Lopes Pederneira, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Marcus Maia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Marije Soto, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil

Aleria Lage, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Editores Honorários

Maria Luiza Braga, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Editor Fundador

Lilian Ferrari, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Conselho Editorial

Anthony Naro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fernanda Ferreira Spoladore, Michigan State University, EUA

Gabriela Matos, Universidade de Lisboa, Portugal

Kees Hegenveld, Universidade de Amsterdam, Holanda

Leticia Sicuro Correa, Departamento de Letras - PUC/RJ

Leo Wetzels, Universidade Livre de Amsterdam, Holanda

Luiz Amaral, University of Massachusetts, USA

Maria Armanda Costa, Universidade de Lisboa, Portugal

Maria Cecília Mollica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Roberto Almeida, Concordia University, Canada

Ruth Lopes - Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Organização da Edição

Roberto de Freitas Junior (UFRJ) e Marcos Luiz Wiedemer (UERJ)

Redação e Assinaturas

Programa de Pós-Graduação em Linguística - Faculdade de Letras da UFRJ

Av. Horácio de Macedo, 2151 - Sala F. 321. Ilha do Fundão Cidade Universitária

CEP 21941-917 - Rio de Janeiro - RJ. E-mail: ppglinguistica@letras.ufrj.br

Editor Operacional e Editoração Eletrônica

Patricia Mabel Kelly Ramos, pattydesign/Brasil

Revista **Linguística**

RIO DE JANEIRO | VOLUME 19 | NÚMERO 2 | MAIO - AGO. DE 2023

TEMAS LIVRES
FREE THEMES

UFRJ

Programa de Pós-Graduação em Linguística Faculdade de Letras
Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

Apresentação

- 6** **Será que os temas são livres? Diversidade e renovação na linguística**
Roberto de Freitas Junior e Marcos Luiz Wiedemer

Artigos

- 11** **Características morfossintáticas do advérbio *sempre* por meio de testes de julgamento de aceitabilidade**
Joelma Sobral da Silva, Rafael Dias Minussi e João Paulo Lazzarini Cyrino
- 34** **Variação tu e você na posição de sujeito em cartas pessoais do escritor alagoano Graciliano Ramos**
Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória
- 52** **Irrealis mood in Lung'le: ka**
Núbia Ferreira Rech e Ana Livia Agostinho
- 71** **Ponto de vista e uso de aspas no português brasileiro: uma análise de manchetes jornalísticas**
Lilian Ferrari e Diogo Pinheiro
- 96** **A construção [s + a/eria] no português brasileiro segundo a Gramática Cognitiva**
Mariana Pimentel Lopes de Souza e Janderson Luiz Lemos de Souza
- 120** **A crucialidade da fonologia: um outro olhar sobre *blends* lexicais no português brasileiro**
Felipe da Silva Vital e Carlos Alexandre Victório Gonçalves
- 141** **O marcador discursivo “chega aí”: construcionalização e paradigmática**
Mariangela Rios de Oliveira e Monique Borges Ramos da Fonseca
- 164** **O uso do verbo *saber* sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional**
Flávia do Carmo Bertasso e Erotilde Goreti Pezatti

- 180** **A expressão da futuridade em textos informativos: algumas considerações sobre as formas verbais do português europeu**
Luís Filipe Cunha
- 201** **Dêixis social em rede como estratégia para interatividade em compósito de gênero no Instagram**
Maria Verônica Monteiro Lima, Isabel Muniz-Lima e Mayara Arruda Martins
- 219** **Representações sobre a influência do orientador na formação do pesquisador na pós-graduação: uma análise dialógica de comentários *on-line* de pós-graduandos**
Nara Karolina de Oliveira Silva e José Cezinaldo Rocha Bessa
- 237** **Representação social e violência de gênero: a imigração de mulheres venezuelanas no Portal de Notícias G1.com**
Gislene Araújo Gabriel e Ticiane Rodrigues Nunes
- 259** **Uma linguística das funções do homem na língua e na linguagem**
Valdir do Nascimento Flores e Larissa Colombo Freisleben
- 275** **Tecnologia assistiva (TA) para pessoas surdocegas: estudo de caso e o desenvolvimento de um recurso tecnológico educacional em Braille**
Ana Sara Tomé Borges e Bruno Pereira Garcês

Entrevista

- 292** **Entrevista com as professoras Maria Cecília de Magalhães Mollica e Maria da Conceição Auxiliadora Paiva**
Marcos Luiz Wiedemer e Roberto de Freitas Junior

SERÁ QUE OS TEMAS SÃO LIVRES? DIVERSIDADE E RENOVAÇÃO NA LINGUÍSTICA

IS IT POSSIBLE THAT THE TOPICS ARE FREE? DIVERSITY AND RENEWAL IN LINGUISTICS

Roberto de Freitas Junior¹

Marcos Luiz Wiedemer²

Este dossiê, volume 19, número 2, da Revista Linguística, reúne 14 artigos e uma entrevista, os quais foram escritos por pesquisadores de diversas correntes teóricas, bem como de instituições acadêmicas distintas. A diversidade de abordagens enriquece sobremaneira o panorama diverso da linguística. Mesmo partindo do mesmo objeto - a língua -, os autores exploram multiplicidade de temas e oferecem novas observações, novas perspectivas e mesmo novas resoluções para problemas diversos. Tal variedade reflete o alcance da área e sua interlocução com diferentes saberes.

Celebramos, neste contexto, a diversidade presente na pesquisa linguística. A própria menção “temas livres” na chamada do dossiê ressalta a importância da liberdade de pesquisa/investigação e de interesses, em contraste com as restrições que frequentemente permeiam os muros da academia. A descoberta, o interesse, bem como o desinteresse, se mostram presentes. Nessa dinâmica, na qual somos, muitas vezes, submetidos a nos atermos ao que já posto, é crucial transcender a zona de conforto e partir para as implicações da linguagem.

O artigo de abertura do dossiê, *Características morfossintáticas do advérbio sempre por meio de testes de julgamento de aceitabilidade*, dos pesquisadores Joelma Sobral da Silva, Rafael Dias Minussi e João Paulo Lazzarini Cyrino, investiga as características morfossintáticas e de processamento do advérbio “sempre” em sentenças do português brasileiro, com base na Teoria Gerativa e no modelo da Morfologia Distribuída. São discutidas questões sobre o posicionamento e as restrições sintáticas do advérbio, bem como dados de processamento linguístico por meio de três experimentos de psicolinguística experimental. A análise revela que a raiz $\sqrt{\text{SEMPRE}}$ corresponde a um único item do vocabulário, desempenhando o papel de núcleo adverbial, com traços modificadores que influenciam na interpretação da sentença quando associados a diferentes núcleos funcionais. O estudo ajuda a compreender os diferentes significados de “sempre” no português brasileiro: temporal em sentenças específicas, aspectual em sentenças no tempo presente e de confirmação em sentenças no tempo pretérito perfeito.

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), robertofrei@letras.ufrj.br, <https://orcid.org/0000-0001-6237-1040>.

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), mlwiedemer@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-0924-1030>.

O segundo artigo, *Variação tu e você na posição de sujeito em cartas pessoais do escritor alagoano Graciliano Ramos*, escrito por Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória, analisa a variação dos pronomes (tu, você), na variedade alagoana, na posição de sujeito em cartas pessoais escritas por Graciliano Ramos na primeira metade do século XX. Utilizando métodos da Sociolinguística Histórica e da Teoria do Poder e da Solidariedade, são analisadas 110 cartas escritas entre 1910 e 1949. Controlando diversas variáveis, os achados indicam os que o pronome “tu” é mais frequente, indicando uma relação mais íntima e solidária, enquanto o tratamento “você” é mais comum em contextos específicos, como quando o sujeito é expreso, nas décadas de 1930 e 1940, em relações com esposa e filho, no subgênero carta de casal e com destinatário feminino.

Já o terceiro texto, escrito por Núbia Ferreira Rech e Ana Livia Agostinho, recebe o título *Irrealis mood in Lung’ie: ka*, examina a partícula “ka” em construções com predicados dinâmicos na língua crioula Lung’Ie, falada em Príncipe e em risco de extinção. Ao contrário de trabalhos anteriores sobre o Lung’Ie, os autores argumentam que “ka” desempenha uma única função: a de marcador de modo irrealis. A análise desenvolvida no estudo demonstra que “ka” é utilizado em construções hipotéticas, condicionais, contrafactuais, futuras e habituais, mas não em construções passadas ou em eventos descritos no momento da fala, que são considerados contextos reais prototípicos.

Ponto de vista e uso de aspas no português brasileiro: uma análise de manchetes jornalísticas, artigo desenvolvido por Lilian Ferrari e Diogo Pinheiro, investiga o uso de aspas em manchetes jornalísticas do português brasileiro, com base na Linguística Cognitiva e na Teoria dos Espaços Mentais. Os autores argumentam que as aspas indicam uma mudança de Ponto de Vista na rede de espaços mentais conforme o discurso se desenvolve. A análise sugere que o uso de aspas para indicar deslocamento de Ponto de Vista ocorre principalmente em dois contextos: quando há mudança do espaço Base/Ground para um espaço de discurso reportado (direto ou parcial) e quando há mudança para o Espaço Metalinguístico, implicando processos metafóricos e/ou metonímicos na Rede de Espaços Comunicativos Básicos.

Já o quinto texto do dossiê, *A construção [s + a/eria] no português brasileiro segundo a Gramática Cognitiva*, fundamentados na Gramática Cognitiva, os autores Mariana Pimentel Lopes de Souza e Janderson Luiz Lemos de Souza exploram a formação de palavras como “açaiteria”, “esmalteria” e “hamburgueria” no português brasileiro. O estudo desenvolvido sugere que o esquema [S + a/eria], foi derivado de palavras mais antigas como “padaria” e “lavanderia”, e demonstra que a produtividade desse esquema na formação de novas palavras.

Felipe da Silva Vital e Carlos Alexandre Victório Gonçalves, no artigo *A crucialidade da fonologia: um outro olhar sobre blends lexicais no português brasileiro*, revisitam a análise de blends lexicais no português brasileiro, contrastando com o ponto de vista apresentado por Nóbrega e Minussi (2015). Os autores defendem que a fonologia desempenha um papel crucial no processo de formação de palavras, enquanto reconhecem o papel da semântica como motivação básica na sua criação. Para tanto, argumentam a favor do papel da sílaba e do pé métrico como domínios prosódicos. A análise

desenvolvida distingue dois subtipos de *blends*: os “fonológicos”, nos quais a sílaba é o domínio relevante, e os “morfológicos”, nos quais o pé métrico é considerado.

Na sequência de artigos, temos o estudo desenvolvido por Mariangela Rios de Oliveira e Monique Borges Ramos da Fonseca, que recebe o título *O marcador discursivo “chega aí”: construcionalização e paradigmaticização*. As pesquisadoras adotam a abordagem da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) para analisar a mudança linguística da expressão “chega aí” no português brasileiro, utilizando métodos qualitativos e quantitativos. As autoras analisam o processo de construcionalização de “chega aí” como um novo marcador discursivo, codificado como [chega aí]MD, que é motivada pela analogia com o padrão construcional [VLoc]MD. Os resultados mostram que “chega aí” é usada em vários contextos na linguagem contemporânea, confirmando sua recente construcionalização e sua integração na categoria dos marcadores discursivos.

No artigo *O uso do verbo “saber” sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional*, as pesquisadoras Flávia do Carmo Bertasso e Erotilde Goreti Pezatti examina as diferentes construções com o verbo “saber” a partir do arcabouço teórico da Gramática Discursivo-Funcional em dados extraídos do português falado no noroeste do Estado de São Paulo. Os resultados revelam que o verbo “saber” é utilizado de forma interpessoal como um ato interativo e como um modificador de ato. Além disso, as autoras indicam que no nível representacional, ele desempenha o papel de núcleo da propriedade configuracional que compõe o conteúdo proposicional principal, selecionando um conteúdo proposicional como argumento inativo.

O pesquisador Luís Filipe Cunha, no artigo *A expressão da futuridade em textos informativos: algumas considerações sobre as formas verbais do português europeu*, analisa as diversas formas verbais utilizadas para expressar a prospectividade no português europeu (futuro simples, construção “ir” seguida de infinitivo, presente do indicativo com valor de futurativo). A partir da análise de dados extraídos de um *corpus* de 18 textos, o autor observa que cada uma dessas construções possui características distintas: “ir” + infinitivo se concentra principalmente na expressão da temporalidade, o futuro simples combina valores temporais e modais, e o presente com valor futurativo indica posterioridade preferencialmente associada ao domínio do presente. Por fim, o pesquisador indica que essas diferenças são confirmadas pelos contextos de uso, especialmente em relação a verbos modais como “poder” ou “dever”.

Apesquisa desenvolvida pelos pesquisadores Maria Verônica Monteiro Lima, Isabel Muniz-Lima e Mayara Arruda Martins recebe o título *Dêixis em rede como estratégia para interatividade em compósito de gênero no Instagram*. O estudo desenvolvido analisa como os dêiticos sociais em redes sociais são utilizados para engajar os interlocutores em postagens de diferentes gêneros. A análise dos autores revela uma relação entre os dêiticos em rede e os níveis de interatividade na construção de significados, evidenciados pelas curtidas e comentários dos seguidores, demonstrando assim a efetiva interação dos interlocutores com as postagens.

O artigo *Representações sobre a influência do orientador na formação do pesquisador na pós-graduação: uma análise dialógica de comentários on-line de pós-graduandos*, escrito por Nara Karolina de Oliveira Silva e José Cezinaldo Rocha Bessa, a partir dos princípios linguístico-filosóficos do Círculo de Bakhtin e trabalhos relacionados à atividade de orientação na pós-graduação, analisa os comentários online coletados no Blog Pós-graduando. O texto busca compreender as dinâmicas das relações entre orientadores e orientandos na pós-graduação, concentrando-se na influência do orientador na formação do pesquisador. A análise revela que os pós-graduandos reconhecem a influência significativa do orientador em várias etapas do processo, desde a definição do tema de pesquisa até a defesa da dissertação ou tese.

Em *Representação social e violência de gênero: a imigração de mulheres venezuelanas no Portal de Notícias G1.com*, as pesquisadoras Gislene Araújo Gabriel e Ticiane Rodrigues Nunes analisam as representações sociais das mulheres imigrantes venezuelanas veiculadas pelo Portal de Notícias G1.com, examinando como essas representações contribuem para a legitimização da violência de gênero e para a subalternização das mulheres na sociedade brasileira. As autoras, ainda, lançam mão de questões teóricas sobre mídia, ideologia, representação e discurso, juntamente com discussões sobre a feminização das migrações e suas implicações nas relações de gênero, incluindo a violência de gênero enfrentada pelas imigrantes. Os resultados aludem a falta de destaque dado à questão migratória pela mídia jornalística, bem como o silenciamento das vozes das imigrantes venezuelanas.

O penúltimo artigo que compõe o presente dossiê é dos autores Valdir do Nascimento Flores e Larissa Colombo Freisleben e recebe o título *Uma linguística das funções do homem na língua e na linguagem*. Os autores apresentam a proposição de que a linguística de Émile Benveniste pode ser interpretada como uma linguística das funções, consideradas universais antropológicos dentro da linguagem e nas quais o ser humano sempre está inserido ao enunciar. Para apoiar ea ideia, o texto analisa a presença da noção de função nos estudos linguísticos, bem como examina como Benveniste utiliza o termo e a noção nos volumes de *Problemas de linguística geral*. Os pesquisadores apresentam uma noção específica de função como um conceito antropológico universal, utilizando como base o artigo “As relações de tempo no verbo francês”.

O último artigo deste volume recebe o título *Tecnologia assistiva (TA) para pessoas surdocegas: estudo de caso e o desenvolvimento de um recurso tecnológico educacional em Braille*, dos autores Ana Sara Tomé Borges e Bruno Pereira Garcês, e apresenta uma proposta de criação de um protótipo eletrônico didático-pedagógico para ensinar o Braille, especialmente para pessoas surdocegas. Esta tecnologia assistiva utiliza sistemas eletrônicos com algoritmos e programação, sendo fabricada por meio de impressão 3D, representando uma nova abordagem para superar as barreiras comunicacionais e educacionais enfrentadas por indivíduos com surdocegueira.

O dossiê é encerrado pela entrevista realizada por Marcos Luiz Wiedemer e Roberto de Freitas Junior com as professoras Maria Cecília de Magalhães Mollica e Maria da Conceição Auxiliadora

Paiva, na qual celebramos suas trajetórias acadêmicas, bem como o próprio desenvolvimento do pensamento linguístico brasileiro, com contribuições significativas para a Sociolinguística Variacionista e áreas afins.

Para finalizar, queremos agradecer aos autores, que se dispuseram a contribuir para o quadro de pesquisas divulgadas, ao pareceristas, pelas contribuições realizadas nas avaliações dos textos, ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ, por oferecer esse espaço e nos apoiar na organização deste dossiê, e à Patrícia Mabel Kelly Ramos, pelo apoio concedido na organização. Esperamos que os textos aqui reunidos possam instigar o leitor a construir novas relações e (inter)ações com a área da linguística.

Boa leitura!

CARACTERÍSTICAS MORFOSSINTÁTICAS DO ADVÉRBIO *SEMPRE* POR MEIO DE TESTES DE JULGAMENTO DE ACEITABILIDADE

MORPHOSYNTACTIC CHARACTERISTICS OF THE ADVERB SEMPRE THROUGH ACCEPTABILITY JUDGMENT TESTS

Joelma Sobral da Silva¹

Rafael Dias Minussi²

João Paulo Lazzarini Cyrino³

RESUMO

Este artigo investiga características morfosintáticas e de processamento do advérbio *sempre* em sentenças do português brasileiro. Para tanto, tomaremos como base a Teoria Gerativa (CHOMSKY, 1995 em diante) e, dentro dela, o modelo da Morfologia Distribuída (MD) (HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997; ALEXIADOU, 2002). Discutimos questões relativas (i) ao posicionamento sintático e restrições sintáticas do advérbio *sempre*; (ii) aos dados de processamento linguístico desse advérbio por meio de três experimentos com base na metodologia da psicolinguística experimental e (iii) ao estatuto categorial de *sempre* à luz do modelo teórico da MD. Exploramos os impactos da posição do advérbio na estrutura sintática; da comparação entre o tempo verbal presente e pretérito perfeito do indicativo e da especificidade do objeto. Dentro desse contexto, nossa análise propôs que a raiz $\sqrt{\text{SEMPRE}}$ corresponde a um único Item de Vocabulário, que realiza o núcleo adverbial (adv). Essa raiz possui traços modificadores [+aspectual], [+contínuo], os quais, quando associados à presença de diferentes núcleos funcionais (AspP, FocP, CP, TP), não interferem na interpretação da sentença. Isso explica os três valores de *sempre* no PB: (i) temporal em sentenças mais específicas; (ii) aspectual em sentenças no tempo Presente e (iii) confirmação em sentenças no tempo Pretérito Perfeito. Outra propriedade observada nos testes foi uma mudança de intensidade do advérbio *sempre* quando relacionado aos advérbios “quase” e “nem”. A partir deste estudo, pretendemos lançar luz sobre a relação entre estudos teóricos dentro do quadro da Teoria Gerativa analisados em conjunto com dados de processamento linguístico.

PALAVRAS-CHAVE: Advérbio *sempre*. Processamento de advérbios. Morfologia Distribuída. Teste de aceitabilidade. Teoria Gerativa.

ABSTRACT

This article investigates morphosyntactic and processing characteristics of the adverb “sempre” (always) in sentences of Brazilian Portuguese. To do so, we will take as a basis the Generative Theory (CHOMSKY, 1995 onwards) and, within it, the model of Distributed Morphology (MD) (HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997; ALEXIADOU, 2002). We discuss issues related to (i) the syntactic positioning and syntactic constraints of the adverb “sempre” among languages; (ii) linguistic processing data of this adverb through three experiments using experimental psycholinguistics methodology, and (iii) the categorial status of “sempre” in light of the MD theoretical model. We explore the impacts of the adverb’s position in syntactic structure, a comparison between the present and past perfect indicative tenses, and the specificity of the object. Within this context, our analysis proposes that the root $\sqrt{\text{SEMPRE}}$ corresponds to a single Vocabulary Item, which functions as the

¹ Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), sobral.joelma@unifesp.br, <https://orcid.org/0000-0003-0737-418X>.

² Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), rafael.minussi@unifesp.br, <https://orcid.org/0000-0003-4103-8796>.

³ Universidade Federal da Bahia (UFBA), jpcyrino@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-3462-7114>.

adverbial head (adv). This root has modifier features [+aspectual] and [+continuous], which, when associated with different functional heads (AspP, FocP, CP, TP), will affect sentence interpretation. This explains the three values of “sempre” in Brazilian Portuguese: (i) temporal in more specific sentences, (ii) aspectual in present tense sentences, and (iii) confirmatory in past perfect tense sentences. Another observed property in the tests was a change in the intensity of the adverb “sempre” when related to the adverbs “quase” (almost) and “nem” (neither). Through this study, we aim to shed light on the relationship between theoretical studies within the framework of Generative Theory, analyzed in conjunction with linguistic processing data.

KEYWORDS: Adverb “sempre” (always). Adverb processing. Distributed Morphology. Acceptability test. Generative Theory.

Introdução

O objetivo deste estudo é investigar as características morfossintáticas e o processamento do advérbio *sempre* com base em sua posição sintática e em sua relação com outros elementos em sentenças do português brasileiro (PB), relacionando estudos teóricos gerativistas a estudos de processamento linguístico da sintaxe adverbial.

Uma das principais motivações deste trabalho tem relação com a natureza categorial do advérbio *sempre*, uma vez que, de modo geral, a literatura sobre essa classe gramatical aproxima os advérbios dos adjetivos. Além disso, há poucos estudos que analisam a classe dos advérbios do PB, em especial o advérbio *sempre* dentro do quadro teórico gerativista, e que discutem a distribuição sintática desse advérbio. Dessa forma, a fim de realizar essa tarefa, adotamos o modelo da Morfologia Distribuída (MD), que possibilita unir estrutura morfológica e estrutura sintática, permitindo descrever, de modo mais eficaz, a morfossintaxe de *sempre*.

Assim sendo, para desenvolver este trabalho, nosso estudo tomou como base o arcabouço da Teoria Gerativa (CHOMSKY, 1995 e trabalhos subsequentes) por meio do modelo da MD (HALLE; MARANTZ, 1993, MARANTZ, 1997). Tomamos como exemplar de língua particular o PB e contrastamos as propriedades morfossintáticas de seus dados com propriedades atestadas em estudos teóricos em outras línguas, porém, neste artigo, fizemos um recorte por questão de espaço e apresentamos uma comparação entre o PB e o português europeu (PE).

O advérbio (doravante Adv) *sempre* é considerado pela gramática contemporânea (ILARI, 2002, 2014; KATO; NASCIMENTO, 2009) um Adv temporal e aspectual. Ele acrescenta um valor de continuidade e quantificação às sentenças e aparece poucas vezes indicando a noção clássica de eternidade (referência com base na simultaneidade de passado, presente e futuro), ou seja, em algumas ocorrências, *sempre* não se relaciona ao sentido de tempo, mas o sentido de *sempre* revela-se sinônimo de “toda vez” e “inscreve-se numa série de advérbios e locuções que quantificam de maneira mais ou menos exata sobre um conjunto de ocasiões”. (ILARI, 2014, p. 302). O Adv *sempre* faz parte de um grupo de Adv do PB que não são formados pelo sufixo -mente. Com base na literatura especializada, observamos que ele possui interpretações variadas dependendo da sua posição sintática e do tempo verbal da sentença em que está relacionado, uma complexidade apresentada na interface sintaxe-morfologia e sintaxe-semântica não só no PB, motivo pelo qual um estudo específico com esse Adv, unindo a Teoria Gerativa e o processamento linguístico, nos pareceu promissor.

A partir dos dados discutidos pela literatura especializada, surgiram as hipóteses manipuladas por meio de três experimentos *off-line* de julgamento de aceitabilidade, que foram aplicados para testar a intuição dos falantes de PB e discutir, posteriormente e com mais exatidão, os contextos sintáticos (tipos de constituintes e orações) e semânticos (escopo) mais aceitáveis, uma vez que há variação na intuição sobre a gramaticalidade de algumas sentenças com *sempre*.

Entre os principais estudos sobre os Advs, destacamos Alexiadou (1997), que examina a categoria de Advs aspectuais e temporais e estabelece que esses tipos de Advs são licenciados como especificadores de Aspecto [Spec, AspP] e de Tempo [Spec, TP]. Os Advs aspectuais não podem aparecer na posição final e quando aparecem na posição inicial são focalizados e ocupam a posição [Spec, FocP], pois nesse caso estão acentuados prosodicamente.

Com base nos dados do PB, pudemos observar que o Adv *sempre* pode aparecer na posição final e inicial no PB, como nos exemplos (1), (2), (5) e (10) a seguir. Assim sendo, uma comparação entre as previsões que Alexiadou (1997) faz e os dados do PB foi necessária. No que diz respeito às restrições sintáticas do Adv *sempre* na estrutura sentencial do PB, os exemplos a seguir atestam, além da aparente liberdade de *sempre* em sentenças do PB, algumas restrições⁴:

- (1) *Sempre* que a aluna chega tarde o professor fica irritado.
- (2) Eles foram alegres para *sempre*.
- (3) Nem *sempre* a aluna viaja nas férias.
- (4) *Não *sempre* a aluna viaja nas férias.
- (5) A aluna não viaja nas férias *sempre*.
- (6) Ela estuda quase *sempre* de madrugada.
- (7) *O professor já *sempre* respondeu as mensagens.
- (8) O professor está *sempre* ocupado.
- (9) O instrutor *sempre* ajudou a atleta.
- (10) *Sempre* te disse a verdade.

Nos exemplos de (1) a (10), podemos observar que *sempre* possui uma mobilidade “aparentemente” livre em sentenças do PB. Entretanto, algumas restrições podem ser percebidas na relação com alguns elementos como em (4) e (7), por exemplo, “não *sempre*” e “já *sempre*”.

⁴ Os exemplos são de nossa autoria, e seguem nossa intuição de falantes nativos da língua.

Ainda com base nos exemplos, é possível perceber que, dependendo da posição ocupada pelo Adv, ele ora apresenta característica temporal como em (8), cuja interpretação seria a de que o professor está ocupado em todos os momentos, e ora características de iteratividade como no complexo “nem sempre” em (3), cuja interpretação seria a de que a aluna viaja de forma eventual. Por sua vez, em (2) apresenta a descrição de um sentimento de alegria constante ou eterna, em (6), com complexo “quase sempre”, o sentido seria o de que ela geralmente estuda de madrugada, não é sempre, de modo que ela pode estudar à tarde, ou à noite; já, em (9), há uma confirmação da ajuda do instrutor à atleta, sugerida pela combinação do valor temporal da sentença e a presença do advérbio *sempre* em posição pré-verbal.

A partir desses dados, surgem alguns questionamentos: (i) o que está causando a agramaticalidade nos contextos em (4) e (7)? (ii) com base no estatuto categorial e nos tipos de interpretação, qual é a natureza categorial desse advérbio?

Para responder essas questões, fizemos um mapeamento de alguns estudos sobre o advérbio *sempre* em diferentes línguas, utilizamos nossas hipóteses para desenvolver as variáveis do nosso *design* experimental e aplicamos três experimentos de julgamento de aceitabilidade em falantes nativos do PB via *web*. Eles serão detalhados na seção três deste artigo.

Assim sendo, este artigo segue estruturado da seguinte forma: (i) faremos uma síntese dos pressupostos teóricos utilizados em nossa análise; (ii) descrevemos alguns estudos que trataram do advérbio *sempre* no Português Europeu (PE), contrastando tais estudos com as nossas intuições de falantes nativos do Português Brasileiro (PB); (iii) discutimos os resultados dos testes de julgamento de aceitabilidade aplicados via *web* em falantes nativos do PB; (iv) apresentamos nossa proposta de análise do advérbio *sempre* no PB à luz da MD. Por fim, são expostas as considerações finais e as referências bibliográficas.

Na próxima seção, apresentamos os nossos pressupostos teóricos.

1. A Morfologia Distribuída e a Psicolinguística Experimental

Dentro do quadro teórico da Teoria Gerativa, a Faculdade da Linguagem (FL) é um componente mental, localizado na mente/cérebro dos seres humanos, que guia a aquisição de linguagem e nela já estão contidos os princípios universais a todas as línguas naturais, pois, todo ser humano possui um conhecimento inato para adquirir língua. O gerativismo postula que, uma vez dotados de uma capacidade inata, somos dotados de uma Gramática Universal (GU) que é o estágio zero da aquisição da linguagem. Assim sendo, os seres humanos possuem uma competência linguística adquirida ainda na infância e, ao longo do processo de aquisição, cada indivíduo forma sua gramática particular.

Os estudos empreendidos dentro da linha de pesquisa gerativista são impulsionados pela preocupação de explicar os princípios gerais que constituem a GU e a forma pela qual a Teoria Gerativa busca explicar a universalidade da sintaxe das línguas naturais, bem como a variação translinguística.

A MD propõe uma arquitetura da gramática na qual a sintaxe forma e organiza palavras. O léxico gerativo, como lugar de armazenamento dos itens lexicais, é substituído por listas distribuídas ao longo da derivação. A Lista 1 (ou lista de elementos primitivos) fornece as raízes atômicas acategoriais e sem fonologia⁵ e os morfemas abstratos, feixes de traços, para o sistema computacional. A Lista 2 (ou Vocabulário) fornece as formas fonológicas para os nós terminais sintáticos, raízes e morfemas abstratos. Por meio de regras, chamadas Itens de Vocabulário, o material fonológico é inserido nos nós terminais sintáticos abstratos. A Lista 3 (ou Enciclopédia), por sua vez, contém os significados especiais das raízes em contextos sintáticos específicos, dentro de domínios locais (Cf. HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997).

Nesse modelo teórico, a sintaxe assume um papel ainda mais importante, visto que essa é a única geradora de elementos linguísticos. A MD possui três propriedades centrais que a diferenciam de outros modelos morfológicos. Inserção Tardia, que diz que o conteúdo fonológico é inserido tardiamente. De acordo com essa propriedade, os nós terminais sintáticos ainda não possuem conteúdo fonológico, sendo assim, a sintaxe trabalha apenas com elementos abstratos. Apenas depois da sintaxe, eles recebem o conteúdo fonológico. Outra propriedade é a subespecificação, que atua juntamente com o Princípio do Subconjunto, que diz que as expressões fonológicas não precisam estar plenamente especificadas para serem inseridas em nós terminais da derivação sintática, apenas os morfemas, nos nós terminais sintáticos, são completamente especificados. Estrutura sintática hierárquica em toda a derivação é a terceira propriedade da MD. Tal propriedade implica que elementos dentro da sintaxe e dentro da morfologia respeitam os mesmos tipos de estruturas de constituintes (Cf. HALLE; MARANTZ, 1993;1994; MARANTZ, 1997).

Como vimos até aqui, a MD integra a morfologia como parte da sintaxe e propõe um modelo no qual os processos de formação de palavras são sintáticos. Segundo esse pressuposto, na investigação sobre o estatuto categorial do Adv *sempre*, por meio do que estabelece a MD, sugerimos uma análise em que a raiz de *sempre* entra na derivação sintática livre de traços categoriais, pois a categorização da raiz vai depender da sua posição e da relação de concatenação com núcleos categorizadores estabelecida na sintaxe. Desse modo, a concatenação da raiz $\sqrt{\text{SEMPRE}}$ a um núcleo categorizador *adv* explicaria a formação desse advérbio. Já a concatenação desse advérbio em diferentes posições sintáticas e com diferentes tempos verbais na sentença explica a diversidade de valores apresentados por esse Adv *sempre*.

Em nossa análise, levantamos algumas hipóteses sobre as diferentes interpretações do advérbio *sempre* e aplicamos três testes de julgamento *off-line* de aceitabilidade⁶ seguindo a metodologia da psicolinguística experimental proposta por Kenedy (2015).

⁵ Para uma discussão a respeito das propriedades das raízes, veja Bassani e Minussi (2015) e Bassani e Minussi (2020).

⁶ Segundo Kenedy (2015, p. 5), “As técnicas experimentais *off-line* mais utilizadas em Psicolinguística são julgamento de aceitabilidade (*juízo de gramaticalidade*), produção induzida de fala ou escrita, reconhecimento de palavras e respostas a perguntas interpretativas”.

Segundo Kenedy (2015), ao longo dos últimos anos, muitos estudiosos vêm considerando a Psicolinguística uma grande aliada para reunir evidência empírica em favor de descrições de diversos fenômenos linguísticos. Para entender como é possível usar a experimentação em linguística, o autor detalha uma metodologia por meio de estímulos linguísticos, que apontam quando uma sentença é natural e quando uma sentença causa estranhamento em sua língua nativa. Para o autor, tais experimentos, articulados a aparatos teóricos, possibilitam ao pesquisador analisar estatisticamente o comportamento de grupos de pessoas, além de testar previsões e investigar fenômenos gramaticais estudados por meio da realidade psicológica da gramática de uma língua natural.

Kenedy (2015) menciona também que a linha de investigação mais proeminente na exploração Psicolinguística de questões descritivas relevantes para a linguística teórica é, certamente, a Sintaxe Experimental, pois, segundo o autor, os julgamentos de aceitabilidade utilizados informalmente entre gerativistas podem ser transformados numa ferramenta metodológica séria ao incorporar os rigores das ciências experimentais.

Na próxima seção, apresentaremos uma breve explanação teórica de alguns estudos sobre o advérbio *sempre* em uma comparação entre o português brasileiro (PB) e o português europeu (PE).

2. O mapeamento de estudos cartográficos e sintático-semânticos sobre o advérbio *sempre* em uma comparação entre PB e PE

Dentro do quadro teórico da Teoria Gerativa, os Adv são analisados em duas perspectivas diferentes. A primeira perspectiva analisa os Adv como adjuntos (CHOMSKY, 1986; ERNST, 2002 entre outros), a segunda entende os Adv como especificadores de projeções funcionais e fornece uma explicação puramente sintática, sendo desta forma mais rígida. (CINQUE, 1999; ALEXIADOU, 1997, 2002 entre outros). Nessa perspectiva, os Adv são especificadores de projeções funcionais.

De forma inicial, é importante destacar que os estudos sobre o Adv *sempre* não apresentam análises uniformes, pois há diferenças nos julgamentos de aceitabilidade. Estudos como os de Gonzaga (1997) e Brito (2001) apresentam perspectivas diferentes e análises divergentes para o advérbio *sempre* no PE.

Brito (2001) discutiu certos aspectos da estrutura da sentença, em PE e PB, relacionados às posições do Adv *sempre* e ao movimento do verbo. Para isso, a autora assume, junto com Chomsky (1998), que Adv temporais/aspectuais como *sempre* são adjuntos (BRITO, 2001, p.68). Para a autora, há um valor temporal/aspectual de *sempre* em posição pós-verbal e um valor de confirmação em posição pré-verbal. Sendo assim, ela conclui que *sempre*, como outros Adv temporais/aspectuais, pode ser um adjunto de VP ou de TP. Dentro de uma estrutura de CP, se *sempre* for um adjunto de TP, o V se move para T (em um movimento curto), o DP sujeito deve se mover para uma posição mais alta, surgindo a ordem *sempre V*. Por sua vez, se *sempre* é um adjunto de VP, o verbo está em T e o sujeito está em especificador de TP, gerando a ordem *V sempre*. Com base na explicação da autora, poderíamos ter estruturas como as em (11) e em (12) a seguir⁷:

⁷ Os exemplos são de elaboração dos autores.

(11) $[_{CP} [_{DP} O \text{ instrutor}_i [_{TP} \text{ sempre } [_{TP} [_{DP} t_i [_{T} \text{ ajudou}_j [_{VP} [_{V} t_j [_{DP} a \text{ atleta}]]]]]]]]]$

(12) $[_{TP} [_{DP} O \text{ instrutor } [_{T} \text{ ajudou}_j [_{VP} \text{ sempre } [_{VP} [_{V} t_j [_{DP} a \text{ atleta}]]]]]]]$

Com base na explicação de Brito (2001), é possível justificar as posições pré e pós-verbais de *sempre* por meio da adjunção, mas não há explicação para as posições iniciais e finais de *sempre*, as quais não foram levadas em consideração no estudo da autora.

Na perspectiva teórica que toma como base a hipótese do especificador e por meio de testes de escopo e de ordenação de núcleos funcionais de AdvPs em italiano e francês, Cinque (1999, 2006) propõe a seguinte hierarquia universal de advérbios em categorias funcionais. Vejamos a hierarquia de Cinque (2006) no Quadro 1, traduzido em Tescari Neto (2017)

Quadro 1: Versão em PB da hierarquia universal de Cinque (2006) por Tescari Neto (2017)

<p>[<i>francamente</i> MoodSpeechAct > [<i>surpreendentemente</i> MoodEvaluative > [<i>supostamente</i> MoodEvidential > [<i>provavelmente</i> ModEpistemic > [<i>uma vez</i> TPast > [<i>então</i> TFuture > [<i>talvez</i> MoodIrrealis > [<i>necessariamente</i> ModNecessity > [<i>possivelmente</i> Modpossibility > [<i>normalmente</i> AspHabitual > [<i>finalmente</i> AspDelayed > [<i>tendencialmente</i> AspPredispositional > [<i>novamente</i> AspRepetitive(I) > [<i>frequentemente</i> AspFrequentative(I) > [<i>de/com gosto</i> ModVolition > [<i>rapidamente</i> AspCelerative(I) > [<i>já</i> TAnterior > [<i>não ... mais</i> AspTerminative > [<i>ainda</i> AspContinuative > [<i>sempre</i> AspContinuous > [<i>apenas</i> AspRetrospective > [(<i>dentro</i>) em breve AspProximative > [<i>brevemente</i> AspDurative > [(?) AspGeneric/Progressive > [<i>quase</i> AspProspective > [<i>repentinamente</i> AspInceptive(I) > [<i>obrigatoriamente</i> ModObligation > [<i>em vão/à toa</i> AspFrustrative > [(?) AspConative > [<i>completamente</i> AspSgCompletive(I) > [<i>tudo</i> AspPlCompletive > [<i>bem</i> Voice > [<i>cedo</i> AspCelerative(II) > [<i>do nada</i> AspInceptive(II) > [<i>de novo</i> AspRepetitive(II) > [<i>frequentemente</i> AspFrequentative(II) > ...⁵</p>

Fonte: Tescari Neto (2017, p. 50)

Como podemos observar no quadro 1, o Adv *sempre* se encontra na posição de Adv de aspecto contínuo com leitura aspectual e temporal.

Outro trabalho que trata do Adv *sempre* é o estudo de Gonzaga (1997) sobre o PE, o qual faz uma breve descrição do comportamento de alguns Adv, dentre eles, a relação do Adv *sempre* com categorias lexicais e funcionais no PE. A autora apresenta alguns requisitos utilizados para identificar o valor de *sempre* nas sentenças: (i) o tempo verbal da sentença; (ii) a posição de *sempre* com relação ao verbo; (iii) a especificidade do objeto.

Para a autora, em posição pós-verbal, o Adv *sempre* possui um valor temporal iterativo, que seria quase sinônimo de expressões como “todas as vezes”, “todos os momentos”, “todos os dias” etc., e na posição pré-verbal, *sempre* perde esse valor temporal e parece ter valor de afirmação, ou mais precisamente, de confirmação de um dado estado de coisas.

No PE, a leitura confirmativa em que *sempre* tem o valor de “de fato”, “afinal” etc. é indicada por trabalhos como o de Lopes (1998) e o de Ambar, Gonzaga e Negrão (2004). Nesse caso, *sempre* reforça a verdade da proposição.

(13) R: Nossas expectativas sobre o vencedor foram confirmadas?⁸

- a. - Sim, a Patrícia *sempre* venceu o prêmio.
- b. - Sim, a Patrícia realmente venceu o prêmio.

Gonzaga (1997) e outros autores apresentam opiniões divergentes de Brito (2001) sobre a natureza [+/- específica] do objeto. Para Gonzaga (1997), por exemplo, *sempre* recebe uma interpretação confirmatória, significando “afinal”, quando o objeto é [+ específico], como em (14 a). Se o objeto for [- específico], há uma interpretação aspectual como em (14 c):

(14) a. O João *sempre* construiu a casa⁹

b. Afinal o João construiu a casa.

c. O João *sempre* construiu casas.

Brito (2001), por sua vez, não concorda com o julgamento de Gonzaga (1997) sobre as sentenças em (14) e menciona que há possibilidade de leitura temporal/aspectual com DPs [+ específicos] em PE com nomes próprios, em orações no tempo passado:

(15) Eu *sempre* encontrei/encontrava o Luís no café às 9 horas.

Para Tescari Neto (2013), *sempre* apresenta uma leitura não marcada na posição antes do verbo. Sendo assim, a preferência para o PB seria a posição de *sempre* pré-verbal, diferentemente do PE, em que a posição preferencial é a posição pós-verbal.

Tescari Neto (2013) analisa que o Adv *sempre* com valor de confirmação pode ocorrer com qualquer tempo. *Sempre* temporal/aspectual, em posição pré-verbal, contudo, só pode aparecer em orações no passado, seguindo diretamente a hierarquia de Cinque (1999). Como veremos nas próximas seções, os testes realizados na presente pesquisa apresentaram resultados diferentes da interpretação apresentada por Tescari Neto (2013). Em nossos testes, o tempo passado favoreceu uma leitura de confirmação.

⁸ Exemplos são de Lopes (1998) retirados de Tescari Neto (2013, p. 192).

⁹ Exemplos retirados de Gonzaga (1997).

Na próxima seção, apresentaremos detalhes dos testes de processamento do Adv *sempre* com base na metodologia da Psicolinguística.

3. O processamento do advérbio *sempre*: os testes de julgamento de aceitabilidade

Em nossa pesquisa, nos preocupamos com a articulação entre a Teoria Gerativa e a Psicolinguística com a intenção de explicar e deixar mais clara a interpretação dos dados linguísticos investigados. Para estabelecer esta relação entre a Teoria Gerativa e a Psicolinguística Experimental¹⁰, procuramos desenvolver três experimentos com um *design* previamente planejado.

Os três experimentos de testes de julgamento de aceitabilidade foram aplicados em falantes nativos do PB via *web*. Criamos relações entre variáveis dependentes e independentes. No primeiro e no segundo experimentos, investigamos a distribuição sintática do Adv *sempre*, cruzando a sua posição sintática com os tempos verbais das sentenças na busca de diferentes interpretações desse advérbio a saber: (i) temporal; (ii) aspectual e (iii) confirmação de certeza. As sentenças apareciam para os participantes de forma aleatória e, logo depois, eles escolhiam uma das alternativas: com certeza (CC), com frequência (CF), todas as vezes (TD), inaceitável¹¹ (IN), às quais corresponderiam à interpretação do valor do advérbio numa sentença específica.

No terceiro experimento, analisamos as restrições do advérbio *sempre* com outros advérbios por meio de uma variável modificadora formada pelos advérbios *nem, quase, já e não*. Em seguida, analisamos os dados estatisticamente por meio de tabelas dinâmicas, para organizar e quantificar os dados, de acordo com as variáveis selecionadas no programa *Excel* e pelo *software R*.

Os estudos psicolinguísticos reportados objetivaram verificar, por meio de medidas *off-line*, os valores apresentados pelo advérbio *sempre* no PB, assim como verificar suas restrições sintáticas, as quais foram julgadas por falantes nativos de língua portuguesa como podemos observar na subseção a seguir.

Teste 1: Julgamento de gramaticalidade: posição de *sempre* [-espec]

O primeiro teste de julgamento de gramaticalidade analisou a posição sintática de *sempre* menos específica [-específica]¹². Nossa hipótese era a de que a interpretação desse Adv mudava conforme a sua distribuição sintática e temporal, de modo a ser interpretado com valores como: valor temporal, valor aspectual, valor de confirmação/pragmático, atrator de foco etc., em diferentes posições.

¹⁰ Segundo Kenedy (2016): “os dados que alimentam as pesquisas psicolinguísticas são de natureza experimental, o que significa que se trata de dados públicos e manipulados. Tais dados são obtidos por meio de diversas técnicas de pesquisa, como, por exemplo, [...] o julgamento imediato de aceitabilidade[...] dentre outras” (KENEDY, 2016, p. 192).

¹¹ Segundo Kenedy (2015), nesse tipo de metodologia, a sensação subjetiva da (in)aceitação de um estímulo é tomada como evidência da (a)gramaticalidade de determinado tipo de estrutura na língua representada na mente do falante nativo investigado.

¹² Consideramos menos específicas as sentenças elaboradas no experimento sem o acréscimo de um adjunto (ex. *Sempre vou ao supermercado*) e, mais específicas, as sentenças que possuíam o acréscimo de um adjunto (ex. *O delegado prendeu o bandido sempre com agilidade*).

O resultado desse experimento fomentou a ideia de realizar o segundo teste. A ideia principal era apresentar aos sujeitos participantes do experimento sentenças mais ou menos específicas, para analisarmos se a especificidade do objeto/complemento também poderia interferir na aceitabilidade de algumas sentenças.

O primeiro experimento contou com a participação de 30 pós-graduandos e egressos de ensino superior de universidades federais brasileiras.¹³ Eles responderam ao questionário de forma voluntária por meio de um *link* do experimento enviado via *web*. Utilizamos um *design* formado por 6 condições experimentais com 4 estímulos por condição, totalizando 24 estímulos experimentais e 48 distratores, com as seguintes variáveis:

- (i) variável independente: as posições do advérbio *sempre* (posição inicial (PI), posição pós verbal (PV) e posição final (PF) e os tempos verbais (presente (PR) e pretérito perfeito (PP).
- (ii) variável dependente: análise do índice de acerto¹⁴ de respostas das perguntas experimentais.

As sentenças experimentais manipuladas foram elaboradas de maneira a serem apresentadas de forma aleatória, seguidas de uma pergunta, em que os participantes deveriam escolher uma das alternativas que corresponderia aos valores do advérbio *sempre* a saber: (i) com certeza, que corresponderia ao traço de confirmação; (ii) com frequência, que corresponderia ao traço aspectual/iterativo; (iii) todas as vezes que corresponderia ao traço temporal e por último, caso os participantes não reconhecessem a sentença como uma sentença natural da língua, (iv) optariam pela alternativa correspondente a sentença como não natural/aceitável em PB.

O quadro 2 apresenta exemplos das sentenças utilizadas nas condições experimentais criadas em nossos testes:

¹³ A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética da UNIFESP e teve parecer favorável. Aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa: cep/unifesp nº: 1288/202.1

¹⁴ Como os testes foram realizados via *web*, não temos controle sobre o engajamento dos participantes ao responder, por isso, o índice de acerto seria uma base entre as respostas dos participantes na qual uma possível falta de engajamento corresponderia a um índice de acerto das perguntas totalmente destoante dos outros participantes. Levando em consideração que a falta de engajamento pode repercutir nos efeitos do processamento, eles foram retirados, para que não interferissem nos resultados dos dados.

Quadro 2: Exemplos das condições experimentais dos testes 1 e 2

POSIÇÃO DO ADV	TEMPO VERBAL	ESPECIFICIDADE DA SENTENÇA	EXEMPLO DE SENTENÇA	PERGUNTA EXPERIMENTAL
PI	PR	[- espec]	<i>Sempre</i> vou ao supermercado.	Eu vou ao supermercado? A. Com certeza (CC) B. Com frequência (CF) C. Todas as vezes (TD) D. A frase não é natural/aceitável no PB (IN)
PV	PP	[+ espec]	O delegado prendeu o bandido sempre com agilidade.	O delegado prende o bandido com agilidade? A. Com certeza B. Com frequência C. Todas as vezes D. A frase não é natural/aceitável no PB.
PF	PP	[+ espec]	O delegado prendeu o bandido com agilidade sempre	

Fonte: Elaboração dos autores

O design experimental permitia ao participante ver as sentenças no formato de quadrado latino. Desse modo, as sentenças apareciam de forma aleatória, com o tempo presente e o tempo passado com o advérbio *sempre* em posições diferentes, ou seja, ora o advérbio *sempre* aparecia na posição inicial, ora na posição pós-verbal, ora na posição final. O objetivo era descrever a interpretação dos participantes, associando as alternativas aos diferentes traços do Adv *sempre*.

As sentenças testadas no primeiro experimento estavam na primeira pessoa do singular e as do segundo experimento estavam na terceira pessoa do singular e a análise descritiva dos dados apontou para interpretações diferentes, que dependiam da posição sintática de *sempre* e do tempo verbal da sentença. O resultado indicou que as sentenças com o tempo presente tiveram maior índice de aceitabilidade quando comparadas com as sentenças no tempo passado, e nenhuma sentença foi classificada como inaceitável no tempo presente.

A partir dos dados absolutos, realizamos a análise estatística por meio do software R e obtivemos o quadro 3 a seguir:

Quadro3: Análise estatística da significância entre tempo e os valores do advérbio *sempre* no teste 1

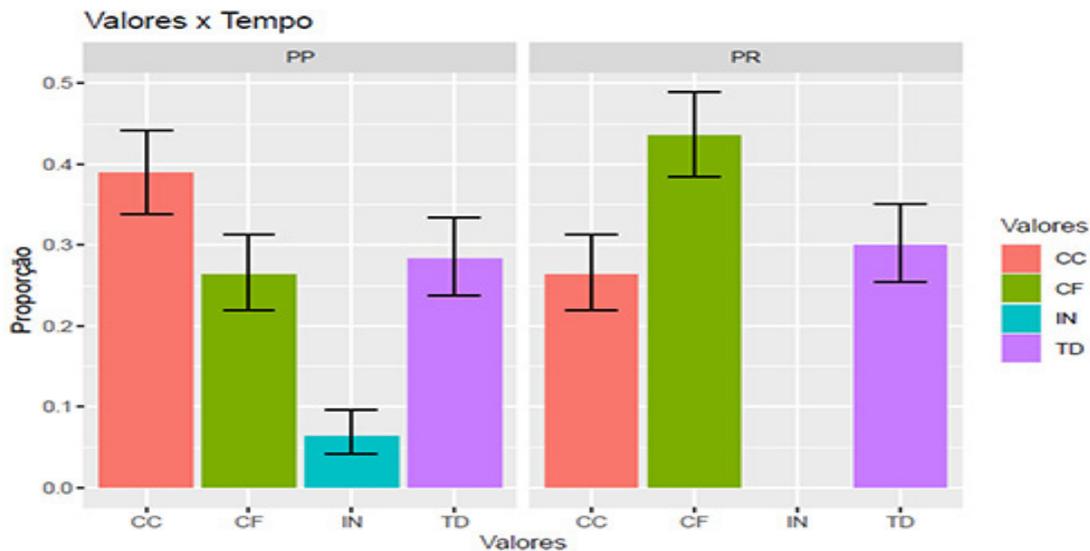
Valor	PR	PP	p	Significativo
CC	95	140	0.00047	***
CF	157	95	0.00000	***
TD	108	102	0.68184	
IN	0	23	0.00000	***

Fonte: Elaboração dos autores

Em termos de significância, o teste do qui-quadrado revela dependência entre as variáveis tempo e valores com o valor-p de aproximadamente zero, para $DF = 3$ e $\chi^2 = 47.04$. Os valores-p do teste post-hoc realizado para identificar a significância das relações entre PR e PP e cada valor estão apontados na coluna **p** do quadro 3.

Sobre a significância da diferença entre cada Valor, temos que a variável tempo tem uma grande interferência nas interpretações do advérbio *sempre*. Apenas em TD (todas as vezes) as proporções não apresentam diferenças significativas, conforme quadro 3. Esses dados podem ser visualizados no gráfico 1 a seguir:

Gráfico1: Análise estatística da significância entre tempo e os valores do advérbio *sempre* no teste 1¹⁵



Fonte: Elaboração dos autores

Já com relação à variável posição, o teste do qui-quadrado revela dependência entre as variáveis posição e valores, com o valor-p de 0.119, para $DF = 6$ e $\chi^2 = 10.12$, como podemos observar no quadro 4 a seguir. Nele, a coluna **p** representa os valores-p do teste post-hoc realizado para identificar a significância das relações entre PF, PI e PV e cada valor

Quadro 4: Análise estatística da significância entre posição e os valores do advérbio *sempre* no teste 1

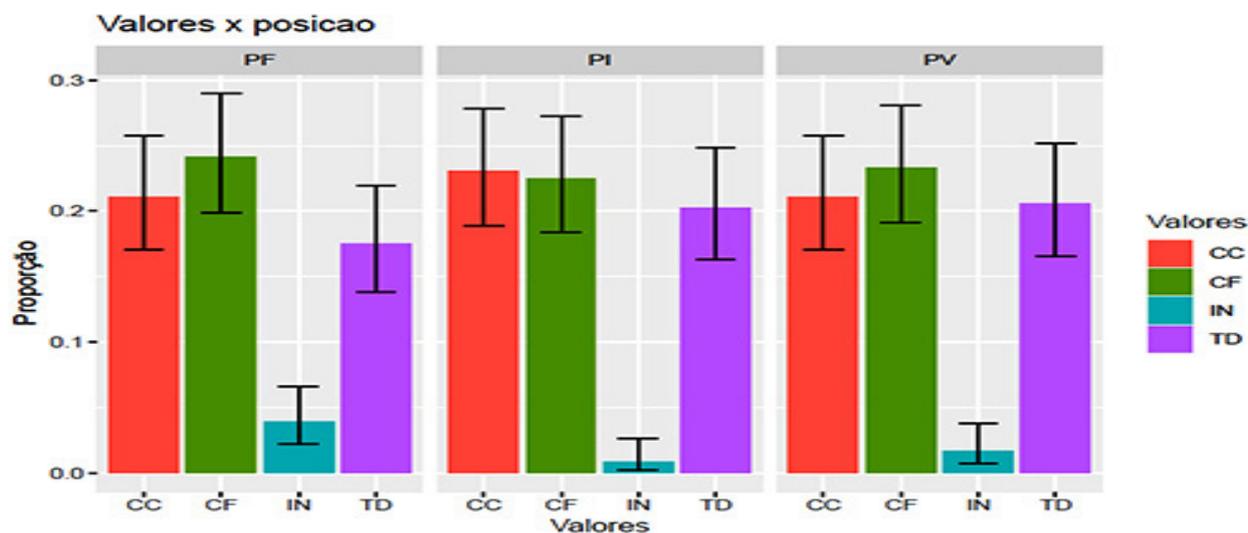
Valor	PF	PI	PV	p	significativo
CC	76	83	76	0.73378	
CF	87	81	84	0.84803	
TD	63	73	74	0.47416	
IN	14	3	6	0.01282	***

Fonte: Elaboração dos autores

¹⁵ Os quadros e gráficos dessa seção foram elaborados a partir da análise estatística realizada.

Como podemos observar no quadro 4, na variável posição, apenas em IN (inaceitável) as proporções apresentam diferenças estatisticamente significativas. Esses dados podem ser visualizados no gráfico 2 a seguir:

Gráfico 2: Análise estatística da significância entre posição e os valores do advérbio *sempre* no teste 1



Fonte: Elaboração dos autores

Teste 2: Julgamento de gramaticalidade: posição de *sempre* [+espec]

No segundo experimento de julgamento de gramaticalidade, o design experimental escolhido foi o mesmo do primeiro experimento, porém, neste, as sentenças testadas estavam na terceira pessoa do singular e a análise descritiva dos dados apontou para interpretações diferentes a depender da posição sintática de *sempre* e do tempo verbal da sentença.

Em termos de significância, o teste do qui-quadrado revela dependência entre as variáveis tempo e valores, com o valor-p de aproximadamente zero, para $DF = 3$ e $\chi^2 = 76.15$.

Sobre a significância da diferença entre a variável tempo e cada Valor, assim como no primeiro teste, temos que apenas em TD as proporções não apresentam diferenças significativas, como podemos observar no quadro 5 a seguir:

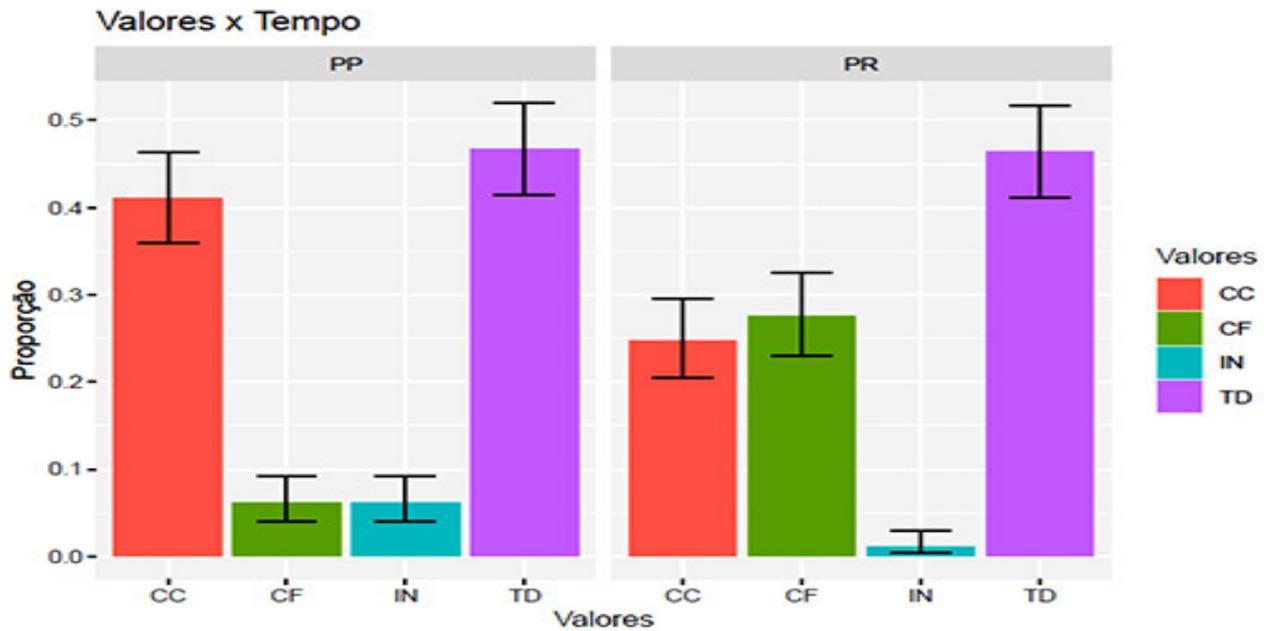
Quadro 5: Análise estatística da significância entre tempo e os valores do advérbio sempre no teste 2

Valor	PR	PP	p	significativo
CC	89	148	0.00000	***
CF	99	22	0.00000	***
TD	167	168	1.00000	
IN	4	22	0.00068	***

Fonte: Elaboração dos autores

Esses dados podem ser visualizados no gráfico 3 a seguir:

Gráfico3: Análise estatística da significância entre tempo e os valores do advérbio *sempre* no teste 2



Fonte: Elaboração dos autores

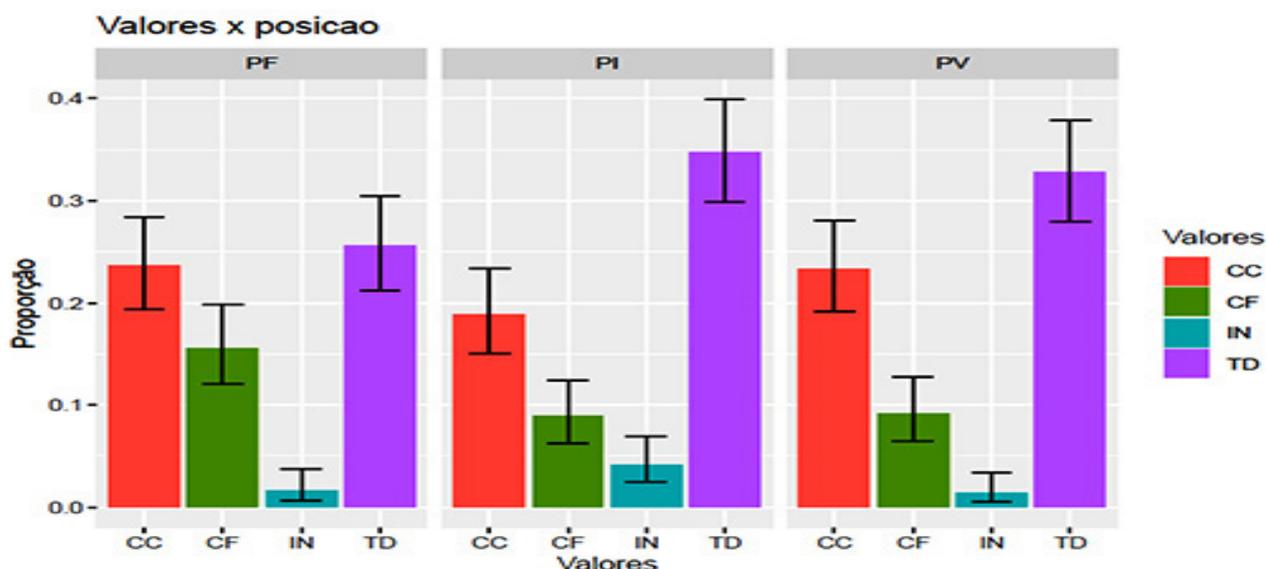
Já com relação à variável posição, o teste do qui-quadrado revela dependência entre as variáveis posição e valores, com o valor -p de de 5.52×10^{-4} , para $DF = 6$ e $\chi^2 = 23.87$.

Quadro 6: Análise estatística da significância entre posição e os valores do advérbio *sempre* no teste 2

Valor	PF	PI	PV	p	significativo
CC	85	68	84	0.17958	
CF	56	32	33	0.00411	***
TD	92	125	118	0.00632	***
IN	6	15	5	0.02649	***

Fonte: Elaboração dos autores

Sobre a significância da diferença entre cada Valor temos, no quadro 6, que apenas em CC (com certeza) as proporções não apresentam diferenças estatisticamente significativas, como também podemos observar no gráfico 4.

Gráfico 4: Análise estatística da significância entre posição e os valores do advérbio *sempre* no teste 2

Fonte: Elaboração dos autores

Em resumo, comparando os dois testes que analisaram as posições iniciais, pós-verbais e finais relacionadas com os tempos no Pretérito Perfeito (PP) e Presente do Indicativo (PR), foi possível observar que no PB, os maiores índices de aceitabilidade estão associados ao tempo Presente e a rejeição de algumas sentenças, ainda que pequena, parece estar associada ao tempo Pretérito Perfeito, exatamente o contrário do que ocorre no PE (BRITO, 2001), onde há rejeição com o tempo Presente e maior aceitabilidade com Pretérito Perfeito. Os resultados também apontaram uma interpretação diferente com relação à pessoa e especificidade do objeto. Observamos que quando o advérbio *sempre* se encontra na posição inicial, pós-verbal e posição final com o tempo verbal da sentença no Pretérito Perfeito, o Adv apresenta um valor de confirmação “com certeza”, e, no Presente, em quase todas as posições o Adv apresenta um valor de frequência. Entretanto, na posição inicial, na posição pós-verbal e na posição final, quando a sentença é formada com a terceira pessoa do singular e com a presença de mais um adjunto, o que tornou a sentença mais específica, a interpretação muda, e, independente do tempo da sentença, seja presente ou passado, o valor atribuído às sentenças é o temporal “todas as vezes”.

A partir dessa análise descritiva foi possível observar que o Adv *sempre*, no PB, em sentenças com o tempo verbal Presente, possui um valor aspectual iterativo quando a sentença é menos específica. Por sua vez, quando a sentença é mais específica predomina o valor temporal. Além disso, com relação às sentenças no Pretérito Perfeito, o valor de confirmação é predominante.

Depois de analisadas as posições do Adv *sempre*, elaboramos outro design experimental para testar as restrições desse Adv, como veremos na subseção a seguir.

Teste 3: Julgamento de gramaticalidade: restrições de *sempre*

No terceiro experimento utilizamos uma variável independente única, o modificador do advérbio com 4 níveis da variável formados por: (i) quase; (ii) já; (iii) nem e (iv) não, representada estatisticamente como contexto.

O design experimental foi formado a partir de 4 condições experimentais, com 4 estímulos por condição, totalizando 16 sentenças experimentais e 32 sentenças distratoras. As variáveis dependentes foram a aceitabilidade das sentenças e os níveis de acerto das perguntas pós-frase.

No quadro 7, apresentamos exemplos das condições utilizadas no teste 3:

Quadro 7: Exemplos das condições experimentais do teste 3

TIPO DE VARIÁVEL	EXEMPLO DE SENTENÇA	PERGUNTA EXPERIMENTAL
NEM	A estilista <i>nem sempre</i> desenha o vestido da moda.	Quando a estilista desenha o vestido da moda? A. Geralmente. B. Eventualmente. C. Todas as vezes. D. A frase não é aceitável/ natural no Português Brasileiro.
NÃO	A estilista <i>não sempre</i> desenha o vestido da moda.	
QUASE	A estilista <i>quase sempre</i> desenha o vestido da moda.	
JÁ	A estilista <i>já sempre</i> desenha o vestido da moda.	

Fonte: Elaboração dos autores

Na análise do índice de acerto das perguntas, o objetivo era observar a interpretação dos participantes associando as alternativas aos diferentes modificadores do Adv *sempre*. No caso dos modificadores *não* e *já*, a hipótese era a de que os complexos “*não sempre*” e “*já sempre*” seriam rejeitados pelos participantes e, então, eles escolheriam a opção de sentença inaceitável no PB.

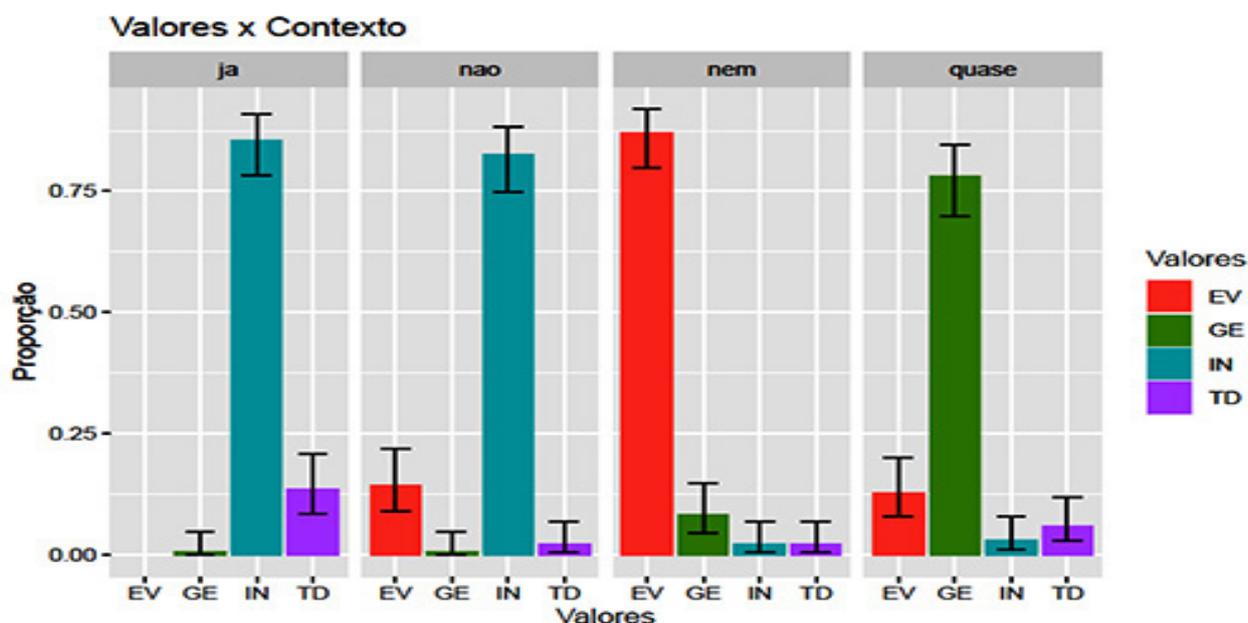
A partir dos dados absolutos, realizamos a análise estatística por meio do software R, e constatamos que, em termos de significância entre cada Valor, todas as proporções apresentam diferenças estatisticamente significativas como mostra o quadro 8:

Quadro 8: Análise estatística da significância entre o tipo de variável (contexto) e os valores de *sempre* no teste 3

Valor	Nem	não	quase	já	P	significativo
EV	115	19	17	0	0.00000	***
GE	11	1	103	1	0.00000	***
TD	3	3	8	18	0.00017	***
IN	3	109	4	113	0.00000	***

Fonte: Elaboração dos autores

Em termos de significância, o teste do qui-quadrado revela dependência entre as variáveis contexto e valores, com o valor-p de 5.52×10^{-4} , para $DF = 6$ e $\chi^2 = 23.87$. No gráfico 5, podemos observar que todas as proporções apresentam diferenças estatisticamente significativas.

Gráfico 5: Análise estatística entre contexto e os valores do advérbio *sempre* no teste 3

Fonte: Elaboração dos autores

O teste experimental sobre as restrições do Adv *sempre* confirmou nossas hipóteses. Os falantes nativos do PB apresentam uma tendência de não aceitar os complexos “não sempre” e “já sempre”. Observamos que esse fato acontece, por hipótese, porque os advérbios *já* e *sempre* são advérbios com valores aspectuais que se contrapõem, de modo que esses valores não podem ser combinados, ou seja, não pode haver a combinação de um valor aspectual pontual com um valor durativo na mesma sentença.

Na análise de Gonzaga (1997) para o PE, a autora argumenta que a negação não pode ser precedida de *sempre*, quando este Adv tem valor temporal, mas pode ser precedida se o valor do Adv

é de confirmação. São exemplos da autora: (i) O João *sempre* não está em casa e (ii) O João *sempre* não gosta de castanhas. Argumentamos que tais sentenças não seriam possíveis no PB por haver uma disputa de posições sentenciais entre o Adv *sempre* e a negação.

Com o resultado do nosso teste, pudemos confirmar essa nossa hipótese inicial. Com relação aos advérbios *nem* e *quase*, Nilsen (2004) assume que a interferência de itens de polaridade, tais como *sometimes*, ajuda a explicar a distribuição de diferentes Adv's, o autor analisa que o advérbio *always* participa de uma escala (lexicalizada) com *sometimes* e exemplifica:

(16) Stanley *sometimes* ate his wheaties

‘Stanley às vezes comia trigo’.

(17) Stanley *always* ate his wheaties

‘Stanley sempre comia trigo’.

(18) Stanley didn't *always* eat his wheaties.

‘Stanley nem sempre comia seus grãos de trigo’.

(NILSEN, 2004, p. 833)

Nos exemplos apresentados pelo autor, observa-se que em (17) *always* participa de uma escala (lexicalizada) com *sometimes*. Assim, (16) carrega a implicatura escalar de que Stanley nem sempre comia seus grãos de trigo. Como *always* é o elemento mais forte na escala relevante, (16) não introduz tal implicatura escalar. No entanto, sob negação, a escala é invertida: (18) introduz a implicatura de que Stanley às vezes comia seus grãos de trigo.

É razoável conceber que o complexo “nem sempre”, no PB, também pode apresentar esse tipo de implicatura escalar mencionada por Nilsen (2004) para o inglês, como em (19) a seguir:

(19) A aluna *nem sempre* viaja nas férias.

No nosso exemplo do PB, em (19) também poderíamos associar a interpretação a uma implicatura escalar reduzida de *sempre*, quando este está relacionado com o item “nem”, formando o complexo “nem sempre”. A interpretação para essa sentença seria a de que algumas vezes a aluna viaja nas férias, mas pode ser que ela faça outra coisa nas férias que não seja uma viagem.

Por fim, os resultados também apontaram uma tendência de os falantes do PB associarem o advérbio “geralmente” ao complexo “quase sempre” e o advérbio “eventualmente” ao complexo “nem sempre”. Esses resultados estão de acordo com nossa hipótese.

Na próxima seção, apresentamos uma proposta de análise do advérbio *sempre* à luz do modelo teórico da MD.

4. O advérbio *sempre* à luz da Morfologia Distribuída

Esta seção apresenta uma análise preliminar a fim de explicar a natureza categorial do advérbio *sempre* com base nos pressupostos teóricos da MD.

Alexiadou (2002) delinea uma proposta para as propriedades morfológicas, sintáticas e semânticas dos advérbios dentro do quadro teórico da MD. Em tal abordagem, os núcleos funcionais determinam completamente a categoria de um núcleo lexical. A autora se fundamenta no estudo de Embick (2000) para argumentar que T determina propriedades verbais, enquanto D determina propriedades nominais, e com essa informação Alexiadou (2002) tenta aplicar uma proposta para o domínio da formação de advérbios e adjetivos sugerindo que, em vez de AdjP e AdvP, há um sintagma lexical, LP-AP, não especificado para adjetivo/ advérbio. A questão que a autora coloca é: qual classe semântica o Adv pertence?

Nossa análise para o advérbio *sempre*, se difere da proposta de Alexiadou (2002), uma vez que consideramos que *sempre* é uma raiz que na primeira fase da derivação recebe a categorização e se torna um Adv por meio da concatenação com um núcleo *adv*. A raiz $\sqrt{\text{SEMPRE}}$ possui uma semântica aspectual em decorrência do traço [+aspectual] com efeito contínuo de certeza. Esse traço negociará seu significado de advérbio a partir da concatenação com o núcleo *adv*. Por sua vez, as outras interpretações de *sempre* ocorrerão de acordo com a presença de diferentes núcleos funcionais que compõem sua estrutura (VP, AspP, FocP, CP, TP).

Sendo assim, propomos que os traços do Item de Vocabulário *sempre* no PB seriam os apresentados em (20)¹⁶:

(20) /sempre/ \leftrightarrow $\sqrt{\text{SEMPRE}}_{\text{adv}}$

A regra em (20) prevê que a raiz $\sqrt{\text{SEMPRE}}$, em um contexto de núcleo adverbializador *adv*, vai ter a realização fonológica /sempre/. Por sua vez, argumentamos que a raiz $\sqrt{\text{SEMPRE}}$ possui traços semânticos [+aspectual] e [+contínuo], ou seja, é uma raiz modificadora, de acordo com Marantz (1997). Vejamos o IV completo, com todos os traços, em (21):

(21) /sempre/ \leftrightarrow [+aspecto], [+contínuo de certeza], $\sqrt{\text{SEMPRE}}_{\text{adv}}$ ____

O conjunto de traços [+aspectual] e [+contínuo], portanto, compõem a raiz de *sempre* e é sensível às categorias funcionais das estruturas sintáticas, por isso pode: (i) modificar Asp quando em AspP; (ii) pode ter uma interpretação temporal, quando concatenado a uma projeção funcional de TP; (iii) pode ter um valor sentencial intensificador de certeza, quando em CP e (iv) pode ser um focalizador quando em FocP.

¹⁶ A representação é de elaboração dos autores.

Para resumir a ideia, propomos que há na Lista 1 diferentes traços abstratos como traços de (i) tempo [+/-passado]; (ii) aspecto [+/- perfectivo, +contínuo]; (iii) Foco[+/-intensidade], além dos próprios núcleos categoriais *n*, *v*, *a* e *adv*. Esses traços são combinados na sintaxe e, de acordo com suas diferentes combinações, vão produzir as leituras possíveis de *sempre* e que foram depreendidas nos experimentos realizados.

Nessa perspectiva, argumentamos que $\sqrt{\text{SEMPRE}}$ corresponde a um único IV que realiza o núcleo adverbial (*adv*) na presença de cada um dos XPs citados. Isso explica os diferentes sentidos que os falantes do PB associam a esse advérbio em diferentes posições sintáticas, apesar de haver apenas uma forma fonológica para *sempre*. Sendo assim, as diferentes interpretações do advérbio *sempre* podem ser capturadas por meio de uma regra que determina a forma fonológica de uma dada raiz a depender do ambiente sintático em que ela ocorre.

Em síntese, conforme a análise por nós defendida, cada um dos empregos do advérbio *sempre* envolve uma estrutura sintática diferente, a qual dá conta de explicar suas propriedades sintáticas e semânticas. Assim, criam-se quatro contextos de inserção da mesma raiz $\sqrt{\text{SEMPRE}}$, ainda que estes contextos tenham propriedades sintáticas e semânticas bastante distintas, a saber, (i) temporal, (ii) aspectual, (iii) confirmação e (iv) foco.

Considerações finais

Nossa análise para o advérbio *sempre* dentro do quadro teórico da MD propôs que a raiz $\sqrt{\text{SEMPRE}}$ se concatena a um núcleo categorial *adv*, o qual categoriza a raiz criando o advérbio *sempre*, diferente do que propõe Alexiadou (2002), que argumenta em favor de uma projeção de LP para os advérbios. Além disso, a raiz $\sqrt{\text{SEMPRE}}$ possui alguns traços modificadores, que atuarão na estrutura, mais precisamente no especificador da projeção funcional a qual estiver alojado. Esses traços são [+aspectual], [+contínuo], os quais, quando associados à presença de diferentes núcleos funcionais como, por exemplo, AspP, FocP, CP, TP, vão interferir na interpretação deles.

Nessa perspectiva, argumentamos que a raiz $\sqrt{\text{SEMPRE}}$ corresponde a um único Item de Vocabulário, que realiza o núcleo adverbial (*adv*) na presença de cada um desses XPs. Isso explica os diferentes sentidos que os falantes do PB associam a esse advérbio em diferentes posições sintáticas, apesar de *sempre* apresentar uma única forma fonológica:

Nossa proposta foi testada por meio de três testes experimentais com falantes nativos do PB, por meio da metodologia da Psicolinguística utilizada para investigar o processamento linguístico. Os resultados dos testes mostraram que a variação do tempo das sentenças interfere nas suas aceitabilidades: sentenças no tempo Presente são mais aceitáveis, independentemente da posição do advérbio no PB, e, ao mesmo tempo, alguns casos de inaceitabilidade estavam sempre associados ao tempo Pretérito Perfeito. Esse dado foi importante para realizar uma comparação entre o PB e o PE, pois, no PE, sentenças com o advérbio *sempre* no tempo Presente são consideradas marginais, de modo que a preferência no PE é por sentenças relacionadas ao tempo passado (BRITO, 2001), exatamente o contrário do que ocorre no PB.

No que diz respeito aos nossos testes para investigar a posição do advérbio *sempre* nas sentenças, os resultados apontaram que o advérbio apresenta três valores no PB: (i) tempo; (ii) aspecto e (iii) confirmação. Cada valor corresponde a uma posição diferente na estrutura sintática e está relacionado ao tempo da sentença.

No que diz respeito à análise das restrições do advérbio *sempre*, os testes apresentaram incompatibilidade do advérbio *sempre* quando relacionado aos advérbios “já” e “não”. Complexos como “já sempre” e “não sempre” não são aceitáveis pelos falantes nativos do PB.

Por sua vez, outra propriedade observada nos testes foi uma mudança de intensidade do advérbio *sempre* quando relacionado aos advérbios “quase” e “nem”. Esse tipo de mudança de intensidade já tinha sido constatado em estudos como os de Nilsen (2004). Além disso, observamos que os complexos “nem sempre” e “quase sempre” restringem o valor habitual de *sempre*. A mudança de intensidade apresentada no teste de restrições com o advérbio *sempre* pode ser explicada pelo traço [+contínuo] da raiz de $\sqrt{\text{SEMPRE}}$, pois os advérbios *nem* e *quase* restringiriam o traço [+contínuo] de *sempre*, restringindo ou diminuindo a intensidade desse advérbio.

Referências

ALEXIADOU, Artemis. *Adverb Placement: a case study in antisymmetric syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 1997.

ALEXIADOU, Artemis. *On the status of adverb in a grammar without a lexicon*. Ms. University of Stuttgart, 2002.

ÂMBAR, Manuela; GONZAGA, Manuela; NEGRÃO, Esmeralda Vailati. Tense, Quantification and Clause Structure in EP and BP. Evidence from a Comparative Study on Sempre. In: BOK-BENNEMA, Reineke; HOLLEBRANDSE, Bart; KAMPERS-MANHE, Brigitte; SLEEMAN, Petra. *Romance Languages and Linguistic Theory 2002*, Amsterdam: John Benjamins, 2004, pp. 1-16.

BASSANI, Indaiá Santana; MINUSSI, Rafael Dias. Contra a seleção de argumentos pelas raízes: nominalizações e verbos complexos. *Revel*, v. 13, n. 24, pp. 139-73, 2015.

BASSANI, Indaiá Santana. MINUSSI, Rafael Dias. Sobre o conteúdo fonológico das raízes: raízes supletivas, fonologias genéricas e erros de fala. *Revista do GELNE*, v. 22, n. 2, pp. 267-79, 2020.

BRITO, Ana Maria. Clause structure, subject positions and verb movement about the position of sempre in European Portuguese and Brazilian Portuguese. In: D'HULST, Yves; ROORYCK, Johan; SCHROTEN, Jan (eds.). *Romance languages and linguistic theory 1999*. Amsterdam: John Benjamins Company, 2001, pp. 63-86.

CHOMSKY, Noam. *Knowledge of language: its nature, origin and use*. New York: Praeger, 1986.

CHOMSKY, Noam. *The minimalist program*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1995.

CHOMSKY, Noam. *inimalist Inquiries: the framework*. Cambridge: MIT Press, 1998.

- CINQUE, Guglielmo. *Adverbs and functional heads: a cross-linguistics perspective*. New York. Oxford University Press, 1999.
- CINQUE, Guglielmo. *Restructuring and functional heads: the cartography of syntactic structure*. New York, Oxford: Oxford University Press, 2006.
- EMBICK, David. Features, syntax, and categories in the Latin perfect. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, MA, v. 31, n. 2, pp. 185-230, 2000.
- ERNST, Thomas. *The syntax of adjuncts*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- GONZAGA, Manuela. *Aspectos da Sintaxe do Advérbio em Português*. Dissertação (Mestrado em Linguística Portuguesa). Universidade de Lisboa, 1997.
- HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Distributed Morphology and the pieces of inflection. In: HALE, Ken; KEYSER, Samuel Jay (eds.). *The view from Building 20: essays in Linguistics in honor of Sylvain Bromberger*, Cambridge, MA: The MIT Press, 1993, pp. 111-76.
- HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Some key features of Distributed Morphology. In: CARNIE, Andrew; HARLEY, Heidi; BURES, Tony (eds.). *MIT working papers in Linguistics: Papers on Phonology and Morphology*. Cambridge, MA: The MIT Press, n. 21, p. 88, 1994.
- ILARI, R. Sobre os advérbios aspectuais. In: ILARI, Rodolfo. (org.). *Gramática do Português Falado*. volume II: níveis de análise linguística. Campinas: Editora Unicamp, 2002.
- ILARI, R. *Gramática do português culto falado no Brasil: palavras de classe aberta*. Volume III. São Paulo: Contexto, 2014.
- KATO, Mary Aizawa; NASCIMENTO, Milton do. Preenchedores Aspectuais e o Fenômeno da Flutuação dos Quantificadores. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de; BASÍLIO, Margarida (orgs.). *Gramática do Português Falado*. Volume IV. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.
- KENEDY, Eduardo. Psicolinguística na descrição gramatical. In: MAIA, Marcus. *Psicolinguística, psicolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2015, pp. 143-56.
- KENEDY, Eduardo. Papel da Psicolinguística Experimental no Desenvolvimento de Modelos Formal-cognitivos de Língua. In: SÁ JUNIOR, Lucrécio Araújo; MARTINS, Marco Antônio. *Rumos da linguística brasileira no século XXI*. São Paulo: Blucher, 2016.
- LOPES, Ana Cristina Macário. Contribuição para o estudo dos valores discursivos de sempre. In: MOTA, Maria Antônia; MARQUILAS, Rita (orgs.). *Actas do XIII Encontro Nacional da APL*. Lisboa: Colibri, 1998.
- MARANTZ, Alec. No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. In: DIMITRADIS, Alexis; SIEGEL, Laura; SUREK-CLARK, Clarissa; WILLIAMS, Alexander (eds.). *Proceedings of the 21st Penn Linguistics Colloquium*. Working Papers in Linguistics, Philadelphia, pp. 201-25, 1997.
- NILSEN, Øystein. Domains for adverbs. *Lingua*, vol. 114, Issue 6, pp. 677-848, June, 2004.

SANTANA, M. S. *A sintaxe dos advérbios em português*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFRJ, Rio de Janeiro, 2005.

TESCARI NETO, Aquiles. *On Verb Movement in Brazilian Portuguese: a cartographic study*. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Università Ca' Foscari di Venezia, Italia, 2013.

TESCARI NETO, Aquiles. 'Só', 'exclusivamente' e suas posições na sentença. *Alfa* (UNESP), São Paulo, v. 59, n. 3, pp. 573-602, 2015.

TESCARI NETO, Aquiles. A posição dos advérbios focalizadores na hierarquia universal. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 25, n. 1, pp. 44-84, 2017.

VARIAÇÃO TU E VOCÊ NA POSIÇÃO DE SUJEITO EM CARTAS PESSOAIS DO ESCRITOR ALAGOANO**GRACILIANO RAMOS***VARIATION TU AND VOCÊ IN THE SUBJECT POSITION IN PERSONAL LETTERS BY THE WRITER GRACILIANO RAMOS**Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória¹***RESUMO**

Com o objetivo de começar a rastrear a implementação do tratamento *você* na variedade alagoana, focalizamos a variação *tu* e *você* na posição de sujeito em cartas pessoais escritas na primeira metade do século XX. Para tanto, recorreremos à Sociolinguística Histórica (ROMAINE, 1982; CONDE SILVESTRE, 2017) e à Teoria do Poder e da Solidariedade (BROWN; GILMAN, 1960), e utilizamos uma documentação composta por 110 cartas pessoais escritas pelo alagoano Graciliano Ramos entre 1910 e 1949. Para a análise dos dados, controlamos as variáveis independentes realização do sujeito, década, destinatário, subgênero da carta e sexo do destinatário, através de análises univariadas na plataforma R (R CORE TEAM, 2022). Nossos dados mostram que o pronome *tu* é mais frequente, apresentando um comportamento mais íntimo e solidário, com o tratamento *você* sendo mais favorecido nos seguintes contextos: sujeito expresse, décadas de 1930 e 1940, relações com a esposa e o filho, subgênero carta de casal e destinatário feminino.

PALAVRAS-CHAVE: Tu/você. Posição sujeito. Cartas pessoais. Variedade alagoana.

ABSTRACT

With the aim of starting to trace the implementation of the treatment *você* in the Alagoas variety, we focus on the variation *tu* and *você* in the subject position in personal letters written in the first half of the 20th century. To do so, we resorted to Historical Sociolinguistics (ROMAINE, 1982; CONDE SILVESTRE, 2017) and to the Theory of Power and Solidarity (BROWN; GILMAN, 1960), and used a documentation composed of 110 personal letters written by Graciliano Ramos from Alagoas between 1910 and 1949. For the data analysis, we controlled the independent variables realization of the subject, decade, recipient, subgenre of the letter and gender of the recipient, through univariate analyzes on the R platform (R CORE TEAM, 2022). Our data show that the pronoun *tu* is more frequent, presenting a more intimate and supportive behavior, with the treatment *você* being more favored in the following contexts: express subject, 1930s and 1940s, relationships with wife and son, subgenre letter couple and female recipient.

KEYWORDS: Tu/você. Subject position. Personal letters. Alagoas variety.

Introdução

Pesquisas sociolinguísticas, tanto de base sincrônica quanto diacrônica, têm permitido descrever diferentes fenômenos linguísticos variáveis em diversas variedades do português, contribuindo para a descrição de uma norma linguística brasileira. Um fenômeno que tem sido amplamente estudado é a representação da segunda pessoa do singular (2PS) na posição de sujeito (SCHERRE *et al.*, 2015; LOPES *et al.*, 2018), que tende a ser condicionado por fatores linguísticos, sociais, pragmáticos, históricos e geográficos (COUTO; LOPES, 2011).

¹ Universidade Federal de Alagoas (UFAL), elyne.vitorio@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-6279-2379>.

Pelo viés sincrônico, Scherre, Andrade e Catão (2021) apresentam cinco possibilidades de construções pronominais para a realização da 2PS: *você*, *cê*, *ocê*, *tu* sem concordância e *tu* com concordância. Os autores propõem um redesenho do mapa dos pronomes *tu/você/cê/ocê* (SCHERRE *et al.*, 2015) para três construções: macro *VOCÊ*, *tu* sem concordância e *tu* com concordância. Essas construções, a depender do condicionamento geográfico, são vistas ora como traços interacionais, ora como traços identitários.

Na fala alagoana, pesquisas sobre a variação *tu* e *você* na posição de sujeito (CARDOSO, 2008; SILVA; VITÓRIO, 2017; VITÓRIO, 2018, 2019, 2021; SILVA, 2019; SILVA, 2020; DIVINO, 2020; VITÓRIO; SILVA, 2021) têm mostrado que *você* é a variante coringa para representar a 2PS, com as variantes *cê* e *tu* sem concordância apresentando poucas realizações, principalmente *tu* sem concordância em entrevistas sociolinguísticas do tipo entrevistador-entrevistado. Há também o registro de *tu* com concordância e *ocê*.

Essas descrições nos levam a três considerações para os dados de fala da variedade alagoana: (i) *você* é a forma coringa para tratamento ao interlocutor, transitando em qualquer contexto interacional; (ii) *cê* e *tu* sem concordância também são variantes selecionadas, mas com percentuais mais baixos de uso, sendo avaliadas como variantes informais e que expressam mais intimidade entre os falantes; e (iii) *tu* com concordância e *ocê* também fazem parte dessa variedade, mas ainda temos poucas pesquisas sociolinguísticas sobre esses usos.

Pelo viés diacrônico, pesquisas feitas com base em cartas pessoais, conforme Lopes *et al.* (2018), mostram que, a partir do século XIX, a variante *você*, advinda, via processo de gramaticalização, do tratamento *Vossa Mercê*, apresentava um caráter híbrido. *Você* transitava por distintos espaços discursivo-pragmáticos, mas, o emprego do *tu* era mais frequente, principalmente em relações mais íntimas e solidárias. A substituição de *tu* por *você* na posição de sujeito acontece, nas regiões Sul e Sudeste, a partir da década de 1930 (LOPES, 2009).

Na região Nordeste, por sua vez, tomando por base *corpora* de cartas do Rio Grande do Norte, Pernambuco e Bahia, Martins *et al.* (2015) e Lopes *et al.* (2018) mostram que a forma pronominal *você* é a variante mais frequente em quase todas as décadas dos séculos XIX e XX. Na primeira metade do século XX, mais especificamente na década de 1910, o subsistema de tratamento exclusivo de *você* já está bastante consolidado, com o *tu* ocorrendo em cartas pessoais que apresentam maior intimidade e solidariedade entre os interlocutores.

No estado de Alagoas, ainda não há uma descrição desse fenômeno linguístico variável na escrita de sincronias passadas, o que nos impossibilita entender como se deu o processo de implementação e transição de *você* e quais restrições linguísticas, sociais e pragmáticas atuaram nesse processo. Para começar a rastrear a implementação de *você* na variedade alagoana, focalizamos a variação *tu* e *você* na posição de sujeito em cartas pessoais escritas pelo escritor alagoano Graciliano Ramos na primeira metade do século XX.

Nosso objetivo é analisar se, no início do século XX, *você* já apresenta uma elevada taxa de uso em uma amostra escrita alagoana, bem como observar o comportamento sócio-discursivo do pronome *tu* durante a inserção de *você*. Para tanto, levantamos duas questões: quais as formas de tratamento são utilizadas nas cartas analisadas e em quais contextos sociolinguísticos e pragmáticos essas formas são empregadas. Nossa hipótese é a de que o uso de *você* já é bastante alto, com *tu* sendo mais produtivo em missivas de cunho mais intimistas.

Para a análise e descrição dos dados, recorreremos à Sociolinguística Histórica (ROMAINE, 1982; CONDE SILVESTRE, 2017) e à Teoria do Poder e da Solidariedade (BROWN; GILMAN, 1960), e utilizamos uma documentação composta por 110 cartas pessoais escritas por Graciliano Ramos entre 1910 e 1949. Também controlamos as variáveis independentes realização do sujeito, década, destinatário, subgênero da carta e sexo do destinatário, através de análises univariadas na plataforma R (R CORE TEAM, 2022).

A fim de cumprir os objetivos propostos, este artigo está estruturado da seguinte forma: além desta seção introdutória; apresentamos, na próxima seção, o aporte teórico e metodológico que embasa este trabalho, bem como descrevemos as missivas utilizadas na pesquisa; na seção seguinte, analisamos e discutimos os resultados obtidos acerca da variação *tu* e *você* na posição de sujeito nas cartas pessoais do escritor alagoano Graciliano Ramos; e, em seguida, encerramos as discussões levantadas acerca do tema.

1. Aporte teórico e metodológico

Para o desenvolvimento desta pesquisa, recorreremos à Sociolinguística Histórica (ROMAINE, 1982), que estuda processos de variação e mudança, que ocorreram no passado, através de textos escritos. Para tanto, baseia-se nos princípios da Sociolinguística laboviana (LABOV, 1972), mas com um viés próprio: (i) a variação é inerente às línguas; (ii) a mudança linguística é gradual; (iii) a implementação da mudança ocorre a partir do encaixamento linguístico e social; (iv) métodos quantitativos podem ajudar a explicar a mudança linguística (HERNÁNDEZ-CAMPOY; CONDE SILVESTRE, 2012).

Conde Silvestre (2007) argumenta que a Sociolinguística Histórica (i) analisa a variabilidade linguística do passado, através da projeção do presente para o passado, (ii) é um subcampo híbrido que subsiste sobre o caráter interdisciplinar da metodologia sociolinguística, (iii) recupera dados linguísticos do passado a partir dos textos que sobreviveram na atualidade e (iv) focaliza dados do passado que, na maioria das vezes, são fragmentários, escassos e dificilmente veiculáveis com a produção real dos seus falantes.

Romaine (1982) argumenta que fala e escrita apresentam formas diferentes de representar a língua, devendo a língua escrita ser tratada como fonte de dados da mesma forma que a língua falada. Nesse contexto, para descrever e explicar fenômenos de variação e mudança linguísticas em seu contexto social, cultural e histórico, o pesquisador precisa seguir os procedimentos básicos de uma pesquisa variacionista de base laboviana (LABOV, 1972), ou seja, ao tentar rastrear um processo de mudança linguística em sincronias passadas,

[...] o procedimento de análise sociolinguística-histórica segue as mesmas etapas de uma análise sociolinguística: a) delimitação da variável dependente; b) descrição das variáveis independentes linguísticas e/ou extralinguísticas (que poderiam, por hipótese, estar influenciando a variável dependente); c) coleta de dados; d) transcrição e codificação dos dados coletados; e) quantificação dos dados por meio de um programa de regra variável (ROSA, 2015, p. 9).

Montgomery (2007) argumenta que, em termos teóricos, as pesquisas sociolinguísticas laboviana e histórica caminham juntas, mas metodologicamente há diferenças entre elas. Em uma pesquisa sociolinguística em sincronia atual, o pesquisador estratifica a amostra e define os informantes, ao passo que, em uma pesquisa sociolinguística em sincronias passadas, o pesquisador está restrito à disponibilidade de documentos escritos que sobreviveram “por acaso” à ação do tempo, o que significa considerar que nem sempre a amostra é homogênea.

O autor estabelece algumas dimensões que auxiliam na construção da amostra para uma pesquisa em Sociolinguística Histórica, a saber, textuais, temporais, sociais, espaciais e de representatividade. Isso significa considerar que, ao se debruçar sobre fenômenos variáveis que ocorreram no passado, cabe ao linguista identificar, descrever e selecionar os textos escritos, bem como os autores desses textos para uma melhor descrição do fenômeno linguístico variável estudado. É preciso fazer bom uso de maus dados (LABOV, 1994).

Também consideramos a proposta de Brown e Gilman (1960), uma vez que o uso das formas de tratamento está intimamente relacionado às relações sociais estabelecidas entre remetente e destinatário. Os autores não só postulam um sistema bidimensional de Poder (P) e Solidariedade (S) existente nas relações sociais, como também argumentam que a seleção do tratamento em uma dada situação comunicativa depende ou das posições relativas dos falantes em relação ao poder ou da solidariedade (intimidade) que existe entre eles.

O eixo do Poder representa relações verticais ou assimétricas que são governadas pelo conceito de hierarquia, podendo ser estabelecida em distintos níveis, como patrão-empregado, pai-filho, filho-mãe; o eixo da Solidariedade, por sua vez, caracteriza-se por apresentar uma relação horizontal, recíproca ou simétrica entre as pessoas, como amigo-amigo, irmão-irmã. Nesse tipo de relação, em geral, há um uso mútuo do *tu* que representa uma relação de intimidade e solidariedade entre os participantes da situação comunicativa.

Com o objetivo de começar a rastrear o processo de difusão de *você* na posição de sujeito na variedade alagoana, utilizamos uma amostra constituída por 110 cartas pessoais escritas pelo ilustre alagoano Graciliano Ramos na primeira metade do século XX. Graciliano Ramos nasceu em 27 de outubro de 1892, na cidade de Quebrangulo, agreste de Alagoas, e pertence à segunda geração modernista, ou Geração de 30, que compreende o período de 1930 a 1945, juntamente com Raquel de Queiroz, Jorge Amado e José Lins do Rego.

Mestre Graça, como ficou conhecido, é um escritor brasileiro consagrado nacional e internacionalmente. Considerado o maior romancista da segunda fase do Modernismo, ocupando

papel social de ilustre alagoano, Graciliano Ramos não se tornou bacharel, sua educação formal se restringiu à escola primária e secundária. De acordo com Basso (2010, p. 57), “Graciliano Ramos afirma-se como profissional da escrita, um usuário da língua, o artesão da palavra, um prosador e contador de histórias do nordeste, não como um bacharel”.

Dono de um estilo seco, conciso e sintético, a preocupação com a linguagem é um traço peculiar de Graciliano Ramos, apresentando, em seus romances, uma linguagem objetiva e clara. De acordo com Lebensztayn (2014), as missivas também revelam “o rigor ético e estético do romancista” (LEBENSZTAYN, 2014, p. 145), bem como possibilitam entender “melhor as circunstâncias históricas vividas pelo escritor, suas relações afetivas e intelectuais, reflexões sobre romances e projetos literários” (LEBENSZTAYN, 2014, p. 145).

As cartas de Graciliano Ramos estão compiladas em Ramos (2011)², foram escritas entre 1910 e 1949 e enviadas aos seguintes destinatários: mãe, pai, amigo, irmãs, namorada, cunhado, esposa e filho, conforme quadro 1. As missivas seguem o padrão composicional que ancora o gênero carta pessoal: local, data, vocativo, captação de benevolência, corpo do texto, despedida e assinatura, e podem ser divididas nos subgêneros cartas de família, cartas de amigo, cartas de amor e cartas de casal (SILVA; GOMES, 2017; MELO; GOMES, 2018).

Quadro 1: Estratificação das cartas pessoais de Graciliano Ramos

Décadas	Quantidade de cartas	Destinatários + nº de cartas
1910 (1910 – 1915)	28 cartas	mãe – 5 cartas pai – 7 cartas irmãs – 8 cartas amigo – 8 cartas
1920 (1920 – 1928)	12 cartas	amigo – 5 cartas namorada – 7 cartas
1930 (1930 – 1938)	64 cartas	amigo – 1 carta pai – 5 cartas esposa – 56 cartas cunhado – 1 carta filho – 1 carta
1940 (1940 – 1949)	6 cartas	filho – 4 cartas esposa – 1 carta irmã – 1 carta

Fonte: elaboração da autora

Para descrição e análise dos dados, consideramos, como variável dependente (VD), *tu* e *você* na posição de sujeito, e, como variáveis independentes (VI), os grupos de fatores realização do sujeito, década, destinatário, subgênero da carta e sexo do destinatário. Também recorreremos à estatística

² Nesse material, constam 112 cartas ativas de Graciliano Ramos, mas, para a análise dos dados, excluimos as cartas 15 e 112, por serem endereçadas a vários destinatários – segunda pessoa do plural.

descritiva/inferencial de modo a observar as frequências dos dados e inferir associação entre a distribuição da VD e as VI. Para tanto, utilizamos a plataforma R (R CORE TEAM, 2022), mais especificamente na interface RStudio, por meio dos pacotes *ggplot2* (WICKHAM, 2016) e *ggstasplot* (PATIL; POWELL, 2018).³

2. Análise dos dados

Tendo em vista que o sistema de tratamento *você* já vigorava nas primeiras décadas do século XX na região Nordeste (MARTINS *et al.*, 2015; LOPES *et al.*, 2018) e que *você* é o pronome coringa no tratamento ao interlocutor na fala alagoana na sincronia atual (SCHERRE; ANDRADE; CATÃO, 2021), nossa hipótese básica, para a distribuição dos dados, é a de que, na documentação analisada, o uso da variante *você* já é bastante alto, evidenciando a existência do subsistema *você/tu*, conforme Lopes e Cavalcante (2011).

Após análise dos dados, computamos, conforme tabela 1, 813 realizações das formas de referências à 2PS na posição de sujeito nas cartas analisadas, que representam 66% (n = 536) de *tu*, 29% (n = 239) de *você* e 5% (n = 38) de *senhor/senhora*. As realizações de *senhor/senhora* estão presentes nas cartas enviadas ao pai Sebastião Ramos e à mãe Amélia Ramos, como (1) e (2), relações sociais assimétricas ascendentes. Lopes e Duarte (2003) e Gomes e Lopes (2016) mostram que *senhor/senhora* denotam traço de cortesia e respeito entre os interlocutores desse gênero textual, sendo frequentes nesses tipos de relações sociais.

Tabela 1: Distribuição das formas de referência à 2PS na posição de sujeito

tu	você	senhor/a
536 / 813	239 / 813	38 / 813
66%	29%	5%

Fonte: elaboração da autora

- (1) Mandei pegar os animais, como o *senhor* mandou em uma carta, mas o comprador, depois de vê-los, resolveu ficar apenas com dois, o que não me pareceu razoável, porque ele naturalmente escolheria os melhores, coisa que não tinha combinado consigo. (C6 / Carta para o pai, datada de 31/08/1913)
- (2) Fui visitar o tal Lajedo das Cobras, segundo a *senhora* insinuou-me, e não vi nada que se parecesse com cobras. (C2 / Carta para a mãe, datada de 19/06/1911)

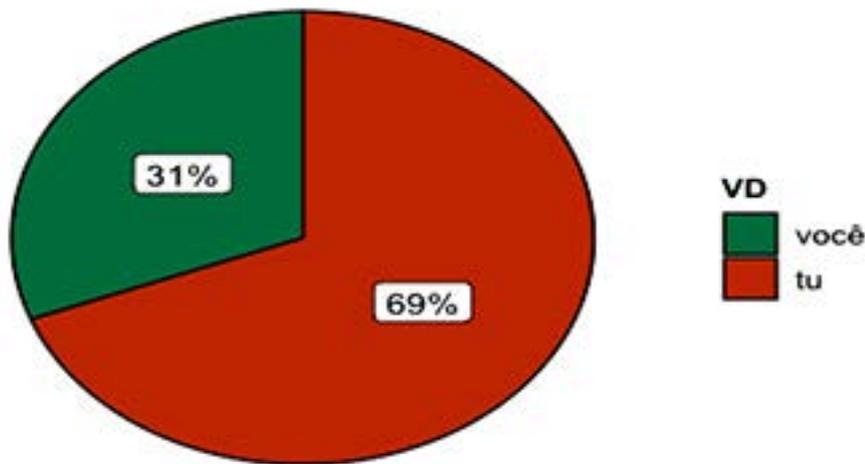
Ao retirarmos as realizações de *senhor/senhora* da análise estatística dos dados, analisamos 775 realizações de *tu* e *você*, que representam 69% (n = 536) de *tu* e 31% (n = 239) de *você* e indicam que essa diferença é estatisticamente significativa – $\chi^2(1, n = 775) = 113.82$ p < 0.001, com associação

³ Seguimos o protocolo apresentado por Freitag (2020), disponível em: <https://rkofreitag.github.io/Categorica.html>. Acesso em: 30 jul 2021.

média ($V^2 = 0.38$), conforme gráfico 1⁴. Esses dados mostram que o pronome *tu* é mais frequente nas cartas escritas por Graciliano Ramos na primeira metade do século XX, não corroborando a hipótese de que *você* seria a variante mais selecionada, conforme pontuam Martins *et al.* (2015) para dados da região Nordeste.

Gráfico 1: Distribuição de *tu* e *você* nas cartas pessoais de Graciliano Ramos

$$\chi^2_{\text{Dof}}(1) = 113.82, p = 1.43e-26, \hat{V}_{\text{Cramer}} = 0.38, \text{CI}_{95\%} [0.31, 0.45], n_{\text{obs}} = 775$$

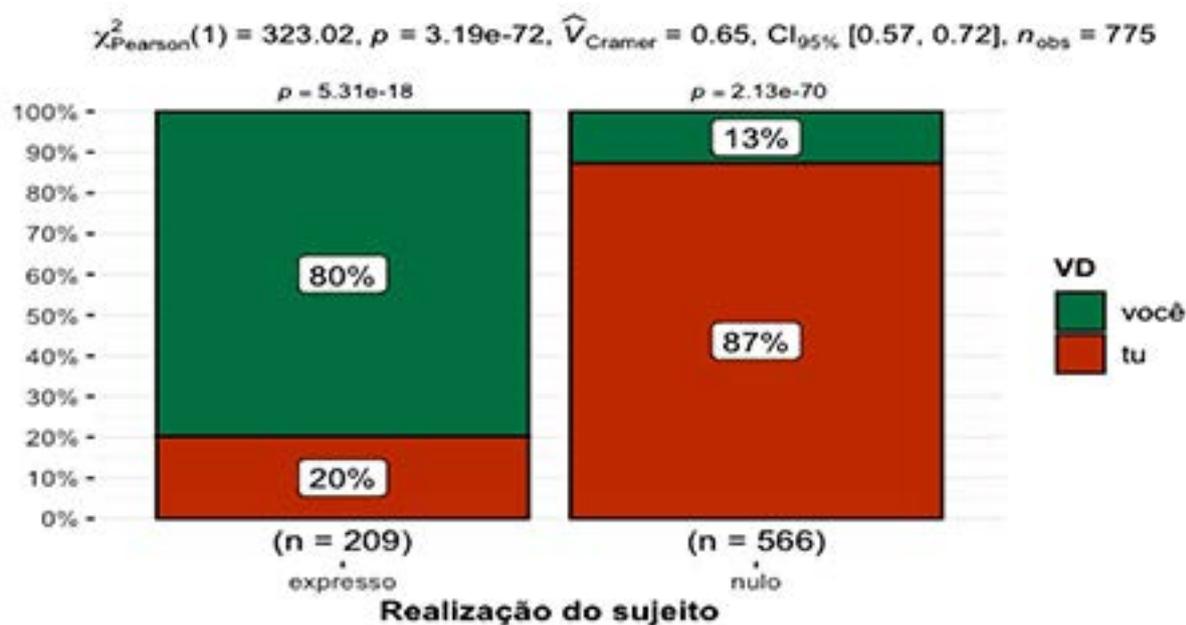


Fonte: elaboração da autora

Para a análise da variável linguística realização do sujeito, consideramos os fatores expresso e nulo, como (3) e (4), e partimos do pressuposto de que o sujeito expresso é mais favorecedor à implementação de *você*, uma vez que, por ativar a concordância com P3, *você* não consegue ser abstraído da forma verbal, conforme Menon (1995). De acordo com o gráfico 2, observamos que o efeito da variável é estatisticamente significativo – $\chi^2(1, n = 775) = 323.02$ $p < 0.001$, com associação média forte ($V^2 = 0.65$), com o tratamento *você* sendo mais frequente no fator expresso – 80% ($n = 167$) contra 13% ($n = 72$) no fator nulo.

- (3) Ah! Se *tu* estivesses aqui. Nem \emptyset sabes o que \emptyset perdeste (C9 / Carta para o amigo, datada de 18/02/1914)
- (4) A frase que *você* estranhou não tem importância: foi escrita por brincadeira, está claro. (C62 / Carta para a esposa, datada de 4/10/1932)

⁴ Excluímos da análise dos dados as formas verbais imperativas e as realizações de 2PS em discurso reportado.

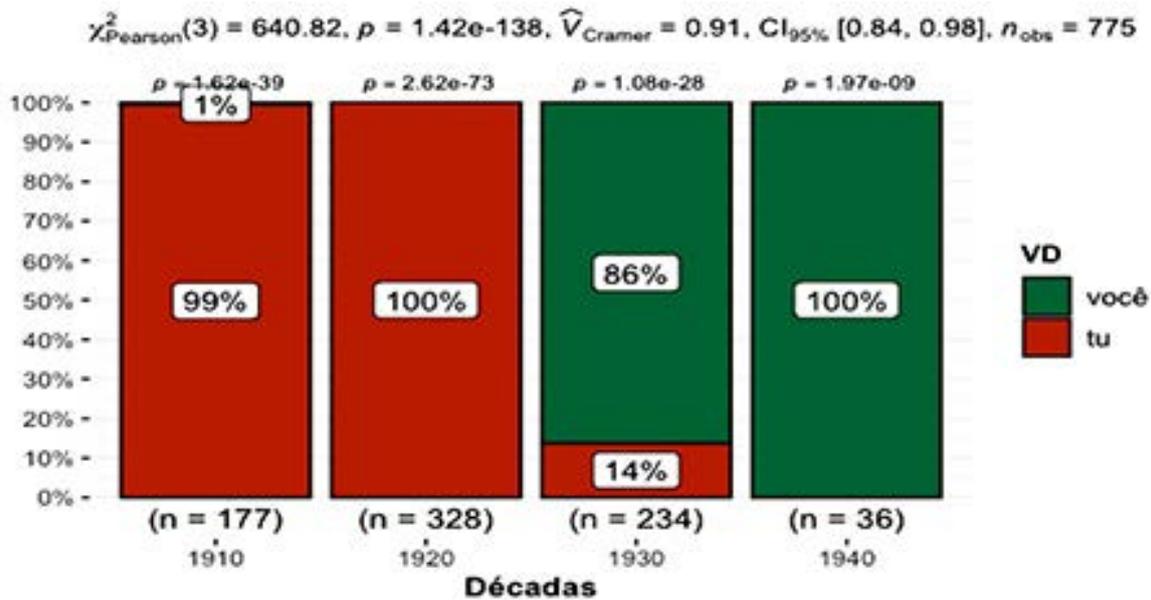
Gráfico 2: Distribuição de *tu* e *você* na variável realização de sujeito

Fonte: elaboração da autora

Esses dados corroboram os resultados de estudos anteriores (LOPES; DUARTE, 2003; LOPES, 2009; LOPES; SOUZA, 2012; ATAÍDE; LIMA, 2018), que mostram que o tratamento *você* ocorre preferencialmente expresso, como (5), em relação ao pronome *tu*. Nesse período, o pronome *tu* tende a marcar a realização de 2PS na desinência verbal sem a necessidade da realização fonética do sujeito, pois é facilmente recuperado na flexão verbal, como (6). Esse comportamento, de acordo com Lopes e Duarte (2003), é compatível com uma língua de sujeito pronominal nulo e começa a se alterar a partir da década de 1930.

- (5) Acabo de ler o papel que v. me mandou contando as aventuras da cambada no trem, especialmente o comunismo da nossa amiga Luísa. (C74 / Carta para a esposa, datada de 24/3/1935).
- (6) Dize-me com franqueza. Já \emptyset ouviste algum dia falar de alguém que tivesse o inqualificável procedimento que \emptyset tiveste para comigo? (C24 / Carta para a irmã Leonor Ramos, datada de 20/03/1915)

Com o intuito de analisarmos a distribuição dessas variantes durante a primeira metade do século XX, controlamos a variável década e consideramos os seguintes fatores: 1910, 1920, 1930 e 1940. Nossa hipótese básica é a de que, na década de 1910, já há um uso expressivo do tratamento *você*, conforme registram Martins *et al.* (2015). De acordo com o gráfico 3, observamos que o efeito da variável é estatisticamente significativo – $\chi^2(3, n = 775) = 640.82 p < 0.001$, com associação forte ($V^2 = 0.91$), e que o uso expressivo de *você* só ocorre a partir de 1930, conforme pontuam Lopes, Marcotulio e Oliveira (2017).

Gráfico 3: Distribuição de *tu* e *você* na variável década

Fonte: elaboração da autora

Nas décadas de 1910 e 1920, *tu* predomina nas missivas analisadas – 99% (n = 176) e 100% (n = 328), respectivamente. Na década de 1910, há apenas uma realização de *você*, como (7). Essa realização é motivada pelo contexto da carta, em que o tema gira em torno de notícias e conselhos de Graciliano Ramos para o amigo J. Pinto. Conforme pontuam Lopes, Marcotulio e Oliveira (2017), podemos atribuir que o uso de *você* foi motivado, aparecendo como forma atenuadora em um contexto relacionado a pedidos, conselhos e reclamações, o que pode revelar efeitos discursivos diferentes para o uso dessas variantes nesse período.

- (7) Ah! V. julgava estar fazendo coisa sem sentido? Não, senhor, tudo aqui está muito bom, fique v. sabendo. (C9 / Carta para o amigo J. Pinto, datada de 18/02/1914)⁵

Na década de 1930, por sua vez, observamos uma variação entre *tu* e *você*, com *você* apresentando percentuais maiores de realizações – 86% (n = 202) contra 14% (n = 32) de *tu*. Nesse período, observamos que *você* já ocorre nos mesmos ambientes discursivos que *tu*, expressando intimidade e informalidade, como (8). Na década de 1940, há um uso categórico de *você*. Se compararmos esses dados com as fases apresentadas por Lopes, Marcotulio e Oliveira (2017), observamos que a implementação de *você*, nas cartas de Graciliano Ramos, ocorre mais tardiamente, mas de forma mais acentuada na década de 1930.⁶

⁵ É apenas nessa missiva que, na posição de sujeito, ocorre a mistura tratamental. Isso significa considerar que, nas cartas de Graciliano Ramos analisadas nesta pesquisa, houve uma uniformidade tratamental.

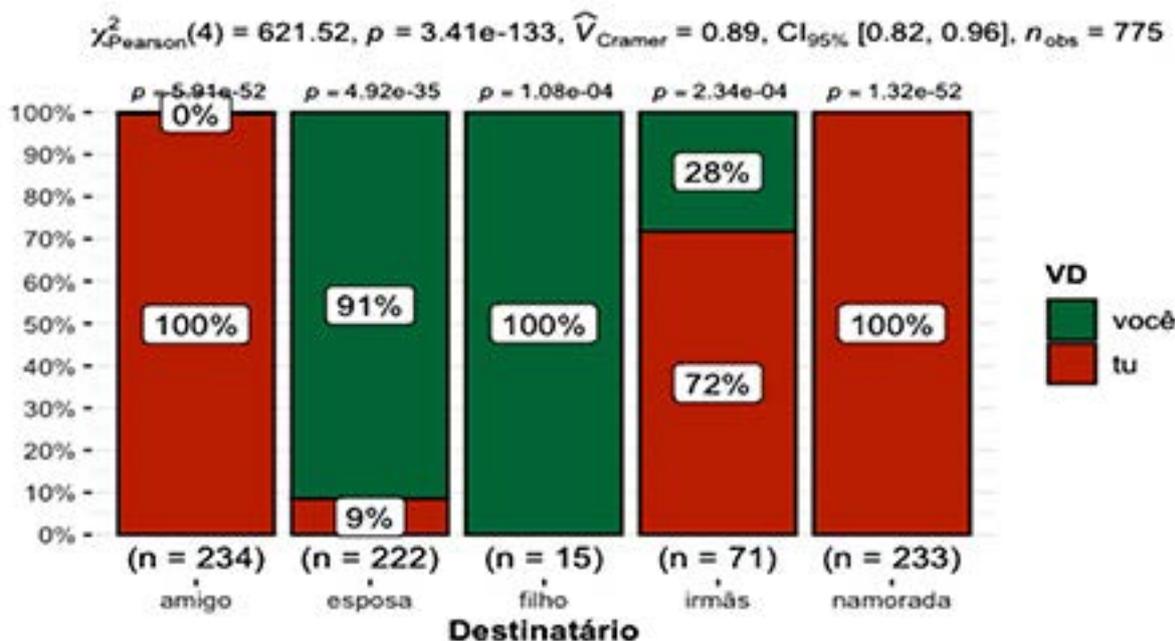
⁶ Uma hipótese para inserção tardia de *você* nas missivas de Graciliano Ramos pode estar associada à mobilidade espacial, conforme Rumeu e Lopes (2022). O autor alternou sua vida entre Alagoas e o Rio de Janeiro, o que pode ter influenciado seu vernáculo pelo contato com outras variedades urbanas.

- (8) Como *você* me pede para escrever sempre, pelo menos uma linha, aqui lhe mando a linha. Mas não é bom aceitar a obrigação de escrever por todos os correios, porque posso esquecer a tarefa e ando, como *você* sabe, muito ocupado com a Madalena e a d. Marcela. (C63 / Carta para a esposa, datada de 8/10/1932)

Os anos 1930 representam um divisor de água no Brasil, marcado pela expansão de novas camadas sociais e da mobilidade na estrutura de classes. Tal mudança foi motivada também pela ampliação do mercado de trabalho e do mercado consumidor, principalmente na capital do país. Foi um período propício às mudanças no âmbito sociolinguístico do tratamento na esfera familiar, pessoal e interpessoal. Por essa razão, as formas de tratamento tornaram-se mais instáveis neste período. A reestruturação dos papéis sociais propiciou o emprego de um tratamento menos marcado, o que favoreceu a crescente neutralização semântica de *você* e sua maior frequência de uso (LOPES; MARCOTULIO; OLIVEIRA, 2017, p. 36).

Tendo em vista que as relações sociais estabelecidas entre remetente e destinatário atuam na escolha dessas variantes linguísticas (BROWN; GILMAN, 1960), controlamos a variável destinatário e consideramos que *você* é mais frequente nas relações que apresentam [- intimidade], ou seja, quanto maior a relação de intimidade entre os missivistas, menor é o uso de *você* (SOUZA, 2012). Para tanto, controlamos os fatores amigo, esposa, filho, irmãs e namorada, e, conforme gráfico 4, observamos que o efeito da variável é estatisticamente significativo – $\chi^2(1, n = 775) = 621.52$ $p < 0.001$, com associação forte ($V^2 = 0.89$).

Gráfico 4: Distribuição de *tu* e *você* na variável destinatário



Fonte: elaboração da autora

Os dados mostram que *você* é mais frequente nas interações entre Graciliano Ramos e o filho Júnio Ramos e Graciliano Ramos e a esposa Heloísa Ramos, com percentuais de 100% ($n = 15$)

e 91% (n = 203), respectivamente. Tendo em vista que *você* tende a apresentar uma semântica de [+ distanciamento], essas relações parecem indicar [- solidariedade] quanto às relações entre Graciliano Ramos e o amigo J. Pinto, Graciliano Ramos e a namorada Heloísa de Medeiros e Graciliano Ramos e as irmãs Leonor, Otacília e Marili, que favorecem o uso do pronome *tu* – 100% (n = 233), 100% (n = 233) e 72% (n = 51), respectivamente.

Se considerarmos que “a nova forma *você* ainda preservaria, de certa maneira, a semântica de [+ distanciamento] e [- intimidade] advinda da forma original, não perdendo completamente suas características primárias” (SOUZA, 2012, p. 113), podemos propor que há um contínuo de intimidade entre Graciliano Ramos e os seus destinatários, conforme proposto na figura 1. A ideia básica é que, se o tratamento *você* se caracteriza como mais atenuador, apresentando um uso mais distante e polido, e, por isso, mais frequente em contextos de [- intimidade], há diferentes graus de intimidade nessas missivas.

Figura 1: Contínuo de intimidade entre remetente e destinatário

filho	esposa	irmãs	amigo	namorada
----->				
[- intimidade]			[+ intimidade]	

Fonte: elaboração da autora

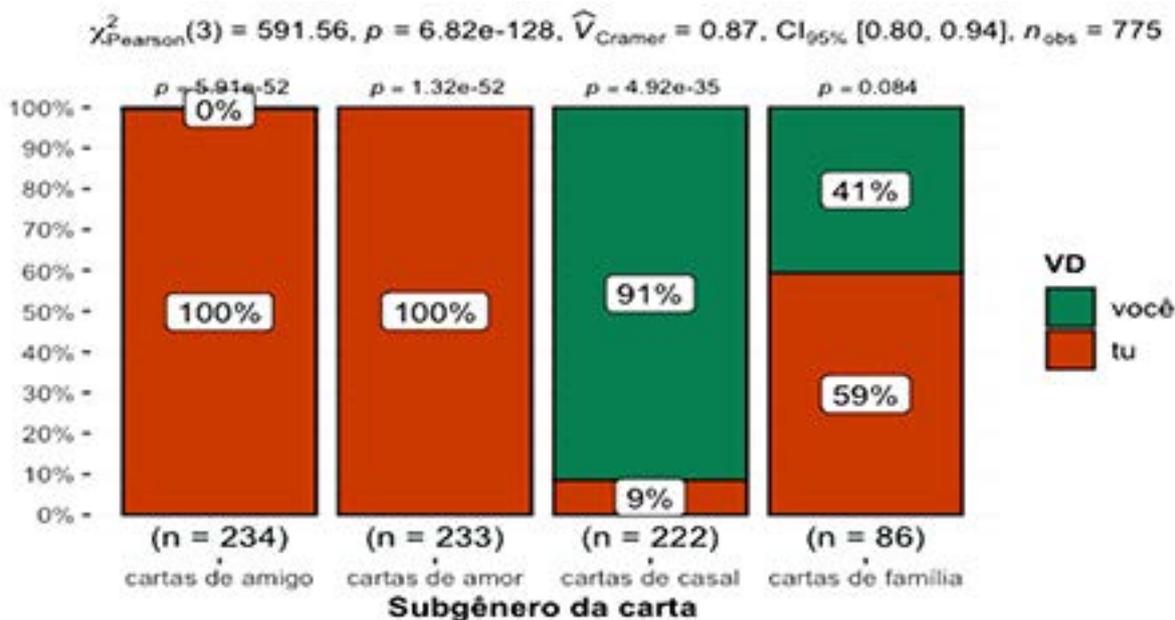
Tomando por base os percentuais de uso de *você*, observamos que, nesse contínuo de intimidade, o filho, que apresenta uma relação assimétrica descendente (pai-filho), teria [- intimidade] com Graciliano Ramos, apresentando um uso categórico de *você*. A esposa, que apresenta uma relação simétrica – esposo/esposa – mas ainda com [- intimidade], também favorecem o uso de *você*. As irmãs, o amigo e a namorada apresentam também uma relação simétrica – irmão/irmãs, amigo/amigo e namorado/namorada – mas teriam uma relação de [+ intimidade] com Graciliano Ramos, favorecendo assim mais o uso do pronome *tu*.

Ainda com o intuito de explorar a relação entre as formas linguísticas *tu* e *você* e a relação de proximidade e distanciamento entre remetente e destinatários, controlamos a variável subgênero da carta. Souza (2012, p. 113) argumenta que “no âmbito das cartas pessoais, estariam reunidos diferentes tipos de cartas pessoais, à semelhança dos tipos de relações familiares”. Isso significa considerar que, a depender do subgênero da carta, pode haver níveis diferentes de intimidade, solidariedade e cumplicidade entre remetente e destinatário, condicionando diretamente na escolha das formas de tratamento ao interlocutor.

Além dos diferentes níveis de intimidade, Oliveira (2014) ressalta a importância da temática abordada nas cartas. Considerando as discussões de Souza (2012), Oliveira (2014), Silva (2016), Silva e Gomes (2017) e Gomes (2021), controlamos os fatores cartas de amigo, cartas de amor, cartas de casal e cartas de família e partimos do pressuposto de que *tu* é mais favorecido em cartas mais intimistas, como as cartas de amor. De acordo com o gráfico 5, confirmamos nossa hipótese e

observamos que o efeito da variável é estatisticamente significativo – $\chi^2(3, n = 775) = 591.56$ $p < 0.001$, com associação forte ($V^2 = 0.87$).

Gráfico 5: Distribuição de *tu* e *você* na variável subgênero da carta



Fonte: elaboração da autora

Os dados mostram que, nas cartas de amigo, o uso do pronome *tu* predomina, apresentando apenas uma realização de *você*, como ressaltamos em (7). Nessas cartas, endereçadas ao amigo J. Pinto, encontramos temáticas sobre a rotina e vida do missivista, paqueras, obras literárias lidas e escritas, confissões sobre sentimentos e pedidos, como (9). Nas cartas de amor, também houve um uso categórico de *tu*. Essas cartas são endereçadas à namorada Heloisa Medeiros e relatam a saudade sentida, a falta de notícias da amada e as declarações de amor, como (10) e (11), predominando uma temática afetiva-amorosa.

- (9) Muito me diverti com a extravagante ideia que *tiveste* de pedir-me alguma coisa para ser publicada aí. Escrever, hoje, com a minha idade? Que *pensas* de mim? Eu sou um homem de ordem e sou uma cavalgada, meu velho. Mas uma cavalgada completa, sem presunção de espécie alguma. Vou dar-te uma prova de que vivo inteiramente alheio a essas coisas de escrevinhar. (C32 / Carta para o amigo, datada de 08/12/1921)
- (10) Por que me *quiseste*? Deram-te conselhos? Por que *apareceste* mudada em vinte e quatro horas? Eu te procurei porque endoideci por tua causa quando te vi pela primeira vez. É necessário que isto acabe logo. Tenho raiva de ti, meu amor. (C35 / Carta para a namorada, datada de 16/1/1928)

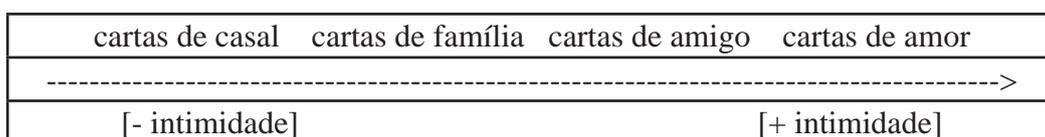
- (11) *Dizes* que brevemente *serás* a metade de minha alma. A metade? Brevemente? Não: já agora *és*, não a metade, mas toda. Dou-te a alma inteira, deixa-me apenas uma pequena parte para que eu possa existir por algum tempo e adorar-te. (C40 / Carta para a namorada, datada de 04/02/1928)

O uso do pronome *tu* também predomina no subgênero cartas de família – 59% (n = 51) *versus* 41% de *você* (n = 35). Nessas cartas, encontramos notícias sobre saúde, informações sobre parentes, reclamações, relatos da rotina de Graciliano Ramos, como (12). Nas cartas de casal, apesar de ter a mesma destinatária das missivas de amor, Heloisa de Medeiros Ramos, mas agora no papel de esposa de Graciliano Ramos, observamos que predomina o uso de *você* – 91% (n = 203) contra 9% (n = 19) de *tu*. Nessas cartas, prevalecem os relatos sobre a rotina do missivista, notícias sobre os filhos, trabalho e saúde, como (13).

- (12) Tenho horror aos indivíduos parados, seu Júnio, gosto da gente que se mexe e tem coragem de dar um pontapé na coisa útil, necessária, indispensável. Isto por aqui vai como *você* pode imaginar. Além da confusão política, dos avanços e recuos, o negócio de livros anda mal. (C110 / Carta para o filho, datada de 20/07/1947)
- (13) À noite tivemos um banquete. É verdade, um banquete medonho de mais de cento e cinquenta talheres. Naturalmente *você* está aí arrancando os cabelos ao pensar que apareci nesse banquete com a roupa com que desembarquei na Colônia. Explica-se: é que não tenho outra. (C93 / Carta para a esposa, datada de 28/2/1937)

Esses dados mostram que há um paralelo entre as variáveis destinatário e subgênero da carta, conforme Souza (2012), mas, nem toda carta de casal se caracteriza como uma carta amorosa, corroborando a discussão de Gomes (2021). As cartas de amor, tendo em vista a forte presença do discurso amoroso, são mais intimistas e apresentam um teor mais próximo e afetivo, favorecendo mais o uso do pronome *tu*, caso que não ocorre nas cartas de casal. Nesse contexto, é possível propor que há um contínuo de intimidade, conforme figura 2, com as cartas de casal apresentando [- intimidade] e as cartas de amor [+ intimidade].

Figura 2: Contínuo de intimidade nos subgêneros das cartas

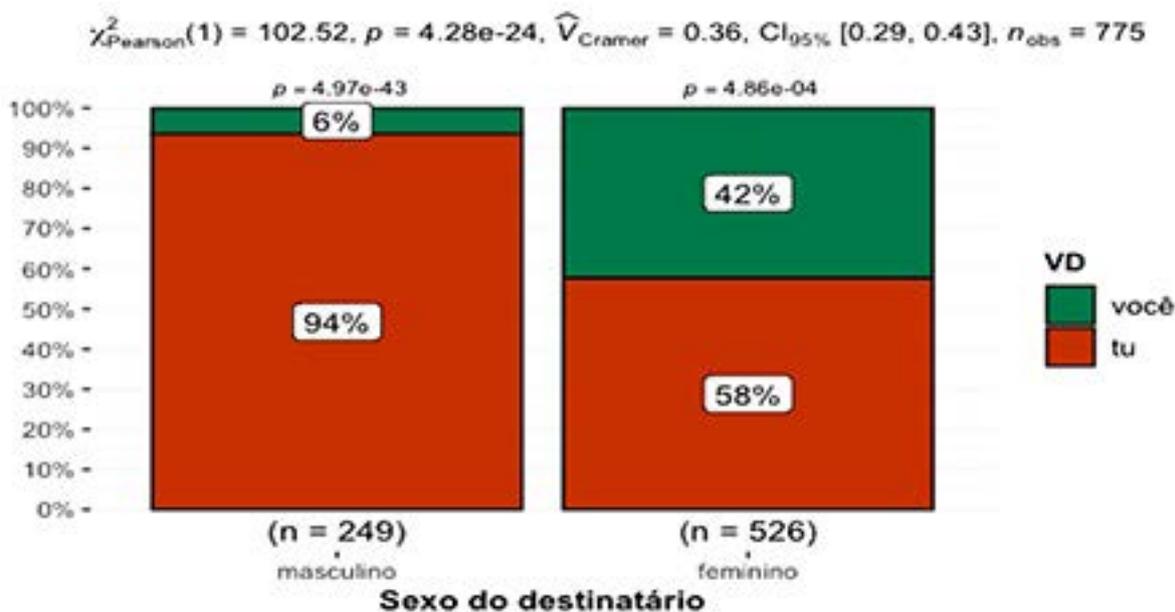


Fonte: elaboração da autora

Com o objetivo de verificar se a relação entre os sexos dos interlocutores interfere no uso dessas variantes, controlamos a variável sexo do destinatário e acreditamos que, nas missivas destinadas às

mulheres, há um favorecimento maior do tratamento *você*, tendo em vista o seu caráter mais atenuador (RUMEU, 2013). De acordo com o gráfico 6, observamos que o efeito da variável é estatisticamente significativo – $\chi^2(1, n = 775) = 102.52$ $p < 0.001$, com associação média ($V^2 = 0.36$), e verificamos que há uma maior realização de *você* para o fator feminino – 42% ($n = 223$) contra 6% ($n = 16$) para o fator masculino.

Gráfico 6: Distribuição de *tu* e *você* na variável sexo do destinatário



Fonte: elaboração da autora

Esses dados confirmam a hipótese de que *você* é mais frequente nas missivas destinadas às mulheres, o que pode estar associado ao caráter mais atenuador do tratamento *você*, sendo, assim, mais empregado em relações menos simétricas e menos solidárias. Silva (2019) mostra que, a depender da relação entre os sexos dos interlocutores, há diferenças no comportamento de *tu* e *você*, com o tratamento *você* sendo mais frequente na relação homem/mulher, entendida como uma relação mais assimétrica. A autora argumenta que, nas relações homem/homem e mulher/mulher, há mais simetria, favorecendo mais o uso de *tu*, o que pode ser associado ao fato do pronome *tu* ser considerado mais simétrico e solidário.

Conclusão

Neste artigo, analisamos o processo de difusão de *você* na posição de sujeito na variedade alagoana. Para tanto, recorremos à Sociolinguística Histórica (ROMAINE, 1982; CONDE SILVESTRE, 2017) e à Teoria do Poder e da Solidariedade (BROWN; GILMAN, 1960) e utilizamos uma amostra constituída por 110 cartas pessoais escritas pelo escritor alagoano Graciliano Ramos

na primeira metade do século XX. Para a análise dos dados, controlamos as variáveis realização do sujeito, década, destinatário, subgênero da carta e sexo do destinatário, através de análises univariadas na plataforma R (R CORE TEAM, 2022).

Nossos dados mostram que o pronome *tu* é mais frequente, apresentando um comportamento mais íntimo e solidário. A alta frequência de *tu* não corrobora as pesquisas que mostram que, na região Nordeste, o *você* já era o tratamento preferido no início do século XX. Como focalizamos na escrita de um escritor ilustre alagoano, esse comportamento pode ser um reflexo do fato de que, no processo de implementação de *você* no português brasileiro, os homens se mostraram mais conservadores, com a implementação de *você* sendo descrita como processo de mudança conduzido pelas mulheres (RUMEU, 2013).

Também observamos que *você* é mais frequente nos seguintes contextos: sujeito expreso, décadas de 1930 e 1940, relações entre Graciliano Ramos e a esposa Heloísa Ramos e Graciliano Ramos e o filho Júnio Ramos, subgênero carta de casal e destinatário feminino. Esses dados mostram que o tratamento *você* apresenta um comportamento menos solidário, corroborando os estudos sociolinguísticos que mostram o caráter mais atenuador dessa variante (LOPES *et al.*, 2018). No entanto, necessário se faz mais descrições, pelo viés da Sociolinguística Histórica, sobre a inserção de *você* na variedade alagoana.

Referências

- ATAÍDE, C.; LIMA, T. A variação diatópica dos pronomes pessoais *tu* e *você* em cartas de amor do sertão pernambucano do século XX. *LaborHistórico*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, pp. 92-103, 2018.
- BASSO, J. *O artesão da palavra: Graciliano Ramos, literatura, educação e resistência*. 2010. 122f. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.
- BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of Power and Solidarity. In: SEBEEK, T. A. (ed.). *Style in Language*. Nova York: MIT Press, 1960. pp. 253-276.
- CARDOSO, S. *Caminhos dos pronomes pessoais no português brasileiro: considerações a partir de dados do projeto ALiB*. 2008. Disponível em: http://dlcv.ffch.usp.br/sites/dlcv.ffch.usp.br/files/09_3.pdf. Acesso em: 10 out. 2017.
- CONDE SILVESTRE, J. *Sociolinguística Histórica*. Madri: Editora Gredos, 2007.
- COUTO, L.; LOPES, C. (org.). *As formas de tratamento em português e em espanhol: variação, mudança e funções conversacionais*. Niterói: Editora da UFF, 2011.
- DIVINO, L. *Tu e você em cinco estados do Nordeste a partir dos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil: um estudo variacionista*. 2020. 254f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.
- FREITAG, R. *Variáveis categóricas*, 2020. Disponível em: <https://rkofreitag.github.io/Categorica.html/>. Acesso em: 30 jul. 2021.

GOMES, V. Tradição e variação dos modos de dizer das cartas de casais do litoral e do sertão pernambucano. *XI Encontro de sociolinguística: A Sociolinguística no Nordeste*. 2021 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7j4XUTlwjfo>. Acesso em: 20 de jan. 2023.

GOMES, V.; LOPES, C. Formas de tratamento em cartas escritas em Pernambuco (1869-1969): tradição discursiva e sociopragmática. *RELIN*, v. 14, n. 1, pp. 137-65, 2016.

HERNÁNDEZ-CAMPOY, J.; CONDE SILVESTRE, J. *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell. 2012.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Cambridge: Blackwell Publishers, 1994.

MONTGOMERY, M. Variation and historical linguistics. In: BAYLEY, R.; LUCAS, C. *Sociolinguistic variation: theories, methods and applications*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, pp. 110-32.

LEBENSZTAYN, I. Cartas inéditas de Graciliano Ramos: estilo, amizades, bastidores da criação literária e da história. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 49, n. 2, pp. 145-53, 2014.

LOPES, C. Retratos da mudança no sistema pronominal: o tratamento carioca nas primeiras décadas do século XX. In: CORTINA, A.; NASSER, S. (orgs.). *Sujeito e Linguagem: séries trilhas linguísticas*. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2009, v. 17, pp. 47-74.

LOPES, C. *et al.* A reorganização do sistema pronominal de 2ª pessoa na história do português brasileiro: a posição de sujeito. In: LOPES, C. (org.) *História do português brasileiro: mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista*. São Paulo: Contexto, 2018.

LOPES, C.; CAVALCANTE, S. A cronologia do *voceamento* no português brasileiro: expansão de *você*-sujeito e retenção do clítico-*te*. *Linguística*, v. 25, pp. 30-65, 2011.

LOPES, C.; DUARTE, E. De *Vossa Mercê* a *você*: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. In: BRANDÃO, S.; MOTA, M. (orgs.). *Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos*. Fólio, Rio de Janeiro, 2003, pp. 61-76.

LOPES, C.; MARCOTULIO, L.; OLIVEIRA, T. A atuação dos papéis sociais na mudança no sistema de tratamento no português brasileiro: uma análise de cartas pessoais (1870-1979). *Estudos de linguística galega*, v. especial I, pp. 29-44, 2017.

LOPES, C.; SOUZA, J. Os caminhos trilhados por você... em cartas cariocas (séculos XIX-XX). In: LOBO, T. *et al.* (orgs.). *ROSAE: Linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. 1. ed. Salvador: EUFBA, 2012, v.1.

MARTINS, M. *et al.* Para um panorama sócio-diacrônico das formas de tratamento na função de sujeito na região Nordeste. *LaborHistórico*, RJ, 1(1), pp. 26-48, jan-jun, 2015.

MELO, H.; GOMES, V. As tradições discursivas nos subgêneros das cartas pessoais pernambucanas. *Encontros de Vista*, Recife, 21, pp. 28-41, 2018.

MENON, O. O sistema pronominal do português do Brasil. *Letras*, Curitiba, n. 44, pp. 91-106, 1995.

- OLIVEIRA, T. *Entre o Linguístico e o Social: Complementos Dativos de 2ª pessoa em Cartas Cariocas (1880-1980)*. 2014. 166f. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. 2014.
- PATIL, I.; POWELL, C. *Ggstatsplot: “ggplot2”, Based Plots with Statistical Details*, 2018.
- R CORE TEAM. *R: A language and environment for statistical computing*. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2022. Disponível em: <https://www.r-project.org/>. Acesso em: 29 jun. 2022.
- RAMOS, G. *Cartas*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011.
- ROMAINE, S. *Socio-historical linguistics: its status and methodology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- ROSA, E. Sociolinguística Histórica. *Revista de Letras*, v.17, n. 21, jul./dez., 2015.
- RUMEU, M. A variação “tu” e “você” no português brasileiro oitocentista e novecentista: reflexões sobre a categoria social gênero. *Alfa*, São Paulo, v. 57, n. 2, pp. 545-76, 2013.
- RUMEU, M.; LOPES, C. A influência das redes sociais na produção escrita de brasileiros cultos: reflexões acerca da história do *você*. In: OLIVEIRA, J.; MOTA, J.; REIS, R. *Contribuições para a linguística brasileira: uma homenagem a Dinah Callou*. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2022.
- SCHERRE, M. et al. Variação dos pronomes “tu” e “você”. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (orgs.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015, pp. 133-72.
- SCHERRE, M.; ANDRADE, C.; CATÃO, R. Por onde transitam o *tu* e o *você* no Nordeste. *Revista de Letras*, Fortaleza, v.1, n. 40, pp. 1-40, 2021.
- SOUZA, J. *Mapeando a entrada de você no quadro pronominal: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX*. 2012. 148f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- SILVA, A. Cartas de amor pernambucanas da primeira metade do século XX: uma análise do subgênero. *Diálogo das Letras*, Pau dos Ferros, v. 5, n. 2, pp. 199-215, 2016.
- SILVA, S. *A variação pronominal de segunda pessoa do singular em Coité do Nóia/AL*. 2019. 122f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Literatura) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019.
- SILVA, W. *Pronomes de 2ª pessoa do singular em falares alagoanos: uma análise variacionista*. 2020. 51f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020.
- SILVA, A.; GOMES, V. Os subgêneros da carta pessoal em correspondências pernambucanas da primeira metade do século XX. In: ATAIDE, C. (org.). *Gelne 40 anos: experiências teóricas e práticas nas pesquisas em Linguística e Literatura*. São Paulo: Blucher, 2017.
- SILVA, S.; VITÓRIO, E. A variação *você* e *cê* no sertão alagoano. *Revista Leitura*, v. 2, n. 59, pp. 122-42, 2017.
- VITÓRIO, E. A variação *tu* e *você* em Maceió, Alagoas. *Todas as Letras*, v. 20, n. 2, pp. 85-99, 2018.

VITÓRIO, E. Percepções sociolinguísticas de estudantes universitários em relação ao uso do pronome *tu*. *Revista Investigações*, v. 32, n. 2, pp. 432-55, 2019.

VITÓRIO, E. Avaliação social e a concordância verbal com o pronome *tu*. *Diadorim*, Rio de Janeiro, vol. 23, n. 1, pp. 151-70, jan.-jun. 2021.

VITÓRIO, E.; SILVA, S. A variação tu/você/cê na posição de sujeito e o problema da avaliação linguística no sertão alagoano. In: NUNES, C.; SILVA, C. (orgs.) *A língua em foco no nordeste brasileiro: d'além das capitais*. São Paulo: Pontes Editora, 2021, pp. 149-69.

WICKHAM, H. *ggplot2: Elegant Graphics for Data Analysis*. New York: Springer-Verlag, 2016. Disponível em: <https://ggplot2.tidyverse.org>.

IRREALIS MOOD IN LUNG'IE: KA

MODO IRREALIS EM LUNG'IE: KA

Núbia Ferreira Rech¹

Ana Lúvia Agostinho²

ABSTRACT

This paper describes and analyzes the *ka* particle in constructions with dynamic predicates in Lung'ie, an endangered Portuguese-lexifier creole language spoken in Príncipe Island. In contrast with the literature on Lung'ie (GÜNTHER, 1973; MAURER, 2009), we argue that *ka* plays one single role in Lung'ie: marking the irrealis mood (cf. AGOSTINHO; RECH, 2023). Our data show that *ka* is found in hypothetical, conditional, and counterfactual constructions, as well as in future and habitual aspect constructions. We also verified that *ka* is not used in past constructions nor in those that describe events at the time of the speech – prototypical *realis* contexts.

KEYWORDS: Creole languages. TMA. São Tomé and Príncipe. Gulf of Guinea.

RESUMO

Este artigo descreve e analisa a partícula *ka* em construções com predicados dinâmicos em Lung'ie, uma língua crioula de base lexical portuguesa em ameaça de extinção, falada na ilha de Príncipe. Em contraste com a literatura sobre o Lung'ie (GÜNTHER, 1973; MAURER, 2009), nós argumentamos que *ka* desempenha uma única função em Lung'ie: marcador de modo irrealis (cf. AGOSTINHO; RECH, 2023). Nossos dados mostram que *ka* é encontrado em construções hipotéticas, condicionais e contrafactuais, assim como em construções no futuro e no aspecto habitual. Nós também verificamos que *ka* não é usado em construções no passado nem naquelas que descrevem eventos no momento da fala – contextos *realis* prototípicos.

PALAVRAS-CHAVE: Línguas crioulas. TMA. São Tomé e Príncipe. Golfo da Guiné.

Introduction

This study³ focuses on describing and analyzing the *ka* particle in grammar structures with dynamic predicates in Lung'ie.⁴ We show that the *ka* particle is solely employed to mark a context

¹ Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), nubiarech1971@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-9278-2702>.

² Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a.agostinho@ufsc.br, <https://orcid.org/0000-0002-2395-4961>.

³ According to the CRediT taxonomy (<https://www.casrai.org/credit.html>), the roles of each author were: Author 1 – Conceptualization, Investigation, Data curation, Methodology, Writing – original draft, Writing – review & editing; Author 2 – Conceptualization, Investigation, Data curation, Methodology, Writing – original draft, Writing – review & editing.

⁴ We focused on dynamic verbs because stative verbs show a different behavior in Lung'ie, as in other creole languages (cf. MAURER, 2009, p. 71; BICKERTON, 1981, p. 58, 1984). Winford (2017, p. 13) observes that “[i]t has now been well established that the distinction between stative and nonstative or dynamic predicates is central to all creole TMA systems, although there are differences across creoles concerning which verbs are assigned to one or the other category”.

as Irrealis (cf. AGOSTINHO; RECH, 2023), i.e., it does not play multiple functions, as stated by Günther (1973) and Maurer (2009). This study also contributes to the description of mood systems in creole languages since, according to Winford (2018, p. 203), “the areas of mood and modality remain the most neglected aspects of the study of creole TMA systems.”

Our investigation is based on the available literature on Lung'ie (GÜNTHER, 1973; MAURER, 1997, 2009; AGOSTINHO, 2015, 2016b; AGOSTINHO; ARAUJO, 2021; AGOSTINHO; RECH, 2021) and original fieldwork data (AGOSTINHO, 2009, 2016a, 2019; AGOSTINHO; RECH, 2016).⁵ This paper builds upon the analysis presented in Agostinho and Rech (2023), incorporating a different and expanded set of data as well as new contexts to provide a more comprehensive examination.

The corpus of research about the Lung'ie linguistic system is still quite small, within which we can highlight the works of Günther (1973), Maurer (1997, 2009), Agostinho (2015, 2016b), and Agostinho and Rech (2023). According to Günther (1973), *ka* marks the habitual aspect, future tense, generic reference, and iterative contexts. Maurer (2009) associates it with several other functions, such as a marker for counterfactuality, modality, future tense, habitual aspect, imperfective aspect, and generic reference, among others. This paper argues that such contexts are considered irrealis in Lung'ie, and for this reason, the *ka* particle is used. On the other hand, in realis contexts, the particle appears as an unmarked form – similar to what is observed in other languages that oppose realis and irrealis moods (cf. MITHUN, 1995, 1999; ELLIOTT, 2000). Even though Günther's fieldwork was conducted nearly half a century ago, we did not find any changes regarding *ka* when comparing his data to Maurer's and Agostinho's. This is probably because the Lung'ie speakers portrayed in the more recent work are generally elders.⁶

This paper consists of four sections: Section 1 introduces historical information regarding the languages spoken in the Gulf of Guinea based on the works of Schuchardt (1889), Günther (1973), Ferraz (1979), Cardoso (2007), Hagemeyer (2011), Araujo et al. (2013), Agostinho and Hyman (2021), among others. In Section 2, we analyze the *ka* particle in Lung'ie, investigating its employment in contexts classified as prototypically irrealis (subsection 2.1); prototypically realis (subsection 2.2); and also, in contexts that can be marked as realis and/or irrealis depending on cultural (or even diachronic) aspects (subsection 2.3); in the end of the section, we make considerations regarding the irrealis mood in Lung'ie (subsection 2.4). Lastly, Section 3 summarizes the main contributions of this research and suggests other topics for future investigation.

⁵ The transcriptions are left as provided by the original authors. The data from Agostinho (2009, 2016a, 2019) and Agostinho and Rech (2016) was transcribed by the second author using the *Alfabeto Unificado para as Línguas Nativas de São Tomé e Príncipe* (ALUSTP) (PONTÍFICE et al., 2010).

⁶ One of Günther's informants was also the second author informant.

1. Historical Context

Lung'le [lungíe], also known as Principense, is a Portuguese-lexifier creole language spoken in Príncipe Island by less than 200 people when considering speakers with different levels of proficiency (AGOSTINHO, 2015; AGOSTINHO; HYMAN, 2021), part of the Democratic Republic of São Tomé and Príncipe (hereinafter STP), a multilingual country located in the Gulf of Guinea. Its origin is linked to the Portuguese exploration and the kidnapping and confinement of African populations from the 15th to the 19th century (AGOSTINHO; HYMAN, 2021).

According to Agostinho et al. (2016), based on the typology by Crystal (2000), Lung'le can be categorized as an endangered language due to several factors: (1) lack of children learning it as a first language; (2) the fact that the community in social circumstances does not primarily use it; and (3) the impact of other languages, especially Portuguese (the official language, most commonly used among all social groups) and Kabuverdianu, spoken by many descendants of workers that arrived in the Príncipe Island by the end of the 19th century and the beginning of the 20th century. Portuguese has been the country's official language since 1975 and is the mother tongue of most of its inhabitants. According to the 2012 Census (INE, 2012), 98.4% of the STP population speaks Portuguese; 36.2% speak Santome; 1% speak Lung'le; 6.6% speak Angolar, and 8.5% speak Kabuverdianu. The Census does not provide data regarding bilingualism and multilingualism, nor does it define whether such languages are spoken as L1 or L2 (ARAUJO; AGOSTINHO, 2010). At the same time, linguists have considered the number of Lung'le speakers portrayed in the Census to be super estimated (cf. MAURER, 2009, AGOSTINHO, 2015; AGOSTINHO, 2016b, among others).

Four autochthonous, genetically related creole languages are spoken in the Gulf of Guinea: Santome (also known as Forro or Lungwa Santome), Angolar, Lung'le, and Fa d'Ambô (SCHUCHARDT, 1889; GÜNTHER, 1973; FERRAZ, 1979; MAURER, 2009; HAGEMEIJER, 2009). The first three are currently spoken in STP and have the status of national languages; the latter is spoken in the island of Annobón and Bioko in Equatorial Guinea. The four languages, although related, are currently mutually unintelligible.

The islands in the Gulf of Guinea were uninhabited until the arrival of the Portuguese at the end of the 15th century. According to Cardoso (2007), the Islands of São Tomé and Príncipe would have been discovered by Portuguese explorers João de Santarém and Pedro Escobar, who arrived in São Tomé on December 21, 1470, and in Príncipe on January 17, 1471.

Figure1: The Gulf of Guinea

Source: <http://mapmaker.nationalgeographic.org/>

São Tomé was populated by the Portuguese, other European people, and enslaved people in obedience to an order from the Portuguese Royalty. It became a permanent settlement in 1493 (CARDOSO, 2007). The Island of São Tomé was the first to be populated between 1480 and 1493. The settlement on Príncipe Island began in 1500 (MAURER, 2009), probably by people from São Tomé. Portuguese settlers and enslaved people from São Tomé were the first to settle in the islands of Príncipe and Annobón in 1500 and 1503, respectively.

According to Hagemer (2009), São Tomé was populated by African people who spoke multiple languages, mainly from the regions of the Niger Delta (where Edoid languages are spoken) and Congo and Angola (where Bantu languages are spoken). A group of enslaved people from the Niger Delta – who spoke Edoid languages – was subsequently transported to Príncipe Island. At the same time, the island received a small number of prisoners from a Bantu region, as opposed to São Tomé (HAGEMER, 1999). In this multilingual scene, the contact between settlers and enslaved people gave rise to a pidgin language (ARAUJO et al., 2013) that, once expanded, originated the Proto-Creole of the Gulf of Guinea (PGG) (cf. FERRAZ, 1979; HAGEMER, 2011; BANDEIRA, 2017). After the creation of PGG, the speakers were geographically isolated (cf. BANDEIRA, 2017). In this sense, it is believed that the enslaved people taken from São Tomé to Príncipe already spoke PGG.

2. The use of the *Ka* Particle in Lung'ie

Semantic contexts associated with the hypothetical context are marked as irrealis in languages distinguishing between realis and irrealis. These are potential events whose occurrence depends upon certain circumstances (conditional), including counterfactuals, as well as modal and imperative constructions (ELLIOTT, 2000, pp. 69-70). Overall, the literature on realis/irrealis showcases counterfactual and conditional constructions as typically irrealis, while past tense constructions, as well as those that describe an event that happens at the time of enunciation, are typically realis. Modal, imperative, interrogative, aspectual, and future tense constructions, in their turn, can be marked as irrealis or realis depending on grammatical factors – such as being a finite sentence or not –, diachronic factors, or even cultural factors that may interfere with the speaker's expectations concerning the realization of the event (MITHUN, 1995, 1999; ELLIOTT, 2000).

The analysis we will present throughout this section is based on the available literature on Lung'ie (GÜNTHER, 1973; MAURER, 1997, 2009; AGOSTINHO, 2015, 2016b, AGOSTINHO; ARAUJO, 2021; AGOSTINHO; RECH, 2023) and on original fieldwork data collected in Príncipe Island (AGOSTINHO, 2009, 2016a, 2019; AGOSTINHO; RECH, 2016). All glosses are from the original authors unless otherwise noted.

We verified the occurrence of 37 counterfactual and conditional contexts in our corpus⁷. The *ka* particle was used in all of them. Such data corroborate the hypothesis investigated in this research, namely, that the *ka* particle functions as a marker for irrealis (AGOSTINHO; RECH, 2023) since there is consensus in the literature that counterfactual and conditional contexts are marked as irrealis across languages (MITHUN, 1995, 1999; ELLIOTT, 2000).

2.1. Prototypical Irrealis Contexts

Considering that counterfactual and conditional constructions are more closely related to thoughts than reality, it is expected such contexts to be prototypically irrealis in languages in general. For this reason, we shall begin our analysis of irrealis marking in Lung'ie in these contexts. The following examples were transcribed from Maurer (2009) and illustrate, respectively, counterfactual and conditional contexts:

- (1) **Xi ôzê n ka tava tê dyô, n ka tava kopa**
 if today 1SG COUNT MOD have money 1SG MOD PST buy
kaxi ũa.
 house one
 'If today I had had money, I would have bought a house.' (MAURER, 2009, p. 89)

⁷ Initially, we searched for *xi* 'if', which is present in these constructions; in a second moment, we considered information from the context to verify whether, in fact, they were hypothetical, conditional, and counterfactual constructions.

- (2) **Xi ê sa ladran, n ka fala kôli fa.**
 if 3SG COP thief 1SG FUT speak with.3SG NEG
 ‘If he is a thief, I won’t speak to him.’ (MAURER, 2009, p. 99)

In (1), the first instance of *ka* is associated with counterfactuality marking; the second is associated with modality marking. In (2), *ka* is identified as a future tense marker. Example (1) corresponds to a counterfactual context since it describes an event that did not happen (the house purchase), but that could have happened should a condition have been met (having money today). According to Maurer (2009), in (1) the first instance of the *ka* corresponds to a counterfactuality marker, while the second instance corresponds to a modal item. In our view, both *ka* mark this counterfactual context as irrealis in Lung’Ie, the same way counterfactual contexts are marked as irrealis in languages that use markers to demonstrate opposition between realis/irrealis.

Example (2) corresponds to a conditional context equally marked as irrealis in languages that carry such marking. In Maurer’s gloss, *ka* is identified as a future tense marker. Although the sentence with *ka* describes a future event concerning the situation described in the previous phrase, we suppose that the conditional context justifies the employment of *ka*, indicating there is no certainty about the ‘I will not speak to him’ event since it is conditioned to the situation described in the previous phrase (‘if he is a thief’), which could be true or not. The realization of the event described in the second phrase depends on the circumstance described in the first phrase. It is a probable – but not certain – event, hence the use of *ka* to indicate the irrealis mood.

Example (3) was transcribed from Maurer (2009) and illustrates a hypothetical situation, thus also being characterized as a prototypical irrealis context:

- (3) **Ningê ki ka panha ufya sê ka daru na**
 Person REL GENER take leaf DEM GENER rub LOC
uman zunta awa fyô pasa na uwê, ê ka vê maxi
 hand add water cold pass LOC eye 3SG FUT see more
dêkê ki pekadô tava vê.
 than REL person was see

‘The person who takes this leaf, rubs it in its hands, adds cold water to it and puts it on his eyes will see better than how he used to see.’ (MAURER, 2009, p. 55)

According to Maurer, the first two instances of *ka* in (3) are associated with a generic reference, while the third indicates the future tense. The context described is hypothetical since it is not a narrative of a real situation. The speaker hypothesizes that an unspecified person (which may have led to associating *ka* with a generic reference) may perform a series of actions (take the leaf, rub it in

its hands, add cold water, put it in the eyes) to improve vision. There are three instances of *ka* in this construction, two of which are associated with hypothetical events – irrealis context – that shall be realized by people who wish to improve their vision. The third relates to a future situation, conditioned to realizing the sequence of events listed in the context. Should *ka* function as an irrealis mood marker, it would be expected that the event were associated with *having better vision than before* situation (*ê ka vê maxi dêkê ki pekadô tava vê*), as it indeed happens. The state resulting from the hypothetical events will also be a hypothetical situation. Henceforth, we assume that the three *ka* instances in this context play one single role: marking contexts as Irrealis (cf. AGOSTINHO; RECH, 2023).

2.2. Prototypical Realis Contexts

According to Mithun (1995), prototypical realis contexts describe situations that occurred in the past or while the enunciation takes place. In (4) and (5), we shall transcribe sentences in Lung’Ie that illustrate both these contexts, respectively:

- (4) **Êli ki migu me baya ontxi.**
 3SG.DES CONJ friend 1SG.POSS dance yesterday.
 ‘He and my friend danced yesterday.’ (AGOSTINHO, 2015, p. 178)

- (5) **A: Sabiina, kwa txi sa fêzê wo sê a?**
 Sabrina thing 2SG COP do moment this INT
 ‘Sabrina, what are you doing right now?’

B: Ami a? N sa kuxi.
 1SG INT 1SG COP cook
 ‘Me? I am cooking.’

A: Kwa txi sa kuxi a?
 thing 2SG COP cook INT
 ‘What are you cooking?’

B: N sa kuxi kumê Baji.
 1SG COP cook food Brazil.

‘I am cooking Brazilian food.’ (AGOSTINHO, 2015, p. 203, our gloss)

The event described in (4) takes place before the moment of the speech, as indicated by the adverb *ontxi* (yesterday). Lung’Ie does not have a morphological marker to indicate the past tense with dynamic verbs, so bare dynamic verbs always indicate the past (cf. MAURER, 2009). The *ka* marker is absent from this example and other past tense cases in our data. The absence of *ka* in these

constructions is expected, as past events occurred and hence are marked as realis (AGOSTINHO; RECH, 2023). In turn, the sentences in example (5) refer to the time of the enunciation. Speaker A asks Speaker B what she is doing at the time of the enunciation, which is indexed with the adverb *wo sê* (right now). It is worth noting that the phrases in (4)–(5) are built upon constructions using copula *sa* followed by a dynamic verb, and *ka* cannot be used, which corroborates our hypothesis that this particle indicates the irrealis mood and thus is not present in constructions that describe events that are past or happening occurring concomitantly to the enunciation.

2.3. Contexts Marked as Either Realis or Irrealis

From this point on, we shall consider some contexts that can be marked as realis or irrealis (future tense, negation, and habitual aspect) across languages or situations where the same context may be marked as realis or irrealis.

2.3.1. Future Tense

According to our data, Lung'ie marks future tense contexts in affirmative sentences as Irrealis (cf. AGOSTINHO; RECH, 2022). The following examples illustrate this use:

- (6) **No ka vê amanhan ô!**
 1PL IRR see tomorrow ENF

‘We will see each other tomorrow.’ (AGOSTINHO, 2015, p. 288, our gloss)

- (7) **Amanhan n sa ke posan.**
 Tomorrow 1SG PROG IPFV.go town

‘Tomorrow I will go to town.’ (MAURER, 2009, p. 82, ex. 477)

In (6) and (7), *ka* is employed in future constructions, as the adverb *amanhan* ‘tomorrow’ demonstrates. This context has been associated with the irrealis mode in many languages, which explains the *ka* use in Lung'ie. In (7), *ke* results from the agglutination of *ka we* (*ka* + *we* ‘go’) (cf. MAURER, 2009, p. 69). Our data suggest that the combination *sa ke* marks the near future.⁸ De Haan (2006, p. 41) holds that it “can be argued that future is a prototypical irrealis category because it refers to events that have not yet happened and are therefore unreal. [...] However, in others [languages] it is treated as a realis category”. Thus, Lung'ie would be another example of a language, such as Amele and Muyuw (cf. DE HAAN, 2006, p. 41), in which the future is marked as irrealis. In the second author's data (AGOSTINHO, 2009, 2016a, 2019, among others), future tense affirmative constructions (see section 2.3.2) always have *ka* or another form of it, such as (*sa*) *ke* or *keka* (agglutination of *sa* + *ka* + *vika* ‘come’ (cf. MAURER, 2009, p. 81)).

⁸ However, this issue requires further investigation.

2.3.2. Negation

According to the data we analyzed, negative constructions, marked by the realization of the morpheme *fa* sentence-finally, correspond to a realis context in Lung'Ie. The examples below display two examples of negation:

- (8) N **mêsê urumu fô.**⁹
 1SG.SUJ want safu NEG.ENF
 'I don't want *safu*, no!' (AGOSTINHO, 2015, p. 152)

- (9) N **maxi sêbê baya uvungu afinaku fa.**
 1SG.SUJ still know dance dance African NEG
 'I still don't know how to dance African dances.' (AGOSTINHO, 2015, p. 170)

In the examples, the speakers are very clear about their refusal in (8) and their ineptitude for African dances in (9). These constructions seem to indicate a degree of certainty or the speaker's commitment to the spoken content. Hence, such constructions are expected to be marked as realis, which seems to correspond to the unmarked form in Lung'Ie.

Maurer's analysis uses *sa* "instead of *ka* in negated sentences" (MAURER, 2009, p. 83). To argue his viewpoint, the author uses examples (10) and (11), transcribed below:

- (10) ***Amanhan n ka kume fa.**
 tomorrow 1SG FUT eat NEG
 'Tomorrow, I won't eat.' (MAURER, 2009, p. 83, ex. 484)

- (11) **Amanhan n sa kume fa.**
 tomorrow 1SG FUT eat NEG
 'idem' (MAURER, 2009, p. 83, ex. 485)

According to Maurer, the ungrammatical construction observed in (10) results from employing the *ka* particle in negative contexts. The author does not directly state that *sa* is the negative variant of *ka*, supposedly constituting allomorphy. Since *sa* is associated with marking future tense (FUT) or habitual aspects (HAB) in his glosses of negative sentences, which are the same functions to which he assigns to *ka* in affirmative sentences, the realization of *ka* as *sa* in these cases causes two analytical problems: (i) there is no phonetic-phonological motivation for such variation, and (ii) it

⁹ The formula *fô* is an agglutination of *fa* plus interjection *ô* (cf. MAURER, 2009; AGOSTINHO, 2015).

would not be expected that an allomorphic variation would result in a phonetic form identical to that of another language's functional morpheme. According to the analysis, the morpheme *sa* corresponds to the non-past copula, hence being found in negative constructions (see footnote 12). The future negative construction combines the copula *sa* with the lexical verb *kume* (eat), meaning something like 'I won't be eating tomorrow.' Languages such as Brazilian Portuguese (BP) and English can also express habitual aspect and/or future tense by employing copulas: 'Eu estou bebendo' ('I'm drinking') (habitual aspect) in BP or 'I'm drinking tomorrow' (future) in English.

It is worth noting, however, that *ka* appears in negative constructions when they correspond to conditional (counterfactual) or hypothetical contexts, characterized as prototypical irrealis contexts inter-linguistically. In these cases, there seems to be a hierarchy of contexts when marking a construction as irrealis, in which, prototypical irrealis contexts prevail over the negation context. Let us proceed to analyze the following examples:

- (12) Xi n ka sa kume, n ka rêgê wo sê fa.
 if 1SG IRR COP eat 1SG IRR get.up moment DEM NEG
 'If I was eating, I wouldn't get up now.' (AGOSTINHO 2009, our gloss)

- (13) Txi ka lega n fa, n ka gita ô!
 2SG MOD set.free 1SG NEG 1SG FUT shout VAL
 'If you don't let go of me, I'll shout!' (MAURER 2009, p. 84)

In (12) and (13), *ka* is used in negative constructions, as indicated by the presence of the *fa* morpheme. While analyzing our data, we observed that the use of *ka* in negative contexts is restricted to prototypical irrealis contexts, such as hypothetical constructions, like (12), or conditional (counterfactual) constructions, like in (13).

2.3.3. Habitual Aspect

De Haan (2012, p. 121) observes that "[h]abitual aspect is perhaps a strange category to discuss in a section about realis and irrealis. As this category denotes that an action is or was done habitually, there would seem to be little doubt that such actions are real and any marker of habitual aspect would fall into the realis camp. Nevertheless, there are languages in which habitual aspect is marked either identical to other irrealis categories or has a separate irrealis morpheme attached". Along the same lines, the habitual aspect seems to correspond more to irrealis contexts when compared to the perfective aspect, "... since habitual aspect describes an event type that is instantiated from time to time by actual events" (PAYNE, 2007, p. 245). Thus, the occurrence of *ka* in habitual constructions is not necessarily a counter-argument for the analysis we are proposing for Lung'ie since habitual

constructions could correspond to irrealis contexts in this language (cf. AGOSTINHO; RECH, 2023). Examples (14) to (16) correspond to aspectual constructions in which *ka* is employed:

- (14) **Ôtô ka fala lunge Ie, ôtô ka fala putugêzê.**
 Other HAB speak language island other HAB speak Portuguese
 ‘Some speak Principense, some speak Portuguese.’ (MAURER, p. 40, ex. 159)

- (15) **Ora ki a ka fala bê na salasa, a ka**
 time REL PRO.INDF IRR speak hello in friends PRO.INDF IRR
kudi ‘malimentê’, ora ki a ka fala bê pa ningê
 answer so-so time REL PRO.INDF IRR speak hello to person
tamwin a ka kudi ‘bensa di dêsu’.¹⁰
 adult PRO.INDF IRR answer bless of god
 ‘When people greet between friends, they answer “so-so”, when they greet grown-ups, they answer “God bless”.’ (AGOSTINHO, 2015, p. 146, our gloss)

- (16) **Dêxa bayu sê ê axi: minu mye ka bixi seya ki kimoni**
 dêxa dance this 3SG like.so child woman IRR wear skirt with *kimoni*
ô buluza, ulensu baanku ô kô ôtô i minu
 or blouse handkerchief white or color other and child
omi ka bixi kalisan ope, palito ki kazaku.¹¹
 man IRR wear pants foot jacket with coat
 ‘*Dêxa*, this dance, it’s like this: young women wear a skirt and a *kimoni* or top, a white or another color handkerchief and young men wear long pants, a suit and a coat.’ (AGOSTINHO, 2015, p. 173, our gloss)

In examples (14)-(16), we can see that no specific event is described; instead, we see the description of habitual events, in which one cannot identify a specific time or specific participants. In (14) and (15), the statements refer to the local reality, used as a general assumption based on the observation of real events. In (16), the situation is similar: the speaker describes the clothes worn by young men and women while dancing *dêxa*. For examples (14)-(16) and similar ones in our data, we assume that the *ka* particle is used to mark this context (habitual aspect) as irrealis in Lung’Ie.

¹⁰ Example without a gloss in the original.

¹¹ Example without a gloss in the original.

We built our hypothesis upon Elliot's (2000, p. 79) statement regarding marking habitual/customary events as irrealis: "One possible explanation for this is that the non-specific nature of the events being discussed in this particular usage leads to the use of irrealis, since no particular realized occasion is being discussed."

It is important to mention that, in Lung'Ie, aspectual constructions can be found with or without the use of *ka*, as seen in the following examples:

- (17) **Na wêtu ora n tava kume za.**
 LOC eight hour 1SG PST.COMPL eat already
 'At eight o'clock, I was already eating.' (MAURER, 2009, p. 86)

- (18) **N goxta di palapala montxi fa, maji n**
 1SG.SUJ like PREP palapala much NEG but 1SG.SUJ
ka kume li.
 HAB eat 2SG.OBJ
 'I don't like *palapala* very much, but I usually eat it.' (AGOSTINHO, 2015, p. 218)

The example in (17) describes a durative aspect (*n tava kume za*) with the use of a past copula (*tava*), followed by the dynamic verb (*kume*). *Ka* is not used in this sentence. According to our analysis, *ka* is absent in this construction because the example describes a particular event that occurred in the past (*Na wêtu ora*), hence marked realis. Nonetheless, the *ka* particle is found in (18). It is noteworthy that while the copula *tava* followed by the verb *kume* describes a specific event as durative in (17), example (18) describes an event that is instantiated occasionally, characterizing it as a habitual aspect. Thus, according to our hypothesis, the use of *ka* in (18) was already expected since no specific event is described in the example – which, according to Elliot (2000), marks it as irrealis.

Examples (19) and (20) below, transcribed from Maurer (2009), show *ka* in sentences associated with the habitual aspect, but unlike (14) to (16) and (18), the events described in (19) and (20) are no longer ongoing in the time of speech.

- (19) **Dya tudu pe n tava ka rêgê na xink'ora di pemyan.**
 day all IDEO 1SG PST HAB get.up at five.o'clock of morning
 'I used to get up at five o'clock in the morning every day.' (MAURER, 2009, p. 87)

- (20) **Ine na tava ka kume kani pôkô dyêxi tudu pe.**
 3PL VAL PST HAB eat meat pig day. DEM IDEO
 'They really used to eat pork every day.' (MAURER, 2009, p. 67)

The use of the past copula (*tava*) locates the habitual events described in these examples in a time before the moment of the utterance. These examples are important because they reveal that *ka* is not incompatible with the past tense. If the event is described as habitual, *ka* appears in past constructions, as seen in (19) and (20). On the other hand, sentences in which the event is marked with a progressive aspect in the past, as in (21), below, do not appear with *ka*:

- (21) **Ine tava sa kirya minu sê pobêmentê.**
 3SG PST COP raise child 3PL.POSS poor=ly
 ‘They were raising their children poorly.’ (AGOSTINHO, 2016a, our gloss)

In (21), using the copula *sa* followed by a dynamic verb marks the past event as progressive: *tava sa kirya*, similar to the use of ‘were -ing’ in English. If the *ka* particle is, in fact, an irrealis marker, as we are proposing, its absence in this context is expected since the sentence describes just one progressive event in the past.

In example (22) below, there is also the occurrence of the functional items *tava* and *ka*, but, in this case, there is no description of a habitual event in the past. It is a prototypical irrealis context, as it describes a counterfactual situation whose event, which could have been ongoing at the time of the utterance, has not been initiated.

- (22) **Xi non ka tava sa xivi wosê, non ka tava**
 if 1PL COUNT PST PROG work now 1PL COUNT MOD
tê dyô.
 have money
 ‘If we were working now, we would have money.’ (MAURER, 2009, p. 90)

Example (22) generates a progressive interpretation, but not a habitual one. The presence of the adverb *wosê* ‘now’ determines the time (simultaneous with the moment of the utterance) in which the event *sa xivi* ‘to be working’ should be in progress for the state *tê dyô* ‘to have money’ to be true. In (22), *tava* does not correspond to a past tense mark, unlike examples (19) and (20). Evidence thereof is that this marking would be incompatible with the one indicated by the adverb *wosê*.

In the following example, also transcribed from Maurer (2009), the sequence *ka>tava* appears in a counterfactual context with the occurrence of an adverb indicating future tense:

- (23) **Xi amanhan non ka tava xivi, non ka tava**
 if tomorrow 1PL COUNT MOD work 1PL COUNT MOD
tê dyô, maji xivisu tê fa.
 have money but work there.be NEG

‘If tomorrow we worked, we would get money, but there is no work.’ (MAURER, 2009, p. 89)

In (23), similarly to (22), *tava* occurs after *ka* in a sentence whose event is not in the past, as evidenced by the adverb *amanhan* ‘tomorrow’. The counterfactual reading is generated because the event *xivi* ‘worked’ is not likely to happen, not because it is located in the past, as is common in counterfactual constructions, but because there is no work, information given in the sentence *maji xivisu tê fa* ‘but there is no work’, which integrates the construction.

Concerning example (23), Maurer notes that “(t)he fact that counterfactuality can be expressed by *ka* alone and that *tava* co-occurs with time adverbs like *ôzê* ‘today’ and *amanhan* ‘tomorrow’ shows that in this context, the past marker *tava* does not exert a temporal function; it metaphorically reinforces the counterfactuality already expressed by *ka*” (2009, p. 90).

The following example illustrates a case in which the sequence *ka tava* occurs in a counterfactual context in the past, as evidenced by the presence of the adverb *ontxi* ‘yesterday’:

- (24) **Ontxi, ora txi xiga, xi no ka tava sa xivi,**
 yesterday hour 2SG arrive if 1PL COUNT MOD PROG work
no ka tava vê txi fa.
 1PL MOD PST see 2SG NEG

‘Yesterday, when you came, if we had been working, we wouldn’t have seen you.’ (MAURER, 2009, p. 90)

In the sentence ... *xi no ka tava sa xivi* ‘if we had been working’, *ka* precedes the functional item *tava*. Then, the form of the progressive (*sa xivi*) occurs, resulting in the following ordering: *ka > tava > sa > dynamic verb*. Example (24) also corresponds to a prototypical irrealis context: the counterfactual. As we have argued, *ka* plays a single role in Lung’Ie: marking a context as irrealis. *Tava*, in turn, does not seem to correspond to a past tense marker when it appears after *ka*, as shown in examples (1) and (22) to (24)¹² and already noted by Maurer (2009, p. 90, quoted above). We are

¹² It is worth noticing that not all past events are marked with *tava* in Lung’Ie. For instance, sentence (i) describes the event in the past, which does not exhibit any morphological mark. If the non-past copula (*sa*) is used, as in (ii), the event will be described in the progressive aspect, constructed in Lung’Ie by the sequence *sa > dynamic verb*. The insertion of *tava* before *sa*, as illustrated in (iii), describes a progressive event in the past; therefore, in this construction, *tava* corresponds to a past tense marker, differentiating (iii) from (ii). Finally, in (iv), the occurrence of *ka* marks the sentence as irrealis, which can be interpreted as future tense or habitual aspect, depending on the context.

assuming that the interpretation associated with *tava* – as past tense or not – is directly related to this ordering and is a consequence of the position of the functional head to which *tava* corresponds in the sentence structure and the way this head relates to the other functional categories that integrate the Lung’le TMA system. In (25), we present part of the hierarchy of functional heads proposed by Cinque (1999) for the categories of mood, modality, tense, and aspect in natural languages:

(25) Functional Projections Hierarchy:

Moodspeech act > Moodevaluative > Moodevidential > Modepistemic > **T(Past)** > T(Future) > **Mood(irrealis)** > Modnecessity > Modpossibility > **Asphabitual** > Asprepetitive(I) > Asprequentative(I) > Modvolitional > ... > Aspperfect > Aspretrospective > Aspproximative > AspPdurative > **AspPprogressive** > AspPprospective > ... > >ModPobligation> ModPability > AspPfrustrative/success > ModPpermission > AspPconative > AspPcompletive (I) > VoiceP...

(CINQUE, 1999, p. 106, our emphasis)

On the other hand, the sequence *tava>ka*, in (19) and (20) above, generates an interpretation of the habitual past, with the item *tava* being interpreted in the category T(Past); and *ka*, in the Mood(irrealis) category. Note that the interpretation associated with the sequence *tava>ka* is in accordance with the ordering of the functional heads to which they correspond in the hierarchy proposed by Cinque: T(Past) >... > Mood(irrealis). If *ka*, as we have been arguing, corresponds to irrealis marking, then it was already expected that *tava* in the sequence *ka > tava* would not generate a past tense interpretation. Thus, Lung’le seems to provide further evidence for the ordering proposed by Cinque.

Finally, in (22) and (24), the functional items *ka* and *sa* seem to follow the ordering proposed by Cinque’s hierarchy: Mood(irrealis) > ... >... >... > AspPprogressive. Until this moment of the research, we do not know the precise interpretation position of the functional item *tava* when it appears after *ka*. Still, examples (22) and (23) show clear evidence that it does not correspond to the T(past) head. Considering the sequence *ka>tava>sa*, it is expected that *tava* corresponds to a head located in the hierarchy in (25), between Mood(irrealis) and AspProgressive.

-
- | | | | | |
|-------|----------|------------------------------|--------------|--------------|
| (i) | N | bêbê. | | |
| | 1SG | drink | | |
| | | ‘I drank’. | | |
| (ii) | N | sa | bêbê. | |
| | 1SG | COP | drink | |
| | | ‘I am drinking’. | | |
| (iii) | N | tava | sa | bêbê. |
| | 1SG | PST | COP | eat |
| | | ‘I was drinking’. | | |
| (iv) | N | ka | bêbê. | |
| | 1SG | IRR | eat | |
| | | ‘I will drink’ or ‘I drink’. | | |

2.4. Considerations Regarding the Irrealis Mood in Lung'ie

Throughout this section, we showed the marking of irrealis mood in Lung'ie based on the analysis of prototypically irrealis contexts: conditional, counterfactual, and hypothetical (section 2.1); prototypical realis contexts: events described in the past or simultaneously to the time of speech (section 2.2); and certain contexts marked as realis and/or irrealis across languages: future tense, negation, and habitual aspect (section 2.3).

Considering the economy principle that rules natural languages, it is unlikely that one sole form is associated with such distinct functions in the same language, as argued by Maurer (2009), who states that, in Lung'ie, the *ka* particle would be used as a marker for counterfactuality, future tense, habitual past, and generic reference, among others. We observed that all contexts where the particle is found describe possible – i. e. not real – situations that exist “only as a conceptual idea, a thought, or a hypothetical notion” (ELLIOTT, 2000, p. 56). Hence, we argue that *ka* seems to function as an irrealis mood marker in Lung'ie, as proposed by Agostinho and Rech 2023.

In this sense, Lung'ie would not be the only creole language to equate notions of future and habitual with irrealis. According to Winford (2018, p. 203), “[c]reolists have generally interpreted irrealis (...) as a cover term for future, conditional, and subjunctive meanings. Creoles generally employ future markers in conditional clauses to express hypothetical or counterfactual notions associated with the conditional or subjunctive mood in other languages”. Taylor (1971, 1977) cites, for example, creole languages in which the habitual aspect is indicated by the same future or irrealis marker, such as Kabuverdianu, and Negerhollands, in addition to Forro (genetically related to Lung'ie).

3. Conclusion

Our analysis proposes that *ka* in Lung'ie functions as an irrealis mood marker, corroborating Agostinho and Rech (2023). This contrasts with the analyses of Günther (1973) and Maurer (2009), who associate *ka* with various functions in the language, such as a marker of counterfactuality, modality, future tense, habitual aspect, imperfective aspect, generic reference, among others. The primary motivation for this paper is that *ka* always occurs in contexts described as prototypical irrealis mood, namely hypothetical and conditional/counterfactual constructions (cf. MITHUN, 1995, 1999; ELLIOTT, 2000).

We also looked into the use of *ka* in contexts that the linguistic literature describes as prototypical realis (constructions describing past events and those concomitant to the enunciation); and contexts that can be marked realis and/or irrealis in different languages (future, negation, and habitual aspect). Our data indicate that the *ka* particle is used in all prototypical irrealis contexts and future and habitual aspect contexts. Nevertheless, it is not used in past constructions nor in those that describe events concomitantly to the enunciation, which correspond to prototypical realis contexts. We also verified that *ka* is not used in negative contexts, which suggests it is also a realis context in Lung'ie. Ultimately, we found that there is a hierarchy in mood marking in Lung'ie, in which prototypical irrealis contexts prevail over others (see examples (12), (13), (22), and (24)).

The similarities in time, mood, and aspects of creole languages across different lexifiers have been highlighted by several studies (SINGLER, 1990). For example, Muysken (1981) observes that creole languages tend to have three markers: past tense, irrealis mood, and durative aspect, whereas Bickerton argues that this is the prototypical creole TMA system (1981, p. 58; 1984). This structure is aligned with the analysis presented in section 2: the markers in Lung’Ie would be \emptyset /*tava* for past, *ka* for irrealis mood, and the non-past copula *sa* for durative aspect.

List of abbreviations

1	first person	IPFV	imperfective aspect
2	second person	IRR	irrealis
3	third person	LOC	locative
COMPL	complementizer	MOD	modal
CONJ	conjunction	NEG (1,2)	negative
COP	copula	OBJ	object
COUNT	counterfactual	PST	past
DEM	demonstrative	PL	plural
DES	desiderative	POSS	possessive
ENF	emphatic	PREP	preposition
FUT	future	PRO	pronoun
GENER	generic reference	PROG	progressive
HAB	habitual	REL	relative
IDEO	ideophone	SG	singular
INDF	indefinite	SUJ	subject
INT	interrogative	VAL	validator

Acknowledgements

We are very grateful to Gabriel Antunes de Araujo for his insightful comments in a preliminary version of this article. We would also like to thank Tainá Monique Schaffer for helping us with the data organization. Research by the second author was supported by the Brazilian National Council for Scientific and Technological Development (CNPq), grant 200519/2019-0.

References

- AGOSTINHO, Ana Livia. *Fieldnotes and data collection – São Tomé and Príncipe*. Manuscript, 2009.
- AGOSTINHO, Ana Livia. *Fonologia e método pedagógico do lung’Ie*. (Ph.D. Dissertation). São Paulo: University of São Paulo, 2015.
- AGOSTINHO, Ana Livia. *Fieldnotes and data collection: São Tomé and Príncipe*. Manuscript, 2016a.
- AGOSTINHO, Ana Livia. *Fonologia do lung’Ie*. München: Lincom, 2016b.

- AGOSTINHO, Ana Livia. *Fieldnotes and data collection: São Tomé and Príncipe*. Manuscript, 2019.
- AGOSTINHO, Ana Livia; ARAUJO, Gabriel Antunes de. *Lung'ie, lunge no: Método para aprender lung'ie*. São Paulo: FFLCH/USP, 2021.
- AGOSTINHO, Ana Livia; BANDEIRA, Manuele; ARAUJO, Gabriel Antunes de. O lung'ie na educação escolar de São Tomé e Príncipe. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 55, n. 3, pp. 591-618, 2016.
- AGOSTINHO, Ana Livia; HYMAN, Larry M. Word Prosody in Lung'ie: One System or Two? *Probus*, v. 33, n. 1, pp. 57-93, 2021.
- AGOSTINHO, Ana Livia; RECH, Núbia. *Fieldnotes and data collection – São Tomé and Príncipe*. Manuscript, 2016.
- AGOSTINHO, Ana Livia; RECH, Núbia Ferreira. Lessons from the field: Irrealis mood in Lung'ie. In: KLOK, J. Vander; RECH, N. F.; GUESSER, S. (eds.), *Modality in Underdescribed Languages: Methods and Insights*. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2023, pp. 295-336.
- ARAUJO, Gabriel Antunes de et al. Fa d'Ambô: língua crioula de Ano Bom. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 55, n. 2, pp. 25-44, 2013.
- ARAUJO, Gabriel Antunes de; AGOSTINHO, Ana Livia. Padronização das línguas nacionais de São Tomé e Príncipe. *Língua e Instrumentos Linguísticos*, v. 26, pp. 49-81, 2010.
- BANDEIRA, Manuele. *Reconstrução fonológica e lexical do protocrioulo do Golfo da Guiné*. (Ph.D. Dissertation). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- BICKERTON, Dereck. *Roots of Language*. Ann Arbor: Karoma Press, 1981.
- CARDOSO, Manuela. *Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe*. Porto: IPAD, 2007.
- CINQUE, Guglielmo. *Adverbs and Functional Heads: a cross-linguistic perspective*. New York: Editora Oxford University Press, 1999.
- CRYSTAL, David. *Language Death*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- DE HAAN, Ferdinand. Typological Approaches to Modality. In: *The Expression of Modality*, FRAWLEY, William (ed.). Berlin: Mouton de Gruyter, 2006, pp. 27-69.
- DE HAAN, Ferdinand. 2012. Irrealis: Fact or Fiction? *Language Sciences*, v. 34, n. 2, pp. 107-30.
- ELLIOTT, Jennifer. Realis and irrealis: forms of grammaticalisation of reality. *Linguistic Typology*, v. 5, pp. 55-90, 2000.
- FERRAZ, Luiz Ivens. *The creole of São Tomé*. Johannesburg: Witwatersrand University Press, 1979.
- GÜNTHER, Wilfried. *Das portugiesische Kreolisch der Ilha do Príncipe*. Marburg an der Lahn: Im Selbstverlag, 1973.
- HAGEMEIJER, T. As ilhas de Babel: a crioulação no Golfo da Guiné. *Revista Camões*, v. 6, pp. 65-71, 1999.

- HAGEMEIJER, T. Initial vowel agglutination in the Gulf of Guinea creoles. In: ABOH, E. O.; SMITH, N. (eds.), *Complex processes in new languages*. Amsterdam: John Benjamins, 2009.
- HAGEMEIJER, Tjerk. The Gulf of Guinea Creoles: genetic and typological relations. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, v. 26, n. 1, pp. 111-54, 2011.
- HAGEMEIJER, Tjerk. The Gulf of Guinea creoles: genetic and typological relations. In: BHATT, P.; VEENSTRA, T. (eds.), *Creole languages and linguistic typology*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins. 2013b, pp. 163-206.
- HAGEMEIJER, Tjerk; MAURER-CECCHINI, Philippe; ZAMORA SEGORBE, Armando. *A Grammar of Fa d'Ambô*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2020.
- MAURER, Philippe. Tense-Aspect-Mood in Lung'Ie. In: SPEARS, A. K.; WINFORD, D. (eds.) *The structure and status of pidgins and creoles*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 1997, pp. 415-35.
- MAURER, Philippe. *Lung'Ie*. London: Battlebridge Publications, 2009.
- MITHUN, Marianne. On the relativity of irrealis. In: J. Bybee; S. Fleischman (eds). *Modality in Grammar and Discourse* (pp. 367-88). Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 1995.
- MITHUN, Marianne. *The languages of Native North America*. New York: Cambridge University Press, 1999.
- MUYSKEN, Pieter C. Creole Tense/Mood/Aspect systems: The unmarked case? In: MUYSKEN, P.C. (eds), *Generative Studies on Creole Languages*. Dordrecht: Foris, 1981, pp. 181-99.
- PAYNE, Thomas Edward. *Describing Morphosyntax: A Guide for Field Linguists*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- PONTÍFICE, J. et al. *Alfabeto Unificado para a Escrita das Línguas Nativas de S. Tomé e Príncipe (ALUSTP)*. 2010. Unpublished manuscript.
- SCHUCHARDT, Hugo. Beiträge zur Kenntnis des Kreolischen Romanisch IV. *Zum Negerportugiesischen der Ilha do Príncipe*. *Zeitschrift für Romanische Philologie*, v. 13, pp. 461-75, 1889.
- SINGLER, Jonh Victor. Pidgin and Creole Tense/Mood/Aspect Systems. *Creole Language Library*, v. 6. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 1990. Available in: <https://doi.org/10.1075/cll.6>.
- TAYLOR, Douglas R. Grammatical and lexical affinities of creoles. In: Dell Hymes (ed). *Pidginization and creolization of languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1971, pp. 293-96.
- TAYLOR, Douglas R. *Languages of the West Indies*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1977.
- WINFORD, Donald. Creole Tense-Mood-Aspect Systems. *Annual Review of Linguistics*, v. 4, pp. 193-212, 2018.

PONTO DE VISTA E USO DE ASPAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ANÁLISE DE MANCHETES JORNALÍSTICAS

VIEWPOINT AND QUOTATION MARKS IN BRAZILIAN PORTUGUESE: ANALYZING NEWS HEADLINES

Lilian Ferrari¹

Diogo Pinheiro²

RESUMO

Este trabalho enfoca o uso de aspas em manchetes jornalísticas do português brasileiro, sob a perspectiva teórica da Linguística Cognitiva e, mais especificamente, da Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994, 1997; FAUCONNIER; TURNER, 2002). Com base no primitivo discursivo de Ponto de Vista (CUTRER, 1994; FAUCONNIER; SWEETSER, 1996; DANCYGIER; SWEETSER, 2012), propõe-se uma explicação unificada para o fenômeno, sob o argumento de que o uso de aspas indica mudança de Ponto de Vista na rede de espaços mentais estabelecida à medida que o discurso se desenvolve. Em particular, a análise evidencia que o uso de aspas para indicar deslocamento de Ponto de Vista pode ocorrer em dois contextos principais nas manchetes: (i) do espaço Base/*Ground* para um espaço de discurso reportado (discurso direto ou discurso direto parcial); (ii) do espaço Base/*Ground* para o Espaço Metalinguístico, que constitui um espaço mais implícito na Rede de Espaços Comunicativos Básicos (BCSN), no caso de processos metafóricos e/ou metonímicos.

PALAVRAS-CHAVE: Aspas. Ponto de vista. Discurso reportado. Linguagem figurada.

ABSTRACT

This work focuses on the use of quotation marks in Brazilian Portuguese news headlines, drawing on Cognitive Linguistics and, more specifically, Mental Spaces Theory (FAUCONNIER, 1994, 1997; FAUCONNIER; TURNER, 2002). Based on the discourse primitive of Viewpoint (CUTRER, 1994; DANCYGIER; SWEETSER, 2012), a unified explanation for the phenomenon is proposed, arguing that the use of quotation marks indicates Viewpoint shift in the mental spaces network established as discourse unfolds. In particular, the analysis shows that the use of quotation marks to indicate Viewpoint shift can occur in two main contexts: (i) from the Base/*Ground* space to a reported speech space (direct speech and partial direct speech); (ii) from the Base/*Ground* space to a more implicit Metalinguistic space in the Basic Communicative Spaces Network (BCSN), in the case of metaphorical and/or metonymic processes.

KEYWORDS: Quotation marks. Viewpoint. Reported speech. Figurative language.

Introdução

O uso de aspas tem sido tratado, tradicionalmente, como um processo semântico, em que as aspas são concebidas como mecanismos de sinalização de uma referência semântica especial (QUINE, 1951; DAVIDSON, 1984; WASHINGTON, 1992). Mais recentemente, vários estudos têm apontado que explicações pragmáticas podem fornecer uma compreensão mais abrangente do

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), lilianferrari@letras.ufrj.br, <https://orcid.org/0000-0001-7808-4425>.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), diogopinheiro@letras.ufrj.br, <https://orcid.org/0000-0003-2403-5040>.

fenômeno (RECANATI, 2001, 2009; GUTZAMAN; STEI, 2011). De acordo com esses estudos, as aspas funcionam como marcadores pragmáticos mínimos que bloqueiam a interpretação prototípica da expressão a que se aplicam, indicando que uma interpretação alternativa deveria ser inferida.

Na esteira desses estudos, o presente trabalho propõe uma explicação cognitiva para o uso de aspas, sob a perspectiva teórica da Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994, 1997). Com base em desenvolvimentos recentes da teoria (SANDERS, SANDERS; SWEETSER, 2009; FERRARI; SWEETSER, 2012), o objetivo é estabelecer uma proposta unificada para o fenômeno, argumentando que o uso de aspas sinaliza o afastamento da interpretação prototípica de uma expressão por força da mudança do *Ponto de Vista* (PV) do espaço *Base/Ground* para outros espaços disponíveis na rede de espaços mentais.

O trabalho está organizado em quatro seções principais. A seção 1, a seguir, detalha a fundamentação teórica, destacando a noção de espaço mental e suas relações com o primitivo discursivo de *Ponto de Vista*. Na seção 2, são apresentados os procedimentos metodológicos, detalhando-se a natureza dos dados utilizados, os objetivos e hipóteses da pesquisa. A seção 3 analisa manchetes jornalísticas que apresentam discurso reportado (direto e direto parcial) e linguagem figurada (metáfora e metonímia), argumentando que o processo de mudança de PV associado a esses fenômenos promove uma explicação unificada para o uso de aspas. Por fim, a seção 4 sintetiza as principais descobertas e aponta para desenvolvimentos futuros.

1. Teoria dos Espaços Mentais: do modelo original à versão BCSN

Um dos pressupostos teóricos básicos da Linguística Cognitiva é a ideia de que a construção do significado é cognitivamente motivada. Nesse sentido, a noção de *construal*, proposta por Langacker (1987, 1991), torna-se particularmente relevante, na medida em que demonstra que há modos alternativos de construir uma determinada cena. Por exemplo, com relação à descrição de uma situação envolvendo um tipo específico de disposição vertical entre um cachorro e uma almofada, é possível dizer que “o cachorro está em cima da almofada” ou que “a almofada está embaixo do cachorro”. As duas sentenças terão o mesmo valor de verdade, já que descrevem a mesma cena. Entretanto, ainda que os valores-verdade sejam os mesmos, as sentenças estabelecem *construals* distintos e, portanto, não são intercambiáveis em seus contextos de uso. Assim, o primeiro exemplo seria adequado como resposta à pergunta “Onde está o cachorro?”, enquanto o segundo seria uma resposta natural à pergunta “Onde está a almofada?”.

Um aspecto relevante do *construal* é a perspectiva. Em termos visuais, o que percebemos depende do local de onde vemos um determinado cenário. De forma análoga, ao construirmos cognitivamente uma cena, escolhemos uma perspectiva, que se reflete no Ponto de Vista assumido. Sendo assim, toda sentença reflete, necessariamente, algum grau de perspectivação.

No âmbito da Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994, 1997), o Ponto de Vista (PV) é definido como um primitivo discursivo. O modelo prevê que há expressões gramaticais (*space*

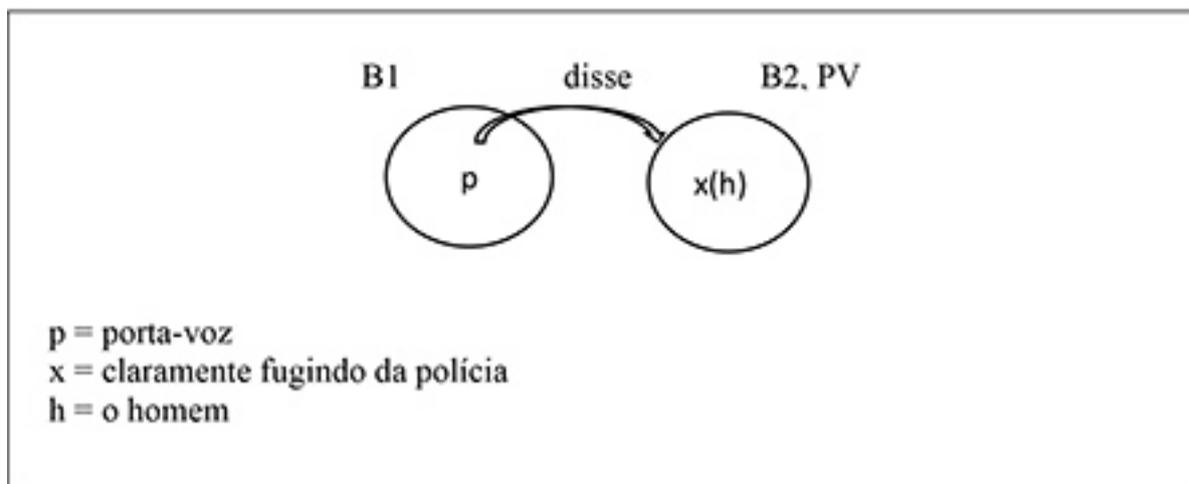
builders) que constroem novos espaços mentais à medida que o discurso se desenvolve. Esses espaços são normalmente criados a partir de um Ponto de Vista, (normalmente o espaço Base/*Ground*, ponto de referência que envolve falante/redator, ouvinte/leitor e circunstâncias espaço-temporais do evento de fala), a partir do qual a informação sobre o Foco (espaço destacado referencialmente) é acessada (CUTRER, 1994; FAUCONNIER e SWEETSER, 1996). Por exemplo, o pretérito perfeito em “Maria caminhou até a praia” indica que, enquanto o espaço Foco é o espaço de Conteúdo Passado em que o evento destacado é elaborado, o acesso a esse espaço Foco é feito a partir de um espaço de Ponto de Vista em que a caminhada de Maria até a praia não está acontecendo.

Com relação à mudança de Ponto de Vista, um caso discutido na literatura e que também é relevante para a análise aqui proposta, é o do discurso reportado. Sanders e Redecker (1996), em texto clássico sobre o tema, enfocam o deslocamento de PV, considerando casos de discurso direto e discurso direto parcial. Retomemos, inicialmente, o seguinte exemplo de discurso direto (SANDERS; REDECKER, 1996, p. 297):

(1) “O homem estava claramente fugindo da polícia”, disse o porta-voz.

Em (1), a cláusula “disse o porta-voz” abre um novo espaço, a partir do Espaço Base do narrador (B1). Esse espaço encaixado é, na verdade, um novo espaço Base (B2), já que todos os aspectos do centro referencial são deslocados para o novo narrador, ou seja, o falante reportado. Observemos o diagrama a seguir:

Figura 1: Representação de espaços mentais para discurso direto



Fonte: adaptado de Sanders e Redecker (1996)

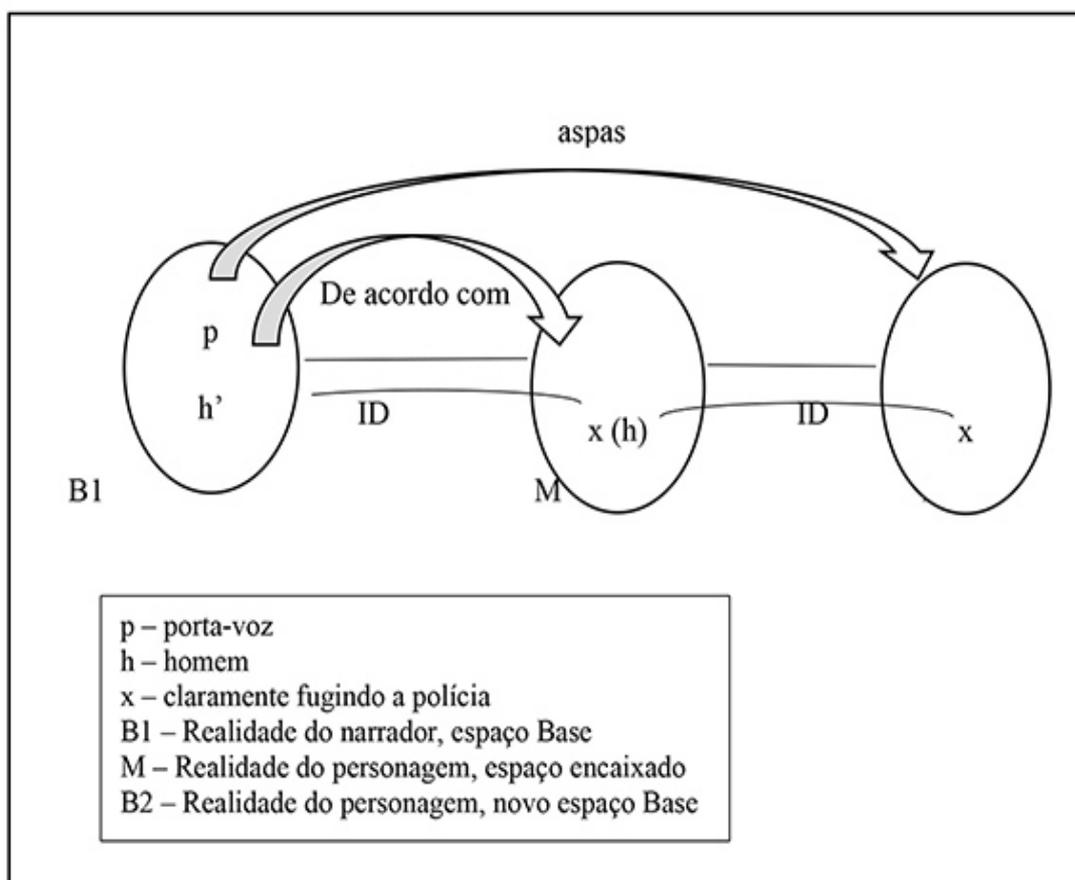
No discurso direto representado na figura 1, o Ponto de Vista é deslocado para o espaço B2 – o espaço do porta-voz. O uso de aspas na cláusula reportada indica justamente esse deslocamento.

Há, ainda, casos de “discurso direto parcial”³. Nesses casos, o jornalista reporta a fala de outrem indiretamente, sob seu próprio ponto de vista, mas seleciona estruturas menores do que uma cláusula completa para reportar diretamente, mudando nesse momento o PV para o falante reportado. Consideremos o seguinte exemplo (SANDERS; REDECKER, 1996, p. 298):

- (2) De acordo com o porta-voz, o homem estava “claramente fugindo da polícia”.

A mudança de PV, no exemplo (2), pode ser assim representada:

Figura 2: Representação de discurso direto parcial



Fonte: Sanders e Redecker (1996)

³ Esses casos parecem se incluir no que é denominado “*scare quotes*” na literatura (PREDELLI, 2003). Entretanto, como o termo pode ser usado para casos não diretamente relacionados ao discurso reportado, optamos por usar o termo “discurso direto parcial” (*partial quotes*), com base em Sanders & Redecker (1996).

Na figura 2, o marcador “de acordo com” abre um novo espaço M relativo ao espaço Base (B1), indicado pela seta que vai do falante (p), a quem o pronunciamento é atribuído, ao espaço M. As aspas abrem um novo espaço Base (B2), encaixado em M, na medida em que, no discurso direto parcial, o centro referencial é movido para um novo narrador, isto é, o porta-voz (p)⁴.

Tomando como ponto de partida a versão original da Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994, 1997), Sanders, Sanders e Sweetser (2009) propuseram uma versão significativamente mais sofisticada do modelo, que aqui será referida como versão BCSN (por motivos que serão esclarecidos em breve). O ponto de partida dessa versão é a necessidade de estabelecer uma separação clara entre evento interacional em si mesmo e o conteúdo efetivamente comunicado. Para entender esse ponto, consideremos uma sentença como “João tem 30 anos”. Na versão original do modelo, a informação associada a essa sentença é estruturada no Espaço Base. Isso se justifica pelo fato de se tratar de uma informação presente e real, que coincide com o aqui-e-agora dos interactantes. Ou seja: a Base é, ao mesmo tempo, o “lugar” onde estão os interlocutores, sujeitos de comunicação e conceptualização, e o espaço onde está o João, o objeto comunicado e conceptualizado. O problema reside, precisamente, na mistura entre esses dois planos. Embora, neste caso, exista (algum grau de) coincidência temporal entre eles, trata-se de níveis qualitativamente distintos: uma coisa é o ato de interação em que os interlocutores se alternam nos papéis de falante e ouvinte(s); outra é o conteúdo efetivamente conceptualizado e veiculado pelo discurso.

Essa separação é um dos pilares da versão BCSN. O plano da situação comunicativa (o aqui-e-agora interacional) tem sido chamado alternativamente de Centro Dêitico da Comunicação (SANDERS; SANDERS; SWEETSER, 2009; 2012) e de *ground* (FERRARI; SWEETSER, 2012), termo também empregado na gramática langackeriana e definido da seguinte maneira: “O evento de fala, seus participantes e suas circunstâncias imediatas” (LANGACKER, 1991, p. 548). Por seu turno, o plano do conteúdo efetivamente comunicado/conceptualizado corresponde ao Domínio do Conteúdo (DC).

Esta, porém, não é a única inovação do modelo de Sanders, Sanders e Sweetser (2009). Para além de postular a separação entre o evento de fala e o Domínio do Conteúdo, os autores propõem ainda que o plano do evento de fala seja representado não como um único espaço mental, mas como uma *rede de espaços mentais interconectados*. Essa rede é referida no modelo como BCSN⁵ – sigla em inglês para *Rede de Espaços Comunicativos Básicos*.

A ideia de fragmentação (ou multiplicação) da base decorre, primariamente, do seguinte raciocínio. No modelo original da Teoria dos Espaços Mentais, o chamado Espaço Base apresenta

⁴ A sigla ID, que pode ser vista na figura 2, representa a existência de uma relação de identidade entre duas contrapartes de uma “mesma entidade” situadas em espaços mentais distintos. Essa notação é convencional na Teoria dos Espaços Mentais. Da mesma forma, é convencional o uso de uma mesma variável em dois espaços mentais distintos – um deles com “linha” e o outro não – como forma de marcar que dois referentes são contrapartes (isto é, referem-se, uma vez mais, à “mesma” entidade em espaços distintos). Na figura 2, esse expediente pode ser visto no cotejo entre os referentes h’, situado no Espaço B1, e h, situado no espaço M.

⁵ Optamos por manter a abreviação BCSN, que corresponde, em inglês, à expressão *Basic Communicative Space Network*.

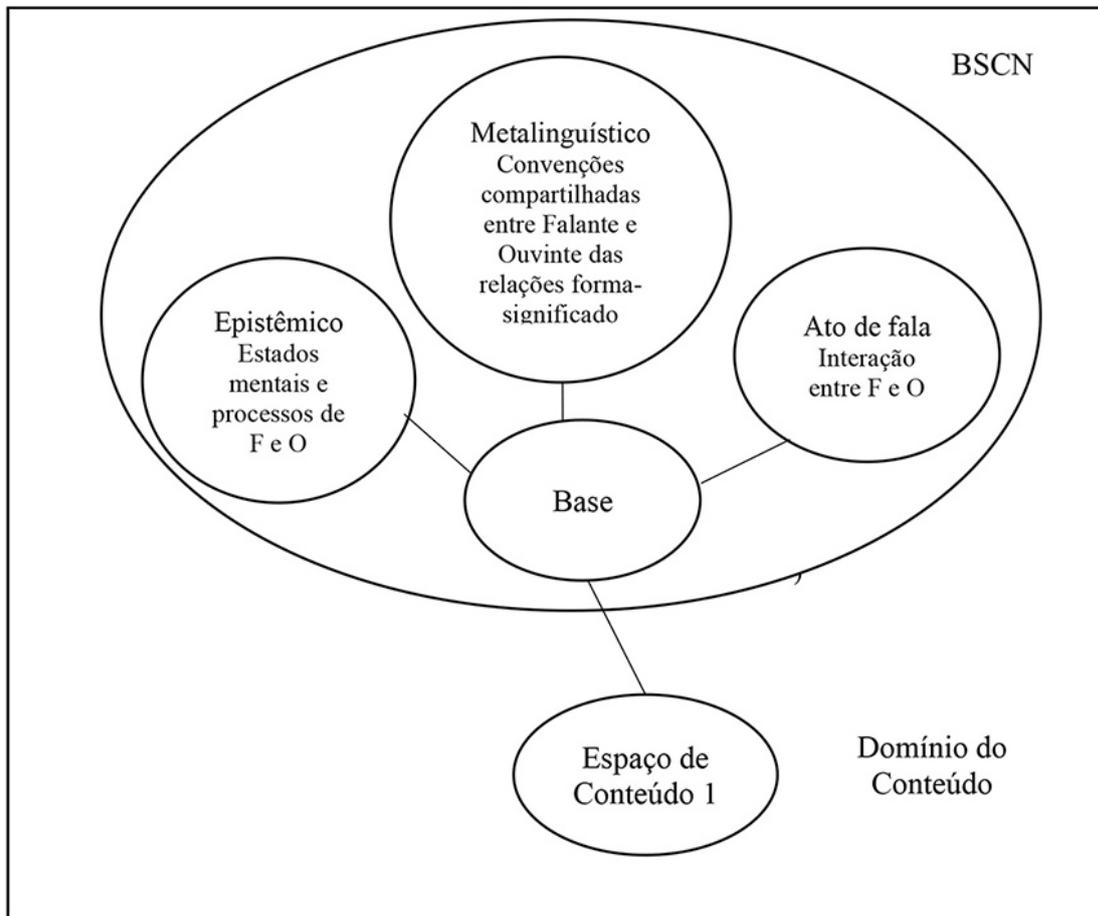
duas propriedades importantes: (i) é tratado como um espaço “evocado de graça” (“evoked for free”, nos termos de Sanders, Sanders e Sweetser (2009, p. 25)) – o que significa que ele está disponível por *default* em qualquer situação comunicativa, de maneira que sua evocação prescinde de um disparador linguístico; e (ii) inclui informações referentes aos parâmetros espaço-temporal do evento de fala. A ideia aqui é a de que essas informações implícitas e automaticamente disponíveis ancoram a interpretação do enunciado linguístico.

Os autores argumentam, porém, que esses parâmetros não são as únicas informações implícitas automaticamente disponíveis para ancorar a interpretação dos enunciados. No mínimo, eles sugerem, essa interpretação se ancora ainda em três tipos de conhecimentos compartilhados entre os interlocutores: conhecimento de mundo, conhecimento pragmático e conhecimento linguístico. Para dar conta desse fato, os autores sugerem que ao menos outros três espaços mentais devem ser postulados, juntamente com o Espaço Base original, no plano do evento de fala: (i) o Espaço Epistêmico, que inclui as crenças e processos de raciocínio do Falante e do Ouvinte; (ii) o Espaço de Ato de Fala, que inclui informações pragmáticas, como a moldura comunicativa e a força ilocucionária dos enunciados; e (iii) o Espaço Metalinguístico, que inclui formas linguísticas compartilhadas entre os interlocutores. Ferrari e Sweetser (2012, pp. 48-49) definem esses quatro espaços da seguinte maneira:

- (1) um Espaço Base/Ground, ou Espaço Real (cf. LIDELL, 1998, 2003): o Falante e Ouvinte reais no seu cenário espaço-temporal;
- (2) um ou mais Espaços Epistêmicos: os entendimentos das crenças e processos de raciocínio do Falante e do Ouvinte, que também funcionam como pano de fundo para a comunicação;
- (3) um Espaço de Ato de Fala relativo ao ato de fala performado (por exemplo, se se trata de uma afirmação ou uma pergunta);
- (4) um Espaço Metalinguístico, que inclui as formas linguísticas compartilhadas que podem ser referenciadas se os usos selecionados forem trazidos à consciência ou disputados. (FERRARI; SWEETSER, 2012, pp. 48-49).

Na versão BCSN, portanto, o ponto de partida é sempre um conjunto de espaços básicos interconectados, associados a diferentes tipos de conhecimentos atribuíveis aos interlocutores. É sempre a partir dessa rede que se constroem os Espaços de Conteúdo, nos quais são incluídas as informações efetivamente conceptualizadas e comunicadas.

A organização da BCSN pode ser esquematizada da seguinte forma:

Figura 3: Rede de Espaços Comunicativos Básicos (BCSN)

Fonte: adaptado de Ferrari e Sweetser (2012)

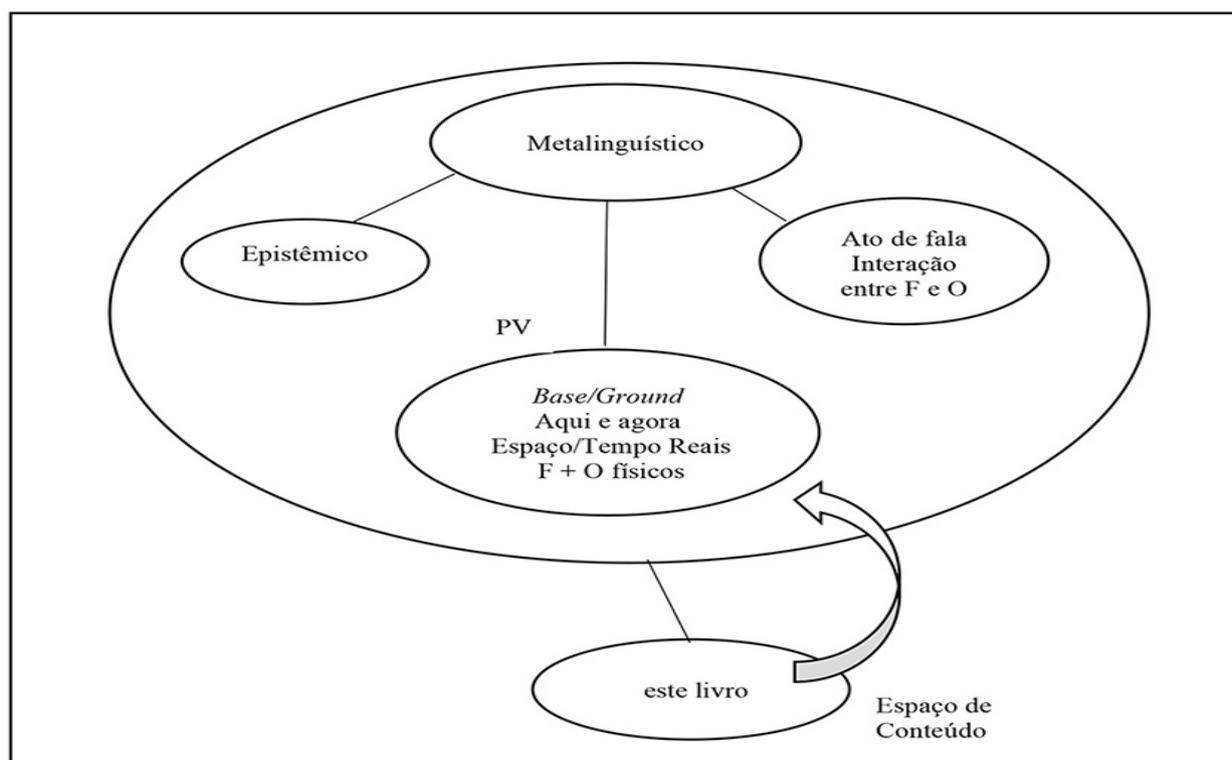
Em relação à organização dessa rede de espaços mentais, um ponto particularmente importante para os nossos propósitos é o de que pode haver, e frequentemente há, mais de uma BCSN na rede evocada por uma determinada sequência discursiva. Isso ocorre sempre que a própria sequência faz referência explícita a ações comunicativas de algum sujeito cognitivo. Nesses casos, para além da BCSN correspondendo ao aqui-e-agora da interação em curso, existe ainda, dentro do Domínio do Conteúdo, uma segunda BCSN, associada à situação comunicativa que está sendo comunicada. Como argumentam Sanders, Sanders e Sweetser (2009), essa possibilidade acrescenta uma complexidade adicional ao modelo:

Existe inevitavelmente uma proeminência especial para a Rede de Espaços Comunicativos Básicos, em oposição a outros espaços que são construídos como parte da rede – em sentido amplo, ela é o centro dêitico da rede de espaços mentais. O que torna isso complexo é o fato de que qualquer Sujeito de Consciência tem seu próprio Espaço Base; e qualquer Sujeito de Consciência que se comunique constrói essa sub-rede, e constitui um nexos dêitico potencial na rede de espaços mentais. Autores, narradores, falantes – cada um desses tem uma rede de espaços comunicativos. (SANDERS; SANDERS; SWEETSER, 2009, p. 27)

A título de ilustração, pensemos em um exemplo como “João avisou que chegaria tarde”, em que se faz referência ao evento comunicativo do aviso. Por um lado, a informação relativa a esse evento faz parte do domínio do conteúdo, já que se trata de um dado que é tomado como objeto de comunicação explícita. Ao mesmo tempo, o próprio evento de aviso se constitui como uma situação comunicativa, de modo que nele havia interactantes com seus próprios conhecimentos acerca do evento de fala, os quais são capturados por meio dos diferentes espaços que compõem a BCSN. Sob essa ótica, a sentença “João avisou que chegaria tarde” envolve uma rede de espaços mentais com duas BCSNs: uma associada ao evento de produção desse enunciado e outra associada à situação comunicativa em que João dá um aviso. Esta segunda é, naturalmente, parte do Domínio do Conteúdo.

Como argumentam Ferrari e Sweetser (2012), a fragmentação do Espaço Base em uma rede de espaços interconectados abre a possibilidade para dar conta de diferentes fenômenos – em particular, aqueles ligados ao fenômeno da (inter)subjetificação – a partir da noção da Ponto de Vista, um primitivo discursivo caro à Teoria dos Espaços Mentais desde, pelo menos, Fauconnier (1997). Para ilustrar como o Ponto de Vista pode se deslocar na BCSN, retomaremos a construção dêitica *this book* (“este livro”), discutida por Ferrari e Sweetser (2012, pp. 52-53). Como destacam as autoras, o significado do dêitico locativo *this* (“este”) é construído no espaço de Conteúdo, a partir do Ponto de Vista da Base/*Ground*, conforme ilustrado a seguir:

Figura 4: Ponto de Vista na Base/*Ground* (dêitico “este”)

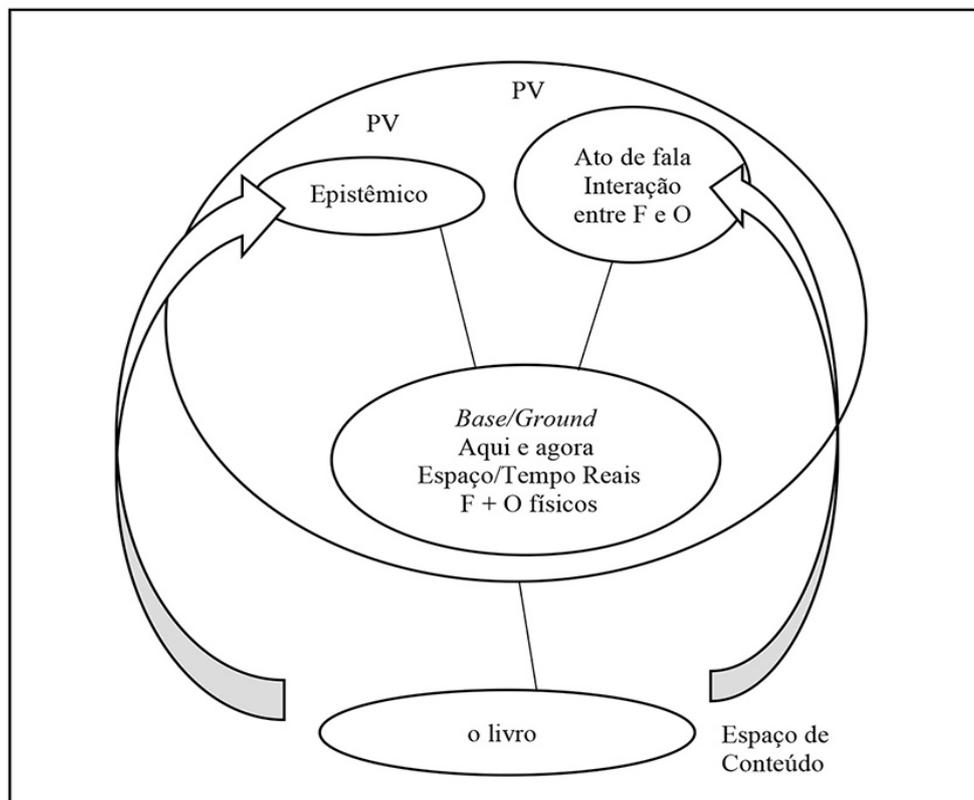


Fonte: adaptado de Ferrari e Sweetser (2012, p. 51)

A figura 4 indica que a interpretação do dêitico “este” envolve a localização do Ponto de Vista na Base/*Ground*, enquanto o Espaço de Conteúdo é o Foco primário, incluindo a referência ao objeto *livro*. A seta voltada para cima indica que o acesso a esse referente é obtido via referência à estrutura implícita (não mencionada) do Espaço Real de relações espaciais (Base/*Ground*). Isto é, uma sentença como “Este livro é azul” não coloca em proeminência a rede presumida de relações espaciais no *Ground*, e sim a entidade apontada pelo dêitico, mas deve ser interpretada a partir do ponto de vista do indivíduo situado no tempo-espço real do evento de fala.

Por outro lado, para ilustrar o deslocamento do Ponto de Vista para espaços mais implícitos da BCSN, Ferrari e Sweetser (2012) destacam o artigo definido “the” (“o/a”), como no caso da construção nominal *the book* (o livro):

Figura 5: Ponto de Vista em espaços mais implícitos da BCSN (“o livro”)



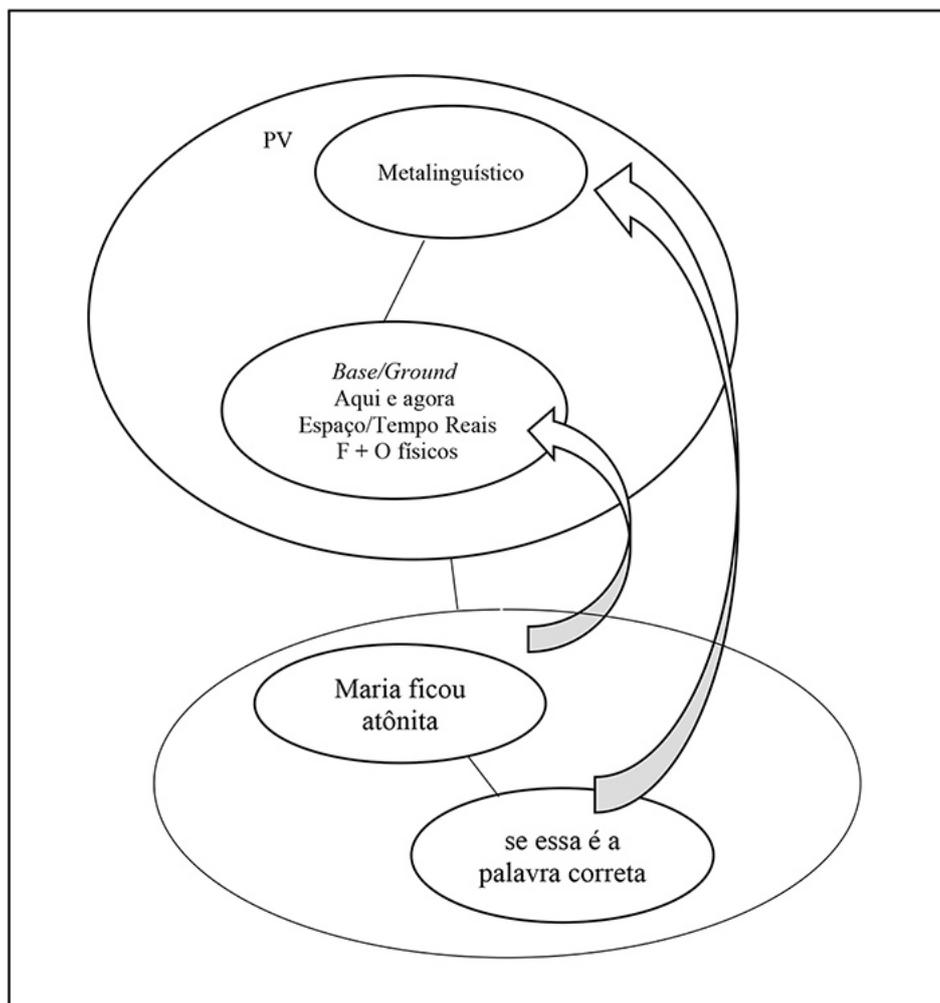
Fonte: adaptado de Ferrari e Sweetser (2012, p. 52)

Como representado na figura 5, a interpretação do artigo envolve referência implícita aos espaços menos acessíveis de estruturas cognitivas e discursivas associadas a ambos, o Espaço Epistêmico e o Espaço de Ato de Fala. Em outras palavras, essa representação captura o fato de que a interpretação do artigo evoca implicitamente o conhecimento dos interlocutores acerca da *disponibilidade cognitiva* de um referente no *registro do histórico conversacional* (e não sua disponibilidade visual no contexto físico imediato). Nesse caso, portanto, o ponto de vista a partir do qual a referência é

acessada situa-se, como mostra a figura 5, no Espaço Epistêmico (associado ao conhecimento acerca do universo mental dos interlocutores) e no Espaço de Ato de Fala (associada ao conhecimento sobre o histórico conversacional)⁶.

Com relação ao deslocamento de Ponto de Vista para o espaço Metalinguístico, consideremos uma sentença “Maria ficou atônita, *se essa é a palavra correta*”. Nesse caso, a prótase condicional estabelece uma referência implícita ao Espaço Metalinguístico, na medida em que envolve acesso ao conhecimento dos interlocutores acerca de um signo linguístico (o adjetivo “atônito”), que é parte do seu léxico mental. Essa situação está representada no diagrama a seguir:

Figura 6: Ponto de Vista em espaços mais implícitos da BCSN (“*se essa é a palavra correta*”)



Fonte: Elaboração dos autores

⁶ Existe uma certa flutuação na literatura em relação ao espaço mental onde se representa o histórico do registro conversacional. Aqui, na esteira do que propõem de Ferrari e Sweetser (2012), nós o representamos no Espaço de Ato de Fala. As próprias autoras reconhecem, contudo, a possibilidade de postulação de um Espaço Metatextual, que passaria a incluir essa informação (de maneira que, nesse caso, o Espaço de Ato de Fala passaria a incluir apenas informações relativas à moldura comunicativa e aos atos de fala performados). Essa solução é adotada, por exemplo, em Pinheiro e Ferrari (2017) e Ferrari e Almeida (2015). Esse ponto, contudo, não é diretamente relevante para este estudo, dado que, como mostraremos, o espaço mental da BCSN associado ao uso das aspas é o Espaço Metalinguístico.

A figura 6 representa o fato de que, enquanto a cláusula principal da construção condicional (“Maria ficou atônita”) adota a *Base/Ground* como Ponto de Vista, na medida em que constrói um Espaço de Conteúdo Passado em relação aos parâmetros espaço-temporais reais do evento de fala, a prótase condicional (“se essa é a palavra correta”) constitui um comentário metalinguístico referente à palavra “atônita”, utilizada para descrever o estado psicológico de Maria. Nesse caso, portanto, assim como no exemplo representado na figura 5, o significado é construído simultaneamente a partir de dois pontos de vista distintos: o Espaço Base real (*Base/Ground*) e o Espaço Metalinguístico. Aqui, vale reforçar que só se postula a existência do Ponto de Vista no Espaço Metalinguístico porque – em consonância com a definição proposta por Ferrari e Sweetser (2012, pp. 48-49) e citada mais acima – algum aspecto referente às próprias formas linguísticas é mencionado *de maneira explícita* e, portanto, “trazido à consciência”. Isto é: embora a interpretação de qualquer enunciado pressuponha o acesso ao conhecimento lexical e gramatical dos interlocutores, só se assume que o PV está situado no Espaço Metalinguístico nos casos em que as escolhas léxico-gramaticais são explicitamente colocadas em questão⁷.

Como veremos, neste estudo, a versão da Teoria dos Espaços desenvolvida originalmente por Sanders, Sanders e Sweetser (2009), que se caracteriza essencialmente pela inserção da BCSN, será fundamental para que se possa oferecer um tratamento unificado para o emprego das aspas em termos de deslocamento do Ponto de Vista.

2. Metodologia

Os procedimentos metodológicos do estudo incluem a seleção dos dados, os objetivos e as hipóteses da pesquisa. Com relação aos dados, embora o uso de aspas possa ser verificado em diferentes contextos e gêneros textuais, optou-se pela utilização de textos jornalísticos e, mais especificamente, de manchetes jornalísticas, com o objetivo de obter dados mais regulares e homogêneos. Sendo assim, foram reunidas 125 manchetes retiradas das páginas principais (“Homes”) dos *sites* UOL (<https://www.uol.com.br>) e G1 (<https://g1.globo.com>) no período de abril a agosto de 2023.

A pesquisa objetiva fornecer uma explicação unificada para o uso de aspas, com base na hipótese geral de que esse sinal gráfico sinaliza uma mudança de Ponto de Vista. Em particular, argumentaremos que, na conceptualização do significado de sequências marcadas por aspas, o Ponto de Vista pode se deslocar para espaços criados a partir da *Base/Ground* ou para espaços mais implícitos, que fazem parte da BCSN.

⁷ A associação entre domínio metalinguístico / espaço metalinguístico, de um lado, e referência explícita a escolhas lexicais ou gramaticais, de outro, está presente desde a chamada “teoria dos domínios” (“domain theory”), teorização que permitiu originalmente a classificação de orações condicionais nos domínios de conteúdo, epistêmico, de ato de fala e metalinguístico. Essa teoria foi desenvolvida sobretudo por Eve Sweetser e Barbara Dancygier (DANCYGIER; SWEETSER, 2005; SWEETSER, 1999; DANCYGIER, 1998) e se constitui como um antecedente histórico direto da versão BCSN da Teoria dos Espaços Mentais.

3. Análise

De acordo com os dados coletados, as aspas em manchetes jornalísticas ocorrem em contextos de discurso reportado e de linguagem figurada. A seguir, a distribuição do uso de aspas nesses contextos é apresentada:

Tabela 1: Contextos de uso de aspas em manchetes jornalísticas

TIPOS DE USO	Frequência	%
Discurso reportado	79	63,20%
Linguagem figurada	46	36,80%
Total	125	100%

Fonte: Elaboração dos autores

Como indica a tabela 1, a ocorrência de aspas para sinalizar discurso reportado é mais frequente nos dados, embora as aspas também sejam usadas para indicar linguagem figurada com relativa frequência.

A seguir, cada uma das estratégias será discutida e exemplificada.

3.1. Mudança de Ponto de Vista no discurso reportado

A sinalização de mudança de Ponto de Vista ocorre quando o redator reporta a fala de uma outra pessoa por meio de discurso direto ou de discurso direto parcial. Sendo assim, o que se apresenta entre aspas deixa de estar associado ao ponto de vista do jornalista, e passa a sinalizar o ponto de vista do falante reportado⁸. Em termos quantitativos, observou-se a seguinte distribuição nos dados:

Tabela 2: Tipos de discurso reportado e uso de aspas

DISCURSO REPORTADO	Frequência	%
Discurso direto	46	58,23%
Discurso direto parcial	33	41,77%
Total	70	100%

Fonte: Elaboração dos autores

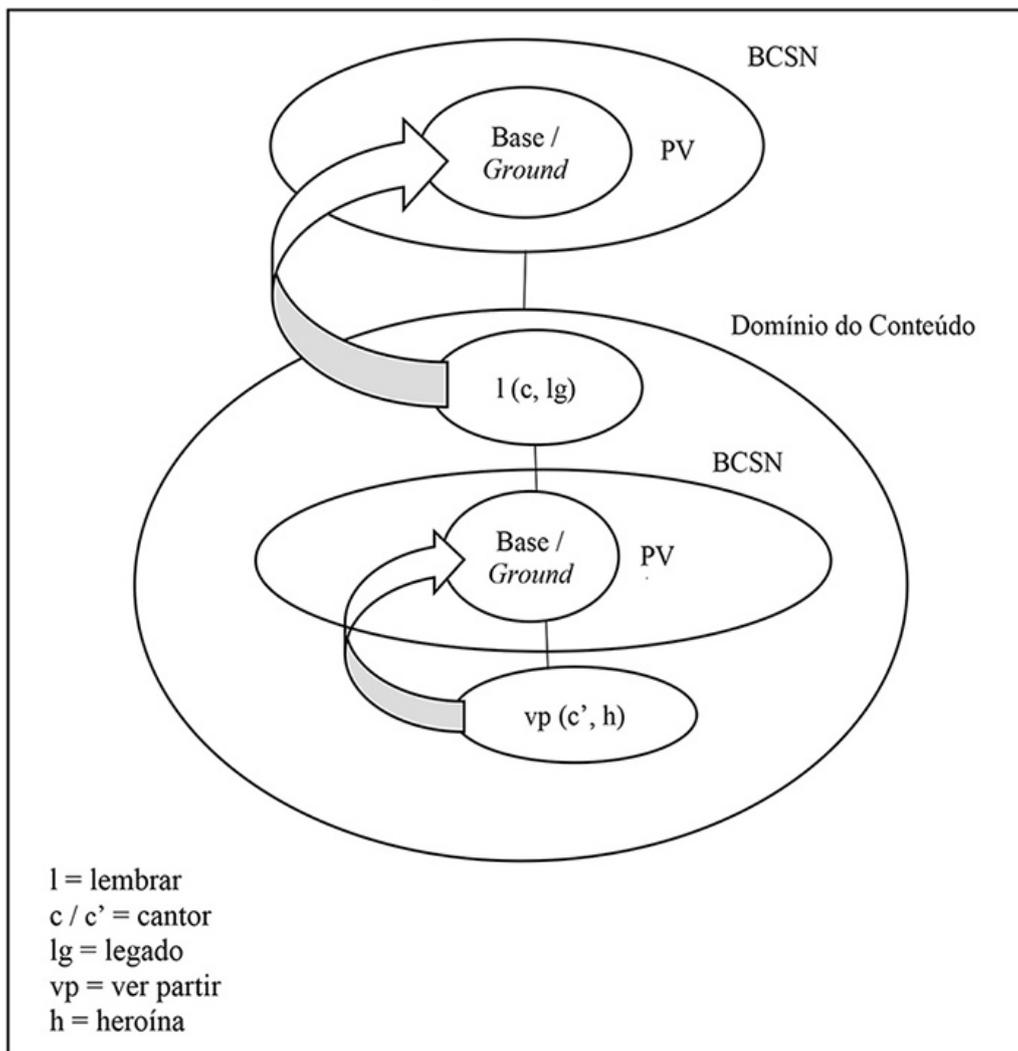
Como ilustra a tabela 2, embora o discurso direto parcial apresente frequência em torno de 40%, a ocorrência mais frequente é aquela em que a manchete reproduz uma sentença emitida pelo falante reportado em moldes de discurso direto:

⁸ Na fala, Coutinho e Rocha (2016) mostraram que, na ausência de verbo *dicendi*, o discurso reportado tende a ser sinalizado por meio de “pausa entre a unidade introdutora e a unidade reportada” (COUTINHO; ROCHA, 2016, p. 185). Já no discurso indireto livre, segundo os mesmos autores, a voz do outro seria sinalizada pela presença de F0 “mais alta na unidade reportada e não na unidade ‘introdutora’” (COUTINHO; ROCHA, 2016, p. 185). As aspas funcionariam, então, como recurso gráfico correspondente ao recurso prosódico da pausa (no contexto de discurso reportado). Do ponto de vista pragmático, vale notar ainda que os discursos reportados canônico e fictivo parecem desempenhar funções bastante específicas na organização do discurso (ROCHA; SILVA, 2023; ROCHA, 2020). Esse ponto, porém, foge ao escopo deste artigo.

(3) Cantor lembra legado: “Vendo essa heroína partir”

Em (3), o jornalista reproduz a fala de um determinado cantor no velório da mãe. O Ponto de Vista, portanto, se desloca da Base/Ground dos interactantes para uma nova Base/Ground, correspondente ao espaço-tempo do velório.

Figura 7: Representação de discurso direto



Fonte: Elaboração dos autores

Como mostra a figura 7, a sentença “Cantor lembra legado” deve ser interpretada com base nos parâmetros espaço-temporais do evento de fala, o que significa que, nesse momento do desenvolvimento do fluxo discursivo, o PV se localiza na Base/Ground. Ao mesmo tempo, à luz do modelo original da Teoria dos Espaços Mentais, diríamos que essa sentença leva à abertura de um novo espaço mental por meio da forma verbal “lembra”, que funciona como *space builder*. Este seria algo como um “Espaço da memória” ou “Espaço do discurso reportado”.

Na versão BCSN, contudo, conforme observado na seção 1, assume-se que cada sujeito cognitivo citado em uma narrativa tem sua própria rede de espaços básicos. Assim, a menção, por meio do verbo “lembrar”, a um outro evento de fala dispara uma nova rede de espaços básicos, associada a evento. Em outras palavras, a partir desse ponto os interactantes passam a conceptualizar não apenas a situação comunicativa na qual eles se encontram, que ancora em última instância a totalidade do discurso sendo veiculado, mas também uma situação comunicativa alternativa, cujo discurso está sendo reportado.

Naturalmente, essa segunda rede de espaços básicos, subordinada à primeira, inclui uma *Base/Ground*, que define os parâmetros espaço-temporais do evento reportado. Ao mesmo tempo, conforme já comentamos na seção 1, a versão BCSN da Teoria dos Espaços Mentais requer a separação entre a situação comunicativa e o conteúdo comunicado. Por essa razão, a situação verbalizada pelo ator, e expressa por meio de uma cláusula encaixada, deve ser representada em um espaço subordinado à segunda rede de espaços básicos. É precisamente essa configuração que está representada na figura 7.

Como se sabe, o discurso reportado, por definição, presentifica o evento designado. Uma evidência disso, no exemplo em questão, é o fato de que, se o verbo auxiliar estivesse explícito, ele necessariamente deveria estar no presente: “estou vendo essa heroína partir”. Isso significa que o evento denotado pela sequência entre aspas é construído a partir da *Base/Ground* inserida no Domínio de Conteúdo – isto é, a *Base/Ground* da rede de espaços básicos do cantor (e não a do jornalista). Para representar esse fato, o PV está posicionado nessa *Base/Ground*, como se pode ver na figura 7.

O exemplo (4) é bastante semelhante. Aqui, contudo, é interessante notar que, embora o uso de aspas indique que a sentença é reportada, ela não é introduzida por uma sentença reportadora prototípica:

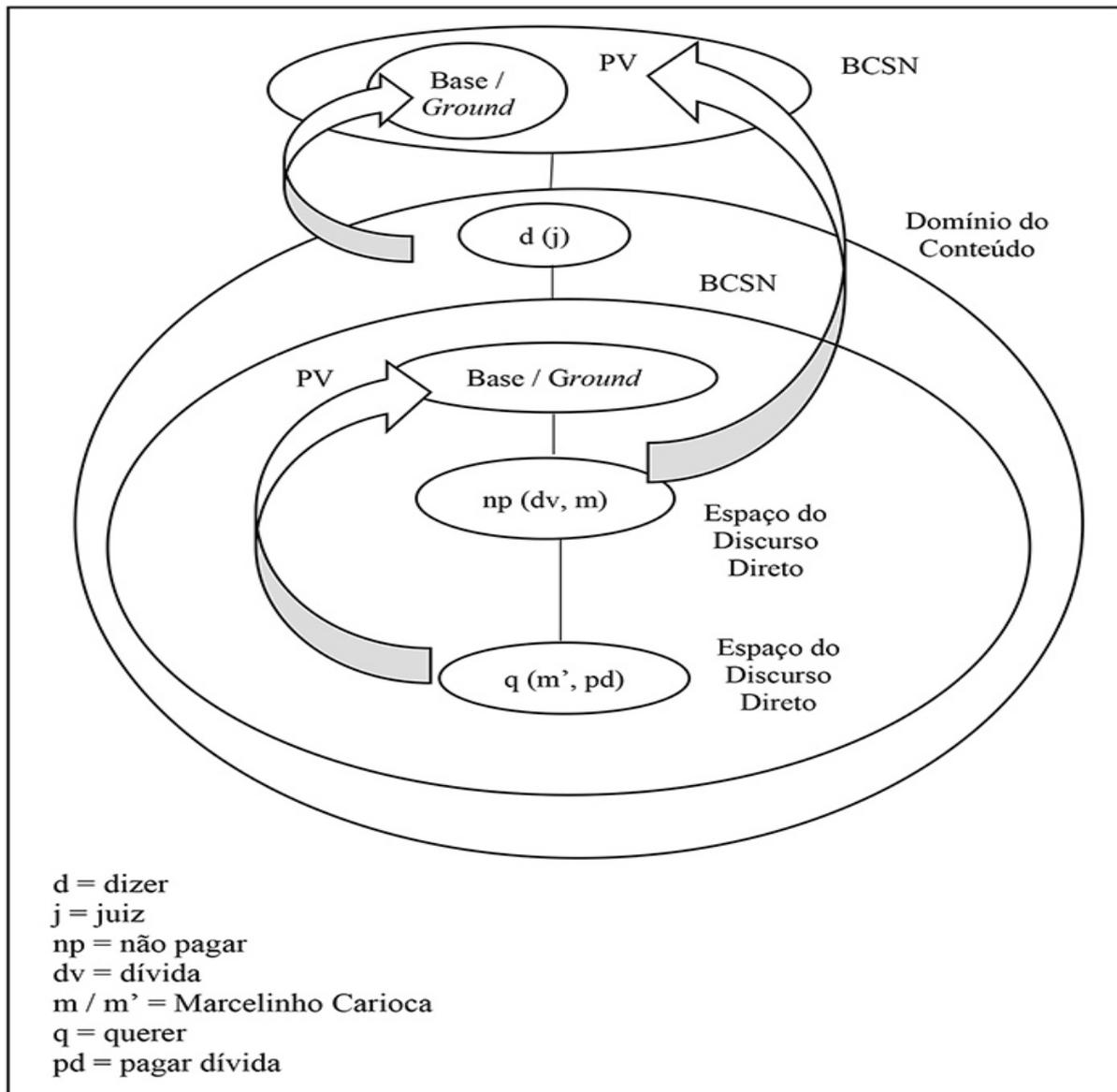
- (4) ‘Você não tem cara de autista’: estereótipos geram preconceito (G1, 2/4/23)

Em (4), as aspas na cláusula *você não tem cara de autista* permitem a interpretação de que a sentença é reportada. Além disso, por não ser introduzida por uma sentença reportadora prototípica, mas estar associada à generalização *estereótipos geram preconceito*, produz-se a inferência de que se trata de um comentário *normalmente*, ou tipicamente, verbalizado por pessoas em geral.

Por sua vez, o discurso direto parcial, em que as aspas selecionam apenas trechos menores do que uma cláusula, pode ser assim ilustrado:

- (5) Juiz diz que Marcelinho Carioca não paga dívida ‘porque não quer’

A mudança de PV, no exemplo (5), pode ser assim representada:

Figura 8: Representação de discurso direto parcial

Fonte: elaboração dos autores

Na figura 8, o evento denotado pela cláusula principal está representado no primeiro espaço mental incluído no Domínio do Conteúdo. Ao mesmo tempo, o verbo “diz”, na medida em que evoca uma situação comunicativa alternativa (diferente daquela associada ao aqui-e-agora dos interactantes) abre, dentro do mesmo Domínio do Conteúdo, uma nova BCSN, referente ao evento de fala que tem o juiz – e não mais o jornalista – como falante. Ao mesmo tempo, o complementizador “que” abre um espaço de relato, rotulado acima como Espaço do Discurso Indireto. Nesse espaço, é construído o evento referente ao conteúdo relatado pelo juiz, qual seja, o evento denotado por “(Marcelinho Carioca) não paga a dívida”. Note-se que tanto esse evento quanto o evento do relato são construídos a partir de um Ponto de Vista situado na Base/Ground dos interactantes.

A situação fica mais complexa, contudo, quando se passa para a cláusula causal “porque não quer”. Aqui, as aspas marcam o fim do discurso indireto e o início do discurso direto (parcial). Essa cláusula, portanto, abre um novo espaço mental, encaixado no espaço anterior. Conforme já comentamos, o discurso direto presentifica o evento relatado, alterando o centro referencial da interpretação. Isso é capturado no modelo pela migração do PV da Base/*Ground* dos interactantes para a Base/*Ground* do relato, na qual o falante é o juiz, conforme representado na figura 8º.

3.2. Mudança de PV na linguagem figurada

O uso de aspas pode sinalizar a mudança de PV associada a processos figurativos (metafóricos e metonímicos). Em termos quantitativos, os dados apresentaram a seguinte distribuição:

Tabela 3: Processo figurativo e uso de aspas

LINGUAGEM FIGURADA	Frequência	%
Metáfora	18	39,13%
Metonímia	28	60,87%
Total	46	100%

Fonte: Elaboração dos autores

As frequências de uso de aspas em metáforas e metonímias demonstram que, ao menos no contexto investigado, a sinalização de usos metonímicos é mais comum (60,87%), embora a sinalização de metáforas não seja irrelevante, correspondendo a quase 40% dos casos.

Aqui, argumentaremos que, assim como se viu nos casos de discurso reportado, também nos casos de linguagem figurativa as aspas sinalizam mudança de ponto de vista – isto é, funcionam como uma instrução para que o interlocutor construa a situação ou entidade denotado a partir de uma perspectiva que não corresponde à da Base/*Ground* real. Neste caso, contudo, conforme argumentaremos, o ponto de vista não flutua *para baixo*, em direção ao Domínio do Conteúdo, e sim *para cima*, em direção a espaços mentais mais implícitos da BCSN (FERRARI; SWEETSER, 2012).

Começamos pelos casos de metáfora. Como se sabe, metáforas envolvem correspondências entre dois domínios cognitivos (um domínio-fonte e um domínio-alvo). Por exemplo: em (6), estabelece-se uma correspondência entre os domínios do *surf* e da alimentação; em (7), estabelece-se uma correspondência entre os domínios do catolicismo e da viagem/jornada. Em ambos os casos, o segundo domínio (domínio-fonte) é usado para estruturas do primeiro (domínio-alvo)¹⁰.

⁹ Vale destacar que, embora as aspas sinalizem Ponto de Vista no Espaço do Discurso Direto, o verbo “querer” na 3ª pessoa do singular (“quer”), e não na 1ª (“quero”), também indica Ponto de Vista no Espaço do Discurso Direto. Sendo assim, nesse caso, é provável que haja mesclagem de Pontos de Vista – uma possibilidade amplamente reconhecida na literatura (PINHEIRO; FERRARI, 2017; NIKIFORIDOU, 2012; SWEETSER, 2012). O tratamento desse fenômeno, entretanto, foge ao escopo do presente trabalho, e deverá ser abordado em pesquisas futuras.

¹⁰ As metáforas podem ser classificadas em analógicas ou primárias (GRADY, 1997). Nos dados, entretanto, só foram encontradas aspas em metáforas analógicas. Tendo em vista que essas metáforas envolvem mesclagem conceptual,

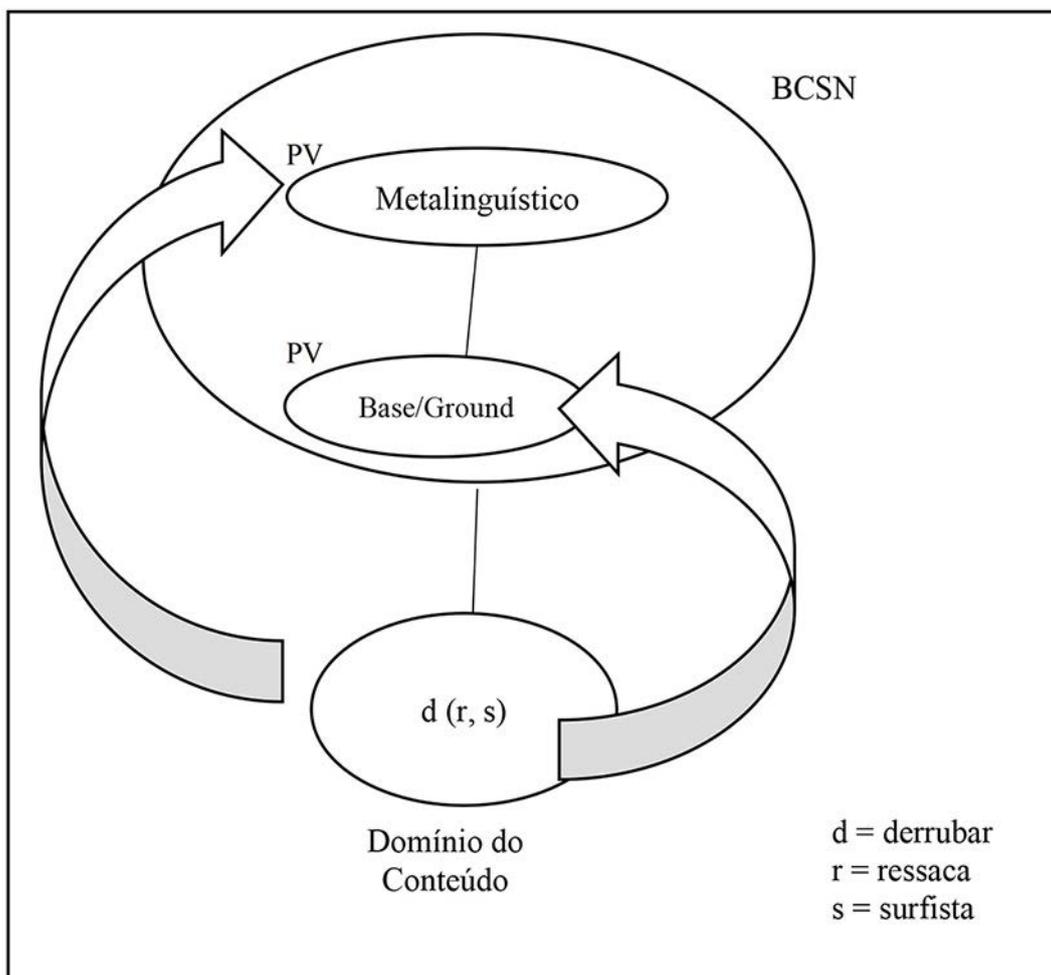
- (6) Ressaca “engole” surfistas na praia de Itacoatiara, no Rio (G1, 2/4/2023)
- (7) Um dia após deixar hospital, Papa inicia “maratona” até a Páscoa (UOL 2/4/2023)

Como se observa, no exemplo (6), o verbo “engolir” não é usado no sentido literal que faz referência à “ingestão de alimento por um ser vivo”. De forma análoga, em (7), o nome “maratona” não denota um evento de deslocamento espacial. Em ambos os casos, portanto, o uso é claramente metafórico. Em (6), a queda de surfistas, causada pelas ondas em um mar de ressaca, é conceptualizada metaforicamente como a ação de “engolir”, realizada por um agente intencional, o que é capturado por meio da metáfora DERRUBAR É ENGOLIR. Em (7), a sequência de celebrações a ser realizada pelo papa é conceptualizada metaforicamente como uma corrida de longa duração; assim, ocorre compressão dos papéis de *maratonista* e de *Papa*, como também da *maratona* propriamente dita e da *série de celebrações* que o pontífice realizará até a Páscoa (concebida como *ponto de chegada*). Essa ideia é capturada pelo mapeamento SÉRIE DE CELEBRAÇÕES É MARATONA.

Aqui, argumentamos que as aspas funcionam, nesse caso, como um comentário metalinguístico: elas informam ao leitor que o significado relevante para o termo destacado não corresponde a sua acepção literal (nesse sentido, elas equivalem, grosso modo, a uma instrução do tipo “não interprete esse termo literalmente”). Evidentemente, a existência da metáfora é, em si mesma, independente das aspas. Isto é, mesmo que as sentenças em (6) e (7) fossem escritas sem aspas (ou pronunciadas sem nenhum gesto ou marca prosódica que desempenhasse a função das aspas), os leitores tipicamente atribuiriam às palavras destacadas um significado figurativo. No entanto, a presença das aspas sinaliza explicitamente, por meio de um elemento material, o fato de que o significado a ser atribuído deve ser não literal.

Na seção 1, observamos que a cláusula condicional “se é que essa é a palavra certa” requer que se assuma a existência de um PV no Espaço Metalinguístico, na medida em que se trata de uma reflexão metalinguística textualmente explícita. Ora, se, nos exemplos (6) e (7), as aspas também constroem uma reflexão metalinguística, então também aqui é necessário assumir a presença de um PV no Espaço Metalinguístico. Começemos por (6):

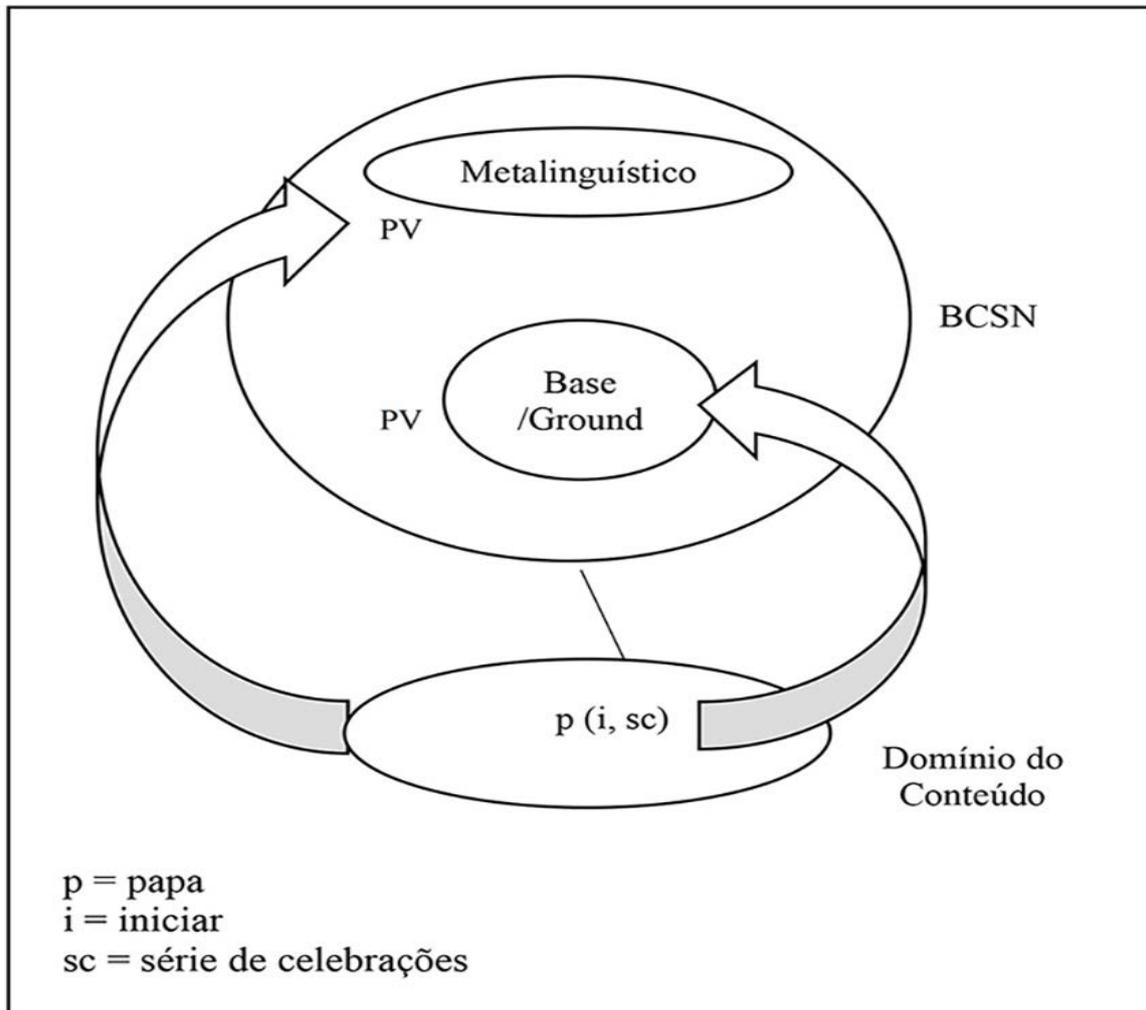
enquanto as primárias envolvem uma relação de contiguidade entre diferentes domínios na experiência corporal e sensório-motora, é possível que a mudança de Ponto de Vista esteja relacionada ao processo de mesclagem (que envolve analogia) e, por isso, apenas as metáforas analógicas motivem o uso de aspas. O desenvolvimento desse tema, entretanto, foge ao escopo do presente trabalho

Figura 9: Ponto de Vista e metáfora – ex (6)

Fonte: Elaboração dos autores

Neste caso, de forma perfeitamente análoga ao que se viu na figura 6 (seção 1), temos uma mesma situação sendo construída a partir de dois Pontos de Vista: um PV situado na Base / *Ground* e outro situado no Espaço Metalinguístico. Essa representação captura, de forma apropriada, o seguinte fato: o evento *ressaca derrubar surfista* (que corresponde ao fato efetivamente comunicado, e por isso se encontra no Domínio do Conteúdo) deve ser interpretado levando-se em conta (i) a localização espaço-temporal dos interlocutores no cenário real da interação (conforme sinalizado pela marca morfológica de presente do indicativo – um morfema zero) e (ii) o conhecimento metalinguístico do falante (conforme sinalizado pelas aspas).

A análise do exemplo (7) é essencialmente idêntica. Aqui, o termo “maratona” não é usado em seu sentido prototípico para indicar uma corrida realizada em ruas e estradas, mas adquire sentido metafórico. Desse modo, assim como (6), aqui as aspas funcionam como um comentário metalinguístico aproximadamente equivalente a “não interprete a palavra ‘maratona’ em sentido literal”.

Figura 10: Ponto de Vista e metáfora – ex. (7)

Fonte: Elaboração dos autores

A figura 10 captura a ideia de que o significado de (7) deve ser conceptualizado a partir de dois Pontos de Vista simultâneos: um PV localizado na Base / Ground e outro no Espaço Metalinguístico. Essa representação traduz a ideia de que diferentes marcas formais dos enunciados instruem o leitor a acessar diferentes componentes da BCSN: enquanto o sufixo modo-temporal de presente (aqui, novamente, um morfema zero) instrui o leitor a acessar informações referentes aos parâmetros temporais do evento de fala, as aspas instruem o leitor a acessar seu conhecimento metalinguístico.

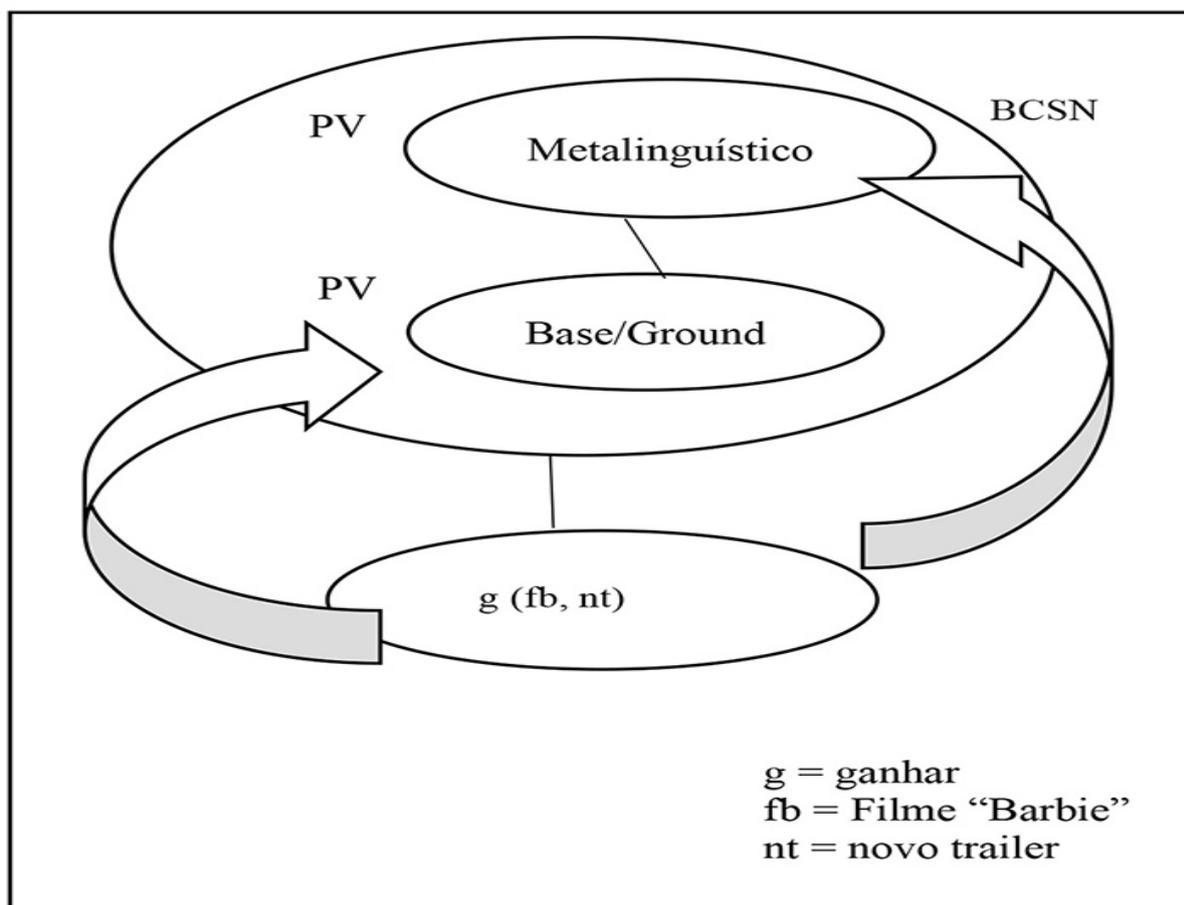
Passemos agora para os casos de metonímia. Como se sabe, a metonímia é um processo conceptual que se ancora na existência de uma relação de contiguidade entre o veículo e o alvo em um mesmo domínio-matriz. Observemos o seguinte exemplo:

(8) ‘Barbie’ ganha novo trailer com mais detalhes da história

Em (8), o veículo *Barbie* indica o alvo *filme protagonizado pela personagem Barbie*. Isto é, estamos diante de um processo mental de substituição no qual um elemento de um domínio-matriz (Barbie) é usado em referência a outro elemento do mesmo domínio-matriz (filme da Barbie). Aqui, portanto, temos uma metonímia que pode ser formulada como PROTAGONISTA POR FILME. Graças a esse processo, a palavra “Barbie” deixa de ser interpretada como o nome de uma boneca e passa a ser interpretada, no contexto em questão, como título de uma obra.

Em usos como (8), portanto, a função das aspas é idêntica àquela identificada para os casos de usos metafóricos: trata-se de *sinalizar para o interlocutor que a palavra destacada não deve ser interpretada literalmente*. Sendo assim, também aqui as aspas funcionam como um comentário metalinguístico relativo à interpretação semântica do elemento destacado. A representação em espaços mentais, de acordo com o modelo BCSN, pode ser vista na figura 11:

Figura 11: Ponto de Vista e metonímia



Fonte: Elaboração dos autores

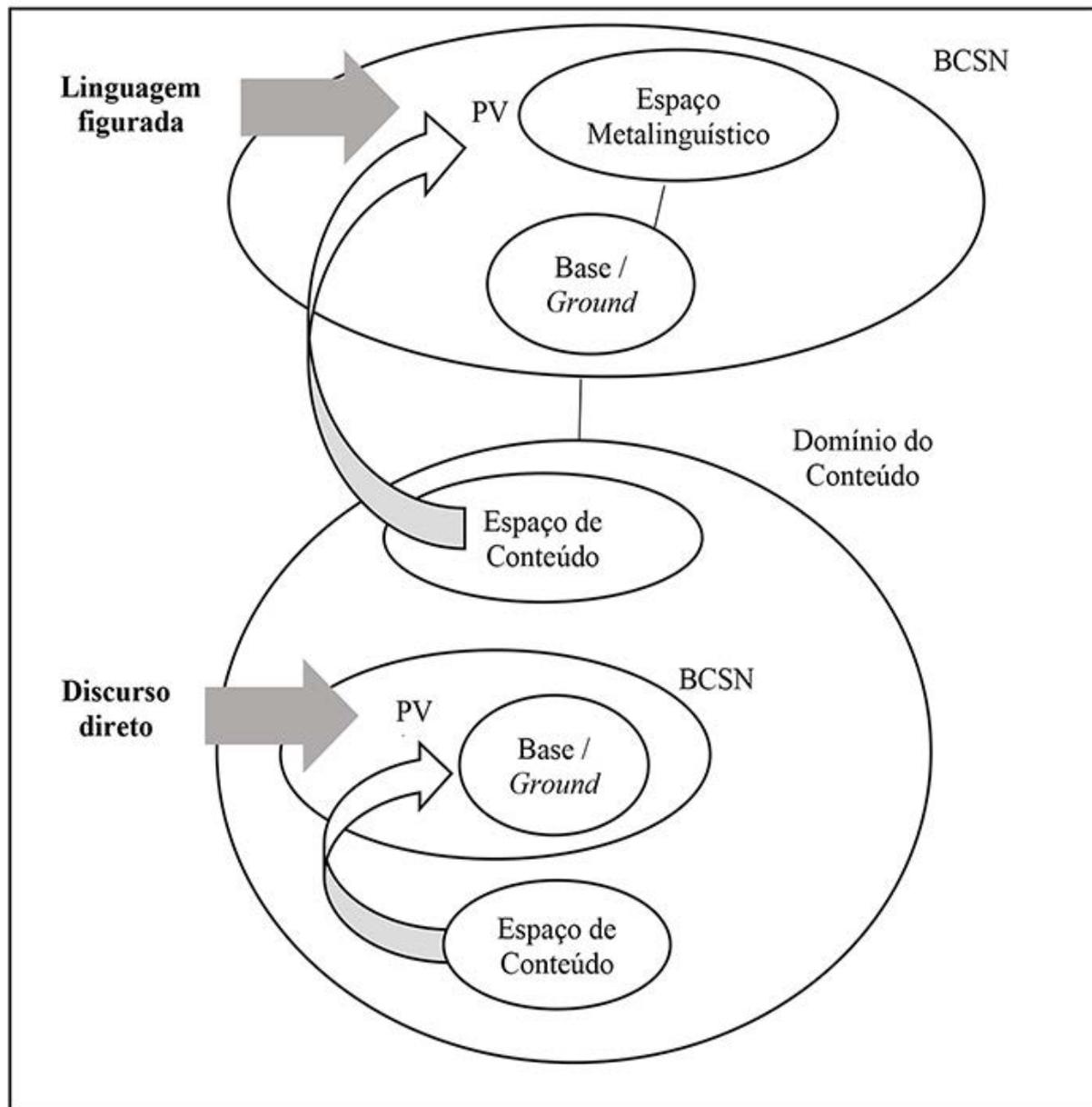
Como indica a figura 11, também aqui estamos diante de uma situação análoga à da figura 6 – isto é, uma situação na qual um mesmo cenário é construído a partir de dois PVs distintos, ambos situados na BCSN. Especificamente, o morfema modo-temporal instrui o leitor a posicionar o PV na Base/*Ground*, ao passo que as aspas instruem o leitor a posicionar o PV no Espaço Metalinguístico (caso não o fizesse, a referência seria a boneca denominada *Barbie*, e não o filme¹¹).

3.3. Síntese: unificando discurso reportado e figuratividade

Nas seções anteriores, argumentamos que os dois casos de usos de aspas identificados na nossa análise – discurso reportado e linguagem figurada – envolvem a postulação de um ponto de vista não canônico, isto é, situado fora da Base/*Ground* real dos interactantes. Por outro lado, o ponto da rede de espaços mentais onde esse PV está situado varia em cada caso: no primeiro, ele é representado no Domínio do Conteúdo; no segundo, ele é posicionado no Espaço Metalinguístico.

Assim, se assumirmos, como é praxe na literatura em Teoria dos Espaços Mentais, que o PV *default* se situa no aqui-e-agora da interação (que, na versão BCSN, corresponde à Base/*Ground* dos interlocutores), o que se verifica é que cada uma das motivações para uso das aspas identificadas na nossa análise é a “imagem em negativo” da outra: no caso do discurso direto, o PV associado às aspas está *fora da BCSN dos interactantes*, mas ainda *dentro de uma Base/Ground*; quando se tem linguagem figurada, o PV associado às aspas está *dentro da BCSN dos interactantes*, mas *fora da Base/Ground*. Essa representação permite, portanto, capturar, de forma unificada, a intuição de que as aspas representam algum tipo desvio em relação à interpretação *default*, conforme se vê abaixo:

¹¹ Em essência, essa análise se aplica a todos os casos em que tradicionalmente se afirma que as aspas servem para indicar “título de obra” (livros, peças, filmes, etc), mesmo quando não há um processo metonímico. Por exemplo, as aspas em *Eu gosto de “Tudo sobre a minha mãe”* sinalizam que a sequência “Tudo sobre a minha mãe” não deve receber a interpretação composicional canônica (algo como *todos os fatos e/ou atributos relativos à mãe do falante*). Nesse sentido, exatamente como no caso de “Barbie” descrito acima, as aspas funcionam como um convite metalinguístico ao interlocutor para que ele considere uma leitura não canônica da sequência linguística em questão. Assim, também neste caso, o que isso significa, à luz do modelo de Sanders, Sanders e Sweetser (2009), é que a expressão deve ser interpretada não a partir da Base/*Ground*, mas a partir do Espaço Metalinguístico.

Figura 12: PV e usos de aspas: uma síntese

Fonte: elaboração dos autores

4. Considerações finais

Este trabalho enfocou o uso de aspas em manchetes jornalísticas do português brasileiro, com o objetivo de investigar as motivações cognitivas para o fenômeno. A análise dos dados evidenciou que o uso de aspas reflete processos de mudança de Ponto de Vista, que podem estar associados ao discurso reportado – mais especificamente, discurso direto e discurso direto parcial –, bem como a processos figurativos metafóricos e metonímicos.

Em linhas gerais, os resultados encontrados confirmam propostas já apresentadas na literatura que definem as aspas como marcadores pragmáticos mínimos que bloqueiam a interpretação prototípica da expressão a que se aplicam. A contribuição do trabalho reside, entretanto, na formulação de um tratamento cognitivista unificado para o fenômeno, que associa o bloqueio da interpretação prototípica da expressão ao processo cognitivo de mudança de Ponto de Vista.

Conforme argumentamos, nesse processo, o PV se desloca do espaço do jornalista (*Base/Ground*) para outros espaços disponíveis na configuração de espaços mentais. Mais especificamente, a análise evidenciou que a mudança de PV em manchetes jornalísticas ocorre em dois contextos principais: discurso reportado (discurso direto e discurso direto parcial) e processos figurativos (metafóricos e metonímicos). Em casos de discurso reportado, o PV se desloca para o espaço de discurso direto (pleno ou parcial). Já em processos figurativos, levando-se em conta a Rede de Espaços Comunicativos Básicos (BCSN), os processos metafóricos e metonímicos, deslocam o PV para o Espaço Metalinguístico.

Tendo em vista que o uso de aspas marca essencialmente um afastamento do Ponto de Vista do espaço Base, que abriga falante/redator, ouvinte/leitor e parâmetros espaço-temporais do evento de fala/escrita, vale destacar que o fenômeno pode ocorrer em contextos não descritos no presente trabalho, como, por exemplo, aqueles relacionados à ironia. Nesse sentido, consideramos que o aprofundamento da investigação, com a inclusão de outros gêneros textuais (como conversas escritas informais em aplicativos de mensagens, e-mails pessoais, etc.), pode levar a uma compreensão mais abrangente do fenômeno e, conseqüentemente, ao refinamento da análise aqui proposta.

Referências

- COUTINHO, P. R. V.; ROCHA, L. F. M. A contraparte prosódica em construções de discurso reportado. *Revista Linguística*, v. 12, n. 1, pp. 177-87, 2016.
- CUTRER, M. *Time and Tense in Narratives and Everyday Language*. University of California: Ph.D. dissertation. 1994. University of California at San Diego.
- DAVIDSON, D. Quotation. In *Inquiries into Truth and Interpretation*. Oxford: Oxford University Press, pp. 79-92, 1984.
- DANCYGIER, B. *Conditionals and prediction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- DANCYGIER, B.; SWEETSER, E. *Mental spaces in Grammar: Conditional constructions*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- DANCYGIER, B; SWEETSER, E. *Viewpoint in language: a multimodal perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- DANCYGIER, B; SWEETSER, E. *Figurative language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.
- FAUCONNIER, G. *Mental Spaces*. New York: Cambridge University Press, [1985]1994.

FAUCONNIER, G. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FAUCONNIER, G.; SWEETSER, E. (eds.) *Spaces, world and grammar*. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.

FERRARI, L.; SWEETSER, E. Subjectivity and upwards projection in mental space structure. In: B. Dancygier; E. Sweetser (eds.), *Viewpoint in language: a multimodal perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

FERRARI, L.; ALMEIDA, P. B. Subjetividade e intersubjetividade em condicionais: alternâncias entre presente e futuro no português brasileiro. *Alfa*, 59, pp. 89-111, 2015.

GRADY, J. *Foundations of Meaning: Primary Metaphors and Primary Scenes*. Ph.D. dissertation, University of California, Berkeley. 1997.

GUTZMANN, D.; STEI, E. Quotation marks and kinds of meaning. Arguments in favor of a pragmatic account. In: BRENDDEL, Elke; MEIBAUER, Jörg; STEINBACH, Markus; (eds.), *Understanding Quotation. Linguistic and Philosophical Analyses*. Berlin/New York: de Gruyter Mouton, pp. 161-93, 2011.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, R. *Foundations of Cognitive Grammar*, vol. 1: Theoretical Prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, R. *Foundations of Cognitive Grammar*, vol. 2: Descriptive Application. Stanford: Stanford University Press, 1991.

NIKIFORIDOU, K. The constructional underpinnings of viewpoint blends: the Past + now in language and literature. In: DANCYGIER, B.; SWEETSER, E. *Viewpoint in language: A multimodal perspective*. Cambridge: CUP, 2012.

PINHEIRO, D.; FERRARI, L. “Aí vem eu doidão”: uma abordagem cognitivista para a inversão do sujeito no português brasileiro. *D.E.L.T.A.*, 33, n. 1, pp. 187-217, 2017.

PREDELLI, S. Scare quotes and their relation to other semantic issues. *Linguistics and Philosophy*, v. 26, pp. 1-28, 2003.

QUINE, W. *Mathematical Logic*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1951.

RECANATI, F. Open quotation. *Mind* .110.439, pp. 637-87. <http://dx.doi.org/10.1093/mind/110.439.637>, 2001.

RECANATI, F. Open quotation revisited. *Philosophical Perspectives* v. 22, pp. 443-71. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1520-8583.2008.00153.x>, 2009.

ROCHA, L. F. M. Discurso reportado é problema; interação fictiva, solução: padrões discursivas e informacionais em *corpus* de fala espontânea do PB. *Linguística (ALFAL)*, v. 36, n. 2, pp. 131-49, 2020.

ROCHA, L. F. M.; SILVA, J. C. Interação Fictiva como exemplificação em discurso direto: ensino-aprendizagem de português como língua estrangeira. *Gragoatá*, v. 28, n. 2, 2023.

SANDERS, T; REDECKER, G. Perspective and the representation of speech and thought in narrative discourse. *In: FAUCONNIER, G.; SWEETSER, E. (eds.), Spaces, worlds and grammar*, pp. 290-317, 1996.

SANDERS, T., SANDERS, J.; SWEETSER, E. Causality, cognition and communication: A mental space analysis of subjectivity in causal connectives. *In: SANDERS, T.; SWEETSER, E. (eds.), Causal categories in discourse and cognition*, Berlin/Mouton de Gruyter, pp. 19-60, 2009.

SWEETSER, E. Introduction: Viewpoint and perspective in language and gesture, from the Ground down. *In: DANCYGIER, B.; SWEETSER, E. (eds.), Viewpoint in language: A multimodal perspective*. Cambridge: CUP, 2012.

SWEETSER, E. Compositionality and blending: semantic composition in a cognitively realistic framework. *In: JANSSEN, T.; REDEKER, G. (eds.), Cognitive Linguistics: Foundations, scope and methodology*. Berlin / New York: Mouton de Gruyter, 1999.

WASHINGTON, C. The identity theory of quotation. *Journal of Philosophy* v. 89, n. 11, pp. 582-605, 1992. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2941057>.

A CONSTRUÇÃO [S + A/ERIA] NO PORTUGUÊS BRASILEIRO SEGUNDO A GRAMÁTICA COGNITIVA

THE [N + A/ERIA] CONSTRUCTION IN BRAZILIAN PORTUGUESE ACCORDING TO COGNITIVE GRAMMAR

Mariana Pimentel Lopes de Souza¹
Janderson Luiz Lemos de Souza²

RESUMO

A partir de um modelo baseado no uso, a Gramática Cognitiva, este artigo busca descrever e explicar a formação de palavras como “açaiteria”, “esmalteria” e “hamburgueria”, usadas na designação de estabelecimentos comerciais, no português brasileiro (PB). O modelo prevê que a aquisição de palavras pelo falante nativo inclui a apreensão dos esquemas por trás das palavras e permite tanto a identificação de outras palavras que compartilhem o mesmo esquema quanto o uso criativo do esquema. Assim, o esquema em questão nos parece ser [S + a/eria], e nossas hipóteses de trabalho são que (i) tal esquema foi apreendido de palavras mais antigas na língua, como “padaria”, “drogaria” e “lavanderia”; e (ii) a formação de palavras como “açaiteria”, “esmalteria” e “hamburgueria” pode ser considerada como evidência da produtividade do esquema. Adotamos a Gramática Cognitiva por ser o modelo da Linguística Cognitiva que mais se ocupa das relações entre léxico e gramática. Nossa conclusão é que o esquema [S + a/eria] é produtivo no PB, o que, nos termos da GC, confere a tal esquema a condição de molde.

PALAVRAS-CHAVE: Léxico. Morfologia. Semântica. Gramática Cognitiva. Linguística Cognitiva.

ABSTRACT

Based on a usage-based model, Cognitive Grammar, this article aims to describe and explain the formation of words such as “açaiteria”, “esmalteria” and “hamburgueria”, used to designate commercial establishments in Brazilian Portuguese (BP). The model predicts that word acquisition by native speakers involves grasping the schemas behind words, allowing for both the identification of other words that share the same schema and the creative use of the schema. Thus, the schema at issue appears to be [N + a/eria], and our working hypotheses are that (i) this schema was gleaned from older words in the language, such as “padaria”, “drogaria” and “lavanderia”, and (ii) the formation of words like “açaiteria”, “esmalteria” and “hamburgueria” can be considered evidence of the schema’s productivity. We adopt Cognitive Grammar (CG) for this is the model of Cognitive Linguistics that most extensively addresses the relationships between lexicon and grammar. Our conclusion is that the schema [N + a/eria] is productive in BP, which means, according to CG, that such a schema is a template.

KEYWORDS: Lexicon. Morphology. Semantics. Cognitive Grammar. Cognitive Linguistics.

Apresentação

São Paulo, suas paletérias viraram food parks, seus food parks viraram brigaderias, suas brigaderias viraram esmalterias, suas esmalterias viraram barbearias, suas barbearias continuam firmes e fortes com seus cortes “chavosos” e “blindados”. (Gilberto Amendola, São Paulo – Error 404 Not Found, Estadão, 24/1/2022)

¹ Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), mariana.pimentel90@gmail.com, <https://orcid.org/0009-0004-7526-3742>

² Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), janderson.souza@unifesp.br, <https://orcid.org/0000-0002-4252-7789>

Escolhemos como epígrafe para este artigo o trecho de uma coluna que nos foi enviado pela linguista Margarida Basilio logo depois da defesa da dissertação de mestrado de que resulta este artigo (SOUZA, 2021). O trecho remete à primeira hipótese que formulamos para descrever a construção [S + a/eria] no português brasileiro (PB): a de que seria um fenômeno circunscrito ao português paulistano e restrito à designação de estabelecimentos comerciais.

Tal hipótese foi falseada por dados de outras variedades do PB, o que, nos termos do modelo teórico adotado, corresponde a um grau maior de convencionalidade. O fato de a formação de palavras a partir da construção [S + a/eria] chegar aos jornais remete a questões centrais na Morfologia, em particular, e na Linguística, em geral: (i) a variação lexical, (ii) a potencial mudança a partir da variação, (iii) a provável repercussão lexicográfica do uso pela imprensa e (iv) a produtividade da construção [S + a/eria].

Este artigo e a dissertação que lhe serve de base se ocupam desta última questão. A princípio, parecia-nos que os substantivos que instanciavam a construção [S + a/eria] se restringiriam aos que dão nome ao alimento vendido, como *açaí* e *hambúrguer* em *açaiteria* e *hamburgueria*, respectivamente. Depois, constatamos que outras substâncias serviam para a designação de estabelecimentos comerciais, como *esmalte*, mas que uma *esmalteria* não vende esmalte, e sim presta o serviço de fazer as unhas, é um salão especializado nesse serviço. Mais tarde, encontramos o evento *risadaria*, um espetáculo dedicado a fazer dar risada.

Diante da diversidade dos dados, nossa hipótese deixou de se restringir a uma variedade do PB e do domínio comercial. Passou a ser que a construção [S + a/eria] é produtiva na variedade nacional do português, o que caracteriza um fenômeno mais convencional do que nos parecia inicialmente. Restrito ou difuso, o fenômeno se enquadra no terreno clássico da formação de palavras, em que a tradição gramatical estabeleceu um olhar retrospectivo, dirigido a palavras reais, e diacrônico, dirigido à etimologia de cada palavra, enquanto o lexicalismo gerativo estabeleceu um olhar prospectivo, dirigido a regras que remetem a palavras potenciais, e sincrônico, em que as regras atuam na aquisição do léxico.

Nosso objetivo, no entanto, é descrever a construção [S + a/eria] com base na gramática cognitiva (GC), modelo da linguística cognitiva (LC) que “(...) *shares with formal approaches the commitment to seeking explicit characterizations of language structure*” (LANGACKER, 2008, p. 8). Por isso, este artigo reserva a seção 1 para a tradição gramatical e a morfologia histórica, a seção 2 para os conceitos da GC mobilizados na proposta de análise, a seção 3 para os dados e considerações metodológicas e a seção 4 para a análise.

1. Tradição gramatical e morfologia histórica

Nesta seção, reunimos posições da tradição gramatical e da morfologia histórica acerca do sufixo *aria*. A abordagem a esse sufixo se justifica tanto por sua formação mediante a combinação de outros dois outros sufixos, *ário* e *ia*, quanto pela existência de palavras antigas na língua, como *padaria* e *lavanderia*.

Rocha Lima (1996) inclui:

- a. *aria/eria* entre os sufixos latinos:
ARIA, ERIA (forma substantivos de substantivos): *alfaiataria, cavalaria, drogaria, feitiçaria, luvaria, maquinaria, pedraria, pirataria, rouparia*. (p. 208)
- b. *ário* entre os sufixos latinos:
ÁRIO, EIRO (forma substantivos de substantivos): *boticário, camponário, estatutário; barbeiro, cajueiro, galinheiro, nevoeiro, toureiro; cabeleira, cigarreira, pedreira, pulseira*. (p. 208)
- c. *ia* entre os sufixos gregos:
IA: *astronomia, filosofia, geometria, energia, euforia, profecia*. (p. 211)

Essa descrição associa a construção [S + a/eria] à formação de substantivos a partir de substantivos, no que retoma a íntima relação entre formação de palavras e classes de palavras, ressaltada pelo lexicalismo gerativo (BASILIO, 1987, cap. 7).

Cunha e Cintra (2001, p. 95), por sua, apresentam os mesmos sufixos, só que associados a significados. Reproduzimos abaixo as linhas da tabela de “outros sufixos nominais” em que os autores incluem os sufixos:

Quadro 1: Sufixos

SUFIXO	SENTIDO	EXEMPLIFICAÇÃO
-aria	atividade, ramo de negócio noção coletiva ação própria de certos indivíduos	carpintaria, livraria gritaria, pedraria patifaria, pirataria
-ário	ocupação, ofício, profissão lugar onde se guarda algo	operário, secretário herbário, vestiário
-ia	profissão, titulação lugar onde se exerce uma atividade noção coletiva	advocacia, baronia delegacia, reitoria cavalaria, clerezia

Fonte: Cunha e Cintra (2001, p. 95)

A inclusão dos sentidos indicados pelos sufixos reforça a caracterização gerativa do processo por sua função semântica, que contrasta com a função sintática exatamente pela não mudança de classe (BASILIO, 1987). A análise pretendida neste artigo parte do pressuposto de que “*grammar is meaningful*” (LANGACKER, 2008, p. 3), mas a concepção de significado é completamente outra, na medida em que resulta da conceitualização pela cognição corporificada. Em outras palavras, considerações semânticas por parte do lexicalismo gerativo pressupõem que a mente é modular e que o significado é uma propriedade da forma, enquanto considerações semânticas por parte da LC, em geral, e da GC, em particular, pressupõem que a mente não é modular e que o significado se associa à forma.

Cunha (1998) acompanha a observação dos significados envolvidos e a descrição do sufixo *aria* como combinação dos sufixos *ário* e *ia*. O autor inova ao ampliar as categorias semânticas em que vimos Cunha e Cintra (2001) distribuir as palavras no quadro acima. Eis as categorias propostas por Cunha (1998):

-aria *suf. nom.*, proveniente da fusão do *suf. lat. -ārius (<-ÁRIO)* com o *suf. gr. -ía [-ār(ius) + -ía → -aria]*, que se documenta em vocs. eruditos e semi-eruditos, com as noções básicas de (i) oficina: *cutelaria, marcenaria*; (ii) estabelecimento comercial: *drogaria, sapataria*; (iii) coleção de objetos: *pedraria, quinquilharia*; (iv) ação enérgica e/ou de grande intensidade: *fuzilaria, pancadaria*; (v) atitude própria de certos indivíduos: *patifaria, pirataria*.

O *suf. -aria* modifica-se, às vezes, em *-eria*, quer por influência do fr. - *erie* (*bijuteria*), ou do it. *-eria* (*galeria*), quer por influência da terminação *-e* dos substantivos a que ele se liga: *leite/leiteria, sorvete/sorveteria*. Esta oscilação *-aria/-eria* ocorre em português desde o período medieval. (CUNHA, 1998, p. 66)

As categorias propostas por Cunha (1998) e por Cunha e Cintra (2001) permitem identificar o que há de continuidade e o que há de novidade entre as palavras mais antigas (ex.: *sapataria* e *joalheria*) e as palavras mais recentes (ex.: *esmalteria* e *gravateria*).

Já as descrições propostas por Rocha Lima (1996) e Cunha (1998) quanto à alternância fonológica no sufixo permitem manter da tradição a concepção de que se trata de uma única forma, e não de duas, constitutiva da estrutura fonológica da construção [S + a/eria]. A reduzida atenção que a GC dispensa à fonologia (LANGACKER, 2019; LEMOS DE SOUZA, 2020) priva a descrição de recursos para explicar a possibilidade de inserção de [t], como em *açaiteria* e *yogateria*, que, diferentemente de *batataria, batateria* e *bicicletaria*, não têm a consoante nos substantivos que instanciam a construção: *açaí* e *yoga*.

Atendo-nos à abordagem do sufixo *aria* segundo a tradição gramatical, mencionemos um autor que lhe atribui origem diversa da apresentada por Rocha Lima (1996) e Cunha (1998):

Existem também exemplos de *-aria*, cuja origem estará às vezes no feminino e às vezes no plural neutro, e.g., *caldaria, casearia* e *carraria* (pan-românicos), *petraria*, etc. (MAURER Jr., 1959, p. 263)

Entretanto, o mesmo autor, em outra obra, ao tratar do sufixo *ia*, já havia reconhecido sua participação no sufixo *aríe*:

Introduzido pelos escritores cristãos dos séculos 4 e 5 provavelmente, o sufixo é de importação culta e só pouco a pouco devia ter-se aproveitado como processo de derivação romance no Ocidente. Não ignoramos que há dificuldade para semelhante hipótese: é que o sufixo se crê ocorrer também na Dácia, onde revela vitalidade (cf. **domnié**, de **domn** = senhor, **prietenié**, de **priéten** = amigo, etc.). Sobretudo pode parecer impressionante o fato de que também na Dácia existe o sufixo composto **-aríe** (**lemnaríe** = lenharia, **brânzaríe** = queijaria). Ora, se o sufixo teve tempo de implantar-se no Oriente, desde o século 5, parece inevitável a conclusão de que ele foi introduzido no latim em época anterior. (MAURER Jr., 1951, p. 91)

O que o autor nos leva a considerar é se há palavras em *aria* como feminino de *arius* ou neutro de *arium*, de um lado, e palavras em *aria* como produto da combinação de *arius* com *ia*:

Quanto a **-aríe**, seria neste caso coincidência fortuita, mas nada de estranhar, considerando-se que **-íe** se sobrepõe naturalmente a outros sufixos, como o de agente, etc. (e.g. **tor + ia: sabedoria, rebedoria; oso + ia: port. aleivosia**). Como o sufixo **-arius** é muito mais vivaz na Dácia, é natural que surgissem derivados com a sobreposição de **-íe** a este sufixo. A não admitir que houve aqui coincidência resultante de evolução independente tardia, teríamos que supor que não só *ía*, mas também **aríe** já eram usuais no latim vulgar antes da separação, e isto é menos provável ainda do que a existência do simples **-íe**. (MAURER Jr., 1951, p. 93)

A hipótese de combinação de sufixos mantém-se como alternativa de análise. Sem mencioná-la, Condé (2009, p. 42) também trata *eríe* como variante de *aríe* nas línguas galega e asturiana:

Nas línguas românicas, o sufixo *-eria* é a forma majoritária. Dentre as línguas iberorromânicas, o português é a única língua que possui formas majoritariamente sufixadas por *-aria*. Nas línguas asturiana e galega, apresentam-se poucas formas sufixadas por *-aríe*, mas sem dúvida a forma *-eríe* é a mais produtiva e mais usual. Para a forma sufixada em *-aríe*, sirvam-nos de exemplo *romaríe, comisaríe, secretaríe*.

A autora introduz o fator uso e a comparação com outras línguas. Passa, então, a indicar os séculos em que as palavras foram atestadas. Dado o lapso entre a existência das palavras e seu registro em documentos escritos, o acompanhamento dos registros por século não deve ser confundido com a garantia de formação em cada século:

[...] das palavras sufixadas por *-aria* e *-eria* do século XIII, a única terminada em *-eria* é *parceria*, registrada em 1209. Podemos observar, no entanto, que o sufixo *-eria* foi ampliando o seu acervo. Assim, no século XV, temos *cavaleria*; no XVI, *galanteria, altaneria, correria, grosseria, sobranzeria, rancheria, bateria*; no XVII, registram-se *alqueria, poltroneria, lavanderia, vozeria, volateria, galeria*; no século XVIII, *loteria, calaceria, mamposteria*; no século XIX, *serralheria, pedanteria, almocreveria, bijuteria, selvageria, almocreveria, bodomeria*; no século XX, *bilheteria, charcuteria, clichéria, carroceria, cristaleria, rotisseria, joalheria, creperia, choperia, bateria, cafeteria, leiteria, biscouteria, peleteria, sorveteria, uisqueria, danceteria, escuderia, lambateria, organeria*. (CONDÉ, 2009, pp. 42-3)

Condé (2009), assim como Cunha (1998), atribui a variação de *aria* em *eria* à vogal final da palavra com que o sufixo se combina:

O sufixo *-eria* na língua portuguesa resulta também de substantivos, cuja vogal temática nominal *-e* na palavra base resulta em *-eria* – sirvam-nos de exemplo *chope* → *choperia*, ou ainda, formas mais usuais como *sorvete* → *sorveteria* e *leite* → *leiteria*, que se contrapõem às menos usuais *sorvetaria* e *leitaria*. (CONDÉ, 2009, p. 44)

Essa observação, permite pensar na formação de “hamburgueria” como resultado da combinação de *hamburguer* + *ia* ou *hamburguer* + *eria* a julgar estritamente por processos fonológicos. A razão por que a segunda alternativa é a que defendemos neste artigo diz respeito ao significado construcional, conforme explicaremos na próxima seção.

Quanto às categorias semânticas, Condé (2009) amplia o número previsto pelo autor nos termos do lexicalismo gerativo: local onde há X (base nominal); local onde se X^V (base verbal); atividade (ofício) associada a X (base nominal); conjunto, quantidade de X (base nominal); propriedade de (C) ser X^P (base predicativa ou adjetival/participial), onde (C) é o complemento sintático preposicionado da palavra formada; ação de X^V (base verbal), o fato de X^V; instrumento (com) que (se) X^V. Para a autora, o português, o galego e o asturiano compartilham a distribuição das palavras em -aria/-eria em tais categorias.

Os autores reunidos nesta seção não são os únicos da tradição gramatical nem da morfologia histórica a tratar do sufixo *aria*. O levantamento não pretende ser exaustivo, e sim apontar as principais questões, que, a nosso ver, são (i) a alternância entre *aria* e *eria*, (ii) a condição de *aria* como resultado da combinação entre *ário* e *ia* e (iii) a evolução de *ário* a *eiro*. A primeira questão nos leva a postular uma única construção: [S + a/eria]. A segunda e a terceira nos levam a identificar uma rede de construções. Retomamos tais questões na próxima seção.

2. Gramática cognitiva

A GC se caracteriza como o modelo da LC que mantém a agenda de pesquisa instituída pelo lexicalismo gerativo (BASILIO, 2010; LEMOS DE SOUZA, 2020). A concepção do léxico como módulo separado da gramática e constituído por regras de formação de palavras é rejeitada em favor da concepção do léxico como rede de construções específicas (expressões), da gramática como rede de construções gerais (esquemas) e da integração entre essas redes.

Both specific expressions and abstracted schemas are capable of being entrenched psychologically and conventionalized in a speech community, in which case they constitute established **linguistic units**. Specific expressions with the status of units are traditionally recognized as lexical items. More schematic units correspond to what is traditionally regarded as grammar. The difference, though, is a matter of degree, and in CG these form a continuum. (LANGACKER, 2009, p. 2)

Tanto esquemas quanto expressões significam: o significado dos esquemas é chamado de **significado construcional**, ou *construal*³, enquanto o significado das expressões é chamado de **significado lexical**. A centralidade do significado se reflete na representação da construção⁴:

³ Mantemos o termo em inglês na ausência de tradução estabelecida para o português.

⁴ Na GC, *construção* é um conceito que se aplica tanto a esquemas, como [S + a/eria], quanto a expressões, como *hamburgueria*. A modelagem da gramática por construção não se restringe à Linguística Cognitiva. Encontra-se também na Linguística Gerativa e na Linguística Funcional.

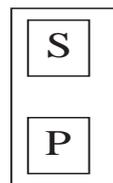
(a) Semantic Structure



(b) Phonological Structure



(c) Symbolic Structure



(LANGACKER, 2009, p. 3)

Como se vê, a estrutura semântica (S) predomina sobre a estrutura fonológica (P), em atenção ao fundamento segundo o qual a gramática é semanticamente motivada. A economia orienta o modelo na busca de uma abordagem unificada:

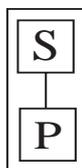
CG aims at a unified account of the various aspects of language structure. Instead of positing separate components (phonology, morphology, syntax, lexicon, semantics), thereby raising the spurious question of how they interface, it recognizes only semantic structures, phonological structures, and their association as symbolic structures – the minimum needed for language to serve its symbolizing function. (LANGACKER, 2018, p. 14)

Nesses termos, uma expressão simples, como *esmalte*, seria representada como [[ESMALTE]/[esmalte]]: a estrutura semântica primeiro, graficamente representada em letras maiúsculas, e a estrutura fonológica depois, graficamente representada em letras minúsculas. O esquema correspondente é [S] (de substantivo).

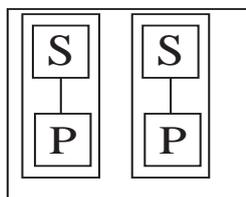
O processo que parte de um esquema para expressões é o de **instanciação**, enquanto o processo que parte de expressões para um esquema é o de **esquemáticação**. O que a GC entende por **produtividade**, portanto, é a disponibilidade cognitiva de um esquema para a instanciação, que torna tal esquema um molde (LANGACKER, 2008; ALMEIDA; LEMOS DE SOUZA; KEWITZ, 2018).

Graças a esse processo, expressões simples podem se tornar gradativamente mais complexas:

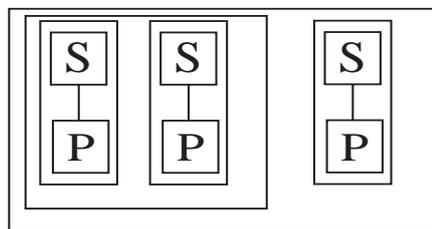
(a)



(b)



(c)



(LANGACKER, 2008, p. 15)

O dado *esmalteria* corresponde ao grau (b) e pode ser representado como [[ESMALTE]/[esmalte]–[ERIA]/[eria]]. A formação de *esmalteriazinha* corresponderia ao grau (c), em que *esmalteria* seria o S que instanciaría o esquema [S + zinho].

A busca por uma abordagem unificada leva a GC a distinguir entre a morfologia e a sintaxe apenas com base na instanciação:

All of this holds for both morphological and syntactic patterns. If we wish to make a distinction, we can do no better than follow the tradition of drawing the line at the level of the word. **Morphology** is then described by schematic assemblies (like *N+less*) whose instantiations are no larger than words, and **syntax** by assemblies (like *N₁+less N₂*) with multiword instantiations. (LANGACKER, 2008, p. 24)

No entanto, a GC subdivide a instanciação entre **elaboração** (instanciação por conformidade plena, responsável por maior convencionalidade) e **extensão** (instanciação por conformidade parcial, responsável por menor convencionalidade) e caracteriza a construção morfológica como *e-site* (lugar de elaboração). Segundo a GC, o que torna a construção morfológica incompatível com a extensão é o alinhamento A/D (autonomia/dependência), em que o elemento variável da construção (S) é autônomo e o elemento invariável (a/eria) é dependente:

Elaboration sites point to a fundamental aspect of linguistic organization. They indicate that certain structures, by their very nature, do not stand alone but require the support of others – they are **dependent** on other, more **autonomous** structures for their own manifestation. Thus dependent structures cannot be described independently, in their own terms, but only in relation to the autonomous structures that support them. As a consequence, a dependent structure refers schematically to an autonomous, supporting structure as an intrinsic aspect of its own characterization. This schematic substructure functions as an e-site when the dependent structure combines with an autonomous one. (LANGACKER, 2008, p. 199)

Essa articulação conceitual confere à GC o status, que reconhecemos no início deste artigo, de modelo da LC que permite uma abordagem em que a morfologia e a sintaxe são semanticamente motivadas, porém o alinhamento A/D caracteriza a morfologia, fazendo com que D contribua para o significado construcional e A contribua para o significado lexical, sem lugar para conflito na compatibilização entre A e D. Na construção [S + a/eria], a própria seleção de um substantivo para sua instanciação faz parte da imposição do significado construcional.

[...] an expression's meaning depends on factors other than the situation described. On the one hand, it presupposes an elaborate **conceptual substrate**, including such matters as background knowledge and apprehension of the physical, social, and linguistic context. On the other hand, an expression imposes a particular **construal**, reflecting just one of the countless ways of conceiving and portraying the situation in question. (LANGACKER, 2008, p. 4)

Segundo a GC, o *construal* se desdobra nos seguintes elementos: **especificidade, proeminência, foco e perspectiva**. A descrição de cada um deles vai além dos objetivos deste artigo, em que importa assinalar que um esquema impõe seu significado na instanciação. Dessa imposição resulta o significado das novas expressões formadas, no que a instanciação pressupõe a produtividade.

2.1. Especificidade

Langacker (2008) entende a produtividade em termos muito próximos ao de Basilio (1987), isto é, articulando produtividade e generalidade. Para Basilio (1987, p. 29):

[...] noções como a negação, o grau, a designação de indivíduos ou entidades abstratas são noções bastante comuns e de grande generalidade; conseqüentemente, esperamos que processos que incluam tais noções em sua função sejam altamente produtivos.

Entendemos que a construção [S + a/eria] é produtiva por estar a serviço da “designação de indivíduos ou entidades abstratas”. Entendida como contraparte da especificidade, a generalidade do significado do esquema [S + a/eria] favorece à produtividade.

Langacker (2008) acrescenta a composicionalidade, entendida como sempre parcial, por ir além da contribuição semântica do esquema e a da expressão que instancia o esquema na formação de outra expressão.

Furthermore, language users employ a rich array of imaginative and interpretive abilities. Strictly speaking, then, a complex expression’s meaning cannot be **computed** from lexical meanings and compositional patterns (the semantic poles of constructional schemas) but is more accurately seen as being **prompted** by them. (LANGACKER, 2008, p. 245)

A contraparte da composicionalidade, relativa à estrutura semântica de uma construção, é a analisabilidade, relativa à estrutura fonológica de uma construção. Retomamos esse conceito na seção sobre foco, outro elemento do *construal*.

2.2. Proeminência

Já a proeminência, segundo Langacker (2008, 2009), é desdobrada em alinhamento trajetor/marco e destaque (*profile*). O destaque é o que, segundo o modelo, define uma classe de palavras, podendo ser de **coisa** ou de **relação**:

Preliminary definitions of some basic classes can now be presented. Each category is characterized in terms of what an expression profiles. Thus a noun is defined schematically as an expression that profiles a **thing**. (LANGACKER, 2008, p. 98)

We can now define a **thing** as any product of grouping and reification. Since these are general cognitive phenomena, not limited to space or perception, things can emerge from constitutive entities in any domain or at any level of conceptual organization. (LANGACKER, 2008, p. 105-106)

Portanto, ser um substantivo é destacar uma coisa, dirigir o foco para uma reificação, por sua vez, a serviço da designação. Conseqüentemente, um esquema selecionar um substantivo para sua instanciação revela que seu significado construcional só se compatibiliza com esse destaque, ressalvado que a distinção entre autonomia e dependência também se aplica à distinção entre coisa e relação.

At the semantic pole, a prime example of unipolar A/D-alignment is the distinction between things and relationships. For typical cases (and with certain oversimplifications), we can say that things are conceptually autonomous and relationships are dependent. It is possible for a physical entity (e.g. a rock, a table, or a cat) to be conceptualized in and of itself, without its relationship to other objects being invoked in any crucial or salient way. By contrast, a relationship is conceptually dependent on its participants. (LANGACKER, 2008, p. 200)

Nesses termos, o destaque de coisa caracteriza o substantivo, enquanto o destaque de relação, a serviço da predicação, caracteriza o adjetivo, o verbo, a preposição e o advérbio, que diferem quanto ao caráter temporal ou atemporal da relação, desdobramento em que não avançaremos por ser o destaque de coisa o que caracteriza a construção [S + a/eria].

O concerto conceitual resultante associa designação, autonomia e coisa, por um lado, e predicação, dependência e relação, por outro, o que permite ao modelo submeter construções morfológicas e construções sintáticas aos mesmos processos, dos quais enfatizamos a esquematização e a instanciação.

2.3. Foco

Quanto ao foco, trata-se da seleção do conteúdo conceitual, de sua distribuição entre figura e fundo e do escopo dentro de um domínio. Conforme afirmamos na apresentação deste artigo, nossa primeira hipótese foi que a construção [S + a/eria] fosse instanciada apenas por substantivos que designassem o produto à venda em estabelecimentos comerciais, como em *hamburgueria* e *brigaderia*. No entanto, dados como *esmalteria* e *canhoteria* revelam que o foco consiste na seleção de outros conteúdos conceituais mesmo conservando-se o domínio comercial.

A seleção e o escopo como elementos do foco nos levam a incluir nesta seção dois outros conceitos fundamentais para a análise que propomos na próxima seção: **status de unidade** e **metonímia**.

O *status* de unidade permite rever as tradicionais classes de palavras como classes de unidades convencionais em vez de classes de formas. Assim, a dificuldade em delimitar unidades lexicais a partir de propriedades internas é superada pela concepção de que uma unidade lexical é delimitada a partir da rotinização, que culmina no *status* de unidade para o falante, e da convencionalidade, que culmina no *status* de unidade para a comunidade linguística.

It is important to realize that unit status does not entail the absence or unimportance of components, merely the routinized nature of their execution (which does however tend to diminish their individual salience). Though a unit, *moonless night* is clearly analyzable into *moonless* and *night*, and *moonless* into *moon* and *-less* (LANGACKER, 2008, p. 17).

Nestes termos, podemos considerar o dado *pão de queijaria* como evidência para reconhecer o status de *pão de queijo* como uma unidade. Primeiro, pelo seu destaque de coisa, compatível com sua analisabilidade em *pão*, *de* e *queijo*. Segundo, pelo significado lexical de *pão de queijaria*, que

poderia ser “pão que vem da queijaria” se a composicionalidade não se submetesse ao significado construcional, mas é “lugar onde se vende pão de queijo”. O significado convencional, verificado no uso e determinado pelo conhecimento de mundo, indica que *pão de queijo* goza de *status* de unidade e que essa é a unidade que instancia a construção [S + a/eria].

A metonímia, por sua vez, é definida por Langacker (2008, p. 119) como deslocamento do destaque, que vimos ser um dos elementos da proeminência: “*An implicit shift in profile is nothing other than the ubiquitous linguistic phenomenon known as metonymy*”. O deslocamento pode se dar entre coisas, como o clássico exemplo de designação do cliente pelo lugar que ocupa num restaurante: *a mesa 4 pediu a conta*. Também pode se dar entre coisas e relações: *troquei meu carro velho* vs *ajudei um velho a atravessar a rua*.

Em formulação anterior, a GC propõe a distinção entre metáfora e metonímia com base em domínios da experiência (CROFT, 1993). Pode-se dizer que a compreensão da metonímia como deslocamento do destaque pressupõe a noção de domínio porque o deslocamento se dá entre coisas ou entre coisas e relações dentro do mesmo domínio da experiência. Basilio (2011) remete a tal compreensão ao reconhecer que:

Mais recentemente, a partir das proposições da Linguística Cognitiva, a metonímia é considerada como um fenômeno conceptual, no qual uma entidade conceptual dá acesso a outra entidade dentro do mesmo domínio ou modelo cognitivo. (p. 102)

O ponto que nos parece pertinente à análise da construção [S + a/eria] é que:

[...] processos morfológicos em correlação com padrões metonímicos atenuam o problema de acesso lexical em construções lexicais, dada a possibilidade quer de tornar-se redundante a armazenagem, quer de ser possível o acesso direto através de rotas de associação. (p. 103)

Esse ponto leva a duas perguntas de trabalho: (i) há um padrão metonímico associado à construção [S + a/eria]?; (ii) se houver, trata-se de um padrão que distingue as palavras que Cunha (1998) chamou de clássicas e as palavras que constituem nossos dados?

2.4. Perspectiva

A perspectiva é um elemento-chave na LC, em geral, não apenas na GC, em particular. O próprio conceito de *construal* é de natureza perspectivizada, na medida em que, na interação, corresponde a uma maneira de experienciar uma cena:

Pivotal to linguistic semantics is our ability to **construe** the same situation in alternate ways (LANGACKER, 1993a). Among the dimensions of construal are the level of specificity at which a situation is characterized, the perspective adopted for “viewing” it, and the degree of prominence conferred on the elements within it. (LANGACKER, 2009, p. 6)

Na língua, corresponde à estabilização de uma dentre tantas maneiras de experienciar uma cena, como na citação por meio da qual pretendemos desdobrar o significado lexical em conteúdo

conceitual e *construal*. Agora retomamos a citação para distinguir entre o sentido instável de *construal* (na interação), como na citação acima, e o sentido estável de *construal* (na língua), como na citação repetida abaixo:

[...] an expression's meaning depends on factors other than the situation described. On the one hand, it presupposes an elaborate **conceptual substrate**, including such matters as background knowledge and apprehension of the physical, social, and linguistic context. On the other hand, an expression imposes a particular **construal**, reflecting just one of the countless ways of conceiving and portraying the situation in question. (LANGACKER, 2008, p. 4)

A concepção de língua como codificação da experiência define toda a LC, não apenas um de seus modelos. O termo *construal* é que é próprio da GC na implementação dessa concepção em sua definição como modelo baseado no uso.

Também é próprio do modelo considerar a possibilidade de o *construal* poder ser mais objetivo, quando perspectiviza o conteúdo conceitual em sua relação com domínios básicos (espaço e tempo), ou mais subjetivo, quando perspectiviza o conteúdo conceitual em sua relação com domínios não básicos (enquadres).

A *subjectivização* é, então, um processo de extensão semântica pelo qual uma entidade passa de *objecto* a *sujeito* de per/concepção e, conseqüentemente, o conceitualizador/locutor (ou um outro elemento do acto de fala) deixa de ser um observador/elemento externo e passa a fazer parte do conteúdo de conceitualização. (SOARES DA SILVA, 2006, p. 105)

A **subjectivização** se dá tanto na formação de novas expressões (enquadramento) quanto na formação de novos significados para expressões estabelecidas (reenquadramento), resultando em apreciação ou depreciação.

Na seção 5, pretendemos mobilizar os conceitos apresentados nesta para esboçar uma proposta de análise da construção [S + a/eria] que contemple sua produtividade no PB. Antes, passemos aos dados e a considerações metodológicas.

3. Levantamento de dados e considerações metodológicas

A LC se caracteriza como um teoria em que tanto o recurso à intuição quanto a verificação empírica, seja sincrônica, seja diacrônica, têm lugar (cf. SOARES DA SILVA, 2009; LANGACKER, 2008). A pesquisa em Morfologia segundo a GC, por sua vez, exige o levantamento de dados do uso como método para justificar suas hipóteses. Os dados, no entanto, podem não ser passíveis de identificação automatizada em *corpora* por estarem dispersos e sujeitos apenas ao levantamento fortuito.

Essa dificuldade metodológica tem a ver com a própria hipótese de que uma construção seja produtiva. Por exemplo, *Veganeria* é o nome de um restaurante na rua Harmonia (Vila Madalena), assim como *Tartuferia* é o nome de um restaurante na alameda Tietê (Jardins). A busca por essas palavras em *corpora* pressuporia saber que elas existem, mas o percurso da pesquisa partiu de uma

sucessiva descoberta de novas palavras na designação de estabelecimentos comerciais, eventos e grupos sociais.

Assim, os dados que constituem o *corpus* da pesquisa que origina este artigo foram encontrados mediante (i) a busca inicial por estabelecimentos comerciais e (ii) o encontro fortuito de expressões em outros domínios. Cada dado apresenta diferentes graus de previsibilidade referencial, um fato esperado na pesquisa em LC, dado que a teoria se baseia na motivação.

Por exemplo:

Figura 1



Fonte: Acervo do autor

O encontro do dado *gateria* se deu em referência a um *pet shop* especializado no cuidado de gatos, e não a um criadouro de gatos nem a um encontro de gatos (em sentido experiencial ou metafórico), tampouco outro referente possível à luz de uma teoria comprometida com o realismo experiencial.

O quadro abaixo reúne os 123 dados coletados ao longo da pesquisa:

Quadro 2: dados

Expressão	Local	Expressão	Local
Açaiteria	São Miguel Paulista (SP)	Açougueria	Itapevi (SP)
Adesivaria	Limeira (SP)	Azulejaria	Loja on-line
Armeria	Loja on-line	Bananaria	Loja on-line
Batataria	Campo Limpo (SP)	Batateria	Guarulhos (SP)
Bicicletaria	São Paulo (SP)	Bikineria	Brasília (DF)
Biquinaria	Loja on-line	Biscoitaria	São Paulo (SP)
Biscoiteria	São Paulo (SP)	Bolacharia	São Caetano do Sul (SP)
Boleria	Goiânia (GO)	Bonecaria	Belo Horizonte (MG)
Brigaderia	São Paulo (SP)	Brinderia	São Paulo (SP)
Brinquedaria	Brasília (DF)	Brownieria	Rio de Janeiro (RJ)
Bruncheria	São Paulo (SP)	Cabelaria	Mairiporã (SP)

Cabidaria	Loja on-line	Cabideria	Loja on-line
Cachaçaria	Belo Horizonte (MG)	Cadernaria	Loja on-line
Calcinharia	Mogi das Cruzes (SP)	Caneteria	São Paulo (SP)
Canhoteria	São Paulo (SP)	Castanharia	Loja on-line
Capinharia	Loja on-line	Cervejaria	Blumenau (SC)
Chapelaria	Loja on-line	Cheesecakeria	Moema (SP)
Chinelaria	Votuporanga (SP)	Chocolataria	Gramado (RS)
Chopperia	Jacareí (SP)	Churreria	Jacareí (SP)
Comidaria	São Paulo (SP)	Comideria	Blog
Coiseteria	Rio de Janeiro (RJ)	Conviteria	Loja on-line
Coquetelaria	Indianópolis (SP)	Costuraria	São Paulo (SP)
Coxinharia	Aracaju (SE)	Crocheria	Porto Alegre (RS)
Cuecaria	Nova Friburgo (RJ)	Curseria	Site
Dogueteria	Boa Esperança do Sul (SP)	Empadaria	Assis (SP)
Empaderia	Belo Horizonte (MG)	Esmalteria	São Paulo (SP)
Espetaria	Campinas (SP)	Estamparia	Cambara (PR)
Focacceria	Jundiaí (SP)	Fondueria	Campos do Jordão (SP)
Formigaria	São Paulo (SP)	Fraldaria	Amparo (SP)
Fritaria	Comunidade no Facebook	Frutaria	São Paulo (SP)
Gateria	Balneário Camboriú (SC)	Gelateria	São Paulo (SP)
Gravataria	São Paulo (SP)	Hamburgueria	São Paulo (SP)
Lancheria	Torres (RS)	Lancheteria	Mogi das Cruzes (SP)
Lasanharia	São Paulo (SP)	Lasanheria	Indianópolis (SP)
Legumeria	Comunidade no Facebook	Letrinharia	Loja on-line
Linguageria	Blog	Manteigaria	São Paulo (SP)
Massaria	São Paulo (SP)	Memeria	Perfil no Instagram
Milkshakeria	Capão da Canoa (RS)	Movelaria	Ourinhos (SP)
Narguilaria	Jundiaí (SP)	Narguileria	Mairiporã (SP)
Omeleteria	Loja on-line	Paleteria	São Paulo (SP)
Palhaçaria	Peça teatral	Palmitaria	Salvador (BA)
Pamonharia	Goiânia (GO)	Panelaria	Comunidade no Facebook
Paneria	São Paulo (SP)	Panetoneria	Loja on-line
Panquecaria	Itabora (MG)	Pãodequeijaria	Paracatu (MG)
Passaderia	São Bernardo do Campo (SP)	Peluciarie	Loja on-line
Perucaria	Bauru (SP)	Picanheria	São Paulo (SP)
Pijamaria	Três Lagoas (MS)	Pilateria	São Paulo (SP)
Pipocaria	São Paulo (SP)	Piscinaria	Sumaré (SP)
Quadreria	São Paulo (SP)	Rabiscaria	Comunidade no Facebook
Raquetaria	Loja on-line	Retrataria	Perfil no Instagram
Risadaria	Festival de stand-up comedy	Rouparia	Santa Bárbara D'Oeste (SP)
Saboneteria	Praia do Forte (BA)	Saladeria	Fortaleza (CE)
Salgateria	São Paulo (SP)	Sanduberia	São Paulo (SP)

Sanduicheria	Goiânia (GO)	Sonheria	São Paulo (SP)
Sorrisaria	São Paulo (SP)	Sucaria	Limeira (SP)
Sushinharia	Rio de Janeiro (RJ)	Tabacaria	São Paulo (SP)
Tapiocaria	Itajaí (SC)	Tartuferia	São Paulo (SP)
Tatuaria	São Paulo (SP)	Temakeria	São Paulo (SP)
Tijolaria	São Paulo (SP)	Toalheria	São Paulo (SP)
Tsherteria	Loja on-line	Ursaria	Loja on-line
Videogameria	Loja on-line	Vinheria	São Paulo (SP)
Yogateria	São Paulo (SP)		

Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

4. Proposta de análise

Nesta seção, propomos uma análise da construção [S + a/eria] que não se pretende exaustiva, e sim capaz de articular aspectos apontados pela tradição gramatical e os conceitos selecionados do modelo teórico adotado.

4.1. Formação de substantivos a partir de substantivos

Na seção 1, vimos que Rocha Lima (1996) e Cunha e Cintra (2001) assinalam que o sufixo *aria* forma substantivos a partir de substantivos. Na seção 2, vimos que ser um substantivo é semanticamente definido pelo destaque de coisa, reflexo na língua da reificação na cognição.

O fato de que a construção [S + a/eria] pode ser instanciada apenas por substantivos (unidades que destaquem coisa a despeito de sua caracterização como palavras) e tem apenas substantivos como expressões resultantes de sua instanciação nos parece ser sua principal propriedade semântica.

Como afirmamos também na seção 2, a partir da convergência identificada entre Basilio (1987) e Langacker (2008) por diferentes caminhos teóricos, a produtividade da construção [S + a/eria] se deve à generalidade da designação de lugares (experenciais ou metafóricos). Nos termos da GC, concluímos que a generalidade, contraparte da especificidade, é o que define seu significado.

Outro elemento de seu significado é o foco, que tem o escopo como um de seus elementos. O dado *pão de queijaria*, que mencionamos na seção 2 para ilustrar o *status* de unidade lexical de *pão de queijo*, ilustra que essa unidade é o escopo da construção [S + a/eria] e, por isso, ocupa a posição S (autônoma). Por isso, o significado de *pão de queijaria* é ‘lugar onde se vende pão de queijo’.

A formação de *queijaria*, por sua vez, resulta da instanciação da mesma construção por *queijo*. Por isso, *pão de queijaria* poderia significar ‘pão que vem de queijaria’, caso em que seria uma unidade da sintaxe, em que o escopo seria [pão[de[queijaria]]].

A constatação de que *pão de queijaria* significa ‘lugar onde se vende pão de queijo’ impede que a palavra gráfica esconda o escopo, que não é [pão[de[queijaria]]], e sim [[pão de queijo]aria]. Esse dado ilustra por que uma construção é constituída por uma estrutura fonológica (pertinente à analisabilidade da expressão) e uma estrutura semântica (pertinente à composicionalidade da expressão).

Na seção 2, vimos que, segundo a GC, a perspectiva pode ser mais objetiva ou mais subjetiva. A dimensão mais objetiva do significado da construção [S + a/eria] está na designação de lugares ou eventos, em que a direção é de quem produz para quem consome. A coisa destacada por S não se restringe, como também já vimos, a produtos à venda. A perspectiva dirige o foco para o elemento mais saliente no domínio e, por isso, mesmo dentro do domínio comercial, há *hamburgueria*, em que *hambúrguer* é mais saliente como fim, e *esmalteria*, em que *esmalte* é mais saliente como meio.

Já a dimensão mais subjetiva está no que podemos chamar de “gourmetização” do lugar designado por expressão resultante da instanciação da construção [S + a/eria]: uma browneria não apenas vende *brownie*, o *brownie* ali vendido é mais sofisticado; uma esmalteria não é um salão qualquer onde se pode fazer unha, é um salão mais especializado. Como vimos na seção 2, a inclusão da perspectiva no significado da construção corresponde ao que a GC entende por subjetivização, neste caso produzindo apreciação.

Assim, a formação de substantivos a partir de substantivos pela instanciação da construção [S + a/eria] se revela um fenômeno semanticamente motivado, cuja caracterização depende da consideração do *status* de unidade, da relação entre produtividade e generalidade, do foco e da perspectiva.

4.2. Rede de construções

Na seção 1, vimos que Rocha Lima (1996) considera *aria* e *eiro* um único sufixo. A evolução de *ário* a *eiro* é um fato diacrônico do português, que, no entanto, não deve ser confundido com o fato sincrônico do PB de que são duas as construções: [X + ário] e [X + eiro].⁵

Os autores reunidos na seção 1 também apontam a formação do sufixo *a/eria* como combinação entre os sufixos *ário* e *ia*. Novamente, a GC nos leva a estipular duas construções: [X + ário] e [X + ia].

Esses fatos nos levam a distinguir entre:

- a. a mescla como operação cognitiva que atua na formação de autônomos (ex.: *namorido*, *escragiário*, *Copanema*) e de dependentes (ex.: *a/eria*);
- b. e a estruturação de uma língua natural como rede de construções.

Quanto à mescla, ressaltamos que ela está entre as habilidades imaginativas e interpretativas com que vimos Langacker (2008) adotar a versão parcial da composicionalidade. Na seção 2.2.3, o autor reconhece afinidades entre a Teoria dos Espaços Mentais e a GC ao incorporar a mescla como operação cognitiva e equiparar os conceitos de *domínio* e *espaço mental* como duas formas não equivalentes de ver o conteúdo conceitual: o domínio relativamente ao significado lexical (língua), o espaço mental relativamente à fala (interação)

⁵ Passamos a representar todas as construções pela variável X, na medida que seria necessário investigar a partir de quais expressões são esquematizadas e se podem ser instanciadas.

Neste artigo, afastamo-nos da menção à mescla para a classificação de seus produtos, predominante nos estudos morfológicos, e ressaltamos seu *status* de operação cognitiva a serviço da integração conceitual. Isso nos leva a identificá-la como causa da formação tanto de autônomos quanto de dependentes.

Como evidência de sua atuação na formação autônoma, existe farta literatura sobre cruzamentos vocabulares ou *blends* como os que usamos como exemplos no item (a) acima. Durante a coleta dos dados que reunimos neste artigo, encontramos o dado *maconharia*:

Figura 2



Fonte: Acervo dos autores

A expressão *maconharia* poderia ser analisada como produto da instanciação da construção [X + a/eria] pelo substantivo *maconha*. No entanto, a descrição do grupo no Facebook permite identificar que se trata de uma “sociedade discreta” dedicada à maconha. Nem sempre um dado é acompanhado de alguma pista sobre o entendimento do falante. Esse veio com uma descrição que nos leva a considerar *maconharia* como mescla entre *maçonaria* e *maconha*, e não como um dado que sirva como evidência da produtividade da construção [X + a/eria]. Assim, temos a mescla tanto na formação do autônomo *maconharia* quanto na formação do dependente *a/eria* em diferentes estágios da língua portuguesa.

Os exemplos de Maurer Jr. (1951, p. 93), na seção 1, para ilustrar “[...] que -ía se sobrepõe naturalmente a outros sufixos, como o de agente [...]” são *sabedoria* e *recebedoria*. Durante nossa coleta de dados, encontramos *comedoria*. O que essas expressões, separadas temporalmente, nos informam é que estão na mesma rede as construções [X + or] e [X + ia], da qual resultam expressões como *autor/autoria*, *ouvidor/ouvidoria*, *promotor/promotoria*, *relator/relatoria*, *zelador/zeladoria*, assim como *comedor/comedoria*.

O fato de que nem toda expressão resultante da instanciação da construção [X + or] forma um par com uma expressão resultante da instanciação da construção [X + ia] remete tanto ao compromisso da LC com a motivação, e não com a previsibilidade, quanto ao fato de outras construções integrarem a rede. Por exemplo, *professor* não remete a *professoria*, mas sim a *professorado* e *professoral*, o que convida a incluir na rede – ou em um de seus ramos – [X + ado] e [X + al].

A relação diacrônica entre *ário* e *eiro*, considerada por Rocha Lima (1996) para pensar em formas do mesmo sufixo, já foi observada como evidência da existência de duas construções. Agora a retomamos como evidência da estrutura da língua como rede de construções.

On this basis, we can describe a language as a **structured** inventory of conventional linguistic units. This structure – the organization of units into networks and assemblies – is intimately related to language use, both shaping it and being shaped by it [...] (LANGACKER, 2008, p. 222)

A partir desse entendimento sobre a estruturação linguística a partir da unidade construção, relemos as descrições disponíveis na literatura. Por exemplo, segundo Silva (2017, p. 18), temos:

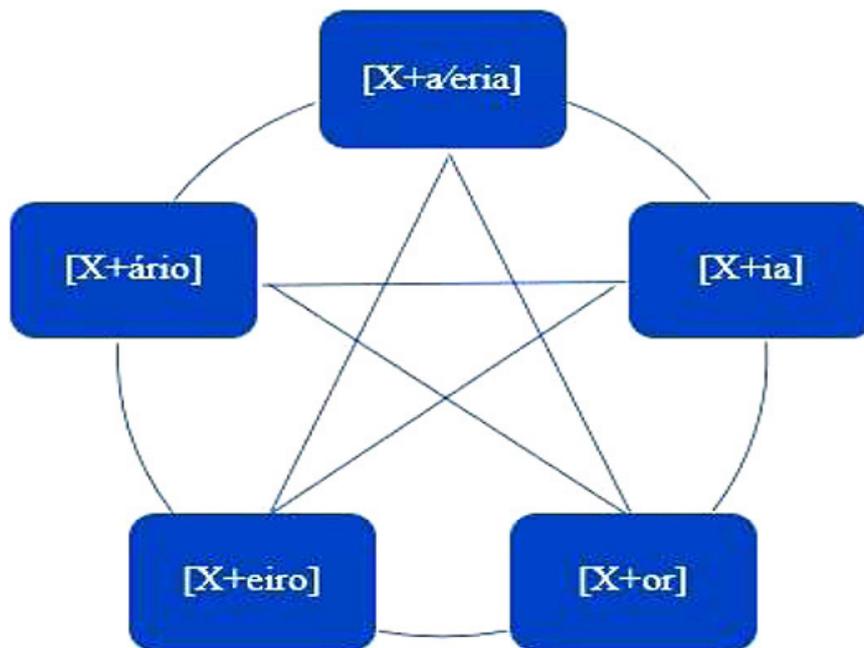
[...] os agentes profissionais X-eiro(a), que precisam, basicamente, de duas paráfrases relativamente distintas para abarcar todas as formações do português: ‘Aquele que trabalha com X’ (‘sapateiro’, ‘sorveteiro’, ‘relojeiro’) e ‘Aquele que trabalha em X’ (‘açougueiro’, ‘sorveteiro’, ‘relojeiro’).

Tendo em vista que ‘aquele que trabalha com X’ é uma paráfrase geral o suficiente para abranger meio (aquele que trabalha com esmalte) e fim (aquele que trabalha com hambúrguer), as instanciações da construção [X + a/eria] poderiam corresponder a um agentivo assim parafraseável. No entanto, tais expressões não têm um par agentivo: existe *hamburgueria* mas não *hamburgueiro*, existe *esmalteria* mas não *esmalteiro*, o que não é específico das palavras mais recentes, dado que existe *drogaria* mas não *drogueiro*, assim como existe *lavanderia* mas não *lavandeiro*.

Essas afirmações do que não existe se baseiam em nossa intuição e podem não resistir a uma busca no Google. Se existirem, prevalecerá o caráter do modelo como baseado no uso e a despreensão da teoria de prever. No entanto, a existência de pares (*sapataria* / *sapateiro*, *padaria* / *padeiro*, *sorveteria* / *sorveteiro*) não cria a expectativa por pares, apenas evidencia que faz sentido haver pares, dada a presença das duas construções em questão na rede.

A rede que os dados nos levam a propor inclui as seguintes construções:

Figura 3



Fonte: Elaborada pelos autores (2021).

Sem qualquer direcionalidade ou hierarquia, esta é uma mera representação de como uma análise baseada na GC permite rever as contribuições oferecidas pela tradição gramatical a partir da concepção de uma língua natural como rede de construções. A rede permite, ainda, descrever o papel da morfologia na variação, na medida em que nem todos os falantes têm conhecimento de todas as construções que formam a rede⁶, ou melhor, que há uma rede para cada falante.

4.3. O papel da metonímia

Encerramos a seção 2 com duas perguntas de trabalho: (i) há um padrão metonímico associado à construção [S + a/éria]?; (ii) se houver, trata-se de um padrão que distingue as palavras que Cunha (1998) chamou de clássicas e as palavras que constituem nossos dados?

Nossos dados (v. quadro 2) incluem *frutaria*, *canhoteria*, *bananaria*, *formigaria* e *esmalteria*, entre outras expressões. Os estabelecimentos designados por *frutaria* são tanto dos que vendem frutas quanto dos que vendem sucos de frutas. A polissemia de *frutaria* é, portanto, metonímica, dado que o acesso a frutas (significado experiencial) é mais direto que o acesso a um dos usos das frutas, dentre os quais sucos (significado metonímico). No entanto, a polissemia de *frutaria* revela o papel da metonímia no significado dessa expressão, enquanto o que buscamos conhecer é se a metonímia atua no significado construcional. As demais expressões enumeradas no início deste parágrafo nos levam a concluir que sim.

⁶ Um fator que pode tornar a descrição do fenômeno ainda mais complexo é o bilinguismo. O fato de que existe *cheesecakery* em inglês pode influir na maior convencionalidade de *cheesecakeria* entre falantes do português que também falam inglês? Ou na própria formação da palavra *cheesecakeria* por falantes que conheçam a construção [X + ery] do inglês?

O estabelecimento que encontramos designado por *canhoteria* não vende canhotos (talões, recibos), e sim coisas pensadas para quem escreve com a mão esquerda e, portanto, nunca encontra produtos que lhe sirvam por serem pensados para quem escreve com a mão direita. Portanto, o substantivo que instancia essa expressão [S + a/eria] não significa o produto vendido, como em [[HAMBURGUER]/[hamburger]–[ERIA]/[eria]], e sim aquele a quem produtos não especificados se destinam. A expressão [ainda] é monossêmica, e seu significado é metonímico.

O estabelecimento que encontramos designado por *bananaria* nem vende banana nem vende suco de banana nem vende nada feito de banana. Vende tudo a preço de banana. Portanto, o acesso a banana é ainda mais indireto pois envolve o que o senso comum fixou como preço baixo, e não o preço da banana atualizado por algum índice de preços reconhecido pela Economia. A indiretividade no acesso à contribuição semântica do substantivo *banana* torna o significado de [[BANANA]/[banana]–[ARIA]/[aria]] metonímico, em mais um caso de monossomia até o momento de formulação desta análise.

O estabelecimento que encontramos designado por *formigaria* não vende formigas nem produtos para matar formigas, e sim doces para quem se considera uma formiga. Aqui temos a participação da metáfora, que seria PESSOAS SÃO FORMIGAS, o que poderia nos levar a substituir o título desta seção por “o papel da figuratividade”, mas também temos a participação da metonímia, dado que o acesso a doces diz respeito ao que a cultura difundiu como objeto do desejo das formigas. Em outras palavras, a relação entre quem come e o que é comido se mantém, e é nesta relação que a metonímia atua dando acesso à comida (doces) por meio de quem come (formiga). O que muda é que quem come é conceitualizado metaforicamente como formiga.

Por fim, os estabelecimentos designados por *esmalteria* não vendem esmalte. São salões especializados em fazer a unha, atividade em que o esmalte é a substância mais saliente dentre as demais. A referência ao fim pelo meio se dá por uma rota metonímica, que confere a [[ESMALTE]/[esmalte]–[ERIA]/[eria]] significado fortemente dependente do conhecimento sobre o domínio da experiência em que o esmalte é central.

Com base nesses dados, respondemos afirmativamente à primeira pergunta. Há um padrão metonímico associado à construção [S + a/eria]. Resta saber se se aplica somente às novas expressões.

O que Cunha (1998) chama de palavras clássicas, como *sapataria*, *padaria*, *marcenaria* e *joalheria*, vem sendo considerado neste artigo como expressões a partir das quais atua a esquematização, que leva à aquisição da construção [S + a/eria], mas a atuação dos processos cognitivos deve ser considerada em cada falante. Assim, a esquematização num determinado falante pode não ser deflagrada por expressões mais antigas, e sim por uma das expressões mais recentes, como *hamburgueria*, e inversamente levar esse falante a reconhecer a mesma estrutura em palavras mais antigas. Portanto, mais antigas e mais recentes na língua, considerada por seus produtos, não necessariamente coincide com mais antigas e mais recentes na aquisição do léxico por um falante real, considerados os processos cognitivos e a variedade da língua em questão.

O que pretendemos identificar com o contraste entre antigas e recentes é se, no curso da mudança, o padrão metonímico é novo ou sempre esteve associado à construção [S + a/eria]. A expressão *lavanderia*, entre as mais antigas, designa um estabelecimento especializado em lavar e passar roupa. Apenas a primeira atividade é considerada por meio da substância usada na lavagem, no que diz respeito à sua fabricação a partir da lavanda, que é uma planta. Portanto, a metonímia atua no acesso à planta por meio da substância feita com a planta e no acesso à atividade de lavar roupa por meio do cheiro da substância com que a roupa é lavada. Esse dado, que goza de alta frequência de uso, nos parece exibir o mesmo padrão metonímico que identificamos nas expressões mais recentes. Portanto, nossa resposta à segunda pergunta é que o padrão metonímico não permite distinguir entre as palavras mais antigas e as mais recentes.

4.4. A estrutura fonológica

Langacker (2019, p. 18) reconhece a necessidade de “[...] *a more comprehensive characterization of phonology in CG terms than has thus far been available [...]*”. Assim como para o modelo teórico adotado, a estrutura fonológica da construção [S + a/eria] ultrapassa os objetivos deste artigo e permanece como objeto de investigação. Aqui nos limitamos à identificação da alternância entre *aria* e *eria* na melhor representação de uma única construção: [S + a/eria]. A seguir, registramos algumas indagações, que deixamos em aberto.

Entre nossos dados, existem os pares *batataria* / *batateria* e *biscoitaria* / *biscoiteria*, em que a vogal final de *batata* e *biscoito* não parecem determinar a alternância entre *aria* e *eria*, questão que pode favorecer a duplas formações na mesma variedade linguística ou a uma formação por variedade linguística.

Entre nossos dados, existem expressões em que ocorre a consoante [t], sem que tal consoante possa ser atribuída aos substantivos que instanciam o esquema, como *bicicletaria* e *biscoitaria*. São apenas quatro: *açaiteria*, *coiseteria*, *lancheteria* e *yogateria*. Por isso, optamos por não postular que a construção seja [S + (t)a/eria]. Novas expressões podem vir a confirmar ou desconfirmar nossa posição de que, visando à generalização, a construção é [S + a/eria].

O parâmetro fonológico oferecido pela GC é a analisabilidade. Entre as palavras mais antigas, *padaria*, *joalheria* e *marcenaria* são menos analisáveis que *sorveteria* e *borracharia*.

Novel expressions are fully analyzable, since the speaker has to construct them from component elements on the basis of their meanings. Established expressions may be less analyzable (LANGACKER, 2009, p. 26).

Assim, a analisabilidade nos permite distinguir entre antigas e recentes, não pela datação de produtos, mas pela expectativa de mais analisabilidade nas expressões novas. O que os dados revelam é que tanto expressões mais antigas quanto expressões mais recentes podem ser mais ou menos analisáveis.

5. Conclusão

Este artigo nasceu da inquietação de uma então aluna de graduação diante de palavras novas, como *açaiteria*, *esmalteria* e *hamburgueria*, muito usadas na designação de estabelecimentos comerciais. A primeira indagação foi se se tratava de um fenômeno dialetal, restrito à cidade ou à região metropolitana de São Paulo. A segunda foi se se tratava do mesmo padrão de formação de palavras como *sapataria*, *padaria* e *lavanderia*.

Anos depois, a inquietação serviu de ponto de partida de um projeto de pesquisa que permitisse, dentro dos limites de um mestrado, entender melhor o fenômeno. O encontro fortuito de cada vez mais expressões em diferentes cidades do Brasil fortaleceu a hipótese de que a construção [S + a/eria] é produtiva no PB.

A escolha da LC como teoria e da GC como modelo levou à seleção dos conceitos fundamentais à descrição da construção, na busca por generalização. A pesquisa permitiu identificar mais semelhanças que diferenças entre as palavras mais antigas e as mais recentes.

A principal diferença é que as mais antigas se distribuem entre mais domínios da experiência, enquanto as mais recentes se especializam na designação de lugares, eventos e comunidades, o que revela que a mudança semântica da construção foi no sentido da especialização. As principais semelhanças são: (i) a conservação do padrão metonímico que permite ao substantivo que instancia a construção dar acesso indireto ao referente; (ii) a manifestação de diferentes graus de analisabilidade tanto entre as mais antigas quanto entre as mais recentes, sendo a analisabilidade a contraparte fonológica da composicionalidade; e (iii) a alternância entre *aria* e *eria* na estrutura fonológica de uma única construção, e não de duas construções.

Nossas conclusões convergem com algumas descrições e divergem de outras fornecidas pela tradição gramatical, ressalvado que a tradição gramatical enfoca as palavras reais e atestadas, enquanto a GC enfoca os processos cognitivos envolvidos na formação de palavras e significados. Os pontos de convergência são: (a) o que é descrito como combinação dos sufixos *ário* e *ia* resultante na formação do sufixo *aria* é revisto como evidência de que a mescla atua também na formação de dependentes, concebidos como elementos invariáveis em construções caracterizadas como lugares de elaboração; (b) o que é descrito como significado dos sufixos é revisto como parte do significado da construção, desdobrado em especificidade, proeminência, foco e perspectiva; (c) o que é descrito como alternância fonológica de um único sufixo é mantido como alternância fonológica numa única construção; (d) o que é descrito como formação de substantivos a partir de substantivos é revisto como consequência do destaque, um dos elementos da proeminência, o que nos leva a representar a construção como [S + a/eria]. O único ponto de divergência é que, apesar de a evolução de *ário* a *eiro* ser um fato diacrônico, postulamos não apenas que, sincronicamente, são duas as construções, [X + ário] e [X + eiro], mas também que essas construções estão em rede com [X + a/eria] e outras construções.

Consideramos justificada nossa hipótese de que a construção [S + a/eria] é produtiva pelo volume de expressões que resultam de sua instanciação, no que a GC restabelece, em termos de

convencionalidade e rotinização, o debate instituído pelo lexicalismo gerativo quanto à produtividade ser um fenômeno gradativo ou absoluto. Até a conclusão da dissertação que serve de base para este artigo, continuamos encontrando novas expressões, como *arrozeteria*, que contribuiria para a discussão sobre a difusão de [t] na estrutura fonológica, sobre a especificidade semântica na designação de estabelecimentos comerciais e sobre a subjetivização. Deixamos vários pontos em aberto, sobretudo os de ordem fonológica, e entendemos que esta é apenas uma contribuição para a descrição da construção [S + a/eria] no PB.

Referências

- ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de; LEMOS DE SOUZA, Janderson; KEWITZ, Verena. Preposições complexas: moldes e modos. In: TENUTA, Adriana Maria; COELHO, Sueli Maria (org.). *Uma abordagem cognitiva da linguagem: perspectivas teóricas e descritivas*. 1. ed. Belo Horizonte: FALÉ/UFMG, 2018, pp. 157-80.
- BASILIO, Margarida. O papel da metonímia na morfologia lexical. *ReVEL*, edição especial, n. 5, 2011, pp. 99-117.
- BASILIO, Margarida. Abordagem gerativa e abordagem cognitiva na formação de palavras: considerações preliminares. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, pp. 1-14, 2010.
- BASILIO, Margarida. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.
- CONDÉ, Valéria Gil. Estudo comparativo do sufixo *-ária/-eria* nas línguas galega e asturiana em contraste com a língua portuguesa. *Caligrama*, Belo Horizonte, v. 14, 2009, pp. 35-50.
- CROFT, William. The role of domains in the interpretation of metaphors and metonymies. *Cognitive Linguistics*, Berlin, New York, v. 4, n. 4, 1993, pp. 335-70.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- LANGACKER, Ronald. Morphology in cognitive grammar. In: AUDRING, Jenny; MASINI, Francesca (eds.). *The Oxford handbook of morphological theory*. Online publication (www.oxfordhandbooks.com): jan. 2019, pp. 1-21.
- LANGACKER, Ronald. *Investigations in cognitive grammar*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2009.
- LANGACKER, Ronald. *Cognitive grammar: a basic introduction*. Oxford, New York: Oxford Press, 2008.
- LANGACKER, Ronald. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- LEMOS DE SOUZA, Janderson. Provocações morfológicas à gramática cognitiva. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, 2020, pp. 303-23.

MAURER Jr., Theodoro Henrique. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

MAURER Jr., Theodoro Henrique. *A unidade da România Ocidental*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1951.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 33. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

SILVA, João Carlos Tavares da. *Esquemas de imagem na formação de denominais em português: o caso de -eiro e -ário*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2017.

SOARES DA SILVA, Augusto. A sociolinguística cognitiva: razões e escopo de uma nova área de investigação linguística. *Revista Portuguesa de Humanidades – Estudos Linguísticos*, Braga, v. 1, n. 13, 2009, pp. 191-212.

SOARES DA SILVA, Augusto. *O mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição*. Coimbra: Almedina, 2006.

SOUZA, Mariana Pimentel Lopes de. “Açaiteria”, “Esmalteria”, “Risadaria”: a construção [X + a/eria] no português brasileiro segundo a gramática cognitiva. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Letras (Estudos Linguísticos), Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Guarulhos, 2021.

A CRUCIALIDADE DA FONOLOGIA: UM OUTRO OLHAR SOBRE *BLENDS* LEXICAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO*THE CRUCIALITY OF PHONOLOGY: ANOTHER GAZE ON BLENDS IN BRAZILIAN PORTUGUESE*Felipe da Silva Vital¹Carlos Alexandre Victório Gonçalves²**RESUMO**

O presente trabalho se presta a analisar os *blends* lexicais no português brasileiro tomando um outro ponto de vista em relação ao qual foi tomado por Nóbrega e Minussi (2015). Neste trabalho, que está dentro do quadro teórico da Morfologia Distribuída, os autores defendem que a fonologia dos *blends* é um tipo de epifenômeno das motivações semânticas que se impõem na criação de *blends*. Neste sentido, nós argumentamos, como uma resposta ao trabalho, que a fonologia é crucial quanto ao processo de formação de palavras em tela, entendendo de maneira premente que a semântica é a motivação básica para criação de todas as palavras já criadas nas línguas. Para isto, argumentamos em favor do papel fundamental da sílaba e do pé métrico enquanto domínios prosódicos (assentando nossa análise sobre a Fonologia Prosódica (ITO; MESTER, 2009)) para a realização destes processos morfofonológicos, considerando em separado os dois subtipos, *blends* ‘fonológicos’ (contando a sílaba como seu domínio) e ‘morfológicos’ (contando o pé métrico como seu domínio), uma vez que ‘*blends* semânticos’ (cf. MINUSSI; NÓBREGA (2014) para esta taxonomia específica), em verdade, não são *blends*. Os dados analisados aqui foram extraídos dos próprios trabalhos citados ao longo do presente texto a partir dos quais estamos debatendo.

PALAVRAS-CHAVE: Morfologia. Fonologia. *Blends*. Sílaba. Pé métrico.

ABSTRACT

This text intends to develop an analysis of lexical blends in Brazilian Portuguese departing from another point-of-view than what has been chosen by Nóbrega e Minussi (2015). In their endeavour, rooted in Distributed Morphology’s framework, they defend a premise that phonology in the blends happens as epiphenomenon of pragmatic pressures that enforce the lexical-blend formation. In this sense, we claim, as in reply to them, that phonology is crucial as to this word-formation process, understanding, first and foremost, that semantics is the base for formation of all words invented in the languages. In order to account for it, we argue in favour of the elementary role of syllable and metrical foot as prosodic domains (basing our analysis on Prosodic Phonology (ITO; MESTER, 2009)) for this morphophonological process, considering separately the two subtypes of lexical blends in Brazilian Portuguese, ‘phonological’ (counting syllable as its prosodic domain) and ‘morphological’ (counting metrical foot as its prosodic domain), once ‘semantic blends’ (see MINUSSI; NÓBREGA (2014) for this specific tripartite taxonomy) actually are not blends. The data analysed here are extracted by the works across this text which we are debating with.

KEYWORDS: Morphology. Phonology. Blends. Syllable. Metrical foot.

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), felital82@gmail.com, <https://orcid.org>

² Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), carlosvictorio@letras.ufrj.br, <https://orcid.org/0000-0003-3672-3852>.

Introdução

Este texto, de inflexão teórico-descritiva, presta-se a duas reflexões: a primeira diz respeito às afirmações, feitas por Nóbrega e Minussi (2015), no que tange à constituição formal dos produtos, para o que chamam de ‘*blends fonológicos*’, a exemplo de ‘Micheque’³. No artigo, os autores sustentam a defesa de que esses *blends* (a) são motivados por questões estilísticas (i.e. pragmáticas) e (b) a fonologia que diz respeito à “sobreposição de segmentos idênticos” (NÓBREGA; MINUSSI, op. cit, p. 158) é um epifenômeno dessas questões. A segunda perspectiva deste texto gira em torno do que Minussi e Nóbrega (2014) chamam de ‘*blends morfológicos*’, a exemplo de ‘rodrimar’ (‘rodrigues + mar’, uma empresa portuária)⁴.

Propõe-se, aqui, uma discussão em torno do segundo tipo de *blend*, endossando o que os autores postularam para o primeiro tipo quanto ao ponto em (a), enquanto propomos um olhar também para o ponto em (b). Os autores partem de uma revisão sobre os cruzamentos vocabulares sustentada por vários teóricos, entre os quais notadamente Gonçalves. Para este último autor, os cruzamentos vocabulares correspondentes aos ‘*blends fonológicos*’ se caracterizam pelo que Piñeros (2000) chama de *ambimorfemia*, um correlato para “sobreposição de segmentos idênticos”, dos ‘*blends fonológicos*’ de Minussi e Nóbrega (2014).

Assim, tanto na perspectiva taxonômica de ‘*blend fonológico*’ quanto na perspectiva de ‘ambimorfemia’⁵, o que define esse tipo de fusão vocabular, de um ponto de vista propriamente fonológico, é a semelhança fonética no ponto de sobreposição das bases envolvidas. Nesse sentido, a fonologia, nesse tipo de *blend*, reside na identidade (ou ‘correspondência’, para McCarthy e Prince, 1993) dos ‘segmentos idênticos’ entre as bases envolvidas – tanto na perspectiva de Nóbrega e Minussi quanto nas de Gonçalves.

Em linhas gerais, argumentamos em favor da fonologia sendo crucial (e não epifenomênica), com base na Hierarquia Prosódica, na perspectiva defendida por Ito e Mester (2011), um modelo de organização da estrutura prosódica dos enunciados linguísticos que dispõe de categorias imediatas (entre as quais, no caso, a sílaba). Entendemos que, em *blends* desse tipo, mesmo quando não há ‘sobreposição de segmentos idênticos’, como no caso de ‘burrocracia’ ([r], de ‘burrocracia’ ≠ [X], de

³ Na literatura sobre o português, há diversos nomes para esse tipo de *blend*: portmanteaux (ARAÚJO, 2002), FUVÉ (Fusão Vocabular Expressiva – BASILIO, 2005), entranhamento lexical (ANDRADE, 2008) e *blend fonológico*, como optam os autores referenciados no corpo do texto.

⁴ Novamente aqui, a terminologia varia: telescopes (ARAÚJO, 2002); combinação truncada (ANDRADE, 2003) e *blends morfológicos*, como preferem os autores.

⁵ Quanto ao ponto diferenciador dessas duas “perspectivas taxonômicas”, que propriamente justifica a distinção, é que, para a perspectiva defendida por Gonçalves quanto aos cruzamentos vocabulares, a motivação do processo de *blend fonológico*, enquanto, para a perspectiva defendida por Minussi e Nóbrega (2014), a motivação para o processo é de *blend semântico*. Gonçalves (2003) defende que, em contraposição a palavras compostas, cruzamentos vocabulares se atualizam em uma única palavra prosódica, servindo como uma espécie de ajuste fonológico, o que Nóbrega e Minussi (2015) refutam no texto, mostrando dados que instabilizam a premissa de “única palavra prosódica/pauta métrica da base maior” para os *blends*. Para estes autores, por sua vez, questões semântico-pragmáticas é que motivam a mesclagem que ocorre nos *blends*.

‘**burra**’), ‘**p**ilantropia’ ([p], de ‘pilantra’ ≠ [f], de ‘filantropia’), ou chafé ([ʃ], de **ch**á ≠ [k], de ‘**c**afé’), há compartilhamento de estatuto silábico entre os elementos envolvidos no ponto de fusão.

Em relação à segunda discussão, sobre os ‘*blends* morfológicos’, argumentamos em favor da fonologia nesse tipo de *blend* também com base na Hierarquia Prosódica, uma vez que a porção linguística envolvida em *blends* desse tipo em geral corresponde à configuração de pé métrico comum, como em ‘brasiguaiio’ (‘brasileiro’ + ‘paraguaio’) e ‘futevôlei’ (‘futebol’ + ‘vôlei’).

Quanto às questões morfossintáticas subjacentes aos *blends*, que não serão abordadas no escopo deste texto por acreditarmos serem questões laterais ao processo e ao produto nos *blends*, a literatura mais recente (RIO-TORTO, 2014; VILLALVA; MINUSSI, 2022) aponta para diferentes combinações entre as bases envolvidas no *blend*, bem como diferentes posições (direita ou esquerda) em que os núcleos costumam aparecer. Marangoni Jr. (2021) aponta que *blends* envolvem diferentes combinações de classes gramaticais em geral e se assemelham aos compostos de estrutura [radical + palavra], como *hidroginástica*. Chamamos atenção apenas para os casos de coordenação de bases verbais formando verbos, a exemplo de ‘chorrir’ e ‘empresdar’, o que jamais ocorre na composição. No entanto, o que pretendemos questionar, aqui, é o estatuto da fonologia como epifenômeno, uma vez que os aspectos formais (SILVEIRA, 2002; ANDRADE, 2008) e os semântico-cognitivos já foram bem abordados (ÁLVARO, 2003; PIZZORNO; ANDRADE, 2009; FURTADO, 2016).

Os dados analisados aqui são oriundos dos artigos que estão sendo usados com base, dispostos ao longo do artigo. O texto se divide, além desta introdução e das referências finais, em quatro partes: a primeira diz respeito à proposta feita por Nóbrega e Minussi (2015). A parte seguinte traz uma breve consideração a respeito da Hierarquia Prosódica. A terceira parte contém a análise morfoprosódica dos ‘*blends* fonológicos’ (cruzamentos vocabulares por *interposição lexical*) e dos ‘*blends* morfológicos’ (cruzamentos vocabulares por *combinação truncada*). Por último, a quarta parte traz observações finais sobre o texto, em especial a parte da proposta feita por Nóbrega e Minussi (2015) e a análise morfoprosódica aqui defendida.

1. A proposta de Nóbrega e Minussi (2015) para os ‘*blends* fonológicos’

O presente texto não se propõe a defender ou refutar alguma inclinação teórica, *a priori* ou *a posteriori*, tampouco propor uma fundamentação teórica como mais ou menos relevante para a análise do fenômeno em tela. A proposta consiste em uma descrição, de um ponto de vista formal, dos *blends* pelo prisma dos constituintes da hierarquia prosódica. Porém, é inegável que qualquer ponto de vista teórico implica desafios para a análise, uma vez que é preciso dar conta dos fenômenos considerando um quadro de ideias nucleares e hipóteses auxiliares que sustentam esse ponto de vista.

A Morfologia Distribuída⁶, ao adotar uma visão sintática para o estudo da palavra e desmembrando a noção estruturalista de morfema, lida bem, de maneira geral, com questões funcionais e abstratas,

⁶ Para um panorama teórico da Morfologia Distribuída, ver o próprio texto de Nóbrega e Minussi (2015); e obras clássicas, como Halle e Marantz (1993), Marantz (1997); Embick e Noyer (2007), para uma apreciação histórica aprofundada do surgimento e desenvolvimento das ideias centrais do modelo.

uma vez que assume a noção sintática de estrutura de constituintes à palavra, extraindo da semântica atribuível à raiz a centralidade da análise, contrariamente à tradição lexicalista anterior do estudo da formação das palavras na linguística gerativa (CHOMSKY, 1970; HALLE, 1973; ARONOFF, 1974; LIEBER, 1980).

Entretanto questões propriamente formais relativas à palavra, como constituição silábica, escansão métrica, distribuição tonal, sobretudo quando com reverberação na estrutura morfológica, interna, constituem-se como “stumbling blocks” (obstáculos) para o desenvolvimento de um modelo de gramática que acomode melhor a fonologia (em suas dimensões de especificidade e de interface), dada a própria centralidade do modelo. Geralmente, explicações muito requintadas são demandadas para se explicar, pelo viés sintático, fenômenos de interação com a fonologia, tal como os casos citados acima, e o que entendemos para os *blends*⁷.

É válido destacar que, como McCarthy e Prince (1993), Piñeros (2000) e Bauer (2003) consideramos os *blends* um subtipo de morfologia não concatenativa e que, em relação aos demais processos não concatenativos (tais como siglagem, reduplicação, truncamento e a hipocorização), há uma literatura consistente tanto no exterior (cf. MCCARTHY, 1981; MCCARTHY; PRINCE, 1990; 1993, 1995) quanto no Brasil (GONÇALVES, 2003; 2009; 2016), bem como vários textos que se desenvolveram a partir dos citados) que parece endossar que sua sistematicidade repousa na relação entre a morfologia (na formação da palavra nova e na exploração do sentido nessa palavra nova) e a fonologia (no mapeamento regular de porções sonoras/prosódicas a partir de algum input).

Em relação aos *blends fonológicos*, escopo de Nóbrega e Minussi (2015), os autores apresentam, de início, uma reflexão sobre a definição dos *blends* e a diferença em relação a outros processos com base em uma revisão básica da literatura sobre os *blends* em PB (GONÇALVES, 2005; VILLALVA, 2008; SCHER, 2011). Os autores debatem a motivação fonológica, defendida por Gonçalves (2003), em que o autor estrutura a análise que é base para seus textos posteriores sobre o assunto.

Para Gonçalves, *blends*, em oposição aos compostos, atualizam-se sob um único acento, mantendo a pauta métrica da base maior. Nóbrega e Minussi (2015), entretanto, trazem dados que refutam a premissa por trás da motivação fonológica defendida por Gonçalves. Para os autores, “os *blends*, no entanto, não se restringem a formações que tenham a extensão de uma única palavra prosódica. No PB, por exemplo, encontramos *blends* formados a partir de duas palavras prosódicas” (NÓBREGA; MINUSSI, 2015, p. 167).

⁷ A morfologia não concatenativa em geral, a nosso ver, quando olhada pelo panorama teórico da linguística gerativa, parece constituir evidência empírica interessante para se entender a fonologia para além de um componente meramente interpretativo. Estamos falando não apenas da formação de palavras, mas também de fenômenos como a mutação vocálica na expressão do gênero (form[o]so X form[O]sa), a alternância acentual na expressão de categorias morfológicas (fábrica X fabrica) e outros tantos fenômenos de interface amplamente descritos na literatura de várias línguas naturais: a harmonia nasal, a transfixação, a mutação consonantal etc.

(01) Extraído de Nóbrega e Minussi (2015, p. 168)

Neymaradona	<<	Neymar + Maradona
Camisinholência	<<	camisinha + violência
Dilmalandra	<<	Dilma + malandra

Embora a premissa ‘única palavra prosódica/pauta métrica base maior’ seja coerente com a maior parte dos *blends*, os dados acima mostram que essa premissa deve ser vista como categoricamente assertiva se se estipula que se refere a algum protótipo de *blends*, mas não para a categoria dos *blends* fonológicos como um todo. Por outro lado, afirmar que os dados em (01), sem qualquer evidência empírica, não envolvem uma única palavra fonológica nos parece forte demais, pelo menos para dois dos três exemplos: ‘Neymaradona’ e ‘Dilmalandra’. Essa questão levou os autores, com base em Minussi e Nóbrega (2014), a propor que a motivação para os *blends* seja de outra natureza:

Em contrapartida, Minussi e Nóbrega (2014) argumentam que o input para a criação dos *blends* é semântico, uma vez que a ausência de segmentos idênticos em *blends* como boacumba < boa + macumba, showmício < show + comício e açãoxonado < apaixonado + cão não bloqueia sua formação. Além disso, o caráter cômico/jocoso associado aos *blends* deriva, primeiramente, da oposição semântica entre suas palavras-fontes (e.g., boilarina < boi + bailarina), ou da modificação causada por uma das palavras-fontes à outra (e.g., apartamento < apartamento + apertado), mas não da sobreposição ou apagamento de segmentos fonológicos (MINUSSI; NÓBREGA, 2015, p. 168).

Com base nisso, que parece ser - de fato - um fato, os autores atestam que a motivação dos *blends* é semântica, ponto pacífico também para nós, que entendemos que os *blends* lexicais são oriundos da mesclagem conceptual, habilidade inerente à cognição humana (FAUCONNIER; TURNER, 2002)⁸. Então, os autores concluem que, quanto ao caso dos *blends* tipicamente fonológicos, aqueles que se caracterizam pela ‘sobreposição de segmentos idênticos’ (NÓBREGA; MINUSSI, 2015, p. 158), a interposição surge como consequência da própria relação semântica entre as bases, sendo a fonologia que caracteriza esse subtipo de *blends*, para os autores, um **epifenômeno** (grifo nosso) dos efeitos expressivos associados à pragmática dos *blends*. Em outras palavras, nessa visão, a sobreposição dos segmentos idênticos é efeito da semântica associada aos *blends*, não sua causa.

A motivação de todos os processos de formação de palavras é sempre semântica, como aponta Basilio em seu clássico Teoria Lexical (1987). No caso dos *blends*, no entanto, argumentaremos que a fonologia não pode ser um epifenômeno porque, inclusive, pode reger a escolha das bases que o conceptualizador deseja fundir. A mistura das bases, portanto, é motivada também pela sua estrutura prosódica, o que nos possibilita afirmar que a fonologia está longe de ser um apenas um efeito, um produto acidental, acessório, ou que não tem efeitos próprios.

⁸ O processo de mesclagem conceptual é construído a partir da integração de espaços mentais cujos conteúdos relacionam uma rede de conceitos advindos de esquemas conceptuais como os *Frames* e os Modelos Cognitivos Idealizados.

2. Breve nota sobre a Hierarquia Prosódica: sílaba e pé métrico

O suporte teórico para a análise pretendida neste texto, bem como os instrumentos de formalização das representações que serão apresentadas, vêm da Fonologia Prosódica (na versão de ITO; MESTER, 2009). Em linhas gerais, a Fonologia Prosódica é uma estrutura de organização do texto em termos de estrutura prosódica de constituintes imediatos. As unidades prosódicas, vistas em termos de árvore métrica, constituem-se de uma estrutura de constituintes que, organizando-se entre si, propiciam a construção de um nível imediatamente superior.

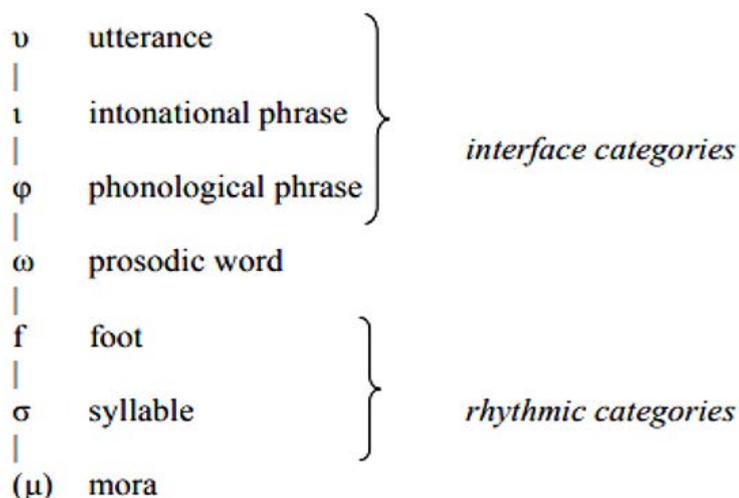
Tal como McCarthy e Prince (1990) propuseram para a sua morfologia prosódica circunscritiva, lidaremos aqui com as categorias mais baixas da hierarquia, ou seja, as categorias que fazem referência à morfologia mais diretamente, *categorias rítmicas*, nas palavras de Ito e Mester (2009, p. 1). No caso dos *blends*, nossa análise se aterá à sílaba e ao pé métrico.

Sobre o ritmo, em se tratando de Fonologia Prosódica (ITÔ; MESTER, 2009), uma organização hierárquica do texto, a partir de categorias da prosódia não relacionadas, inerentemente, a categorias da morfologia ou da sintaxe, dispõe das unidades internas à palavra e das unidades de níveis mais altos:

As unidades ‘internas à palavra’ (sílabas, pés métricos e, possivelmente, moras) são intrinsecamente definidas em termos fonéticos relacionados à sonoridade e ao ritmo do discurso, enquanto a análise de unidades ‘(iguais ou) mais altas que a palavra’ (palavra prosódica, grupo fonológico, sintagma entoacional) é regulada por restrições, baseadas em alinhamento e outras, sobre correspondência entre categorias morfossintáticas e constituintes fonológicos’(ITO; MESTER, 2009, p. 1 – tradução dos autores)⁹.

Os autores formalizam a hierarquia da seguinte forma:

(02) Extraído de Itô e Mester (2009, p. 1)



⁹ The word-internal units (syllable, foot, and perhaps mora) are intrinsically defined in terms of sonority-related phonetic factors and speech rhythm, whereas the parsing of higher-level units (prosodic word, phonological phrase, intonational phrase, etc.) is regulated by constraints, alignment-based and other, on the correspondence between syntactic/morphological and phonological constituents (2009:1).

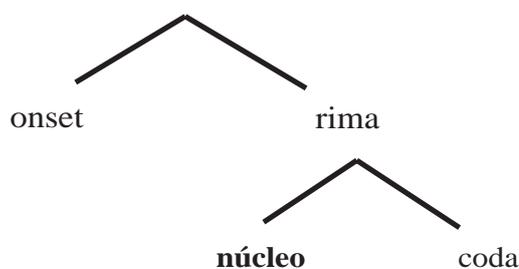
Embora uma das premissas básicas do modelo seja o fato de as categorias prosódicas não estabelecerem nenhum isomorfismo com categorias morfossintáticas (i.e. com a estrutura arbórea de constituintes sintáticos), Vital (2023) chama a atenção para como ‘palavra’ é uma categoria compartilhada tanto pela sintaxe quanto pela prosódia (fonologia).

Das ‘categorias rítmicas’, ou seja, as que são construídas com base em questões fonéticas e na posição/valor de determinado constituinte em uma estrutura rítmica maior, no caso dos *blends*, a sílaba e o pé métrico são as mais relevantes na perspectiva formal das bases/produtos envolvidos. Moras¹⁰ e palavras prosódicas, muito relevantes para a morfologia de muitas línguas do mundo, não se constituem como domínio para a formação de *blends* em português. Vale destacar que as moras são relevantes quando o pé métrico é a categoria prosódica de domínio para a formação do *blend* (no caso, o cruzamento vocabular por combinação truncada/*blend* morfológico) e isso é particularmente diferente de dizer que a mora é um domínio em si.

Em relação à sílaba, há basicamente duas perspectivas de concepção: (a) autossegmentalmente, em que os segmentos são ligados a uma camada silábica (KAHN, 1976), ou (b) hierarquicamente, em termos de árvore métrica, em que os segmentos são tidos como terminais que materializam uma relação hierárquica entre subconstituintes silábicos (SELKIRK, 1982).

Assumimos a perspectiva de representação em árvore, uma vez que entendemos que há independência entre os subconstituintes, no sentido de serem independentemente domínios para aplicação de processos fonológicos nas línguas do mundo; e há uma hierarquia interna à sílaba, na qual o **núcleo** é o subconstituente mais proeminente.

(03) Estrutura hierárquica interna à sílaba



Como moras não exercem domínio para a formação de *blends* em PB, em relação aos elementos moraicais na sílaba em português, o núcleo e a coda, assumimos como relevantes para os *blends* apenas o núcleo, já que sílabas podem não ter coda, mas nunca podem deixar de ter núcleo. Com isso, assumimos que os subconstituintes mais relevantes para a formação dos *blends* são o ataque e a rima. Nesse sentido, *blends* em que a sílaba se constitui como domínio acessam informações referentes a ataque e rima.

¹⁰ Unidades de tempo que compõem as sílabas e são independentes dos segmentos a que estão associadas na materialização (ver HYMAN, 1985).

Em relação ao pé métrico, Bisol (2001, p. 109) define como sendo “a junção de duas ou mais sílabas em que se estabelece uma relação de dominância, de modo que uma delas é a cabeça e a outra ou outras, o recessivo”. Vital (2023), em uma proposta de historiografia do tratamento do acento em obras seminais da fonologia gerativa, de 1951 a 2001, apresenta como o pé métrico era tido como o elemento básico de projeção rítmica, no qual a cabeça (para Bisol) é a projeção de proeminência-base para a distribuição do acento nas palavras na perspectiva do tratamento do acento pós-SPE (LIBERMAN, 1975; LIBERMAN; PRINCE, 1977; PRINCE, 1983).

Com isso, o pé métrico pode ser tido como uma combinação local e hierárquica de moras ou sílabas em que se projeta uma proeminência básica ou é delimitada por algum tipo de proeminência (básica, no caso de acento secundário; ou propriamente lexical). Ainda segundo Bisol (2001), no escopo da Fonologia Prosódica, pés métricos, tais como as outras categorias, são n-árias (podem ser formados por um número não delimitado de subconstituintes).

No caso dos *blends* em que os pés métricos se constituem como domínio prosódico, assumimos que pés métricos sejam predominantemente binários (em nível de número de sílabas ou de moras), embora atue uma condição de *strict succession* (SELKIRK, 1984; NESPOR; VOGEL, 1986; ITO; MESTER, 1992; HYDE, 2001)¹¹, que equaciona moras/sílabas extras, além de licenciar ‘estruturas degeneradas’ a um pé pertencente à mesma palavra base, fazendo com que todas as moras/sílabas sejam escandidas a um pé, sem que haja salto de etapa sílaba > palavra prosódica.

3. Análise morfoprosódica dos ‘*blends fonológicos*’ e ‘*blends morfológicos*’

Quanto aos *blends* como um todo, três etapas gerais regulam o processo: (a) mesclagem conceptual de bases, (b) maximização da menor forma de base (ou maximização da base que contribui com a menor quantidade de material fonético) e (c) não homonímia/homomorfia em relação a formas lexicais ou morfológicas já existentes na língua (cf. ANDRADE, 2008).

Como dito anteriormente, a sílaba e o pé, legítimos constituintes da hierarquia prosódica, são, cada qual, domínio para um dos tipos de *blend*: a sílaba se constitui como domínio prosódico para o subtipo ‘*blend* por sobreposição lexical’, enquanto o pé métrico constitui domínio para o subtipo ‘*blend* por combinação truncada’, como argumentamos nas próximas subseções.

3.1. ‘*blends fonológicos*’ (ou entranhamento lexical)

Quando dizemos que a ‘sobreposição de segmentos idênticos’ (ou a ambimorfemia) não é o fator principal de *blends* fonológicos, não estamos dizendo que não é um fator em si relevante; apenas defendemos que os *slots* silábicos nos quais os segmentos semelhantes se manifestam nas sílabas das palavras correspondentes são um fator premente. Acreditamos que a semelhança fonética seja

¹¹ A condição de *strict succession* em relação a pés métricos é plenamente ativada em casos em que o material escandido das bases não corresponda a pés binários (a nível de moras e sílabas), que são casos excepcionais. e casos excepcionais demandam dispositivos excepcionais de análise que se diferenciam de dispositivos categóricos por conta de que dispositivos excepcionais têm menor alcance em relação a padrões lexicais (c.f. BECKER, 2009).

um fator pragmático de sucesso para os *blends* desse tipo. Quando muito, a correspondência fônica (idêntica ou não idêntica) acomoda casos como ‘neymaradona’, ao qual nos deteremos adiante.

Os dados abaixo, extraídos de Villalva e Minussi (2022), trazem *blends* formados por entranhamento lexical

(04) Traficante + crente	=	traficrente
Cão + candidato	=	cãodidato
Burka+ biquíni	=	burkini
Pistola + metralhadora	=	pistralhadora
Drama + comédia	=	dramédia
Escopeta + guitarra	=	escopetarra

A bem da verdade, Gonçalves (2003) já falou sobre a questão do estatuto silábico acerca dos cruzamentos vocabulares tipo 1 (ou sobreposição lexical ou *blends* fonológicos) em nota de rodapé: “a semelhança fônica deve ser interpretada não como mera presença de um segmento comum, mas como uma semelhança em termos de posição na estrutura da sílaba” (GONÇALVES, 2003, p. 826). Nesse sentido, este texto não traz algo essencialmente novo, exceto o fato de tratar como crucial, justificando o título deste artigo, o que foi tomado como nota de rodapé, vinte anos antes, quanto aos *blends* fonológicos.

Em todos os dados de (04), a unidade silábica envolvida é o onset, constituinte idêntico em todas as formas que passam pelo *blending*¹². Esse ponto de fusão é tão relevante que determina a ordem das bases, que, sem contexto, levariam os produtos a ser interpretados coordenativos. Qual a razão de, por exemplo, ‘drama’ aparecer na primeira posição se ‘comédia’ não se subordina a ‘drama’? Por que motivo ‘cão’ aparece na primeira posição, violando a condição de igualdade entre palavra fonológica e palavra morfológica, a não ser pela sobreposição explora tanto o onset quanto os elementos da rima? Que combinações sem compartilhamento, como ‘crentetrafica’, seriam possíveis por conta do acesso às formas de base?

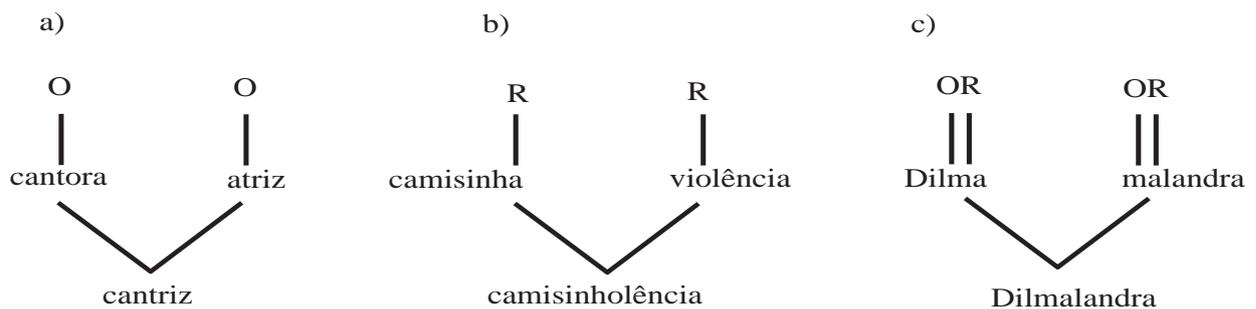
Na verdade, essas formas em (04) só se justificam pela fonologia, pois, sem esse componente, acabaríamos tendo duas outras saídas: (a) uma combinação truncada pelo menos estranha: ‘comedrama’ ou ‘biquiburka’; ou (b) uma composição: ‘pistola-metralhadora’, ‘guitarra-escopeta’. Acreditamos que o ‘conceptualizador’, ao criar as formações, teve a intenção de fundir e, para isso, acessou a estrutura da sílaba, favorecendo, em (04), o onset.

¹² A título de elucidação, quando dizemos *blending*, estamos nos referindo ao processo morfológico em si (ou a um dos seus dois subtipos); e, quando falamos *blend*, referimo-nos às palavras formadas pelo processo morfológico, ou seja, ao produto da operação morfológica.

Outras questões fonológicas que se mostram laterais, face à premência da estrutura interna à sílaba, são (1) a localização dos acentos e (2) a quantidade de número de sílabas das bases, mesmo que esses fatores estejam presentes na maior parte de *blends* desse tipo. Entendemos que essas questões, sim, são laterais em relação à estruturação interna da sílaba, uma vez que alguns *blends* fonológicos não apresentam sensibilidade à localização acentual e à quantidade de sílabas das bases (e também que atuem com segmentos totalmente distintos entre si), tendendo, assim, a satisfazer à questão da estruturação silábica interna.

As representações dos *blends* fonológicos abaixo (extraídos de Nóbrega e Minussi, 2015, p. 168) trazem casos em que a fusão se deu, respectivamente, pelo compartilhamento de onset-onset (O-O) (05a), rima-rima (R-R) (05b) e onset+rima (O/R) (05c). Em (05a) e (05c), há correspondência idêntica entre os elementos envolvidos. Em (05b)¹³, os segmentos envolvidos não os mesmos, embora em todos os casos, de correspondência idêntica ou não idêntica, o estatuto intrassilábico seja o mesmo. Em (05a), especificamente, vê-se que a pauta métrica do produto, além de não seguir a base maior, como em uma proposta de ‘molde’, o produto ainda é menor do que a base maior (no caso, coincidindo com a extensão da palavra base menor, que é ‘atriz’).

(05)



Como dito na seção sobre a Fonologia Prosódica, *blends* desse tipo “enxergam” a sílaba a partir de O e R, em geral, mas *blends* fonológicos resgatam o onset e a rima pelos seus elementos mais salientes. O mapeamento acontece em termos de [Onset]+[Onset] em geral, primariamente, e em termos de [Onset-Rima]+[Onset-Rima] como segundo *locus* silábico preferencial para esse tipo de *blend*. Mais raramente, ocorrem fusões envolvendo somente a [Rima]+[Rima], como ‘cantautor’ (cantor + autor), por exemplo.¹⁴

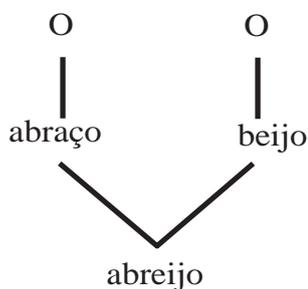
¹³ O exemplo é, pelo menos ambíguo, pois muitas palavras da língua terminam na sequência *olência*: benevolência, indolência, violência, insolência, condolência, malemolência, malevolência, obsolência, sonolência, sanguinolência, insonolência, malimolência etc. Como diria Basilio (2005), é um *blend* mal-sucedido, pois o que se preserva da segunda palavra se assemelha a uma sufixação. Andrade (2008) traduziu esse fato em uma restrição de boa-formação para *blends*.

¹⁴ Dados que ilustrem os padrões de fusão mais recorrentes, ‘[Onset]+[Onset]’ e ‘[Onset-Rima]+[Onset-Rima]’, respectivamente, são ‘girafoca’ (girafa + foca) e ‘dilmalandra’ (dilma + malandra).

De um modo geral para *blends* fonológicos, a manutenção do elemento menos saliente do onset (a líquida em segunda posição, em ‘atriz’) e do elemento menos saliente da rima (o glide/a consoante que vem após o núcleo) depende de questões de maximização das bases e transparência semântica no resgate conceptual das bases mescladas. As sílabas, como um todo, estão em jogo nos cruzamentos em que as duas bases são extremamente semelhantes, como é o caso de ‘apertamento’, ‘cartomente’ e ‘crentino’. Observe-se que os *blends* são do tamanho da base mais longa e a correspondência de apenas um elemento não idêntico reitera ainda mais o papel da fonologia como componente que caminha de “mãos dadas” com a semântica.

Essa perspectiva geral de enxergar os constituintes intrassilábicos das bases envolvidas pode ser ilustrada nos casos abaixo: maximização da base que menos empresta material ao produto; preenchimento tardio de onset com base em semelhança fônica. O primeiro dos casos pode associar-se ao *blend* fonológico ‘abreijo’, formado pelas bases ‘abraço’ + ‘beijo’, em que a palavra base maior empresta menos material para o *blending*¹⁵. O mapeamento dessa fusão é [Onset]+[Onset] (O+O), mas a base maior apresenta um elemento extra, a soante [r] no onset, à direita da cabeça, a consoante [b]. A manutenção desse segmento à direita da labial, nesse caso, está associada ao resgate semântico-cognitivo da base ‘abraço’. Vale destacar que, na contraparte semântica, o *blending* se presta a mesclar cognitivamente duas bases, que se mantêm transparentes no produto. A representação de ‘abreijo’ segue abaixo:

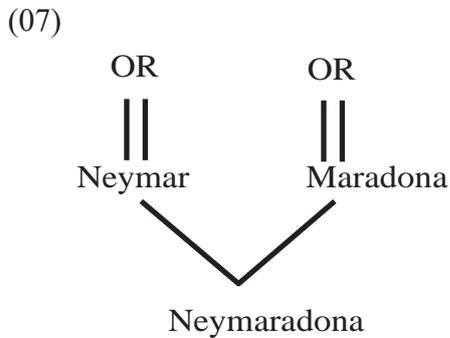
(06)



Em (06) acima, o fato de o onset da base maior conter mais de um elemento, que permanece no produto, não instabiliza a generalização acerca da estrutura intrassilábica, uma vez que *blends* fonológicos acessam Onset e Rima, de maneira geral, e a permanência de um segmento que não encontra correspondente silábico na outra base se justifica por razões semântico-cognitivas e/ou fonológicas (no caso, a razão é de ordem semântico-cognitiva).

¹⁵ Em ‘abreijo’, a base ‘abraço’ é maior que a base ‘beijo’, mas, no *blend*, a base de maior, ‘abraço’, contribui com menos material fonético que a base menor, ‘beijo’, o que mostra que nem sempre ‘base menor = menor contribuição de material no produto’.

O outro caso que parece servir como evidência empírica para a premência da estrutura intrassilábica sobre outros fatores fonológicos (sobretudo a questão dos segmentos idênticos) é um dos dados trazidos em (01), ‘neymaradona’, formado pelas bases ‘Neymar’ + ‘Maradona’ em que há a manutenção do segmento extra (no caso a consoante final da última sílaba de ‘Neymar’)¹⁶. A formalização do *blend* segue abaixo:



Caso a última consoante da base ‘Neymar’ não sofra processo de síncope anteriormente ao *blend*, há duas possibilidades de entender o caso acima: ou o segmento final dessa base caiu no momento do processo morfológico, ou a consoante final, em posição de Rima (à direita do núcleo da sílaba), permanece e se funde à consoante da segunda sílaba, da esquerda para a direita da base ‘Maradona’, que ocupa a posição de Onset nessa base.

A vantagem da primeira perspectiva é que cabe perfeitamente na questão do compartilhamento de estatuto intrassilábico, argumento que não pode ser usado, sem ajustes de reparação, para a segunda perspectiva, em que a consoante final da base ‘Neymar’ permanece no momento do *blending*. A segunda perspectiva traz um problema: se as consoantes estão associadas a *slots* silábicos distintos, como se sustenta a argumentação da premência da estrutura intrassilábica sobre a questão da identidade fonética?

A título de escolha entre os caminhos de análise, optamos pela segunda perspectiva, uma vez que o fato de ambas as bases compartilharem, numa relação [Onset-Rima]+[Onset-Rima] (O-R+O-R) a sequência ‘ma’ esteja em consonância com a generalização feita anteriormente: cruzamentos vocabulares desse tipo aplicam a função de *parsing* a onsets e rimas de um modo geral.

O fato de o rótico final de ‘Neymar’, em posição de rima, ter permanecido no produto do *blending*, em correspondência com o tepe (em maiúsculo), de maRadona, em posição de onset, parece ser uma tendência geral de maximização do ataque silábico em detrimento da posição de coda, um universal linguístico de silabificação. Neste sentido, a manutenção do ‘segmento extra’ é de razão fonológica.

Outra questão que corrobora para a premência do estatuto silábico sobre outros fatores fonológicos (em especial, a identidade fonética entre as bases, ou seja, a ambimorfemia) é o fato de

¹⁶ Se, no caso, o segmento /R/ final cai, não há manutenção de segmento extra no produto, e a correspondência seria puramente do tipo [Onset-Rima]+[Onset-Rima].

que, na esteira de ‘neymaradona’, *blends* tendem a evitar a correspondência de elementos fônicos com estatuto intrassilábico distinto quando esse compartilhamento não acompanha compartilhamento de porções proeminentes de um onset (a primeira posição) e de uma rima (o núcleo silábico), ou seja, se elementos com estatuto silábico distintos passarem a servir como ponto de fusão de *blends* fonológicos sistematicamente, isso se configuraria como evidência empírica capaz de inviabilizar uma generalização que evidencie a premência do estatuto silábico em detrimento da identidade (ou correspondência) fonética, favorecendo esta última perspectiva analítica, o que efetivamente não ocorre nos dados.

De um modo geral, as observações abaixo constituem motivação subjacente à pertinência de uma análise que privilegie a premência do estatuto silábico sobre a correspondência sonora, idêntica ou não-idêntica:

- ***Blends* tendem a compartilhar o estatuto intrassilábico dos elementos do ponto de fusão mesmo quando não há correspondência idêntica (‘sobreposição de segmentos idênticos’);**

- **Quando há correspondência idêntica, fusões que envolvem elementos com estatuto intrassilábico distinto tendem a ser desfavorecidas como base/produto do processo morfológico em questão.**

Com isso, pelo que vimos acima, no ponto de sobreposição, os elementos que se interpõem têm o mesmo estatuto intrassilábico nas palavras-fonte em questão. Nessa medida, os *blends* em geral, e, no caso, os *blends* fonológicos - que têm a sílaba enquanto domínio prosódico - surgem da necessidade discursivo-pragmática de exploração do sentido em porções sonoras, que, vistas em termos de fonologia prosódica, coincidem com constituintes que, devido à regularidade do fenômeno, atingem estatuto morfêmico, mas não de morfema¹⁷ (nos termos clássicos do Estruturalismo).

3.2. ‘*blends* morfológicos’ (ou cruzamento vocabular tipo 2: combinação truncada)

Mesmo não sendo o foco de Nóbrega e Minussi (2015), entendemos que os *blends* morfológicos sejam um escopo interessante para o presente texto, por conta de questões também relativas aos constituintes prosódicos. Entretanto, em comparação com os *blends* fonológicos, no caso *blends* por combinação truncada, o constituinte em questão não é mais a sílaba; o pé métrico, por sua vez, é o constituinte da hierarquia prosódica que figura como domínio para a realização do processo morfológico.

De antemão, reiteramos o que foi escrito no último parágrafo antes do início desta seção: *blends* surgem da necessidade discursivo-pragmática de exploração do sentido em porções sonoras. A diferença é que, no caso dos *blends* morfológicos, a categoria que corresponde ao domínio prosódico em questão, como dito, é o pé métrico, que passa a ser tido em termos morfêmicos.

¹⁷ O conceito estruturalista de morfema já é em si questionado à medida que, na perspectiva da interface entre a morfologia e a fonologia, De Lacy (1999) propõe uma noção de ‘morfema circunscritivo’, ou quando McCarthy (1979; 1981), anos antes na análise da morfologia descontínua de línguas semíticas, propõe a ideia de que o molde em si seja um elemento morfêmico.

(08) *blends* por combinação truncada

Carnaval + copa	=	{[carna] _F [copa] _F } _w
Macumbeiro + crente	=	{[macum] _F [crente] _F } _w
Tapioca + crepe	=	{[tapi] _F [crepe] _F } _w
Tobogã + água	=	{[tobo] _F [água] _F } _w
Brasileiro + uruguaio	=	{[brasi] _F [guaio] _F } _w
Votação + cartoon	=	{[vota] _F [toon] _F } _w
Gratidão + luz	=	{[grati] _F [luz] _F } _w
Safadeza + carinho	=	{[safa] _F [rinho] _F } _w
Carioca + gaúcho	=	{[cari] _F [úcho] _F } _w

Uma análise primeira dos dados mostra de que, no caso de *blends* formados por combinação truncada, (1) as bases envolvidas no processo cedem uma de suas bordas para o processo, (2) a sequência de sílabas escaneada para o processo nunca é interna à palavra, no sentido de *ta[pi.o]ca e (3) *blends* morfológicos não cedem sílabas aleatórias de uma palavra, como *[[vo]]ta[[ção]], mesmo que estas sílabas ocupem cada qual uma das borda. Logo, sendo sempre uma SEQUÊNCIA que se encontra em uma das MARGENS DA PALAVRA.

Linguisticamente falando, a prevalência das bordas sobre posições internas é algo tido como um universal linguístico (NEVINS, 2010). A questão quanto ao alinhamento de categorias prosódicas (incluindo a categoria em análise nesta seção, o pé métrico) e bordas de palavras é uma interação consagrada na literatura de interface entre a morfologia e a prosódia (cf. generalized alignment (McCARTHY; PRINCE, 1993)).

Para a Beckmann (1998), existe um pequeno inventário de posições linguisticamente privilegiadas que desempenham papel importante nos sistemas fonológicos. Essas posições são as que apresentam uma vantagem perceptual no sistema de processamento, via proeminência psicolinguística ou fonética, em relação a posições não privilegiadas. Na lista fornecida pela autora, duas dessas posições estão em jogo nesse tipo de *blend*: sílabas acentuadas e sílabas iniciais de palavras.

Essas questões podem explicar o fato de o escaneamento de sílabas das palavras bases nunca ser interno à palavra, o que fortalece a postulação da prevalência das bordas sobre posições internas. O fato de o escaneamento de sílabas das palavras bases nunca ser aleatório (ou seja, escaneamento de sílabas não contíguas) fortalece a postulação do pé métrico como domínio do processo.

Em se tratando dos *blends* por combinação truncada, vista em termos de McCarthy & Prince (1990), em relação ao que é categórico para o fenômeno, há um *parsing* de uma porção de moras/

sílabas à esquerda da base esquerda de uma das bases e à direita da outra (a que porta acento e uma eventual átona adjacente). Esse escaneamento regular pode ser tido nos termos abaixo:

Circunscrição Combinação Truncada:

Parâmetro 1: na direção E>>D, mapeie, no input1, uma porção silábica minimamente dessemelhante a um pé-métrico e envie ao molde este produto mapeado.

Parâmetro 2: na direção D>>E, mapeie, no input2, uma porção silábica maximamente semelhante ao pé-métrico nuclear e envie ao molde este produto mapeado.

Pode-se visualizar esta operação em (09):

(09) Input1 + Input2	Input1 + Input2
carioca + gaúcho	gaúcho + carioca
E>>D + D>>E	
 +	circunscrição positiva
[cari]oca + ga[úcho]	parseamento da circunscrição 1
[ga] + cari[oca]	parseamento da circunscrição 2

A função de circunscrição, em relação aos dois parâmetros, que foi exemplificada em (09) acima, aplica-se aos elementos em (08), que são dados categóricos para o subtipo de *blending* em questão. Nesse sentido, a circunscrição envia ao molde (como uma estrutura intermediária entre a circunscrição prosódica e as operações de boa-formação prosódica) dois pés métricos escaneados das respectivas bases. Como se vê, a escolha da melhor combinação certamente se dá por conta de fatores fonológicos, pois uma delas ('cariúcho') é perceptualmente mais saliente que outra ('gaoca'). Novamente aqui, semântica e fonologia "caminham de mãos dadas" na formação do *blend*.

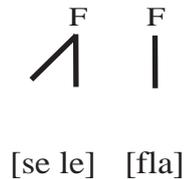
A questão da saliência fônica, como mencionado anteriormente, é uma evidência em favor da proposição teórica do pé métrico como a categoria prosódica que se constitui como domínio para a aplicação da combinação truncada. Da mesma forma, ajuda a explicar por que 'brasiguai' parece ser preferível (e é, como os dados mostram) em comparação a 'paraleiro', bem como 'portunhol' é mais perfeito enquanto produto da combinação truncada que 'espaguês', mostrando como a fonologia, ao lado da semântica, participa ativamente do processo.

Em relação ao que é categórico para esse tipo de *blend*, a porção silábica equivalente a um pé métrico quase sempre é binária (silábica ou moraicamente falando), e tal fato já automaticamente licencia prosodicamente essas moras/sílabas a pés métricos, na organização da estrutura prosódica dos *blends* formados pela combinação truncada, haja vista que pés métricos em português são

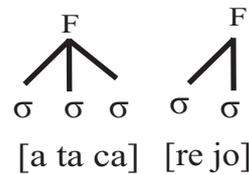
preferencialmente binários. Entretanto, há casos em que o material circunscrito de uma das bases não é binário. Nessas situações, a condição de *strict succession* abaixo é aplicada, equacionando o material ‘excedente’ e o material ‘degenerado’ a um pé métrico¹⁸:

(10)

a) 'selefla' (seleção + fla)



b) 'atacarejo' (atacado + varejo)



Essa condição abarca casos como ‘selefla’ (seleção + flamengo) e ‘atacarejo’ (atacado + varejo), que são, de um ponto de vista prosódico, exceções no caso dos ‘*blends* morfológicos’. No primeiro caso, o material cedido pela base à direita coincide com um pé degenerado; no caso do segundo *blend*, a base à esquerda empresta uma extensão de três sílabas. Em ambos os casos, da sílaba a menos no caso de ‘selefla’ e da sílaba a mais no caso de ‘atacarejo’, *strict succession* impede que haja incorporação direta de sílaba à palavra prosódica, uma vez que a condição prevê que toda sílaba deve ser equacionada primariamente a um pé métrico.

De um ponto de vista empírico, dados relativos a cruzamentos vocabulares por combinação truncada em PB, em seu padrão mais recorrente, aplicam a função de *parsing* a uma informação prosódica das bases relativa a um pé métrico, o que parece justificar a postulação do pé métrico majoritariamente binário como domínio prosódico para esse tipo de *blending* e uma condição de *strict succession*, mesmo que existam dados como ‘selefla’ e ‘atacarejo’.

De um ponto de vista teórico, a postulação de um pé ternário, como em $\{[ataca]_F [\sigma.\sigma]_F\}_w$, em ‘atacarejo’, ou em $\{[democra]_F [\sigma.\sigma]_F\}_w$, em ‘democradura’, é menos controversa do que a postulação de um pé degenerado, como $\{[\sigma.\sigma]_F [fla]_F\}_w$, em relação a ‘selefla’, mas, pensando a partir do que é categórico para este tipo de *blending* – a escansão de um material semelhante a um pé métrico a partir de uma base –, aceitar pés degenerados, sobretudo como casos excepcionais, contribui como vantagem de economia na adequação explanatória. Além disso, é uma forma de evitar um recurso controverso de salto de etapa na formação da estrutura prosódica (* sílaba > palavra prosódica cf. *weak layering* (ITO; MESTER, 1992)).

18 Quanto ao caso de ‘selefla’, entendemos que a segunda base seja ‘fla’, enquanto forma truncada da palavra ‘Flamengo’. Destacamos que a forma ‘fla’ também funciona como um splinter (pedaço de palavra que se presta, como um afixo, à formação de palavras em série) em PB. Contrariamente, no caso de ‘selemengo’, entendemos que a segunda base seja a forma ‘mengo’, que é também produto de truncamento da base ‘Flamengo’.

Nesse sentido, à luz de Hyde (2001), lançamos mão de CSS aplicada a pés métricos, especificada abaixo, a fim de que se evite *weak layering* (salto de etapas na construção da estrutura prosódica), fazendo com que todas as sílabas sejam licenciadas por algum pé métrico dentro do domínio lexical de uma das bases.

Condição de *strict succession* dos blends morfológicos (CSS): sílabas /moras devem ser incorporadas a um pé métrico dentro do domínio lexical concernente à base da qual este material foi circunscrito.

Nos casos categóricos, as porções silábicas/moraicas, binárias, circunscritas das bases equivalem, em si mesmas, ao pé métrico tradicionalmente aceito como básico em português. Nesse sentido, em se tratando do que é categórico para *blends* formados por combinação truncada, CSS tem uma aplicação passiva (ou seja, é ‘opaca’). Sua aplicação é ativamente executada quando lidamos com casos de pés não canônicos, como vimos nos casos excepcionais em (10).

De um ponto de vista geral, em relação aos *blends* morfológicos, além dessas duas operações, a circunscrição biparametrizada e a CSS, uma regra geral que atribui, ao pé métrico à direita, o estatuto de pé métrico nuclear no molde, aplica o acento lexical no núcleo desse pé métrico (que, geralmente, é o pé nuclear na palavra base em questão).

Regra de pé nuclear à direita dos blends morfológicos (RPND): atribua cabeça prosódica lexical ao pé métrico à direita.

A bem da verdade, a regra acima reflete a acentuação previsível em português, cuja tonicidade está associada às três sílabas finais (à direita) da palavra. Tomando (a) a tendência, a olhar pelos dados, de que *blends* morfológicos tenham o pé métrico como domínio de aplicação do processo morfológico e (b) a questão da prevalência das bordas em contexto linguístico (NEVINS, 2010), não é estranho supor que os pés métricos recorrentemente selecionados sejam circunscritos à esquerda de uma das bordas e à direita da outra.

Levando esse raciocínio para a questão da ordem dos *blends* (em especial, no caso dos *blends* morfológicos), Villalva e Minussi (2022), como dito antes, afirmam que existem várias relações de dominância semântica nos *blends* (núcleo-especificador; especificador-núcleo; núcleo-núcleo). Isso nos leva a admitir que a ordem dos *blends* não é semântica. Do ponto de vista morfosintático, Rio-Torto (2014) aponta que existem várias classes de palavras envolvidas nos *blends*, e certamente essa aleatoriedade não responde pela ordem dos *blends* em si.

Em relação aos *blends* morfológicos, a única generalização possível sobre a ordem dos constituintes é fonológica, já que, independentemente dos fatores semânticos e sintáticos delineados acima, na maioria esmagadora dos *blends* desse tipo, a base à esquerda empresta um pé métrico não nuclear, enquanto a base à direita empresta ao *blend* o seu pé métrico nuclear. E esta questão parece remar na mesma direção do fato de que a acentuação lexical nos *blends*, como especificado em RPND acima, é tão previsível quanto à acentuação em português¹⁹.

¹⁹ Quanto aos *blends* formados por entranhamento lexical, a ordem dos constituintes é dirigida, primeiro: por questões relativas ao estatuto intrassilábico dos elementos envolvidos; segundo, por questões de estrutura métrica das bases envolvidas.

A gramática dos *blends* formados por combinações truncadas, em termos de Morfologia prosódica, pode ser resumida na direcionalidade proposta abaixo:

- 1 - Circunscrição prosódica CV-combinação truncada;
- 2 - Condição de *strict succession* (aplicação ativa quando as porções moraicais/silábicas parseadas das bases são não binárias);
- 3 - Regra de pé cabeça à direita (atribuição de acento lexical nos *blends*);
- 4 - Saída à superfície de dados CV-combinação truncada.

Pelo que se viu acima, o estágio 3, sobre a atribuição de acento lexical ao pé métrico à direita no *blend* morfológico, mostra a plausibilidade de o pé métrico enquanto domínio de análise, uma vez que é estado da arte em fonologia a relação entre o acento, a projeção rítmica, e a estrutura de sílabas da qual essa projeção é extraída.

A circunscrição prosódica na combinação truncada e o escaneamento relativo à grande maioria dos *blends* desse tipo atuam em função das bordas das bases por conta da prevalência das bordas sobre estruturas internas em se tratando de estruturas linguísticas (fidelidade posicional, nos termos de BECKMANN, 1998). Empiricamente, *blends* morfológicos evitam ao máximo a circunscrição de (a) sílabas internas em não borda e/ou (b) sílabas aleatórias mesmo que cada qual ocupando uma das bordas. A relação local que envolve os elementos circunscritos é uma evidência em favor do pé métrico como domínio das combinações truncadas.

A condição de *strict succession*, por último, é um dispositivo da gramática que lida com elementos não categóricos, excepcionais, e sua justificativa enquanto instrumento teórico advém da questão, à luz de Becker (2009), de que casos excepcionais, desde a proposta clássica de fonologia gerativa (CHOMSKY; HALLE, 1968), são alcances lexicais específicos que demandam de regras específicas para a construção da generalização das excepcionalidades.

Considerações finais

No caso dos *blends* fonológicos (CV's por sobreposição lexical), o teor geral da nossa análise foi alcançado, em alguma medida, no trabalho de Marangoni Jr (2021, p. 167), embora o autor centralize a questão fonológica (1) na identidade fonética, (2) no número de sílabas (o que direcionou o autor a uma análise por molde) e (3) na posição acentual das bases. Na nossa análise, entendemos que o *blending* entre as duas bases (em que elementos são sobrepostos ou deletados, portanto 'entranhamento lexical') aconteça maximamente entre dois elementos, relativos às (duas) palavras bases, que ocupem o mesmo estatuto intrassilábico nas bases em questão, levando em consideração que o mapeamento acontece em termos de [Onset]+[Onset] em geral, primariamente, e em termos de [Onset-Rima]+[Onset-Rima] em geral, como segundo 'locus' silábico preferencial para o *blending*; e, por último, em termos de [Rima]+[Rima] em geral.

Além disso, ainda em Marangoni Jr (2021), o autor, em alguma medida, propõe uma análise unificada para os *blends* e, pelo que entendemos à luz da Hierarquia prosódica, existem duas categorias independentes, decisivamente atuantes, cada qual em um tipo de cruzamento vocabular analisado aqui, servindo de domínio para os subtipos do fenômeno: a sílaba, para o cruzamento vocabular por interposição lexical (*'blends fonológicos'*); e o pé métrico, para o cruzamento vocabular por combinação truncada (*'blends morfológicos'*).

Quanto aos *blends* morfológicos, a única generalização possível sobre a ordem dos constituintes é fonológica, já que, independentemente dos fatores semânticos e sintáticos, na maioria categórica dos *blends* desse tipo, a base à esquerda empresta um pé métrico não nuclear na base, enquanto a base à direita empresta ao *blend* o seu pé métrico nuclear (cf. 'portunhol', 'brasiguaiio', 'futevôlei'). A circunscrição prosódica na combinação truncada atua em função das bordas das bases por conta da prevalência das margens sobre estruturas internas, em se tratando de estruturas linguísticas.

Nos casos categóricos, as porções silábicas/moraicas, binárias, circunscritas das bases equivalem, em si mesmas, ao pé métrico tradicionalmente aceito como básico em português. Nesse sentido, em se tratando do que é categórico para os cruzamentos vocabulares formados por combinação truncada, CSS tem uma aplicação passiva (é pulada). Sua aplicação é ativamente executada quando lidamos com casos de pés não canônicos.

Entendemos que, no caso dos *blends*, um subtipo de processo morfológico não concatenativo, cuja regularidade geral repousa na relação morfologia-fonologia, como já atestado em uma série de trabalhos (McCARTHY, 1981; McCARTHY; PRINCE, 1990, 1993, 1995 e, para o PB, especificamente, GONÇALVES, 2003, 2009; 2016...), a sílaba, no caso dos *blends* fonológicos, e o pé métrico, no caso dos *blends* morfológicos, constituam-se como domínios prosódicos, em termos de hierarquia prosódica, aos quais esses tipos de *blends* estão circunscritos.

Nesse sentido, a nosso ver, *blends* surgem de uma necessidade discursivo-pragmática de exploração do sentido em função de porções sonoras que coincidem com constituintes prosódicos que, devido à regularidade do processo morfológico em tela, atingem estatuto morfêmico, mas não de morfema, em termos tradicionais.

Referências

BECKER, M. *Phonological Trends In The Lexicon: The Role Of Constraints*, 2009. Doctoral Dissertations 1896 - February 2014. 38.

De LACY, P. Circumscriptive morphemes. In: KITTO, Catherine; SMALLWOOD, Carolyn (eds.), *Proceedings of AFLA (Austronesian Formal Linguistics Association) VI*, 107-120. Toronto: Toronto Working Papers in Linguistics. *Rutgers Optimality Archive* 339, 1999.

GONÇALVES, C. A. V. Cruzamento vocabular em português: a questão das fronteiras com outros processos de formação. In: III Congresso Nacional da ABRALIN. Anais do III Congresso da ABRALIN. Niterói: UFF – *Centro de Estudos Gerais*, v. 1. pp. 824-31, 2003.

- GONÇAVES, C. A. V. Retrospectiva dos estudos em Morfologia prosódica: das circunscrições e regras à abordagem por ranking de restrições. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 53, n. 1, pp. 195-221, 2009.
- GONÇALVES, C. A. V. *Atuais tendências em formação de palavras*. São Paulo: Contexto, 2016.
- HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed morphology and the pieces of inflection. In: HALE, K.; S. J. KEYSER, (eds.), *The view from building 20*. The MIT Press, 1993, pp. 111-76.
- HYDE, B. *Metrical and prosodic structure in optimality theory*. New Jersey: Rutgers, 2001
- ITO, Junko. *Syllable Theory in Prosodic Phonology*. Doctoral dissertation, University of Massachusetts, Amherst. Published by Garland Press, New York, 1986.
- ITO, J; MESTER, A. *Weak layering and word binarity*. Ms. University of California, Santa Cruz, 1992.
- ITO, J; MESTER, A. Recursive prosodic phrasing in Japanese. University of California, Santa Cruz. May, 2009.
- KAHN, D. Syllable-based Generalisations in English Phonology, Chh 0-1 Dissertation, MIT, 1976.
- MARANGONI JUNIOR, C. E. *A blenditividade na formação de palavras: a derivação dos blends na interface entre morfologia, fonologia e pragmática*, 2021. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.
- MCCARTHY, J. J. A prosodic theory of nonconcatenative morphology. *Linguistic Inquiry*. 26, 1981.
- MCCARTHY, J. J; PRINCE, A. Faithfulness and reduplicative identity. *Papers in Optimality Theory*. 10, 1995.
- MCCARTHY, J. J.; PRINCE, A. Prosodic morphology and templatic morphology. Perspectives on Arabic Linguistics II: *Papers from the Second Annual Symposium on Arabic Linguistics*. 16, 1990.
- MINUSSI, R. D.; NÓBREGA, V. A. A interface sintaxe-pragmática na formação de palavras: avaliando os pontos de acesso da Enciclopédia na arquitetura da gramática. *Veredas*, v. 18, n. 1, pp. 161-84, 2014.
- NEVINS, A. I. Two Case Studies in Phonological Universals. *Biolinguistics*, v. 4, n. 2-3, pp. 218-33, 2010.
- NESPOR, M; VOGEL, I. Prosodic phonology. Dordrecht: *Foris Publications*. Pp. xiv + 327. - Volume 5 Issue 1, 1986.
- NÓBREGA, V. A.; MINUSSI, R. D. O tratamento da morfologia não-concatenativa pela morfologia distribuída: o caso dos *blends* fonológicos. *Revista Letras*, Curitiba, n. 91, pp. 158-77, jan./jun. 2015.
- RIO-TORTO, G. *Blending*, cruzamento vocabular ou fusão lexical em português: padrões estruturais e (des) semelhanças com a composição. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 16, n. 1, pp. 7-29, jan./jun., 2014.
- SELKIRK, E. O. *The syntax of words*. (Linguistic Inquiry Monographs 7.) Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1982.
- SELKIRK, E. On the Major Class Features and Syllable Theory. In: ARONOFF, M.; OEHRLE, R. (eds.) *Language Sound Structure*. MIT Press: 1984, pp. 107-36.

VILLALVA, A.; MINUSSI, R. Description and analysis of a Portuguese *blend* corpus”, *Corpus*, 23, 2022

VITAL, F. S. *Sobre a construção de teorias do acento em uma perspectiva formal: da fonologia gerativa clássica à teoria da Otimalidade*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, 2023.

O MARCADOR DISCURSIVO “CHEGA AÍ”: CONSTRUCIONALIZAÇÃO E PARADIGMATIZAÇÃO*THE DISCOURSE MARKER “CHEGA AÍ”: CONSTRUCTIONALIZATION AND PARADIGMATIZATION**Mariangela Rios de Oliveira¹**Monique Borges Ramos da Fonseca²***RESUMO**

Apoiados na abordagem da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), em estudo qualiquantitativo, observamos o percurso de mudança linguística da combinação *chega aí* até sua constituição como nova unidade simbólica de função convidativa na variante do português brasileiro. Baseados em Traugott e Trousdale (2021 [2013]), Bybee (2016 [2010]), Rosário e Oliveira (2016) e Teixeira (2015), entre outras referências da LFCU, observamos a trajetória de construcionalização de *chega aí* como um novo marcador discursivo, codificado como [chega aí]_{MD}. Ao longo do processo de mudança, as subpartes verbal (*chega*) e locativa (*aí*) são recrutadas para uso contíguo em distintas situações comunicativas em que passam por neanálises em micropassos, as quais resultam em maior vinculação entre os termos, ademais, a construcionalização de [chega aí]_{MD} é motivada também pela relação analógica com o padrão construcional [VLoc]_{MD}. Os resultados da investigação constatarem distintos contextos de uso da combinação *chega aí* na atual sincronia e ratificam sua recente construcionalização e paradigmatização na categoria dos marcadores discursivos.

PALAVRAS-CHAVE: Construcionalização. Marcador discursivo. “Chega aí”. Paradigmatização.

ABSTRACT

Supported by the Usage-Based Linguistics approach, in a qualitative-quantitative study, we observed the path of linguistic change from the combination *chega aí* to its constitution as a new symbolic unit with an inviting function in the variant of Brazilian Portuguese. Based on Traugott and Trousdale (2021 [2013]), Bybee (2016 [2010]), Rosário e Oliveira (2016) and Teixeira (2015), among other references, we observe the constructionalization trajectory of *chega aí* as a new discourse marker, coded as [chega aí]_{MD}. Throughout the process of change, the verbal (*chega*) and locative (*aí*) parts are recruited for contiguous use in different communicative situations in which they undergo neanalysis in microsteps which result in greater linkage between terms, in addition, the constructionalization of [chega aí]_{MD} is also motivated by the analogical relationship with the constructional pattern [VLoc]_{MD}. The results of the investigation confirm different contexts of use of the combination that *chega aí* in the current synchrony and confirm its recent constructionalization and paradigmaticization in the category of discourse markers.

KEYWORDS: Constructionalization. Discourse marker. “Chega aí”. Paradigmatization.

Introdução

Neste artigo, temos como objetivo o levantamento, a descrição e a análise do *cline contextual* que conduz à convencionalização do marcador discursivo (MD) *chega aí* no português

¹ Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), CNPq, FAPERJ, mariangelariosdeoliveira@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-1474-281X>.

² Universidade Federal Fluminense (UFF), moniquebrf@id.uff.br, <https://orcid.org/0009-0007-2443-796X>.

contemporâneo, partindo dos resultados de Fonseca (2023). Como base teórica, apoiamos-nos na Linguística Funcional Centrada no Uso (FLCU), viés investigativo que integra ao Funcionalismo norte-americano a abordagem construcional da gramática, conforme se encontra em Traugott e Trousdale (2021 [2013]), Bybee (2016 [2010]) e, no Brasil, em Rosário e Oliveira (2016) e Rosário (2022). Pesquisamos o processo de construcionalização, nos termos de Traugott (2021, 2022), que leva à recente convencionalização da microconstrução [chega aí]_{MD}, como pareamento conteúdo – forma totalmente especificado em suas duas subpartes, ampliando o *constructicon*³ do português, com foco nos usos contemporâneos, na perspectiva da gradiência linguística, nos termos de Bybee (2010).

Investigamos contextos de uso de *chega aí*, desde os situados no nível mais lexical até aqueles que ilustram a instanciação do MD [chega aí], como os seguintes:

(1) **Anorexicdemon**

@anorexicdemon1

*Tweet*⁴:

eu sou mt burra, minha mãe saiu e eu tô mais de 1hr marolando enquanto eu tenho que limpar a louça e fazer exercícios alguém me mata (Anorexicdemon @anorexicdemon1)

Comentário em resposta (usuário: vic@alwaysfaaat): imagina ela **chega ai** mais cedo tu se fode

(2) VIÚVA DO MISTER JJ SIM! ELE É O CARA!...

@marcospaulofra2

Tweet em resposta a @BRZZ775 e @Vessoni:

Deixa eu te contar um segredo: **chega aí**, não sei se vc sabe, mas o palmeiras não tem mundial!!!! (@marcospaulofra2 - twitter- 4/01/21)



No *tweet* (1), constatamos o uso de *chega* como elemento verbal, de sentido télico e pontual, enquanto *aí* tem papel adverbial locativo, na referência pronominal dêitica à casa do interlocutor (Anorexicdemon @anorexicdemon1). Em sequências assim organizadas, *chega* e *aí* se encontram menos vinculados em conteúdo e forma e têm sentidos menos subjetivos.

Em (2), em que apresentamos as versões transcrita e a original de um *tweet*, [chega aí]_{MD} é instanciada, conforme defende Fonseca (2023, p. 18), em prol da “marcação do discurso com sentido (inter)subjetivo de convite ao, concomitantemente, aproximar o interlocutor de si e direcionar sua

³ Termo definido como a rede de construções de que é constituída a língua, o conjunto ordenado e hierarquizado de pares de conteúdo e forma.

⁴ São assim denominadas as mensagens/ publicações na rede social *Twitter*.

atenção à informação compartilhada”. Em usos como (2), interpretamos *chega aí* como efetivo MD, uma vez que apresenta as quatro propriedades básicas dessa classe pragmática, conforme definidas por Heine, Kaltenböck e Kuteva (2019), quais sejam: invariabilidade formal, independência sintática, prosódia própria e atuação no nível pragmático-discursivo da língua.

Partimos da hipótese de que [chega aí]_{MD} é uma construcionalização do PB contemporâneo consequente de dois tipos de neoanálise⁵ que atuam em conjunto, demonstrando a complexidade da mudança linguística. A primeira hipótese diz respeito aos micropassos contextuais que, progressivamente, concorrem para que *chega* e *aí* se tornem mais vinculados, como assumido por Diewald e Smirnova (2012) e atestado por Rosa (2019), Sambrana (2021) e Fonseca (2023), entre outros. A segunda neoanálise assumida é que a convencionalização de [chega aí]_{MD} se dá também por analogização, mecanismo cognitivo pelo qual o esquema mais virtual formado pelas subpartes verbal e locativa – [VLoc]_{MD}, via a construção [vem cá]_{MD}, com base em Teixeira (2015), fornece o modelo construcional pelo qual se forja o type específico [chega aí]_{MD}.

Nos dados sob pesquisa, adotamos tratamento qualiquantitativo, nos termos de Cunha Lacerda (2016), pelo qual conjugamos o procedimento analítico contextual e a observação da frequência de uso. Para os contextos de uso de *chega aí*, partimos, neste capítulo, de uma perspectiva sincrônica, uma vez que se trata de um conjunto de dados pouco produtivos, cuja convencionalização do MD [chega aí] somente se detecta em sete ocorrências no português contemporâneo.

Para atingir nossos objetivos, este artigo se distribui em cinco seções. Na primeira, nos dedicamos à classe dos MD, sua definição e propriedades. Na segunda seção, apresentamos os fundamentos de ordem teórica e metodológica que nos orientam, com base na LFCU. A terceira seção é dedicada ao processo de recente construcionalização de [chega aí]_{MD}, com foco nos contextos de uso que motivam este pareamento e também na analogização à [vem cá]_{MD}, microconstrução integrante do esquema [VLoc]_{MD}. A quarta seção trata da entrada de [chega aí] no paradigma dos MD do *constructicon* do português, do lugar que esse pareamento ocupa no paradigma dos MD. Na quinta seção, apresentamos nossas considerações finais, com destaque dos resultados da pesquisa e das perspectivas abertas nessa área de investigação. Por fim, trazemos o referencial bibliográfico com o qual trabalhamos.

1. A classe dos marcadores discursivos

Os elementos que atuam na marcação do discurso, entre os quais se situa [chega aí]_{MD}, constituem uma categoria pertencente ao nível pragmático da língua. Trata-se de uma classe híbrida, não contemplada pelas descrições mais tradicionais da gramática e alvo de pesquisas linguísticas mais recentes, como as de Schiffrin (1987) e Fraser (1988, 1990).

No Brasil, uma das definições mais amplas dos MD se encontra em Risso, Silva e Urbano

⁵ Conforme Traugott e Trousdale (2021 [2013]), adotamos esse termo no lugar do clássico *reanálise*, considerando que se trata de inédita e inovadora interpretação, tanto ao nível da forma quanto do conteúdo.

(2015), a partir dos dados de fala provenientes do Projeto Norma Urbana Culta⁶ (NURC). De acordo com os referidos autores, os MD são assumidos como:

um amplo grupo de elementos de constituição bastante diversificada, envolvendo, no plano verbal, sons não lexicalizados, palavras, locuções e sintagmas mais desenvolvidos, aos quais se pode atribuir homogeneamente a condição de uma categoria pragmática bem consolidada no funcionamento da linguagem. Por seu intermédio, a instância da enunciação marca presença forte no enunciado, ao mesmo tempo em que se manifestam importantes aspectos que definem sua relação com a construção textual-interativa. (RISSO; SILVA; URBANO, 2015, p. 371)

Em termos metodológicos, para definir uma categoria formalmente tão híbrida, Risso, Silva e Urbano (2015) fixam e testam 16 fatores: 1 padrão de recorrência; 2 articulação de segmentos do discurso; 3 orientação da interação; 4 relação com o conteúdo proposicional; 5 transparência semântica; 6 apresentação formal; 7 relação sintática com a estrutura gramatical da oração; 8 demarcação prosódica; 9 autonomia comunicativa; 10 massa fônica; 11 tipo de ocorrência (contiguidade/combinabilidade); 12 base gramatical (fonte); 13 sexo dos informantes; 14 local do inquirido; 15 tipo de inquirido; 16 posição (em relação à frase, ao turno, ao tópico). A partir da soma dos 16 fatores contemplados pelos dados em análise, os autores distribuem os MD em dois grupos prototípicos: os “basicamente sequenciadores” e os “basicamente interacionais”.

Com base nas propriedades apontadas para cada um dos referidos grupos, podemos dizer que [chega aí]_{MD} integra os “basicamente sequenciadores”, uma vez que concorre para o

amarramento textual das porções de informação progressivamente liberadas ao longo do evento comunicativo e, simultaneamente, no encaminhamento de perspectivas assumidas em relação ao assunto, no ato interacional. (RISSO; SILVA; URBANO, 2015, p. 391)

Podemos constatar essa função sequenciadora de [chega aí]_{MD} no fragmento (2), apresentado na introdução deste artigo. Nesse dado, *chega aí* conecta a declaração inicial “Deixa eu te contar um segredo” à final “não sei se vc sabe, mas o Palmeiras não tem mundial”. Além da conexão, o MD concorre para a progressão textual-discursiva, ao convidar o interlocutor a prestar atenção ao que será declarado. Por conta dessa função pragmática mais específica, Oliveira e Fonseca (2020) e Fonseca (2023) classificam [chega aí]_{MD} como um tipo de marcador injuntivo convidativo, cuja frequência é motivada por contextos de uso menos monitorados, com maior nível de informalidade ou intimidade entre os interlocutores.

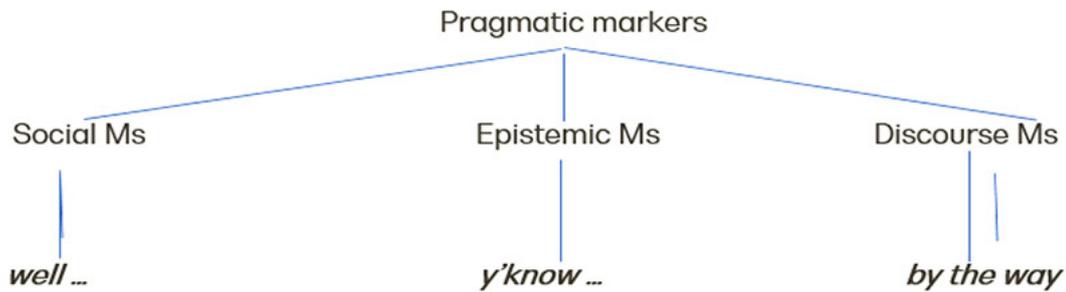
As instanciações de [chega aí]_{MD} também vão ao encontro do que postula Teixeira (2015):

Marcadores discursivos, doravante MDs, são, basicamente, elementos linguísticos que atuam no plano procedural da gramática, ou seja, são constituintes não referenciais que fazem relações entre componentes/partes/itens do discurso. Ao analisarmos contextos de interação, observamos que esses elementos facilitam o processamento do discurso (...) (TEIXEIRA, 2015, p. 45)

⁶ Maiores informações do Projeto NURC no site: <https://nurcrj.letas.ufrj.br/>

Para Traugott (2021, 2022), os MD constituem uma subclasse dos marcadores pragmáticos, de acordo com a seguinte distribuição:

Figura 1: Taxonomia dos marcadores pragmáticos



Fonte: Traugott (2021, p. 4)

Como podemos observar pela figura 1, marcadores pragmáticos são integrados por marcadores sociais, como *bem* e *então* no português, marcadores epistêmicos, como *sei lá* e *você sabe* no português, e MD, como *a propósito* e *chega aí* no português. Como destaca a autora, embora a classe dos marcadores pragmáticos seja desprovida de semântica mais explícita, trata-se de uma categoria de sentido procedural convencionalizado, com expressiva relevância para a negociação inferencial entre os interlocutores e para a consequente organização do discurso.

Ainda conforme Traugott (2021, 2022), no grupo dos marcadores pragmáticos, os MD se caracterizam por fornecerem dicas de contextualização e instruções de processamento sobre como interpretar relacionamentos entre declarações contextualmente expressas, especificamente o tópico do discurso 1 (D1) e o tópico do discurso 2 (D2). O exemplo (2), já referido nesta seção, pode ilustrar essa função pragmática, uma vez que *chega aí* conecta “Deixa eu te contar um segredo”, correspondente a D1, a D2, “não sei se vc sabe, mas o palmeiras não tem mundial”.

Em Heine, Kaltenböck e Kuteva (2019) encontramos as quatro propriedades dos MD que, sinteticamente, definem esse grupo. De acordo com os autores, a categoria é integrada por membros: a) formalmente invariáveis, ou seja, de estrutura fixa; b) sintaticamente independentes, uma vez que atuam no nível pragmático; c) prosodicamente autônomos; d) pertencentes ao plano discursivo, estabelecendo relações mais sequenciadoras ou interacionais. Novamente podemos dizer que as propriedades de *chega aí* no exemplo (2) contemplam o estabelecido por Heine, Kaltenböck e Kuteva (2019) para a classe dos MD.

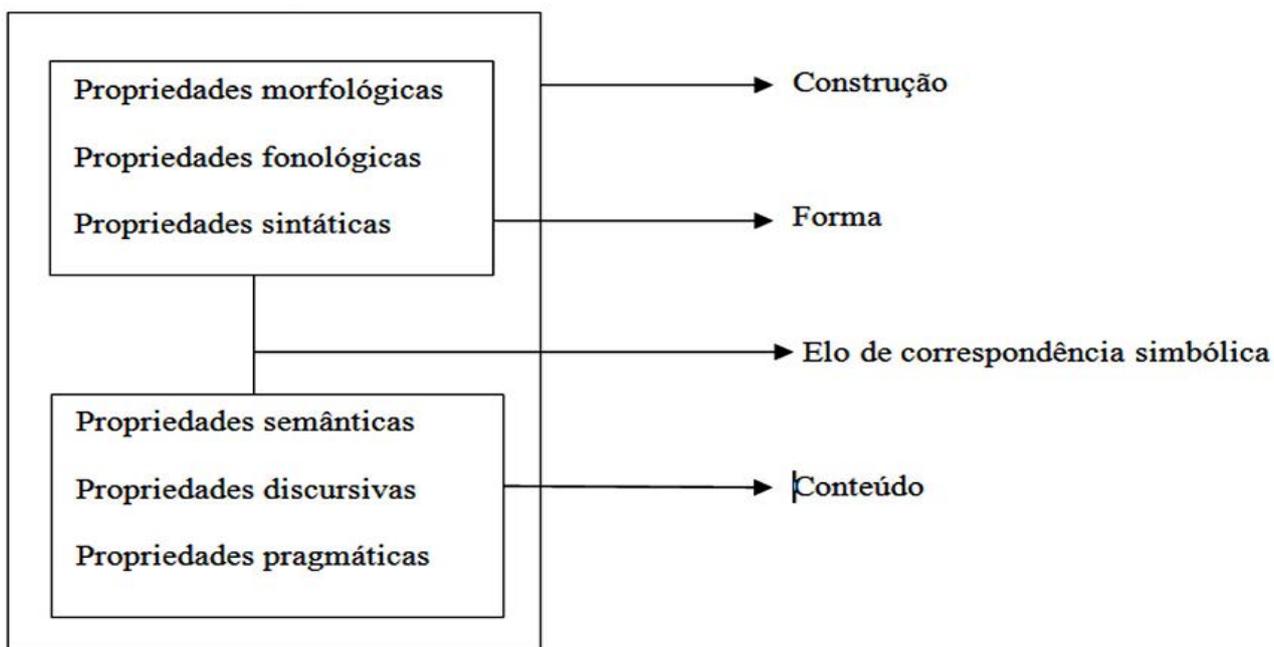
2. Fundamentos teórico-metodológicos

Assumimos uma recente vertente da Linguística Funcional como aporte teórico para fundamentar nossa investigação; trata-se de abordagem funcional de origem norte-americana que dialoga com a Linguística Cognitiva, tanto em sua concepção construcional quanto no que tange à

consideração de processos cognitivos no uso efetivo da língua. No Brasil, sobretudo no âmbito de pesquisas desenvolvidas pelo grupo de estudos *Discurso & Gramática*⁷, a fim de conferir relevância ao tratamento funcional do uso linguístico, essa recente abordagem funcional é denominada LFCU. Tal abordagem atua a partir do tratamento holístico da gramática, ao conferir igual relevância aos aspectos formais (sintáticos, morfológicos e fonológicos) e funcionais (discursivos, pragmáticos e semânticos) nas tarefas de descrição e análise das instâncias de uso linguístico, bem como ao conceber a rotinização, a experiência e a perspectivação como processos cognitivos envolvidos no uso linguístico.

Conforme a LFCU, a língua é organizada em rede de construções, em que todos os elementos linguísticos se conectam e se relacionam. Compreendemos as construções como unidades simbólicas que pareiam forma e função, interligadas por elos de correspondência simbólica, de modo que o conjunto de suas propriedades formais e funcionais as especifica, conforme representado pelo modelo estabelecido por Croft (2001):

Figura 2: Elo de correspondência simbólica construcional segundo Croft (2001, p. 18)



Fonte: Fonseca (2023, p. 23, 2023). Adaptação do modelo de Croft (2001)

Para a LFCU, mudanças linguísticas acontecem no uso efetivo da língua, sejam elas ocorridas no plano formal e/ou funcional de dada construção; tais mudanças podem resultar ou não no surgimento de uma nova unidade simbólica. Ao abordar a mudança linguística, é preciso distinguir dois tipos de mudança: as mudanças construcionais e a construcionalização.

⁷ Maiores informação do grupo no link: <https://deg.uff.br/>

Mudanças construcionais são alterações que podem ocorrer ou no plano da forma ou da função de uma construção já existente na língua, mas não culminam na formação de uma nova unidade simbólica, um novo nó na rede linguística. Tais mudanças são observadas como neoanálise em nano⁸ e/ou micropassos⁹, como detalhado mais adiante nessa seção. Já a construcionalização envolve a formação de um novo e inédito pareamento na língua. De acordo com Traugott e Trousdale (2021 [2013]):

*Construcionalização*¹⁰ é a criação de (combinações de) signos forma_{nova} - significado_{novo}. Ela forma novos tipos de nós, que tem nova sintaxe ou¹¹ morfologia e novo significado codificado, na rede linguística de uma população de falantes. Ela é acompanhada de mudanças no grau de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A construcionalização de esquemas sempre resulta de uma sucessão de micropassos e, portanto, é gradual. Novas microconstruções podem igualmente ser criadas gradualmente, mas elas também podem ser instantâneas. Microconstruções criadas gradualmente tendem a ser procedurais e microconstruções criadas instantaneamente tendem a ser de conteúdo. (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021 [2013], p. 58)

Há dois mecanismos relacionados aos processos de mudança: neoanálise¹² e analogização. Conforme esclarecido pelo próprio termo, a neoanálise trata-se de uma “nova análise” processada pelo usuário a respeito de uma construção; de acordo com Traugott e Trousdale (2021 [2013], p. 78) o “foco da neoanálise está na diferença com base na origem”. A busca pela expressividade, a recorrência de uso de dada construção e sua acessibilidade na memória da comunidade linguística são fatores que favorecem a neoanálise, assim, esse mecanismo configura um micropasso de mudança linguística, ao nível do conteúdo ou ao nível da forma de uma construção. Na pesquisa da rota de construcionalização que convencionaliza [chega aí]_{MD}, nos interessam as neoanálises que atuam como mudanças pré-construcionais.

Já a analogização é o mecanismo de mudança pelo qual uma construção serve como exemplar para a formação de um novo nó no *constructicon*, ou seja, uma nova combinação surge com base em uma construção já existente na língua. Nesse sentido, toda analogização é considerada um tipo específico de neoanálise, integrando etapa pré ou pós-construcional. De acordo com Traugott e Trousdale (2021 [2013]):

⁸ Trata-se de mudanças sutis, no plano da forma ou do conteúdo, acontecidas dentro de um mesmo estágio contextual de uso linguístico, como defende Rosa (2019).

⁹ Micropassos estão relacionados às mudanças na forma ou no conteúdo de dado elemento linguístico que distinguem seus estágios contextuais de uso.

¹⁰ Grifo da autora.

¹¹ Grifo nosso.

¹² Traugott e Trousdale (2021 [2013]) ressaltam que optam pelo termo *neoanálise* em lugar de reanálise por compreenderem que esse mecanismo de mudança se dá em vista de uma nova interpretação de uma construção e não de uma reinterpretação da mesma.

A neoanálise frequentemente resulta da combinação (geralmente inconsciente) de um padrão pelos usuários da língua, processo conhecido como analogia, porém mais propriamente entendido como pensamento analógico. O recrutamento de um item para um subsquema que pode resultar de pensamento analógico é um mecanismo de mudança que chamamos de analogização. (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021 [2013], p. 57)

Ao investigar [chega aí]_{MD}, observamos a formação do pareamento forma_{nova} - conteúdo_{novo} com função procedural, mais especificamente voltada à marcação do discurso, resultante de construcionalização gramatical¹³ que ocorre por meio de sequência de neoanálises em micropassos de mudanças pré-construcionais. Para rastrear e descrever as mudanças construcionais pelas quais a combinação *chega aí* passa, adotamos os estágios de mudança¹⁴ propostos por Diewald e Smirnova (2012). De acordo com as autoras, são quatro esses estágios: atípico, crítico, isolado e integração paradigmática.

A fim de nos apropriarmos da taxonomia dos contextos de uso estabelecida por Diewald e Smirnova (2012), adotamos seu refinamento como firmado por Rosa (2019):

Quadro 1: Tipos de contextos a partir de Diewald e Smirnova (2012)

Estágio	Contexto	Significado/ função	Tipos de construção
I- Precondições da construcionalização gramatical	Contexto atípico	Implicaturas conversacionais	Sem tipo particular de construção; Composicional
II- Desencadeamento da construcionalização gramatical	Contexto crítico	Opacidade múltipla	Expressões idiomáticas extragramaticais
III- Reorganização e diferenciação	Contexto isolado	Itens polissêmicos/heterossêmicos	Expressões idiomáticas formal ou lexicalmente abertas
IV- Integração paradigmática	Contexto paradigmático	Oposições/distinções paradigmáticas com significados relacionais reduzidos, isto é, significados gramaticais	Escolhas paradigmáticas a partir de um esquema construcional abstrato

Fonte: Rosa (2019, p. 70)

¹³ A construcionalização lexical tende a ocorrer de modo mais instantâneo e resulta em construções que fazem referência ao mundo biossocial.

¹⁴ Esse modelo de taxonomia construcional, inicialmente foi formulado para a análise de mudanças diacrônicas, no entanto, assumimos sua aplicabilidade para mudanças ocorridas ao longo de um curto espaço de tempo, ratificando a gradiência sincrônica.

Ao observarmos o quadro 1, constatamos que a mudança tem seu ponto de partida em contextos atípicos, marcados por alterações semânticas, que conduzem a polissemias que impactam o eixo do conteúdo. Na sequência, o incremento da ambiguidade atinge o eixo formal, marcando os contextos críticos, motivando metaforização e metonimização. A partir daí, se chega ao contexto isolado, em que é consolidada a mudança gramatical, distinguindo o novo elemento daquele que lhe serviu de fonte. Por fim, uma vez isolado, o novo item passa a integrar outra categoria gramatical, passando a competir, no âmbito desta categoria, com outros itens pertencentes à classe recém-ingressa.

Como constatamos na próxima seção deste artigo, no processo da construcionalização de [chega aí]_{MD}, além de mudanças pré-construcionais que caracterizam cada um dos estágios listados no quadro 1, detectamos alterações mais sutis e específicas em cada um dos estágios, isto é, flagramos nanopassos de mudança, nos termos de Rosa (2019). De acordo com Fonseca (2023, p. 39), “esses pequenos passos de mudança dentro de um mesmo contexto levaram a subdividi-los de acordo com tais especificidades, de modo que há transições intracontextuais identificadas por graus”.

Em termos metodológicos, de acordo com a abordagem funcional adotada e a fim de rastrear os micropassos de mudança, a combinação *chega aí* foi investigada em fontes sincrônicas de registro de uso efetivo da língua portuguesa. Tais fontes são constituídas por textos orais transcritos ou por textos escritos que se aproximam da oralidade, como textos notariais, teatrais, *posts* de site de relacionamentos, blogs, entrevistas e declarações.

Foram pesquisados textos dos séculos XX e XXI da amostra *Now* do CdP¹⁵; amostra *Web/Dialectics*¹⁶ (ambos extensões integrantes do projeto *Corpus do Português*); *Corpus do Twitter*¹⁷; compilados do *Corpus Mineirês*¹⁸, *NURC*¹⁹ e do *Corpus PEUL* recontactados 2000²⁰. Esses quatro últimos foram organizados pelo Núcleo de Pesquisa em Abordagem Construcional e Tradução (NUPACT²¹).

O quantitativo de ocorrências por estágios contextuais e intracontextuais são informados e analisados na quarta seção, quando tratamos da integração de [chega aí] ao paradigma dos MD do português. Como defendemos que, no processo de construcionalização de [chega aí]_{MD}, para além do *cline* contextual, há atuação do mecanismo de analogização a [vem cá]_{MD}, as informações quantitativas são apresentadas em relação a essas duas construções²².

¹⁵ Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/now/>

¹⁶ Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>

¹⁷ Disponível em: <https://www.ufjf.br/nupact/corpora/corpora-compilados/>

¹⁸ Disponível em: <https://www.ufjf.br/nupact/corpora/corpora-compilados/>

¹⁹ Disponível em: <https://nurcrj.lettras.ufjr.br/>

²⁰ Disponível em: <https://www.ufjf.br/nupact/corpora/corpora-compilados/>

²¹ NUPACT é o Núcleo de Pesquisa em Abordagem Construcional e Tradução que foi criado em setembro de 2019 na Universidade Federal de Juiz de Fora. Página disponível no endereço eletrônico <https://www.ufjf.br/nupact/> (Informações observadas no próprio *site*)

²² Na apresentação dos informes quantitativos de *vem cá*, nos apoiamos em Fonseca (2023) e Teixeira (2015).

3. Construcionalização de [chega aí]_{MD}

Nesta seção, descrevemos e especificamos os estágios de mudança propostos por Diewald e Smirnova (2012), bem como apresentamos as subdivisões intracontextuais em graus e a descrição dos nanopassos de mudanças observados dentro de um mesmo contexto de *chega aí*.

3.1 Contexto típico

Conforme esclarecido anteriormente, nesse contexto os elementos da combinação *chega aí* apresentam suas características prototípicas, a partir das quais é possível observar as mudanças construcionais processadas até a convencionalização [chega aí]_{MD}. No contexto típico, o verbo *chegar* expressa sentido de deslocamento em espaço físico e o locativo *aí*, função dêitica e referencial relacionada à localização espacial.

Esse contexto é dividido em dois graus intracontextuais devido à diferença no modo como é realizada a referência espacial: explicitação do espaço físico ou sua inferência na situação comunicativa. Assim, conforme constatamos no exemplo abaixo, o grau intracontextual um do contexto típico é marcado pela menção a um local físico:

(3) Rubem Andrade
@de_brinquedo

Tweet:

É a bagagem de Jack Sparrow!
Logo o Pérola Negra **chega ai** tbm...



Em (3), o usuário do *Twitter* Rubem Andrade compartilha a imagem de uma notícia do *site* G1. Ao comentar a respeito, ele sugere, de modo irônico, que o objeto pertence a um personagem pirata do filme “Piratas do Caribe” (É a bagagem de Jack Sparrow!) e que seu navio também está a caminho da referida praia (Logo o Pérola Negra **chega ai** tbm...). Nessa situação comunicativa, o verbo *chegar* expressa o fim de um trajeto percorrido e o locativo *aí* aponta para o referido espaço físico onde o navio (sujeito oracional) finalizará seu deslocamento, a praia do Sossego. Logo, assumimos que uso da combinação *chega aí*, em (3), se apresenta com a estrutura prototípica de predicado verbal.

Já na ocorrência (4) o espaço não é mencionado, ou seja, não é citado na estrutura sintática, ainda que também o classifiquemos como predicado verbal:

(4) **Didico** @Nrarodrigues

Tweet em resposta a @gabriellegondim:

Já mandei a foto autografada, **chega aí** em uma semana mais ou menos

(Twitter - 04/07/20)

Em (4), o usuário do *site* de relacionamento Didico (@Nrarodrigues) responde a uma interlocutora, marcando-a em sua postagem. Na resposta, Didico comunica que a foto autografada (possível solicitação de uma seguidora) já foi enviada e está se deslocando rumo a um local não mencionado, mas presumivelmente, a localidade onde ela reside (**chega aí** em uma semana mais ou menos).

Destacamos que o preenchimento estrutural do sujeito é característica importante que marca a composicionalidade e a analisabilidade do contexto típico, ainda que sua realização possa ser mais ou menos prototípica, por conta de traços de agentividade ou não do sujeito. No caso do fragmento (4), a não agentividade do sujeito em *chega aí* concorre para o classifiquemos como grau dois de tipicidade contextual.

3.2. Contexto atípico

Assim como o contexto típico, o contexto atípico é subdividido em grau intracontextual um e dois, devido a nuances no uso da combinação *chega aí*, as quais estão relacionadas à mudança de sentido de deslocamento do verbo *chegar*, conforme observado nos registros abaixo:

- (5) fazer todo o saneamento que a gente precisa. Então, o nosso governo vai buscar recursos federais pra implementar saneamento. Basta ter projeto. Muitas vezes o estado deixa de receber recursos porque não tem bons projetos, porque não consegue capacitar os seus servidores pra que eles possam realizar esses projetos. Nós até temos uma proposta de capacitar os servidores e auxiliar os municípios, inclusive do estado, a formar projetos mais qualificados pra receberem verbas. E isso, certamente, vai impactar em um saneamento de mais qualidade. # AL TV 1ª Edição - A gente **chega aí** nessa reta final da nossa entrevista, candidato. (Amostra Now do CdP - G1 - 18/09/2010)
- (6) doloroso para todos. # Lógico que quem ia bem perdeu ponto, quem ia mais ou menos piorou e quem já ia mal destramelou de vez (passe em Ilhéus e Itabuna e veja). # Infeliz natal —Em torno de 80% dos 417 municípios baianos demitiram servidores entre setembro e agora. Segundo Eures Ribeiro (PSD), presidente da UPB e prefeito de Bom Jesus da Lapa, ele próprio demitiu 250. O tamanho do estrago ainda não foi contabilizado, mas Eures afirma que não é exagero dizer que o número de novos desempregados **chega aí** à casa de 20 mil. # – É disso para mais. Tivemos que demitir. (Amostra Now do CdP - atarde.uol.com.br - 2018)

No fragmento (5), *chega aí* atua na função de apontar o fim de um evento (*chega aí* nessa reta final), assumindo sentido mais temporal, por nós classificado como grau um. No fragmento (6), a combinação *chega aí* indica sentido de estimativa ou quantificação aproximada (*chega aí* à casa de 20 mil), configurando grau dois de atipicidade. A abstração semântica de projeção temporal ou a de uma escala quantitativa é característica desse estágio contextual. Observamos, portanto, que, apesar da manutenção da estrutura argumental, em ambos os fragmentos há aumento de polissemia no que se refere ao sentido de deslocamento nesse ponto do *cline*. Assim, detectamos orações com sujeitos explícitos (a gente e o número de novos desempregados) e complementos circunstanciais (nessa reta final de nossa entrevista e à casa de 20 mil), constituintes integrantes da estrutura argumental, ainda que fora do eixo prototípico de sua categoria. Trata-se de elementos mais genéricos ou abstratos, que concorrem para a ambiguidade semântica própria do contexto atípico, conforme Diewald e Smirnova (2012).

3.3. Contexto crítico

O contexto crítico é marcado por ambiguidades construcionais tanto nas propriedades formais quanto funcionais. Tais ambiguidades propiciam interpretações alternativas a partir das quais se origina o novo significado gramatical, isto é, a construcionalização, caso ocorra como processo de mudança, é subsequente ao contexto crítico. A partir dos dados em análise, é no contexto crítico que constatamos a analogização de *chega aí* a partir de *vem cá*.

No plano formal, há alteração do emprego da forma *chega* de presente do indicativo para imperativo, assim, ocorre mudança na predicação verbal, com formação de *chunk*. No plano funcional, apesar da manutenção do sentido de deslocamento, há expansão semântica relacionada ao convite para que se realize deslocamento físico, virtual ou de transição temporal. Tais nuances de deslocamento caracterizam, respectivamente, os três graus intracontextuais do contexto crítico, conforme apresentamos nos registros que se seguem:

- (7) Mayla e Emilly comentam isolamento de Manoel # Manoel está deitado na banheira de hidromassagem enquanto Mayla, Emilly e Antônio estão sentados nas poltronas da área externa. As irmãs observam que Manoel está afastado e se perguntam o motivo. “Por que ele está lá e não aqui?”, questiona Emilly. “Manoel, **chega aí**”, pede Antônio. “Acho que ele está chateado contigo”, comenta Emilly. (Amostra Now do CdP - gshow.globo.com - 2018)

O fragmento (7) é um resumo dos acontecimentos do *reality show Big Brother Brasil*, retirado do *site* de entretenimento *Gshow*. Nessa ocorrência, há o relato de uma cena em que o participante Antônio se dirige ao seu colega Manuel, solicitando que este se aproxime (Manoel, *chega aí*). Nessa situação, o uso de *chega aí* indica a solicitação, o convite que Antônio faz para que Manuel se desloque até o espaço físico em que o grupo de participantes do *reality* se encontra. O registro (7) exemplifica o grau intracontextual um do contexto crítico.

De acordo com Fonseca (2023):

Nesse grau intracontextual, o usuário da língua acessa uma situação comunicativa em que há ambiguidade na perspectivação espacial: coexistência de elementos, inferências e contextualização de localização espacial do *eu*, aliados ao uso imperativo e ao apontamento dêitico do locativo *aí* para o interlocutor. (FONSECA, 2023, p. 116)

A autora aponta a formação de *chunk* convidativo motivado por analogização com a combinação *vem cá* a partir desse grau intracontextual. A combinação *vem cá*, em uso prototípico, expressa solicitação para deslocamento físico do interlocutor no espaço, desse modo, em virtude de *chega aí* e *vem cá* serem formações constituídas por verbos que expressam movimento complementado por locativo, bem como por conta da dupla perspectivação espacial de *chega aí*, há favorecimento de analogização entre ambas as combinações, conforme observado no registro seguinte:

- (8) “O público tá vendo o proceder de cada um, te garanto. Tô analisando isso pelas eliminações, pelas pessoas que já saíram daqui e que ninguém antes imaginava” finalizou ele. Rafael Ilha aponta faca para João Zoli # Na tarde desta sexta-feira (09), Rafael Ilha acabou deixando João Zoli assustado, acontece que o ex-Polegar apontou uma faca para o cantor. Na ocasião, João Zoli estava preparando algo para comer, quando Rafael se aproximou e apontou a faca para o colega. “O Bob Esponja, **chega aí**. Deixa eu ver uma coisa. **Vem cá**, fica mais perto”, falou ele ao se aproximar. # A ficar ao lado de João, Rafael Ilha disparou: “E aí moleque. Deixa eu ver uma coisa, essa barba tá boa de fazer na faca?”, perguntou Rafael. Desconfortável, João disse: “Cê é louco, vira isso aí pro outro lado”. O ocorrido não passou de uma brincadeira mas acabou assustando João de verdade.... (Amostra Now do CdP - www.areavip.com.br - 2018)

Em (8), é possível observarmos *chega aí* em contexto crítico (grau intracontextual um) e *vem cá*, este em contexto típico. Trata-se de uma cena de um *reality show* em que Rafael se aproxima de outro participante, João Zoli, e se refere a ele como Bob Esponja, solicitando que se desloque e se aproxime (O Bob Esponja, *chega aí*. Deixa eu ver uma coisa). A fim de enfatizar a solicitação para que o colega se aproxime, Rafael reitera o convite utilizando a combinação *vem cá* (*Vem cá*, fica mais perto).

- (9) Joegráfia
@joegráfia

QUASE CERTEZA QUE TÔ AO VIVO!
Vamos jogar jogo BR (e se não der certo a gente troca de jogo...) **CHEGA AÍ!!!**
Twtch.tv/joegráfia



Em (9), flagramos o grau intracontextual dois do contexto crítico, em que o *chunk chega aí* é usado no fim de uma postagem com a finalidade de convidar os possíveis interlocutores a se direcionarem virtualmente, por meio de um link disponibilizado, ao jogo *on-line*. De acordo com Fonseca (2023), nesse grau intracontextual do contexto crítico “o convite, apesar de requerer que o interlocutor realize ação ou movimento (clique para se direcionar até o espaço virtual), não implica deslocamento de seu corpo no espaço biossocial” (FONSECA, 2023, pp. 118-9).

(10) ambrosio
@jaoambrosio

Tweet:

Chega aí 2021, eu já te amo
(ambrosio - Twitter - 31/12/20)



Em (10), trazemos uma postagem curta sobre *Reveillon*. Nessa postagem, observamos que *chega aí* atua como uma espécie de chamamento para que um novo ano se inicie. Nessa situação comunicativa, o *chunk chega aí* está relacionado à passagem do tempo, à virada do ano (fim de um ano e início de outro). Com base na análise qualitativa desse subtipo de criticidade contextual, o classificamos como de grau três.

Como já declaramos, consideramos que é no contexto crítico que se estabelece a relação analógica entre *chega aí* e *vem cá*, concorrendo para a formação do *chunk chega aí* com sentido convidativo. Assumimos que essa relação, que se configura como acúmulo de ambiguidades ao nível da forma e do conteúdo, nos termos de Diewald e Smirnova (2012), é o passo que prenuncia e mesmo anuncia a construcionalização [chega aí]_{MD}.

3.4. Contexto isolado

Nesse estágio contextual, há a consolidação de uma nova construção na rede linguística, isto é, há formação de um novo nó que se opõe a e passa a coexistir com a construção que lhe serviu como fonte em contexto típico, cada qual com suas propriedades formais e funcionais. Uma vez consolidado, o processo de construcionalização não pode ser revertido, a nova construção é integrada ao *constructicon* e fica disponível para outras possíveis mudanças pós-construcionalização. Portanto, no contexto isolado, há convencionalização de *chega aí* como MD, codificada construcionalmente como [chega aí]_{MD}. Detectamos dois graus intracontextuais nesse estágio, que se distinguem pelo modo como a informação é referenciada e focalizada. O primeiro desses graus é ilustrado a seguir:

(11) Rodrigo Calleri
@rodrigochr

Tweet:

Em resposta a @branni_b

SIM CARA HAUAHSUWHSUA

“gente **chega ai** ele acha que vai dormir bem chegar cedo no trabalho botar as coisas em dia ficar de bom humor kkkk que otario olha ele achando” meus divertidamente

(Twitter - 02/07/20)



Em (11), Rodrigo Calleri responde a um comentário feito por @branni_b em seu *post*. Em sua postagem, @branni_b convida/convoca os possíveis interlocutores, de forma irônica e desrespeitosa, a tomarem ciência do que Rodrigo escreveu (gente *chega ai* ele acha que vai dormir bem chegar cedo no trabalho botar as coisas em dia ficar de bom humor kkkk que otario olha ele achando). Rodrigo, então, reage a esse comentário reafirmando seu posicionamento avaliativo (SIM CARA HAUAHSUWHSUA).

De acordo com Fonseca (2023), nessa situação comunicativa, *chega aí* tem a função de um MD de sentido convidativo, “que marca o discurso de modo intersubjetivo ao atuar como elemento de aproximação dos interlocutores, com projeção ou direcionamento da atenção para partilhamento interacional.” (FONSECA, 2023, p. 125). Em contextos desse tipo, é possível que a instanciação de [chega aí]_{MD} possa ser parafraseada por “preste atenção aqui”.

Conforme mencionamos, a construção [vem cá]_{MD}, por ser mais antiga e mais recrutada pelos usuários da língua, como demonstrado por Teixeira (2015), serve de base analógica para [chega aí]_{MD}, motivada, sobretudo, pelo padrão estrutural com locativo posposto a verbo de movimento [V_m Loc]. A analogização, portanto, é assumida como mais um fator motivador da construcionalização [chega aí]_{MD}, para além do *cline* contextual apresentado nesta seção.

Como observamos a partir do fragmento (11), *chega aí* no grau intracontextual um do contexto isolado atua na marcação discursiva com a função de chamar a atenção do interlocutor para compartilhar uma informação. Esse papel também pode ser constatado em (12), a seguir, via instanciação de [vem cá]_{MD}:

- (12) Manual de Souza - Como assim? Gabriela - Como assim? Castelo Branco - Não insistas, rapariga! Carlos - Muito simplesmente. Agora que o Capitão-General engoliu a pílula, convém que permaneçamos algum tempo no status-quo. Manual de Souza - Como no status-quo.. Queres então que eu fique sendo marido de tua mulher? Carlos - Decerto, isto é, oficialmente. Manual de Souza - Está visto: na salinha. Mas, **vem cá**, e minha mulher? Carlos - E tu a dares com tua mulher! Tua mulher! Confessar-lhe-emos tudo, e, logo que haja cá entre nós certa combinação, verás que vidinha... (...). (Teatro, A Casadinha de Fresco de Artur Azevedo - século XIX)

No fragmento (12), há o registro de uma cena em que o personagem Manuel de Souza se dirige a Carlos, manifestando contestação em relação à situação de sua mulher. Para atrair a atenção do interlocutor, Manuel estabelece aproximação para chamar sua atenção (Mas, *vem cá*, e minha mulher?). Nessa situação, *vem cá* atua na marcação do discurso, ao chamar a atenção do interlocutor para o que o locutor intenciona compartilhar, consubstanciada na indagação sobre sua mulher.

O segundo nível do contexto isolado de *chega aí* MD é representado em (13):

(13) Leo Aversa
@LeoAversa

Tweet:

O álibi do sujeito é que na hora do assassinato ele estava matando outra pessoa em outro lugar.
Chega aí, Tarantino.

(Twitter - @LeoAversa- 30/06/20)



No fragmento (13), @LeoAversa comenta a respeito do depoimento de um suspeito de ter assassinado a vereadora Marielle Franco; a pessoa se declara inocente e apresenta como álibi o fato de que, no dia do ocorrido, estava matando outra pessoa em outro lugar. Diante da alegação absurda, @LeoAversa finaliza seu comentário de modo irônico, invocando o diretor Quentin Tarantino, conhecido por suas produções cinematográficas de gênero criminal. Ao invocar o cineasta, @LeoAversa atrai a atenção e reforça a contradição ou o disparate da situação. Nesse uso, *chega aí* atua como MD focalizador de atenção, em que detectamos o sentido convidativo estabelecido no contexto crítico, mas agora com nuance invocatória. Segundo Fonseca (2023) “nesse grau intracontextual, [chega aí]_{MD} não é dirigido a um interlocutor específico, mas visa a estabelecer atenção conjunta e alinhamento de conhecimentos e percepções» (FONSECA, 2023, p. 126)

Sobre a construcionalização de [chega aí]_{MD}, Fonseca (2023), com base em Croft (2001) e a partir dos contextos de uso levantados, estabelece as propriedades construcionais desse pareamento:

Quadro 2: Propriedades formas e funcionais de [chega aí]_{MD}

Propriedades	[chega aí] _{MD}
Sintáticas	Formação de nova microconstrução, perda da composicionalidade entre as subpartes V e Loc Fora do conteúdo proposicional, isolado na estrutura sintática Possibilidade de instanciação com vocativo Ordenação fixa
Morfológicas	Configuração invariável: <i>type</i> específico Decategorização de V e Loc Menor nível de composicionalidade Formação de <i>chunk</i>
Fonológicas	Prosódia estabelecida por pausa demarcativa Um só grupo de força
Semânticas	Persistência de traços da semântica verbal de movimento Persistência de traços da semântica espacial Sentido holístico e convencionalizado de convite (foco atencional), via inferência sugerida
Pragmáticas	(Inter)subjetividade estendida ²³ Expressividade injuntiva Realce de informação compartilhada Maior abstração funcional (aproximação dos interlocutores, estabelecimento de terreno comum)
Discursivas	Grau de dialogicidade ou direcionamento ao interlocutor Instanciação em seqüências expositivas Marcação do discurso Traço de informalidade

Fonte: Fonseca (2023, p. 128)

No contexto isolado há, portanto, a convencionalização de [chega aí]_{MD} com função interacional voltada para articulação de um convite, pelo qual o interlocutor é chamado a dirigir sua atenção para o ponto focal destacado pelo locutor. Como uma nova construção MD do português, [chega aí] distingue-se, formal e funcionalmente, do contexto típico que lhe deu origem, como apresentamos em 3.1.

Em termos quantitativos, a tabela 1 detalha a produtividade de cada micro e nanopasso que detectamos, com base nos 114 dados de *chega aí* levantados nas fontes pesquisadas:

²³ Nos termos de Tantucci (2021), trata-se de um tipo de intersubjetividade mais ampla, em que o interlocutor passa incluir uma terceira e genérica pessoa, com maior nível de abstração e forte motivação pragmática.

Tabela 1: Quantitativo de *chega aí* distribuído por graus intracontextuais

Contexto	Grau intracontextual	Quantitativo	Total
Típico	Grau um	15	34
	Grau dois	19	
Atípico	Grau um	9	11
	Grau dois	2	
Crítico	Grau um	36	62
	Grau dois	24	
	Grau três	2	
Isolado	Grau um	4	7
	Grau dois	3	

Fonte: Fonseca (2013, p. 130)

Conforme aponta a tabela 1, o contexto crítico que, como evidência de mudanças pré-construcionais, antecede $[chega\ aí]_{MD}$ é o mais produtivo na língua. Dos 114 fragmentos analisados, somente sete constituem efetivas instanciações de MD, o que permite a defesa de que a construção pesquisada é um pareamento mais recente na língua. Tal assunção é corroborada pela maior frequência de contextos críticos, registrados em 62 fragmentos, constituindo praticamente a metade dos dados. Interpretamos essa produtividade maior da criticidade contextual, na condição de ambientes fortemente marcados por ambiguidades ao nível do conteúdo e da forma, como mais uma evidência da recente construcionalização de $[chega\ aí]_{MD}$, uma vez que se trata de etapa que antecede o estágio isolado, quando se firma a nova construção MD na língua.

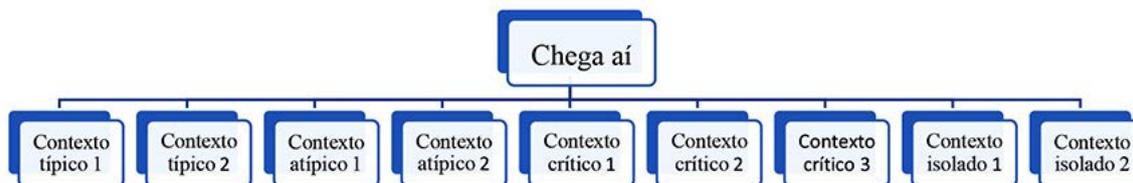
4. Paradigmatização de $[chega\ aí]$ no esquema $[VLoc]_{MD}$

Conforme Diewald e Smirnova (2012), a etapa final da mudança linguística, como no caso da construcionalização $[chega\ aí]_{MD}$, é a entrada dos itens convencionalizados em outros paradigmas da língua, distintos daqueles que lhes serviram de fonte. De acordo com as autoras, uma vez consolidado o novo pareamento de conteúdo e forma, a trajetória é finalizada com o ingresso deste pareamento em distinta classe gramatical.

Em relação à $[chega\ aí]_{MD}$, no PB contemporâneo, amplia-se o paradigma dos elementos de marcação do discurso, com o ingresso deste novo membro na classe. Na nova categoria, $[chega\ aí]_{MD}$ passa a partilhar traços semânticos com os demais elementos integrantes do paradigma e, por outro lado, porta sentidos mais específicos, passando a competir pela instanciação no uso linguístico como mais uma *camada*, nos termos de Hopper (1991). As propriedades emanadas dos contextos específicos de interação, como demonstrado por Fonseca (2023), podem motivar a seleção do MD *chega aí* pela comunidade linguística.

O levantamento e a análise das instâncias de uso de *chega aí*, como detalhamos na seção anterior, permitem estabelecer o seguinte *cline* de mudanças pré-construcionais que conduzem à convencionalização da função de MD, distribuído em micro e nanopassos:

Figura 3: Micro e nanopassos na construcionalização de [chega aí]_{MD}



Fonte: Fonseca, (2023, p. 130)

Conforme apresentamos na figura 3, os micropassos se referem aos três tipos contextuais propostos por Diewald e Smirnova (2012) – atípico, crítico e isolado. No âmbito de cada um desses micropassos, distribuem-se modulações mais refinadas, envolvendo ambiguidades sutis, as quais, como Rosa (2019), classificamos de nanopassos. Assumimos que esse *cline* contextual traduz tanto a gradualidade da mudança linguística, em termos históricos, quanto a gradiência dos estados sincrônicos, conforme postulam Traugott e Trousdale (2021 [2013]) e Bybee (2016 [2010]), entre outros.

Além da motivação de ordem contextual, constatamos a atuação do mecanismo de analogização na convencionalização de [chega aí]_{MD}, por intermédio do MD [vem cá]. Tal constatação destaca a complexidade de fatores envolvidos nas mudanças pré-construcionais.

Na tabela a seguir, apresentamos a produtividade de *vem cá* e *chega aí* distribuída por estágios contextuais, em termos sincrônicos e diacrônicos. Ressaltamos que os dados de *vem cá* são extraídos de Teixeira (2015), levantados do *Corpus do Português*, e que temos registro de somente dois dados de *chega aí* na trajetória da língua, ainda assim usados estritamente em contexto típico, conforme a tabela 2:

Tabela 2: Produtividade de *vem cá* e *chega aí* por contextos de uso no português

Contexto	Padrão de uso	Diacronia	Sincronia	Total
Típico	<i>vem cá</i>	178	80	258
	<i>chega aí</i>	2	32	34
Atípico	<i>vem cá</i>	2	13	15
	<i>chega aí</i>	-	11	11
Crítico	<i>vem cá</i>	7	18	25
	<i>chega aí</i>	-	62	62
Isolado	[<i>vem cá</i>] _{MD}	20	42	62
	[<i>chega aí</i>] _{MD}	-	7	7

Fonte: Autoral, com base em Fonseca (2023)

A tabela 2 aponta a maior produtividade de *vem cá* face à *chega aí* no uso linguístico. Além da maior frequência em termos absolutos – 360 dados de *vem cá* contra 148 de *chega aí*, podemos constatar que os contextos mais ambíguos ou difusos de *chega aí* não são registrados na trajetória

da língua, mas sim a partir do português contemporâneo. A atuação do mecanismo de analogização fica evidenciada ao observarmos que a instanciação de [vem cá]_{MD} ocorre em sincronias mais antigas, como destacado por Teixeira (2015), que, no século XVI, registra a primeira ocorrência dessa função. A tabela 2 também revela que, na trajetória da língua, são levantados 20 usos do MD *vem cá*, que dobram no português contemporâneo, com 42 registros. Quanto à *chega aí*, somente ocorre em contextos típicos ao longo do português, para, a partir do século XX, via mudanças contextuais e pressões analógicas, chegar ao contexto de isolamento, com a convencionalização [chega aí]_{MD}. Na função de MD, constatamos a baixa produtividade de [chega aí] em relação a [vem cá]: são, ao todo, 62 instanciações de [vem cá] contra somente sete de [chega aí], sendo estas últimas somente na sincronia atual. Esses números concorrem para considerarmos [chega aí]_{MD} um pareamento gramatical mais recente na língua

O que as pesquisas sobre construcionalização de MD, como as de Teixeira (2015), Rosa (2019), Sambrana (2021) e Fonseca (2013), têm demonstrado é que a paradigmaticização deve ser tomada como etapa processual, uma vez que o ingresso dos novos pareamentos na classe dos MD é iniciada do modo marginal. Essa assunção parte da constatação de que tais pareamentos não portam traços categoriais mais prototípicos, traços estes partilhados pelos membros que ocupam o eixo central da categoria e que registram convencionalização mais antiga no *constructicon*.

Em relação a [chega aí]_{MD}, objeto de pesquisa aqui investigado, a marginalidade categorial é constatada pela manutenção de relativa composicionalidade entre suas subpartes verbal e locativa, o que compromete a vinculação semântico-sintática mais efetiva que deve caracterizar a construção gramatical, como assumida por Goldberg (1995, 2006), Croft (2000) e Traugott e Trousdale (2021 [2013]), entre outros.

Para destacar a relevância com que a perspectiva paradigmática deve ser considerada na abordagem construcional, contribuindo para que tal perspectiva seja mais efetivamente considerada na pesquisa da construcionalização gramatical, Diewald (2020) propõe que paradigmas gramaticais sejam considerados como um novo tipo de nó, como uma *hiperconstrução*, na representação de especificidades categóricas e não gradientes de significado gramatical. Assumimos, com base na autora, que o paradigma dos MD deve ser tomado como uma construção de nível hierárquico mais alto, integrada por membros que partilham traços semânticos comuns e que podem assumir configuração estrutural variada. Tal assunção promove a distinção entre paradigmas gramaticais e esquemas construcionais, estes, conforme Traugott e Trousdale (2021 [2013]), efetivamente pareados em termos de conteúdo e formato.

Assim orientados, consideramos que a hiperconstrução MD, nos termos de Diewald (2020), é integrada tanto por construções como [vem cá], [chega aí] e [espera lá], pertencentes ao esquema [VLoc], com base em Teixeira (2015), quanto por outras de diferente configuração, como, por exemplo, [vamos nessa], [né?] e [então]. Nesse sentido, constatamos que a hiperconstrução MD pode ser ampliada tanto por analogização, nos termos de Bybee (2016 [2010]), como no caso das

construções do esquema [VLoc] no português, quanto pelo ingresso, via outros processos de mudança gramatical, de membros estruturalmente diversos. Tal constatação demonstra que o paradigma não se reduz a relações de herança construcional, seja em termos verticais ou horizontais, como defende Diewald (2020).

Considerações finais

Conforme demonstramos nas seções anteriores, a pesquisa da rota de construcionalização de [chega aí]_{MD} aponta a atuação conjunta de duas motivações distintas e complementares. Essa duplicidade de forças concorre para que a mudança linguística, no âmbito da pesquisa em LFCU, seja tomada como um processo complexo, gradual e gradiente, como destaca Bybee (2016 [2010]).

Na investigação que empreendemos, constatamos a pressão de propriedades contextuais, que concorrem para que mecanismos de ordem metafórica e metonímica favoreçam neonálises, como mudanças pré-construcionais, conduzindo à [chega aí]_{MD}. Por intermédio desse tipo de pressão, micro e nanopassos levam à formação de um novo membro do paradigma dos MD no *constructicon* do português. Por outro lado, detectamos também o processo de analogização, por intermédio do qual [vem cá]_{MD} atua como força atratora adicional que motiva [chega aí]_{MD}.

Nosso percurso investigativo confirma que [chega aí] é uma construção de inserção recente na hiperconstrução MD do *constructicon* do português, detectada somente a partir do século XX, ainda com nível relativo de composicionalidade e, nesse sentido, ocupando lugar marginal na classe dos MD. Constatamos também que, na competição entre os demais membros MD, [chega aí] é instanciado preferencialmente em contextos informais, como, por exemplo, em interações de *sites* de relacionamento, no convite que locutores fazem a interlocutores para que partilhem, em atenção conjunta, pontos de vista, opiniões e avaliações.

Os resultados aqui apresentados ensejam a continuidade da pesquisa dos MD no português. Consideramos que a LFCU, como viés teórico, tem a contribuir para que mais e melhor possamos descrever e interpretar essa categoria, tanto em termos dos elementos específicos que a compõem quanto em termos das relações semântico-sintáticas que tais elementos estabelecem entre si.

Referências

BYBEE, Joan. *Língua, uso e cognição*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez Editora, 2016.

CROFT, William. *Radical Construction Grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA LACERDA, Patrícia Fabiane. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Linguística*, Rio de Janeiro. Volume especial, pp. 83-101, dez. 2016.

DIEWALD, Gabriele. Paradigms Lost – Paradigms Regained: Paradigms as Hyper-constructions. In: SOMMERER, Lotte; SMIRNOVA, Elena (eds.). *Nodes and Networks in Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins (CAL 27), 2020, pp. 277-315.

DIEWALD, Gabriele; SMIRNOVA, Elena. “Paradigmatic Integration”: the fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. In: DAVIDSE, K. *et al* (eds). *Grammaticalization and Language Change – new reflections*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2012, pp. 111-31.

FONSECA, Monique Borges. “Chega aí” e “vem cá”: uma análise contrastiva e funcional centrada no uso. 170 fls. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói: RJ, 2023.

FRASER, Bruce. Types of English discourse markers. *Acta Linguistica Hungarica*, v. 38, 1988, pp. 19-33.

FRASER, Bruce. An Approach to Discourse Markers. *Journal of Pragmatics*, v. 4, n. 3, pp. 383-98, 1990.

GOLDBERG, Adele. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HEINE, Bernd; KALTENBÖCK, Gunther; KUTEVA, Tania. On the rise of discourse markers. *Researchgate*. Preprint, june. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/333783353>. Acesso em: 27 jun. 2019.

HOPPER, Paul. On Some Principles of Grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd. (eds.). *Approches to Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991, pp. 17-58.

OLIVEIRA, Mariangela Rios; FONSECA, Monique Borges. Níveis de vinculação semântico-sintática de “chega aí” no português do Brasil: uma análise centrada em contextos de uso. *Revista (Con)Textos linguísticos*. Vitória, v. 14, n. 28, pp. 56-76, 2020.

RISSO, Mercedes Sanfelice; SILVA, Gisele Machline; URBANO, Hudinilson. Marcadores discursivos. In: JUBRAN, Clélia Spinardi (org.). *A construção do texto falado*. São Paulo: Contexto, 2015, pp. 371-482.

ROSA, Flávia Saboya. *A mesoconstrução marcadora discursiva refreador-argumentativa: uma análise cognitivo-funcional*. 216 fls. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói: RJ, 2019.

ROSÁRIO, Ivo da Costa (org.). *Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria, método e aplicação*. Niterói: Editora da UFF, 2022.

ROSÁRIO, Ivo da Costa; OLIVEIRA, Mariangela Rios. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, São José do Rio Preto, n. 60, v. 2, pp. 233-59, 2016.

SAMBRANA, Vania Mattos. *Construcionalização de marcadores discursivos formados por “olhar” e “ver” no português*. 166 fls. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói: RJ, 2021.

SCHIFFRIN, Deborah. *Discourse Markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

TANTUCCI, Vittorio. *Language and Social Minds: The Semantics and Pragmatics of Intersubjectivity*. New York: Cambridge University Press, 2021.

TEIXEIRA, Ana Cláudia Machado. *A construção verbal marcadora discursiva VLoc_{MD}: uma análise funcional centrada no uso*. 297 fls. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói: RJ, 2015.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. A constructional perspective on the rise of metatextual discourse markers. *Cadernos de Linguística*. Abralín, v. 2, n. 1, pp. 1-25, 2021.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Discourse Structuring Markers in English: A Historical Constructionalist Perspective on Pragmatics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2022.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Construcionalização e mudanças construcionais*. Tradução de Taísa Peres de Oliveira e Maria Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.

O USO DO VERBO *SABER* SOB A PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL

THE USE OF THE VERB “*SABER*” UNDER A FUNCTIONAL-DISCURSIVE GRAMMAR APPROACH

Flávia do Carmo Bertasso¹

Erotilde Goreti Pezatti²

RESUMO

Este estudo propõe-se a investigar como diferentes construções com o verbo *saber* são analisadas sob o aparato teórico da Gramática Discursivo-Funcional, especialmente Hengeveld e Mackenzie (2008) e Keizer (2015). O objetivo é descrever os usos do verbo *saber*, determinando suas propriedades pragmáticas, semânticas e morfosintáticas no português falado no noroeste do Estado de São Paulo. Os resultados mostram que o verbo *saber* (i) tem uso interpessoal como Ato interativo e como modificador de Ato; (ii) já, no Nível Representacional, atua como núcleo da propriedade configuracional que compõe o Conteúdo Proposicional principal, selecionando como argumento Inativo também um Conteúdo Proposicional.

PALAVRAS-CHAVE: Gramática Funcional. Português falado. Subordinação. Oração completiva. *Saber*.

ABSTRACT

This study aims to investigate how different constructions with the verb *saber* are analyzed under the theoretical apparatus of Functional Discourse Grammar, especially Hengeveld and Mackenzie (2008) and Keizer (2015). The objective is to describe the uses of the verb *saber* (to know), determining its pragmatic, semantic and morphosyntactic properties in spoken Portuguese of the northwest of the State of São Paulo. The results show that the verb *saber* (i) has interpersonal use as an Interactive Act and as an Act modifier; (ii) within the Representational Level, it acts as the nucleus of the configurational property that constitutes the main Propositional Content, selecting a Propositional Content as an Inactive argument.

KEYWORDS: Functional Grammar. Spoken Portuguese. Subordination. Embedded clause. *Saber*.

Introdução

No âmbito dos estudos sobre a gramática do português brasileiro, várias pesquisas já foram desenvolvidas com o propósito de descrever aspectos da subordinação de orações, particularmente sob o paradigma teórico do funcionalismo linguístico. Entre esses estudos, encontram-se os de Braga (1999a, b) sobre orações encaixadas e complementos oracionais no português brasileiro e no português do Alto Xingu; os de Neves (2000, 2002), sobre diferentes usos das orações completivas e dos aspectos gramaticais envolvidos nessas construções do português; o de Cezario (2001), acerca de níveis de integração oracional com verbos cognitivos e volitivos; o de Carvalho (2004), que trata de orações encaixadas em verbos cognitivos e causativos; os de Sousa (2007, 2010, 2012, 2013,

¹ Universidade Estadual Paulista (UNESP), flavia.bertasso@unesp.br, <https://orcid.org/0000-0003-1105-5763>

² Universidade Estadual Paulista (UNESP), erotilde.pezatti@unesp.br, <https://orcid.org/0000-0001-8822-9587>.

2015) sobre gramaticalização de orações completivas em perspectiva diacrônica; o de Gonçalves, Sousa e Casseb-Galvão (2008) e o de Sousa et al. (2016), que tratam especificamente de descrever o funcionamento das tradicionalmente denominadas *subordinadas substantivas* no português falado.

Com relação ao verbo *saber*, que interessa mais diretamente a esta pesquisa, Gonçalves, Sousa e Casseb-Galvão (2008), ao investigarem as construções completivas e o tipo semântico dos verbos encaixadores de complemento oracional, classificam-no como verbo de cognição, que demonstra *conhecimento por parte do referente do sujeito da sentença principal*. (p. 10). Já Neves (2000), em sua *Gramática de Usos do Português*, classifica semanticamente *saber* como verbo factivo epistêmico, uma vez que, quando complementado por oração, indica que a completiva, do ponto de vista do falante, é factual.

Embora alguns dos estudos mencionados até aqui façam referência a aspectos envolvidos na estrutura da subordinação e ao próprio verbo *saber*, este artigo, diferentemente, pretende investigar como a teoria da Gramática Discursivo-Funcional, doravante GDF, explica as construções com o verbo *saber*, como os seguintes exemplos:

- Inf: [...] porque ele ia me processá::(r) falan(d)o coisa que num tinha nada a vê(r)... era um tipo de segurança pra mim mesmo e pra Ele também porque ia ficá(r) tudo registrado... que a polícia só vem se machuca alguém... [Doc.: uhum ((concordando))] *não sei se você sabe... caso acontece algum acidente alguma coisa ele num vem se num tivé(r) ferido* (AC050, L83)
- Inf: [...] Todo mundo sabe que ela mente que ela inventa coisa sabe?... então... se a pessoa acreditá(r) tam(b)ém né?... *eu sei que eu nu::m... que eu tô de consciência limpa... eu num... fiz nada então* (AC042, L267)
- Inf.: olha eu acho que a:: a a polícia nossa é bastante prestativa mas... ela poderia sê(r) mais... *eu acho que o Brasil poderia usá(r) recursos de Exército...sabe? pra tentá(r) acabá(r) de vez com esse tráfico de drogas... mais com a violência... e:: tudo mais sabe?...* (AC035, L551)
- Doc.: tá... se cê tivé(r) alguma história de:: alguma vez que... cê foi:: *sei lá que deu problema com algum professor:: alguma:: [direto::ra]*
- Inf.: [ah o ano] o ano passado né?... que:::... eu perdi um livro... e:: aí eu xinguei ela... a minha... professora... (AC017, L57)

Considerando-se os propósitos deste estudo, o universo de investigação é constituído por dados reais de uso da língua, extraídos das ocorrências de fala que integram o banco de dados IBORUNA, sediado na UNESP de São José do Rio Preto (cf. GONÇALVES, 2007). Trata-se de um banco de dados criado para auxiliar a descrição do português falado no noroeste do estado de São Paulo (Auxílio

FAPESP/Proc. 03/08058-6), entre os anos de 2003 e 2007, composto por ocorrências de dois tipos: Amostra Censo (AC) e Amostra de Interação Dialógica (AI). A Amostra Censo inclui 152 registros de fala controlados sociolinguisticamente, cada um dividido em cinco tipos de texto: narrativa de experiência, narrativa recontada, descrição de local, relato de procedimento e relato de opinião. A Amostra de Interação, por sua vez, constitui-se de registros de fala coletados, de forma secreta, em situações livres de interação entre dois ou mais informantes. Foi investigada toda a Amostra de Interação, composta por 11 inquéritos.

Para a análise dos dados e sistematização dos resultados, foi utilizada metodologia tanto qualitativa quanto quantitativa. Desse modo, os dados foram analisados de acordo com os seguintes fatores: nível em que se origina (Nível Interpessoal ou Nível Representacional); a camada que escopa a depender do nível em que opera; o papel que desempenha na camada (núcleo, modificador, operador ou função); a categoria semântica (tempo, modo, número e pessoa); e posição que ocupa na linearização morfosintática, seja da Expressão Linguística (Le), seja da Oração (Cl).

Após codificação e análise segundo esses fatores, as ocorrências foram submetidas ao programa estatístico Goldvarb (SANKOFF, SMITH; TAGLIAMONTE, 2005), a fim de alcançar resultados quantitativos que comprovem os diferentes usos das construções em questão. Com o programa, pode-se obter resultados percentuais de aplicação dos fatores e, com isso, definir as propriedades de cada uso das construções com verbo *saber*.

1. Fundamentação teórica: Gramática Discursivo-Funcional

Hengeveld e Mackenzie (2008) afirmam que a construção de enunciados tem seu início na intenção do falante e se estende até a articulação, baseada na ideia de que uma gramática eficaz se assemelha ao processamento linguístico individual. Ainda ressaltam os autores que a teoria busca refletir evidências psicolinguísticas em sua estrutura fundamental, descrevendo o conhecimento subjacente à capacidade formal de comunicação do falante, isto é, como as unidades linguísticas (lexemas, auxiliares, constituintes sintáticos e fonemas) podem ser combinadas com Atos de Discurso, Proposições, Orações e Frases Entonacionais.

A Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF) considera que as possíveis combinações são instrumentais na comunicação interpessoal e foram surgindo conforme os falantes utilizavam determinadas combinações e essas os serviam bem e, então, passaram a ficar disponíveis em seus repertórios linguísticos. Pode-se afirmar que a teoria da GDF analisa como as formas linguísticas pertencentes ao repertório dos falantes podem ser combinadas a fim de que se cumpra o propósito comunicativo da interação verbal.

Keizer (2015, p. 3) explica que, ao longo do século XX, os linguistas perceberam a necessidade não só de descrever o que era ou não aceitável nas línguas particulares, mas de descrever o sistema que existe por trás dela e os principais pontos subjacentes. A língua passou a ser vista como um processo (psicolinguístico e neurolinguístico) adquirido e passível de mudanças e evolução.

Pezatti (2012), citando Connolly (2007, p. 11), afirma que uma teoria que se denomina como funcional não pode se restringir a explicar os recursos lexicais, morfossintáticos e semânticos, mas explicá-los com o propósito da comunicação, pois a língua é instrumento para a interação e, assim, “toda e qualquer abordagem funcionalista leva em consideração o uso que os falantes fazem de sua língua com o objetivo de interagir e se comunicar com seus semelhantes” (PEZATTI, 2012, p. 107). Segundo a autora, “o requisito básico do paradigma funcional de linha holandesa é que as expressões linguísticas devam ser descritas e explicadas em termos da organização geral estabelecida pelo sistema pragmático de interação verbal” (PEZATTI, 2016, p. 15).

Na arquitetura descendente da GDF, encontra-se, em primeiro lugar, o Componente Conceitual, que abriga a representação mental da intenção do falante no momento da comunicação. Nesse componente, relacionam-se os aspectos cognitivos à intenção comunicativa do emissor, possibilitando que a informação siga para o Componente Gramatical, resultando na codificação linguística do que foi desejado pelo falante na interação com seu interlocutor. Vale ressaltar que a GDF não considera todo tipo de informação conceitual existente na mente do falante ou do ouvinte como parte do Componente Conceitual, apenas a informação que será codificada linguisticamente.

1.1. Componente Contextual

Visto que a língua é um meio de comunicação e que a intenção comunicativa do falante é influenciada pelo contexto no qual está inserido, a GDF leva em consideração determinadas questões contextuais - aspectos linguísticos relevantes presentes na interação - que se encontram no Componente Contextual.

As informações de tal componente podem ser divididas em dois tipos: de curto prazo, relacionadas a um enunciado linguístico específico e relevantes para a continuidade da interação; e de longo prazo, utilizadas para fazer distinções necessárias à língua a respeito de entidades não linguísticas e com consequências na formulação e codificação no Componente Gramatical.

1.2. O Componente Gramatical

Pezatti (2016, p. 13) chama atenção para o fato de que o Componente Gramatical se refere, como o próprio nome sugere, à gramática de uma língua natural, que é vista em uma organização descendente de modo que a pragmática comanda a semântica, a pragmática e a semântica comandam a morfossintaxe, e a pragmática, a semântica e a morfossintaxe comandam a fonologia.

O Componente Gramatical é composto de quatro níveis (Interpessoal, Representacional, Morfossintático e Fonológico) hierarquicamente estruturados, cada qual com seu *modo próprio*, mas o que todos têm em comum é uma organização hierarquicamente ordenada em camadas (PEZATTI, 2016, p. 20).

O processo de formulação antecede os níveis Interpessoal e Representacional. Segundo Keizer (2015), na formulação, os primitivos podem ser divididos em três tipos: moldes, que permitem a

combinação de elementos; lexemas, elementos significativos que proporcionam uma comunicação bem sucedida, e operadores, que representam as informações gramaticais.

1.2.1. Nível Interpessoal

Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 46) apontam que esse nível trata dos aspectos formais da unidade linguística e reflete a interação entre o Falante e o Ouvinte. Pezatti (2016, p. 15) afirma que “Na interação cada participante tem um objetivo em mente, que determina a estratégia adotada pelo Falante para obter o seu propósito comunicativo. [...] É, portanto, o nível da ação.”

As unidades do Nível Interpessoal são definidas e organizadas hierarquicamente, na seguinte ordem: Movimento (M), a maior unidade de interação pertinente para a análise gramatical, é identificado, em termos de seu estatuto interpessoal, como uma contribuição autônoma para uma interação em desenvolvimento. O que o caracteriza é a possibilidade de ser ou desencadear uma reação, tendo assim, necessariamente, um efeito perlocutório. Um Movimento pode conter um ou mais Atos Discursivos (A). Um Ato é a unidade básica do discurso e definido como a menor unidade identificável de comportamento comunicativo. Contém, no máximo, quatro componentes: uma Ilocução (F), que indica a finalidade do ato verbal, um Falante ((P₁)_S), um Ouvinte ((P₂)_A) e um Conteúdo Comunicado (C), que veicula tudo que o Falante deseja evocar na sua interação com o Ouvinte, sendo composto por Subatos, que podem evocar uma propriedade, sendo por isso denominado Atributivo (T), ou uma entidade, sendo então denominado de Referencial (R).

1.2.2. Nível Representacional

O Nível Representacional (NR) trata dos aspectos semânticos das unidades linguísticas referentes ao mundo extralinguístico ou aos significados de unidades lexicais simples ou complexas. Esse nível se caracteriza por descrever estruturas linguísticas em termos de denotação de uma entidade.

As entidades neste nível são organizadas da seguinte forma: Conteúdo Proposicional (p), um construto mental que não existe no espaço ou tempo, sendo constituído de um ou mais Episódios (ep). Um Episódio (ep) constitui uma combinação de Estados-de-Coisas tematicamente coerentes, tendo, portanto, unidade ou continuidade de Tempo, Lugar e Indivíduo. Estado-de-Coisas (e) é uma entidade de segunda ordem e, como tal, pode ser localizada no tempo relativo e avaliada em termos de seu estatuto de realidade e de factualidade. O Estado-de-Coisas contém uma Propriedade (f), que é avaliada em termos de sua aplicabilidade a outros tipos de entidades ou à situação que ela descreve em geral, compondo assim uma Propriedade Configuracional (f^c), ou seja, um predicado e seus argumentos, que podem ser: um Indivíduo (x), uma entidade tangível e concreta, um Local (l), entidade também tangível e concreta onde o Estado-de-Coisas ocorre, um Tempo relativo (t), expressão que indica um determinado ponto em uma linha do tempo, um Modo (m), maneira pela qual o Estado-de-Coisas acontece, uma Quantidade (q), fenômenos contáveis ou incontáveis presentes no Estado-de-Coisas e uma Razão (r), o motivo pelo qual o indivíduo age de certa forma.

1.2.3. Nível Morfossintático

Os níveis Interpessoal e Representacional enviam o duplo *input* ao morfossintático (KEIZER, 2015, p. 173) e, entre esse duplo *input* dos níveis anteriores e o Nível Morfossintático, há a codificação morfossintática que dispõe de três primitivos: padrões (os padrões básicos da língua, tais como sentença, oração, sintagma e palavra), morfemas gramaticais (operadores secundários) e operadores morfossintáticos (indicadores de tempo e número).

Nesse nível, a unidade linguística é analisada, em termos de seus constituintes sintáticos, das camadas mais altas para as mais baixas. A camada mais alta desse nível é a da Expressão Linguística (*Le – Linguistic Expressions*), que consiste em um número de unidades morfossintáticas de camadas mais baixas (Orações, Sintagmas ou Palavras), mas pode conter apenas uma dessas unidades, desde que usada de modo independente. A Oração (*Cl – Clause*), por sua vez, constitui um grupo de um ou mais sintagmas, caracterizados, em maior ou menor extensão, por um padrão de ordenação e por expressões morfológicas de conectividade, notadamente concordância e regência. O Sintagma (*Xp – X phrase*), assim como a Oração, potencialmente consiste em uma combinação sequenciada de palavras, de outros sintagmas e de oração encaixada. O que o caracteriza é ter como núcleo um item lexical vindo do Nível Interpessoal ou do Representacional, que pode ser um nome, um adjetivo, um advérbio ou verbo. A Palavra (*Xw – X word*), por sua vez, constitui-se de um ou mais morfemas, como radicais e afixos.

Sob a luz da GDF, um aspecto muito importante do Nível Morfossintático é a ordenação de constituintes, uma vez que a linearização constitui uma forma de expressão das intenções comunicativas do falante, e obedece a princípios de ordenação como a Iconicidade, a Integridade de Domínio e a Preservação de Relações de Escopo.

Pezatti (2014), analisando a linearização de constituintes no português, considera que, das quatro posições básicas (P^I , P^2 , P^M e P^F), propostas por Hengeveld e Mackenzie (2008), apenas três são suficientes para explicar a linearização de constituintes da oração em português: P^I , a posição inicial; P^M , a posição medial e P^F , a posição final, contando obviamente com as várias posições relativas delas derivadas, cada qual especializada para determinados tipos de constituintes. As duas posições periféricas (P^I e P^F) são psicologicamente salientes, enquanto a posição medial é menos saliente e depende do número de constituintes que uma oração pode conter. As posições relativas (P^{I+n} , $P^{M+/-n}$ e P^{F-n}) só podem ser preenchidas depois que a posição absoluta já estiver preenchida, conforme representação a seguir. (PEZATTI, 2014, pp. 90-1)

$$P^I \quad P^{I+1} \quad P^{I+n} \quad P^{M-n} \quad P^{M-1} \quad P^M \quad P^{M+1} \quad P^{M+n} \quad P^{F-n} \quad P^{F-1} \quad P^F$$

Há, entretanto, posições marginais (fora da oração) para constituintes extraoracionais, que fazem parte da Expressão Linguística, mas não da Oração propriamente dita. Assim, para distinguir P^I e P^F da camada da Expressão Linguística e da Oração, utilizam-se P^{pre} , para a posição pré-oracional,

P^{centro}, para a posição ocupada pela Oração propriamente dita, e P^{pos}, para a posição pós-oracional, conforme esquema a seguir.

Expressão Linguística:	P ^{pre} P ^{centro}	P ^{pos}
Oração:	P ^I P ^M P ^F	

Como veremos, os diferentes usos de *saber* terão reflexo na posição morfossintática assumida pelo verbo em pauta.

1.2.4. Nível Fonológico

Keizer (2015, p.252) afirma que o Nível Fonológico recebe o *input* dos outros três níveis que, ao passar pelos primitivos da codificação fonológica, terá a responsabilidade de estabelecer o que faltou ao Nível Morfossintático. Os primitivos desses níveis podem ser organizados em três tipos: padrões (organizam as informações fonológicas dos níveis superiores), formas supletivas (expressam informações gramaticais advindas dos níveis superiores) e os operadores (que se efetuam no componente de Saída).

A unidade mais alta deste nível é o Enunciado (U – *Utterance*), constituído por pausas longas sem hesitação, seguido pela Frase Entonacional (IP – *Intonational Phrase*), que apresenta um movimento tonal localizado (núcleo), e pela Frase Fonológica (PP – *Phonological Phrase*), caracterizada por uma sílaba mais fortemente acentuada.

1.3. Componente de Saída

Terminado o trabalho do Componente Gramatical com os processos de formulação e codificação, o Componente de Saída *output* converte a informação gramatical em informação acústica, ortográfica ou escrita. O resultado desse processo é o uso efetivo da língua.

2. O uso de *saber* no português do interior do estado de São Paulo

Após submeter os dados do *cópus* Iboruna, mais especificamente nos 11 inquéritos da Amostra de Interação, do verbo *saber* ao programa Goldvarb, os resultados quantitativos obtidos foram, então, interpretados de acordo com os pressupostos teóricos da GDF.

A análise dos dados mostra que *saber* pode operar nos dois níveis de formulação, propostos pela GDF: no Nível Interpessoal (NI), ou seja, como um tipo de estratégia dos participantes durante a interação, e no Nível Representacional (NR), como forma de representar o mundo extralinguístico. Os resultados desses dois usos estão expressos na tabela 1.

Tabela 1: *Saber* em cada nível.

<i>Saber</i>	NI		NR		Total
	n	%	n	%	
	52	68,4%	24	31,6%	

Fonte: Elaboração das autoras

A tabela 1 revela que o uso de *saber* predomina no Nível Interpessoal, com 68,4% das ocorrências, em contraste com o uso representacional em apenas 31,9%. Trataremos a seguir desses usos (pragmático e semântico) separadamente, mostrando as características deles em cada nível. Vejamos o uso de *saber* interpessoal.

2.1. *Saber* no interpessoal

O Nível Interpessoal, como vimos, trata dos aspectos formais da unidade linguística que refletem seu papel na interação entre Falante e Ouvinte. Na interação cada participante tem um objetivo em mente, que determina a estratégia adotada pelo Falante para obter o seu propósito comunicativo. *Saber* pode ser utilizado na interação como uma estratégia entre os participantes para dois diferentes propósitos, conforme exemplificam as ocorrências (1) e (2).

- (1) Doc.: POR que que cê acha que tem que sê(r) estudioso?

Inf.: eu Acho que tem que sê(r) estudioso pra [...] pra você::... éh:: tirá(r) notas bo::as *sabe?*...PRA você APRENDÊ(R) (AC-002, L128)

- (2) Inf.1.: aprendeu o a bê cê hein? Doc.2.: uhum:: Inf.2: diz que era o manuscrito... que tinha... num sei que livro era esse que tinha lá antigamente...*sei lá..* aí ele aprendeu aquilo lá ele falava pro professor—“eu quero mais quero aprendê(r) mais”—... ele falô(u)—“ah:: agora eu num sei mais pa te ensiná::(r)”— ((risos))... num era professor na::da... ((risos)) (AI004, L227)

A ocorrência (1) exemplifica um uso do verbo *saber* como uma estratégia fática, para buscar a confirmação do interlocutor sobre a compreensão do que é dito, por meio da expressão *sabe?*. Para a GDF, trata-se de um Ato Discursivo, uma unidade de comportamento comunicativo (KEIZER, 2015, p.52) que apresenta sua própria ilocução, servindo apenas para checar a atenção do Ouvinte. Sendo assim, estamos diante de um Ato Discursivo Interativo. No cópuz analisado, foram encontrados 41 casos correspondentes a 78,8%.

Já em (2), a expressão “*sei lá*” indica ciência do Falante sobre a imprecisão do Conteúdo Comunicado no Ato Discursivo anterior e, por isso, a necessidade de amenizar o dito e assim se proteger de uma avaliação negativa por parte do interlocutor. Trata-se de um expediente que modifica o Ato Discursivo anterior, mitigando-o e servindo a uma estratégia de polidez e proteção da face

(TEIXEIRA, 2015, p. 36). Na ocorrência (2), “sei lá” não se vincula fortemente à oração “num sei que livro era esse que tinha lá antigamente”, funcionando apenas como uma forma de amenizar o conteúdo expresso no Ato Discursivo anterior.

A tabela 2 apresenta os resultados quantitativos de *saber* interpessoal.

Tabela 2: Uso de *saber* no Nível Interpessoal

<i>Saber</i>	Ato Interativo		Modificador de Ato		Total	
	n.	%	n.	%	n.	%
NI	41	78,8%	11	21,2%	52	100%

Fonte: elaboração das autoras

Conforme se pode notar, no Nível Interpessoal, predomina o uso como Ato Interativo (41/78,8%), sendo menor (21.2%) o uso como modificador de Ato Discursivo. Passaremos a descrever cada um deles, dando suas propriedades semânticas e morfossintáticas.

2.1.1. *Saber*: Ato Discursivo Interativo

Como já observado, o uso de *saber* como Ato interativo é uma forma de checar a atenção do Ouvinte; conseqüentemente se apresenta em forma de uma pergunta, como mostra (3). Trata-se, portanto de um Ato Discursivo, que apresenta quatro componentes: uma Ilocução (Inter), o Falante (P_1)_S, o Ouvinte (P_2)_A e um Conteúdo Comunicado (C_1), contendo um subato Atributivo (T_1), ou seja, uma propriedade (*saber*) que se aplica a uma entidade, e um Subato Referencial (R), a entidade a que se aplica a propriedade, conforme representado em (4)

- (3) Inf.2.: mas J.... QUANDO o o o diretor do *Hopi Hari* foi seqüestrado porque ele tam(b) ém... o O. que trabalhava junto... o ele e o O. fazia tratamento c’uma psicóloga em São Paulo... o o:: M. saIU... e entrô(u) na caminhonete... com aquelas caminhoneTOna **sabe?**... (AI-001, L35)

- (4) (A_1 : [(Inter) (P_1)_S (P_2)_A] (A_1))

Apesar de ser oriundo do Nível Interpessoal, já que atua na relação entre os interlocutores, diferentemente das interjeições, esse Ato Interativo pode ser representado semanticamente. No Nível Representacional, corresponde a um Conteúdo Proposicional, formado por um Estado-de-Coisas, cujo núcleo é a propriedade configuracional composta pela propriedade *saber* e seus argumentos Ativo (*Actor*) e Inativo (*Undergoer*).

Além disso, como predicado verbal, comporta a categoria de tempo, podendo indicar, na maioria dos casos (40 ocorrências correspondentes a 97,5%), o tempo presente do indicativo, visto que o falante procura se certificar da compreensão do interlocutor no momento da fala, conforme (5), mas

pode indicar o pretérito imperfeito do indicativo, o que acontece com uma única ocorrência (2,5%) dos dados analisados, acompanhando o tempo verbal da narrativa do Falante, conforme expressa (6), sendo, então, representado como em (7).

- (5) Inf.2.: é e coitado eles trabalhavam de noite... *é de dia que eles ficam em casa sabe?*
EnTÃO uma no::ite por sema::na eles ti::nha pa ficá(r) em [casa... agora já] conseguiram transferí(r) pra durante o dia (AI006, L116)
- (6) Inf.2: a::i vai dá(r) pa::u ((referindo-se ao computador)) Inf.1: por quê? fe/ fecha e abre de novo às vezes dá certo... *ai eu fiquei até com dó do C. sabia?* Inf.2: ai eu tô... com muita... pena dele assim... eu lembro do meu pai essas coisa sabe? M. operaçã::o... hospital::... tensã::o (AI005, L63)
- (7) $(p_1: [(past\ ep_1: [(e_1: [(f_1: -sabia-) (x_1)_A (x_2)_U (f_1)])] (e_1)) (ep_1)) (p_1))$

Apesar de oriundo do Nível Interpessoal, como Ato Interativo, morfossintaticamente constitui uma Oração (Cl_1), composta apenas pelo sintagma verbal (Vp_1), conforme representado em (8). Compõe com a Oração anterior uma Expressão Linguística, e, devido à sua natureza interativa, ocupa sempre a posição após o Ato Discursivo nuclear, ou seja, a posição P^{post} da Expressão Linguística, conforme representado em (9).

- (8) $(Cl_1: [(Vp_1: (Vw_1\ sabia\ (Vw_1)\ (Vp_1))]) (Cl_1))$

- (9) Le: P^{Centre} P^{Pos}
eu fiquei até com dó do C P^{Pos} sabia?

2.1.2. *Saber* Modificador de Ato Discursivo.

Como já observado, *saber* pode ser usado para indicar que o Falante tem ciência da imprecisão do Conteúdo Comunicado no Ato Discursivo enunciado anteriormente. Nesse caso, trata-se de um expediente que serve a uma estratégia de polidez e proteção da face do Falante, já que restringe o Ato Discursivo anterior, amenizando-o; sendo, então, considerado um modificador de Ato Discursivo, indicando o papel do Ato no discurso corrente, como exemplifica (2), aqui repetido por conveniência em (10).

- (10) Inf.1.: aprendeu o a bê cê hein? Doc.2.: uhum:: Inf.2: diz que era o manuscrito... que tinha... num sei que livro era esse que tinha lá antigamente... *sei lá..* aí ele aprendeu aquilo lá ele falava pro professor—“eu quero mais quero aprendê(r) mais”—... ele falô(u)—“ah:: agora eu num sei mais pa te ensiná::(r)”—((risos))... num era professor na::da... ((risos)) (AI004, L227)

A expressão *sei lá* pode ainda indicar uma incerteza por parte do Falante, e possivelmente um descomprometimento com o conteúdo expresso nos Atos Discursivos que contornam a expressão *sei lá*. É o que exemplificam (11) e (12).

(11) Inf.2.: mas e a mobília (inint.) sua cama da sua casa? [colchão]

Inf.1.: [ah::] num sei eu acho que eu vô(u) levá(r)::... num vô(u) levá(r) nada de casa não... comprá(r) lá... colchão eu vô(u) comprá(r) novo né?... colchão é foda comprá(r) usado... ((diz rindo)) agora [só/]

Inf.2.: [não] leva o de casa

Inf.1.: **é só se eu levá(r) o de casa** mas é que o de casa é novo cara... e::... **sei lá...** talvez eu leve o de casa e compre um mais vagabundo pra pôr em casa né? porque eu tenho em casa é o de mola de mola é bom tal (AI-008, L238)

(12) Inf.2.: ela vivia do::ida pa estudá::(r)... o pai falava... –“não::... aí...” – – medo das filha mulher estudá::(r) e::... e num dá cer::to... e::” – aí pronto... aí num::... foi o J. meu irmão ele num passô(u) não... (nessa) Matemática que fez né? D.?

Inf.1.: é:: foi

Inf.2.: mas NEM terminô(u) aqueles dia que ele foi::... uns dias só de noite que ele ia

Inf.1.: **sei LÁ** (AI004, L82)

Além disso, essa expressão é sempre enfática, assinalada pelo operador de ênfase *lá*. Assim, no Nível Interpessoal, toma a forma de um Ato Discursivo, com quatro componentes: uma Ilocução, sempre Declarativa, já que apenas informa o ouvinte do conteúdo proposicional evocado pelo Conteúdo Comunicado, o Falante (P_1)_S, o Ouvinte (P_2)_A e um Conteúdo Comunicativo (C_1), contendo um subato Atributivo (T_1), ou seja, uma propriedade que se aplica a entidades, e um Subato Referencial (R), a entidade a que se aplica a propriedade, conforme representado em (13).

(13) (emph A_1 : [(Decl) (P_1)_S (P_2)_A (C_1 : (T_1) (C_1))] (A_1))

Por apresentar um Conteúdo Comunicado, corresponde, no Nível Representacional, a um Conteúdo Proposicional, formado por um Estado-de-Coisas, cujo núcleo é a propriedade configuracional composta pela propriedade *saber* e seus argumentos Ativo (*Actor*) e Inativo (*Undergoer*). Além disso, como propriedade verbal, comporta a categoria de tempo, sempre presente do indicativo, e a categoria de pessoa, sempre a primeira pessoa do singular, pois o conhecimento impreciso é do próprio Falante, sendo, então, representado como em (14).

(14) (p_1 : [(pres ep_1 : [(e_1 : [(f_1 : -sei-) (x_1)_A (x_2)_U (f_1))] (e_1)) (ep_1)) (p_1))

Morfossintaticamente, tal como o Ato Discursivo Interativo (*sabe?* e *sabia?*), corresponde a uma Oração, constituída da palavra verbal *sei* e da palavra gramatical *lá*, reflexo do operador de ênfase do Nível Interpessoal, como representado em (15).

(15) (Cl₁: [(Vp₁ -sei - (Vp₁) (Gw₁ lá (Gw₁))] (Cl₁))

Como um Modificador de Ato, a expressão *sei lá* posiciona-se sempre em P^{post} da Expressão Linguística, depois da Oração, sobre cujo conteúdo o Falante demonstra incerteza, como exemplifica (16), representada em morfossintaticamente em (17).

(16) Inf.1.: a gente já tava tão...de saco cheio de ficá(r) ven(d)o apartamento... e:: a gente passô(u) a/ olhô(u) RÁPIDO e só pra vê(r) se num era muito absurdo o lugar né?... pra vê(r) se num era muito ruim... *porque a localização era muito boa... entã:::o... sei lá...* (AI008, L87)

(17) Le: P^{Centre} P^{Pos}
 porque a localização era muito boa **sei lá**

2.2. Saber no representacional

Como forma de representar o mundo extralinguístico, ou seja, em seu uso semântico, *saber* ocorre em 31,9% do total de casos analisados, conforme exemplificado em (18) e (19).

(18) Inf.1.: porque antes eu achava que eu não incomodá(r) ela era bom...só que eu tô ven(d) o que ela qué(r) é o seguinte que ela qué(r) que eu mostre pra ela que todo dia eu estudo sabe?... que eu num tô fazen(d)o tudo as pressa que eu num tô levan(d)o nas co::xa sabe assim?... eu falei eu vô(u) vê(r) se eu... agilizo a COIsa... **eu sei que ela é difícil** mas... queren(d)o ou não hoje me caiu uma ficha estudando... eu sei porque que ela tá frustrada assim... eu entendo (AI-011, L5)

(19) Inf.2.: ele tinha prestado o que lá?

Inf.1.: matemática aplicada

Inf.2.: onde que foi?

Inf.1.: na UNICAMP... isso em:: setenta e o::ito... então era engraçado porque lá na UNICAMP... *num sei se ainda é assim* mas naquela época tinha MUIto povo de fora assim... chile:::no mexica:::no... paragua:::io

Inf.2.: aqui tem uns também de vez em quando (AI-008, L40)

Em (18), *eu sei* demonstra que o Participante 1 está compartilhando um conhecimento, *ela é difícil*, com o Participante 2. Em (19), o Participante 1 descreve seu (des)conhecimento (*num sei*) a respeito da existência de alunos de fora de Campinas frequentando a UNICAMP.

De qualquer forma, nas duas ocorrências, tanto *eu sei* quanto *num sei* constituem Conteúdos Proposicionais (p), visto que representam construtos mentais, que só podem ser avaliados em termos de valor de verdade. Trata-se de um Conteúdo Proposicional, composto por um Episódio, marcado pelo tempo absoluto presente ou pretérito, que, por sua vez, contém um Estado-de-Coisas constituído pela propriedade *saber* e seus argumentos Ativo (*Actor*) e Inativo (*Undergoer*).

Nos dois casos, o argumento Inativo, no entanto, constitui também um Conteúdo Proposicional, composto por um Episódio, cujo núcleo é um Estado-de-Coisas. A diferença entre eles reside no fato de que o Conteúdo Proposicional em (18) representa uma asserção enquanto em (19) representa uma dúvida. Essa diferença irá refletir na codificação morfossintática de cada oração completa, conforme demonstraremos adiante. A tabela 3 contém os resultados referentes a esses dois tipos de complemento do verbo *saber*:

Tabela 3: Tipo de complementação do verbo *saber*

<i>Saber</i>	Decl		Inter		Total	
	n.	%	n.	%	n.	%
NR	11	45,8%	13	54,2%	24	100%

Fonte: elaboração das autoras

Como predicado principal usado descritivamente, *saber* pode assumir a forma de primeira pessoa do singular, indicando que o conhecimento pertence ao Falante, o que acontece em 19 casos (equivalentes a 79,1%), como em (18) aqui repetido por conveniência em (20), ou na terceira pessoa do singular indicando que o conhecimento é de outro participante, como em (21), o que ocorre em 15 casos, correspondentes a 65,5%.

- (20) Inf.: porque antes eu achava que eu não incomodá(r) ela era bom...só que eu tô ven(d)oque ela qué(r) é o seguinte que ela qué(r) que eu mostre pra ela que todo dia eu estudo sabe?... que eu num tô fazen(d)o tudo as pressa que eu num tô levan(d)o nas co::xa sabe assim?... eu falei eu vô(u) vê(r) se eu... agilizo a COIsa... **eu sei** que ela é difícil mas...queren(d)o ou não hoje me caiu uma ficha estudando... (AI-011, L5)
- (21) Inf.: por QUÊ?... porque ela achô(u) que a gente fosse conseguí(r)... avançá(r)... RÁpido... e eu não sei porquê mas... EU... éh::... me detive aos detalhes... e todo e qualqué(r) probleminha eu enrosquei e num andei... e **ela sabe** que esse não é bem o meu perfil então eu sô(u) uma pessoa mais... né? –”vamos vê(r) vamo(s) (inint.)”–... e eu não qué(r) dizê(r) eu mudei também... (AI-001, L11)

Além disso, ainda como predicado principal, *saber* aparece sempre no modo indicativo, variando apenas no tempo absoluto, que pode ser o presente, em 20 ocorrências (83,3%), como em (22), ou no pretérito, em apenas 4 casos (16,7%), como em (23). Isso sugere que essa estrutura tende a ser usada com maior frequência para exprimir um conhecimento existente no momento da interação.

(22) Inf.1: a casa tá trancada? é isso?

Inf.2: ele tá lá dentro... ele bebe... ele sai bebe vai dormi(r)... e ele falô(u) pra mim que só SAI se alguém for tirá(r) ele porque do contrário **ele sabe** *que é da/ que é da menina...* porque eu já enjoei de falá(r) que foi feito pra ela... mas ele disse que não sai (AI-009, L188)

(23) Inf.1.: a:: foi pro E.... que o senhor falô(u) que vinha?

Doc.2.: fo::i:

Inf.1.: ah::

Doc.2.: ele/ eu é/... **é que eu sabia** *que ele era aqui de Onda Verde* né?... que ele dá aula lá em Ilha Solte(i)ra... e eu... morei muitos anos em Ilha Solte(i)ra e um dia eu conheci ele (AI-004, L182)

A representação semântica de *saber* em (22) e (23) é, respectivamente, como em (24) e (25):

(24) $(p_1: [(pres\ ep_1: [(e_1: [(f_1: -sabe-) (x_1)_A (p_2: [(ep_2 -que\ é\ da\ menina- (ep_2)) (p_2)_U (f_1))] (e_1)) (ep_1)) (p_1))])$

(25) $(p_1: (pass\ ep_1: [(e_1: (f_1: [(f_1: -sabia-) (x_1)_A (p_2: [(ep_2 -que\ ele\ era\ aqui\ de\ Onda\ Verde- (ep_2)) (p_2)_U (f_1))] (e_1)) (ep_1)) (p_1))])$

No Nível Morfossintático, as construções com *saber* representacional são codificadas como duas Orações (Cl), sendo uma delas dependente. Assim, a ocorrência *eu sei que ela é difícil* em (20), cujo complemento Inativo indica uma asserção, tem a representação em (26), com a palavra gramatical *que* introduzindo a Oração completiva; já (19), *num sei se ainda é assim*, em que o Inativo indica incerteza, tem a representação em (27), sendo a Oração completiva introduzida pela palavra gramatical *se*.

(26) $(Cl_1: [(Np_1: eu (Np_1) (Vp_1: sei (Vp_1))] (Cl_1))^{dep}(Cl_2: [(Gw_1\ que\ (Gw_1)) (Np_2: ela (Np_2)) (Vp_2: é (Vp_2)) (Ap_1: (Aw_1: difícil (Aw_1)) (Ap_1))] (Cl_2))] (Cl_1))$

(27) $(Cl_1: [(Gw_1\ não\ (Gw_1)) (Vp_1: sei (Vp_1))] (Cl_1))^{dep}(Cl_2: [(Gw_2: se (Gw_2)) (Adw_1\ ainda\ (Adw_1)) (Vp_2: é (Vp_2)) (Adw_2: assim (Adw_2))] (Cl_2)) (Cl_1))$

Como reflexo de sua propriedade de núcleo principal de uma predicação de dois lugares, *saber* se situa nos limites da Oração, e não mais na camada da Expressão Linguística. Desse modo, assume a posição P^M da oração principal, conforme se representa em (28).

(28) **Cl:** **P^I** **P^M** **P^{M+1}**
 Subj_{eu} sabia Obj_{que ele era de Onda Verde}

Conclusão

A análise de construções com *saber* empreendida neste trabalho, em dados do português falado, revela a existência de diferentes usos, oriundos dos dois diferentes níveis de formulação, que se refletem em diferentes estruturas morfossintáticas.

Em termos de propriedades gramaticais relacionadas aos níveis Interpessoal, Representacional e Morfossintático, os resultados mostram as seguintes tendências:

- (i) Oriundo no Nível Interpessoal, *saber* aparece, na maioria dos casos, como um Ato Interativo, caracterizado semanticamente por assumir a terceira pessoa do singular, sempre no modo indicativo (presente ou passado) e posposto à Oração que representa o Ato ao qual escopa, pertencendo, portanto, no Nível Morfossintático, à Expressão Linguística.
- (ii) Originado também no Nível Interpessoal é o Modificador de Ato, que se caracteriza semanticamente por estar sempre na primeira pessoa do singular, no presente do indicativo e, na linearização morfossintática da Expressão Linguística, apresenta-se posposto à Oração, que representa o Ato ao qual modifica.
- (iii) Com origem no Nível Representacional, *saber* se constitui como o predicado principal de um Conteúdo Proposicional, cuja propriedade configuracional é núcleo de um Estado-de-Coisas que descreve um fato extralinguístico. Não há, portanto, restrição de pessoa, número, tempo ou modo verbal. Morfossintaticamente, como núcleo de uma propriedade configuracional, assume uma posição na camada da Oração, geralmente a posição P^M da Oração principal.

Referências

BRAGA, M. L. *Os complementos oracionais no português do Brasil e no português de contato*. Anais da Associação Brasileira de Linguística, Florianópolis, 1999a. (CD-ROM da ABRALIN).

BRAGA, M. L. *As orações encaixadas no dialeto carioca*. Relatório Científico apresentado ao CNPQ, 1999b. Mimeo.

CARVALHO, C. *Cláusulas encaixadas em verbos causativos e perceptivos: uma análise funcionalista*, 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP.

GONÇALVES, S. C.; SOUSA, G. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. As construções subordinadas substantivas. In: NEVES, M. H. (org.). *Gramática do Português culto falado no Brasil*. Classes de palavras e processos de construção. Campinas: Editora da Unicamp, 2008. pp. 1021-88.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar: A typologically based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

KEIZER, E. *A Functional Discourse Grammar for English*. United Kingdom: Oxford University Press, 2015.

- NEVES, M. H. M. Construções encaixadas: considerações básicas. In: *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: Editora UNESP, 2002. pp.151-62.
- NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: EDUNESP, 2000.
- PEZATTI, E. G. Gramática discursivo-funcional: uma breve apresentação. In: PEZATTI, E. G (org.). *Construções subordinadas na lusofonia: uma abordagem discursivo-funcional*. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2016, v.1, pp. 15-40.
- PEZATTI, E. G. *A ordem das palavras no português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- PEZATTI, E. G. A gramática Discursivo-Funcional e o Contexto In: SOUZA, E. R. F. (org.). *Funcionalismo Linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012, v.1, pp. 107-32.
- SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, E.; SMITH, E. *Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows*. Toronto: University of Toronto/Department of Linguistics, 2005.
- SOUSA, G. C. *et al.* As orações completivas subjetivas e objetivas. In: PEZATTI, E. G. (org.). *Construções subordinadas na lusofonia: uma abordagem discursivo-funcional*. São Paulo: Editora da Unesp, 2016.
- SOUSA, G. C. Motivações semânticas e pragmáticas na mudança gramatical. *Caligrama: Revista de Estudos Românicos*, v. 20, pp. 53-72, 2015.
- SOUSA, G. C. Percurso diacrônico de completivas introduzidas por “como” no português. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 42, n.1, p. 366-375, 2013. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1112/678>. Acesso em: 11 jun. 2024.
- SOUSA, G. C. História de uma completiva: origem e desenvolvimento do complemento oracional introduzido por “se” do português. *Alfa*, Araraquara, v. 56, n. 1, pp. 81-107, 2012.
- SOUSA, G. C. Gramática e gramaticalização de construções completivas. In: NEVES, M. H. M. (org.). *As interfaces da gramática* (série Trilhas Linguísticas, n. 18). 1. ed. Araraquara/SP: Cultura Acadêmica, 2010. pp. 231-44.
- SOUSA, G. C. *Gramaticalização das construções com orações completivas: o caso do complemento oracional introduzido por “se”, 2007*. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara/SP, 2007.
- TEIXEIRA, A. C. M. *A construção verbal marcadora discursiva VLocmd: uma análise centrada no uso*. 2015. 297 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

A EXPRESSÃO DA FUTURIDADE EM TEXTOS INFORMATIVOS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS FORMAS VERBAIS DO PORTUGUÊS EUROPEU¹

THE EXPRESSION OF FUTURITY IN REPORTING TEXTS: SOME REMARKS ON THE VERBAL FORMS OF EUROPEAN PORTUGUESE

Luís Filipe Cunha²

RESUMO

O português europeu dispõe de um conjunto diversificado de formas verbais que remetem para a prospetividade, das quais se destacam o futuro simples, a construção *ir* (no presente ou no futuro) + infinitivo e o presente do indicativo com valor futurativo. Todas estas formas manifestam divergências evidentes ao nível do seu significado, embora partilhem igualmente propriedades comuns. Com base na análise de um *corpus* constituído por 18 textos de carácter informativo, procuramos dar conta das semelhanças e diferenças que se observam entre as estruturas em questão, assim como das relações que estabelecem entre si. Nesse sentido, constatamos que, ainda que estas construções sejam frequentemente utilizadas para a localização das situações com que se combinam num intervalo posterior ao momento da enunciação, cada uma delas apresenta características definitórias próprias: *ir* + infinitivo restringe-se sobretudo à expressão da temporalidade; o futuro simples combina valores temporais e modais e o presente com valor futurativo indica posterioridade preferencialmente associada ao domínio do presente. Os contrastes entre estas configurações são ainda confirmados pelas divergências combinatórias e interpretativas que se verificam no contexto de verbos modais como *poder* ou *dever*. Em termos gerais, e a avaliar pelas relações entre os diferentes tempos verbais considerados, podemos afirmar que a expressão da futuridade no português europeu parece estar num constante processo de reajustamento, sendo fundamental considerar o contributo de outros fatores, como os advérbios temporais, as propriedades lexicais de certos verbos ou o contexto discursivo, para a plena compreensão das conexões temporais no interior dos textos.

PALAVRAS-CHAVE: Expressão da futuridade. Futuro simples. *Ir* + infinitivo. Presente com valor de futuro. Temporalidade. Modalidade.

ABSTRACT

European Portuguese has a diverse set of verb forms that refer to prospectivity, including the futuro simples (simple future), the structure *ir* ('go') (in the present or in the future) + infinitive and the presente do indicativo (simple present) with a futurate meaning. All these forms show clear divergences in meaning, although they also share relevant common properties. Based on the analysis of a corpus consisting of 18 reporting texts, we tried to account for the similarities and differences between the structures in question, as well as the relationships they establish with each other. Accordingly, we found that, although these constructions are often used to locate the situations with which they combine in an interval subsequent to the moment of utterance, each of them presents its own defining characteristics: *ir* ('go') + infinitive is mainly restricted to the expression of temporality; the simple future combines temporal and modal values and the present with a futurate meaning

¹ Artigo escrito em Português Europeu.

² Faculdade de Letras da Universidade do Porto/Centro de Linguística da Universidade do Porto Unidade financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia UIDB/00022/2020, luisfilipeleitecunha@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-1748-1053>.

indicates posteriority in a present domain. The contrasts between these configurations are further confirmed by the combinatorial and interpretative divergences that occur in the context of modal verbs such as *poder* ('may') and *dever* ('must'). In general terms, and based on the relations between the different tenses under consideration, we can say that the expression of futurity in European Portuguese seems to be in a constant process of readjustment, and it is essential to consider the contribution of other factors, such as temporal adverbials, the lexical properties of some verbs or the discursive context, for the full understanding of temporal organisation within texts.

KEYWORDS: Expression of futurity. Simple future. *Ir* ('go') + infinitive. Futurate present. Temporality. Modality.

Introdução

A expressão da futuridade em línguas como o português abrange um vasto e muito complexo conjunto de fatores que interagem dinamicamente entre si. Os tempos gramaticais, alguns verbos com informação lexical relevante, os adverbiais temporais ou mesmo certas indicações (extra) linguísticas fornecidas pelo contexto contribuem decisivamente para o estabelecimento de relações de posterioridade no domínio temporal.

De entre os diversos fatores apontados, as formas verbais surgem indubitavelmente como um dos mais relevantes (cf. COPLEY, 2009). Tempos gramaticais como o futuro simples (cf. (1)), a construção *ir* no presente do indicativo + infinitivo (cf. (2)), *ir* no futuro + infinitivo (cf. (3)), o presente do indicativo com valor de futuro (cf. (4)) ou a estrutura *haver de* + infinitivo (cf. (5)) são frequentemente utilizados, no português europeu (doravante PE), para localizar as situações com que comparecem num intervalo posterior ao momento da enunciação (ou a um outro intervalo que se constitua como o respetivo Ponto de Perspetiva Temporal; veja-se KAMP; REYLE, 1993).

- (1) Nos próximos anos, talvez cinco, surgirá o primeiro actor sintético, um personagem accionado por computador. (CetemPúblico, par=ext15067-clt-95b-2)³
- (2) No Jardim de Oeiras, mesmo ao lado da marginal, vai surgir um *drive-in* da MacDonal'd's, cuja inauguração está marcada para Outubro. (CetemPúblico, par=ext74208-soc-96a-1)
- (3) E é lá que irá surgir, além de novas instalações para os animais, uma urbanização com escritórios ocupando três dos dez hectares. (CetemPúblico, par=ext322379-soc-95b-1)
- (4) O treinador considera que até um empate «seria desastroso» para a equipa de Portugal, que amanhã parte para a Suécia, preparando o encontro do próximo domingo a contar para a fase de apuramento do «Mundial» / 94. (CetemPúblico, par=ext75046-des-93b-1)
- (5) No Chiado, uma centena de metros mais abaixo, também em obras continua a zona onde há-de surgir um outro acesso do Metro, passando sob a ruína dos Armazéns do Chiado, e com saída para a Rua do Crucifixo. (CetemPúblico, par=ext8559-soc-95a-2)

³ Este exemplo, tal como os seguintes, foi retirado do CetemPúblico, um *corpus* eletrónico sincrónico do português europeu com aproximadamente 180 milhões de palavras que reúne um vasto conjunto de extratos de notícias do jornal português *Público* e que está disponível para consulta em linha em www.linguateca.pt. Mais informações a respeito do *corpus* e da forma como os exemplos estão organizados podem ser obtidas no referido sítio web.

Tal como os exemplos que acabámos de apresentar comprovam, todas estas formas verbais podem ser utilizadas para a expressão da futuridade. Nesse sentido, importa tentar compreender como se relacionam entre si, quais as diferenças e as semelhanças que manifestam, bem como as diversas interações que estabelecem no quadro mais vasto da organização textual.

Com o objetivo de dar resposta a algumas destas questões, construímos um pequeno *corpus* sincrónico constituído por 18 textos de natureza informativa, retirados de jornais ou de páginas disponíveis na Internet. De forma a garantir um número suficiente de exemplos ilustrativos das relações de posterioridade que nos propomos investigar, tivemos o cuidado de selecionar artigos que, devido à temática abordada (e.g. previsão de lançamento de novos produtos informáticos, anúncios de espetáculos culturais ou de outros eventos planificados, etc.), de uma forma ou de outra, se adequassem à apresentação de acontecimentos localizados no domínio do futuro.

A partir de uma análise qualitativa das diferentes formas verbais que remetem para a posterioridade, procuraremos, ao longo do presente artigo, averiguar quais as propriedades semânticas, no que respeita ao estabelecimento de relações temporais e modais, que melhor as caracterizam e qual o papel que desempenham na determinação da estruturação temporal no interior do texto. Por análise qualitativa entendemos uma abordagem eminentemente centrada nas propriedades e comportamentos linguísticos das configurações envolvidas, mais do que as proporções numéricas em que comparecem nos excertos estudados.

Assim, na próxima secção deste trabalho, iremos discutir, ainda que muito brevemente, algumas das hipóteses que têm sido levantadas na literatura para o tratamento das diferentes formas que expressam futuridade; em seguida, em 2, teceremos algumas considerações acerca da metodologia que aqui adotámos; a secção 3 será dedicada à discussão dos dados que se nos afiguraram mais relevantes, não só no que respeita à expressão da posterioridade propriamente dita, mas também à relação que estabelece com outros domínios semânticos, nomeadamente com a modalidade. Finalmente, em 4, serão apresentadas algumas considerações finais.

1. Comentários preliminares em torno das formas verbais que expressam futuridade

Se tem sido unanimemente aceite que, em PE, a construção *ir* + infinitivo expressa, essencialmente, uma relação temporal de posterioridade (cf. OLIVEIRA; LOPES, 1995; OLIVEIRA, 2013; CUNHA, 2022), já a caracterização do futuro simples está sujeita a alguma controvérsia. Surgem na literatura, com efeito, propostas muito diversas, por vezes mesmo divergentes, que se propõem dar conta do comportamento deste tempo gramatical.

Assim, autores como Alarcos Llorach (1994) para o espanhol, Giannakidou; Mari (2013, 2018) para o grego e para o italiano ou Oliveira (1986) e Silva (1997) para o português advogam um tratamento essencialmente modal – e particularmente associado à expressão da modalidade epistémica – para o futuro simples⁴.

⁴ Importa advertir, desde já, que, embora qualquer forma que remeta para a posterioridade em relação ao momento da

Na realidade, são diversos os contextos em que o uso do futuro simples parece desencadear leituras claramente modais. De entre estes, podemos destacar a tendência para as frases com este tempo gramatical se associarem a uma oração condicional implícita (cf. (6)), a capacidade de exprimirem valores inequivocamente modais, em particular no que toca à modalidade epistémica, revelando a possibilidade de alternância com verbos como *poder* ou *dever* (cf. (7)) e a ocorrência em configurações conjecturais ou hipotéticas cotemporais com o momento da enunciação, do género das que são estudadas por autores como Martin (1981), Dendale (2001) ou Laca (2017) (cf. (8)):

- (6) Segundo o acordo, ainda a ser ultimado, a AST comprará por 175 milhões de dólares (mais de 26 milhões de contos) todo o sector de informática à Tandy, incluindo a divisão Grid – especializada em modelos portáteis – e uma fábrica que a empresa tem na Escócia. (CetemPúblico, par=ext286464-clt-soc-93a-2)
- (7) É que, referiram os responsáveis da empresa, quando a fábrica estiver a funcionar em toda a sua capacidade, comprará (= pode comprar / deve comprar) 100 mil toneladas de batata crua por ano, para além de outras matérias-primas como o milho e o óleo vegetal. (CetemPúblico, par=ext491581-eco-93a-1)
- (8) Depois de cinco anos em Cartum, estará agora sob a protecção dos fundamentalistas Taliban no Afeganistão. (CetemPúblico, par=ext60167-pol-97b-1)

Numa frase como (6), a eventualidade que ocorre no futuro simples, i.e., “a AST comprar todo o sector de informática à Tandy”, parece estar na dependência de uma condicional implícita, que poderia ser parafraseada por “se o acordo for ultimado...”. Por seu lado, numa frase como (7) o futuro simples expressa claramente um valor modal epistémico de possibilidade, como a equivalência com os verbos modais *poder* ou *dever* deixa transparecer: a situação de “a fábrica comprar 100 mil toneladas de batata crua por ano” não nos é dada aqui meramente como um evento projetado para o futuro, na medida em que está envolvido um certo grau de incerteza, mas antes como um estado de coisas possível ou provável, mas sem garantias de realização. Finalmente, em (8), a situação perspectivada pelo futuro simples, i.e., “estar sob a protecção dos fundamentalistas Taliban no Afeganistão”, nem sequer é projetada para um intervalo posterior ao momento da enunciação: ela é-nos apresentada como uma conjectura ou uma hipótese que, a verificar-se, coincide, no eixo temporal, com o tempo da fala.

Se é certo que o futuro simples estabelece uma relação íntima com a expressão da modalidade, não deixa, contudo, de ser igualmente verdade que, em determinados contextos – em particular quando surge na companhia de adverbais temporais que restringem, de forma precisa, o intervalo de localização das eventualidades com que coocorrem – o referido tempo gramatical parece veicular

enunciação seja, sob um certo ponto de vista, modal, no sentido em que o valor de verdade das proposições envolvidas não pode ser avaliado no momento da fala, abrindo caminho à consideração dos futuros como um conjunto de histórias possíveis ou mundos ramificantes (“inertia worlds”), tal como observado, e.g., por Dowty (1979), quando nos referimos aqui a tratamentos modais para o futuro simples estamos a conceber a modalidade num sentido mais restrito, i.e., encaramo-la como a expressão de atitudes ou de opiniões dos falantes face às proposições enunciadas.

essencialmente informação temporal de posterioridade, equivalendo, *grosso modo*, em casos como estes, à construção *ir* + infinitivo. Observe-se o seguinte exemplo:

- (9) E de 22 a 27 de Outubro estará (= vai estar) em Lisboa, vinda de Toronto, a missão de inquérito do BIE para avaliar no terreno as potencialidades da candidatura. (CetemPúblico, par=ext15758-soc-91b-1)

Em contraste com os exemplos apresentados anteriormente, a frase em (9) manifesta uma interpretação de natureza fundamentalmente temporal, na medida em que o futuro simples parece ter como principal função a de localizar as situações com que comparece num intervalo posterior ao momento da enunciação; a sua substituição por verbos claramente modais, do género de *poder* ou de *dever*, ou dá origem a uma certa anomalia semântica ou altera substancialmente o significado da sequência, como se pode constatar em (10):

- (10) E de 22 a 27 de Outubro * pode estar / # deve estar em Lisboa, vinda de Toronto, a missão de inquérito do BIE para avaliar no terreno as potencialidades da candidatura.

Face a dados como estes, autores como Cunha; Cintra (1984), Mari (2009), Giomi (2010), Falaus; Laca (2014) ou Laca (2017) sugerem que o futuro simples é uma forma ambígua que tanto pode exprimir temporalidade quanto modalidade, estando a determinação do seu valor final na dependência de condições semânticas, pragmáticas e contextuais. Por outras palavras, a forma de futuro simples corresponderia a dois operadores, um de cariz temporal e outro de natureza modal, que competiriam entre si e cuja computação seria efetuada em cada frase concreta.

Embora este tipo de análise resolva algumas das questões com que nos temos vindo a deparar, nomeadamente a necessidade de dar conta da distinção entre leituras temporais e modais para o futuro simples, ele enfrenta um problema fundamental quando nos vemos confrontados com exemplos – de resto bastante abundantes – em que as duas interpretações em causa coexistem e parecem ambas manifestar igual relevância. É o que sucede em frases como a que apresentamos em seguida:

- (11) Parte-se do cálculo de que a moção receberá aproximadamente 80 por cento dos votos dos militantes filiados, e entre 40 e 45 por cento dos votos sindicalistas. (CetemPúblico, par=ext22297-pol-95a-1)

Numa frase como (11), o futuro simples ostenta de forma bastante visível marcas de modalidade epistémica associada à incerteza, evidenciadas pelo uso de expressões como “parte-se do cálculo” ou “aproximadamente”, mas não deixa, por outro lado, de remeter a realização da situação descrita para um intervalo posterior ao momento da enunciação, tornando-se claro que mantém marcas inequívocas de temporalidade.

Exemplos como o que acabámos de apresentar revelam que temporalidade e modalidade coexistem na significação do futuro simples, o que parece não se coadunar com a ideia de que se trata de uma forma ambígua, pelo menos se considerarmos que a ambiguidade supõe a existência de duas interpretações de carácter totalmente autónomo, perfeitamente independentes uma da outra.

No sentido de encontrar uma descrição adequada para o comportamento linguístico do futuro simples e de solucionar alguns dos problemas que aqui foram discutidos, Gennari (2000, 2002) propõe uma abordagem que envolve a consideração simultânea e integrada de fatores temporais, modais e aspetuais. Segundo a autora, o futuro simples veicula consistentemente informação temporal de posterioridade, sendo, no entanto, e dadas as circunstâncias adequadas, capaz de integrar no seu significado informação modal e aspetual⁵.

O futuro simples pode, assim, ser encarado como um operador “dual” que expressa, em simultâneo, tempo e modalidade.

Não sendo, aparentemente, tão frequentes nem representativas, estruturas como as que envolvem *ir* no futuro + infinitivo, o presente do indicativo com valor de futuro ou *haver de* + infinitivo⁶ não têm recebido, na literatura, o mesmo tipo de atenção se comparadas com as construções que acabámos de analisar.

Relativamente à estrutura *ir* no futuro + infinitivo, levantamos a hipótese de que o seu valor semântico poderá resultar da conjugação das propriedades eminentemente temporais da construção *ir* + infinitivo com o potencial de expressão da modalidade tipicamente associado ao futuro simples. Comparem-se, a título de exemplo, as seguintes frases:

(12) O ministro estará a discursar no parlamento.

(13) O ministro vai discursar no parlamento.

(14) O ministro irá discursar no parlamento.

Embora interpretações alternativas possam estar acessíveis para estes exemplos, parece ser consensual que, nas suas leituras preferenciais, se encontram divergências bastante perceptíveis: em (12), com o futuro simples e uma forma progressiva, temos uma leitura de cariz hipotético ou conjectural, em que se verifica a sobreposição da presumível situação ao momento da enunciação, parafraaseável por “(neste momento), o ministro deve estar a discursar no parlamento”⁷. Já em

⁵ A pertinência da interação com o aspeto é particularmente visível nas restrições a que as designadas interpretações conjecturais ou hipotéticas estão sujeitas: apenas estados (e nunca eventos) podem integrar leituras em que o futuro simples estabelece uma relação de sobreposição com o momento da enunciação (cf. o exemplo (8)). Para uma discussão mais aprofundada das diferentes propostas para o tratamento do futuro simples, bem como das suas vantagens e limitações, veja-se e.g. Cunha (2022).

⁶ Os dados recolhidos no nosso *corpus* parecem corroborar esta afirmação: à exceção do presente com valor de futuro, que surge com uma frequência que já poderá ser considerada significativa, tanto *ir* no futuro + infinitivo, com 5 ocorrências, quanto *haver de* + infinitivo, que não comparece nenhuma vez, revelam-se construções bastante raras.

⁷ Sublinhe-se, no entanto, e como já tivemos oportunidade de referir, que este tipo de interpretação do futuro simples está

(13), a construção *ir* (no presente) + infinitivo remete, de preferência, para a mera localização da eventualidade descrita num intervalo posterior ao momento da enunciação. Finalmente, em (14), com *ir* (no futuro) + infinitivo, embora a projeção para a posterioridade seja também evidente, o grau de certeza em relação à efetiva realização da situação descrita aparenta ser manifestamente menor, o que nos leva a considerar que, numa frase como esta, se conjugam informação temporal de posterioridade e um valor modal epistémico de incerteza⁸.

Quanto ao presente do indicativo com valor de futuro, a literatura normalmente assume que o seu uso está sujeito a alguns condicionalismos relevantes (cf. OLIVEIRA, 2006; LUCCHESI; ROCHA, 2022⁹).

Assim, considera-se, tipicamente, que o presente do indicativo apenas receberá uma leitura futurativa se acompanhado de adverbiais temporais ou de outras expressões equivalentes que remetam para a posterioridade ou se estiver inserido num contexto que favoreça inequivocamente este género de interpretação. Tal observação não é de todo surpreendente, na medida em que, em PE, a leitura preferencial do presente do indicativo é a de sobreposição ao momento da enunciação, quando combinado com estados, ou a de habitualidade, quando em coocorrência com eventos (cf. CUNHA, 2004/2007; OLIVEIRA, 2013).

Por outro lado, a relativa proximidade ao momento da enunciação constitui um outro pré-requisito frequentemente invocado para o licenciamento destas configurações. O contraste entre (15) e (16) parece, em certa medida, corroborar esta ideia:

(15) A nave Space X chega a Marte na próxima semana.

(16) # A nave Space X chega a Marte daqui a vinte anos.

Uma outra característica comumente atribuída ao presente com valor de futuro prende-se com o alto grau de certeza que tal forma transmite, (cf. o contraste entre (17) e (18)):

(17) O primeiro-ministro está (# possivelmente) em Bruxelas na próxima semana.

(18) O primeiro-ministro estará (possivelmente) em Bruxelas na próxima semana.

fortemente condicionado pelas propriedades aspetuais das predicções envolvidas, em particular pela presença de marcas de estatividade: numa frase como “O ministro discursará no parlamento”, o tempo gramatical em questão retoma, em grande medida, a sua função básica de localizador temporal.

⁸ Refira-se, contudo, que, como veremos mais adiante, quando analisarmos os textos que compõem o nosso *corpus*, estas diferenças nem sempre estão diretamente refletidas nas formas verbais consideradas e muitos outros fatores parecem estar em jogo no que respeita à computação da sua interpretação final.

⁹ Embora estes textos se refiram especificamente ao português do Brasil, parece existir um grande paralelismo entre o funcionamento destas formas em PB e em PE, pelo que as observações efetuadas se podem estender à variedade que estamos a investigar no presente trabalho.

Uma análise como esta leva-nos a considerar a hipótese de que, em contraste com a construção *ir* + infinitivo ou com o futuro simples, que integrariam um domínio futuro, o presente com valor futurativo pertenceria ao domínio do presente, constituindo-se como a expressão de um verdadeiro pós-presente (cf. DECLERCK, 1991, 2006; SILVANO, 2002). Uma tal abordagem permitiria tornar explícito o maior grau de integração desta forma com o intervalo disponibilizado pelo “agora” do discurso, o que parece ser plenamente justificado, em particular, pela emergência de uma relação obrigatória de relativa proximidade ao momento da enunciação, que não é de todo observada com as restantes configurações aqui investigadas¹⁰.

Não são, porém, apenas diferenças a nível semântico que nos permitem estabelecer distinções no que respeita às formas que expressam futuridade no português. Com efeito, e tal como observado, para o português do Brasil, por autores como Silva (1997), Gibbon (2002), Santos (2002), Oliveira (2006), Poplack; Malvar (2007) ou Tesch (2011), fatores como a oposição texto oral vs texto escrito¹¹ ou o grau de formalidade do discurso influenciam decisivamente a escolha pelas várias estruturas em competição.

De um modo muito geral, estes autores são unânimes em considerar que a forma de futuro simples está a ser rapidamente substituída pela estrutura *ir* (no presente) + infinitivo no que concerne à localização de situações em intervalos posteriores ao momento da enunciação. Com efeito, os seus trabalhos constataram que, na oralidade, o uso do futuro simples quase desapareceu em favor da construção perifrástica, estando, neste momento, praticamente restrito à comparência em textos escritos ou em discursos com um alto grau de formalidade.

Com vista a compreender se algumas das propostas teóricas que aqui brevemente foram apresentadas se confirmam também para o PE, nomeadamente no que diz respeito às formas verbais de maior prevalência para a expressão da posterioridade e qual a sua relação com a emergência de valores modais, decidimos recolher um pequeno *corpus* constituído por 18 textos escritos de natureza informativa que, de uma maneira ou de outra, descrevem situações futuras. Dada a reduzida dimensão do *corpus* e a ausência de dados de discurso oral espontâneo, que, pelo menos no que respeita ao futuro simples, trariam alterações significativas aos resultados obtidos¹², não é nossa intenção, naturalmente,

¹⁰ Dado que, no *corpus* que servirá de base para a nossa investigação, não foi encontrada qualquer ocorrência da construção *haver de* + infinitivo, ignoraremos aqui a sua análise, deixando-a para trabalhos posteriores. O mesmo acontece com a construção *ir* no futuro + infinitivo, que, embora surja em algumas ocorrências do nosso *corpus*, por razões que se prendem com as restrições ao espaço disponível, não será alvo da nossa investigação.

¹¹ Observe-se, no entanto, que, em PB, a oposição entre texto escrito e texto oral é particularmente relevante na medida em que a escrita se baseia numa norma culta padrão cujo modelo ainda toma como base o PE (de entre a extensa literatura sobre o assunto, cf. FARACO, 2008). Agradeço a um(a) revisor(a) o ter-me chamado a atenção para este facto. Seja como for, também no PE a oposição escrito vs oral – ou, talvez mais rigorosamente, discurso formal vs discurso informal – desempenha um papel crucial no que ao uso das formas de futuro diz respeito. Com efeito, e embora não exista, tanto quanto eu saiba, nenhum estudo sobre o tema, a verdade é que, em textos orais informais, as sequências integrando o futuro simples praticamente desapareceram, tendo sido substituídas pela construção *ir* + infinitivo ou pelo presente com valor de futuro. Neste momento, não nos será possível aprofundar esta questão, mas afigura-se-nos essencial, para um próximo trabalho, analisar a distribuição das formas que exprimem futuridade em interações orais em PE.

¹² Como já observámos atrás, o uso do futuro simples em discurso oral espontâneo (e.g., em conversas sem grande

tecer quaisquer considerações acerca de tendências gerais ou levantar hipóteses quanto ao processo de mudança em curso. Limitar-nos-emos a algumas observações sobre a interação que se estabelece entre as diferentes configurações que expressam futuridade e como se relacionam com outros fatores linguísticos que eventualmente condicionem a sua comparência.

2. Questões metodológicas

Tendo em conta que, como já referimos, o objetivo central do presente trabalho é o de comparar o funcionamento discursivo das várias formas que expressam futuridade em PE, coligimos um pequeno *corpus* constituído por 18 textos escritos, produzidos em Portugal, de natureza informativa, publicados entre 2015 e 2023, recolhidos em jornais e páginas disponíveis na Internet. Procurámos que os textos tivessem diferentes proveniências (alguns são retirados de jornais diários de referência, outros de páginas institucionais de entidades públicas e outros ainda de publicações especializadas difundidas exclusivamente *on-line*) e abordassem temáticas diversificadas, garantindo, no entanto, que pelo menos parte significativa das situações descritas fosse inequivocamente localizada em intervalos posteriores ao momento da enunciação. Nesse sentido, foram privilegiados artigos que dão conta de acontecimentos ainda não ocorridos, tais como lançamentos de novos produtos informáticos ou a apresentação de atividades culturais agendadas¹³.

Numa primeira fase, procedemos à contagem das diferentes formas verbais que exprimem futuridade no corpo dos artigos. Tratando-se de um *corpus* bastante reduzido, não foram consideradas percentagens, dado que os valores estatísticos a elas associados não teriam grande relevância em termos globais e, nesse sentido, a sua representatividade seria muito limitada.

Dada a sua especificidade, também não foram ponderadas na contagem inicial as configurações envolvendo verbos modais do género de *poder* ou de *dever* em interação com as estruturas que aqui nos ocupam; estas serão brevemente discutidas num momento posterior do trabalho.

Optámos, por outro lado, por considerar separadamente as formas verbais presentes nos títulos dos artigos: sendo o nosso *corpus* constituído, na maioria dos casos, por breves textos jornalísticos, quisemos saber se existe ou não algum tipo de variação na escolha dos mecanismos de expressão da futuridade nesse contexto particular. Com efeito, e como os dados nos revelarão, tendo os títulos, muitas vezes, a função específica de chamar a atenção para determinados aspetos da notícia, acabam por privilegiar estratégias comunicativas, como o uso do presente com valor de futuro, que surgem em menor quantidade ao longo do corpo do artigo.

monitorização) em PE parece muito limitado e sujeito a fortes restrições de ocorrência. A ausência de um *corpus* estruturado de fala que nos permita investigar especificamente este género de dados dificulta, no entanto, uma investigação mais aprofundada sobre o tema. Nessa medida, também não nos debruçaremos aqui sobre a complexa relação entre oral e escrito, em particular no que respeita à delimitação destes dois modos, na medida em que, mais relevante do que o suporte propriamente dito, parece ser o registo utilizado que desempenha um papel determinante. Por outro lado, qualquer tentativa de caracterização das diferenças entre discurso escrito e discurso oral levar-nos-ia a uma discussão que em muito ultrapassa o âmbito do presente trabalho.

¹³ No final do presente artigo estão indicados os títulos e as ligações para os textos que constituem o nosso *corpus*, que poderão ser facilmente acedidos pelo leitor interessado em conhecer pormenorizadamente todas as suas características.

Após a contabilização das ocorrências, procedemos à análise qualitativa dos exemplos, procurando compreender como se relacionam entre si as quatro principais estruturas investigadas e testar se as abordagens teóricas que discutimos na secção 1 se confirmam ou se, pelo contrário, existem dados que nos obriguem a reavaliar algumas das propostas aí contempladas. Sublinhe-se que, dado que o objetivo central do presente trabalho é o de discutir o comportamento concreto das construções sob análise, uma maior quantidade de dados não alteraria substancialmente a verificação das hipóteses elencadas.

3. Análise e discussão dos dados

Com vista a iniciar a discussão dos dados obtidos, tomemos, como ponto de partida, a contagem das quatro formas mais prevalentes de expressão da futuridade em PE nos 18 textos selecionados. Os resultados obtidos são apresentados no quadro que a seguir se apresenta:

Quadro 1: Contagem das diferentes formas verbais que exprimem futuridade no *corpus* selecionado¹⁴

Texto	<i>Ir + Inf</i>	<i>Ir Fut + Inf</i>	FS	PF
Texto 1	0	1	3	5
Texto 2	4	0	3	0
Texto 3	7	0	0	0
Texto 4	3	0	6	0
Texto 5	2	0	0	2
Texto 6	1	2	2	0
Texto 7	0	0	2	0
Texto 8	3	0	13	4
Texto 9	0	1	4	0
Texto 10	2	0	1	0
Texto 11	1	0	3	0
Texto 12	0	0	4	4
Texto 13	6	0	10	5
Texto 14	2	0	1	0
Texto 15	4	0	5	0
Texto 16	4	0	3	1
Texto 17	5	0	0	3
Texto 18	0	1	0	2
Totais	44	5	60	26
Títulos dos artigos	9	0	3	6

Fonte: elaboração do autor

¹⁴ No quadro, *ir + Inf* representa a construção *ir + infinitivo* (tipicamente no presente, embora tenhamos incluído também um caso em que *ir* surge na forma infinitiva); *ir Fut + Inf* remete para a estrutura *ir* no futuro + infinitivo; FS designa o futuro simples e PF o presente com valor de futuro. Como já foi dito, a construção *haver de + infinitivo* está completamente ausente do nosso *corpus*.

Uma primeira observação, algo surpreendente, tendo em conta o que tem sido referido na literatura acerca da substituição da forma sintética “tradicional” pela estrutura *ir* (no presente) + infinitivo, não só para o PE (cf. OLIVEIRA, 1986; 2013), mas também para o PB (cf. GIBBON, 2002; OLIVEIRA, 2006; POPLACK; MALVAR, 2007; TESCH, 2011) e inclusivamente para o espanhol (cf. SOBCZAK, 2015), prende-se com a prevalência dos casos de futuro simples – com um total de 60 ocorrências –, que suplantam a construção perifrástica, a qual aparece apenas 44 vezes¹⁵. Curiosamente, e se tivermos em consideração apenas os títulos dos artigos, os números invertem-se: a construção *ir* + infinitivo ocorre 9 vezes, ao passo que o futuro simples surge somente em 3 casos¹⁶.

Isto significa que, independentemente da análise semântica que possa ser atribuída a cada ocorrência particular, o futuro simples está longe de poder ser considerado uma forma verbal residual em PE, continuando, pelo contrário, a ser amplamente utilizado, pelo menos no que diz respeito aos textos escritos de natureza informativa. Este parece ser um ponto de divergência entre o PE e o PB, na medida em que, de acordo com a bibliografia consultada, o futuro simples parece estar em franca regressão na variedade americana, embora, em alguns casos, as autoras atrás mencionadas notem ainda a subsistência de diferenças entre o que se passa no registo formal e informal da língua.

Tal como esperado, e dadas as restrições contextuais a que se encontra sujeito, em termos numéricos, o presente com valor de futuro ocupa, no *corpus* que nos serviu de base, a terceira posição, com 26 ocorrências, sendo a construção *ir* no futuro + infinitivo a menos prevalente, com apenas 5 casos atestados.

3.1. Pontos de contacto e de afastamento entre as formas verbais que expressam futuridade

Tal como seria de prever, tendo em conta tudo o que é referido na literatura, também no nosso *corpus* a estrutura *ir* no presente + infinitivo veicula informação de cariz eminentemente temporal. Observem-se os seguintes exemplos ilustrativos:

(19) O Centro Histórico de Gaia vai ter um novo controlo de acesso de veículos. (texto 11)

(20) A peça vai ter tradução em Língua Gestual Portuguesa e vai ter audiodescrição para tornar o espetáculo acessível a todos os públicos e vai ter ainda legendas em inglês. (texto 17)

¹⁵ Note-se, no entanto, que estamos face a textos escritos com algum grau de formalidade, o que pode justificar a comparência, ainda muito significativa, das formas de futuro simples, em linha, aliás, com o que foi sugerido por Oliveira (2006) em relação a textos brasileiros da década de 1990. A frequência relativamente alta desta forma verbal em dados da escrita parece manter-se em textos portugueses e brasileiros do século XXI, tal como observado em Oliveira (2011), num artigo em que a autora compara produções escritas do PE e do PB e em que conclui, baseada na análise de dados de textos jornalísticos, que ambas as variedades seguem percursos coincidentes no que respeita à substituição gradual de formas do futuro simples pela construção perifrástica *ir* + infinitivo.

¹⁶ Não sendo nossa intenção, de momento, explorar esta questão, colocaremos, tentativamente, a hipótese de que os títulos, utilizados para chamar a atenção do leitor, se encontram mais próximos de um registo menos formal do que o restante corpo da notícia, o que justificaria a clara prevalência da forma perifrástica e o contraste observado.

Em frases como as de (19)-(20), a principal função de *ir* + infinitivo parece ser a de localizar as situações num intervalo futuro, mesmo na ausência de adverbiais temporais explícitos que o delimitem. Uma leitura essencialmente modal afigura-se, pois, pouco ajustada, como a inadequação da paráfrase em (21) para descrever o significado de (19) confirma:

(21) O Centro Histórico de Gaia # pode / # deve ter um novo controlo de acesso de veículos.

Este valor temporal inerente à estrutura *ir* + infinitivo parece sair reforçado quando estão presentes adverbiais temporais que circunscrevem o intervalo de localização das eventualidades descritas:

(22) A cidade do Porto vai acolher, em outubro de 2021, o Festival WOMEX – The World Music Expo, um dos eventos mundiais mais importantes para os profissionais da indústria da música (...). (texto 8)

Não sendo frequente a comparência da construção *ir* + infinitivo em contextos em que predomina a modalidade, não deixa, contudo, de ser perfeitamente possível encontrá-la em sequências em que recebe uma interpretação modalizada. No nosso *corpus* podemos destacar um exemplo como o que a seguir apresentamos:

(23) Todavia, avisa que a peça revela “algumas deformidades da alma humana” e que é necessário que os pais saibam preparar os filhos para o que vão ver. (texto 17)

Numa frase como esta, parece plausível defender a ideia de que estamos perante uma estrutura condicional implícita, na linha do que é proposto para a interpretação de certas construções similares com o futuro simples (cf. OLIVEIRA, 1986). Assim, a paráfrase mais apropriada para (23) seria “Todavia, avisa que a peça revela «algumas deformidades da alma humana» e que é necessário que os pais saibam preparar os filhos para o que vão ver [se forem assistir à representação].”.

Também o futuro simples é muitas vezes utilizado com uma função essencialmente temporal, neste caso em variação com a construção *ir* + infinitivo, com que parece estar em competição, promovendo a localização das eventualidades com que coocorre num intervalo posterior ao momento da enunciação, sobretudo quando estão presentes adverbiais ou outras expressões equivalentes que especifiquem o período de tempo em questão:

(24) No próximo verão, o músico dará ainda três concertos com o grupo Ornatos Violeta. (texto 2)

(25) Será a 13 de Agosto que será anunciado o Note 5. (texto 4)

Tomando uma frase como (25), observamos que a paráfrase presente em (26) parece ser bem mais adequada do que aquela que é oferecida em (27), o que, em certa medida, confirma a predominância do valor temporal associado a exemplos como este:

(26) Vai ser a 13 de Agosto que vai ser anunciado o Note 5.

(27) # Pode / # Deve ser a 13 de Agosto que # pode / # deve ser anunciado o Note 5.

Mesmo na ausência de adverbiais temporais que remetam para a posterioridade, não é difícil encontrar no *corpus* que reunimos exemplos em que o futuro simples desempenha uma função eminentemente temporal, como aqueles que se apresentam em seguida:

(28) Será, ainda, requalificado o lago, “através da impermeabilização do leito e instalação de um novo sistema de recirculação da água”. (texto 7)

(29) Em convívio, os participantes serão desafiados, através de diferentes materiais e abordagens, a representar aquilo que os rodeia. (texto 13)

Uma sequência como (30), em que o futuro simples é substituído pela estrutura *ir* no presente + infinitivo, parece constituir uma paráfrase bem mais adequada para dar conta de um exemplo como (29) do que aquela que se apresenta em (31), em que figuram verbos modais:

(30) Em convívio, os participantes vão ser desafiados, através de diferentes materiais e abordagens, a representar aquilo que os rodeia.

(31) Em convívio, os participantes # devem / # podem ser desafiados, através de diferentes materiais e abordagens, a representar aquilo que os rodeia.

Dados como estes revelam que, pelo menos no tipo de textos que estamos a analisar, o futuro simples continua a receber interpretações de índole eminentemente temporal, em certa medida equivalentes àquelas que observámos para *ir* no presente + infinitivo, tendo como principal função a de localizar as situações com que coocorre num intervalo posterior ao momento da enunciação.

No entanto, no que respeita à forma sintética, e em claro contraste com a estrutura *ir* + infinitivo, são igualmente frequentes leituras que conjugam a localização futura das eventualidades com um valor claramente modal, como os exemplos seguintes ilustram:

(32) Com a Linha Rubi, a rede de Metro ganhará mais de 12 milhões de clientes anuais – 10 mil dos quais estudantes que, agora, terão acesso mais facilitado ao Pólo Universitário do Campo Alegre e às faculdades de Arquitectura, de Ciências e de Letras. (texto 1)

(33) O secretário de Estado adianta que até maio não haverá dinheiro para apoiar a internacionalização, num quadro de “total normalidade”. (texto 16)

No exemplo (32), “a rede de Metro ganhará mais de 12 milhões de clientes” parece equivaler a “a rede de Metro pode / deve ganhar mais de 12 milhões de clientes”, obtendo-se, assim, uma leitura em que predomina a expressão da modalidade epistémica, dado tratar-se, essencialmente, de uma suposição ou de uma estimativa que carece de posterior confirmação. Tal interpretação conjuga-se com o uso de um segundo futuro, “estudantes que, agora, terão acesso mais facilitado ao Pólo Universitário do Campo Alegre”, igualmente comutável por um verbo modal – “estudantes que, agora, podem ter acesso mais facilitado ao Pólo Universitário do Campo Alegre” –, mas, neste caso, acrescentando ao valor epistémico já observado uma leitura de modalidade externa ao participante, i.e., remetendo para a necessidade de se encontrarem reunidas certas condições, exteriores aos intervenientes da situação, que eventualmente poderão conduzir à sua realização (cf. OLIVEIRA; MENDES, 2013). Sublinhe-se que, apesar da presença do adverbial “agora”, ambas as proposições remetem para eventualidades posteriores ao momento da enunciação, como a leitura integral do texto deixa bem claro, conjugando-se, em torno da forma de futuro simples, valores tanto temporais quanto modais.

Uma interpretação epistémica parece igualmente estar disponível para um exemplo como (33), parafraseável por (34), em que, ao valor de temporalidade futura, se acrescenta informação que remete para a expressão da incerteza em relação à efetiva concretização da situação descrita:

- (34) O secretário de Estado adianta que até maio não deve haver dinheiro para apoiar a internacionalização, num quadro de “total normalidade”.

Particularmente interessante é um exemplo como (35), em que se combinam duas formas de futuro simples com interpretações notoriamente diferentes:

- (35) Resta apenas saber o preço a que o Note 5 chegará ao mercado, mas comparando com os modelos passados este será também elevado, tal como a restante oferta da Samsung e também da concorrência directa. (texto 4)

Na primeira ocorrência de futuro simples temos um caso evidente de uma leitura de índole temporal, dado que se procede essencialmente à localização futura da situação (não são colocadas reservas quanto à chegada do Note 5 ao mercado, não havendo, por isso mesmo, lugar à modalização da situação), ao passo que a segunda forma de futuro simples parece remeter para um valor epistémico, reforçando um certo grau de incerteza quanto ao preço concreto do equipamento, pelo que (36) parece ser uma paráfrase mais adequada do que (37):

- (36) Resta apenas saber o preço a que o Note 5 vai chegar ao mercado, mas comparando com os modelos passados este pode / deve ser também elevado, tal como a restante oferta da Samsung e também da concorrência directa.

- (37) Resta apenas saber o preço a que o Note 5 # pode / # deve chegar ao mercado, mas comparando com os modelos passados este vai ser também elevado, tal como a restante oferta da Samsung e também da concorrência directa.¹⁷

No que respeita ao presente com valor de futuro, diferentemente do que sucede com as restantes formas até aqui analisadas, verificamos que o seu licenciamento depende, em muitos casos, da presença de um adverbial temporal ou de uma qualquer expressão equivalente que remeta inequivocamente para um intervalo de tempo posterior ao momento da enunciação. É o que podemos constatar em exemplos como o que se segue:

- (38) De 27 a 31 de outubro de 2021, as músicas do mundo invadem o Porto. (texto 8)

Quando um adverbial temporal não se encontra explicitamente representado na sequência, a leitura futurativa do presente do indicativo parece estar sujeita a fortes restrições. No nosso *corpus*, ela é encontrada apenas ou em configurações em que o presente coocorre em contiguidade com formas verbais que remetem explicitamente para a posterioridade (cf. (39)) ou se, no contexto em que surge a frase em questão, foram já introduzidas indicações claras de prospetividade (cf. (50)):

- (39) Nos museus Guerra Junqueiro, do Vinho do Porto e Casa do Infante, entre linhas, formas e cores é proposto aos visitantes uma paisagem contemporânea de um Porto antigo. A oficina será orientada pelo Coletivo Arisca e destina-se aos mais novos, com mais de três anos. (texto 13)
- (40) O Ballet Nacional da China apresenta-se em Portugal com três peças do seu repertório: o segundo ato de “Giselle”, uma obra do Romantismo, “The Yellow River”, de Chen Zemei (...) e “Carmen,” do coreógrafo francês Roland Petit. (texto 18)

Na sequência (39), a presença do futuro simples na situação que ocorre na proximidade parece contribuir decisivamente para a interpretação futurativa das formas de presente que aí comparecem. Quanto a (40), é o contexto que facilita a leitura de posterioridade que lhe está associada, o que poderá ser facilmente confirmado pela leitura integral do texto 18.

Dados como estes apontam no sentido de corroborar a ideia, avançada na secção 1, de que o presente do indicativo, por si só, dificilmente desencadeia uma interpretação futurativa, necessitando de outros elementos, linguísticos ou extralinguísticos, capazes de a induzir.

¹⁷ Embora leituras exclusivamente modais do futuro simples, em que a validade da proposição é avaliada em relação ao momento da enunciação e não a um intervalo futuro, do género das construções hipotéticas ou conjecturais investigadas por linguistas como Martin (1981), Dendale (2001) ou Laca (2017), estejam igualmente disponíveis para o PE, nenhum caso foi atestado no nosso *corpus*.

Já a obrigatoriedade de uma certa proximidade com o momento da enunciação não parece ser totalmente confirmada. Na realidade, embora esta relação se revele preferencial, existem casos em que a conexão com o ponto de fala não se mostra muito evidente (cf. (41)):

- (41) É «sobretudo, uma história de ambição, uma história de poder e como chegar até lá de forma, mais ou menos desastrosa», contou, em entrevista, à Lusa Nuno Carinhas, encenador da peça que se estreia no dia 01 de junho no Teatro Nacional São João (TNSJ), no Porto, e fica em cena até dia 22 do mesmo mês. (texto 17)

Uma outra propriedade comumente atribuída ao presente com valor de futuro prende-se com o alto grau de certeza atribuído às eventualidades envolvidas. Embora, na generalidade, esta característica se confirme nos exemplos retirados do nosso *corpus*, subsistem, contudo, casos em que uma leitura modal parece ser perfeitamente adequada. É o que sucede em (42):

- (42) Em termos directos, cada euro de investido resulta (= deve resultar) em três euros e meio de vantagens económicas para os cidadãos. (texto 1)

Em suma, a partir da breve análise efetuada, somos levados a concluir que o presente com valor de futuro parece, de facto, estar condicionado pela coocorrência com informação linguística ou contextual que valide a criação de um cenário prospetivo. No entanto, a sua dependência do momento da enunciação em termos de proximidade nem sempre se verifica. O mesmo se poderá afirmar em relação à expressão de um alto grau de certeza que tipicamente lhe é atribuído¹⁸. Embora estejamos conscientes de que será necessário recolher dados de um *corpus* mais alargado e representativo, parece-nos lícito assumir que as propriedades que têm sido avançadas na literatura para a caracterização do presente futurativo se constituem mais como tendências interpretativas gerais do que propriamente como condicionalismos.

3.2. Casos de coocorrência de diferentes formas expressando futuridade

Em muitas das sequências textuais que compõem o nosso *corpus*, podemos observar a coocorrência de diferentes formas que expressam futuridade interagindo entre si. Na presente subsecção, iremos concentrar a nossa atenção em casos em que as formas de futuro simples e da construção *ir* + infinitivo surgem em contiguidade. Veremos que existem contextos em que ambas manifestam significados idênticos e outros em que dão origem a leituras divergentes.

No exemplo que a seguir apresentamos, tanto *ir* + infinitivo quanto o futuro simples expressam valores essencialmente temporais de localização das situações num intervalo posterior ao momento da enunciação, não se verificando, pelo menos em termos semânticos, uma diferença significativa na escolha entre uma ou outra forma:

¹⁸ Vejam-se, a este respeito, as observações efetuadas por autores como Oliveira, 2006; Tesch, 2011; Gibbon, 2014 e sobretudo Lucchesi; Rocha, 2022.

- (43) O Largo de São Domingos será invadido por estátuas vivas que vão exaltar os ofícios da tradição portuense. (texto 13)

Neste caso não parecem existir diferenças significativas no que respeita à interpretação das formas utilizadas para expressar futuridade. O mesmo não se pode dizer, contudo, de sequências como as apresentadas em (44) e (45):

- (44) A cidade do Porto vai acolher, em outubro de 2021, o Festival WOMEX – The World Music Expo, um dos eventos mundiais mais importantes para os profissionais da indústria da música, com mais de 26 anos de história, numa estreia absoluta em Portugal, que trará milhares de participantes à Invicta, oriundos de mais de 90 países. (texto 8)
- (45) Portugal vai começar este ano a dar os primeiros passos para a criação da rede nacional quântica, que garantirá a segurança das comunicações no espaço nacional, com a instalação em Lisboa de quatro “nós” num conjunto de organismos governamentais. (texto 15)

Na verdade, nestas duas sequências, o futuro simples parece receber uma leitura que, de alguma maneira, remete para a modalidade epistémica, contrastando com a estrutura *ir* + infinitivo, que continua a ser preferencialmente interpretada como um localizador temporal. Assim, em (44), o grau de certeza atribuído à situação de “a cidade do Porto acolher o festival WOMEX” é claramente superior ao conferido à eventualidade de “trazer milhares de participantes à Invicta”. Caso semelhante é o de (45), em que o grau de certeza atribuído a “Portugal começar a dar os primeiros passos para a criação da rede nacional quântica” é superior ao de “garantir a segurança das comunicações no espaço nacional”. A confirmar esta divergência de interpretações associadas a *ir* + infinitivo, com uma leitura de localização temporal, e ao futuro simples, com uma leitura que aponta para valores essencialmente modais, apresentamos as paráfrases em (46) e (47), que parecem corresponder ao significado preferencial dos exemplos em questão:

- (46) A cidade do Porto vai (# deve) acolher, em outubro de 2021, o Festival WOMEX – The World Music Expo, um dos eventos mundiais mais importantes para os profissionais da indústria da música, com mais de 26 anos de história, numa estreia absoluta em Portugal, que trará (= deve trazer) milhares de participantes à Invicta, oriundos de mais de 90 países.
- (47) Portugal vai (# deve) começar este ano a dar os primeiros passos para a criação da rede nacional quântica, que garantirá (= deve garantir) a segurança das comunicações no espaço nacional, com a instalação em Lisboa de quatro “nós” num conjunto de organismos governamentais.

Em suma, os valores semânticos que observámos serem característicos das formas que estamos a analisar parecem manter-se inalterados quando elas interagem entre si. Nesse sentido, a construção *ir* + infinitivo veicula consistentemente a informação de localização temporal futura das eventualidades com que se combina, ao passo que o futuro simples alterna entre uma leitura essencialmente temporal e uma interpretação que remete para a modalidade epistémica¹⁹.

4. Considerações finais

Observamos que, em textos escritos de cariz noticioso, a forma de futuro sintético manifesta ainda grande vitalidade, expressando não apenas valores modais, mas dando igualmente origem a leituras de natureza essencialmente temporal, i.e., cuja função primordial é a de estabelecer a localização de uma dada situação num intervalo posterior ao momento da enunciação. Tal como tem sido sugerido na literatura, o futuro simples mostra-se uma forma mais apta para a expressão da modalidade, embora, em grande parte dos casos, se encontre simultaneamente associado a uma clara componente temporal de prospetividade. Por seu lado, a construção *ir* + infinitivo manifesta propriedades semânticas mais restritivas, sendo normalmente usada para veicular tempo futuro. Vimos, porém, que pode igualmente integrar construções modais, embora sujeita a condições de ocorrência bastante específicas. Em particular, não exprime tipicamente modalidade epistémica.

Relativamente ao presente do indicativo com valor de futuro, constatámos que a principal restrição a que está sujeito diz respeito à ocorrência de informação linguística ou contextual que estabeleça inequivocamente um domínio posterior ao momento da enunciação. Fatores comumente apontados na literatura para a sua caracterização, como a proximidade a *t0*, a integração em predicacões agentivas ou um alto grau de certeza, ainda que possam ser encarados como facilitadores para a sua comparência, não parecem caracterizar este uso do presente em termos estritamente semânticos.

Embora as configurações que exprimem futuridade aqui analisadas difiram em vários aspetos do seu significado básico, não deixam, contudo, de manifestar, de um modo bastante evidente, propriedades comuns, o que se reflete no estabelecimento do mesmo tipo de relações gramaticais em muitos dos contextos observados. Assim, talvez estejamos a assistir a um processo de especialização das diferentes formas verbais que remetem para a futuridade em PE, processo esse que, no entanto, se encontra ainda em curso, o que se pode comprovar pela facilidade com que, sob certas condições, estas estruturas são intermutáveis entre si.

Referências

ALARCOS LLORACH, Emilio. *Gramática de la lengua española*. Madrid: Real Academia Española / Espasa Calpe, 1994.

¹⁹ Um(a) revisor(a) deste trabalho coloca a interessante hipótese, com que estou plenamente de acordo, de que o futuro simples acaba por ser mais recorrente nos dados observados devido ao facto de que, para além da sua função estritamente temporal, surge frequentemente em contextos em que prevalece a modalidade epistémica, ao passo que a construção *ir* + infinitivo se restringe a sequências em que está em causa a localização temporal das situações descritas.

COPLEY, Bridget. *The semantics of the future*. New York: Routledge Outstanding Dissertations in Linguistics, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9780203880258>.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do Português contemporâneo*. Lisboa: Edições Sá da Costa, 1984.

CUNHA, Luís Filipe. *Semântica das predicções estativas: para uma caracterização aspectual dos estados*. Dissertação de doutoramento, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004. Publicado Munique: Lincom Europa, 2007.

CUNHA, Luís Filipe. Frequentative and habitual structures: similarities and differences. In: SCHNEDECKER, Catherine; ARMBRECHT, Constanze (eds.), *La quantification et ses domaines Actes du Colloque de Strasbourg*. Paris: Honoré Champion Éditeur, 2012. pp. 339-352.

CUNHA, Luís Filipe. The expression of futurity in Spanish and Portuguese: similarities and differences. *Borealis – An International Journal of Hispanic Linguistics*, v. 11, n. 1, pp. 101-39, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.7557/1.11.1.6195>.

DECLERCK, Renaat. *Tense in English: its structure and use in discourse*. Londres / Nova York: Routledge, 1991.

DECLERCK, Renaat. *The grammar of the english tense system: a comprehensive analysis*. Berlim: Mouton de Gruyter, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/9783110199888>.

DENDALE, Patrick. Le futur conjectural versus *devoir* épistémique: différences de valeur et restrictions d'emploi. *Le Français Moderne*, v. 69, n. 1, pp. 1-20, 2001.

DOWTY, David R. *Word meaning and Montague grammar*. Dordrecht: Reidel Publishing Company, 1979. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/978-94-009-9473-7>.

FALAUS, Anamaria; LACA, Brenda. Les formes de l'incertitude. Le futur de conjecture en espagnol et le présomptif futur en roumain. *Revue de linguistique romane*, v. 78, pp. 313-66, 2014.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. 2. ed., S. Paulo: Parábola Editorial, 2008.

GENNARI, Silvia. Semantics and pragmatics of future tenses in Spanish. In: CAMPOS, Héctor; HERBURGER, Elena; MORALES-FRONT, Alfonso; WALSH, Thomas J. (eds.), *Hispanic Linguistics at the Turn of the Millennium: Papers from the 3rd Hispanic Linguistics Symposium*. Somerville: Cascadilla Press, 2000. pp. 264-81.

GENNARI, Silvia. Spanish past and future tenses: Less (semantics) is more. In: GUTIÉRREZ-REXARCH, Javier (ed.), *From Words to Discourse: Trends in Spanish Semantics and Pragmatics*. Oxford: Elsevier, 2002. pp. 21-36. Disponível em: https://doi.org/10.1163/9780585475295_004.

GIANNAKIDOU, Anastasia; MARI, Alda. A two dimensional analysis of the future: modal adverbs and speaker's bias. In: ALONI, Maria; FRANK, Michael; ROELOFSEN, Floris (eds.), *Proceedings of the 19th Amsterdam Colloquium 2013*, 2013. pp. 115-22.

GIANNAKIDOU, Anastasia; MARI, Alda. A unified analysis of the future as epistemic modality: the view from Greek and Italian. *Natural Language & Linguistic Theory*, v. 36, n. 1, pp. 85-129, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11049-017-9366-z>.

GIBBON, Adriana de Oliveira. *Trajectoria de gramaticalização da perífrase ir (presente) + infinitivo no domínio funcional do futuro: análise sincrônica e diacrônica em amostras de fala e escrita gaúchas*. Dissertação de doutoramento, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

GIOMI, Riccardo. *Para uma caracterização semântica do futuro sintético românico: Descrição e análise dos valores do futuro do indicativo em Português e em Italiano*. Dissertação de mestrado, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2010.

KAMP, Hans; REYLE, Uwe. *From discourse to logic*. Introduction to model-theoretic semantics of natural language, formal logic and discourse representation theory. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1993. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/978-94-017-1616-1>.

LACA, Brenda. Variación y semántica de los tiempos verbales: el caso del futuro. In: CABREJAS, Belén Almeida; CANALES, Ana Blanco; SÁNCHEZ, Jairo Javier García; LÓPEZ, María Dolores Jiménez (eds.), *Investigaciones actuales en lingüística*. Vol. II: Semántica, Lexicología y Morfología. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2017. pp. 159-92.

LUCCHESI, Dante; ROCHA, Franciane. O emprego do presente como um nicho estrutural da mudança que afeta a expressão do futuro no Português Brasileiro. *Linguística*, v. 38, n. 1, pp. 123-42, 2022.

MARI, Alda. Disambiguating the Italian future. In: *Proceedings of The Generative Lexicon*. 2009. pp. 209-16. Disponível em: https://dokuwiki.ilc.cnr.it/sites/default/files/GL2009_Proceedings.pdf#page=223.

MARTIN, Robert. Le futur linguistique: temps linéaire ou temps ramifié? (à propos du futur et du conditionnel français). *Langages*, V. 64, pp. 81-92, 1981. Disponível em: <https://doi.org/10.3406/lgge.1981.1886>.

OLIVEIRA, Fátima. O futuro em Português: alguns aspectos temporais e/ou modais. In: *Actas do I Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 1986. pp. 353-74.

OLIVEIRA, Fátima. Tempo verbal. In: RAPOSO, Eduardo Paiva; NASCIMENTO, Maria Fernanda Bacelar do; MOTA, Maria Antónia Coelho da; SEGURA, Luísa; MENDES, Amália (orgs.), *Gramática do Português*, Vol. I, Cap. 15. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. pp. 509-53.

OLIVEIRA, Fátima; LOPES, Ana Cristina Macário. Tense and aspect in Portuguese. In: THIEROFF, Rolf (ed.), *Tense systems in European languages*, Vol II. Tübingen: Niemeyer, 1995. pp. 95-115.

OLIVEIRA, Fátima; MENDES Amália. Modalidade”. In: RAPOSO, Eduardo Paiva et al. (orgs.), *Gramática do Português*, Vol. I, Cap. 18. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. pp. 623-69.

OLIVEIRA, Josane Moreira. *O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança*. Dissertação de doutoramento, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

OLIVEIRA, Josane Moreira. A expressão variável do futuro verbal na escrita: Brasil e Portugal em confronto. *Revista da ABRALIN*, v. 10, n. 3, pp. 367-83, 2011.

POPLACK, Shana; MALVAR, Elisabete. Elucidating the transition period in linguistic change: The expression of the future in Brazilian Portuguese. *Probus*, v. 19, n. 1, pp. 121-69, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/PROBUS.2007.005>.

SANTOS, Josete Rocha dos. A variação entre as formas de futuro do presente no português formal e informal falado no Rio de Janeiro. *Revista Philologus*, ano 8, n. 22, pp. 71-86, 2002.

SILVA, Ademar. *A expressão da futuridade na língua falada*. Dissertação de doutoramento, Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Estudos da Linguagem, 1997.

SOBCZAK, Witold. Sobre la creciente presencia de la perífrasis *ir a* + infinitivo en el sistema temporal del castellano contemporáneo. *Itinerarios: revista de estudios lingüísticos, literarios, históricos y antropológicos*, v. 22, pp. 129-42, 2015.

TESCH, Leila Maria. *A expressão do tempo futuro no uso capixaba: variação e gramaticalização*. Dissertação de doutoramento, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

Para informação detalhada sobre os diferentes textos que constituem o *corpus*, por favor entrar em contacto com o autor para o endereço luisfilipeleitecunha@gmail.com

DÊIXIS SOCIAL EM REDE COMO ESTRATÉGIA PARA INTERATIVIDADE EM COMPÓSITO DE GÊNERO NO INSTAGRAM

SOCIAL DEIXIS IN NETWORK AS A STRATEGY FOR INTERACTIVITY IN GENDER COMPOSITES ON INSTAGRAM

Maria Verônica Monteiro Lima¹

Isabel Muniz-Lima²

Mayara Arruda Martins³

RESUMO

As redes sociais são atualmente um espaço midiático que oportuniza, além de entretenimento, possibilidades de expandir empreendimentos com a conquista de novos públicos. Para isso, várias estratégias textuais são empregadas para vislumbrar a intenção comunicativa do interlocutor, mas, em contexto digital, além de o enunciador visar vender um produto, por exemplo, este intenciona também engajar de alguma forma seu interlocutor ao *post*, seja fazendo-o curtir-lo, comentá-lo ou compartilhá-lo. Nesse contexto, este trabalho objetiva analisar os dêixicos sociais em rede como ferramentas de engajamento dos interlocutores em compósitos de gênero no Instagram. Para isso, apoiamos-nos no arcabouço teórico de Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), Cavalcante *et al.* (2019), Martins (2019) e Cavalcante *et al.* (2022) com contribuições acerca dos processos dêixicos, em Matos (2018) acerca das redes referenciais e em Muniz-Lima (2022) a respeito da interação em contexto digital. A pesquisa em questão é de cunho qualitativo e interpretativo. Foram selecionados cinco compósitos de gênero da mídia Instagram de perfis motivacionais. A análise permitiu constatar relação entre os dêixicos em rede e os níveis de interatividade na construção de sentidos, perceptíveis por meio das curtidas e dos comentários dos seguidores, o que mostrou, por sua vez, a interação efetiva dos interlocutores com o *post*.

PALAVRAS-CHAVE: Dêixis. Compósito de gênero. Interatividade.

ABSTRACT

Social networks are currently a media space that provides, in addition to entertainment, possibilities for expanding ventures by attracting new audiences. To achieve this, several textual strategies are used to glimpse the interlocutor's communicative intention, but, in a digital context, in addition to the enunciator aiming to sell a product, for example, he also intends to engage his interlocutor in some way with the post, whether by making it like it, comment on it or share it. In this context, this work aims to analyze network social deictics as tools for engaging interlocutors in gender composites on Instagram. To do this, we rely on the theoretical framework of Cavalcante, Custódio Filho and Brito (2014), Cavalcante *et al.* (2019), Martins (2019) and Cavalcante *et al.* (2022) with contributions about deictic processes, in Matos (2018) about referential networks and in Muniz-Lima (2022) about interaction in a digital context. The research in question is qualitative and interpretative in nature. Five gender composites from Instagram media of motivational profiles were selected. The analysis made it possible to verify a relationship between the deictics in the network and the levels of

¹ Universidade Estadual do Piauí (UESPI), mariavml@aluno.uespi.br, <https://orcid.org/0009-0001-6941-4450>.

² Universidade Federal de Alagoas (UFAL), isabel.muniz@fale.ufal.br, <https://orcid.org/0000-0003-2809-8292>.

³ Universidade Federal do Ceará (UFC), mayaramartins@alu.ufc.br, <https://orcid.org/0000-0001-5673-0780>.

interactivity in the construction of meanings, perceptible through the likes and comments of the followers, which showed, in turn, the effective interaction of the interlocutors with the post.

KEYWORDS: Deixis. Gender composite. Interactivity.

Introdução

Com os meios tecnológicos disponíveis atualmente, intensificaram-se as estratégias de interatividade ou a busca por engajamento efetivo em contexto digital. Dessa forma, a popularização das redes sociais, por exemplo, proporcionou a possibilidade de seus usuários utilizarem as ferramentas disponíveis, a depender do tipo de mídia envolvido (Instagram, Facebook, dentre outros), como uma alternativa para divulgar seus produtos ou ideias e, assim, conseguir expandir o seu negócio para um público mais amplo.

À vista disso, de uma forma geral, são observáveis várias estratégias textuais empregadas pelos locutores para compor um *post*, por exemplo, visando, por sua vez, o engajamento efetivo dos seus interlocutores. Diante disso, o presente artigo objetiva analisar os dêiticos sociais em rede como estratégia de engajamento dos interlocutores em compósitos de gênero no Instagram. Para isso, nos respaldamos em Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), Cavalcante *et al.* (2019), Martins (2019) e Cavalcante *et al.* (2022) no que diz respeito às concepções de texto e aos processos dêiticos; em Matos (2018) acerca das redes referenciais, visão esta que se integra às reflexões sobre os processos referenciais; e nos respaldamos, ainda, em Muniz-Lima (2022), que aborda uma visão acerca da interação em contexto digital segundo as concepções analíticas da Linguística de Texto.

Acreditamos que trabalhos como este, que visam contemplar noções textuais em contexto digital, podem oportunizar reflexões acerca das categorias analíticas já basilares na Linguística de Texto, como os novos redimensionamentos do efeito da *origo* dêitico desencadeados pelos textos multissemióticos, característicos do contexto digital.

O presente trabalho se encontra estruturado da seguinte forma: além da introdução e das considerações finais, a primeira seção refere-se às concepções de interação em contexto digital; a segunda seção aborda os processos dêiticos situados em rede; e a terceira seção diz respeito aos procedimentos metodológicos e, posteriormente, às análises dos compósitos de gênero no Instagram.

1. Interação em contexto digital: breves considerações

De acordo com Muniz-Lima (2022), a Linguística de Texto observa a interação em contexto digital levando em consideração as concepções de texto, gênero e interação. O texto é, segundo Cavalcante *et al.* (2019), um evento comunicativo e se configura como um “enunciado multimodal, completo, único e irrepetível, que se conclui como unidade de comunicação e que é reconhecível por sua unidade de coerência em contexto” (CAVALCANTE; SILVA; WANOLL SILVA, 2020, p. 36) e, em contexto digital, ganha especificidades próprias desse ambiente, como afirma Paveau (2021), isto é, adquirem natureza compósita (integração entre aspectos languageiros e tecnológicos), deslinearização, aumento, relacionalidade, investigabilidade e imprevisibilidade. Não é nosso foco

descrever cada fator, mas, sim, situar o leitor quanto às características de um texto em contexto digital.

Desse modo, em contexto digital, os gêneros se apresentam em compósitos e, de acordo com Muniz-Lima (2022, p. 69), a partir de uma leitura interdisciplinar com Paveau (2013), são de natureza complexa e híbrida, “compondo-se necessariamente de uma série de fatores e gestos tecnológicos”. Portanto, segundo Paveau (2021), as produções on-line ou tecnodiscursivas necessitam ser analisadas relacionando os agrupamentos ou compósitos de gêneros em que se apresentam em contexto digital.

Dentre os pressupostos marcantes da Linguística de Texto, é importante afirmar, segundo Cavalcante (2021), que o texto é desvendado na interação. Dito isso, tendo em vista as diferentes ferramentas e suportes tecnológicos disponíveis atualmente, como celular ou computador, que permitem o acesso às redes sociais (Facebook, Twitter⁴, Instagram, dentre outros), pode-se afirmar que se intensificaram as formas de interação entre interlocutores, por isso não estamos mais diante apenas de uma interação bidirecional como afirmara Goffman, uma vez que as possibilidades de interação em redes sociais desencadeiam interações para além de uma relação face a face (MUNIZ-LIMA, 2022).

Nesse sentido, Muniz-Lima, em sua tese (2022) propõe ampliar os estudos de interação, definindo-a como “um processo de coconstrução de sentidos entre os interlocutores humanos e/ou não humanos, sempre encenado, e que acontece de diferentes modos em função de uma combinação de aspectos”. Logo, segundo a autora, os sentidos também são construídos entre humanos e máquinas, uma vez que podemos conversar, por exemplo, com a “Alexa”, uma assistente virtual. Em todo processo de interação, os interlocutores, sejam eles humanos ou sejam máquinas, assumem papéis sociais diferentes, por isso a interação é sempre encenada, como tem sido aprofundado por Martins (no prelo).

Quanto à interação em contexto digital, Muniz-Lima (2022) apresenta um conjunto de fatores tecnolinguageiros (termo que diz respeito à integração entre linguagem e aspectos tecnológicos - PAVEAU, 2017) que deverão ser considerados, como o tipo de mídia, o tipo de suporte, os níveis de interatividade e os sistemas semióticos.

Para a autora, a mídia não é apenas a ferramenta que vai intermediar a interação entre os interlocutores, mas ela faz parte também da coconstrução de sentidos, uma vez que disponibiliza ferramentas tecnolinguageiras como os botões de curtir, comentar, compartilhar, tuitar/repostar, que, ao se integrarem às nossas ações linguageiras, geram efeitos de sentidos. Por isso, de acordo com Muniz-Lima (2022, p. 92), a mídia é “todo meio tecnolinguageiro que configure os processos de coconstrução de sentido entre os interlocutores, organizando a produção e recepção de textos, fazendo-os circular e associando-se às possibilidades de interatividade”. Vale ressaltar que, a depender do tipo de mídia, obtêm-se modos de interação diferentes, portanto, sentidos diferentes. A ferramenta tecnolinguageira de curtir, do Facebook, a depender do *emoji* escolhido pelo interlocutor, mostra o posicionamento deste em relação a uma postagem, por exemplo, assim como o espaço de comentários possibilita que interlocutores atuem, segundo Paveau (2021), como escritores, isto é, ao mesmo

⁴ Atual X.

tempo que são leitores, estes podem também ser produtores de textos, coconstruindo sentidos a partir de suas produções verbais ou reações acerca do *post*.

Já o suporte é observado pela autora como um dispositivo físico que participa do processo de construção da interação, a exemplo do computador, tablete ou celular. Nesse sentido, a depender do tipo de suporte, as interações se modificam, ou seja, quando acessamos o Facebook pelo computador, observamos que algumas ferramentas tecnolinguageiras são disponíveis, e outras só podem ser acessadas em outros suportes; logo, se o usuário/interlocutor desejar realizar aquela determinada ação deve recorrer a outro tipo de suporte como o celular⁵.

Muniz-Lima (2022) propõe que a interatividade é um dos fatores que configuram a interação em contexto digital. Esse aspecto diz respeito à forma com que os interlocutores se mostram efetivamente atuantes na interação – esse processo de engajamento pode ser desencadeado por ações que revelam controle do conteúdo, caráter dialogal e sincronicidade.

O controle de conteúdo é a “possibilidade de interlocutores controlarem ou reagirem de alguma forma aos textos que circulam em contexto digital” (MUNIZ-LIMA, 2022, p. 124), seja editando ou excluindo o texto do *post* ou comentário, uma vez que mídias, como o Instagram, por exemplo, detêm ferramentas para isso, ou por meio do compartilhamento. Frisa-se, segundo a autora, que, quanto mais possibilidades de reações uma mídia obtiver, maior será o grau de controle de conteúdo.

O caráter dialogal, como o próprio nome infere, diz respeito às possibilidades que os interlocutores têm para estabelecerem trocas dialogais. A ferramenta tecnolinguageira “comentar” no Facebook permite aos interlocutores interagirem com o produtor textual do *post* ou entre si, respondendo a outros interlocutores, num processo dialogal que pode ter altos níveis de sincronicidade.

Já a sincronicidade, por sua vez, diz respeito “ao tempo de resposta fornecido pelos interlocutores em uma interação, demonstrando maior ou menor nível de engajamento ativo” (MUNIZ-LIMA, 2022, p. 133). Desse modo, quanto mais rápida for a resposta dos interlocutores, maior será o nível de interatividade.

De acordo com a autora, a partir das reflexões de Santaella (2014), a natureza compósita que caracteriza os textos em contexto midiático permite que os interlocutores interajam com diferentes semioses, sejam elas oral, escrita, imagética, gestual e sonora. Semioses estas, por sua vez, que interferem diretamente na coconstrução dos sentidos em contexto digital. Neste trabalho, nos deteremos sobre a semiose imagética, buscando analisar de que maneira a escolha da imagem e do modo como ela se encontra no *post*, bem como a preferência por determinados *emojis*, permitem a interação dos interlocutores na postagem e revelam seus pontos de vista.

2. Dêixis em rede: um processo híbrido

Segundo Mondada (1994), a referenciação perpassa uma complexa rede de negociações, seja

⁵ Para aprofundamento sobre a participação do suporte na construção de sentidos em contexto digital, sugerimos a leitura de Muniz-Lima (2022) e Gonçalves e Muniz-Lima (2021).

para elaborar os objetos do discurso (os referentes), seja para encontrar a maneira mais eficaz de expressá-los. Dito isso, os objetos discursivos, segundo a autora, referem-se a tudo que se trata no texto. No entanto, de acordo com Cavalcante *et al.* (2022, p. 270), fazer referência a algo não se trata de tentar corresponder palavras a coisas do mundo, haja vista que esse processo de referenciação é uma “complexa operação de coconstrução dos sentidos”.

De acordo com Cavalcante *et al.* (2022, p. 288), a referenciação é um fenômeno que se divide em três grandes processos, descritos, em Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), como *introdução referencial, anáfora e dêixis*. Matos (2018, p. 169) propõe que esses três processos sejam analisados em rede. Conforme a autora, as redes referenciais constituem-se “entrelaçamentos de sentidos na construção dos referentes”, isto é, os referentes se relacionam entre si, constituindo uma verdadeira rede referencial, que desempenham, funcionalmente, variadas relações em consonância com os propósitos comunicativos dos produtores textuais e com a diversidade de textos.

A dêixis ocorre, de acordo com Cavalcante *et al.* (2022, p. 299), “quando os objetos de discurso são introduzidos ou retomados no texto, pressupondo, necessariamente, o contexto enunciativo perspectivado pela *origo*”, ou seja, o ponto de origem do locutor. Com base em Martins (2019), podemos dizer que a dêixis é um processo híbrido, pois situa o locutor/enunciador e também evidencia os objetos de discurso. É preciso considerar que a função dêitica não é dada somente pelas expressões dêiticas em si (eu-tu-este-aquele, dentre outros), mas é necessário levar em conta todas as pistas contextuais, inclusive, os diferentes sistemas semióticos.

E, quando situamos nossas análises no contexto tecnodiscursivo, várias estratégias linguísticas e tecnológicas podem efetivar essa *origo* dêitica e cativar um terceiro à cena enunciativa, como a imagem ou o olhar de algum personagem que constitua um *post*, por exemplo, como demonstrado por Martins e Almeida (2020) e Martins (2021). Por isso, além das marcas linguísticas que caracterizam os dêiticos, observa-se, segundo Martins (2019) e Cavalcante e Martins (2020), que a dêixis pode atuar de forma mais ampliada, sem a presença de marcas linguísticas, por isso a importância de se analisar a dêixis em uso.

Nesse contexto, consoante Martins (2019) e Cavalcante *et al.* (2022), frisamos os dois traços característicos da função dêitica: o primeiro se refere à *origo*, ou seja, ao ponto de origem do locutor e sua subjetividade, que diz respeito à capacidade do locutor em prever os papéis sociais como locutor, bem como de seu interlocutor e de um terceiro. A subjetividade também está relacionada ao posicionamento enquanto locutor como também suas tentativas de engajar os interlocutores na cena enunciativa. O segundo traço refere-se à ostensão, uma vez que inúmeros recursos semióticos podem caracterizar os usos dêiticos em consonância com os aspectos da referenciação, como a negociação dos sentidos, o apelo à memória compartilhada e os conhecimentos necessários à coconstrução da referência. Situamos, a seguir, os tipos dêiticos segundo Cavalcante *et al.* (2022), utilizando, para isso, os exemplos dos próprios autores.

O exemplo 1 nos ajuda a compreender o tripé dêitico (*ego-hic-nunc*; eu, aqui e agora). Contextualmente, os pronomes eu, aqui e agora situam quem fala, com quem se fala, onde se fala e

em que tempo se fala, estabelecendo, por sua vez, os tipos dêiticos clássicos: dêixis pessoal, dêixis espacial e dêixis temporal:

Exemplo 1: Blogueirinha do fim do mundo



Fonte: Cavalcante *et al.* (2022, p. 306).

Segundo Cavalcante *et al.* (2022), mencionando as constatações em Martins (2019), a dêixis pessoal tem a finalidade de ocasionar um “posicionamento metadiscursivo”, ou melhor, o locutor, ao enunciar, assume um papel social e se adapta a cada “campo social”, a cada campo dêitico. Em vista disso, no exemplo em questão, por mais que saibamos que a imagem e a voz (representada pela legenda) seja de Maria Bopp, o seu “eu”, ou seja, o seu papel social nesse momento enunciativo do vídeo se configura como a “blogueirinha do fim do mundo”. Nesse contexto, quando o locutor enuncia, necessariamente, ele instaura um tu (para quem se fala), com o objetivo de engajá-lo efetivamente na cena enunciativa. Na legenda do vídeo, observam-se também as expressões “hoje” e “aqui” que determinam, respectivamente, o momento temporal da enunciação e o local em que o locutor se encontra, respectivamente.

A dêixis social se refere à maneira pela qual se engaja o “tu” na cena enunciativa. Logo, esse “eu” que enuncia assume, por meio de suas escolhas languageiras e tecnológicas, posicionamentos e papéis sociais que podem revelar também polidez, explicitação (ou não) de faces dos interlocutores que participam da interação. Atentemos ao seguinte exemplo apresentando em Cavalcante *et al.* (2022):

Exemplo 2: @QG da Annita



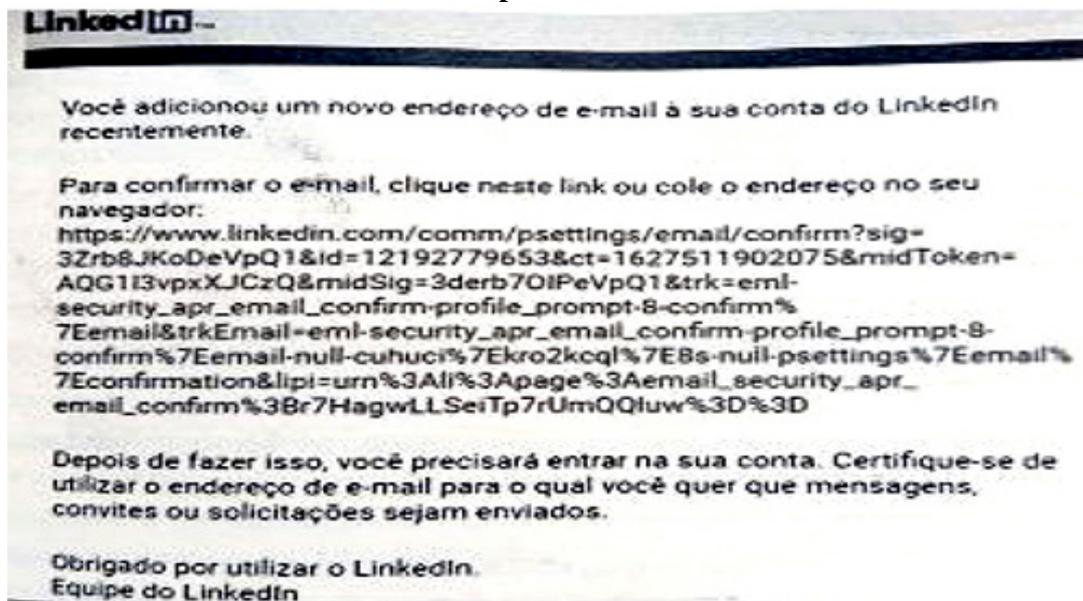
Fonte: Cavalcante *et al.* (2022, p. 308).

Tomando como base Cavalcante *et al.* (2022), podemos identificar, nessa postagem, um enunciador que utiliza a rede social Twitter/X, identificado como @QG da Annita, o qual assume posicionamentos ideológicos e se direciona a um “tu”, que, nesse caso, seriam os interlocutores, os “Anitters” da postagem, mas pode ocorrer também a presença de terceiros, ou seja, aqueles a quem a postagem não é direcionada.

De acordo com a explicação de Cavalcante, Custódio-Filho e Brito (2014, p. 88), os dêiticos sociais “são como que uma particularidade dos dêiticos pessoais”, mas se distinguem destes, pois determinam os relacionamentos entre os participantes, isto é, se será de caráter de mentor, aprendiz, cliente, vendedor, entre outros, e, a partir disso, se operam escolhas linguísticas que resultam em níveis discursivos mais polidos, íntimos ou até mesmo impolidos. Em contexto digital, muitas vezes, notabilizamos *posts* que objetivam vender uma ideia, livro, receita e que, para isso, visam, por meio de determinadas escolhas textuais, construir uma relação com seus interlocutores, seja ela de mentor/mentorando, usuário de determinado produto, especialista em vida *fitness*, dentre outros, com o intuito de engajá-los na cena enunciativa.

A dêixis textual diz respeito ao espaço do texto, onde ocorre a manifestação de pronomes demonstrativos que direcionam um apontamento para evidenciar o enunciador textual. Nesse caso, tanto o escritor como o leitor podem ser a *origo* e, a partir disso, constatar o “espaço” e o “tempo”, como é perceptível no exemplo a seguir:

Exemplo 3: LinkedIn



Fonte: Cavalcante *et al.* (2022, p. 309).

Como vemos, tanto o escritor quanto o leitor/usuário podem ser a *origo* do texto, ou seja, a pessoa que fez o texto automático (LinkedIn) e o próprio usuário, pois, por ele ter feito a ação de adicionar um novo endereço a sua conta nessa rede social, houve a geração automática da mensagem.

A dêixis memorial é também um tipo dêítico que situa o espaço e o tempo do locutor e que é ativada pela memória compartilhada dos interlocutores. Recorremos ao exemplo apresentado em Cavalcante, Custódio-Filho e Brito (2014):

Exemplo 4: Post

*E aquela hora que vc pensa em comer e descobre: Só terá comida se fizer
ahaaaaahaaaaa.....:P*

- 2

Fonte: Cavalcante, Custódio-Filho e Brito (2014, p. 96).

Nessa postagem do *Facebook*, o locutor suscita ao leitor que recorra à memória discursiva, evocada no texto por meio da expressão “aquele”. Essa memória compartilhada diz respeito ao momento em que se descobre que você está com fome e a única pessoa que pode fazer sua comida é você mesmo.

Os dêíticos fictivos também solicitam a memória compartilhada entre os interlocutores para situar a orientação espacial. Cavalcante *et al.* (2022) mostram que uma ligação por telefone em que os interlocutores devem compartilhar informações espaciais para a localização de um objeto em uma estante é um exemplo de como decorre a dêixis fictiva, apresentada na literatura especializada por Fonseca (1989).

Já os dêíticos de modo podem ser representados pelo uso de advérbios de modo, como “assim”, “dessa forma”, dentre outros, os quais direcionam modos compreendidos pelos participantes da cena enunciativa, como verificamos no exemplo a seguir:

Exemplo 5: queria tá assim



Fonte: Cavalcante *et al.* (2022, p. 311).

O advérbio “assim”, em rede com os elementos imagéticos “dois macacos abraçados”, faz aludir ao desejo tanto do locutor quanto de um possível interlocutor a estarem daquele modo que estão representados os dois macacos no exemplo 5.

Feitos esses esclarecimentos teóricos, passaremos à seção de apresentação dos procedimentos metodológicos adotados nesta contribuição e, posteriormente, à análise dos dados.

3. Procedimentos metodológicos

Para atingir nossos objetivos, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa e interpretativa dos dados, com base em um universo amostral de compósitos de gêneros no Instagram. Dito isso, estabelecemos como critério de escolha cinco *posts* de perfis que tivessem o propósito de apresentar conteúdos motivacionais, tanto relacionados à vida financeira e *fitness* quanto à vida religiosa.

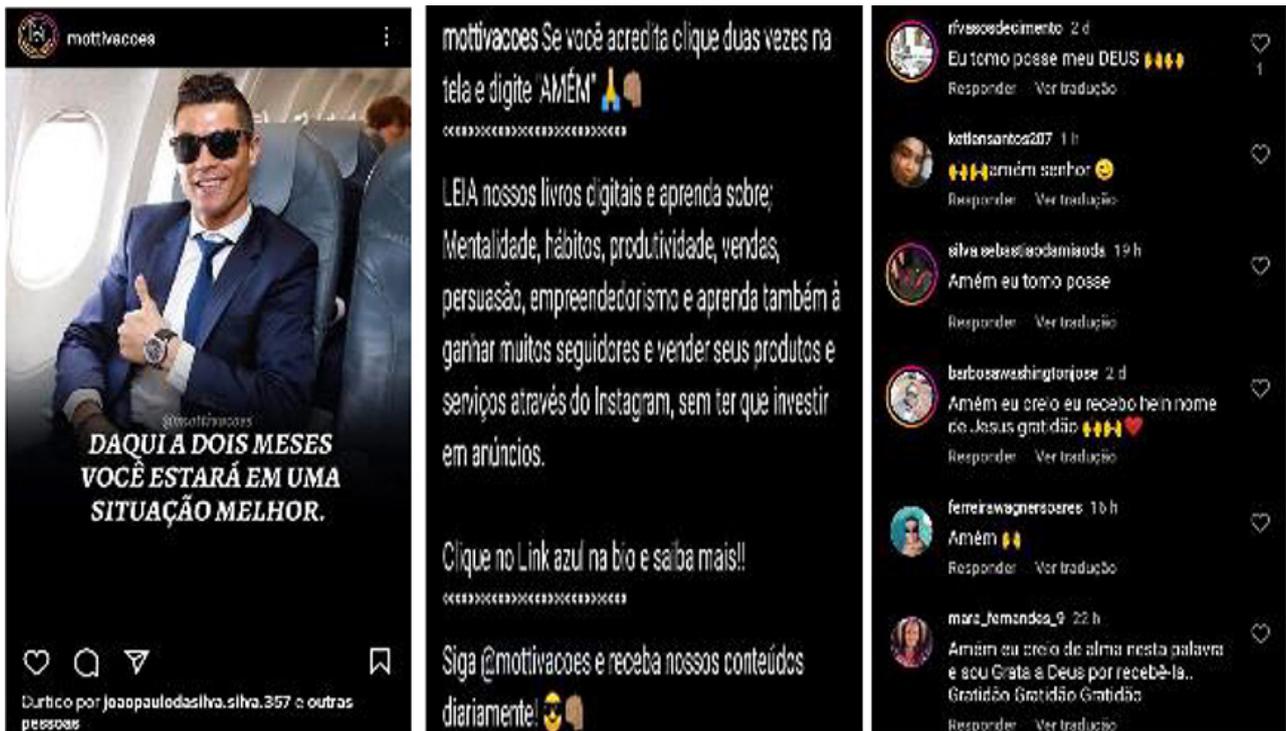
Frisamos que as amostras estão dispostas em forma de capturas de telas dos perfis. A primeira tela diz respeito ao *post* inicial; a segunda refere-se à descrição do *post*; e a terceira corresponde aos comentários. Ressaltamos que alguns exemplos são compostos de mais ou menos três imagens/cópias de tela, devido, por exemplo, à extensão da descrição do *post*.

Dessa forma, quanto aos procedimentos metodológicos, primeiramente situamos o papel social do enunciador do *post*; em seguida, pontuamos os elementos dêiticos e outros referentes, tanto do *post* como em sua descrição, enfatizando que, juntos, formam uma rede referencial que busca aumentar os níveis de interatividade ou o engajamento efetivo do interlocutor na cena enunciativa. Posteriormente, evidenciamos os comentários relacionados ao *post*, uma das ferramentas tecnolinguageiras que possibilita o caráter dialogal da interação e que pode indicar altos níveis de engajamento efetivo no processo de construção de sentidos.

4. A dêixis em rede e a interatividade no Instagram

Situamos a dêixis para analisarmos, por meio dos *posts* selecionados, como é estimulada a interatividade pelo produtor textual de seus interlocutores. Desde já, assumimos com Cavalcante *et al.* (2022), o princípio de que a dêixis não atua sozinha, mas, sim, em relação com os demais elementos em rede e que, juntos, proporcionam a interatividade nestes compósitos. Atentemos ao primeiro *post*:

Figura 1: Post, descrição do post e alguns comentários



Fonte: @mottivacoes

No conjunto de textos apresentado anteriormente, observamos que o locutor (Alessandro Pena) fala em nome de um enunciador intitulado @mottivacoes e assume o posicionamento ideológico de mentor ou especialista em sucesso de negócios, pois se propõe a transformar a vida das pessoas por meio de seus livros, como é perceptível no resumo do perfil abaixo:

Figura 2: descrição do perfil @mottivacoes



Fonte: @mottivacoes

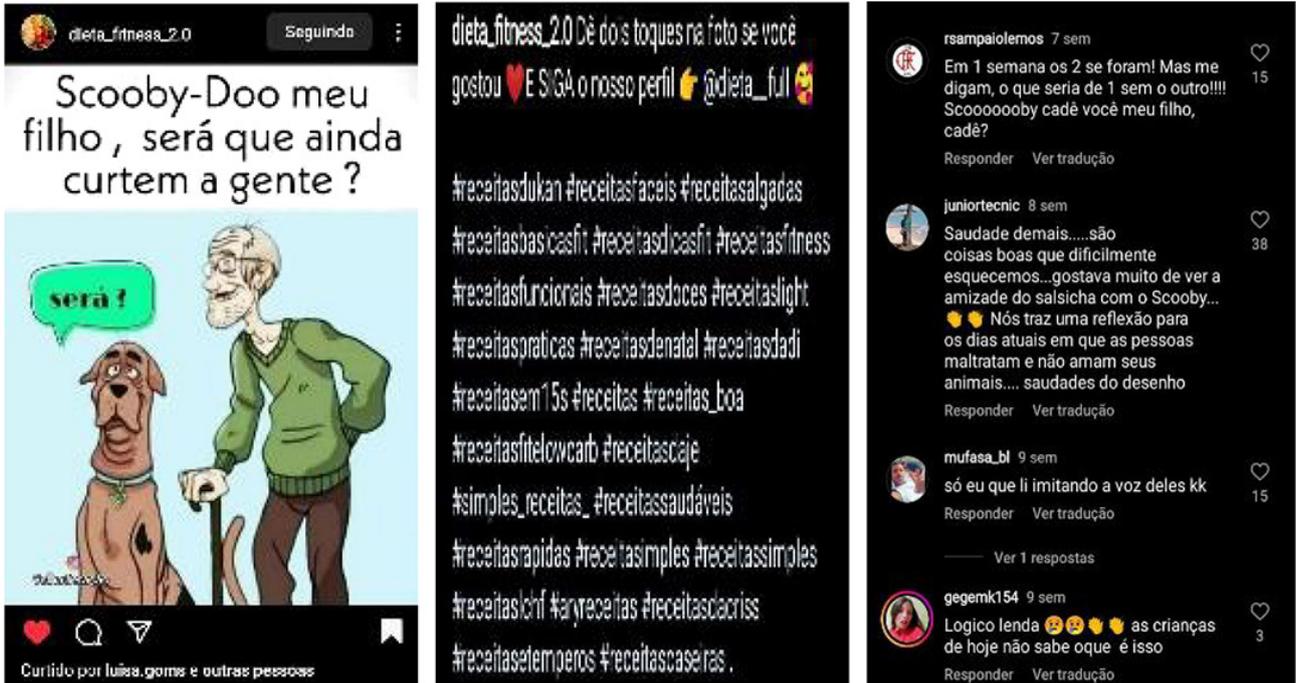
Verifica-se que, tanto no resumo do perfil como na postagem inicial e em sua descrição, o enunciador recorre a usos dêiticos pessoais (você) e ao pronome possessivo (sua) que objetivam engajar o interlocutor na cena enunciativa. No entanto, nota-se que a dêixis não atua sozinha, mas está diretamente relacionada a outros elementos da tessitura do texto, que ajudam a direcionar o dêitico pessoal à funcionalidade de aumentar os níveis de interatividade dos interlocutores, inclusive com o uso de verbos no imperativo, como “clique”, “leia” e “siga”, a conjunção condicional “se” e elementos imagéticos, como a imagem de Cristiano Ronaldo de terno em um avião como se estivesse olhando para aqueles (tu) que leem a postagem e como se ele mesmo falasse a seguinte expressão “daqui a dois meses você estará em uma situação melhor”. Todos esses nódulos, funcionalmente, promovem o engajamento dos interlocutores por meio de ações tecnolinguageiras como *curtir*, *comentar* “Amém”, *clicar* na “bio” e *seguir* o perfil para aqueles que não o seguem.

É notável na postagem iniciadora em questão, que a escolha do enunciador pela imagem de Cristiano Ronaldo, um astro muito bem-sucedido no mundo do futebol, não é por acaso. Logo, a imagem desse jogador de futebol ajuda a compor o posicionamento argumentativo do enunciador em almejar que seus interlocutores se inspirem nessa personalidade futebolística, visto pelo enunciador como um exemplo a ser seguido. Outro fator evidenciado pelo enunciador como um aspecto motivacional aos seus interlocutores são os seus livros, já que os incentiva, na descrição do *post* inicial, a comprá-los.

No entanto, para efetivar uma interatividade com níveis mais altos, o enunciador se vale, na primeira frase da descrição do *post* iniciador (“se você acredita clique duas vezes na tela e digite Amém 🙏👊”), da conjunção condicional “se” relacionada ao pronome pessoal “você”, interligada a outros elementos no cotexto, como ao verbo em segunda pessoa “acredita” e aos verbos no imperativo “clique” e “digite”, e, ainda, do *emoji* 🙏 (numa espécie de convocação do interlocutor para se engajar no que está sendo proposto), os quais, juntos, contribuem no apelo para uma participação mais efetiva de seu interlocutor, o que culminaria, por exemplo, em uma ação de curtir ou comentar o *post*. Mesmo que, na mídia Instagram, não seja possível visualizarmos a quantidade exata de pessoas que curtem a publicação, os comentários, presentes na terceira captura de tela da Figura 1, nos permitem observar que diferentes interlocutores responderam com ações práticas, efetivas ao, por exemplo, comentarem exatamente aquilo que lhes foi solicitado (digitar “Amém”) e com acréscimos de outras expressões como “eu tomo posse”, “eu creio eu recebo em nome de Jesus gratidão”, mas que se direcionam ao mesmo contexto da publicação, isto é, desencadeando motivação ou positividade.

No exemplo a seguir, observamos que nem sempre a imagem que compõe o *post* iniciador se relaciona ao que se costuma visualizar como conteúdo do perfil que o publicou. Neste exemplo (figura 3), a imagem está diretamente relacionada à tentativa de engajamento efetivo do interlocutor, isto é, de aumentar os níveis de interatividade da interação:

Figura 3: Post, descrição do post e comentários



Fonte: @dieta_fitness_2.0

O post acima foi publicado pelo perfil @dieta_fitness_2.0. Levando em consideração nosso conhecimento compartilhado e o modo como o perfil é intitulado, esperamos que o post evidencie assuntos relacionados à motivação acerca de dietas ou emagrecimento. Além disso, podemos confirmar esse pressuposto a partir da leitura da descrição do perfil a seguir, no qual o enunciador mostra que há um chá secreto (“seca barriga”) capaz de fazer uma pessoa emagrecer em 30 dias:

Figura 4: Descrição do perfil @dieta_fitness_2.0



Fonte: @dieta_fitness_2.0.

Interessante observarmos que a escolha pelos personagens Scooby-Doo e Salsicha com semblante de velhinhos (no *post* iniciador que consta na figura 3), bem como a indagação feita por Salsicha (“Scooby-Doo meu filho, será que ainda curtem a gente?”) e o diálogo com Scooby-Doo (que exclama “será!”), foi possivelmente realizada, não para mostrar conteúdos a respeito de vida fitness, mas para engajar os interlocutores na publicação, haja vista que o produtor textual admite um tu, ou seja, a decisão por destacar os dois personagens velhinhos é uma estratégia para evidenciar um público alvo (possivelmente aqueles que tiveram a infância marcada pelo desenho Scooby-Doo) e que, ao verem a publicação, são convidados a rememorar o desenho e sua infância, refletindo isso através de gestos tecnolinguageiros, como as curtidas, os comentários e as repostagens.

Logo, para desencadear maiores níveis de interatividade, observamos, neste *post*, uma interconexão de elementos junto ao dêitico “você” formada pelos aspectos imagéticos dos dois personagens em questão, pela expressão de indagação e exclamação de Salsicha e Scooby-Doo, respectivamente, bem como pelo uso do verbo no presente do indicativo “*curtem*” (na imagem do *post*), do verbo no imperativo “*dê* dois toques” (na descrição do *post*) e o dêitico pessoal “*você*” (“se você gostou”). Além disso, os interlocutores são interpelados a realizarem outro gesto tecnolinguageiro, que seria o de seguir o perfil @dieta_fitness_2.0, caso tenham gostado da publicação e queiram acompanhar novas postagens.

Em relação à interatividade vale mencionar que, mesmo que os interlocutores não sigam o perfil em questão, é possível observar um engajamento efetivo destes na publicação mediante observação do espaço dos comentários, uma ferramenta tecnolinguageira que revela o caráter dialogal e que, quando utilizada, contribui para o aumento dos níveis de interatividade nessa interação. Um dos interlocutores, por exemplo, comenta que leu o *post* “imitando a voz de Salsicha” e indaga se outros interlocutores fizeram o mesmo. Esse comentário recebeu, como vemos, até o momento da captura de tela, quinze curtidas, o que, em comparação ao número de curtidas em outros comentários, revela engajamento de outros interlocutores e possivelmente indica que concordam com o seu posicionamento.

No *post* a seguir (figura 5), observa-se uma postagem referente a um mapa numerológico. Conforme observamos na postagem iniciadora, os interlocutores que aceitam fazer o seu mapa recebem uma “assinatura cabalística de sucesso”. Nessa análise, ressaltamos como o conjunto de textos desta postagem promove, por meio de estratégias textuais, a interatividade de seus interlocutores. Na figura 5, verifica-se o uso de verbos no imperativo, como “afirme” e digite”, bem como uma frase em primeira pessoa (“Tudo vem a mim com facilidade, alegria e glória! Todo dinheiro que eu gasto volta para mim multiplicado”), com o intuito de fazer com que seus interlocutores leiam e atraiam para si alegria, glória e dinheiro. Todos esses recursos textuais estão entrelaçados entre si e, juntos, promovem o engajamento efetivo no *post* o qual, neste caso, culminou com o comentário “888”. Verificamos de que modo se deu o caráter dialogal a partir dos comentários apresentados na quinta cópia de tela (figura 5):

Figura 5: Post, descrição e comentários

williamlima_oficial Seguir

Ao fazer o seu Mapa Numerológico você recebe a sua ASSINATURA CABALÍSTICA DE SUCESSO

Você já se perguntou porque a maioria dos artistas e pessoas bem sucedidas tem nomes de trabalho?

A ASSINATURA CABALÍSTICA é um estudo personalizado baseada na sua atividade profissional para você ter sucesso e prosperidade.

Além da Atriz Paolla Oliveira, hoje você vai conhecer algumas celebridades que utilizaram a Numerologia Cabalística para ter Sucesso.

Silvio Santos

O grande empresário e comunicador Silvio Santos, tem uma história muito interessante... pois ele utilizou da numerologia para alcançar sucesso em sua vida, seu nome de batismo é Senor Abravanel, em busca de um nome mais fácil de guardar e com uma boa sonoridade, Silvio consultou um numerólogo que o aconselhou a adotar o nome Silvio santos.

Paolla Oliveira

A atriz Paolla Oliveira também passou a assinar o nome de forma diferente após consulta com numerólogo. Ela disse que foi desaconselhada a usar seu nome de batismo, Caroline Paola Oliveira da Silva, e que foi sugerido o acréscimo de um L ao Silva, e que foi sugerido o acréscimo de um L ao nome artístico.

Sheron Menezes

Foi justamente em busca de boas vibrações que, em 2010, a atriz gaúcha Sheron Menezes aderiu ao estudo dos números e alterou a grafia do sobrenome para Menezes, com dois z. Agora, Sheron tem a energia correta para prosperar e ter sucesso.

Alinne Moraes

Em 2001, após consulta com um numerólogo, a atriz Alinne Moraes acrescentou um n no seu nome almejando sucesso profissional. Então com 19 anos, ela já era modelo de sucesso, com participação em desfiles internacionais.

Agende seu Mapa Numerológico e Assinatura Cabalística

Link na bio

@williamlima_oficial

@williamlima_oficial

@williamlima_oficial

Whatsapp: 79 9 9110 - 5408

Currido por tbybarba3548 e outras pessoas

williamlima_oficial ASSINATURA CABALÍSTICA PARA PROSPERAR

#autoconhecimento #Leidaatração #sucesso
 #osegredo #osegredooficial #cabala #riqueza
 #gratidão #afirmações #Hooponopono #bemestar
 #dinheiro #espiritualidade #mentemilionária
 #quânticaeespiritualidade #fisicaquantica
 #despertarda consciencia #leidagratião
 #numerologia #numerologiacabalística
 #vidaabundante #missãodevida
 #mentalidadedesucesso #cocriação

21 de março · Ver tradução

- srjiofox3 3 sem

888

Responder

Ver 1 respostas
- _mabarreto 3 sem

888 gratidão 🙏🏻

Responder Ver tradução
- da_pb_83 3 sem

888

Responder
- jamoficial 3 sem

888

Responder
- brbsantos_ 3 sem

888 🙏🏻

Responder
- femendolucas.fonseca 3 sem

888

Responder

Fonte: @williamlima_oficial.

O caráter dialogal, revelado, no exemplo anterior, pelo número de comentários também pode gerar um outro tipo de engajamento efetivo na interação. O enunciador, por meio da descrição do *post*, torna visível o seu propósito de fazer com que os seus interlocutores comprem o seu mapa numerológico e, conseqüentemente, obtenham a assinatura cabalística de sucesso. Para cumprir esse propósito de venda, o enunciador procura engajar seus interlocutores através do dêitico “você” e mediante uma indagação: “você já se perguntou porque a maioria dos artistas e pessoas bem sucedidas tem nomes de trabalho?”, o que promove um “chamamento para o diálogo” (MUNIZ-LIMA; CATELÃO, 2023). Posteriormente, o enunciador traz exemplos de pessoas famosas, como Paolla Oliveira e Sílvio Santos, que também fizeram a “assinatura cabalística de sucesso”, a qual consiste em mudar o nome para fins profissionais. Para concretizar esse propósito, o enunciador se vale de verbos no imperativo, como em “*agende* o mapa numerológico e assinatura cabalística de sucesso”), com o possível objetivo de gerar uma ação tecnolinguageira de clique no “link na bio” ou de entrada em contato mediante acesso ao número do WhatsApp de @williamlima_oficial.

No *post* a seguir (figura 6), o enunciador intitulado @hooponoponeamor recorre ao conhecimento compartilhado acerca do significado e da representatividade do olho de Hórus (símbolo ou amuleto do Egito Antigo, que significa poder e proteção) e, a partir disso, busca alcançar determinado nível de interatividade entre seus interlocutores, seja conseguindo fazê-los comentar ou acessar o *link* indicado e, assim, garantir seu teste numerológico:

Figura 6: *post*, descrição do *post* e comentários



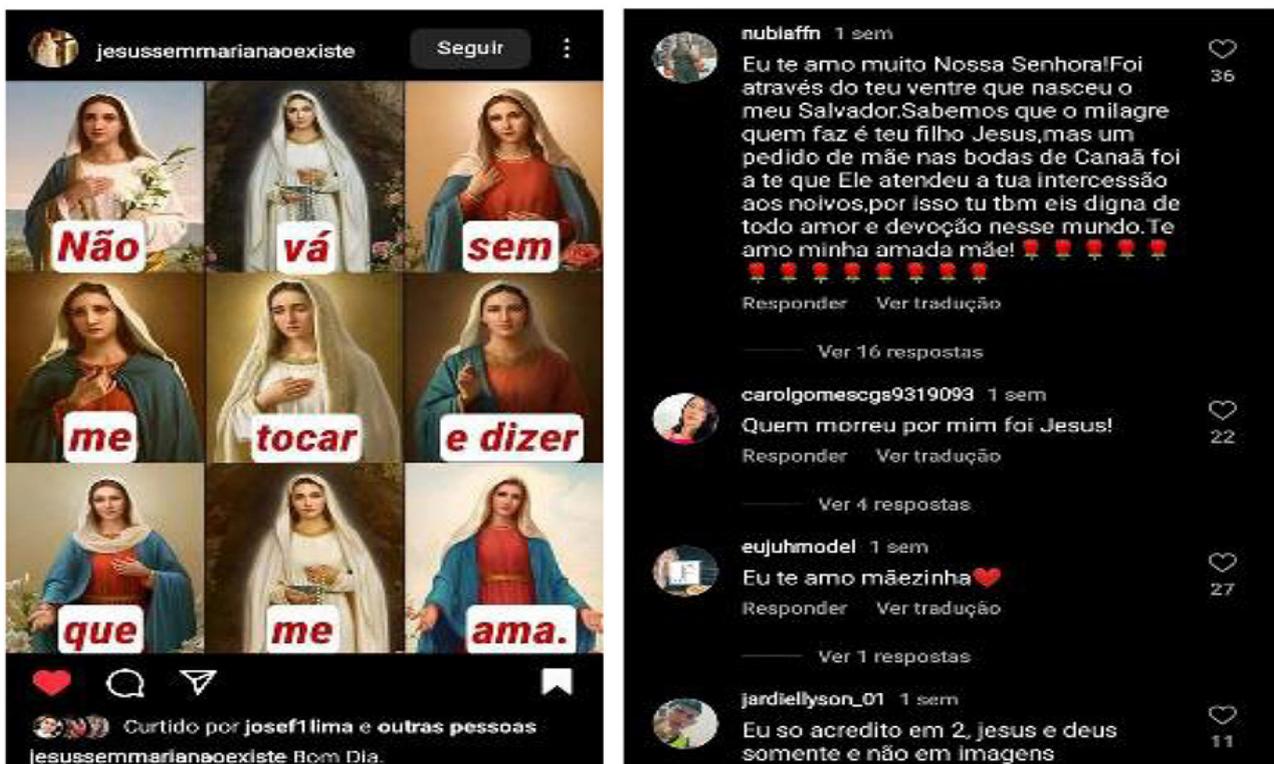
Fonte: @hooponoponeamor

Na primeira tela, verifica-se uma interconexão entre elementos do contexto. São eles: o elemento imagético (olho de Hórus), a conjunção condicional “se”, o dêitico “você”, e os verbos no imperativo “não ignore” e “digite eu recebo” que, juntos, condicionam os interlocutores a se engajarem efetivamente no *post* através de comentário com a expressão “eu recebo”, perceptível na terceira captura de tela da figura 6, na qual se observa a interatividade gerada pelos interlocutores ao comentarem “eu recebo”. Com esse gesto tecnolinguageiro, os interlocutores podem expressar que talvez acreditam que o olho de Hórus pode contribuir para atrair coisas boas.

Quanto à descrição do *post* inicial, o enunciador, mediante o uso do dêitico “você” e da indagação “você sabe qual a sua missão?”, com verbos na segunda pessoa, como “busca”, “te convido”, com pronome possessivo “sua” (sua missão de vida) e com verbo no imperativo “acesse”, procura envolver o interlocutor na cena enunciativa; portanto, seu engajamento efetivo se daria mediante a ação tecnolinguageira de “clique no *link* da bio” para realizar o teste numerológico.

No *post* a seguir (figura 7), o enunciador @jesussemmarianoexiste destaca várias imagens de Maria, mãe de Jesus, juntamente com palavras, que, ao todo, formam a seguinte frase: “não vá sem me tocar e dizer que me ama”. Logo, o modo como as palavras estão dispostas com as imagens de Maria sugere que ela mesma verbaliza a expressão em questão, o que contribui para engajar o interlocutor na cena enunciativa através de ações tecnolinguageiras, como curtir a publicação e/ou comentar que também “ama Maria”:

Figura 7: *Post* e comentários



Fonte: @jesussemmarianoexiste.

Como assevera Cavalcante *et al.* (2022), o locutor/enunciador, por meio do circuito comunicativo, projeta um tu e, com isso, contribui para revelar o posicionamento ideológico do seu interlocutor. No entanto, há também um terceiro que pode ou não concordar com o posicionamento do eu que enuncia. Diante disso, a partir da leitura dos comentários que constam na figura 7, é observável que alguns interlocutores não concordam com o posicionamento do autor (que demonstra ser católico), ao comentarem, por exemplo: “eu só acredito em 2, Jesus e Deus e não em imagens”. Com isso, o interlocutor exterioriza que, ao contrário do locutor/enunciador, ele não acredita em adoração de imagens e em Maria. Contudo, outros interlocutores, os “tus” possivelmente previstos pelo enunciador, concordam com o enunciador ao comentarem “eu te amo”.

Vale destacar que o espaço tecnolinguageiro de comentários possibilita um engajamento efetivo com o locutor/enunciador, permitindo que os interlocutores se manifestem ideologicamente a respeito do *post* e, assim, coconstruam sentidos. Em termos de interatividade, quanto mais comentários uma publicação adquire, mais visível será a outros usuários da mídia Instagram aquele *post*.

Considerações finais

Como vimos, observar a dêixis em rede nos ajuda a compreender de modo mais complexo os propósitos comunicativos do locutor do *post* e sua intenção de gerar interatividade entre os interlocutores na cena enunciativa. Essa ação de engajamento direto com o *post* pode se revelar, como vimos, através de ações tecnolinguageiras como curtir, comentar o *post* ou até mesmo clicar na “bio” do perfil e comprar um livro, uma receita ou um teste numerológico.

Como vimos através dos exemplos, nem sempre os elementos que compõem o *post* equivalem à caracterização de um perfil. Isso evidencia que o propósito do locutor/enunciador nem sempre é apenas apresentar o mesmo conteúdo, mas buscar maiores níveis de interatividade, por isso, muitas vezes, há apelo a um fato ou personagem que façam parte do conhecimento compartilhado dos seus interlocutores e que possam vislumbrar sua atenção e, assim, engajá-los efetivamente na cena enunciativa, fazendo com que estes, que não seguem o perfil, conheçam-no e venham a segui-lo.

Referências

CAVALCANTE, Mônica Magalhães *et al.* O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise. *(Con)Textos Linguísticos - Linguística Textual e Análise da Conversação: conceitos e critérios de análise*, Espírito Santo, v. 13, n. 25, 2019. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/27884/18764>. Acesso em: 8 set. 2022.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães *et al.* *Linguística Textual: conceitos e aplicações*. São Paulo: Pontes Editores, 2022.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; CUSTÓDIO-FILHO, Valdinar; BRITO, Mariza Angélica Paiva. *Coerência, referência e ensino*. São Paulo: Cortez, 2014.

CAVALCANTE, M. M.; MARTINS, M. A. Referenciação: em síntese. In: *Linguística Geral: os conceitos que todos precisam conhecer*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020.

CAVALCANTE, M. M.; MUNIZ-LIMA, I. A construção referencial em compósitos de gêneros na mídia Facebook. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 11, n. 3, e2328, pp. 1-21, set.-dez./2021. <http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321-32328>. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/2328>. Acesso em: fev. 2024.

GONÇALVES, M.; MUNIZ-LIMA, I. Tecnodiscurso, interatividade e suporte na mídia Instagram. *Calidoscópico*, v. 19, n. 3, pp. 306-19. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/23294>. Acesso em: fev. 2024.

MARTINS, M. A. *A caracterização dos tipos de dêixis como processos referenciais*. 2019. 142f - Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2019.

MARTINS, M. A. *Tecnotextualidade e campo dêitico digital – análise de aspectos interacionais e enunciativos*. 163f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, 2024..

MARTINS, M. A. *Dêixis como fenômeno de linguagem*. [Comunicação oral apresentada via plataforma digital do Google Meet no II Fórum de Debates do Grupo Prottexto. Evento *on-line*]. 2021.

MATOS, Janaica Gomes. *As redes referenciais na construção de notas jornalísticas*. 2018. 259f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2018.

MUNIZ-LIMA, I.; CATELÃO, E. M. #8dejaneiro: interatividade e argumentação em práticas tecnodiscursivas no Twitter. In: *As múltiplas dimensões das letras*. Arapiraca: Eduneal, 2023.

MUNIZ-LIMA, I. *Modos de interação em contexto digital*. Tese de doutoramento em Linguística (cotutela) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística e Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Departamento de Linguística, 2022. Disponível em <https://run.unl.pt/handle/10362/137024>. Acesso em: fev. 2024.

PAVEAU, Marie-Anne. *Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas*. COSTA, Julia Lourenço; BARONAS, Roberto Leiser (orgs). São Paulo: Pontes, 2021.

REPRESENTAÇÕES SOBRE A INFLUÊNCIA DO ORIENTADOR NA FORMAÇÃO DO PESQUISADOR NA PÓS-GRADUAÇÃO: UMA ANÁLISE DIALÓGICA DE COMENTÁRIOS *ON-LINE* DE PÓS-GRADUANDOS¹

REPRESENTATIONS ABOUT THE INFLUENCE OF THE ADVISER ON THE RESEARCHER'S EDUCATION IN GRADUATE STUDIES:
A DIALOGICAL ANALYSIS OF POST-GRADUATE STUDENTS' *ON-LINE* COMMENT

Nara Karolina de Oliveira Silva²

José Cezinaldo Rocha Bessa³

RESUMO

Interessados na compreensão em torno da rede de dizeres e sentidos sobre o fazer de orientadores e orientandos na pós-graduação e as dinâmicas de suas relações, objetivamos, neste estudo, analisar representações construídas por pós-graduandos sobre a influência do orientador na formação do pesquisador na pós-graduação. Fundamentados em princípios linguístico-filosóficos do pensamento do Círculo de Bakhtin e em trabalhos de estudiosos que tematizam a atividade de orientação na pós-graduação e a constituição do sujeito pesquisador, realizamos uma análise interpretativa de um conjunto de comentários *on-line* coletados no *Blog Pós-graduando*. A análise aponta que os dizeres expressos nos comentários reverberam que o orientador influencia decisivamente a formação do pós-graduando quando ele acompanha de forma efetiva o orientando na (re) definição do tema de pesquisa, na escrita do texto científico, nos exames de qualificação e de defesa de dissertação ou tese e ainda quando oferece condições para que o mestrando ou doutorando não desista do curso. Os resultados indicam, por fim, que um acompanhamento efetivo e a parceria entre orientador e orientando ressoam como elementos que convergem para que o pós-graduando realize uma pesquisa bem-sucedida e construa uma relação positiva com o orientador e com a própria formação no decorrer da pós-graduação.

PALAVRAS-CHAVE: Orientador. Formação do pesquisador. Pós-graduação. Comentários *on-line*. Círculo de Bakhtin.

ABSTRACT

Those who are interested in the networks of words and meanings about the relationship between student and adviser in graduate school and the dynamics of their relationships, we aim at analyzing the representations constructed by graduate students about the influence of the adviser during the researcher's education in the graduate studies. Based on linguistic-philosophical principles of the Bakhtin Circle's thought and on works by scholars who approach the activity of postgraduate advising and the constitution of the researcher, we carried out an interpretivist analysis of a number of on-line comments extracted from blog *Pós-graduando*. The analysis indicates that the sayings uttered during the comments resonate that the adviser influence decisively on the

¹ Este texto constitui um recorte, com reformulações e aprofundamentos, do trabalho de pesquisa intitulado *Significações sobre a atividade de orientação na Pós-Graduação: uma análise dialógica de comentários on-line de pós-graduandos*, desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/Campus Avançado de Pau dos Ferros.

² Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), karolinanara7@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-5306-4161>

³ Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), cezinaldobessa@uern.br, <https://orcid.org/0000-0003-4655-6832>

education of the graduate student when he/she effectively accompanies the advisee in the (re)definition of the research theme, in the writing of the scientific text, in the qualification exams and defense of the dissertation or thesis and even when he offers conditions for the master's or doctoral student, don't give up the course.

KEYWORDS: Advisor. Researcher Education. Graduate studies. On-line reviews. Bakhtin Circle.

Introdução

Com cada vez mais frequência, temos escutado de pós-graduandos, em salas de aulas, em encontros de orientação, nos corredores da universidade, em palestras e encontros de pesquisa, em espaços de interações *on-line* (seja em *blogs*, seja em comunidades ou em grupos do *facebook*, dentre outros), que a formação na pós-graduação *stricto sensu* tem sido, para muitos estudantes, uma experiência extremamente desafiadora, sofrida, angustiante e, até mesmo, um verdadeiro martírio.

Embora tenhamos acumulado uma expressiva e relevante produção científica sobre essa temática em nosso país (ver, dentre outros, os trabalhos reunidos em Bianchetti e Machado (2002), a atividade de orientação na pós-graduação se mostra ainda uma problemática sobre a qual pairam muitos questionamentos e inquietações. Não por acaso, na pluralidade de vozes que ecoa em nosso meio, a influência negativa do orientador apareça, geralmente, como uma das queixas de pós-graduandos para o insucesso no mestrado ou no doutorado, quando não para o sofrimento e/ou adoecimento (BRAMBILA, 2019; CRUZ, 2020). Não por acaso, também, uma experiência de pesquisa e de formação mais tranquila e confortável por parte de pós-graduandos costuma estar, por sua vez, associada ao papel do orientador, considerado peça fundamental para o andamento efetivo da pesquisa e elaboração do trabalho do orientando (FALASTER; FERREIRA; GOUVEIA, 2017).

O fato é que a orientação, o papel e a função do orientador na pós-graduação são vistos como aspectos decisivos na experiência de pesquisa e de formação de um mestrando ou doutorando, conforme ressalta Carlino (2005). No entanto, parece haver entre os sujeitos envolvidos na cena da pós-graduação muitas incertezas e incompreensões sobre atribuições e responsabilidades do orientador e do orientando no decorrer de uma investigação nesse contexto, aspectos estes que, a nosso ver, têm reflexos diretos nas relações e práticas desses sujeitos, com consequentes prejuízos para a formação oferecida e a qualidade das produções científicas desenvolvidas.

Vemos, assim, que a relação orientador-orientando, a influência do orientador no desenvolvimento da pesquisa e na elaboração do trabalho, bem como os papéis de cada um desses sujeitos nesse contexto, são permeados por um tecido de vozes de múltiplas e (in)tensas significações em discursos expressos por pós-graduandos, (re)produzindo representações as mais diversas sobre seus orientadores e suas práticas. Consideramos, portanto, que uma escuta atenta dessas vozes e suas significações pode contribuir para uma melhor compreensão das práticas de orientadores e orientandos na pós-graduação, bem como das dinâmicas de suas relações. Nesse sentido, nosso objetivo é, fundamentados na perspectiva dialógica da linguagem do Círculo de Bakhtin, analisar representações construídas por pós-graduandos sobre a influência do orientador na formação do pesquisador na pós-graduação flagradas em comentários *on-line* do *Blog Pós-graduando*.

Nossa escolha por analisar comentários *on-line* do *Blog Pós-graduando* parte da compreensão de que, nesses espaços digitais, emergem relatos de experiências, impressões pessoais e avaliações sociais que configuram práticas discursivas repletas de valorações e representações, muitas delas, inclusive, nem sempre reportadas, nos espaços formais de ensino e de pesquisa, a professores e/ou orientadores acadêmicos, tampouco em trabalhos de pesquisa que têm utilizado, por exemplo, instrumentais como entrevistas e questionários.

Além da novidade de abordar essa temática no campo dos estudos da linguagem, mais especificamente de um ponto de vista discursivo na perspectiva dialógica, acreditamos que este trabalho é relevante enquanto possibilidade de escutar esses sujeitos e melhor compreender seus pontos de vistas, suas expectativas e seus modos de se relacionar com a experiência de pesquisa e de orientação na pós-graduação *stricto sensu*. Isso porque nos debruçamos sobre o exame de um conjunto de enunciados expressos em um espaço de trocas interativas, no qual os pós-graduandos parecem se sentir muito à vontade para compartilhar entre si suas experiências, bem como suas valorações e representações sobre tais experiências.

Para alcançar o nosso objetivo, estruturamos o presente texto da seguinte forma: além desta introdução, na qual apresentamos a proposta do trabalho, temos uma seção de discussão teórica, em que reportamos as ancoragens teóricas centrais do nosso estudo, uma seção de metodologia, na qual descrevemos o percurso metodológico traçado para o empreendimento da investigação, a seção de análise e discussão, em que realizamos o exame dos comentários selecionados, e a seção de conclusão, na qual sintetizamos nossos resultados e tecemos nossas considerações finais.

1. Linguagem e construção de sentidos na perspectiva dialógica

Ancorado na perspectiva dialógica da linguagem do Círculo de Bakhtin (mais precisamente nas formulações de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev), este estudo assume a compreensão de que a construção de sentidos nas interações humanas ocorre por meio de enunciados concretos. De acordo com essa ancoragem, o enfrentamento analítico da linguagem humana pressupõe considerar as relações dialógicas e ideológicas expressas pelos sujeitos na construção de seus enunciados.

Segundo a perspectiva delineada por Volóchinov (2019), “tem-se uma elaboração da ideia de enunciado como um território em que se encontram diferentes posições ideológicas” (COSTA, 2017, p. 132) dos sujeitos envolvidos na interação verbal. Isso significa que, nas atividades interativas humanas, mais especificamente, nos comentários *on-line* que analisaremos, há sempre um (in)tenso embate de vozes e sentidos travados pelos sujeitos. De acordo com esse ponto de vista, entendemos que a compreensão de determinado enunciado implica considerar a indissociável relação da linguagem com a vida dos sujeitos. Assim, como observado por Volochínov (2013, p. 158, grifos nossos), “[...] **seria uma tarefa desesperada** tentar compreender a construção das enunciações, que formam a comunicação verbal, sem ter presente nenhum de seus **vínculos com a efetiva situação social que as provoca**”.

O caráter ideológico que permeia os dizeres dos enunciadores é, portanto, intrínseco a todo e qualquer enunciado, desde as réplicas mais simples, como as conversas cotidianas, até formas mais elaboradas e complexas da interação humana, como tratados científicos e romances. A ideologia não é, assim, um mero fenômeno do mundo interior, construído na mente dos sujeitos, mas uma tomada de posição destes em suas relações sociais expressa concretamente em signos. A matriz ideológica que atravessa a unidade material de todo signo resulta da ligação da linguagem com a vida concreta dos sujeitos, com as dinâmicas das relações e transformações sociais e históricas, como bem acentua Volochínov (2013).

Aquele que enuncia, portanto, se põe todo no enunciado e incorpora neste o dizer do outro para quem ele se dirige, num movimento essencialmente dialógico e ideológico. Segundo esse entendimento, o crivo da avaliação social é um elemento que caracteriza o enunciado como um evento singular e único na cadeia de comunicação discursiva. A avaliação social, conforme Medviédev (2016, p. 183, supressão nossa), pode ser entendida como a “atualidade histórica [...] que individualiza e concretiza o sentido e compreende a presença sonora da palavra aqui e agora”. De acordo também com Medviédev (2016), além de revestirem os enunciados de novos sentidos, as avaliações sociais determinam a construção do enunciado, desde a escolha das palavras até a sua organização/estruturação composicional.

A propósito ainda das avaliações sociais, Volóchinov (2019) destaca que estas podem seguir diferentes critérios (políticos, religiosos, éticos, cognitivos etc.), os quais estão diretamente relacionados à situação extraverbal do enunciado. Para o autor, o sentido de um determinado enunciado está ligado ao acontecimento discursivo, pois somente no contexto de uso a palavra se preenche de um caráter avaliativo. Isso porque cada esfera da atividade humana tem um modo particular de apreender e significar a realidade, de modo que os pontos de vista que os sujeitos lançam sobre o mundo, as pessoas, os objetos, etc são formas de representá-los construídos no interior das relações sociais dos sujeitos (VOLOCHÍNOV, 2019).

Nesse sentido, o enunciado é uma espécie de arena em que muitas vozes entram em embate em busca da verdade, da aceitação, do perdão, etc. (BAKHTIN, 2010). Nesse embate ideológico e dialógico, o sujeito assume uma posição; logo, seus dizeres expressarão um ponto de vista valorativo. Segundo esse entendimento, ao enunciar, o sujeito responde a um já-dito e age, discursivamente, sobre o outro para quem se dirige. O dizer do sujeito, por esse prisma, “[...] formando-se num clima do já dito, [...] é ao mesmo tempo determinado pelo ainda não dito, mas que pode ser reforçado e antecipado pelo discurso responsivo” (BAKHTIN, 2015, p. 52, supressão nossa).

Desse modo, assumimos que todo dizer é sempre uma tomada de posição em uma rede ininterrupta de diálogos e de sentidos, em que um sujeito responde a um já-dito e age sobre o outro e suas palavras. Nessa linha de compreensão, “as relações dialógicas são, portanto, relações entre índices sociais de valor” (FARACO, 2009, p. 66) que se manifestam em enunciados concretos. Esses índices constituem as avaliações sociais que se manifestam também, por exemplo, nos comentários

on-line sobre a atividade de orientação na pós-graduação que tomamos, neste estudo, para análise das representações que os pós-graduandos constroem sobre a influência do orientador na formação do pesquisador.

2. A orientação na pós-graduação e a constituição do sujeito pesquisador

Para Soares e Luchese (2014), a constituição do sujeito pesquisador é um processo que se inicia antes da entrada oficial do estudante em um programa de pós-graduação. Conforme as autoras, esse processo tem início já na fase de seleção de leituras, com o delineamento de questões com as quais o estudante se identifica, e a formulação de um problema de pesquisa que ele deseja resolver e, conseqüentemente, a elaboração de um projeto de dissertação ou tese para concorrer ao ingresso em um curso de mestrado ou doutorado. É importante acrescentar que, para alguns, esse processo pode começar já numa fase de iniciação científica, na qual estudantes têm a oportunidade de se envolver em projetos de pesquisa durante a graduação.

Após a aprovação e o ingresso em curso de pós-graduação, o mestrando ou doutorando passa a estabelecer relações com outros sujeitos, interlocutores e parceiros. Desse modo, sua formação como sujeito pesquisador, nesse contexto, não acontece de forma solitária ou isolada (SEVERINO, 2009). Além do contato com leituras, professores e colegas de turma, o pós-graduando passa a contar com alguém que o acompanha em todo o percurso da pesquisa: o orientador acadêmico (MARQUES, 2012). Nesse sentido, o orientador é a figura que passa a direcionar o orientando em seu percurso de pesquisa e a se constituir como um copartícipe do processo de formação do pós-graduando como sujeito pesquisador.

De acordo com Severino (2012, p. 92), “a função do orientador deveria ser aquela de um educador, cuja experiência, mais amadurecida, compartilha com o orientando, num processo conjunto de construção de conhecimento”, constituindo-se, assim, em “[...] alguém que acompanha os passos de seu orientando, um leitor, não alguém que escreva-pesquise em lugar do aprendiz, nem alguém que o convoque para o trabalho alheio” (MARQUES, 2012, p. 240). Os sujeitos envolvidos nessa experiência de formação na pós-graduação devem estar conscientes de que a orientação é uma relação na qual há um “[...] intercâmbio de experiências que se encontram em fases diferentes” (SEVERINO, 2012, p. 92).

A formação do pesquisador no contexto da pós-graduação vai muito além do cumprimento da exigência de desenvolvimento da pesquisa e da escrita de um trabalho de conclusão de curso, como salienta Setubal (2002). Sob essa ótica, a vivência na pós-graduação cumpre um papel muito importante no desenvolvimento de um conjunto de habilidades que serão essenciais na vida de um pesquisador profissional. No decorrer da experiência, o orientador é aquele sujeito que deve oferecer possibilidades para a construção da pesquisa, o desenvolvimento criativo e do olhar crítico do pós-graduando, bem como instigá-lo e orientá-lo no desenvolvimento da pesquisa, segundo Severino (2009). Desse modo, o orientando não pode ser considerado um mero receptáculo das direções e

dos interesses de pesquisa do seu orientador, mas como um ser pensante e transformador, que tem iniciativa, que investiga e questiona as formas de produção de conhecimento (SETUBAL, 2002). No contexto da pós-graduação brasileira, no entanto, com as múltiplas exigências impostas a docentes e discentes, as condições nem sempre são as mais propícias ou desejáveis para o pleno desenvolvimento da produção do conhecimento científico pelo pesquisador em formação, como observado por Bessa (2017).

Mesmo assim, espera-se que, ao longo desse processo de formação do pesquisador, o pós-graduando conquiste, paulatinamente, um maior grau de autonomia, até chegar um momento em que o orientador passa da condição de “auxiliar em um processo de desconstrução de certezas” a de “apoiar a construção de uma tese na busca de novas perspectivas” (BETTY; GAGLIARDI, 2010, p. 89).

Quanto aos papéis e funções de orientador e orientando, compete ao orientador, dentre outras atribuições, encaminhar leituras, realizar encontros de orientação, planejar a pesquisa junto com o orientando, acompanhar a escrita do texto de pesquisa e participar dos exames de qualificação e defesa do trabalho resultante da pesquisa. Há também a expectativa de que o orientador atue como: “1) diretor de trabalhos; 2) leitor; 3) coautor; 4) revisor; 5) agente do real” (RIOLFI; ANDRADE, 2009, p. 2). Isso reforça a compreensão de que a orientação na pós-graduação é, inegavelmente, uma das práticas das mais difíceis e de alta responsabilidade para aquele que assume a condição de orientador (ARENAS, 2018).

Quanto ao orientando, por sua vez, espera-se que ele vá “[...] conquistando progressivamente sua maturidade, segurança e autonomia para o exercício de sua criatividade” (SEVERINO, 2012, p. 92, supressão nossa). Espera-se, também, que ele esteja sempre aberto para receber as contribuições do orientador e considerá-las – o que não significa, uma obrigatoriedade de acatá-las integralmente –; que desenvolva o espírito de investigação de forma autônoma; que se envolva com atividades do grupo de pesquisa e em eventos acadêmicos; e que se comprometa com a produção de um trabalho de qualidade e relevante para a área de estudo (SEVERINO, 2009; CONTI; SILVA, 2010).

Dada a importância de uma convivência saudável no percurso da pós-graduação, é fundamental evocar aqui a discussão sobre a relação estabelecida entre orientador e orientando. Como em qualquer relação entre seres humanos, a relação de orientação na pós-graduação nem sempre é harmoniosa e tranquila, podendo, em alguns casos, ser marcada por intensos conflitos (CONTI; SILVA, 2010), inclusive de ordem interpessoal. Tais conflitos podem influenciar não apenas na percepção do orientando sobre a figura do orientador, mas também sobre a própria pesquisa, o que, muitas vezes, tende a prejudicar tanto o desenvolvimento da investigação quanto a qualidade das produções desenvolvidas pelo orientando (SEVERINO, 2012). Para Soares e Luchese (2014), por sua vez, um ambiente de troca, diálogo e respeito favorece experiências significativas na iniciação/formação do sujeito pesquisador.

Compreendemos, portanto, que, para além das responsabilidades intrínsecas à realização da pesquisa e ao desenvolvimento do trabalho final, é fundamental que orientador e orientando compartilhem de um ambiente de formação que favoreça uma relação de respeito, compreensão e confiança mútua. Logo, uma relação de cumplicidade e partilha entre orientador e orientando influenciará diretamente o potencial de crescimento do pós-graduando e o desenvolvimento de uma pesquisa de qualidade (BRUNO, 2019).

3. Metodologia

Esta pesquisa assume a perspectiva da *epistemologia das ciências humanas*, depreendida das reflexões de Bakhtin (2017). De acordo com esse modo de compreender a construção de conhecimentos, o pesquisador desempenha um papel ativo no processo de investigação, que é o de colocar em cena gestos interpretativos mediante contínua atribuição de sentidos (FARACO, 2009). Dessa forma, caracterizamos este estudo como de natureza interpretativa, pois, como observa Amorim (2016, p. 21), “o trabalho do pensamento em ciências humanas é sempre convocado por uma dimensão interpretativa”.

Em relação à abordagem metodológica, caracterizamos o presente estudo como de viés qualitativo, uma vez que lidamos com textos/enunciados e buscamos, no cotejo de textos e contextos, construir compreensões em relação aos sentidos expressos nos enunciados selecionados, sem nos comprometer com qualquer intenção de quantificar ou generalizar resultados (LAVILLE; DIONNE, 1999).

O *corpus* de análise é constituído por 165 (cento e sessenta e cinco) comentários *on-line* que abordam a atividade de orientação na Pós-graduação, selecionados de quatro postagens do *Blog Pós-graduando*. Para os propósitos deste estudo, escolhemos 8 (oito) desses comentários para ilustrar as cateogrias de análise construídas. Optamos pelo *Blog Pós-graduando* por ser um espaço reconhecido dos pós-graduandos do país⁴ e representativo da diversidade de áreas do conhecimento, além de oferecer uma variedade de conteúdos relativos ao ambiente científico. Ressaltamos que nosso estudo buscou contemplar a pluralidade de perspectivas e sentidos sobre a figura do orientador nas diversas áreas do conhecimento da pós-graduação *stricto sensu* do Brasil, sem nos restringir a uma área em específico.

Quanto ao *corpus* da pesquisa, os comentários *on-line* selecionados apresentam-se de maneiras diversas, uns sob a forma de relatos, outros sob a forma de narrativas; alguns são mais extensos, outros mais breves. Além disso, há comentários que respondem diretamente ao conteúdo de uma postagem específica feita no *blog* por algum pós-graduando, enquanto outros respondem a comentário anterior da postagem, complementando-o, concordando ou discordando, etc, revelando assim o horizonte apreciativo/valorativo, o caráter opinativo e a natureza responsiva próprios desse gênero (REMENCHE; ROHLING, 2016; SÁNCHEZ-VILLAR, 2019).

⁴ O *blog* estima, em sua página inicial, que tem “uma audiência de meio milhão de leitores únicos e 2,5 milhões de visualizações de páginas por mês”. Disponível em: <https://posgraduando.com/colaboracoes/>. Acesso em: 14 out. 2022.

Partindo da compreensão de que, nos comentários *on-line* do *blog*, os sujeitos não só expressam uma opinião sobre a temática tratada na postagem, mas também manifestam novas matizes de sentidos para as trocas interativas, selecionamos 4 (quatro) postagens sobre a atividade de orientação na pós-graduação e realizamos uma leitura atenta dessas postagens e dos comentários relacionados a elas. Para selecionar o *corpus*, procuramos identificar inicialmente os comentários que abordavam especificamente a atividade de orientação, e, em seguida, selecionamos aqueles que tratavam da influência do orientador. Após essa etapa, realizamos leituras e releituras do *corpus* para identificar as posições dos pós-graduandos em relação à influência do orientador. Em seguida, agrupamos essas posições em categorias analíticas e procedemos à descrição, análise e interpretação dessas categorias, conforme apresentado na próxima seção.

É importante destacar que alguns desses perfis parecem revelar os nomes verdadeiros de pós-graduandos enquanto outros claramente utilizam nomes fictícios ou são perfis anônimos. Para preservar as identidades daqueles que, possivelmente, manifestaram suas identidades, optamos por renomear todos os perfis dos comentários selecionados para exame, utilizando nomes fictícios, mais especificamente os primeiros nomes de importantes poetas, poetisas e romancistas da literatura brasileira.

4. A influência do orientador na formação do sujeito pesquisador: representações de pós-graduandos em comentários *on-line* do *blog Pós-graduando*

Orientados pela perspectiva dialógica de linguagem do Círculo de Bakhtin, concentramos nossa atenção, nesta seção, na análise de representações construídas por pós-graduandos sobre a influência do orientador na formação do sujeito pesquisador no contexto da pós-graduação. Para cumprir o objetivo proposto, examinamos os posicionamentos axiológicos assumidos por pós-graduandos no gênero comentário *on-line* em postagens do *Blog Pós-graduando*.

Embora os pós-graduandos manifestam, em seus comentários, posicionamentos axiológicos que expressam significações sobre aspectos diversos das vivências e experiências na pós-graduação, nosso foco de interesse neste trabalho recai especificamente sobre aqueles que se reportam à influência do orientador na formação do pesquisador.

A análise interpretativa do conjunto de comentários *on-line* que constituem o *corpus* de nosso estudo permitiu-nos sistematizar as representações construídas pelos pós-graduandos sobre a influência do orientador na formação do sujeito pesquisador em 4 (quatro) categorias, quais sejam: a) influência do orientador na (re)definição do tema de pesquisa; b) influência do orientador na escrita do texto científico; c) influência do orientador nos exames de qualificação e/ou defesa de dissertação ou tese; d) influência do orientador na permanência do orientando na pós-graduação ou de sua desistência dela. A análise a seguir percorre o exame de cada uma dessas representações identificadas. Para tanto, retomamos, ao longo da análise que segue, 2 (dois) comentários como excertos para ilustrar e explorar cada uma delas. Passemos, então, ao exame de tais representações.

a) influência do orientador na (re)definição do tema de pesquisa

A definição do tema de pesquisa costuma ser, via de regra, um momento decisivo para os rumos de uma investigação a ser desenvolvida de forma bem-sucedida. Não sem frequência, pós-graduandos enfrentam enormes dificuldades na superação dessa fase, sobretudo quando se veem confrontados com a necessidade de repensar sua proposta inicial de pesquisa ou mesmo quando solicitados, pelo orientador, a modificar, parcial ou completamente, o foco de sua investigação. Essas configurações complexas que envolvem a (re)definição do tema de pesquisa são refratos nos posicionamentos expressos pelos pós-graduandos em seus comentários no *blog*, conforme ilustrado a seguir:

Excerto 01

Cecília 17.05.12 em 18:32 – Responder
meu orientador [...] disse que eu podia escolher o tema do trabalho ele é mt bom msm hehe (supressão nossa)

Excerto 02

Clarice 29.08.12 em 16:36 - Responder
Aaahh também não assim. Tive uma orientadora que também já me mandou para casa descansar e relaxar várias vezes. Quanto ao tema do projeto, isso nem tanto, mas ela me deu espaço para explorar outras coisas no meu tempo “livre”.

Nos dois comentários acima, podemos perceber que a relação do orientador com os orientandos quanto à definição do tema de pesquisa é marcada por uma construção que vai ao encontro dos interesses do orientando. O orientador preza pela liberdade de escolha do tema pelo orientando e dá espaço para que este trace os caminhos de sua investigação. Observamos, assim, que, por um lado, há, nos dizeres dos pós-graduandos, uma voz que ressalta o aspecto positivo de não haver imposição por parte do orientador, o que poderia levar o pós-graduando a tratar de temáticas que ele desconhecesse e resultar em dificuldades para a realização da pesquisa. Por outro lado, há a voz que acentua a liberdade do pós-graduando para decidir sobre o que pretende pesquisar, que pode ser interpretado como uma indicação de desinteresse em relação à investigação do orientando, o que, por vezes, resulta no retardamento do início e no desenrolar da pesquisa.

Em 01, o pós-graduando acentua valorativamente que a postura adotada pelo orientador não é daquele sujeito que auxilia na escolha do tema, mas de alguém que se isenta da responsabilidade de estabelecer diálogos e de construir, conjuntamente, a proposta de pesquisa a ser desenvolvida. No entanto, a postura de liberdade assumida pelo orientador é valorada de forma negativa pelo orientando, com certo tom de deboche, quando expressa, no seguinte trecho, os dizeres: “*ele é mt bom msm hehe*”.

Em 02, por sua vez, a pós-graduanda ressalta a preocupação da orientadora com a sua saúde mental, valorizando o lado compreensivo e flexível dela: “*Tive uma orientadora que também já me mandou para casa descansar e relaxar várias vezes*”. Embora a pós-graduanda expresse que a orientadora demonstra uma atenção e um zelo por sua saúde mental, é possível perceber a ênfase de que a flexibilidade da orientadora não se estende à escolha do tema da pesquisa.

Como expressam os dizeres de 02, embora reconheça que a sua orientadora lhe concede liberdade para outras atividades e para o descanso, a orientanda acentua que sua orientadora não deixa de apontar a necessidade de se ter um certo compromisso com o tema da pesquisa, o que indica que há uma preocupação por parte dela de acompanhar e auxiliar a sua orientanda nesse percurso de desvendar o tema da investigação. Em certo sentido, denota-se que o orientador assume também a função de um terapeuta, como podemos ver expresso nos “encaminhamentos” dados na seguinte passagem: “*mandar para casa para descansar e relaxar*” e “*explorar outras coisa no meu tempo ‘livre’*”.

Em resumo, observamos que, como a expectativa é que o orientador auxilie o seu orientando “[...] esclarecendo caminhos, clareando propostas e desvelando pontos fracos” (BIANCHETTI; MACHADO, 2012, p. 93, supressão nossa), a flexibilidade na escolha do tema pode ser interpretada como descaso ou falta de compromisso por parte do orientador em relação à pesquisa do orientando, especialmente considerando que o pós-graduando está em uma fase de construção progressiva de sua autonomia (SEVERINO, 2012). Assim, deixá-lo à própria sorte, nessa fase crucial do percurso de formação pode comprometer o trabalho a ser desenvolvido e seus resultados.

b) influência do orientador na escrita do texto de pesquisa

Vários estudos (CARLINO, 2005; MACHADO; BIANCHETTI, 2012; BESSA, 2017, 2016; CRUZ, 2020; BRAMBILA, 2021; dentre outros) têm demonstrado dificuldades, obstáculos e desconfortos diversos enfrentados por estudantes na escrita científica durante a pós-graduação *stricto sensu*. Muitos desses estudos destacam que a fase da escrita da dissertação ou da tese frequentemente está associada a problemas de saúde mental, dificuldades de relacionamento com orientador e até mesmo pode ser citada como motivo para a desistência do curso por parte do pós-graduando.

Apesar desse cenário desafiador, é amplamente reconhecido que o acompanhamento da escrita do texto de pesquisa configura-se como uma das importantes atribuições do orientador na pós-graduação. Sua experiência como interlocutor qualificado confere-lhe a capacidade de oferecer uma leitura crítica e atenta, tornando-o um leitor indispensável no desenvolvimento do trabalho do orientando (MARQUES, 2012). Nesse sentido, o comprometimento ou não do orientador com o acompanhamento e a leitura do texto que está sendo produzido constitui um fator que influencia diretamente no texto de pesquisa do pós-graduando, seja negativamente, seja positivamente, como apontam os comentários a seguir:

Excerto 03

Graciliano 09.06.19 em 14:44 - Responder

Estou em caso muito parecido. Dissertação com seus dados entregues a mais de 6 meses, telefonando, mandando e-mail, Whats, indo até o gabinete (2,5h de deslocamento), e nada de ele ler a dissertação... Depois de muito tempo, ele resolveu ler, fez correções de texto basicamente, mas discussão teórica acerca dos resultados? Nada, pouquíssima coisa... Algumas dicas que consegui foi colegas do PPG, basicamente, e na última semana que o professor resolveu de "orientar" algo e esta orientação dele, teria mudado vários caminhos que segui se tivesse sido dada a 10 meses atrás quando estava no meio da pesquisa (ou ao menos, a 6 meses quando entreguei a pesquisa pronta à ele)...

Agora estou com a defesa marcada, morrendo de medo do que possa acontecer. Tenho resultados? É claro que tenho. Aprendi MUITA coisa no meio do caminho (inclusive como realizar pesquisa, aos trancos e barrancos), mas o resultado poderia ter sido melhor, se a orientação tivesse sido mais pontual e direcionada aos tópicos da pesquisa.

Espero passar, pq se algum dia puder ser orientador de alguém, pretendo fazer as coisas de forma muito diferente.

Excerto 04

Machado 30.07.12 em 16:58 – Responder

Minha orientadora é um sonho, juro que ela já me disse: Suas citações não estão na regra da ABNT, eu te ensinarei o correto. Mas para sua dissertação deixa que eu mudo pois tenho mais familiaridade.

Os comentários 03 e 04 destacam duas perspectivas distintas sobre a relação entre orientador e orientando durante o desenvolvimento da escrita do texto de pesquisa na pós-graduação. Enquanto 03 reverbera uma crítica severa à postura do orientador, apontando a falta de comprometimento com uma efetiva atividade de orientação no desenvolvimento da escrita do texto da dissertação, 04 reverbera uma posição muito elogiosa em relação ao acompanhamento do texto por sua orientadora, enfatizando uma postura além do esperado, inclusive em tarefas não tradicionalmente atribuídas a um orientador, como ajustes nas citações conforme normas da ABNT.

O comentário de 03 expressa um desalento e uma decepção com o processo de orientação devido à falta de compromisso do orientador com um acompanhamento mais efetivo durante a escrita do texto da dissertação. Os dizeres expressos dão ênfase, por um lado, ao esforço do orientando no cumprimento de prazos e, por outro lado, à falta de pontualidade no retorno de correções do texto e até mesmo de orientações que poderiam modificar o curso da investigação. É possível observar ainda que o orientando avalia negativamente o fato de o orientador fazer uma leitura mais superficial de seu texto, quando diz que *“resolveu ler, fez correções de texto basicamente, mas discussão teórica acerca dos resultados? Nada, pouquíssima coisa...”*.

O tom de decepção com a postura do orientador e de temor em relação ao desfecho do trabalho expresso pelo orientando refrata a compreensão de que a postura do orientador não contribuiu dentro das expectativas e possibilidades da atividade de orientação, uma vez que se limitou mais à realização de correções pontuais, especificamente de ordem da textualidade. Em situações como essa, o orientador atua, na verdade, como uma espécie de revisor textual e não como leitor, conforme caracterização de Riolfi e Andrade (2009). Fica clara, no comentário 03, a queixa do orientando em relação a diversas posturas que ele avalia serem incompatíveis com a condição de um orientador comprometido com a prática da pesquisa na pós-graduação.

Por outro lado, o comentário 04 reverbera uma tonalidade de aprovação e satisfação com a orientadora, que se mostra presente disponível para ensinar até mesmo aspectos como citações, além de efetuar correções relacionadas a elas no texto da dissertação. O orientando não tem queixas quanto ao acompanhamento oferecido pela orientadora, indicando um alto nível de envolvimento e comprometimento com o processo de escrita.

Em síntese, esses comentários acentuam que a qualidade da experiência de escrita durante a pós-graduação está diretamente relacionada ao nível de comprometimento e envolvimento do orientador com o acompanhamento efetivo do orientando. Enquanto a falta de compromisso do orientador pode gerar descontentamento e temores quanto ao resultado final do trabalho, um orientador presente e dedicado pode contribuir significativamente para o êxito e a satisfação do orientando durante o processo de escrita da dissertação ou tese.

c) influência do orientador nos exames de qualificação e/ou de defesa de dissertação ou tese

O exame de qualificação e a defesa da dissertação ou da tese são momentos cruciais do ritual da pós-graduação. No primeiro momento, o da qualificação, o pós-graduando é submetido à avaliação de uma banca examinadora para receber contribuições e apontamentos, com vistas ao aprofundamento e à melhoria da pesquisa e do texto dela decorrente (SEVERINO, 2012). Passada essa etapa, o pós-graduando deverá realizar as alterações e modificações necessárias, partindo para o momento final, isto é, o exame de defesa do trabalho. Nesse segundo momento, o pós-graduando estará, mais uma vez, sob os olhares e as avaliações de uma banca de avaliadores constituída por pesquisadores experientes, cujas apreciações serão decisivas para aprovação ou não do trabalho e para conferir ou não o título de mestre ou doutor (BETTY; GAGLIARDI, 2010).

Essas etapas, muito mais do que um importante ritual do ambiente acadêmico e da pós-graduação, podem ser tomados como momentos de grande aprendizado e do próprio processo de formação na pós-graduação. A experiência de formação nesses dois momentos pode, contudo, ser tanto positiva como negativa, a depender, por exemplo, da constituição e composição dos membros das bancas, principalmente quando as escolhas desses membros pelo orientador não são adequadas ou quando a área de formação de algum examinador não está alinhada com a temática do trabalho que está sendo desenvolvido, como suscitam os dizeres expressos nos dois comentários a seguir.

Excerto 05

Marina 22.06.15 em 22:41 - Responder
Passei a vergonha da minha vida na minha qualificação de mestrado.
Meu orientador não corrigiu e ainda convidou uma professora que fez questão de me humilhar terrivelmente na frente da banca e de todos que assistiam.

Excerto 06

Mário 03.12.16 em 08:33 - Responder

No meu caso fui reprovado na qualificação de doutorado, mas posso defender novamente... Meu orientador indicou 6 membros que não tinham vínculo comigo, mas que eram da mesma área... O departamento não aceitou a banca e colocou pessoas relacionadas à chefia (política)!!! Enfim, fui reprovado por uma banca que não concordava com meu delineamento e metodologias, pelo simples fato de não entenderem o que eu estava fazendo!!!

Os comentários 05 e 06 refletem as queixas de pós-graduandos sobre suas experiências em exames de qualificação, de mestrado e doutorado, respectivamente. Seus dizeres expressam valorações negativas por diferentes motivações, mas diretamente relacionadas à composição das bancas examinadoras. No comentário 05, fica evidente a tonalidade de desaprovação e revolta da pós-graduanda em relação ao seu orientador pelo fato dele ter convidado um examinador que, segundo seu ponto de vista avaliativo, em vez de contribuir com o trabalho, tratou de humilhá-la “*terrivelmente*”, não somente diante da banca, mas também de todos os demais que assistiam o exame de qualificação.

Já no comentário de 06, por sua vez, não se expressa uma responsabilização por parte do orientando com relação à postura do orientador quando da indicação dos membros que compuseram a banca de qualificação de seu pesquisa de doutorado, uma vez que estes seriam especialistas da sua área de formação. Expressa-se, contudo, um tom de revolta do pós-graduando quanto à posição do “*departamento*” de não ter aceito as indicações do seu orientador para composição da banca de qualificação, optando, em vez disso, por “*pessoas relacionadas à chefia (política)!!!*”. O desencanto do pós-graduando se acentua em virtude de ter sido reprovado no exame de qualificação de seu doutorado por uma banca cuja formação seria incompatível com o foco de sua proposta de pesquisa, já que os membros *não entendiam a proposta do seu trabalho e não concordavam com o delineamento e metodologias de sua pesquisa*.

Os dizeres desses pós-graduandos reverberam queixas não tão estranhas a nós que estamos na cena da pós-graduação brasileira, já que são conhecidos de muitos de nós os relatos de que exames de qualificação e de defesa de dissertações e teses, que se concebem como espaços de aprendizado, acabam, algumas vezes, tornando-se momentos pouco proveitosos para o amadurecimento do pós-graduando e o aprofundamento da pesquisa, principalmente quando examinadores desconhecem a temática da pesquisa do pós-graduando ou quando se limitam a desmerecer o trabalho ou até mesmo a “*humilhar*” o pós-graduando, como acentuam outros comentários do nosso *corpus*.

Esses comentários reverberam a compreensão de que a ação e influência do orientador na escolha dos membros das bancas examinadoras constituem elementos decisivos para evitar que os momentos de qualificação e de defesa de dissertações e teses se tornem experiências traumáticas e, ao invés disso, sejam oportunidades de aprendizado e de interlocuções produtivas para o trabalho de pesquisa em desenvolvimento e enriquecedoras para a formação do pós-graduando.

d) influência do orientador na permanência do orientando na pós-graduação ou de sua desistência dela

Como vimos na seção 3 deste trabalho, uma experiência tranquila e exitosa na pós-graduação está, em grande medida, relacionada à atividade de orientação desenvolvida e ao tipo de relação que orientador e orientando estabelecem no percurso da investigação. Nesse sentido, podemos dizer que as ações do orientador exercem influência sobre a permanência ou não do orientando do percurso de sua formação como pesquisador, conforme apontam os comentários seguintes:

Excerto 07

*30 Ferreira 17.05.17 em 14:50 - Responder Boa tarde!
Desculpe por “ressuscitar” o tópico, mas estou tendo sérios problemas.
Vou abandonar o mestrado. O principal motivo acabou sendo meu orientador e estou com medo de estar sendo infantil, não que minha ideia de abandonar o curso no final vá mudar. Mas quero uma opinião de fora sobre o assunto.
Fui “aconselhado” a abandonar minha tese que estava ligada a identificação dos problemas das áreas carentes da minha cidade e defender o assunto sobre como funcionam as grandes empreiteiras da cidade ou não teria orientação. [...]*

Excerto 08

*João Cabral 23.08.15 em 11:52 – Responder
Estou começando minha dissertação agora, e bom já passei por isso, me perguntei o que eu estava no Mestrado haha, mas bem, eu tenho um propósito e por ser um aluno mais devagar que os demais pois sou o único tecnólogo no meio de engenheiros. É interessante expor isso aí que está nos eu texto, eu tive vontade de desistir na primeira matéria, e desde já percebi que no mestrado o relacionamento com os professores do curso e com o próprio orientador que foi o meu primeiro professor, é bem melhor que na graduação o que facilita demais a sua vida, os professores se dispõem a me ajudar, e tenho uma equipe de professores que podem me ajudar na dissertação, todos eles já me passaram material, contatos e tudo mais. Mas eles sempre dizem é muito mais fácil quando o aluno quer fazer e tem ideia do que quer. Eu me sinto no dever de terminar o mestrado por todo apoio que venho recebendo, a vida de pós graduando passou de inferno, para um paraíso com flores com espinhos que devemos aprender a caminha entre elas.*

No comentário 07, o pós-graduando expressa um sentimento de angústia quanto à experiência da pós-graduação e à perspectiva de abandono do curso. Ele coloca acento valorativo no “direcionamento” do orientador para uma mudança de temática da pesquisa como a motivação para sua desistência do mestrado. O uso do termo *aconselhado*, marcado com aspas, sugere que a mudança de temática de pesquisa da tese não ocorreu de forma consensual entre orientador e orientando, mas sim de forma impositiva pelo orientador.

Se no comentário 07 o orientador é apontado como o principal motivo para que o pós-graduando expresse sua intenção de desistir do curso, no comentário 08, a relação positiva que o pós-graduando estabelece com o seu orientador (e com a equipe de professores do programa) é valorada como um elemento facilitador para sua intenção de continuar e finalizar o curso, apesar de reconhecer as dificuldades encontradas no “caminho”. Nesse contexto, o enunciador enfatiza o quão determinante é para o andamento da pesquisa o pós-graduando ser um sujeito ativo e consicente de suas responsabilidades com a concepção e execução de sua proposta de investigação: “*Mas eles sempre dizem é muito mais fácil quando o aluno quer fazer e tem ideia do que quer*”.

Observamos, assim, a importância do estabelecimento de uma relação harmônica e construtiva com outros parceiros e, principalmente, com o orientador do trabalho no percurso da experiência de formação na pós-graduação. Ter, portanto, um orientador que acompanha o trabalho, que se interessa pela investigação do orientando e que com este estabelece uma parceria efetiva constitui uma mola propulsora para que o pós-graduando permaneça e finalize o curso, como depreendemos do comentário 08.

Como mostram as análises, o orientador é significado, na voz dos pós-graduandos, como uma figura decisiva no processo de construção do conhecimento e de formação no contexto da pós-graduação, sendo suas ações e práticas valoradas como essenciais para uma experiência de pesquisa e de formação de qualidade. Além disso, um acompanhamento efetivo, a parceria e o estabelecimento de relações harmônicas e construtivas entre orientador e orientando ressoam como elementos que convergem para que o pós-graduando desenvolva uma pesquisa bem-sucedida e produza um trabalho de qualidade, bem como para que ele não enfrente tantos problemas de saúde mental ou acabe encontrando, como saída, a desistência do curso.

Conclusão

Seguindo uma perspectiva de investigações que temos desenvolvido sobre práticas, discursos e significações acerca da atividade de orientação no contexto da pós-graduação, objetivamos, neste trabalho, analisar representações construídas por pós-graduandos sobre a influência do orientador na formação do pesquisador na pós-graduação. Nesse sentido, ancorados em princípios dos estudos dialógicos da linguagem do Círculo de Bakhtin, concentramos nosso foco na análise de posicionamentos axiológicos assumidos por pós-graduandos em comentários *on-line* de postagens do *Blog Pós-graduando*.

Na análise dos comentários selecionados, pudemos observar que os pós-graduandos expressam posicionamentos valorativos nos quais enfatizam que a atuação e o papel do orientador são decisivos para uma experiência de pesquisa bem-sucedida e até mesmo para a permanência deles no curso de pós-graduação. Os dizeres dos pós-graduandos reverberam que o orientador influencia decisivamente a formação do pós-graduando quando ele acompanha de forma efetiva o orientando na (re)definição do tema de pesquisa, na escrita do texto científico, nos exames de qualificação e/ou de defesa de dissertação ou tese e ainda quando oferece condições para que o mestrando ou doutorando não desista do curso.

A escuta das vozes dos pós-graduandos mostrou, por fim, que um acompanhamento efetivo, a parceria e o estabelecimento de relações harmônicas e construtivas entre orientador e orientando ressoam como elementos que convergem para que o pós-graduando desenvolva uma pesquisa bem-sucedida e construa uma relação positiva com o orientador e com a própria formação como pesquisador no decorrer da experiência na pós-graduação. Além disso, a escuta dessas vozes indica que os posicionamentos e as representações sobre a influência do orientador sinalizam experiências

e vicências compartilhadas por esses sujeitos e, ao mesmo tempo, revelam o caráter singular das relações estabelecidas entre orientador e orientando durante o desenvolvimento das pesquisas na pós-graduação.

Esses resultados indicam, por fim, que a construção de um ambiente menos hostil e mais acolhedor seja, conforme o coro de vozes escutadas, um caminho para experiências de formação na pós-graduação mais exitosas. Afastando-se, portanto, da ideia de se pensar um possível “orientador ideal”, nosso estudo sinaliza que contribuir para melhorar as relações entre orientadores e orientandos e criar espaços de discussão sobre a orientação na pós-graduação e acerca de funções e atribuições de cada um desses atores podem ser caminhos que venham a colaborar significativamente para o desenvolvimento de pesquisas, com cada vez mais qualidade, e a formação dos jovens pesquisadores nesse contexto.

Referências

AMORIM, Marília dos Santos. As ciências humanas e sua especificidade discursiva. In: RODRIGUES, Rosângela Hammes; PEREIRA, Rodrigo Acosta. (orgs.). *Estudos dialógicos da linguagem e pesquisas em linguística aplicada*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016. pp. 17-46.

ARENAS, Judith Licea de. *Cómo asesorar una tesis*. Ciudad de México: Didaktikós, 2018.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do Ato Responsável*. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Teoria do romance I: A estilística*. Prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017.

BRAMBILA, Guilherme. Experiências com a escrita na pós-graduação brasileira: uma proposta de diálogo com os letramentos acadêmicos. *Linguagem & Ensino*, v. 22, n. 3, pp. 791-808, jul./set. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/16666>. Acesso em: 1 dez. 2022.

BESSA, Cezinaldo Rocha. *Dialogismo e construção da voz autoral na escrita do texto científico de jovens pesquisadores*. 2016. 385 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara), São Paulo, 2016.

BESSA, Cezinaldo Rocha. Sobre condições de autoria e de produção científica do jovem pesquisador. *Raído*, v. 12, n. 27, pp. 23-41, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/5647/3727>. Acesso em: 8 mar. 2024.

BETTY, Christine Barbosa; GAGLIARDE, Márcia. Processo de Orientação de Teses e Dissertações em Educação. In: SCHNETZLER, Roseli Pacheco; OLIVEIRA, Cleilton de. (orgs.). *Orientadores em foco*. Brasília: Líber Livro Editora, 2010. pp. 85-121.

Representações sobre a influência do orientador na formação do pesquisador na pós-graduação: uma análise em perspectiva dialógica de comentários *on-line* de pós-graduandos

BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto. (orgs.). *A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações*. Florianópolis/São Paulo: Cortez/Editora da UFSC, 2002.

BIANCHETTI, Lucídio. O processo da escrita: elementos inibidores. In: BIANCHETTI, Lucídio; MEKSENAS, Paulo. (orgs.). *A trama do conhecimento: teoria, método e escrita em ciência e pesquisa*. 2. ed. Campinas SP: Papyrus, 2012. pp. 239-65.

BIANCHETTI, Lucídio. Da pós-graduação as escritas sobre orientações de dissertações e teses: uma entrevista com Lucídio Bianchetti. *Reflexão e Ação*, v. 26, n. 3, pp. 181-93, 2018. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/12856> . Acesso em: 1 dez. 2022.

BRUNO, Adriana Rocha. Processos de investigação: trilhas e ideias sobre ser orientando/a e ser orientador/a. *Educ. foco*, v. 24, n. 1, pp. 24-40, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/26027> . Acesso em: 1 dez. 2022.

CARLINO, Paula. ¿Por qué no se completan las tesis en los postgrados? Obstáculos percibidos por maestrandos em curso y magistri exitosos. *Educere*, v. 9, n. 30, pp. 415-20, 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=35603020> . Acesso em: 1 dez. 2022.

CONTI, Clícia A. M.; SILVA, Jaci Lima da. Principais desafios da orientação: condições institucionais e relações interpessoais. In: SCHNETZLER, Roseli Pacheco; OLIVEIRA, Cleilton de. (orgs.). *Orientadores em foco*. Brasília: Líber Livro Editora, 2010. pp. 141-83.

COSTA, Luiz Rosalvo. *A questão da ideologia no Círculo de Bakhtin e os embates no discurso da divulgação científica da revista Ciência Hoje*. Cotia: Ateliê Editorial, 2017.

CRUZ, Robson. *Bloqueio da escrita acadêmica: caminhos para escrever com conforto e sentido*. Belo Horizonte, Artesã, 2020.

FALASTER, Christian; FERREIRA, Manuel Portugal; GOUVEA, Daniela Modolo Ribeiro de. O efeito da publicação científica do orientador na publicação dos seus orientados. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 21, n. 4, pp. 458-80, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/jCTLHrYwqkbTVffRWp9csCc/#> . Acesso em: 1 dez. 2022.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. Curitiba: Parábola Editorial, 2009.

LAVILLE, Christin; DIONNE, Jean. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Tradução de Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

MARQUES, Mario Osorio. A orientação da pesquisa nos programas de pós-graduação. In: BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto. (orgs.). *A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012. pp. 235-42.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. 1. ed. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Contexto, 2016.

PONZIO, Augusto. *A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. Coordenação de tradução de Valdemir Miotello. São Paulo: Contexto, 2008.

REMENCHE, Maria de Lourdes Rossi; ROHLING, Nívea. O horizonte valorativo em enunciados do gênero comentário *on-line*: uma escuta dialógica. *Fórum linguístico*, v. 13, n. 3, pp. 1460-75, jul./ set. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2016v13n3p1460>. Acesso em: 1 dez. 2022.

RIOLFI, Claudia Rossi; ANDRADE, Emary. Ensinar a escrever o texto acadêmico: as múltiplas funções do orientador. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 48, n. 1, pp. 99-118, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/YpnW7TtN4J3bkZV3M7n5gvp/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 1 dez. 2022.

SÁNCHEZ-VILLAR, Juan Maria. Los *blogs* como herramientas sociales de comunicación política: periodismo ciudadano y opinión pública 2.0. *Communication & Society*, v. 32, n. 1, pp. 39-55, 2019. Disponível em: <https://revistas.unav.edu/index.php/communication-and-society/article/view/37812>. Acesso em: 1 dez. 2022.

SETUBAL, Agliar Alencar. *Pesquisa em Serviço Social: utopia e realidade*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Pós-graduação e pesquisa: o processo de produção e de sistematização do conhecimento. *Revista Diálogo Educacional*, v. 9, n. 26, pp. 13-27, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1891/189115658002.pdf>. Acesso em: 1 dez. 2022.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Pós-graduação e pesquisa: o processo de produção e de sistematização do conhecimento no campo educacional. In: BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto. (orgs.). *A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012. pp. 82-101.

SILVA, Nara Karolina de Oliveira. *Significações sobre a atividade de orientação na pós-graduação: uma análise dialógica de comentários on-line de pós-graduandos*. 2021. 288 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2021.

SOARES, Eliana Maria do Sacramento; LUCHESE, Terciane Ângela. Alquimia da escrita acadêmica: o mestrado como cenário para a iniciação de pesquisadores em educação. In: OLIVEIRA, Adriano de; ARAÚJO, Emília Rodrigues; BIANCHETTI, Lucídio (org.). *Formação do Investigador: reflexões em torno da escrita/ pesquisa/ autoria e a orientação*. Editoras: CECS - Braga/ Portugal, CED - Florianópolis-SC, Brasil, 2014. pp. 35-48.

SOUZA, Renato Santos de. Normose acadêmica: como superar a ‘doença da normalidade’ na Universidade. *Avaliação*, v. 24, n. 2, pp. 451-74, jul. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/WvmZB7X3mN4chHTHx8PdpNm/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 1 dez. 2022.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikoláievitch. *A construção da enunciação e outros ensaios*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikoláievitch. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grilo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

REPRESENTAÇÃO SOCIAL E VIOLÊNCIA DE GÊNERO: A IMIGRAÇÃO DE MULHERES VENEZUELANAS NO PORTAL DE NOTÍCIAS G1.COM

SOCIAL REPRESENTATION AND GENDER VIOLENCE: THE IMMIGRATION OF VENEZUELAN WOMEN ON THE G1.COM NEWS PORTAL

Gislene Araújo Gabriel¹

Ticiane Rodrigues Nunes²

RESUMO

A imigração é um fenômeno motivado por inúmeros conflitos e adversidades que pressionam as massas populacionais a buscarem melhores condições de vida. Assim sendo, analisamos as representações sociais sobre mulheres imigrantes venezuelanas que são (re)produzidas discursivamente pelo Portal de Notícias *G1.com*, legitimando, com isso, a violência de gênero e promovendo a subalternização e o apagamento dessas mulheres no contexto social brasileiro. Para isso, selecionamos uma mostra de notícias veiculadas pelo Portal de Notícias *G1.com*, publicizadas na mídia digital e acessadas de forma ampla. Empreendemos uma análise sociodiscursiva com base em aportes teórico-metodológicos da Análise do Discurso Crítica (ADC), conforme as abordagens dialético-relacional (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2016, 2003, 2013) e sociocognitiva (VAN DIJK, 2015), em diálogo com a Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 2019; JODELET, 2001). Quanto aos aspectos teóricos, discutimos acerca da mídia e da ideologia (THOMPSON, 2011a) e consideramos a relação entre representação e discurso (HALL, 2016). Ademais, destacamos o fenômeno da *Feminização* das migrações (PADILLA, 2007) e suas implicações nas relações de gênero (BUTLER, 2021), considerando a violência de gênero a que são suscetíveis essas mulheres, mediante a forma como são representadas discursivamente pela mídia. Como resultados, destacamos que a mídia jornalística dá pouco destaque à pauta migratória, além de silenciar as vozes das imigrantes venezuelanas como sujeitos que participam ativamente do fenômeno social, promovendo a invisibilidade social dessas mulheres duplamente vulneráveis.

PALAVRAS-CHAVE: Imigração. Imigrante venezuelana. Representação Social. Análise do Discurso Crítica. Mídia.

ABSTRACT

Immigration is a phenomenon motivated by numerous conflicts and adversities that pressure the population masses to seek better living conditions. Therefore, we analyze the social representations about Venezuelan immigrant women that are (re)produced discursively by the G1.com News Portal, thereby legitimizing gender violence and promoting the subalternization and erasure of these women in the Brazilian social context. To do this, we selected a sample of news broadcast by the G1.com News Portal, published in digital media and widely accessed. We undertook a socio-discursive analysis based on theoretical-methodological contributions from Critical Discourse Analysis (CDA), according to the dialectical-relational (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2016, 2003, 2013) and socio-cognitive (VAN DIJK, 2015) approaches. in dialogue with the Theory of Social Representations (MOSCOVICI, 2019; JODELET, 2001). As for theoretical aspects,

¹ Universidade Estadual do Ceará (UECE), gislenegabriel@hotmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-5684-0119>.

² Universidade Estadual do Ceará (UECE), ticianer.nunes@uece.br, <https://orcid.org/0000-0002-8877-278X>.

we discuss media and ideology (THOMPSON, 2011a) and consider the relationship between representation and discourse (HALL, 2016). Furthermore, we highlight the phenomenon of Feminization of migration (PADILLA, 2007) and its implications for gender relations (BUTLER, 2021), considering the gender-based violence to which these women are susceptible, through the way they are discursively represented by the media. As a result, we highlight that the journalistic media gives little emphasis to the immigration issue, in addition to silencing the voices of Venezuelan immigrants as subjects who actively participate in the social phenomenon, promoting the social invisibility of these doubly vulnerable women.

KEYWORDS: Immigration. Venezuelan immigrant. Social Representation. Critical Discourse Analysis. Media.

Introdução

Sem a pretensão de esgotar as discussões que giram em torno da complexa questão migratória, essa pesquisa surge no momento em que o mundo alcança o número de mais de 110 milhões de pessoas deslocadas. Conforme a Agência da ONU para Refugiados (ACNUR), trata-se de um recorde histórico equivalente a cerca de metade da população brasileira, cujas causas não são apenas as guerras que forçam, em muitos casos, as pessoas a se deslocarem, mas também fatores como discriminação, violência política, pobreza, mudanças climáticas e catástrofes naturais³.

Na América Latina, sobretudo no Brasil, onde a principal entrada de migrantes é a fronteira em Pacaraima, no Norte de Roraima⁴, a situação não é diferente, tendo em vista a recente imigração, decorrente da crise política, econômica e social na Venezuela. Nesse cenário, o recorde da entrada de venezuelanos foi alcançado em março de 2023, quando foram contabilizados 17.471 migrantes no território brasileiro, segundo levantamento da OIM (Organização Internacional para as Migrações).

Diante disso, convém ressaltar que a mídia viabiliza pouco destaque à questão migratória e, quando o assunto é abordado, na maioria das vezes, as notícias trazem a temática relacionando-a com tragédia, guerra, fome e miséria. Tal fato promove a naturalização das representações sobre imigrantes, por meio de rótulos e de classificações tipificadas. Sendo assim, é relevante a abordagem do uso de estereótipo que, neste estudo, conforme Amossy e Herschberg (2022, p. 34), consiste em um esquema ou fórmula cristalizada, tratando-se de representações cristalizadas, de esquemas culturais preexistentes.

Além disso, no contexto de modernidade tardia, cujo conceito é base constituinte dos estudos da Análise do Discurso numa perspectiva crítica, “a linguagem tornou-se a parte mais significativa da vida social” (SANTOS; LOPES; DUTRA, 2020, p. 133). Dessa forma, a mídia cumpre a função de mediar o conhecimento no processo informativo, tendo em vista que está cada vez mais presente no cotidiano dos sujeitos, exercendo grande influência na sociedade como um todo, em relação aos cidadãos no mundo nos mais diversos comportamentos e modos de pensar e agir.

³ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/mundo-bate-recorde-com-110-milhoes-de-pessoas-deslocadas/>. Acesso em: 16 jun. 2023.

⁴ Disponível em: <https://www.folhabv.com.br/economia/brasil-tem-recorde-de-entrada-de-venezuelanos-pelo-3o-mes-seguido/>. Acesso em: 16 jun. 2023.

Desse modo, entendendo que é por meio da linguagem que os discursos constroem e consolidam representações e visões de mundo sobre a realidade, consideramos de suma importância analisar as representações sociais construídas discursivamente sobre mulheres imigrantes, as quais são amplamente reproduzidas socialmente, edificando de forma consensual imagens negativas acerca desse grupo social e intensificando a situação de vulnerabilidade em que elas se encontram.

Com efeito, o presente estudo alinha-se aos pressupostos epistemológicos da Análise de Discurso Crítica (ADC), conforme (FAIRCLOUGH, 2016, 2003, 2013), juntamente aos pressupostos teóricos da Teoria das Representações Sociais (TRS), com base em Moscovici (2019) e Jodelet (2001) e nos estudos transdisciplinares que relacionam as grandes áreas das Ciências Sociais Aplicadas: a Linguística e a Psicologia Social.

Diante disso, urge destacar que esta análise situa-se no campo transdisciplinar, por inserir-se nos Estudos Críticos do Discurso, cujo diálogo entre as ciências busca compreender a complexidade de problemas sociais, contribuindo “para que sejam cada vez mais mitigadas as fronteiras disciplinares, sem que haja reducionismos ou perda de conhecimentos” (MORIN, 2005). Além de ser classificada como descritivo-interpretativa e etnográfica (GIL, 2021), documental (BARDIN, 2021), de abordagem qualitativa (MAGALHÃES; MARTINS; RESENDE, 2017).

Contextualmente, partimos da apresentação do cenário mais recente da imigração venezuelana no Brasil, cujos fluxos de entrada no país, em decorrência da crise econômica e política iniciadas em 2010 na Venezuela e intensificadas nos anos de 2016-2017. Isso, devido às mudanças no cenário econômico, político e social, ocasionadas principalmente pela crise do petróleo e pelo aumento da inflação no país, até chegar ao contexto da pandemia de COVID-19, motivos pelos quais o recorte foi delimitado com base no mapeamento de publicações midiáticas entre 2018 a 2021.

A partir disso, acerca do problema social a ser enfrentado, amplamente discutido nesta pesquisa, destacamos que nos últimos anos percebemos que os discursos políticos jornalísticos e os noticiários fazem constantes referências à crise migratória. Desse modo, é fundamental que se reflita sobre o fato de que a linguagem institui e demarca lugares para sociais as pessoas, principalmente, quanto ao gênero, à raça e à sexualidade. O que se apresenta não apenas pelo ocultamento do feminino, mas também por meio das diferenciadas adjetivações que são atribuídas aos sujeitos, pelo uso (*ou não*) do diminutivo, pela escolha dos verbos, pelas associações, pelas analogias feitas entre determinadas qualidades, atributos e comportamentos, ou seja, por meio de mecanismos que são utilizados em relação às raças, às etnias, às classes, às sexualidades (LOURO, 1997, p. 67), como forma de violência e abuso de poder.

Diante disso, o objetivo deste estudo consiste em analisar as representações sociais sobre mulheres imigrantes venezuelanas que são (re)produzidas discursivamente pela mídia hegemônica brasileira, a partir de uma mostra de notícias jornalísticas veiculada pelo Portal de notícias *G1.com*, por meio das quais a violência de gênero é legitimada, promovendo a subalternização e a invisibilidade dessas mulheres no Brasil.

Ademais, realizamos as análises de modo a descrever os elementos temáticos que constituem as representações sociais midiáticas sobre mulheres imigrantes venezuelanas, a partir da análise das notícias jornalísticas veiculadas pelo Portal de notícias *GI.com*. Além de identificar as estruturas linguístico-discursivas ideológicas do discurso sobre imigrantes que contribuem com a (re)produção das representações sociais estereotipadas sobre as mulheres venezuelanas. E, por fim, discutir as estratégias linguístico-discursivas mobilizadas para silenciar vozes de mulheres imigrantes, promovendo a violência de gênero, por meio da (re)produção de discursos hegemônicos.

Quanto às estruturas globais do discurso, em relação à análise dos *Tópicos* que compõem as macroestruturas semânticas de notícias veiculadas pelo portal *GI.com*, destacamos que, de modo geral, a estrutura macrossemântica das notícias analisadas gira em torno de 3 (três) tópicos relevantes, a saber: **(1)** trabalho/emprego; **(2)** maternidade; e **(3)** abrigo/desabrigado. No entanto, ressaltamos que centramos esforços na análise do tópico maternidade, tendo em vista que é utilizado para ancorar as representações sociais sobre as mulheres imigrantes em estereótipos de gênero, o que consiste em uma forma de violência e, portanto, uma injustiça social (FAIRCLOUGH, 2003).

Para alcançarmos o objetivo proposto, utilizamos como categorias de análise: **i)** Tópicos Discursivos (VAN DIJK, 2013); **ii)** Estereótipos e Léxico (AMOSSY, 2022; FAIRCLOUGH, 2016); e **iii)** Interdiscursividade (FAIRCLOUGH, 2016).

A proposta metodológica desta pesquisa baseia-se na ADC, mais especificamente tem como base o quadro teórico-metodológico mais recente, conforme Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2003, 2013), que manteve conceitos-chave da proposta de 1992, como hegemonia, dialética entre ação e estrutura, ordem de discurso e intertextualidade. Além disso, enfatiza a *transdisciplinaridade*, por meio de teorias sociais, além de se inspirar no realismo crítico, uma epistemologia contemporânea da ciência social crítica.

Na abordagem mais recente, segundo Ramalho (2005), a ADC centra-se sobre três principais bases epistemológicas: **(1)** na visão científica de crítica social; **(2)** no campo da pesquisa social crítica sobre a modernidade tardia; e **(3)** na teoria e na análise linguística e semiótica.

A partir disso, a visão científica de crítica social justifica-se pelo fato de a ADC ter como objetivo prover base científica para um questionamento crítico da vida social em termos políticos e morais, ou seja, em termos de *justiça social*⁵ e poder, com vistas a mudanças sociais.

Dito isso, o artigo estrutura-se em três seções: **1)** *Feminização* da imigração e violência de gênero no Brasil: vulnerabilidade, poder e controle; **2)** Análise de Discurso Crítica (ADC) e Teoria das Representações Sociais: diálogos possíveis; **3)** Análise sociodiscursiva crítica da Imigrante venezuelana em notícia jornalística do Portal de notícias *GI.com*.

⁵ Fundamentalmente, os projetos de justiça social não apenas consideram injustas as desigualdades sociais, como trabalham rotineira e explicitamente para acabar com elas. E esses projetos não precisam estar fora da academia, em projetos de base ou amplos movimentos sociais. Teorias críticas com um etos de justiça social também conquistaram espaço na academia (COLLINS, 2022).

1. *Feminização* da imigração e violência de gênero no Brasil: vulnerabilidade, poder e controle

A *Feminização* das migrações no Brasil consiste em um fenômeno social que se inicia a partir de 2015 e vem se consolidando, nos últimos anos, com um crescente número de mulheres adentrando as fronteiras nacionais e se estabelecendo no mercado de trabalho (CAVALCANTI; OLIVEIRA; SILVA, 2022, p. 9).

Desse modo, uma das principais tendências do processo migratório contemporâneo consiste na *Feminização* das migrações, o que aponta para o rompimento das relações sociais tradicionais e da hegemonia masculina no processo de mobilidade humana que atuam sobre as mulheres, por meio da desestabilização das relações de poder e a partir de sua sexualidade e/ou gênero. De tal modo, é importante reconhecer o sujeito como múltiplo, contraditório e construído dentro dos diferentes discursos, com especial atenção às relações de poder na relação do sujeito com a linguagem e por meio dela, sobretudo nas relações de gênero.

Assim sendo, a fim de nos deter a esse novo perfil de mulher no processo migratório, discutimos acerca do processo de *Feminização* das migrações, em decorrência do aumento quantitativo de mulheres nas migrações internacionais contemporâneas. A partir da compreensão de discurso como uma forma de agir, podendo exercer poder e controle, além de representar uma realidade socialmente compartilhada (VAN LEEUWEN, 2008).

Importa destacar que o conceito de poder apresenta-se a partir de dois movimentos fundantes em duas frentes analíticas, ou seja, a partir da relação entre: **1)** Poder e violência, para discutir acerca do abuso de poder a que os corpos das mulheres são vítimas, ao tratar acerca da violência praticada contra a mulher; e **2)** Poder e mídia, considerando a sua articulação entre poder controle e manipulação midiática na (re)produção de representações negativas sobre mulheres imigrantes venezuelanas.

Dito isso, vale ressaltar que no final dos anos 1990, acompanhando o processo global de *Feminização* das migrações com o protagonismo de mulheres (PADILLA, 2007), emergiram os Estudos de Gênero nas Migrações - os quais têm buscado refletir, na atualidade, sobre como a estrutura patriarcal nos mais diversificados contextos socioculturais e como os papéis sociais, construídos para homens e mulheres, impactam nos processos migratórios.

Assim, o atual processo de *Feminização* deu-se por conta da participação social e cultural das mulheres na esfera social política, o que, conforme Osterne (2020), fez com que surgisse uma maneira própria de existência, bem mais integrada e humanizada, uma vez que desmontou binárias oposições, além de ter contribuído para reinventar eticamente e trabalhado no sentido de renovar o imaginário político e cultural contemporâneo.

Nesse sentido, além da situação de vulnerabilidade sofrida na condição de mulher, a migrante também encontra uma barreira na vulnerabilidade do sujeito imigrante que, com base no modelo político-jurídico do Estado Nacional, está condicionado a uma situação de não nacional e, por isso, é um não sujeito que, em função de sua condição de estrangeiro, vive reduzido à “vida nua”, ou seja,

é remetido a um espaço de privação, caracterizado pela ausência de reconhecimento das vozes e das ações (MINCHOLA, 2020).

Em vista disso, acerca das mais diversas formas de violência às quais estão sujeitos, como das mulheres imigrantes, por conta de barreiras linguísticas ou culturais, além da dificuldade em acessar informações sobre direitos, como a lei Maria da Penha e serviços de apoio, tornam esses grupos sociais mais vulneráveis (MANTOVANI, 2020). Nesse diapasão, Marinucci (2007) afirma que

[...] muitos relatórios de organizações internacionais relatam abusos sofridos por mulheres migrantes, começando com o aliciamento para exploração sexual (tráfico) e tráfico de noivos, até violações de direitos humanos, durante a travessia ou nos locais de chegada. Em geral, é mencionada a dupla discriminação como mulher e como estrangeira. Acrescenta-se a discriminação relacionada à irregularidade administrativa, cor da pele, etnia ou e/ou religião (MARINUCCI, 2007, p. 19).

Desse modo, as migrações tanto podem significar um processo empoderamento das mulheres que migram, quanto podem se tornar um espaço para que os direitos fundamentais das mulheres sejam violados. Assim, segundo levantamento feito pelo Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), uma mulher é agredida a cada quatro minutos⁶, no entanto, os dados não revelam o número de mulheres imigrantes vítimas de violência.

Sendo assim, é importante compreender que a violência contra mulheres é sempre uma expressão da desigualdade de poder. Desse ponto de vista, a racionalização da violência é praticada conforme um *modus operandi*, por meio de uma ideologia capitalista que procura dar sentido às ações violentas sustentadas por crenças sexistas e machistas no meio social. Nas relações entre homens e mulheres, a relação de poder é uma questão social que passa pela linguagem, sendo objeto pertinente à análise de discurso, já que questões discursivas têm influência sobre relações de poder, ideologias e representações sociais (RESENDE, 2022, p. 88). Entendemos, assim, que essa assimetria deve ser reconhecida como questão pública e não privada, como foi tratada durante muito tempo e ainda é.

Vale destacar que Butler (2021, p. 242) considera gênero um estilo corporal, um “ato”, que é tanto intencional como “performativo” que sugere uma construção dramática e contingente do sentido. Para a autora, o gênero não pode ser construído como uma identidade estável ou um *locus* de ação do qual decorrem vários atos; visto que é uma identidade construída no tempo, instituído num espaço externo, por meio de uma repetição estilizada de atos.

Dessa forma, o gênero é constantemente construído por meio de práticas discursivas, com base em padrões dominantes do que significa ser homem e mulher, em nossas performances cotidianas. Em outros termos, *nós* produzimos nosso gênero continuamente, por meio de nossas ações, o que significa que não possuímos características de um gênero que existe antes da performance, mas “o gênero como performance é algo que o sujeito faz nos posicionamentos que ocupa, nas narrativas

⁶ “Brasil registra 1 caso de agressão a mulher a cada 4 minutos, mostra levantamento”. *Folha de São Paulo*. 09 set. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/09/brasil-registra-1-caso-de-agressao-a-mulher-a-cada-4-minutos-mostra-levantamento.shtml>. Acesso em: 06 maio 2020.

que conta, nos modos de sentar, agir, mover o copo, aceitar e recusar parceiros sexuais etc.” (MOITA LOPES, 2009, p. 134).

Assim, as desigualdades existentes na relação entre homem e mulher são produzidas e reproduzidas de diferentes formas, o que faz com que seu poder seja constantemente reafirmado, mediante a “coisificação” da mulher que se torna propriedade do outro, deixando evidente a ideia equivocada de que o homem é supostamente chancelado a praticar a violência, o que pode culminar na morte da vítima (ABUDE, 2021).

Acerca dos imigrantes, a quem se atribui uma diferença político ideológica, convém destacar que sofrem diversas dificuldades de inserção e de aceitação sociocultural, o que, conforme Lara e Limberti (2015), intensifica-se ainda mais quando são levadas em consideração outras categorias, tais como mulher, pobre e periférica, que, de acordo com a posição do dominador, em uma sociedade machista e sexista, nem deveria existir.

Logo, ressalta-se que o enfrentamento à violência de gênero consiste em um tema que entrou na agenda política brasileira de forma tardia e, por consistir em um meio de superação de problemas históricos, não pode admitir retrocessos em sua execução, a fim de que tenhamos uma sociedade mais justa, segura e igualitária para todas as mulheres (FERRARI, 2019).

Dessa forma, é cada vez mais urgente pensarmos acerca dos diversos ciclos de violência e práticas sociais em que a mulher está inserida, a fim de garantir, de forma efetiva, a proteção dos direitos de Liberdade e de Igualdade, além da promoção do Princípio constitucional da Dignidade da Pessoa Humana, sobretudo no contexto sócio-histórico brasileiro, tendo em vista a persistência dos altos índices de violência contra a mulher, cada vez mais evidentes no Brasil, nos últimos anos.

2. Análise de Discurso Crítica (ADC) e Teoria das Representações Sociais: diálogos possíveis

Cada passo que os pesquisadores dão em direção ao aprofundamento dos estudos da Teoria das Representações Sociais não diz respeito somente à determinada disciplina, mas tem ligação, em primeiro lugar, com a Sociologia e a Antropologia (GUARESCHI; JOVCHELOVITCH, 2019, pp. 9-10), mais especificamente com as teorias que se relacionam com os mitos, com a ideologia, com a linguagem, em que os conceitos daí provenientes desempenham um papel bastante significativo.

Nesse sentido, Jodelet (2001) afirma que as representações sociais devem ser estudadas articulando-se elementos afetivos, mentais e sociais, além de serem integradas as relações sociais que afetam as representações e a realidade material, social e ideativa sobre a qual elas intervêm juntamente a elementos como cognição, linguagem e comunicação. Por isso, tendo em vista que a linguagem pode desvelar mecanismos que a análise apenas dos conteúdos e do nível cognitivo, necessariamente, não revela, é importante insistir na linguagem e no funcionamento do discursivo das diferentes formas de pensamento social.

Existe um vínculo entre comunicação social, ou estrutura social e representações. Assim, particularmente, Moscovici (2019) insistiu no papel da comunicação social, primeiramente, por se tratar de um objeto próprio da Psicologia Social que contribui para a abordagem de fenômenos cognitivos e, em seguida, porque a comunicação desempenha um papel fundamental as trocas e interações que concorrem para a criação de um universo consensual e, depois, porque remete a fenômenos de influência e de pertença sociais que são decisivos na elaboração dos sistemas intelectuais e de suas formas (JODELET, 2001).

Nesse sentido, urge destacar que, em uma abordagem discursiva do sentido, da representação do poder, o sujeito parece ser produzido por meio do discurso, em dois sentidos, ou lugares diferentes: 1) o próprio discurso produz sujeitos, que possuem atributos que poderíamos esperar, como definidos pelo discurso, figuras que personificam formas particulares de conhecimento que o discurso produz; 2) o discurso também produz um lugar para o sujeito, como leitor, ou espectador, que também está sujeito ao discurso, em que seus significados e entendimentos específicos fazem sentido (HALL, 2016, p. 100).

Ainda, em um dado momento, todos os indivíduos tornam-se sujeitos de um determinado discurso e portadores de seu poder/conhecimento, mas, para isso, é necessário colocar-se na posição em que o discurso faça mais sentido, tornando-se seus sujeitos, ao sujeitar a si mesmo aos seus significados, poder e regulação. Dessa forma, todos os discursos constroem posições de sujeito, de onde eles se tornam inteligíveis e produzem efeitos.

Assim, os indivíduos se distinguem por meio de suas características, classes sociais, gêneros, raças e etnias, por exemplo, mas não são capazes de captar o sentido até que tenham se identificado com as posições que o discurso constrói, sujeitando-se a suas regras e, dessa forma, tornando-se sujeitos de seu poder/conhecimento (HALL, 2016, p. 100), o que interfere na teoria das representações.

Diante disso, Jodelet (2001, p. 28) afirma que toda pesquisa de representação social passará por uma análise das características ligadas ao fato de que ela consiste em uma forma de conhecimento, como forma de saber, ou seja, a representação será apresentada como uma modelização do objeto diretamente legível em (ou inferida de) diversos suportes linguísticos, comportamentais ou materiais.

Isso é possível porque, ao construir uma organização do real, por meio de imagens mentais transpostas em discurso, ou em outras manifestações comportamentais dos indivíduos que vivem em sociedade, as representações estão incluídas no real, ou reconhecidas como se fossem reais, pois se baseiam na observação empírica das trocas sociais e constroem um discurso que as justificam, produzindo um sistema de valores que se transforma em norma de referência, ou seja, “as representações apontam para um desejo social, produzem normas e revelam sistemas de valores” (CHARAUDEAU, 2019, p. 47).

De acordo com Resende (2009, p. 74), em ADC, a partir da relação entre discurso e sociedade, a estruturação da realidade social afeta a construção discursiva, assim como nossos modos de representação também podem ter efeitos na organização do mundo social, ou seja, nosso conhecimento

acerca do mundo social não pode ser estritamente separado do mundo social em si, tendo em vista que nossas construções têm implicação sobre o modo como o mundo social se organiza. Jodelet (2001, p. 156) afirma que a abordagem das representações sociais trata acerca dos fenômenos que não se interessam mais somente pelos fatores e pelos comportamentos diretamente observáveis, mas dá ênfase sua dimensão simbólica, centrada na noção de significação.

As pesquisas em ADC estão primariamente interessadas nas representações discursivas, sem perder de vista a relevância dos momentos não discursivos das práticas sociais para a crítica explanatória do papel do momento discursivo das práticas. Isso porque o foco de pesquisas em ADC é o discurso e, portanto, as representações, o que justifica a perspectiva de relação dialética entre linguagem e sociedade. Assim, aspectos discursivos de práticas sociais, como representações discursivas de eventos e práticas podem ter efeitos causais na sociedade (RESENDE, 2009). Na mesma linha de pensamento, Jodelet e Moscovici (1990) chamam atenção para a importância das práticas sociais para a Psicologia Social:

[...] considera-se, geralmente, que as representações sociais são associadas a comportamentos atomizados, sem laços sociais, frequentemente sob a forma de legitimação, dando sentido aos atos que lhe são anteriores ou independentes. Negligencia-se o fato que as práticas são sistemas de ação socialmente estruturados e instituídos em relação com as regras (JODELET; MOSCOVICI, 1990, p. 285).

Logo, tendo em vista que, em suas práticas sociais contemporâneas, a vida social é cada vez mais mediada por textos, diferentes representações discursivas de práticas e eventos podem ocasionar diferentes modos de legitimação de ações e de identificação de atores sociais (SANTOS, 2021, p. 46). Diante disso, é possível afirmar que as representações sociais regulam as práticas que emergem do cotidiano.

3. Análise sociodiscursiva crítica de notícias jornalísticas do Portal G1.com

As representações sociais, cuja noção básica perpassa o domínio da Filosofia e de algumas ciências humanas, como a Linguística, no contexto social contemporâneo, em que os meios de comunicação de massa passaram a promover uma ampla e diversificada socialização de todas as formas de conhecimento, são sempre de alguém (sujeito) e de algo (o objeto) (SÁ, 2015, pp. 54-5).

Nesse sentido, Jodelet (1984) afirma que “as representações sociais são modalidades de pensamento prático orientadas para a comunicação, a compreensão e o domínio do ambiente social, material e ideal”. Assim, ainda que tais representações exibam “características específicas no plano da organização dos conteúdos ou dos processos de representação, refere-se às condições e aos contextos nos quais emergem as representações, às comunicações pelas quais elas circulam, às funções que elas servem na interação” (JODELET, 1984, pp. 361-2).

Dessa forma, a mídia que tem sido instrumentalizada para atender aos mais diversos objetivos, principalmente aos interesses de grupos que detêm o seu controle (VAN DIJK, 2003), por meio

de uma comunicação mediada, que envolve meios técnicos institucionais de produção e difusão de conteúdo (THOMPSON, 2011b). Ainda, serve como uma ferramenta para discutir e difundir textos que constroem representações de/para objetos e pessoas do mundo, a fim de atender os interesses hegemônicos relativos à dominação de um grupo social que detém o poder sobre outro grupo minoritário, a exemplo das mulheres imigrantes.

Portanto, o conceito crítico de ideologia adotado neste estudo apresenta-se segundo a visão de Thompson (2011a) e Fairclough (2016), em sentido negativo e busca desmistificar a possível neutralidade dos processos cognitivos, o que nas representações não são independentes, tendo em vista que se relaciona com a concepção de ser humano e de sociedade.

Logo, as representações sobre as imigrantes venezuelanas consistem em construtos ideológicos que são amplamente veiculados pela mídia hegemônica brasileira, por meio de notícias jornalísticas, a exemplo das produzidas pelo Portal de notícias *GI.com*.

3.1. Ideologia e estereótipos na representação social sobre a imigrante venezuelana na mídia hegemônica brasileira

Os textos das notícias veiculadas pelo Portal de notícias *GI.com* que compõem o *corpus* desta pesquisa, no que tange ao tópico *maternidade*, apesar de fazerem referência às imigrantes no corpo do texto, de modo geral, referem-se às venezuelanas de forma generalizada como “imigrantes”, sem dar destaque às suas especificidades, ou fazem referência a essas mulheres como “venezuelanas”, associando-as a questões como *maternidade* (mães, filhos, bebês, gravidez), registro de nascimento (documentação) e burocracia.

Desse modo, a **homogeneização, da essencialização, da biologização do social e sua naturalização** (JODELET, 2001) surgem como mecanismos sociocognitivos que embasam a percepção da realidade social, a partir da ideia de que as imigrantes venezuelanas, ao serem ideologicamente representadas a partir de sua identidade como mães, são reduzidas a uma espécie de essência quase material, biológica que é naturalizada socialmente. Tudo isto, no intuito de responsabilizá-las por problemas sociais no país e, dessa forma, justificar a manutenção do poder de um grupo hegemônico, promovendo a desigualdade por meio da subalternização de corpos.

Diante disso, a **notícia 1 (N1 – G1)** intitulada *Ao menos 7 venezuelanas dão à luz por dia na maternidade de RR; número é quase o dobro de 2018*⁷, veiculada pelo Portal de Notícias *GI.com*, apresenta a ideia global que remete à temática da *maternidade* em relação a mulheres venezuelanas, como uma “estratégia macrossemântica de representação negativa do outro” (MELO, 2012, p. 43), o que é confirmado no texto da notícia.

⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2019/08/29/ao-menos-7-venezuelanas-dao-a-luz-por-dia-na-maternidade-de-rr-numero-e-quase-o-dobro-de-2018.ghtml>. Acesso em: 05 out. 2023.

Figura 1: Notícia 1 (N1 – G1)



Fonte: Portal *G1.com*.

Observa-se que o tópico *maternidade* é, recorrentemente, associado à questão do crescimento populacional, como uma problemática relativa ao estado de Roraima e resultante da imigração de mulheres venezuelanas - o que revela “um dos temas do discurso anti-imigração”, ao representá-las como “uma carga financeira para nós” (MELO, 2012, p. 35).

Para isso, as informações trazidas no subtítulo da notícia fazem *o uso de dados estatísticos* como recurso argumentativo que remete à objetividade dos fatos, a fim de convencer o leitor acerca da veracidade das informações, tendo em vista que “números e estatísticas são modos primários na nossa cultura de mostrar objetividade persuasivamente e eles habitualmente caracterizam as notícias de imprensa” (MELO, 2012, p. 44): “estado teve crescimento populacional de **5,1%**, o maior do país no último ano, segundo o IBGE. Na única maternidade do estado, **25%** dos **31** nascimentos diários são de filhos de venezuelanas”.

Além disso, quanto à *seleção lexical* utilizada nas notícias, observamos que alguns itens lexicais foram ideologicamente selecionados, no intuito de representar essas mulheres a partir da construção de um campo semântico negativo que se consagra na construção de *estereótipos de gênero*, ao apresentá-las por meio da estratégia da *generalização*, como se constituíssem um grupo uniforme, a fim de “formular preconceitos sobre características negativas generalizadas de imigrantes” (MELO, 2012, p. 40).

Nesse sentido, a *unificação* é utilizada como modo de operação da ideologia, no intuito de sustentar relações assimétricas de poder entre homens e mulheres, no nível simbólico, sem que sejam consideradas diferenças, ao representar as imigrantes “por meio de uma unidade” que as interliga em uma “unidade coletiva”, por meio da estratégia da *padronização* (THOMPSON, 2011a).

Isso posto, a partir da ideia de que constituem um grupo de mulheres venezuelanas grávidas que utilizam do Sistema Público de Saúde brasileiro e geram gastos de verbas por utilizarem o serviço público de saúde, além de intensificarem problemas sociais em decorrência do crescimento populacional, o que pode ser visto a partir dos excertos seguintes:

Ao menos 7 venezuelanas dão à luz por dia na maternidade de RR; número é quase o dobro de 2018 (N1 – G1 - grifo nosso⁸).

Puxado pela imigração venezuelana, **estado teve crescimento populacional de 5,1%**, o maior do país no último ano, segundo o IBGE. Na única maternidade do estado, **25% dos 31 nascimentos diários são de filhos de venezuelanas (N1 – G1).**

A escolha do lexical do adjetivo “única” para caracterizar a maternidade (espaço físico) do estado de Roraima reforça a ideia de que essas imigrantes causam ônus, ou seja, expressa conceitos e crenças subjacentes referentes a prejuízos aos cofres públicos e, portanto, à população local, por meio do item lexical que corrobora “a estratégia de representação negativa do outro” (MELO, 2012, p. 42), por meio de imagens conceituais estereotipadas sobre essas mulheres, reconhecidas socialmente como pessoas indesejadas e não bem-vindas, contribuindo, assim, com a xenofobia.

Convém ressaltar que a palavra xenofobia vem do grego e, de acordo com Albuquerque Júnior (2016, p. 9), significa “o medo, a rejeição, a recusa, a antipatia e a profunda aversão ao estrangeiro”, ou seja, refere-se a um comportamento de desconfiança e preconceito em relação a pessoas estranhas ao território, ao meio e à cultura, em relação àquele que julga e observa, considerando o seu lugar de pertencimento, a partir de uma delimitação espacial, territorialidade e comunidade, em que são estabelecidas interioridades e exterioridades materiais, simbólicas, territoriais e culturais que fazem com que aquele que vem de fora seja considerado um estranho.

Dessa forma, as escolhas lexicais feitas em referência às imigrantes revelam que “o sentido é mobilizado, a fim de manter relações de dominação” (THOMPSON, 2011a, p. 17) em relação a essas mulheres, cuja transmissão cultural das formas simbólicas “garante certo grau de fixação do conteúdo significativo”, tendo em vista que tais representações ancoram-se em estereótipos gênero, “além de permitir certo grau de reprodução”, por meio da mídia hegemônica (THOMPSON, 2011a, p. 23).

Além disso, a **notícia 2 (N2 – G1)**, intitulada *Mães venezuelanas denunciam assédio para vender bebês em Roraima*⁹, apresenta dados estatísticos que apontam, estrategicamente, para o número de venezuelanos que atravessam a fronteira do Brasil por Roraima.

⁸ Todos os destaques dos trechos em negrito foram feitos pelas autoras deste artigo.

⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2019/08/01/maes-venezuelanas-denunciam-assedio-para-vender-bebes-em-roraima.ghtml>.

Figura 2: Notícia 2 (N2 – G1)



Fonte: Portal *G1.com*.

Assim, a **notícia 2 (N2 – G1)** dá destaque para a situação de fome, pobreza e falta de moradia, relacionadas ao número de filhos de venezuelanas nascidos no estado, na intenção de associá-los ao aumento populacional e, conseqüentemente, à superlotação dos abrigos, por meio do uso de expressões como “há famílias inteiras, muitas delas com crianças”, o que pode ser percebido nos excertos:

Em 2018, **1.603 filhos de pais venezuelanos nasceram no estado**. Neste ano, o número ainda pode ser ainda maior: só até abril, **568 mães venezuelanas tiveram bebês em Roraima (N2 - G1)**.

A estimativa é que **32 mil venezuelanos vivam na capital do estado** que é a **principal porta de entrada dos que cruzam a fronteira**. Na cidade, **há famílias inteiras, muitas delas com crianças, morando nas ruas ou em casas e prédios abandonados (N2 - G1)**.

Diante disso, fica evidente que o discurso da notícia corrobora a reprodução de representações sociais ancoradas em estereótipos de gênero, na tentativa de fixar, no imaginário social popular, concepções negativas acerca das mulheres venezuelanas. Assim, a comunicação desempenha um papel fundamental nas trocas e nas interações que concorrem para a criação de um universo consensual e, depois, porque remete a fenômenos de influência e de pertença sociais que são decisivos na elaboração dos sistemas intelectuais e de suas formas (JODELET, 2001, pp. 29-30).

As representações sobre essas mulheres emergem, “não apenas como um modo de compreender um objeto particular, mas também como uma forma em que o sujeito” (imigrantes venezuelanas) é definido a partir de uma identidade (*maternidade*), sendo assim uma das formas como as representações expressam um valor simbólico (MOSCOVICI, 2019, p. 21).

Assim, tendo em vista que a finalidade das representações é “tornar familiar algo não familiar”, a fim de dar uma feição de familiaridade às mulheres imigrantes venezuelanas, reconhecidas a partir do estranhamento social, com base “na memória e em conclusões passadas”, como no caso dos *estereótipos* de gênero, é utilizado o mecanismo da *ancoragem* na tentativa de “colocá-las em um contexto familiar”, juntamente com a objetificação, tendo em vista que objetificar consiste em “classificar e dar nome a alguma coisa” (MOSCOVICI, 2019, pp. 60-1).

Além disso, na imigração, os grupos minorizados são implícitas ou explicitamente representados como as causas ou agentes de problemas crescentes, não como suas vítimas (VAN DIJK, 1988), como vemos nos excertos da notícia 1 (N1 – G1):

Na fronteira com a Venezuela, o estado registrou entre janeiro e julho deste ano, quase 1,6 mil **nascimentos de filhos de venezuelanas**, ao passo que teve o **maior aumento populacional do Brasil** do último ano, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (N1 – G1).

É o **grupo de pacientes que mais cresce** no Hospital Materno Infantil Nossa Senhora de Nazareth, a única maternidade pública de Roraima, que atende pacientes dos 15 municípios do estado. São **31 partos por dia na unidade**, dos quais 25% são só de **mães vindas do país vizinho** (N1 – G1).

Puxado pela imigração venezuelana, o estado, que recebe desde 2015 **uma onda de imigrantes e refugiados** do país vizinho, teve um crescimento populacional de 5,1% com data de referência em 1º de julho de 2019 (N1 – G1).

Assim sendo, a ênfase dada na notícia à chegada de mulheres venezuelanas para dar à luz em maternidades de Roraima é feita por meio do uso da *hipérbole* como “instrumento semântico utilizado para intensificar o significado de uma palavra” (MELO, 2012, p. 40), o que ocorre através da (*re*) *lexicalização* (FAIRCLOUGH, 2016) da “chegada” de imigrantes e refugiados como “uma onda”, fazendo com que, de modo geral, imigrantes venezuelanos, sobretudo mulheres, sejam descritos negativamente como um “fardo financeiro” (VAN DIJK, 2015, p. 143) para a sociedade em que são acolhidos.

Além disso, a escolha da expressão metafórica que associa a chegada de venezuelanos a uma “onda”, remete a vinda desses imigrantes para o Brasil a um campo semântico negativo que ideologicamente funciona como um recurso discursivo que corrobora o discurso anti-imigratório. Logo, o uso dessa expressão funciona como uma estratégia que, por meio do exagero, de acordo com o pensamento de van Dijk (1998), contribui ainda mais para uma organização mais rígida das informações de notícias e, portanto, podem levar a uma melhor memorização pelo leitor e a uma persuasão aprimorada.

Ademais, a escolha lexical da utilização de advérbios de intensidade, quantificadores vazios como “maior” e “muito”, nos trechos “o maior aumento populacional do Brasil” e “grupo de

pacientes que mais cresce no Hospital Materno Infantil” (N1 – G1), ou seja, “expressões vagas, ou que não têm referentes bem definidos, ou que se referem a conjuntos imprecisos”, cuja quantificação imprecisa revela um discurso tendencioso (MELO, 2012, p. 47) que funciona como estratégia geral de representação negativa das mulheres imigrantes venezuelanas, a fim de que as ações dos *Outros* sejam expressas de forma intensificada e, estrategicamente, reconhecidas de forma negativa.

Sendo a mulher imigrante reconhecida socialmente como subalterna, ou seja, como “*Outro*”, “uma categoria excluída de poder”, um “sujeito marginalizado”, “cuja voz não pode ser ouvida” (SPIVAK, 2010), o que é comprovado por meio do apagamento discursivo das vozes das imigrantes venezuelanas em notícias jornalísticas. Logo, nessa perspectiva, a autora insere o termo subalterno para descrever “as camadas sociais mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados de representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (SPIVAK, 2010, pp. 13-4).

Dessa forma, “coisas que não são classificadas e que não possuem nomes são estranhas e não existentes e ao mesmo tempo ameaçadoras” (MOSCOVICI, 2019, p. 61). A classificação das imigrantes venezuelanas, por meio da *lexicalização* que envolve o processo de *nominalização* (FAIRCLOUGH, 2016, p. 246), busca objetivá-las, ou seja, “transformar algo abstrato em algo quase concreto, transferir o que está na mente em algo que exista no mundo físico”, por meio da *objetivação*, transferindo o objeto da representação (as imigrantes venezuelanas) para a nossa própria esfera particular, onde nós somos capazes de compará-lo e interpretá-lo; e depois, reproduzindo-o entre as coisas que nós podemos ver e tocar e, conseqüentemente, controlar (MOSCOVICI, 2019, p. 61).

Por efeito, destacamos que uma das formas de se instaurar e manter a hegemonia, a exemplo da dominação de classe, do sexismo e do racismo, consiste na luta hegemônica travada no/pelo discurso. De acordo com Dieb; Baptista e Araújo (2014), a sociedade e os atores sociais criam crenças e ideias acerca de si mesmos e do mundo, tendo em vista o olhar para o fenômeno das formas ideológicas de pensamento e ação coletivas, percebidas por meio da conexão entre as intersubjetividades e as produções discursivas, a fim de que as representações sociais, consideradas objetos do pensamento, por meio dos quais constituímos nossa visão de mundo e de seus elementos constitutivos, sejam transmitidas de uma geração a outra, nesse processo de ordem cognitiva e social.

Destaca-se que em 2020, cerca de 30,8 mil venezuelanos viviam no Brasil, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sendo que, aproximadamente 10 mil chegaram nos seis primeiros meses de 2018 e 99% concentravam-se nos municípios de Boa Vista e Pacaraima, em Roraima (OMS, 2020), o que é ratificado pelos dados apresentados pela **notícia 1 (N1 – G1)**:

No ano passado, a população do estado fronteiriço era estimada em 576,5 mil habitantes, e neste ano chegou a 605,7 mil — mais 29,1 mil pessoas. O número inclui os migrantes que chegam, bem como os **bebês que nasceram no estado no último ano (N1 – G1)**.

A 215 quilômetros da fronteira, Boa Vista também teve o **maior crescimento dentre as capitais do país**. A população que era de 375 mil habitantes foi para 399 mil - um aumento de

6,35%. Em Pacaraima, na fronteira, o número de habitantes cresceu ainda mais, em 11,7%, saindo de 15 mil para 17 mil (N1 – G1).

Da mesma forma, além de trazerem informações precisas e fáceis de ser memorizadas, segundo van Dijk (1998, p. 16), as notícias usam excessivamente os números (corretos ou não) para sinalizar retoricamente sua exatidão e, portanto, sua objetividade, como pode ser percebido nos próximos fragmentos **da notícia 1**:

“Enquanto a média de **crescimento populacional nacional** foi de apenas 0,79%, aqui o **incremento foi mais de seis vezes maior**”, explica Fábio Martinez, economista e chefe da divisão de estatística da Secretaria de Planejamento de Roraima (SEPLAN) (N1 – G1).

O Brasil é a quinta nação a **receber o maior número**: são 168 mil, o que equivale a 4,2% do total, e boa parte deles se concentra em Roraima, o que sobrecarrega a setores como **Saúde, Educação e Segurança** e **causa tensão com a população local** (N1 – G1).

Podemos perceber, também, o uso da estratégia que consiste na tendência polarizada, em que o Brasil é retratado como país acolhedor, juntamente com a autoapresentação positiva, enquanto os imigrantes são retratados como responsáveis por causar tensão na população local, por conta da sua chegada, ou seja, é representada de forma negativa, o que reforça implicitamente o sentimento de rejeição que, segundo van Dijk (2015), faz com que a discriminação ou o racismo fossem fenômenos da natureza do grupo social em análise e não práticas dos membros do grupo dominante.

Ademais, a recorrente utilização do discurso de autoridade (médico) relacionado à área da saúde funciona como estratégia argumentativa que visa à confirmação das informações apresentadas na notícia. Conforme van Dijk (2015), essas propriedades do discurso acerca das mulheres venezuelanas, que são reconhecidas como os “*Outros*”, possuem condições, funções e consequências tanto sociais quanto cognitivas, por meio da depreciação do *exogrupo*, o que constitui uma prática social discriminatória que pode, por sua vez, contribuir para a formação ou a confirmação desses preconceitos, como mostram os fragmentos da notícia:

Para Adriana Castelli de Abreu, **diretora da maternidade, a alta de pacientes vindas do país vizinho preocupa**, porque é “imprevisível” (N1 – G1).

“A gente sabe que a partir de setembro há um **aumento natural de partos**. Essa é uma característica local, mas nós sabemos e não conseguimos prever isso **em relação às mães venezuelanas**”, explica. “Há períodos em que chegam muitas mais, em outros, menos” (N1 – G1).

Dessa forma, em relação à análise do *interdiscurso* (FAIRCLOUGH, 2016), considerando suas funções ideológicas, identificamos que a notícia, apesar de dar certo destaque às vozes de imigrantes venezuelanas, momento em que explicam a motivação de imigrar na busca de qualidade de vida e apontam as condições de miséria a que estavam sujeitas em seu país de origem. Em contrapartida, logo

em seguida, o discurso da notícia (mídia) reforça representações negativas, ancoradas em *estereótipos* de gênero, a partir da ideia de que as mulheres atravessam a fronteira para dar à luz.

Logo, os estereótipos de gênero, assim como os estereótipos raciais, por serem uma construção fictícia, elaborada a partir de representações e de crenças equivocadas, implicam relações de poder e de dominação (AMOSSY, 2022). Tal estratégia é utilizada como um recurso discursivo ideológico, “dada a relação estreita entre discurso e ideologias”, “descritas em termos da fundação axiomática das representações sociais compartilhadas por grupos” (MELO, 2012, p. 48) que buscam anular e deslegitimar o discurso dessas mulheres, o que é apresentado por meio de dados estatísticos de instituições de pesquisa que reforçam o número de nascimento de filhos de venezuelanas que chegam ao país, suposta causa do crescimento populacional, como explicitam os seguintes fragmentos da **notícia 1**:

“Eu vim em **busca de uma melhor qualidade de vida** para mim e para ela”, disse Daniela Rojas, de 21 anos, três dias depois de ter sua bebê na única maternidade pública de Roraima, em Boa Vista. É onde ao menos sete venezuelanas deram a luz por dia em 2019, quase o **dobro do ano passado (N1 – G1)**.

Na fronteira com a Venezuela, o estado registrou entre janeiro e julho deste ano, quase **1,6 mil nascimentos de filhos de venezuelanas**, ao passo que teve o **maior aumento populacional do Brasil** do último ano, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (N1 – G1).

“Na Venezuela não tem trabalho, remédios, comida e nem fraldas”, explica Daniela, que se viu obrigada a cruzar a fronteira do Brasil um mês antes do parto **devido à crise econômica, política e social no país vizinho**. Por dia, entre **500 e 600 venezuelanos** fazem o mesmo caminho. “A viagem foi difícil e muito cansativa para uma grávida” N1 – G1).

É o **grupo de pacientes que mais cresce no Hospital Materno Infantil Nossa Senhora de Nazareth**, a única maternidade pública de Roraima, que atende pacientes dos 15 municípios do estado. São 31 partos por dia na unidade, dos quais **25% são só de mães vindas do país vizinho (N1 – G1)**.

Em vista disso, podemos destacar que a presença marcante de mulheres grávidas entre os grupos de imigrantes reforça a busca por melhores condições vida não apenas para elas, mas para os filhos, pois, ao nascer em território brasileiro, essas crianças são também amparadas pela Constituição Federal (BRASIL, 1988), já que nasceram em solo brasileiro e serão reconhecidas como cidadão nato.

Urge destacar que somos sujeitos constituídos socialmente por meio da linguagem, que consiste em campo fértil para que sejam travadas as mais diversas lutas ideológicas, além de ser na/por meio dela que (re)produzimos ideologias, a fim de embasar posicionamentos no mundo. Logo, o discurso revela-se como o meio propagador das diferentes formas de assimetrias de poder entre grupos sociais. Em outras palavras, “tais ideologias gerais formam base de atitudes de grupo mais específicas, que por

sua vez podem influenciar opiniões individuais de membros do grupo, construções ou interpretações de eventos específicos”, assim como “práticas sociais e discursos dos quais os grupos se dedicam” (MELO, 2012, p. 48).

Assim, a neutralidade é proibida, pela lógica mesma do sistema, onde cada objeto e ser devem possuir um valor positivo ou negativo e assumir um determinado lugar em uma clara escala hierárquica (MOSCOVICI, 2019, p. 62). É o que ocorre com as imigrantes venezuelanas que são representadas ideologicamente pela mídia hegemônica de forma negativa, a fim de atender aos interesses de um sistema patriarcal que busca manter padrões sociais de desigualdade de gênero, perpetuando relações assimétricas de poder, por meio da violência exercida pelo poder simbólico (BOURDIEU, 2009).

Portanto, a linguagem se torna um importante campo de luta política, uma vez que a língua é compreendida em termos dos discursos concorrentes, dos modos concorrentes de atribuir significado ao mundo, o que implica diferenças na organização do poder social.

Considerações finais

A partir da análise das notícias **1 e 2 (N1 e N2 – G1)**, destacamos que os tópicos discursivos, ao assumirem sua função ideológica, tanto nos títulos e subtítulos quanto em sua reincidência no corpo das notícias em análise, revelam que algumas escolhas temáticas, quando associadas a determinados tópicos discursivos, buscam rotular processos migratórios e, por meio de um propósito discursivo-ideológico reproduzem representações sociais, a partir de imagens conceituais formadas sobre mulheres imigrantes venezuelanas.

Desse modo, destaca-se que muitas mulheres que fogem da insegurança em seus países de origem, como as imigrantes venezuelanas, não alcançam a segurança que desejam no local de destino, tendo em vista que continuam submetidas a discriminações relacionadas a seu papel social de gênero, tanto por parte de seus pares (companheiro e compatriotas), quanto por parte do Estado, por meio das instituições oficiais, o que pode ser agravado por conta do *status* de estrangeira.

Com relação às categorias, na análise da estruturação dos textos, evidenciamos que as escolhas lexicais cumprem a função de sinalizar o posicionamento do Portal de notícias *G1.com* como enunciador. Desse modo, alguns estereótipos surgem com frequência na superfície dos textos das notícias, por meio da atribuição de determinados rótulos e classificações, construindo uma imagem conceitual sobre as imigrantes venezuelanas que evidencia uma prática discursiva midiática que, por sua vez, legitima a violência de gênero.

Nesse sentido, podemos destacar que uma das marcas discursivas que foram percebidas, com base nas análises desenvolvidas referentes ao processo migratório venezuelano para o Brasil, consistem em na universalização do “imigrante”, representado de forma genérica, sem que sejam consideradas as especificidades dos sujeitos. Tal homogeneidade aponta para o apagamento social de mulheres, corroborando a invisibilização social delas, o que intensifica suas vulnerabilidades, reforça o sistema patriarcal e promove a desigualdade, por meio da violência de gênero.

Além disso, em relação à análise discursiva, a partir da leitura e da interpretação dos dados, identificamos o léxico utilizado de forma recorrente na superfície textual das notícias, por meio da estratégia intencional da (re)lexicalização, no intuito de atribuir diferentes significados às palavras (FAIRCLOUGH, 2016), funcionando como forma de manipulação planejada.

Por conseguinte, a associação da mulher Venezuela ao tópico *maternidade*, socialmente tratada como um resultado único de características fisiológicas, serve como estratégia ideológica que busca responsabilizá-las do crescimento populacional na região em que vivem, ou seja, como sendo resultante da chegada dessas mulheres ao Brasil. Portanto, com a intenção de culpá-las por problemas estruturais que decorrem da falta de políticas públicas que sejam capazes de atender às necessidades essenciais para uma vida digna da população em geral.

Portanto, percebemos que as representações sociais sobre as mulheres imigrantes ancoram-se em estereótipos, sendo os mais recorrentes os estereótipos de gênero, que reforçam as relações desiguais de poder atribuídas cultural e socialmente a homens e mulheres. Assim, reconhecemos que a linguagem opressiva, mais do que representar a violência, consiste em prática de violência de gênero.

Em uma sociedade patriarcal, mulheres sofrem reiteradamente como vítimas do sexismo e do machismo, posto que “ser imigrante produz ainda mais vulnerabilização, que incide sob a forma de violações de direitos humanos, principalmente de mulheres e crianças” (REIGADA, 2020).

Dessa forma, resta evidente uma prática social que se mobiliza com base na violência de gênero, evidenciando a maneira como se dá o diálogo entre o discurso midiático e os demais discursos, contribuindo para a disseminação de discursos hegemônicos que constroem representações sociais sobre as imigrantes venezuelanas. Ainda, podemos ver o apagamento discursivo de muitas imigrantes venezuelanas operando por meio da falta de diálogo com essas mulheres, o que revela que o silêncio consiste em uma das formas mais eficazes para que se estabeleça a dominação, o sinal de submissão da mulher à autoridade patriarcal.

Nesse sentido, Hooks (2019, pp. 20-1), defende que uma das formas mais poderosas de mudar vidas, por meio do pensamento e da prática feminista, consiste em encontrar nossa voz e usá-la para romper silêncios e encontrar e/ou celebrar o alcance da voz, sobretudo em atos de rebelião crítica e de resistência, afastando o medo.

Com isso, reforça-se a estrutura patriarcal dominante com base na ideia machista que equivale feminilidade à *maternidade*, valendo-se do determinismo biológico, como recurso discursivo ideológico que serve como arma (argumento) para que mulheres sejam excluídas da esfera pública e invisibilizadas socialmente a partir de uma visão pautada *em estereótipos de gênero*, sendo circunscritas ao ambiente social da esfera privada, segundo uma falsa noção de experiência feminina, o que se configura como uma injustiça social.

Referências

- ABUDE, Kátia Maria Brasil. *O Impacto da Pandemia no Brasil, em 2020, na Incidência da Violência Doméstica contra Mulher, em Especial, o Feminicídio*. Revista âmbito Jurídico, 2021. Disponível em: <https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-civil/o-impacto-da-pandemia-no-brasil-em-2020-na-incidencia-da-violencia-domestica-contra-mulher-em-especial-o-feminicidio/>. Acesso em: 06 abr. 2022.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Xenofobia: medo e rejeição ao estrangeiro*. – São Paulo: Cortez, 2016.
- AMOSSY, Ruth.; PIERROT, Anne Herschberg. *Estereótipos e clichés*. Tradução e adaptação: Lelia Gándara. Bom Atres: Eudeba, 2022.
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Edição revista e atualizada. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2021.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaoconsolidado.htm. Acesso em: 08 out. 2022.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Tradução Fernando Tomaz. 12. ed. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2009.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e Subversão da Identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 21. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.
- CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T.; SILVA, B. G. *Relatório Anual OBMigra*, 2022. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2022. Disponível em: https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/Obmigra_2020/OBMigra_2022/RELAT%C3%93RIO_ANUAL/Relat%C3%B3rio_Anuual_2022_-_Vers%C3%A3o_completa_01.pdf. Acesso em: 20 jan. 2022.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. Tradução de Angela M. S. Corrêa. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.
- CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse in Late Modernity: Rethinking Critical Discourse Analysis*. Edinburgh: University Press, 1999.
- DIEB, Messias; BAPTISTA, Lívia Márcia Tiba Rádis; ARAÚJO, Júlio. *Discursos, Ideologias e Representações Sociais*. Curitiba, PR: CRV, 2014. Disponível em: <https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/383402/Relat%C3%B3rio+Estat%C3%ADstico+Anual+2021.pdf/e4dd5643-f282-4cc8-8be1-92aa499bb92f>. Acesso em: 04 maio 2023.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London/New York: Routledge, 2003.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Critical Discourse Analysis: The Critical Study of Language*. 2. ed. London: Routledge, 2013.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e Mudança Social*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2016.

FERRARI, Mariana Guarino. *Políticas Públicas para o enfrentamento à Violência de Gênero: o papel da Secretaria Especial de Políticas Públicas para as Mulheres*. São Paulo: Pomnité Books, 2019.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de Pesquisa Social*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

GUARESCHI, Pedrinho A; JOVCHELOVITCH, Sandra. *Textos em Representações Sociais*. 14. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, 3ª reimpressão, 2019.

HALL, Stuart. *Cultura e Representação*. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Editora PUC- Rio. Apicuri, 2016.

HOOKS, Bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

JODELET, Denise; MOSCOVICI, Serge. Les représentations Sociales dans le champ social. *Revue Internationale de Psychologie Socialc*. n. 3, 1990.

JODELET, Denise. *As representações sociais*. Tradução: Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ. 2001.

LARA, Gláucia Proença.; LIMBERTE, Rita Pacheco. *Discurso e (des)igualdade social*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MAGALHÃES, Izabel; MARTINS, André Ricardo; RESENDE, Viviane de Melo. *Análise de Discurso Crítica: um método de pesquisa qualitativa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.

MANTOVANI, Flávia. *Diário de uma refugiada: venezuelana relata experiência de migrar ao Brasil*. Folha de São Paulo (Edição Impressa), 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/12/diario-de-uma-refugiada-venezuelana-relata-experiencia-de-migrar-ao-brasil.shtml>. Acesso em: 06 ago. 2021.

MARINUCCI, Roberto. Feminization of migration? In: *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, Ano XV, v. 15, n. 29, 2007, pp. 5-22. Disponível em: <https://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/issue/view/4>. Acesso em: 13 nov. 2022.

MELO, Iran Ferreira. *Introdução aos Estudos Críticos do Discurso: teoria e prática*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

MINCHOLA, Luís Augusto Bittencourt. Que lei de migração é essa? In: *Migrações internacionais: experiências e desafios para a proteção e promoção de Direitos Humanos no Brasil*. Giuliana Redin (organizadora) – Santa Maria, RS: Ed. UFSM, 2020 (e-book). Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2020/07/migracoes-internacionais.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2020.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. A Performance Narrativa do jogador Ronaldo como fenômeno sexual em um jornal carioca: multimodalidade, posicionamento e iconicidade. *Revista da Anpoll*, v. 2 n. 27, 2009. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/146>. Acesso em: 11 fev. 2022.

MORIN, Edgar. *O Método 4: as ideias – habitat, vida, costumes, organização*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais: investigações em Psicologia Social*. 11. ed. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

- OSTERNE, Maria do Socorro Ferreira. *Violência nas relações de gênero e cidadania feminina*. [livro eletrônico]. 1. ed. Fortaleza, CE: Edmeta Editora, 2020. Disponível em: <https://storage.woese.com/documents/9ec941b08958441a0e359656a289385fee806b3b.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2022.
- PADILLA, Beatriz. A imigrante brasileira em Portugal: considerando o gênero na análise. In: MALHEIROS, Jorge Macaísta. (coord). *A Imigração Brasileira em Portugal*. Lisboa: ACIDI, 2007.
- RAMALHO, Viviane C. Vieira Sebba. Constituição da Análise de Discurso Crítica: um percurso teórico-metodológico. *Signótica*, v. 17, n. 2, p. 275-298, jul./dez. 2005. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/3731> . Acesso em: 07 ago. 2022.
- REIGADA, Carolina Lopes de Lima. *Violência contra migrantes e refugiadas*, 2020. Disponível em: <https://www.sbmfc.org.br/noticias/violencia-contra-migrantes-e-refugiadas/>. Acesso em: 06 jul. 2020, s/p, web.
- RESENDE, Viviane de Melo. (org.). *Estudos do discurso: relevância social, interseccionalidade, Interdisciplinaridade*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.
- RESENDE, Viviane de Melo. *Análise de Discurso Crítica e Realismo Crítico: implicações interdisciplinares*. Campinas: Pontes, 2009.
- SÁ, Celso Pereira. *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- SANTOS, Eric Silva; LOPES, Lucineide Matos; DUTRA, Zilda Maria da Silva. Modernidade Tardia. In: IRINEU, Lucineudo Machado et al. (org.) *Análise de Discurso Crítica: conceitos-chave*. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.
- SANTOS, Maria de Fátima de Souza. A teoria das Representações Sociais no Brasil: história e evolução. In: NASCIMENTO, Adriano Roberto Afonso; GIANORDOLI-NASCIMENTO, Ingrid Faria; ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel. (org.). *Representações Sociais: campos, vertentes e fronteiras*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2021.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?*. Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: editoras UFMG, 2010.
- THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 9. ed. Trad. de P. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2011a.
- THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão; revisão da tradução Leonardo Avritzer. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011b.
- VAN DIJK. Teun A. *Semiosis*. México: Universidad Veracruzana, 1998.
- VAN DIJK. *Discurso e Poder*. São Paulo: Contexto, 2015.
- VAN DIJK. *Ideología: una aproximación multidisciplinaria*. Barcelona: Gedisa Editorial, 2003.

UMA LINGUÍSTICA DAS FUNÇÕES DO HOMEM NA LÍNGUA E NA LINGUAGEM

A LINGUISTICS OF MAN'S FUNCTIONS IN LANGUAGE

Valdir do Nascimento Flores¹

Larissa Colombo Freisleben²

RESUMO

A hipótese desse artigo é que a linguística de Émile Benveniste pode ser lida como uma linguística das *funções*. Tais *funções* são entendidas como universais antropológicos situados no plano da linguagem no interior dos quais o homem ocupa um lugar sempre que enuncia. Para apresentar e fundamentar essa hipótese, inicialmente discutimos brevemente a presença da noção de *função* no campo dos estudos linguísticos. Em seguida, fazemos um levantamento do uso do termo e da noção nos dois volumes dos *Problemas de linguística geral*, mostrando os diferentes sentidos que *função* adquire em sua obra. Finalmente, apresentamos uma noção específica de *função* como um universal de caráter antropológico a partir da leitura do artigo “As relações de tempo no verbo francês”.

PALAVRAS-CHAVE: Émile Benveniste. Função. Antropologia da linguagem.

ABSTRACT

The hypothesis of this article is that Émile Benveniste's linguistics can be read as a linguistics of *functions*. Those functions are understood as anthropological universals situated in the language level, within which man always occupies a place whenever he speaks. To present and support this hypothesis, we initially discuss briefly the presence of the notion of *function* in linguistics. Next, we present a survey of the use of the term and the concept in the two volumes of *Problems in general linguistics*, demonstrating the various meanings that the term *function* holds in his work. Finally, we introduce a specific notion of *function* as an anthropological universal based on a reading of the article “The Relations of Time in the French Verb.”

KEYWORDS: Émile Benveniste. Fonction. Anthropology of language.

Introdução

Há alguns anos, apresentamos a ideia de que a enunciação teria, na teoria da linguagem de Émile Benveniste, o *papel* de “colocar em funcionamento a língua” (FLORES, 2022). Essa formulação decorreu da própria definição de “enunciação” dada pelo autor, segundo o qual “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1989, p. 82). A partir disso, formulamos a hipótese de que a enunciação, ao fazer a língua funcionar, coloca em ato, nas línguas, as grandes funções da linguagem no interior das quais o homem se situa (FLORES, 2022, p. 19). Naquele momento, exemplificamos esse raciocínio com uma passagem de Benveniste em que ele fala sobre indicadores de pessoa, tempo e espaço:

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), valdirnf@yahoo.com.br, <https://orcid.org/0000-0003-2676-3834>.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), larissacfreisleben@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-2191-1730>

A importância da sua [dos indicadores] **função** se comparará à natureza do problema que servem para resolver, e que não é senão o da comunicação intersubjetiva. **A linguagem resolveu esse problema** criando um conjunto de signos “vazios”, não referenciais com relação à “realidade”, sempre disponíveis, e que se tornam “plenos” assim que um locutor os assume em cada instância do seu discurso (BENVENISTE, 1988, p. 280, grifo nosso).

Dito de outro modo, a enunciação, nessa interpretação, mostra, através desses indicadores, que há na linguagem funções no interior das quais o homem se situa para falar uma língua. Nesse sentido, a enunciação seria uma espécie de puro ter-lugar das funções do homem na linguagem, na língua e nas línguas.

O presente trabalho retoma essa hipótese e busca aprofundá-la a partir do seguinte prisma: a noção de *função*, assim entendida, dá consistência à ideia, bastante difundida e aceita hoje em dia, de que a teoria linguística de Benveniste dá lugar a uma antropologia da linguagem (DESSONS, 2006; FENOGLIO; COQUET, 2014; LAPLANTINE, 2011; LAPLANTINE; PINAULT, 2015; FLORES, 2013, 2019). Quer dizer: a linguística de Benveniste seria uma linguística das *funções*, entendidas como universais de natureza antropológica, situados no plano da linguagem, no interior das quais o homem ocupa um lugar sempre que ele enuncia em uma dada língua. Desenvolver e fundamentar essa hipótese são os objetivos que temos aqui.

Para levar a cabo esses objetivos, impõe-se a necessidade de um percurso investigativo longo do qual não daremos mais do que algumas diretrizes. Em primeiro lugar, (cf. item 1), fazemos uma pequena retomada da ideia de “função” na linguística do século XX. Longe de querer esgotar o tema, nosso interesse é apenas contextualizar – no conjunto dos estudos linguísticos contemporâneos a Benveniste – o uso do termo em algumas das perspectivas da linguística moderna. Em seguida (cf. item 2), apresentamos um levantamento acerca do uso do termo e da noção em alguns trabalhos da obra de Benveniste (em especial os dois volumes de *Problemas de linguística geral*³). Esse levantamento é essencial porque, conforme mostramos em Flores (2013, pp. 34-42), há considerável flutuação terminológica nesse autor; isto é, usos homonímicos, sinonímicos e polissêmicos de termos, o que é verificável tanto comparando-se diferentes textos entre si quanto no interior de um único texto. Na terceira parte (cf. item 3), dedicamo-nos a mostrar como Benveniste opera em algumas de suas análises com a ideia de “função” para, finalmente (cf. *Considerações finais*), mostrar os termos pelos quais julgamos verificável nossa hipótese de que a linguística de Benveniste pode ser entendida como uma linguística das *funções* do homem na linguagem, na língua e nas línguas.

1. A noção de *função* em linguística: alguns apontamentos

O termo *função* é comum em linguística. No entanto, a noção recobre uma ampla gama de sentidos. No percurso a seguir, abordamos brevemente a presença do termo no campo dos estudos linguísticos em geral.

³ Referimos os livros também pelas siglas PLG 1 e PLG 2.

Em um primeiro sentido, *função* é entendido como o que se privilegia no lugar da *forma* em uma determinada perspectiva teórica, opondo abordagens *funcionalistas* e abordagens *formalistas*. Nas abordagens funcionalistas, dá-se ênfase às *funções da linguagem*, entendidas em primeiro lugar como instrumento de interação (BATTISTI; OTHERO; FLORES, 2022, p. 80). Entretanto, o rótulo “funcionalista” recobre uma ampla variedade de correntes e autores. Consideram-se funcionalistas, por exemplo, os autores do Círculo Linguístico de Praga, na Europa durante a primeira metade do século XX; nos anos 1970, nos Estados Unidos, destaca-se o trabalho de Talmy Givón; no Reino Unido, também na segunda metade do século XX, destaca-se Michael Halliday e a sua linguística sistêmico-funcional (BATTISTI; OTHERO; FLORES, 2022, p. 80). Assim, conforme pontua Neves (2022, p. 19): “O termo *função* apresenta tal variedade de usos que, simplesmente com chamar-se *funcional* a uma teoria linguística, não se obtém caracterizá-la realmente”.

Roman Jakobson, integrante do Círculo Linguístico de Praga, é autor de um conhecido artigo no qual define seis funções para a linguagem: função referencial, função emotiva ou expressiva, função conativa, função fática, função metalinguística e função poética. Essas funções são definidas por Jakobson a partir da consideração de seis fatores constitutivos do ato de comunicação verbal. Para Jakobson, em cada mensagem haveria uma função predominante de acordo com o fator preponderante - respectivamente, o contexto para a função referencial; o remetente para a função emotiva; o destinatário para a função conativa; o contato para a função fática; o código para a função linguística; e a mensagem para a função poética (JAKOBSON, 1974). Um modelo triádico de funções, que pode ser relacionado às três primeiras, já havia sido proposto anteriormente pelo psicólogo Karl Bühler em 1934, distinguindo de forma hierarquizada as funções de representação, de exteriorização psíquica e de apelo (NEVES, 2022, p. 22).

Para Givón, a estrutura linguística está a serviço das funções cognitivas e comunicativas (BATTISTI; OTHERO; FLORES, 2022, p. 80). Já Halliday propõe uma série de *metafunções* da linguagem: a função *ideacional*, de expressão de conteúdo, que comporta duas subfunções: a *experencial* e a *lógica*; a função *interpessoal*, relativa ao uso da linguagem para participar de um evento de fala; e, por fim, a função *textual*, relacionada à criação de textos (NEVES, 2022).

Segundo André Martinet (1994, p. 11), “o termo função, e conseqüentemente o derivado *funcional*, apresenta uma tal variedade de empregos que há a possibilidade de que não distingamos, à primeira vista, de qual função se trata”⁴. Martinet distingue três sentidos para o termo: o primeiro, adotado pela Société Internationale de Linguistique Fonctionnelle (SILF), é o de “*papel ou de utilidade de um objeto ou de um comportamento*”⁵ (MARTINET, 1994, p. 11); o segundo, característico da tradição gramatical, é o de “*papel da palavra em uma proposição*”⁶, ou seja: ainda que uma palavra

⁴ Tradução nossa. Texto original: “Le terme de fonction, donc dérive *fonctionnel*, présente une telle variété d’emplois qu’il y a des chances pour qu’on ne distingue pas, à première vue, de quelle fonction il s’agit”

⁵ Tradução nossa. Texto original: “[...] *rôle ou d’utilité d’un objet ou d’un comportement*”

⁶ Tradução nossa. Texto original: “[...] *rôle du mot dans une proposition*”

tenha uma natureza permanente, sua função depende de seu uso (MARTINET, 1994, p. 12); o terceiro é o uso matemático do termo *função*. Para Martinet, o segundo não deve ser utilizado em linguística - tampouco o terceiro, cuja utilização em linguística, em suas palavras, é “infinitamente mais perigosa”⁷.

As diferentes acepções apontadas por Martinet evidenciam que a presença da noção de *função*, em linguística, não se restringe a abordagens funcionalistas. Louis Hjelmslev, por exemplo, faz uso do termo na elaboração de sua *glossemática*. Hjelmslev afirma adotar um sentido do termo “que se situa a meio caminho entre seu sentido lógico-matemático e seu sentido etimológico” (HJEMSLEV, 2013).

A menção a esses poucos autores já ilustra a polissemia que o termo *função* recobre em linguística. A consulta a alguns dicionários especializados evidencia de forma ainda mais explícita os diferentes sentidos adquiridos pelo termo. O *Dicionário de linguagem e linguística* (TRASK, 2004) tem uma entrada para *funcionalismo* e outra para *funções da linguagem*. O primeiro é definido como “qualquer abordagem na descrição da estrutura linguística que dá importância aos propósitos para os quais a linguagem é empregada” (TRASK, 2004, p. 120), enquanto o segundo diz respeito aos “vários objetivos que se podem visar usando a linguagem” (TRASK, 2004, p. 121), incluindo, aí, não apenas a comunicação, mas os outros usos da linguagem, como expressar emoções ou persuadir; além disso, é possível pensar, por exemplo, em funções dos textos, como o faz a linguística sistêmico-funcional.

O *Dicionário de Linguística* de Dubois *et al.* (2014) cita cinco sentidos para *função*: (1) “O papel representado por um termo (fonema, morfema, palavra, sintagma, etc.) na estrutura gramatical do enunciado” (DUBOIS *et al.*, 2014, p. 294). Nesse primeiro sentido, fala-se, por exemplo, em funções de *sujeito* e de *predicado*; (2) função com um termo próximo ao matemático, definindo toda a relação entre dois termos. É o sentido que prevalece na glossemática de Hjelmslev; (3) “a relação gramatical que os elementos de uma estrutura (as categorias) mantêm entre si nessa estrutura” (DUBOIS *et al.*, 2014, p. 295) - é esse o sentido adotado pela gramática gerativa. Assim, por exemplo, fala-se que um sintagma nominal tem a função de sujeito, de objeto ou de complemento e que um sintagma verbal tem a função de predicado em determinada regra de reescrita; (4) as *funções da linguagem* como “diversos fins que se atribuem aos enunciados, ao produzi-los” (DUBOIS *et al.*, 2014, p. 295), características da Escola de Praga e cujo número varia de acordo com a teoria; (5) a *função lexical* do projeto soviético de um dicionário explicativo e combinatório. A função lexical é “a relação de sentido entre uma palavra-chave C_0 e outras palavras C_i ”. (DUBOIS *et al.*, 2014, p. 295)

O *Dicionário de análise do discurso* de Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau (2004) afirma que as *funções da linguagem* podem ser relacionadas tanto ao que se considera ser o nível da fala quanto ao nível do discurso. Cita como exemplo as funções já mencionadas de Bühler, Jakobson e Halliday, além de mencionar a oposição entre *função transacional* e *função interacional* de Brown e Yule. Cita, também, distinções estabelecidas entre tipos de textos por autores como Gross e Isenberg. Segundo os autores do dicionário, a problemática das funções da linguagem perdeu a força com o desenvolvimento da pragmática e da análise do discurso, sendo progressivamente substituída pela noção de comunicação nas perspectivas funcionais da frase (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU,

⁷ Tradução nossa. Texto original: “[...] infiniment plus dangereuse”

2004, p. 246). Os autores identificam três grandes funções da linguagem segundo essa perspectiva: (1) uma função instrumental, que permite coordenar ações coletivas; (2) uma função cognitiva, relacionada aos discursos que transmitem saberes ou resolver problemas; (3) uma função social (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 247).

O *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem* (1987), de Oswald Ducrot e Tzvetan Todorov, além de mencionar o funcionalismo como uma corrente que “considera o estudo de uma língua como a pesquisa das funções desempenhadas pelos elementos, classes e mecanismos nela intervenientes”, lembrando autores como Trubetzkoy, Martinet e Jakobson, também menciona *função referencial* (DUCROT; TODOROV, 1987, p. 229), *função semiótica* ou *simbólica* (DUCROT; TODOROV, 1987, p. 79), *funções sintáticas* (DUCROT; TODOROV, 1987, p. 199) e *funções narrativas* (DUCROT; TODOROV, 1987, p. 207).

Essa breve incursão sobre a noção de *função* nos estudos linguísticos revela duas coisas: em primeiro lugar, trata-se de um termo bastante comum em linguística; em segundo lugar, essa noção adquire uma variedade de sentidos diferentes de acordo com a perspectiva teórica adotada.

Se existe algum elemento comum a todas essas perspectivas abordadas, certamente ele não seria encontrado no plano metodológico, nem mesmo no epistemológico. Assim, não seria absurdo considerar que as perspectivas de *função* que sumariamente tratamos articulam, cada uma a seu modo, aspectos gerais a aspectos específicos (tanto do ponto de vista empírico quanto do ponto de vista metodológico). Além disso, percebe-se que *função* é utilizado ou para reiterar a noção de *comunicação* – o que se articula ao nível das interações linguísticas no vai-e-vem da informação como, por exemplo, nas teorias advindas da Escola de Praga –; ou para reiterar uma ultrapassagem da análise das línguas naturais pelo viés do que estas têm em comum com “outras linguagens” como, por exemplo, na glossemática de Hjelmslev⁸ – o que abre caminho para uma verdadeira teoria semiótica; ou para tratar de aspectos gramaticais de diferentes ordens.

O fato é que em Benveniste, além desses sentidos, o termo parece assumir nuances que mereceriam ser mais bem compreendidas. Ora, sabemos que Benveniste usa recorrentemente o termo *função*. Resta, porém, estabelecer quais os sentidos que esse termo adquire em sua produção e qual o seu papel teórico-metodológico.

Como dissemos, Benveniste se vale de algumas noções de *função* já estabelecidas em linguística, que aparecem em sua obra; no entanto, esses não são os únicos sentidos do termo em sua produção. Considerando-se que o autor determina que a linguística “tem duplo objeto: é ciência da linguagem e ciência das línguas” (BENVENISTE, 1988, p. 20), pode-se supor que esse duplo objeto esteja implicado em todos os desdobramentos de sua linguística, inclusive no que tange à noção de *função*. Por isso, na próxima seção, trataremos especificamente dos sentidos muito particulares que a noção de *função* adquire na reflexão de Benveniste.

⁸ Tem razão Benveniste quando diz que “a teoria que L. Hjelmslev, na Dinamarca, quer promover sob o nome de *glossemática* é uma construção de um ‘modelo’ lógico da língua e um corpo de definições mais que um instrumento de exploração do universo linguístico” (BENVENISTE, 1988, p. 14).

2. As noções de *função* em Benveniste: primeiras aproximações

Investigar qualquer noção na teoria de Benveniste apresenta dificuldades porque, como já mencionamos, sua obra é marcada pela presença de flutuação terminológica (FLORES, 2013, pp. 34-42), tanto quando comparamos textos distintos entre si quanto quando observamos o uso de termos em um mesmo trabalho. Além disso, os termos utilizados por Benveniste têm diferentes estatutos: Normand (1996), ao investigar os textos que compõem sua teoria da enunciação, identifica que o linguista se vale de três grupos de termos: os provenientes da tradição gramatical ou psicológica, sem referência estrita - como a noção de *subjetividade*, que não tem uma definição específica; os não teóricos, que são utilizados com o sentido do discurso comum - como *indivíduo*, *falante*, *participante*; e, por fim, os termos teóricos, como *pessoa*, *diálogo*, *realidade de discurso*. Essa característica da obra faz com que o estudo de qualquer noção em Benveniste exija cautela: em primeiro lugar, porque várias menções ao termo *função* podem remeter a diferentes noções; em segundo lugar, porque, tendo em vista a flutuação terminológica, uma determinada noção de *função* pode estar presente sem que o termo compareça.

Além do que diz Normand, vale lembrar também a observação de Ono (2007) que, em estudo sobre *enunciação* na obra do linguista, detecta dois empregos distintos do termo: um emprego descritivo – associado à ideia de “rito” – e um emprego teórico, no qual percebe-se uma elaboração conceitual do autor. Segundo a autora, no caso de *enunciação*, o termo adquire aspecto teórico com base nos empregos descritivos da palavra; quer dizer, os usos descritivos levam a uma progressiva teorização. Nos textos “em que se encontram as utilizações descritivas da palavra enunciação, aparecem, pouco a pouco, empregos teóricos, cujo significado se desenvolve na mesma proporção que outros termos teóricos” (ONO, 2007, p. 30).

Especificamente sobre *função*, embora diversos autores o mencionem, quando tratando dos estudos de Benveniste, as observações a esse respeito são diversas: para Montaut (1992), há um princípio metodológico que atravessa a produção do linguista: a busca de uma correlação perfeita entre *marca formal* e *função*⁹; para Savatovsky (1997, p. 248), a noção de *função*, assim como outras (como *forma*, *sentido* e *sujeito*) levam Benveniste a tentar constituir um ponto de vista linguístico para problemas que não podem ser contidos nos limites do conhecimento empírico dos fatos de língua. Para Normand (1996), em muitos trabalhos do linguista *função* equivale a *significação*¹⁰.

⁹ De certa maneira é isso que Benveniste diz no prefácio de *Problemas I*, ao falar da Terceira parte do livro: “As noções de **estrutura** e de **função** constituem o objeto dos ensaios seguintes, que se apoiam sucessivamente sobre as variações de estrutura nas línguas e sobre as manifestações intralinguísticas de algumas **funções**; principalmente as relações da forma e do sentido são relacionadas com os níveis da análise” (BENVENISTE, 1988, s.p. grifos nossos).

¹⁰ Tem razão Normand, por exemplo, em ocorrências como: “Isso é o que faz com que a língua seja um sistema em que nada signifique em si e por vocação natural, mas em que tudo signifique em função do conjunto; a estrutura confere às partes **a sua ‘significação’ ou a sua função**” (BENVENISTE, 1988, p. 24, grifo nosso). Ou em casos em que coocorre com “forma”: “Uma **forma** não desaparece a não ser que a sua **função** não seja mais necessária ou que uma outra **forma** a cumpra melhor” (BENVENISTE, 1988, p. 265, grifos nossos).

Na pesquisa que fizemos em torno do termo, detectamos tanto a distinção “termos sem referência explícita (da tradição gramatical, psicológica etc.)”/ “termos não teóricos” / “termos teóricos” (NORMAND, 1996) quanto a distinção “termos descritivos”/ “termos teóricos” (ONO, 2007). Encontramos também usos que parecem compor um meio-termo.

O fato é que somente podemos fazer alguma ilação a respeito dessas nuances quando levamos em conta o “em torno” da palavra no texto de Benveniste. Quer dizer, Benveniste coloca em ato, na elaboração de sua própria teoria, a ideia de que, “para ver como o ‘sentido’ se forma em ‘palavras” (BENVENISTE, 1989, p. 83), é necessário prestar atenção na semantização das palavras, no agenciamento sintagmático.

Em ambos os volumes de *Problemas de linguística geral* (PLG), encontramos, por exemplo, o termo *função*, em usos que estão ligados à tradição gramatical (muitos deles, mas não apenas, no plural), como no título do capítulo 12 do PLG 1, “Para a análise das **funções** casuais: o genitivo latino” (BENVENISTE, 1988, p. 12, grifo nosso), e no título da *Parte 5* de PLG 1 e 2, “Funções sintáticas”¹¹. São usos que consideramos teóricos, em sua maior parte.

Há também usos que, embora não se possa dizer que sejam completamente não teóricos, têm predominantemente valor descritivo, como em: “podem-se construir línguas sobre línguas, o que se chama de metalínguas, línguas que servem para descrever uma língua, que é sua única **função**” (BENVENISTE, 1989, p. 35, grifo nosso). Também na pergunta referente a uma composição nominal: “Qual poderia ser então sua **função**?” (BENVENISTE, 1987, p. 16, grifo nosso). Por fim, mais um exemplo entre tantos possíveis são expressões como “**função** sintática”, “**função** semântica” “**função** de possuidor”, **função** de possuído” (Benveniste, 1989, p. 161, grifos nossos) etc. que, como dissemos, encerram um valor descritivo na medida em que expõem uma característica a partir da sua própria utilização, mesmo que não possam ser considerados não teóricos.

De todos os inúmeros usos que o termo tem nos *Problemas de linguística geral*, um nos chama mais atenção, devido à potencialidade que apresenta, do ponto de vista teórico. Trata-se de *função* em contextos que, de uma maneira ou de outra, colocam em implicação *língua*, *línguas* e *linguagem*. E temos uma boa razão para fazer esse destaque, pois é o próprio Benveniste (1988, p. 20) que considera essa relação importante:

a linguagem, faculdade humana, característica universal e imutável do homem, não é a mesma coisa que as línguas, sempre particulares e variáveis, nas quais se realiza. [...]. Dentro da perspectiva em que nos aqui colocamos, veremos que essas vias diferentes se entrelaçam com frequência e finalmente se confundem, pois os problemas infinitamente diversos das línguas têm em comum o fato de que, a um certo grau de generalidade, põem sempre em questão a linguagem.

¹¹ Aliás, se tomarmos o termo *função* e o investigarmos apenas nos títulos de textos de Benveniste, teríamos uma surpresa com a multiplicidade de sentidos que o termo adquire. Consideremos a lista a seguir, excetuado o título já referido da “Terceira parte” dos PLGs: “Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana”; “Para a análise das funções casuais: o genitivo latino”; “‘Ser’ e ‘ter’ nas suas funções linguísticas”.

Isso já está anunciado no prefácio do primeiro volume dos PLGs:

a reflexão sobre a linguagem só produz frutos quando se apoia, primeiro, sobre as línguas reais. O estudo desses organismos empíricos, históricos, que são as línguas permanece o único acesso possível à compreensão dos mecanismos gerais e do funcionamento da linguagem (BENVENISTE, 1988, s.p.).

Dito de outro modo, o estudo da linguagem implica o estudo das línguas e vice-versa.

Com relação ao tema que nos ocupa neste artigo, é bastante instigante ver como Benveniste utiliza *função* com um “em torno” em que *língua, línguas, linguagem* (e termos relacionados como *discurso, exercício da linguagem, fala, exercício do discurso* etc.) estão ou textualmente presentes ou implicados no conjunto da reflexão que está fazendo. Examinaremos, a seguir, algumas ocorrências que, apesar de longas, são fundamentais para que possamos ilustrar o que estamos defendendo. Observe-se.

(1) Tanto para o sentimento ingênuo do falante como para o linguista, a **linguagem** tem como **função** “dizer alguma coisa”. O que é exatamente essa “alguma coisa” em vista da qual a **linguagem** está articulada, e como é possível delimitá-la em relação à própria **linguagem**? O problema da significação está posto (BENVENISTE, 1966, p. 7, tradução nossa, grifos nossos).

Começamos constatando que, em (1), as três ocorrências de “linguagem” parecem não se recobrirem conceitualmente¹²: a “linguagem” que tem por função “dizer alguma coisa” tem sentido próximo a “discurso”, “fala”, “língua em uso”; a “linguagem” que está “articulada” tem sentido próximo de “língua”, “sistema linguístico”; a “própria linguagem” parece ter sentido de “faculdade humana, característica universal e imutável do homem” (BENVENISTE, 1988, p. 20). Somente isso já bastaria para nos fazer refletir; mas há mais: a noção de *função* aí mobilizada implica essas três instâncias de “linguagem”. Necessariamente, somos levados a indagar: que *função* é essa evocada por Benveniste que cerca “alguma coisa” capaz de implicar essas três instâncias? A resposta do autor parece ser outro termo não menos complexo: a *significação*. Haveria, portanto, um plano geral da *significação* que estaria na base de sua teoria porque na base das próprias língua e linguagem. É isso que lemos em “A forma e o sentido na linguagem”: “que a língua significa, isso quer dizer que a significação não é alguma coisa que é-lhe dada por acréscimo, ou em maior medida do que outra atividade; esse é o seu próprio ser; se ela não fosse isso, ela não seria nada” (BENVENISTE, 1974, p. 219, tradução nossa). É também isso que lemos em uma carta de Benveniste, datada de 20 de abril de 1953, endereçada à Fundação Rockefeller para solicitar apoio a um projeto, em que Benveniste associa a ideia de significar a simbolizar:

(2) Todas as pesquisas que fiz nesses últimos anos e o projeto que formulei têm em vista o mesmo propósito. [...] Em termos sumários, **minha preocupação é saber como a língua ‘significa’ e como ela ‘simboliza’**. As tendências atuais de uma certa escola de linguistas

¹² Sobre o uso da terminologia linguística por Benveniste, ver Flores (2013).

pretendem analisar a língua sobre a base da distribuição e das combinações formais. Parece-me que é tempo de abordar com métodos novos o conteúdo dessas formas e de ver segundo quais princípios ele é organizado (BENVENISTE, 1953 apud BRUNET; MAHRER, 2011, p. 35, tradução nossa, grifos nossos).

Inicialmente, então, podemos dizer que há uma noção de *função* em Benveniste – que é a que perseguimos aqui – que se coloca em um plano bastante geral porque diretamente ligada à propriedade da linguagem de significar. Dito de outro modo, a *função* da linguagem é significar, o que se configura uma propriedade da linguagem.

Além disso, “é preciso acrescentar que a linguagem se realiza necessariamente numa língua, e então surge uma diferença, que define para o homem o simbolismo linguístico” (BENVENISTE, 1988, p. 92). Logo, as propriedades de simbolizar, de significar, da linguagem se realizam nas línguas. Nesse sentido, como diria Benveniste, não se trata mais de ceder facilmente “à tentação de erigir como propriedades universais da linguagem as particularidades de uma língua ou de um tipo linguístico” (BENVENISTE, 1988, p. 6). Dessa maneira, entende-se melhor agora a afirmação de Benveniste que referimos anteriormente, feita no prefácio ao PLG 1, que apresenta a terceira parte do livro dizendo que “as noções de estrutura e de **função** constituem o objeto dos ensaios seguintes, que se apoiam sucessivamente sobre as variações de estrutura nas línguas e sobre as manifestações intralinguísticas de algumas **funções**” (BENVENISTE, 1988, s.p. grifos nossos). Quer dizer, nas variadas estruturas das línguas, intralinguisticamente, vemos se manifestar *funções*.

Vejam agora a seguinte passagem:

(3) Antes de qualquer coisa, a **linguagem** significa, tal é seu caráter primordial, sua vocação original que transcende e explica todas as **funções** que ela assegura no meio humano. Quais são estas **funções**? Tentemos enumerá-las? Elas são tão diversas e tão numerosas que enumerá-las levaria a citar todas as atividades de **fala**, de pensamento, de ação, todas as realizações individuais e coletivas que estão ligadas ao **exercício do discurso**: para resumi-las em uma palavra, eu diria que, bem antes de servir para comunicar, a **linguagem** serve para *viver*. Se nós colocamos que à falta de **linguagem** não haveria nem possibilidade de sociedade, nem possibilidade de humanidade, é precisamente porque **o próprio da linguagem é, antes de tudo, significar**. Pela amplitude desta definição pode-se medir a importância que deve caber à significação (BENVENISTE, 1989, p. 222, grifos nossos).

Em (3), além de vermos confirmada a ideia presente em (1) – que definimos em termos de propriedade da linguagem que se realiza nas línguas –, vemos que a *função* de significar assegura *funções* que permitem o *viver* em sociedade, *ligadas ao exercício do discurso*.

Por fim, apesar de também extensa, vejamos a formulação a seguir:

(4) Todas as **línguas** têm em comum certas categorias de expressão que parecem corresponder a um modelo constante. As formas que revestem estas categorias são registradas e inventariadas nas descrições, mas suas **funções** não aparecem claramente senão quando se as estuda no **exercício da linguagem** e na **produção do discurso**. São categorias elementares, independentes de toda determinação cultural e nas quais vemos a experiência subjetiva dos

sujeitos que se colocam e se situam **na e pela linguagem**. Tentaremos aqui esclarecer duas categorias fundamentais do **discurso**, aliás necessariamente ligadas, **a de pessoa e a de tempo** (BENVENISTE, 1989, p. 68, grifos nossos).

Dois pontos chamam nossa atenção em (4). O primeiro é a ideia de que há categorias comuns a todas as línguas; essas categorias correspondem a um *modelo constante*, expressão essa que pode ser entendida em seu sentido mais literal de algo que é imutável, inalterável, invariável. O que varia são as *descrições* das formas que essas categorias podem assumir. As *funções* que essas categorias desempenham aparecem no discurso, no uso linguístico. O segundo ponto diz respeito às categorias que Benveniste aborda aí: a de tempo e a de pessoa. Isso nos leva a pensar que a propriedade da linguagem de significar apresenta-se em categorias invariáveis que variam a forma que têm nas línguas, o que é visível através das descrições que delas se fazem. Tempo e espaço seriam, então, exemplos de categorias a serviço da grande função de significar, própria à linguagem.

Se estamos certos em nossa compreensão até aqui, três indagações se impõem. A primeira: poderíamos dizer que a linguística de Benveniste comportaria um âmbito universal, do domínio da linguagem, que se apresentaria de maneira diversificada nas diferentes línguas? A segunda (e supondo uma resposta positiva para a questão anterior): esse âmbito universal, a linguagem, poderia ser descrita em termos de propriedades entendidas em termos de categorias – no sentido de que há elementos que lhes sejam inerentes? A terceira (ainda supondo uma resposta afirmativa à questão imediatamente anterior): essas categorias poderiam ser vistas como constitutivas da grande *função* de significar que garantiria a realização das *funções* no exercício do discurso nas diferentes línguas?

Essas perguntas, formuladas à moda de hipóteses epistemológicas, receberão melhor clareza se forem ilustradas com alguns fenômenos linguísticos. No item seguinte, procedemos a isso a partir da retomada – sob o prisma aqui delineado – do estudo de Benveniste acerca da distinção entre *enunciação histórica* e *enunciação de discurso*, elaborada no artigo “As relações de tempo no verbo francês”, de 1959.

3. A noção de *intenção histórica*, uma função de linguagem

“As relações de tempo no verbo francês” foi publicado em 1959 no *Bulletin de la Société de linguistique de Paris LVI*. Nesse texto, Benveniste critica os critérios normalmente utilizados para classificar os verbos em francês, tais como as noções gramaticais de tempo e aspecto, demonstrando que esses critérios não são suficientes para explicar a distribuição das formas verbais considerando seu uso. Benveniste tem como objetivo, em seu artigo, “procurar, numa visão sincrônica do sistema verbal em francês moderno, as relações que organizam as diversas formas temporais” (BENVENISTE, 1988, p. 261). O linguista aponta que há uma aparente “falha” no sistema que permite entrever essas relações: trata-se da coexistência, em francês, do passado simples e do passado composto, ou seja, da existência concomitante de dois tempos narrativos. Tradicionalmente, a interpretação era de que se tratava de uma relação de concorrência entre as duas formas, e que o passado composto viria a

suplantar o passado simples¹³. No entanto, as relações que Benveniste identifica como atravessando a organização do sistema verbal francês fornecem uma explicação alternativa: na verdade não há concorrência entre as duas formas e, sim, usos distintos para cada uma das formas de expressão do passado. Essa questão específica do francês o leva a identificar uma distinção que atravessa a distribuição dos tempos verbais em francês: *enunciação histórica/enunciação de discurso*. Além disso, Benveniste também faz uma reflexão sobre as relações entre tempos simples e composto identificando duas diferentes funções¹⁴ que essas formas podem ter, como formas de ação acabada ou como formas de anterioridade¹⁵. Trataremos, aqui, apenas dos planos da *enunciação histórica* e da *enunciação de discurso*, pois é nessa formulação que se deixa entrever a noção de *intenção histórica*¹⁶.

Antes de tratarmos especificamente dessa noção de *função* que comparece nesse texto, convém retomar a distinção entre *enunciação histórica* e *enunciação de discurso*. Vejamos como o linguista define os dois planos. A *enunciação histórica* é definida por Benveniste da seguinte forma:

A enunciação *histórica*, hoje reservada à língua escrita, caracteriza a narrativa dos acontecimentos passados. Esses três termos, *narrativa*, *acontecimento*, *passado*, devem ser igualmente sublinhados. Trata-se da apresentação dos fatos sobrevividos a um certo momento do tempo, sem nenhuma intervenção do locutor na narrativa. Para que possam ser registrados como se tendo produzido, esses fatos devem pertencer ao passado. Sem dúvida, seria melhor dizer: desde que são registrados e enunciados numa expressão temporal histórica estão caracterizados como passados. **A intenção histórica constitui realmente uma das grandes funções da língua**: imprime-lhe a sua temporalidade específica, cujas marcas formais devemos agora assinalar. (BENVENISTE, 1988, p. 262, grifos nossos)

A *enunciação de discurso*, por sua vez, faz referência a “toda enunciação que suponha um locutor e um ouvinte e, no primeiro, a intenção de influenciar, de algum modo, o outro.” (BENVENISTE, 1988, p. 267). Benveniste identifica que os tempos que caracterizam a *enunciação histórica*, em francês, são o aoristo, o imperfeito (incluindo o condicional), o mais-que-perfeito e o prospectivo; o presente, o perfeito e o futuro, por sua vez, são excluídos desse modo de enunciação, salvo o presente de definição. A *enunciação de discurso*, por sua vez, permite todos os tempos, com exceção do aoristo.

Observando essas definições, é possível perceber que existem duas questões em jogo: de um lado, há uma descrição do sistema verbal do francês contemporâneo, uma vez que Benveniste identifica os tempos verbais que caracterizam cada plano da enunciação; no entanto, há também uma

¹³ Essa era a interpretação de Antoine Meillet, exposta em um artigo de 1909 citado por Benveniste intitulado “Sur la disparition des formes simples du prétérit” (MEILLET, 1982).

¹⁴ Entendemos que *função*, aqui, parece estar relacionado à noção saussuriana de valor linguístico.

¹⁵ Para uma apresentação mais detalhada do texto, cf. Freisleben (2023)

¹⁶ O leitor verá que a ideia de *intenção* mobilizada por Benveniste não está ligada a um sentido relativo a “aquilo que se procura alcançar, conscientemente ou não; propósito, desejo, intento” (HOUAISS, 2004), mas se aproxima do que, em outro textos, ele chamará de *intencionado*, o “que o locutor quer dizer, [a] atualização linguística de seu pensamento” (BENVENISTE, 1989, p. 229).

questão geral, que diz respeito às línguas: cremos que a distinção *enunciação histórica* e *enunciação de discurso* não é específica do francês, como sugerem muitos críticos desse texto, mas uma distinção geral. Há duas razões essenciais que nos levam a essa interpretação: a primeira e a mais importante, o texto do artigo sugere isso. Os planos da enunciação são definidos a partir de critérios muito gerais, considerando questões como a relação de pessoa, o que diz respeito à linguagem como um todo. Concordamos com Arrivé (1997), que defende que *enunciação histórica* e *enunciação de discurso* são categorias gerais, e o artigo em questão apenas as utiliza para descrever uma língua particular. Além de isso estar claro no texto, é importante ressaltar, como já mencionamos, que toda a obra de Benveniste é atravessada pela ideia de que o estudo das línguas e da linguagem é indissociável. Em “Da subjetividade na linguagem”, o linguista afirma que “Os fatos das línguas particulares, que concordam, testemunham pela linguagem” (BENVENISTE, 1988, p. 287). Em “A natureza dos pronomes”, destaca que:

(...) o problema dos pronomes é ao mesmo tempo um problema de linguagem e um problema de línguas, ou melhor, que só é um problema de línguas por ser, em primeiro lugar, um problema de linguagem. É como fato de linguagem que o apresentaremos aqui (...) (BENVENISTE, 1988, p. 277).

Assim, tanto o texto em si como o fato de que toda a obra de Benveniste é marcada pelo estudo concomitante das línguas e da linguagem nos levam a crer que é bastante lícito concluir que a proposta da distinção não é válida apenas para o francês contemporâneo, mas sim uma distinção que pode ser aplicada para pensar as demais línguas e para pensar categorias de linguagem - e isso se relaciona intimamente à noção de *intenção histórica* que lemos nesse texto.

Passamos agora a tratar especificamente da noção de *intenção histórica* que propomos a partir de nossa leitura. Partindo do pressuposto que a distinção *enunciação histórica/enunciação de discurso* é geral, na definição que Benveniste dá ao plano da *enunciação histórica* há uma passagem do texto que já citamos que chama bastante atenção: “A **intenção histórica** constitui realmente uma das **grandes funções da língua**: imprime-lhe a sua temporalidade específica, cujas marcas formais devemos agora assinalar.” (BENVENISTE, 1988, p. 262, grifos nossos). Há outra passagem em que o linguista menciona novamente a *intenção histórica*: “Para o historiador, o presente, o perfeito e o futuro são excluídos porque a dimensão do presente é incompatível com a **intenção histórica** [...]” (BENVENISTE, 1988, p. 271, grifos nossos).

A *intenção histórica* é caracterizada por Benveniste como “uma das grandes **funções** da língua”. Entendemos que o sentido de *função*, aqui, é muito particular, bastante distinto dos sentidos comuns em linguística elencados no item 1 - e que, cremos, também comparece em outros momentos da obra de Benveniste. Tentaremos demonstrar, a seguir, os contornos dessa ideia de que a *intenção histórica* é uma grande função da língua:

Observemos, inicialmente, uma série de passagens nas quais Benveniste define o que caracteriza o plano da *enunciação histórica*:

- a) “impõe uma delimitação particular às duas categorias verbais do tempo e da pessoa tomadas em conjunto” (BENVENISTE, 1988, p. 262);
- b) “[...] exclui toda forma linguística ‘autobiográfica’. O historiador não dirá jamais *eu* nem *tu* nem *aqui* nem *agora*, porque não tomará jamais o aparelho formal do discurso que consiste em primeiro lugar na relação de pessoa *eu* : *tu*” (BENVENISTE, 1988, p. 262);
- c) admite três tempos: o aoristo (*passé simple*), imperfeito (*imparfait*) - incluindo-se a forma condicional, mais-que-perfeito (*plus-que-parfait*) e prospectivo, todos em forma de terceira pessoa;
- d) o aoristo “é o tempo do acontecimento fora da pessoa de um narrador” (BENVENISTE, 1988, p. 267); sua marca temporal “é o momento do acontecimento” (BENVENISTE, 1988, p. 270);
- e) exclui três tempos: presente (com exceção do “presente de definição”, um recurso estilístico), perfeito (*passé composé*) e futuro (simples e composto);
- f) “a dimensão do presente é incompatível com a intenção histórica” (BENVENISTE, 1988, p. 271);
- g) “Na verdade, [na enunciação histórica], não há mais, então, nem mesmo narrador. Os acontecimentos são apresentados como se produziram, à medida que aparecem no horizonte da história. Ninguém fala aqui; os acontecimentos parecem narrar-se a si mesmos”. (BENVENISTE, 1988, p. 267);
- h) “Nesta [na enunciação histórica], não intervindo o narrador, a terceira pessoa não se opõe a nenhuma outra; é na verdade uma ausência de pessoa” (BENVENISTE, 1988, p. 268).

Todas essas definições nos levam a crer que é possível ler a *intenção histórica* como uma previsão, nas línguas, do apagamento de marcas de autorreferência. Ou seja, a distinção *enunciação histórica/enunciação de discurso* está relacionada à questão da referência e da autorreferência. Assim, a coexistência de dois tempos verbais para a expressão do passado seria apenas uma questão específica do francês e um aspecto descritivo do artigo de Benveniste; no entanto, entendemos que *enunciação histórica* se relaciona a essa possibilidade de enunciar uma narrativa, excluindo marcas autorreferenciais, e que tal categoria permitiria descrever outros sistemas linguísticos¹⁷.

Caracterizada a *intenção histórica* nesses termos, resta entender qual a sua natureza. Acima, citamos a afirmação de Benveniste, segundo a qual “a *intenção histórica* é uma das grandes funções da língua”. Essa formulação tem um componente geral evidente, que poderia ser estendido ao âmbito

¹⁷ cf. Ciulla (2020) para uma análise de textos em língua portuguesa a partir das categorias propostas por Benveniste.

da linguagem. Quer dizer, se a *intenção histórica* é uma das grandes funções da língua, e é tarefa do linguista assinalar as marcas formais que essa função imprime nas línguas, poderíamos considerar que o uso de “língua” nessa afirmação de Benveniste é bastante próximo à *linguagem*. Em outras palavras: a *intenção histórica* teria caráter geral, próprio às categorias da linguagem. A *intenção histórica* é, então, uma *função histórica*.

Em nossa leitura, a *intenção histórica*, entendida como uma *função histórica*, é uma das categorias gerais, previstas na linguagem e realizadas nas línguas, que organizam a experiência do falante de uma maneira particular. Como mencionamos na introdução, acreditamos que essa noção de *função* dá respaldo à ideia de que a teoria de Benveniste pode ser lida como uma antropologia da linguagem, uma vez que se trata de uma posição que todo falante ocupa na língua.

Considerações finais

Apresentamos, neste texto, a hipótese de que há uma noção muito particular de *função* na obra de Benveniste, distinta dos outros sentidos usuais do termo em linguística, que fundamenta a ideia de que a linguística de Benveniste seja uma reflexão antropológica. Fizemos um levantamento de alguns usos polissêmicos do termo *função* na obra do linguista e apresentamos a noção de *intenção histórica*, decorrente de nossa leitura do artigo “As relações de tempo no verbo francês”. Defendemos que essa leitura é possível a partir do texto analisado e considerando o conjunto da obra de Benveniste. A *intenção histórica*, segundo entendemos, é uma função de linguagem que diz respeito à previsão de uma espécie de compartimento para a narrativa, nas línguas, que permite apagar marcas de autorreferência.

Creemos que tal noção de *função* também comparece em outros momentos da produção do linguista. A partir do que propomos aqui, a linguística de Benveniste poderia ser lida como uma linguística das *funções*, entendidas como universais antropológicos, situados no plano da linguagem, no interior das quais o homem ocupa um lugar sempre que enuncia em uma dada língua. Fazer um levantamento de quais outras *funções* - nesse sentido muito particular - comparecem na obra de Benveniste ou podem ser lidas a partir de sua produção é um trabalho a ser feito.

Referências

ARRIVÉ, Michel. Histoire, discours : retour sur quelques difficultés de lecture. *Linx*, Paris, n. 9, pp. 159-68, 1997. Disponível em: <https://journals.openedition.org/linx/1028>.

BATTISTI, Elisa; OTHERO, Gabriel; FLORES, Valdir do Nascimento. *Conceitos básicos de linguística: noções gerais*. São Paulo: Contexto, 2022.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Tradução de Maria da Gloria Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes, 1988.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Tradução de Eduardo Guimarães *et al.* Campinas: Pontes, 1989.

BRUNET, Émilie; MAHRER, Rudolf. “Les réception de Benveniste: un pluriel singulier ». In: BRUNET, Émilie; MAHRER, Rudolf. (orgs.) *Relire benveniste: réceptions actuelles des Problèmes de linguistique générale*. L’Harmattan/ Academia s.a. Louvain, Belgica, 2011.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

CIULLA, Alena. O tempo dos verbos como categoria de análise textual. *Fragmentum*, Santa Maria, n. 56, pp. 195-216, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/48086>

COQUET, Jean-Claude; FENOGLIO, Irène. Introdução. In: BENVENISTE, Émile. Últimas aulas no *Collège de France (1968 e 1969)*. São Paulo: Editora Unesp, 2014, pp. 67-86

DESSONS, Gérard. Émile Benveniste, *l’invention du discours*. Paris: Éditions In Press, 2006.

DUBOIS, Jean; GIACOMO, Mathée; GUESPIN, Louis; MARCELLESI, Christiane; MARCELLESI, Jean-Baptiste; MEVEL, Jean-Pierre. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 2014. 2. ed.

DUCROT, Oswald; TODOROV, Tzvetan. *Dicionário enciclopédico de ciências da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

FLORES, Valdir do Nascimento. A linguística de Benveniste: uma teoria da linguagem. *Revista Humanidades e Inovação*. Palmas - TO - v. 9, n. 4, 2022.

FLORES, Valdir do Nascimento. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

FLORES, Valdir do Nascimento. *Problemas gerais de linguística*. Petrópolis: Vozes, 2019.

FREISLEBEN, Larissa Colombo. Émile Benveniste e a função histórica: uma proposta de leitura. *Eutomia*, Recife, v. 1, n. 33, pp. 23-42, jun. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/EUTOMIA/article/view/258>

JAKOBSON, Roman. Linguística e Poética. In: JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1974.

HJELMSLEV, Louis. Funções. In: *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2013, pp. 39-45.

LAPLANTINE, Chloé. Émile Benveniste, *l’inconscient et le poème*. Limoges : Lambert-Lucas, 2011.

LAPLANTINE, Chloé; PINAULT, Georges-Jean. Introduction. In: BENVENISTE, Émile. *Langues, cultures, religions*. Organização de Chloé Laplantine e Georges-Jean Pinault. Limoges: Lambert-Lucas, 2015, p. XI-XLIV.

MARTINET, André. Qu’est-ce que la linguistique fonctionnelle? *Alfa*, São Paulo, 38, pp. 11-8, 1994.

MEILLET, Antoine. Sur la disparition des formes simples du prétérit. In: *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris : Champion, 1982

MONTAUT, Annie. La méthode de Benveniste dans ses travaux comparatistes : son discours et son sujet. In: *Linx*, n. 26, 1992. *Lectures d'Émile Benveniste*, pp. 109-35. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/linx_0246-8743_1992_num_26_1_1239

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática funcional: interação, discurso e texto*. São Paulo: Contexto, 2022.

NORMAND, Claudine. “Os termos da enunciação em Benveniste”. In: OLIVEIRA, S. L.; PARLATO, E. M.; RABELLO, S. (orgs.) *O Falar da Linguagem* (Série linguagem). SP: Lovise, 1996.

ONO, Aya. *La notion d'énonciation chez Émile Benveniste*. Limoges: Lambert-Lucas, 2007.

SAVATOVSKY, Dan. Benveniste au risque de la philosophie. In: *Linx*, n. 9, 1997. Disponível em: <https://journals.openedition.org/linx/1062>

TRASK, Robert Lawrence. *Dicionário de Linguagem e Linguística*. Tradução e adaptação de Rodolfo Illari. São Paulo: Contexto, 2004.

TECNOLOGIA ASSISTIVA (TA) PARA PESSOAS SURDOCEGAS: ESTUDO DE CASO E O DESENVOLVIMENTO DE UM RECURSO TECNOLÓGICO EDUCACIONAL EM BRAILLE

ASSISTIVE TECHNOLOGY (AT) FOR DEAFBLIND PEOPLE: CASE STUDY AND DEVELOPMENT OF AN EDUCATIONAL TECHNOLOGICAL RESOURCE IN BRAILLE

Ana Sara Tomé Borges¹

Bruno Pereira Garcês²

RESUMO

A surdocegueira é reconhecida como deficiência única que resulta na perda da visão e da audição sendo classificada em dois grupos: congênita, em que a pessoa nasce com a deficiência; e adquirida, quando a pessoa nasce com perda visual ou auditiva, adquirindo outra no decorrer da vida. Entre os comprometimentos causados pela surdocegueira estão as dificuldades sensoriais, de locomoção, comunicação, orientação e mobilidade. Desse modo, novas reflexões para mudança comportamental corroboram para superar desafios colocados às teorias sociais modernas, advindas de problemas comunicacionais contemporâneos e estabelece uma mudança de paradigmas. Diante disso, surge o questionamento: Como romper a dualidade contemporânea no campo da aprendizagem e comunicação das pessoas surdocegas? Neste trabalho o objetivo é desenvolver um protótipo eletrônico didático-pedagógico para o ensino do Braille aplicado, principalmente, para pessoas surdocegas. Esta nova tecnologia assistiva (TA) utiliza sistemas eletrônicos associados com algoritmos e programação, sendo fabricada por manufatura aditiva (impressão 3D).

PALAVRAS-CHAVE: Surdocegos. Sistema Braille. Tecnologia Assistiva (TA).

ABSTRACT

Deafblindness is recognized as a unique disability that results in the loss of vision and hearing and is classified into two groups: congenital, in which the person is born with the disability; and acquired, when a person is born with visual or hearing loss, acquiring another throughout life. Among the impairments caused by deafblindness are sensory, locomotion, communication, orientation and mobility difficulties. In this way, new reflections on behavioral change help to overcome challenges posed to modern social theories, arising from contemporary communication problems and establish a change in paradigms. Given this, the question arises: How can we break the contemporary duality in the field of learning and communication for deafblind people? In this work the objective is to develop an electronic didactic-pedagogical prototype for teaching Braille applied, mainly to deafblind people. This new assistive technology (AT) uses electronic systems associated with algorithms and programming, and is manufactured by additive manufacturing (3D printing).

KEYWORDS: Deafblind. Braille system. Assistive Technology (AT).

¹ Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM), anasaratome03@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-2239-4261>.

² Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM), brunogarcês@iftm.edu.br, <https://orcid.org/0000-0002-0452-6136>.

Introdução

A surdocegueira é reconhecida como deficiência única, na qual apresenta perda auditiva, concomitante visual. Entre os comprometimentos causados pela surdocegueira estão as dificuldades de locomoção, comunicação, orientação e mobilidade. Pessoas surdocegas possuem uma condição única, na qual os comprometimentos auditivos e visuais estão intrinsecamente interligados. Nessa condição³ singular, torna-se indispensável que os sistemas de comunicação sejam apropriados às pessoas surdocegas, garantindo-lhes o pleno acesso às informações que envolvem identidade, culturas, línguas e suas formas de comunicação (GRUPO BRASIL, 2017).

Buscamos desenvolver recurso de Tecnologia Assistiva (LÉVY, 1999) com elementos da Computação Embarcada (CE) em busca de explorar novos métodos tecnológicos educacionais. Este estudo, leva-nos a várias perguntas e assim buscar respostas práticas de transformação, em promover o intercâmbio e o acesso a informação, assim como a inter-relação comunicacional, voltados para os processos de ensino-aprendizagem das pessoas surdocegas. Compreender essas necessidades, possibilita-nos em aplicar novas descobertas e desenvolver estratégias de aprendizagem que ultrapassam as barreiras conceituais e atitudinais, respeitando a singularidade humana.

Os aspectos comunicacionais, formas de interagir e se expressar, surgem da interação social e exercem uma influência direta na vida cotidiana das pessoas surdocegas que fazem parte do seu meio social. Podemos dizer que, algumas dessas formas de comunicação, são utilizadas por pessoas surdocegas, que se baseiam em: Libras Tátil, Libras em Campo Reduzido, Braille Tátil, Tadoma, Fala Ampliada, Escrita na palma da mão, Uso do dedo como lápis, Placas alfabéticas com letras, Placas alfabéticas em Braille, Meios técnicos com saída em Braille e Alfabeto manual tátil, dentre outras formas (GRUPO BRASIL, 2005).

Nesse contexto, surge à necessidade de propor técnicas, ferramentas e métodos que possam identificar as reais necessidades das pessoas surdocegas. Com intenção de assim, maximizar a independência, e assim, desenvolver o processo de apropriação da Tecnologia Assistiva (TA). Os autores retratam que as Tecnologias Assistiva ainda são pouco utilizadas no Brasil. Nesse sentido, buscamos o desenvolvimento de mais modelos tridimensionais pedagógicos, que possam ser utilizados de forma acessível por pessoas surdocegas, ensinando-os com o uso de recursos sensoriais táteis em Sistema Braille, indispensáveis para atenuar e, se possível, eliminar dificuldades de aprendizagem, comunicacionais, motoras, visuais, auditivas e sensoriais.

O objetivo geral deste trabalho é analisar e desenvolver estratégias com interface para autonomia de pessoas surdocegas, buscando apropriação de métodos indispensáveis para atenuar e, se possível,

³ Esta pesquisa faz parte do Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica – Mestrado em Educação Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (PPGET-IFTM), Campus Uberaba-MG. O Mestrado Profissional em Educação Tecnológica do IFTM, com enfoque na Linha de Pesquisa 1: Educação, Trabalho, Ciência e Tecnologia – Processos Formativos e Práticas Educativas em Educação Tecnológica. Este projeto está sendo desenvolvido com o apoio institucional e conta com financiamento do Laboratório IFMAKER do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM/MG) e o CINTESP.BR/UFU) Centro Brasileiro de Referência em Inovações Tecnológicas para Esportes Paralímpicos da Universidade Federal de Uberlândia – Minas Gerais.

superar as barreiras contemporâneas de pessoas surdocegas, por meio do desenvolvimento de um dispositivo para aprendizagem em Braille e os objetivos específicos é Analisar diferentes formas de comunicação utilizadas por pessoas surdocegas e Desenvolver um protótipo/dispositivo eletrônico pedagógico para surdocegos, com circuito lógico programável baseado na Grafia Braille, como recurso didático voltado para aprendizagem em Braille.

Justificamos a investigação deste projeto para analisar, identificar e propor métodos que faz menção para está realidade das pessoas surdocegas. Pretendemos investigar quais são os desafios que estão relacionados às teorias sociais modernas, advindas de dificuldades de aprendizagens em que estabelece uma mudança profunda de paradigma, capacitismo, estereótipos e de soluções fragmentadas.

Com o intuito de transpor barreiras contemporâneas, este projeto emerge das inquietações e descobertas decorrentes das barreiras comunicacionais. Será possível a partir dessa investigação, explorar as dificuldades e a falta de recursos pedagógicos sensoriais táteis para pessoas surdocegas em TA. Almejamos enriquecer a qualidade dos materiais que envolvem os processos formativos, juntamente com outras pesquisas e ações nesse campo para assim, contemplar um público ainda mais amplo de surdocegos.

No que tange ao cenário histórico da pessoa surdocega, a situação é complexa e observamos que, mesmo com legislação em vigor, na prática a realidade não se traduz de modo efetivo. Vale ressaltar sobre a necessidade da pessoa surdocega, considerando-se predisposição física, cognitiva, comunicacional, sensorial que são fatores que carecem de efetividade. Devido às dificuldades encontradas, temos observamos nesta investigação a realidade social, o ato da legislação vigente e as TAs existentes, o processo de aprendizagem e conjuntura das famílias de pessoas surdocegas neste contexto. Para tanto, destacamos a necessidade de novos estudos científicos neste campo.

1. Aporte teórico

A história da educação da pessoa surdocega apresentada pelos autores Amaral (2000) e Maia (2004), retrata o primeiro registro de uma pessoa com surdocegueira no ano de 1700 na França, com Victoria Morriseau (1789-1832) em que nessa perspectiva da educação, a mesma recebeu atendimento educacional. Ainda nesse cenário histórico, no ano de 1860, a França foi o primeiro país da Europa a incluir a educação para crianças surdocegas.

No Brasil, a Fundação Dorina Novill, fundada em 1946, denominada como antiga Fundação do Livro do Cego no Brasil, localizada na cidade de São Paulo, foi à primeira instituição que buscou apoiar-se e dedicar-se à inclusão das pessoas surdocegas. Nesse contexto, a história da surdocegueira no Brasil, inicia-se em 1953 com a visita da americana surdocega Helen Keller, sendo referência no cenário mundial, reconhecida por seus esforços, na educação, reabilitação e inclusão da pessoa surdocega (SOARES, 1999). Helen Adams Keller foi a primeira surdocega a se formar, esteve no Brasil e em visita à São Paulo – SP e em outros estados, a foto foi tirada em ambientes fechados de Helen Keller, Polly Thomson e uma multidão na União Cultural, São Paulo, Brasil no dia 12/05/1953.

Figura 1: Helen Keller no Brasil

Fonte: AFB Arquivo Helen Keller, Coleção Digital - Fundação Americana para Cegos.⁴

Posterior a esse período, tendo como base diversos desdobramentos históricos, a educadora brasileira, Nice Tonhozi Saraiva do Instituto de Cegos “Padre Chico” em São Paulo dedicou-se em atuar na educação de Surdocegos no Brasil, em que a educadora realizou cursos de especialização voltados para surdocegueira, que contribuiu para a inclusão de classes de estudantes surdocegos em São Caetano do Sul. Foi à primeira instituição destinada a esse público da América Latina, em que 1977 a Instituição recebeu o nome de Fundação Municipal Anne Sullivan (SARAIVA, 1977) no Brasil. Em 1988 a Fundação passou a ser chamada de Escola de Educação Básica Anne Sullivan.

De acordo com a publicação do Núcleo de Atendimento Educacional à Pessoa com Surdocegueira (NAEPS), Instituto Benjamin Constant (IBC), a surdocegueira é entendida na literatura como uma deficiência única, causada pela perda da visão e da audição, classificada em dois grupos: congênita, em que o indivíduo nasce com a deficiência; e adquirida, quando a pessoa nasce com perda visual ou auditiva, adquirindo outra no decorrer da vida. Assim, a surdocegueira apresenta-se de modo parcial ou total, comprometendo a comunicação, a mobilidade, a interação e o acesso às informações (Conceituando [...], 2021).

A Lei Brasileira de Inclusão, Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015 (BRASIL, 2015), que no seu Art. 74 discorre: “É garantido à pessoa com deficiência acesso a produtos, recursos, estratégias,

⁴ Autorização para utilização da foto concebida com a Fundação Americana para Cegos no site: <https://www.afb.org/HelenKellerArchive?a=d&d=A-HK07-01-B045-F07-008.1.2&srpos=25&e=-----en-20--21--txt--BRASIL-----3-7-6-5-3-----1-1>

práticas, processos, métodos e serviços de TA tecnologia assistiva que maximizem sua autonomia, mobilidade pessoal e qualidade de vida.” Desse modo, segundo a legislação vigente:

Art. 1º É instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a **assegurar e a promover, em condições de igualdade**, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania. (BRASIL, 2015).

A legislação assegura condição de igualdade às pessoas com deficiência em qualquer espaço da sociedade, nesse sentido a partir dessa reflexão, buscamos métodos científicos a para fortalecer de modo colaborativo, os direitos das pessoas com deficiência, em que estão ligados à dignidade humana, ao respeito mútuo, o acesso a comunicação e à informação, à liberdade de expressão e aos saberes.

Devido às dificuldades encontradas, o intuito é identificar, analisar e propor mecanismos que faz menção para a realidade das pessoas surdocegas e que necessitam de um Modelo Tátil Assistivo voltado para o processo de ensino-aprendizagem às diferentes áreas do conhecimento.

O conceito de TA, proposto com base no Comitê de Ajudas Técnicas, apresenta estudos e proposições de políticas públicas da Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República (SEDH/PR), tendo como definição a TA:

Tecnologia Assistiva é uma área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação, de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social (BRASIL, 2007, p. 3).

Em relação à CE, Cirilo (2008) a conceitua como um *hardware* embutido ao ambiente de forma imperceptível ao usuário, que possui a capacidade de processar informações desse ambiente, podendo intervir em aplicações invisíveis aos seus usuários aguçando os sentidos.

Empregamos a CE na TA com intuito de aumentar os recursos tecnológicos dos modelos táteis sensoriais para o gerenciamento da união simultânea dos remanescentes sensoriais. Por esse motivo, destacamos nessa investigação uma abordagem inclusiva, para dar a luz, para novas possibilidades de ensino-aprendizagem, e a partir dessa perspectiva, evidenciaremos estratégias para incorporar a ludicidade dos elementos táteis aos recursos tecnológicos educacionais, voltados para o ensino de Braille às pessoas surdocegas.

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva tem por objetivo a participação ativa no processo de aprendizagem dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas escolas regulares em que propõe orientar os sistemas de ensino para promover respostas às necessidades educacionais especiais que, nesse contexto, contempla o Atendimento Educacional Especializado, regulamentado pelo Decreto nº 6.571, de 17 de setembro de 2008, do Ministério da Educação e Cultura (MEC) (BRASIL, 2008).

A educação especial abarca nas modalidades de ensino aos educandos com deficiência, buscando aplicar serviços, recursos, mecanismos, técnicas em acessibilidade, oportunizando a ampliação da didática em ambiente escolar e aprofundando em diversas práticas de ensino, buscando superar dificuldades advindas de especificidades de alunos com deficiência, em que assim destaca-se a surdocegueira na Educação Especial:

Asurdocegueira é uma modalidade da Educação Especial que se encontra em desenvolvimento, inserção de serviços especializados e formação de profissionais para atuar nesta área que teve início há quase meio século. Pode-se dizer que ainda é um tema novo no meio educacional a legitimidade da surdocegueira como única deficiência, bem como a compreensão das necessidades sociais e educacionais deste sujeito, assim como as necessidades dos múltiplos deficientes sensoriais. (LEME, 2015, p. 33).

Assim, seguimos em análise investigativa, adentramos nas informações que nos conferem uma apreciação mais aprofundada do tema, a diversidade de estratégias que, concorrem para a facilitação na interação, em especial, crianças surdocegas:

Os recursos de comunicação usados pelas crianças surdocegas são vários (sistemas alfabéticos: dactilológico, letras maiúsculas, tablitas, braile, máquina de escrever em tinta ou em braile e sistemas não-alfabéticos: LIBRAS, LIBRAS adaptada, leitura labial, Tadoma, movimentos corporais, sinais no corpo, símbolos, sistemas suplementares de comunicação como levantar a cabeça, Bliss, PCS e COMPIC, desenho e outros), mas em todos o tato constitui a via mais promissora no estabelecimento das interações com o ambiente (NASCIMENTO; MAIA, 2006, pp. 22-3).

Alinhando-se às considerações do autor, destaca-se neste contexto que envolvem os processos de aprendizagem da pessoa surdocega. Buscando uma compreensão mais profunda dos sentidos, tal como de formular estratégias que se alinhem às possibilidades ao processo de ensino-aprendizagem, tanto as de surdocegueira congênita quanto as adquiridas. Nesse âmbito, daremos ênfase às potencialidades humanas. A partir desta reflexão, emerge a ideia de que, por meio desses remanescentes - paladar, olfato e tato - sensoriais, evidenciam-se o suas competências e habilidades “[...] Tal perspectiva alinha-se ao desenvolvimento dos sentidos remanescentes, entre eles, o cutâneo, o cinestésico (corporal - envolvendo articulações e músculos; e sensorial - visceral), o gustativo e o olfativo. Esses sentidos emergem como meios de acesso à informação na ausência das sensações de visão e audição” (NASCIMENTO; MAIA, 2006, p. 12).

Outro aspecto é sobre a utilização da tecnologia assistiva para pessoas surdocegas, o autor destaca, ele aborda sobre a mediação pelos profissionais, no sentido de desenvolver recursos que facilitem a comunicação com o uso da tecnologia assistiva, “Nota-se a importância do uso de tecnologia assistiva também mediada pelos profissionais para que o surdocego tenha o melhor acesso às informações de acordo com suas particulares necessidades (ALMEIDA, 2015, p. 124).

No trabalho de dissertação de Maia (2004), intitulado “A Educação do Surdocego – Diretrizes Básicas para Pessoas não Especializadas,” encontramos uma contribuição que se alinha com o foco

deste trabalho de pesquisa. A autora discorre sobre diversos relatos de pessoas surdocegas, tanto em âmbito internacional quanto no Brasil. Esses relatos oferecem uma visão ampla da vida das pessoas surdocegas, explorando suas trajetórias sociais e acadêmicas, bem como seus modos de comunicação. Nesse sentido, um exemplo relevante é o relato de:

MANOEL OSORIO PINTO - paulistano nascido em 1930, devido vários acidentes na idade infante juvenil ficou surdo tendo atrofia do nervo auditivo, trabalhou em marcenaria, vendas de carros e estudou até o primeiro grau. Em 1978 sofreu um acidente de carro, fez várias cirurgias e transplante de córnea e com sessenta anos ficou cego total, comunica-se com uma placa feita por ele com os pontos em braille e as letras do alfabeto correspondente oferecendo a oportunidade às pessoas videntes para se comunicarem com ele [...]. (MAIA, 2004, p. 20).

Nesse trecho, a autora trata sobre aspectos comunicativos relacionados às formas de expressão que envolve remanescentes sensoriais, nos quais a pessoa surdocega utiliza-se de uma placa para se comunicar. Este relato demonstra suas estratégias de comunicação manual em Tecnologia Assistiva (TA).

Por meio desta pesquisa, buscamos inclusive, contribuir com os profissionais da educação e os estudantes surdocegos por meio do desenvolvimento de ferramentas inclusivas, das salas de aula regular e para as Salas de Recursos Multifuncionais. Este modelo sensorial, propõe subsidiar a equipe interdisciplinar envolvida, contribuindo para autonomia, construção colaborativa dos conteúdos escolares, e acessibilizar os códigos específicos de comunicação, que envolve a leitura e a escrita.

De acordo com o Instituto Benjamin Constant, o Sistema Braille é um método tátil de escrita e leitura criado por Louis Braille no século XIX. Esse sistema utiliza um conjunto de símbolos em relevo, formados por combinações de seis pontos dispostos em duas colunas de três pontos cada. Ao longo de muitos anos, o método desenvolvido por Louis Braille tem possibilitado a inclusão de pessoas com deficiência em várias esferas da sociedade em diversos países a partir dos símbolos em Braille.

No Brasil, a Lei nº 13.146 de 2015 (BRASIL, 2015) concebeu prioridades e reforça sobre a destinação e a promoção de recursos sensoriais, como de ferramentas e mecanismos que buscam a inclusão das pessoas com deficiência. A partir desta Lei Federal:

Art. 3º Para fins de aplicação desta Lei, consideram-se:

I - acessibilidade: possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida;

II - desenho universal: concepção de produtos, ambientes, programas e serviços a serem usados por todas as pessoas, sem necessidade de adaptação ou de projeto específico, incluindo os recursos de tecnologia assistiva;

III - tecnologia assistiva ou ajuda técnica: produtos, equipamentos, dispositivos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivem promover a funcionalidade, relacionada à atividade e à participação da pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida, visando à sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social;

IX - comunicação: forma de interação dos cidadãos que abrange, entre outras opções, as línguas, inclusive a Língua Brasileira de Sinais (Libras), a visualização de textos, o Braille, o sistema de sinalização ou de comunicação tátil, os caracteres ampliados, os dispositivos multimídia, assim como a linguagem simples, escrita e oral, os sistemas auditivos e os meios de voz digitalizados e os modos, meios e formatos aumentativos e alternativos de comunicação, incluindo as tecnologias da informação e das comunicações; (BRASIL, 2015).

Art. 3º São diretrizes do Plano Nacional de Tecnologia Assistiva:

I - eliminação, redução ou superação de barreiras à inclusão social por meio do acesso e do uso da tecnologia assistiva;

II - fomento à pesquisa, ao desenvolvimento e à inovação para a criação e implementação de produtos, de dispositivos, de metodologias, de serviços e de práticas de tecnologia assistiva;

III - fomento ao empreendedorismo, à indústria nacional e às cadeias produtivas na área de tecnologia assistiva;

IV - promoção da inserção da tecnologia assistiva no campo do trabalho, da educação, do cuidado e da proteção social; e

V - priorização de ações voltadas ao desenvolvimento da autonomia e da independência individuais. (BRASIL, 2007, pp. 28-9).

Art. 5º São eixos de atuação do Plano Nacional de Tecnologia Assistiva: “V - promoção do acesso à tecnologia assistiva.” (BRASIL, 2007, p. 43).

Nesse sentido, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) destaca sobre importantes elementos no processo de aprendizagem e entre estes saberes está destacado (BRASIL, 2018, p. 34),

Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artísticas, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para a Educação apontam sobre a valorização no processo de aprendizagem que promova a totalidade humana, a articulação, e avaliação de propostas pedagógicas. Nos campos da experiência, a BNCC apresenta aspecto em relação ao campo do conhecimento, saberes em que a partir das experiências são definidos os direitos da criança de conviver, brincar, explorar, participar, expressar-se, conhecer-se; por esse motivo, considera-se o momento de construção de conceitos vivenciados em situações e experiências como de objetos em seu entorno como de produzir conhecimentos sobre si, sobre o outro (BRASIL, 2018, pp. 36-7).

Nessa perspectiva, a partir das diferentes vivências, experiências e linguagens são demonstradas as capacidades específicas de um sistema de diferentes manifestações - a comunicação humana. Essas experiências que se desenvolve, constrói-se, um aspecto único, singular significativamente relacionado ao contexto da vida de crianças e adultos. A relevância de identificar esta problemática pode favorecer em novas estratégias e mecanismos em busca da efetivamente para contemplar um público ainda maior de crianças e adultos surdocegas, assim como o subsídio teórico e de práticas pedagógicas, no desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita.

De acordo com Goldschmidt *et al.* (2008), o processo de aprendizagem é essencial para a união e estímulo dos sentidos, pois as informações são transmitidas e interpretadas pelo cérebro, sendo captadas por células. O corpo humano é composto de cinco sentidos: a visão, o olfato, o paladar, a audição e o tato. Neste estudo, daremos ênfase aos remanescentes sensoriais da pessoa surdocega, a percepção sensorial do tato/toque. Assim, os sentidos podem atuar como a porta de entrada para a aprendizagem. A exploração dos sentidos abarca ao entendimento e compreensão dos conteúdos escolares, resultando no desenvolvimento acadêmico dos alunos, e ao desenvolvimento humano. Neste cenário de pesquisa, evidenciar estes sentidos remanescentes como o – tato pode contribuir para adequação do currículo, que envolvem a aprendizagem.

Ramos (2017) aborda a formação integral e destaca os processos que envolvem conexões com experiências, interações e vivências que permeiam os processos formativos. As experiências construídas a partir de interações e ensinamentos estabelecem ligações por meio de uma rede de conhecimento, derivada de uma práxis que busca uma formação, ato de educar-formar (Ciavatta, 2005). Essas conexões podem avançar no contexto educacional e para novas descobertas no processo de alfabetização. Tais práticas estimulam a lateralidade dos estímulos humanos, adquirindo novos saberes, que por sua vez, fundamentar-se em novas descobertas e novos estudos científicos, educacionais, sociais, acadêmicos e tecnológicos.

2. Metodologia e procedimentos

O estudo de caso segue a abordagem qualitativa envolvendo a construção do relatório de forma exploratória e interpretativa de Nisbet e Watt (1978) apud Lüdke e André (1986). Este trabalho seguiu uma revisão sistemática da literatura, seguindo o protocolo PRISMA. Trata-se de uma diretriz para aprimorar a qualidade de relatórios de Revisões Sistemáticas e Meta-Análises (BRASIL, 2012). O estudo destaca os desafios enfrentados no aprendizado do Braille por pessoas surdocegas, explorando diferentes cenários e situações de coleta de dados, com foco na surdocegueira como um estudo de caso central.

Em pesquisas clínicas é fundamental que as questões sejam formuladas de maneira clara e objetiva, independentemente do delineamento do estudo. Para auxiliar na formulação dessas questões, utilizamos-a estratégia PICO, no qual cada letra representa um componente da questão. Para isso, buscamos artigos em periódicos indexados em bancos de dados como Base SciELO (Scientific

Electronic Library Online)⁵, REDALYC (Redalyc Scientific Information System)⁶, BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações)⁷ e OASISBR - Portal Brasileiro de Publicações e Dados Científicos em Acesso Aberto⁸.

A população do estudo é composta por 03 pessoas surdocegas senso pessoas com deficiência congênita ou adquirida.

Para dialogar com o estado da arte, trouxemos trabalhos de referência anteriores e que são de mais novo e relevante nos estudos e produções acadêmicas da Surdocegueira. Desse modo, incluímos autores que oferecem contribuições significativas no contexto que envolvem as pessoas surdocegas no Brasil. Portanto, foram considerados trabalhos dos autores Mata (2002), Santos (2014), Araújo, Pereira e Santana Júnior (2014), Almeida (2015), Watanabe (2017), Souza e Rocha (2018) e Falkoski e Maia (2020), em que os estudos, foram compreendidos ao período anterior a busca de 2018 a 2022, por conseguinte, portanto os autores foram considerados elegíveis tendo em vista a importância dos trabalhos para esta pesquisa.

Esta investigação, trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois tem como característica o contato direto da pesquisadora com o corpus a ser investigado e visa apresentar os resultados por meio de percepções e análise, descrevendo a complexidade do problema e a interação entre variáveis. (BOGDAN; BIKLEN, 1982, p. 11). Para tanto um estudo de caso de cunho descritivo será desenvolvido. No que se refere a este estudo de caso, haverá o desenvolvimento de um relatório de forma exploratória, sistemática e interpretativa de Nisbet e Watt (1978 apud LÜDKE; ANDRÉ, 1986). Nesse sentido, buscamos investigar e explorar os desafios recorrentes do processo de aprendizagem que envolve pessoas surdocegas.

Com base nas atribuições definidas nas Resoluções CNS 466/12, CNS 510/16 e Norma Operacional 001/2013, o Colegiado do CEP-UFTM expressa sua aprovação para o protocolo de pesquisa proposto. Essa aprovação foi formalizada durante a reunião realizada em 28/07/2023 e também ratificada na reunião subsequente do Colegiado do CEP-UFTM. A pesquisa possui o número de CAAE 70458923.5.0000.5154 e recebeu o Parecer de número 6.205.773. Diante dessa aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos-CEP, os participantes serão convidados a colaborar com esta pesquisa

Será investigada a relação que permeia o processo comunicacional entre profissionais com deficiência que desejam se comunicar, interagir pessoas surdocegas, bem como a interação entre pessoas sem deficiência, sejam usuários ou não do Sistema Braille ou do Libras, utilizando um protótipo.

⁵ Disponível em: <https://search.scielo.org/>

⁶ Disponível em: <https://www.redalyc.org/>

⁷ Disponível em: <https://bdttd.ibict.br/vufind/>

⁸ Disponível em: <https://oasisbr.ibict.br/vufind/>

A segunda etapa do estudo de caso consistirá em compreender o contexto, a manifestação geral do problema e da situação abordada, incluindo interações, expectativas e comportamentos. A terceira etapa se constituirá na busca por todo o contexto a ser estudado, evidenciando a inter-relação de todos os elementos. Na quarta etapa a observação deste estudo de caso evidenciará diferentes situações em vários contextos. Nisbet e Watt (1978) apud Lüdke e André (1986), caracterizam o desenvolvimento do estudo buscando diferentes informações para a realidade contemporânea.

Já na quinta etapa, serão relatadas todas as experiências e feitas correlações aos dados encontrados a partir dessa experiência. A sexta etapa buscará apresentar situações divergentes para, assim, de acordo com os resultados da pesquisa, buscaremos relatos para fomentar a inovação. Por último, na sétima etapa, serão evidenciados os dados coletados de diferentes formas para análise, de forma clara, culminando nos resultados desta pesquisa (LUDKE; ANDRÉ, 1986).

Durante o desenvolvimento deste projeto, pretendemos analisar diferentes e novas formas de comunicação, incluído nesta pesquisa sobre estratégias de comunicação, tal como a comunicação háptica utilizadas por pessoas surdocegas. Serão coletadas e analisadas todas as informações, incluindo a avaliação da usabilidade protótipo em Braille desenvolvido em TA.

Após a coleta dos dados primários por meio do Diagnóstico Pré-Análise, os participantes terão oportunidades de aprendizado e interação no Sistema Braille, incorporado por um método de codificação por meio da Computação Embarcada, conforme descrito por Cirilo (2008), utilizando o Arduino.

Dentre as funcionalidades do protótipo, destaca-se o desenvolvimento de recursos essenciais para acessibilidade, iniciando-se com um recurso de display para a formação de letras e palavras, com sistema de iluminação para identificação das letras e palavras escritas, recurso como o potenciômetro para o controle contraste de cores adequado e um tamanho de alfabeto em alto-relevo tanto para a Língua Portuguesa como para o Sistema Braille, atendendo, assim, o critério de aprendizagem deste sistema.

Alguns desses elementos serão relevantes para a análise dos remanescentes visuais e auditivos das pessoas surdocegas que são essenciais para esta investigação. Para as pessoas surdocegas com resíduo auditivo, o dispositivo terá a capacidade de converter o Braille para voz, contribuindo com aqueles que possuem essa condição sensorial.

No desenvolvimento do protótipo, utilizamos a (MA) por meio da modelagem de impressão 3D FDM, empregando termoplásticos para construir peças resistentes, e ergonomicamente projetadas, visando atender às necessidades de acessibilidade das pessoas surdocegas.

A proposta no desenvolvimento deste produto tecnológico educacional é um protótipo de baixo custo de produção em curto prazo de tempo, em que utiliza-se de uma tecnologia limpa, com termoplásticos ecológico e seguro. Trata-se de um conjunto com sensores de obstáculo infravermelho, módulo de sensores de obstáculo infravermelho, módulo buzzer piezoelétrico (emite efeitos sonoros) e um módulo motor de vibração.

Propomos corroborar com os processos que envolvem o ensino-aprendizagem, e, ao mesmo tempo, estimular potencialidades de pessoas surdocegas, fomentando a autonomia e independência comunicacional de pessoas surdocegas e assim subsidiar o conhecimento científico necessário para aprimorar abordagens pedagógicas voltadas a pessoas surdocegas e a outros grupos com características semelhantes.

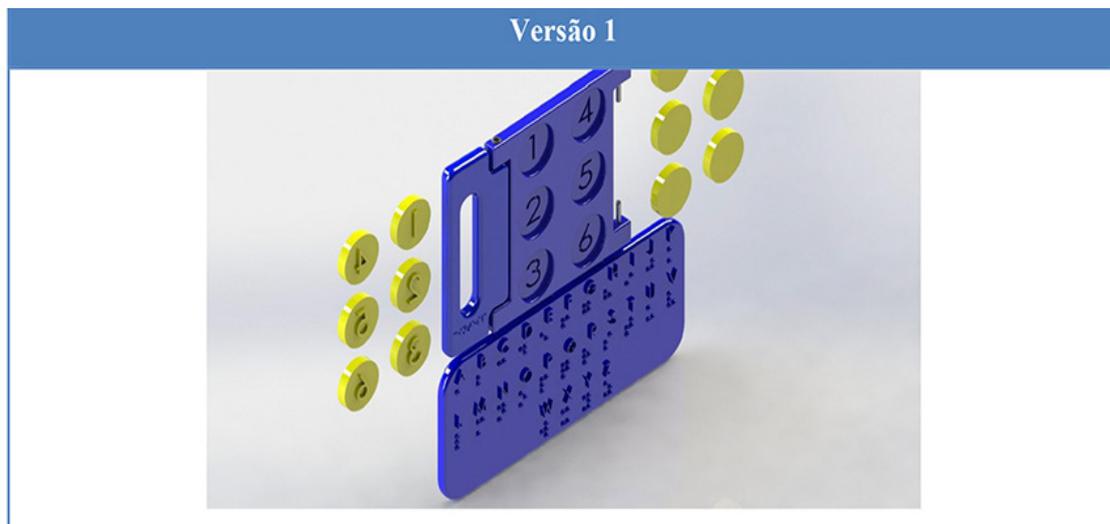
3. Resultados e discussão

3.1. Resultados fase I – do desenvolvimento do protótipo

Os resultados parciais apresentam o progresso alcançado até o momento no desenvolvimento desta pesquisa. Esses avanços parciais são evidentes no desenvolvimento de um protótipo que possui o potencial de uma ferramenta educacional tecnológica em TA direcionada ao processo de aprendizagem em Braille para crianças e adultos surdocegoas.

No protótipo inicial desenvolvido por MA na versão 1, foi produzido por meio de modelagem de impressão 3D, optamos por um formato que incluía uma tampa que precisava ser aberta manualmente com o auxílio de um teclado. Desse modo, percebemos que essa abordagem poderia apresentar desafios para usuários com mobilidade reduzida a seguir:

Figura 2: Protótipo versão 1



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Ao realizar os ajustes e melhoria referente à primeira versão, buscamos criar uma versão mais compacta e segura para o usuário, a priori, iríamos criar um Pré-Braille, porém, pensando em possibilidades como a inserção de elementos táteis, foi inserido o alfabeto em relevo em Braille, como a possibilidade de inserção dos números, recursos de áudio, incluindo um display, MENU e funcionalidades que pudesse realizar a gravação de atividades e comunicação. Para alcançar esses

objetivos, desenvolvemos uma segunda versão do protótipo, que integra as funcionalidades adicionais a seguir:

A partir do desenvolvimento das versões do protótipo, estamos implantando o sistema de computação embarcada (CE) ao protótipo, em que o mesmo incorporou funcionalidades em 06 (seis) células do dispositivo em relevo. Essas células, representam e respeitam a codificação da Grafia Braille e que assim integram em sua ordem as celas de 1 a 6. Foram organizadas conforme as disposições padrão do Braille, com as colunas da esquerda abrigando as células em relevo 1, 2 e 3, enquanto as colunas da direita abrigam células 4, 5 e 6. Foram incluídas mais duas células: a célula 7 (sete) não se caracteriza com a grafia Braille, a mesma foi incluída e identificada pela cor verde à direita apenas para a *confirmação* e uma célula designada como MENU, identificada pela cor branca. No protótipo-teste foi inserido um display que demonstra na tela a letra em Braille correspondente ao acerto.

3.2. Resultados fase II – dos primeiros resultados

Os primeiros testes desta programação baseiam-se nas células correspondentes às letras A, B, C e D, em Braille. O protótipo possui um display integrado para visualizar a letra em Braille correspondente quando o participante seleciona a tecla correta.

Até o momento os primeiros testes que foram realizados e têm nos mostrado que os mecanismos utilizados no protótipo têm trazido respostas assertivas. O display dispara prontamente respostas quando a célula correta é selecionada e confirmada, enquanto permanece inativo quando a célula incorreta é escolhida. Essa resposta diferenciada do display e demais elementos sensoriais, ajudarão o usuário a perceber a precisão de sua escolha.

Considerações finais

Como os resultados iniciais desta pesquisa, realizamos também a primeira entrevista com um dos sujeitos da pesquisa. A entrevista foi realizada com a primeira pessoa surdocega, e na coleta de dados, foi realizada a entrevista sobre as informações da “Parte I” que refere-se a “Informação Pessoal” da pessoa surdocega, e nela foi abordado sobre o histórico, trajetória, experiências acadêmicas e profissionais da pessoa surdocega. No contexto da primeira entrevista, nosso objetivo foi compreender as experiências e desafios dos participantes no que diz respeito à surdocegueira. Investigamos também como esses participantes interagem com o Sistema Braille, quais são os desafios e dificuldades de aprendizagem, formas de comunicação que utilizam e se já fazem ou não o uso de recursos em Tecnologia Assistiva (TA). Nossa primeira entrevista desta pesquisa traz um relato, quando falamos da identidade da pessoa surdocega e suas especificidades *Mila*:

[...] Agora nos casos quando vem junto, que são os casos da surdocegueira, é a Síndrome de Usher. Acho que precisa divulgar mais! No meu caso, quando uso a bengala as pessoas tem a percepção, ah ela tem a deficiência visual/surdez, têm a surdocegueira. Na minha

identidade, eu demorei a me considerar uma pessoa surdocega, porque quando eu comecei a descobrir, aí eu falar por exemplo para a minha mãe sobre a surdocegueira, aí a minha mãe falava: - Não, mas você não é surdocega, não ué! Você tem só a baixa audição e um problema na vista, mas você não é surdocega não!

E eu penso assim, nos precisamos ter um olhar para a Surdocegueira, pois não somos apenas Surdos, e não somos apenas Cegos. Cada surdocego, tem as suas especificidades, as formas de comunicação, características. Agora a pessoa surdocega, é uma condição única, precisa de tratamento específico, precisa de pessoas especializadas no assunto para estar ajudando (MILA, 2023).

Com o propósito de promover o crescimento intelectual, evidenciam-se subsídios e possibilidades em que a própria pessoa surdocega nos momentos de coleta de dados na entrevista, sugere como um percurso promissor, estratégias educacionais e novas prospecções, observados a partir de um evento interacional comunicacional que envolve o processo de aprendizagem. Com esses elementos previamente coletados e descritos, discorre-se em um contexto que abre espaço para a explorarmos novas perspectivas em busca do fortalecimento pedagógico em Braille para pessoas surdocegas.

Uma análise aprofundada neste estudo leva-nos a um leque de novas possibilidades para esta temática. Essa análise pode abarcar e permitir uma compreensão destes fenômenos e assim compreender as manifestações linguísticas e um sistema de escrita tátil assistivo, motivo em que essas informações não são identificadas fora deste contexto, como também de reconhecer, valorizar e evidenciar distintas formas e novas estratégias de comunicação utilizada pela Comunidade Surdocega.

Sabemos que as barreiras de comunicação representam um obstáculo significativo em diversos contextos da sociedade e que afetam diretamente o acesso à inclusão das pessoas com deficiência, portanto, o objetivo é minimizar esses impactos da alfabetização e aprendizagem meio de modelos em TA às pessoas com surdocegueira. Dessa forma, vê-se do ponto de vista acadêmico, acredita-se que esta pesquisa pode fazer uma contribuição significativa para este campo.

Referências

ARAÚJO, H. F. de; PEREIRA, R. C.; SANTANA JÚNIOR, C. A. Comunicação Háptica Complementando a Informação “Jogos da Copa do Mundo” através do Toque. *In*: CONGRESSO TILS. 4., 2014. [Anais...], 2014. Disponível em: <https://www.congressotils.com.br/anais/2014/2936.pdf>. Acesso em: 02 maio 2023

ALMEIDA, Wolney Gomes. *O guia-intérprete e a inclusão da pessoa com surdocegueira*. 2015. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/17566>. Acesso em: 02 ago. 2023.

AMARAL, I. *Formação de educadores de pessoas com deficiências sensorial e múltipla deficiência sensorial*. *In*: ORGANIZAÇÃO de Serviços Transdisciplinares. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2000. (Apostila de curso - Disciplina Avaliação da Criança Surdocega e Múltipla Deficiente Sensorial).

BRASIL. *Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015*. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, 6 de julho de 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso em: 04 mar. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. *Decreto nº 6.571, de 17 de setembro de 2008*. Dispõe sobre o atendimento educacional especializado, regulamenta o parágrafo único do art. 60 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e acrescenta dispositivo ao Decreto no 6.253, de 13 de novembro de 2007. Brasília, 17 de setembro de 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/decreto/d6571.htm. Acesso em: 20 abr. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular: educação é a base*. Brasília: MEC, 2018a. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 10 out. 2022.

BRASIL. *Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015*. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, 6 de julho de 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso em: 04 mar. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. *Decreto nº 6.571, de 17 de setembro de 2008*. Dispõe sobre o atendimento educacional especializado, regulamenta o parágrafo único do art. 60 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e acrescenta dispositivo ao Decreto no 6.253, de 13 de novembro de 2007. Brasília, 17 de setembro de 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/decreto/d6571.htm. Acesso em: 20 abr. 2023.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. K. *Qualitative Research for Education*. Boston: Allyn and Bacon, Inc., 1982.

CAT (CORDE / SEDH / PR). 2007. Disponível em: https://www.assistiva.com.br/Ata_VII_Reuni%C3%A3o_do_Comite_de_Ajudas_T%C3%A9cnicas.pdf. Acesso em: 20 abr. 2023.

CIAVATTA, M. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. In: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. (orgs.). *Ensino Médio integrado: concepções e contradições*. São Paulo: Cortez, 2005.

CIAVATTA, M. Ensino Integrado, a Politécnica e a Educação Omnilateral: por que lutamos? *Revista Trabalho & Educação*, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, pp. 187-205, 2014. Disponível em: <https://seer.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/7693/5935>. Acesso em: 20 abr. 2023.

CONCEITUANDO a surdocegueira. Brasília: MEC; IBC, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/ibc/pt-br/nucleos-de-atendimento-especializado/NAEPS/conceituando-a-surdocegueira>. Acesso em: 20 ago. 2023.

CIRILO, C. E. (2008) “*Computação Ubíqua: definição, princípios e tecnologias*”. São Carlos: UFSC, https://docit.tips/download/computaaao-ubaquadefiniaao-principios-e-tecnologias-carlos_pdf. Acesso em: 09 maio 2023.

EDUCAÇÃO ESPECIAL, 6. ; SEMINÁRIO CAPIXABA DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA, 17. Vitória, 2020. [Anais ...], v. 3, n. 3, Vitória, 2020. (Comunicação Oral - Eixo 6). Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/snee/article/view/34474> Acesso em: 21 jun. 2023.

FALKOSKI, F. C.; MAIA, S. R. Aprendizagens e Letramento: Estudo de Caso com uma Criança com Surdocegueira Congênita. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE GOLDSCHMIDT, A. I. *et al.* A importância do lúdico e dos sentidos sensoriais humanos na aprendizagem do meio ambiente. SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO-INDISCIPLINA E VIOLÊNCIA NA ESCOLA: CENÁRIOS E DIREÇÕES, Cachoeira do Sul, 2008. [Anais...] Cachoeira do Sul, 2008. pp. 9-11. Disponível em: <http://www.sieduca.com.br/2008/admin/upload/70.doc>. Acesso em: 22 maio 2023.

GRUPO BRASIL. Surdocego pós-linguístico, série surdocegueira e deficiência Múltipla sensorial. São Paulo: Grupo Brasil, 2005.

GRUPO BRASIL. *Nova definição de surdocegueira*. São Paulo: Grupo Brasil, 2017

LEME, C. G. *O papel do instrutor mediador e o impacto da tecnologia assistiva frente à inclusão de alunos com surdo-cegueira*. 2015. 111f. Dissertação (Mestrado em Metodologias para o Ensino de Linguagens e suas Tecnologias) – Universidade Norte do Paraná – UNOPAR, Londrina, 2015. Disponível em: <https://repositorio.pgskroton.com/bitstream/123456789/848/1/O%20Papel%20do%20Instrutor%20Mediador%20e%20o%20Impacto%20da%20Tecnologia%20Assistiva%20Frente%20%C3%A0%20Inclus%C3%A3o%20de%20Alunos%20com%20Surdocegueira.pdf>. Acesso em: 20 set. 2022.

LÉVY, P. *Cibercultura*. 34. ed. São Paulo: Editora 34, 1999.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. *Em Aberto*, Brasília, v. 5, n. 31, 1986. Disponível em: <https://doi.org/10.24109/2176-6673.emaberto.5i31.1605>. Acesso em: 20 ago. 2023.

MAIA, S. R. *A educação do surdocego: diretrizes básicas para pessoas não especializadas*. 2004. 93f. Dissertação (Mestrado em Distúrbio do Desenvolvimento) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2004. Disponível em: https://perkinsglobalcommunity.org/lac/wp-content/uploads/2021/02/A-Educacao-do-Surdocego-%E2%80%93-Diretrizes-Basicas-para-Pessoas-nao-Especializadas_autor-Maia-Shirley.pdf. Acesso em: 02 jun. 2023.

MATA, S. P. da. *Indicadores acerca da escolarização de alunos com surdocegueira congênita*. 2022. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), São Paulo, 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/237119>. Acesso em: 12 jul. 2023.

MAIA, S. R. *A educação do surdocego: diretrizes básicas para pessoas não especializadas*. 2004. 93f. Dissertação (Mestrado em Distúrbio do Desenvolvimento) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2004. Disponível em: https://perkinsglobalcommunity.org/lac/wp-content/uploads/2021/02/A-Educacao-do-Surdocego-%E2%80%93-Diretrizes-Basicas-para-Pessoas-nao-Especializadas_autor-Maia-Shirley.pdf. Acesso em: 02 jun. 2023.

NASCIMENTO, F. A. A. C.; MAIA, S. R. *Educação infantil; saberes e práticas da inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização: surdocegueira/múltipla deficiência sensorial*. 4. ed. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.

RAMOS, M. N. Concepção do ensino médio integrado. In: ENCONTRO INTERCAMPI DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL-EIEP, 1, 2017, Rio de Janeiro. [Anais...]. Rio de Janeiro: CEFET, 2017. Disponível em: <https://tecnicadmiwj.files.wordpress.com/2008/09/texto-concepcao-do-ensino-medio-integrado-marise-ramos1.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2023.

SANTOS, N. J. M. dos. *A consultoria colaborativa como estratégia na formação continuada de professores sobre o AEE à pessoa com surdocegueira*. 2014. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2014.

SOUZA, L. G. de C.; ROCHA, T. C. Acessibilidade e Interação em Sala de Aula: Estudo de Caso com uma Estudante Surdocega no Ensino Superior. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 8., 2018, São Carlos. [*Anais eletrônicos...*] Campinas: Galoá, 2018. Disponível em: <https://proceedings.science/cbee/cbee-2018/trabalhos/acessibilidade-e-interacao-em-sala-de-aula-estudo-de-caso-com-uma-estudante-surd?lang=pt-br>. Acesso em: 07 jun. 2023.

SOARES, R. A. História da Educação do Surdocego no Brasil. *Toque: Mãos Que Falam*, São Paulo, ano 1, n. 1, 1999.

SARAIVA, N. T.- Tentativas de Implantação da Educação do Surdo-Cego no Brasil pg.137- anais do 1-SEDAV- *Seminário Brasileiro de Educação do Deficiente Audiovisual* PUC- São Paulo ABEDEV-1977.

WATANABE, Dalva Rosa. *O estado da arte da produção científica na área da surdocegueira no Brasil de 1999 a 2015*. 262 p. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-13062017-112304/publico/DALVA_ROSA_WATANABE_rev.pdf Acesso em: 3 jun. 2023.

ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS MARIA CECÍLIA DE MAGALHÃES MOLLIKA¹ E MARIA DA CONCEIÇÃO AUXILIADORA PAIVA²

INTERVIEW WITH PROFESSORS MARIA CECÍLIA DE MAGALHÃES MOLLIKA AND MARIA DA CONCEIÇÃO AUXILIADORA PAIVA

Marcos Luiz Wiedemer³

Roberto de Freitas Junior⁴

A ideia de uma entrevista com professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ (PPGLIN/UFRJ) a ser publicada em volume da Revista *Linguística*, do próprio programa, poderia parecer perda de oportunidade de interação com profissionais de diferentes instituições acadêmicas e, conseqüente, de menor acesso a reflexões de pares no âmbito nacional e internacional. Definitivamente, não foi o caso aqui.

A entrevista com as Professoras Doutoras Maria Cecília Magalhães Mollica e Maria da Conceição Auxiliadora Paiva, na verdade, muito além de ser justa homenagem a tão grandes nomes da linguística brasileira, foi, acima de tudo, oportunidade de testemunharmos como a experiência,

¹ Completou a Licenciatura em 1972 e o Mestrado em Linguística em 1977 na PUC-RIO. Finalizou o doutoramento em Linguística e Filologia na UFRJ, instituição em que é docente desde 1979, tornando-se Titular em Linguística em 2005. Desenvolveu estágio de pós-doutoramento na UnB. É pesquisadora do CNPq com bolsa de produtividade em pesquisa PQ-Sr. Integra o corpo docente do Programa de Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro desde 1990. Pertence ao corpo docente do Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS. Atuou como docente no quadro permanente do PPGCI/UFRJ. Membro do Programa de Estudos sobre os Usos da Língua. Foi presidente da ABRALIN, Bolsista do Nosso Estado da FAPERJ. Tem experiência docente em todos os níveis de ensino. Volta-se para a investigação na interface Linguagem e Sociedade, com interesse no campo da Linguística Educacional, Tecnologia e Inovação. <http://lattes.cnpq.br/3739175536240285> E-mail ceciliamollica@terra.com.br, <https://orcid.org/0000-0001-6261-4663>

² Possui graduação em português/inglês pela Faculdade de Letras de São João Del Rei (1977), mestrado em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1983) e doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1992). Trabalhou na Universidade Federal de Juiz de Fora, como professor adjunto e, posteriormente, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente, é professora aposentada e atua no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atuou também na Universidade do Minho, Portugal, e na Universidade Federal do Espírito Santo. É membro do grupo de pesquisas Programa de Estudos do Uso da língua PEUL, desde 1980, e, atual coordenadora do grupo. Desde o início da sua formação acadêmica, a professora se interessa pelas áreas de Sociolinguística e de análise linguística de orientação funcionalista. Ao longo do tempo, vem desenvolvendo projetos na área de variação e mudança linguística, abordando temas como mudança fonológica, gramaticalização, variação na ordenação de constituintes, principalmente dos circunstanciais locativos e temporais. Mais recentemente, voltou-se para o estudo da mudança em tempo real de longa duração e dedica-se à análise das mudanças no quadro de conectores causais do português, através de uma análise diacrônica, adotando a perspectiva do modelo da Gramática de construções baseada no uso. <http://lattes.cnpq.br/7796134210271116>. E-mail: paiva.mca@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-8261-6575>

³ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), mlwiedemer@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-0924-1030>.

⁴ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), robertofrei@letras.ufrj.br, <https://orcid.org/0000-0001-6237-1040>.

os “anos de estrada”, conjugados com a atualização e preocupação em acompanhar tendências e atualizações científicas, torna-se um caminho significativo para o encaminhamento da boa pesquisa, da reflexão pautada, resultado em ciência de qualidade.

Cecília Mollica e Conceição Paiva, como carinhosamente são referidas as professoras na UFRJ e em todo Brasil, representam essa fusão: estão na base da construção do pensamento linguístico brasileiro, assim como na sua continuidade, desenvolvimento e aperfeiçoamento. Por isso tudo, temos muito a agradecê-las.

Em particular, é preciso pontuar a importância das pesquisadoras para a implantação e desenvolvimento do PPGLIN/UFRJ e das pesquisas de base Sociolinguística no Brasil. Aqui, usamos metonimicamente o termo Sociolinguística, pois na prática, as professoras trouxeram contribuições teóricas e aplicadas a diferentes contextos, diretamente ou em algum grau relacionado ao pensamento sociolinguístico, como a Linguística Aplicada, o Sociofuncionalismo, a Sociolinguística Interacional, áreas de interface com a educação e a saúde, entre outras. Há de se pontuar, obviamente, a importância ímpar das professoras para a pesquisa no âmbito da Sociolinguística Variacionista no Brasil, seu campo de atuação primário.

A entrevista é uma celebração. Uma celebração, em primeiro lugar, às nossas queridas Cecília Mollica e Conceição Paiva. Uma celebração aos estudos de orientação sociolinguística no Brasil⁵ e ao PPGLIN/UFRJ, que possui o privilégio de contar com as professoras como parte de seu colegiado. Uma celebração à experiência e à capacidade de manutenção do vigor para fazer boa ciência. Vida longa à Cecília Mollica e Conceição Paiva e boa leitura!

REVISTA LINGUÍSTICA: Primeiramente, gostaríamos de agradecer imensamente por suas participações nesta edição da Revista Linguística, particularmente, aceitando serem nossas interlocutoras nesta entrevista. Nosso foco de discussão tangencia temas como Sociolinguística, contemporaneidade e história, entre tantos pontos. Acreditamos que a experiência de vocês como pesquisadoras e professoras do PPGLIN/UFRJ seja particularmente relevante para a presente reflexão.

REVISTA LINGUÍSTICA: 1) Inicialmente, vocês poderiam compartilhar um resumo de suas trajetórias de pesquisa no PPGLIN/UFRJ? Quais foram os principais temas, projetos ou áreas de foco que exploraram ao longo do tempo? Além disso, à luz dessa trajetória acadêmica, quais marcos ou resultados vocês destacariam para esta entrevista e por que consideram esses pontos como especialmente relevantes?

MARIA CECÍLIA MOLLICA: Foi nos idos de 70 que desenvolvi pesquisa sobre as construções relativas no português brasileiro com base em dados da amostra MOBREAL. Minha dissertação de Mestrado é pioneira em razão de dar tratamento Variacionista a fenômeno variável no nível sintático (MOLLICA, 1977). Na pesquisa, evidencio as chances de emergência das copadoras,

⁵ Um pouco da história dos desenvolvimentos da Sociolinguística podem ser conferidos em Brandão (1985), Vandresen (2003), Ramos (2006), Savedra (2010) e Machado Vieira & Wiedemer (2021).

mediante o efeito dos traços de animalidade e indeterminação, bem como tamanho do SN antecedente da relativa, e complexidade da cláusula e do custo de processamento em relação ao emprego de estruturas padrão e não padrão. Apontei, na dissertação, a tendência de ocorrência de relativas cortadoras como estratégia de mudança no PB em comparação às copiadoras, seguindo a deriva da língua. Posteriormente, em estudo de painel e de tendência, atestei que as copiadoras exercem função de topicalização, especialmente nos casos em que a cópia tem função de sujeito, fato que evidencia que a variação tem base em mecanismos cognitivos.

Em paralelo, desenvolvi estudos voltados para fenômenos fonológicos. A pausa, para mim, sempre constituiu desafio em vários estudos. Acabei reunindo alguns dos muitos textos em Mollica (2021). Estabeleci parceria com Maria Luiza Braga, a exemplo de Brada & Mollica, 1986; Mollica & Braga, 201, ao correlacionar aspectos sociofuncionais e cognitivos à emergência de anáforas precedidas ou não de pausa no intervalo sujeito/predicado. Com Conceição Paiva, empreendi investigações voltadas para os processos de mudança de /l/ > /r/ > /0/ em grupos consonantais (cf. MOLLICA; PAIVA, 1991). A assimilação >no e mb >0 me ajudou a atestar algumas preferências dialetais de grupos socioeconômicos específicos e dar os primeiros passos ao entendimento em relação à comparação entre o português e o espanhol. Naquela ocasião, já me voltava para as questões sociais e estruturais da variação, tanto quanto para a relação entre usos variáveis e redes sociais. O princípio de que o presente se reflete no passado das línguas foi assegurado nos resultados da maior parte dos estudos, na medida em que as variáveis do PB contemporâneo guardam relação com suas origens, assim como em diversas sincronias no seu percurso histórico.

Meu interesse pelas relações sintagmáticas despertou-me para a variação dos nexos prepositivos. O estudo sobre alternância entre a~para~em em verbos de movimento inaugura, em certa medida, a relevância de fatores semântico-cognitivos. Volto igualmente às questões cognitivo-discursivas na tese de doutorado, defendida em 1989, ao estudar os processos de queísmo e dequeísmo no Português do Brasil (MOLLICA, 1989). Um pouco mais adiante no tempo, em investigação histórica mais aprofundada, atesto (cf. MOLLICA, 1994) que se trata de um único processo, levando em conta que a variante inovadora constitui a inserção do *de*, com chances de emergir mediante configurações discursivas específicas.

Para além da compreensão do status estável ou mutável da variação, sempre interessou-me saber sobre a aplicação prática dos estudos teóricos e descritivos. Aliando-me à preocupação com as questões de inclusão dos mais vulneráveis, ainda naqueles anos de 1980, embreei-me nos mistérios da aprendizagem da lectoescrita, sob a perspectiva da relação entre fala e escrita (cf. MOLLICA, 2003). Na obra, verifico as principais dificuldades de se chegar à língua escrita padrão, considerando fenômenos fonológicos, morfossintáticos, sintáticos e discursivos. Atenta ao público-alvo, desenvolvi um CD, *Da Fala ao Teclado I*, acessível no site da editora Contexto.

Assim, fruto desse investimento de pesquisa em Linguística Educacional, tenho publicado vários livros e participado de conferências e palestras. Minha investigação voltada para a pressão da fala

sobre a escrita na alfabetização encontra-se em Mollica (1998). Sobre inclusão e letramento, o livro de Mollica (2003) revela como as regras variáveis estáveis se comportam na escrita distintamente das variáveis em mudança em curso. São aí também ofertados exercícios de fixação nos contextos de maior incidência dos erros de escrita dos noviços. Além disso, numa parceria com a professora de Matemática Dra. Marisa Bezerra Leal, do Instituto de Matemática da UFRJ, estive voltada para os desafios do letramento de jovens e adultos, à frente do Projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos da Maré, investimento sob a iniciativa da UFRJ. Foram inúmeros trabalhos desenvolvidos e orientações de Mestrado e os livros Mollica & Leal (2009 e 2010) tornaram-se referência nessa área.

No eixo das interfaces, tenho desenvolvido muitas pesquisas voltadas para várias fronteiras do conhecimento. A Sociolinguística guarda naturalmente relação com muitas áreas e permite contribuição importante em Educação, Saúde, Ciência da Informação. Em Mollica (2009), os textos apresentam efetiva contribuição da Sociolinguística na formação em Letras, Educação e em Fonoaudiologia. São muitas as interfaces exploradas e já contamos com dissertações e teses que aprofundam as questões dos sujeitos atípicos e sua repercussão na escola inclusiva. Os pesquisadores reunidos em Mollica (2012) explicitam o diálogo entre campos de conhecimento para fins da formação do professor, do contato entre línguas, do letramento informacional, da relação entre a Psicanálise e os desafios contemporâneos da Educação. Também no livro Mollica (2014), discute-se a conceptualização de pesquisa básica e pesquisa aplicada.

A relação da Sociolinguística com a tecnologia tem sido igualmente contemplada. Organizei uma coletânea com colegas (cf. MOLLICA *et al.*, 2015) na qual reporta-se à inovação aplicada nas áreas de Ciência da Informação, Pragmática, Matemática, Lectoescrita em diversas plataformas digitais da Web. Mais recentemente, foi possível ofertar as contribuições da Ciência da Linguagem para a Educação (cf. MOLLICA *et al.*, 2022). Nesta obra, a base teórica da Sociolinguística tanto quanto do Sociofuncionalismo é relevante para o entendimento de processamentos sintáticos distintos na escola para fins de entendimento da autoidentidade dos discentes e da interação entre eles.

MARIA CONCEIÇÃO PAIVA: Antes de mais nada, quero agradecer o convite para participar desta entrevista para a revista *Linguística*, pois sempre será um prazer falar de uma trajetória que contribuiu para a introdução e expansão da Sociolinguística Variacionista, não apenas no âmbito do Programa de pós-graduação em Linguística da UFRJ, como também em diferentes regiões do Brasil.

Recém-chegada ao Rio de Janeiro no início dos anos 80, tive a sorte de entrar em contato com a pesquisa sociolinguística, já introduzida no Brasil através da atuação do professor Dr. Anthony Julius Naro⁶, na PUC-Rio. Diversos dos seus alunos foram incorporados no quadro docente do curso de Letras da UFRJ, levando na bagagem a convicção de que as línguas humanas são sistemas dinâmicos, inerentemente variáveis.

⁶ <http://lattes.cnpq.br/4161994799982051>

É preciso ressaltar que, naquele momento, os programas de pós-graduação da Faculdade de Letras ainda não estavam separados, constituindo opções/ramificações da área de Letras. O programa de pós-graduação em Linguística da UFRJ (PPGLING) foi implementado como uma área de formação independente no ano de 2002, sob coordenação minha e da professora Christina Gomes. Já naquele momento, os estudos de variação e mudança linguística passam a constituir uma linha de pesquisa específica, que contava com a atuação de pesquisadores renomados, como Anthony Naro, Maria Marta Pereira Scherre, Maria Cecília Mollica, Maria Luiza Braga, Vera Lúcia Paredes e Christina Gomes. Nessa nova organização, participei da ampliação da oferta de disciplinas com o objetivo de recobrir as diferentes questões teóricas e metodológicas que despertam interesse no âmbito dos estudos sociolinguísticos. Atuei regularmente na formação de novos pesquisadores, através da orientação de dissertações de mestrado e teses de doutorado, além de despertar novas vocações através da orientação de alunos de IC.

Já no final dos anos 70, estava em gestação um projeto de estudo de variações linguísticas e possíveis mudanças em curso na variedade carioca, através de amostras de fala controladas e representativas dessa comunidade. Fui integrada neste projeto e, a seguir, ao grupo de pesquisas Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL)⁷, o que me permitiu colaborar para ampliar a constituição de bancos de dados da fala, como a Amostra Censo 80⁸ e a Amostra Censo 2000⁹, e da escrita, como a Amostra do discurso jornalístico. Esses bancos de dados possibilitaram a realização de um número considerável de estudos variacionistas empiricamente controlados e traçaram um perfil mais completo da variação linguística na cidade do Rio de Janeiro.

Ao longo do tempo, foram se estabelecendo interfaces entre a Sociolinguística Variacionista e diferentes modelos teóricos. Um ponto a destacar na minha atuação diz respeito à exploração da interface entre a Sociolinguística Variacionista e outros modelos teóricos que enfatizam a importância do uso linguístico, como é o caso das correntes de orientação funcionalista. A extensão de pressupostos e dos procedimentos metodológicos da teoria variacionista a fenômenos sintáticos e discursivos abriu espaço para discussão do conceito de variável linguística, uma questão que nada perdeu de sua atualidade. Ao longo da minha atuação no Programa de pós-graduação em Linguística, tenho buscado desconstruir uma visão da Sociolinguística apenas como uma metodologia e que enfatiza o aspecto quantitativo da variação. Para tanto, tenho procurado incentivar a viabilidade e o interesse teórico da conjugação entre o conceito de variação e pressupostos de modelos que enfatizam não só a importância da frequência de uso, como também a importância da função discursiva/comunicativa das formas linguísticas. Essa integração permitiu uma descrição mais adequada, em especial de fenômenos morfossintáticos e sintático-semânticos, como, por exemplo, as diferentes formas de articulação de orações.

⁷ <https://peul.lettras.ufrj.br/>

⁸ <https://peul.lettras.ufrj.br/amostras/censo-1980>

⁹ <https://peul.lettras.ufrj.br/amostras/amostra-censo-2000>

REVISTA LINGUÍSTICA: 2) Os estudos sociolinguísticos no Brasil têm uma trajetória rica e multifacetada, com contribuições significativas que se entrelaçam com a história do PPGLIN/UFRJ. Inicialmente, a sociolinguística no país emergiu como uma área de estudo que explorava a diversidade linguística e os fenômenos sociais relacionados à língua, considerando a influência de fatores sociais, culturais e históricos na variação e no uso linguístico. O PPGLIN/UFRJ se tornou um centro importante de produção de conhecimento nesse campo, agregando pesquisadores e estudantes dedicados a investigar a sociolinguística brasileira e suas ramificações. Dessa forma, na visão de vocês, como é possível destacar a importância do PPGLIN/UFRJ para a Sociolinguística e Linguística brasileira em geral?

MARIA CECÍLIA MOLLICA: Um grupo voltado para os estudos sociolinguísticos foi implantado, nos anos de 1970, sob a coordenação do professor Anthony Julius Naro. Sinto-me honrada de ser um dos membros mais antigos e de ter sido coordenadora da equipe por quase duas décadas. Inicialmente, voltamo-nos para a constituição da então Amostra Censo, replicada em 2000. Em paralelo, foram feitos muitos estudos, alguns dos quais referências para outros no Brasil. O histórico do grupo encontra-se bem documentado em Paiva & Scherre (1999) e Paiva & Silva (2012). De lá para cá, o PEUL <https://peul.letras.ufrj.br/> continua protagonista no cenário nacional, contando com uma nova geração de sociolinguistas do nosso Programa (PPLING/UFRJ) que vêm desenvolvendo, com base em novos corpora, investigações em diferentes frentes.

Em coautoria com Alzira Macedo e Claudia Roncarati, estive fortemente voltada para o empreendimento de divulgação da nossa produção científica por meio da organização de livros e periódicos da área (cf. MOLLICA; MACEDO; RONCARATI, 1996; MOLLICA; RONCARATI, 1997). Nessas coletâneas, encontram-se estudos seminais que hoje são de leitura obrigatória para entender, por exemplo, os princípios funcionais da variação, a relação forma/função e vetores de mudança como a gramaticalização.

Lembro aqui o livro *Introdução à Sociolinguística*, resultado de trabalho da equipe do PEUL à época. Inicialmente, a iniciativa foi pensada para constituir-se em material instrucional de natureza didática. Sob a minha organização, foi então editado pela PR-1 por meio do programa de divulgação científica do então Cadernos da Didáticos (cf. MOLLICA, 1992). Posteriormente, o livro ganhou espaço nacional ao ser publicado por editora de ampla distribuição (cf. MOLLICA; BRAGA, 2003).

Pela linha editorial dos Cadernos, pude também reunir, em parceria com Luiz Paulo, textos voltados para a linha divisória entre Linguística e Linguística Aplicada (cf. MOLLICA; MOITA LOPES 1993) num tempo anterior à criação da subárea. Depois organizamos ainda um número da Revista Tempo Brasileiro a respeito (cf. MOLLICA; MOITA LOPES, 1994).

Investimos sempre na publicação de nossa produção no PEUL. O livro organizado por Marta Scherre e Giselle Machline de Oliveira e Silva, em 1996, também é um marco divisório para a divulgação da Sociolinguística quantitativa de orientação laboviana. Pena que a novíssima geração ainda não teve acesso, embora os Padrões Sociolinguísticos tenham estado em fóruns nacionais por todo o Brasil.

Inúmeras direções da Sociolinguística têm sido desenvolvidas no âmbito do PPGLIN/UFRJ. Destacaria o livro Mollica & Ferrarezi (2016) no qual muitos pesquisadores do nosso Programa interagem com renomados nomes nacionais com vistas a, pela primeira vez, explicitar bases teóricas diferenciadas que estabelecem interfaces com a Sociolinguística. Podemos então, através da obra, entender como a área conversa com a Linguística Cognitiva, a Análise do Discurso, a Crioulística, a Ecolinguística, apenas para citar algumas interfaces. Fica clara a vitalidade dos estudos sociolinguísticos e a liderança dos nossos docentes. Vale destacar ainda como a Sociolinguística, transversalmente, estabelece múltiplos olhares considerando a base nos achados da Neurociência. Nesses anos, outros sociolinguistas do Programa vêm publicando livros importantes, a exemplo de Gomes (2020), cujos estudos são voltados para a Fonologia na perspectiva de modelos de exemplares com ênfase em aquisição.

MARIA CONCEIÇÃO PAIVA: A meu ver, é necessário, antes de mais nada, delimitar o que entendemos por Sociolinguística, visto que este termo recobre diferentes vertentes de estudo. O que as reúne é a ênfase dada à heterogeneidade das línguas e ao componente social, ou melhor, dizendo, sociogeográfico e cultural, como determinante do uso linguístico. Dentre essas vertentes situa-se a Sociolinguística Variacionista ou Sociolinguística Quantitativa, centrada na variação postulada como um fenômeno não aleatório e na sua relação com a mudança linguística. Por um vício de formação, vou me ater a esse modelo, implementado ainda no início dos anos 60 com os trabalhos desenvolvidos por William Labov. Efetivamente, essa visão despertou o interesse de vários docentes do PPGLING e ganhou um espaço importante em trabalhos voltados para a compreensão dos fatores que operam sobre fenômenos variáveis do português brasileiro. Esse interesse se estendeu por diversos pontos do Brasil, permitindo assim a conjugação entre a dimensão diatópica e a dimensão diastrática, alargando, inclusive, o escopo da Dialetoologia Clássica.

Como já destacado, o Programa de pós-graduação em Linguística da UFRJ se destacou como um ponto de partida do modelo Variacionista, que, em muitos casos, ganhou espaço em diversos centros universitários brasileiros através da ação/colaboração de docentes do programa de Linguística. Tal expansão contribuiu e vem contribuindo para maior conhecimento da variedade brasileira do português e da forma de difusão de variantes linguísticas inovadoras. Além disso, permitiu não só uma maior compreensão dos aspectos geográficos, culturais e sociais da variação linguística, como também identificar a extensão e regularidade de determinados padrões de variação.

REVISTA LINGUÍSTICA: A integração da Sociolinguística com as ciências cognitivas representa um avanço significativo na compreensão da complexidade da linguagem humana. A sociolinguística, tradicionalmente focada na relação entre língua e sociedade, está cada vez mais reconhecendo a importância dos aspectos cognitivos no estudo da variação e do uso linguístico. Como vocês veem a sociolinguística nesse contexto?

MARIA CECÍLIA MOLLICA: A investigação cognitiva na Sociolinguística sempre esteve presente. Ora, se os empregos variáveis não são aleatórios e são motivados por pressões de natureza diversa, é ingênuo pensar que sejam livres dos mecanismos cognitivo-perceptuais dos falantes. Vale assinalar que esses se fizeram mais explícitos em conformidade com os novos avanços da área na direção da pesquisa acerca da aquisição e da percepção da variação. Por consequência, a constituição de constructos teóricos mais robustos, para fins de norteamto das análises, tem caracterizado significativo avanço.

Natural e conseqüentemente, importam a qualidade, a quantidade e a iconicidade do uso das estruturas variantes, que só podem constituir-se sob condições apropriadas no que se refere à geração da consciência sociolinguística e sua relação com a mente humana (cf. MOLLICA, 2010). O falante possui justas habilidades cognitivas para representar seus indicadores identitários, suas emoções, sua compreensão linguística, de modo que se de oportuna situação contextual e opera compatibilidade necessária com a audiência. Sendo assim, graus diferenciados de apropriação dos empregos sociolinguísticos convertem-se, historicamente, em metas relevantes de pesquisa para o avanço da Ciência e das subáreas.

MARIA CONCEIÇÃO PAIVA: O reconhecimento da natureza cognitiva do sistema linguístico e a influência de fatores cognitivos na variação é declaradamente assumida e explicitada no volume 3 de *Principles of linguistic change: cognitive and cultural factors*, publicado por Labov, em 2010. É bom lembrar também que o “Monitor Sociolinguístico”, proposto por Labov (2006), constitui um mecanismo cognitivo relacionado à saliência social de variantes linguísticas, e que conceitos como “avaliação” ou “significado indexical” remetem para entidades mentais, construídas socialmente.

Em princípio, podemos dizer, portanto, que não há incompatibilidade entre a Sociolinguística Variacionista e modelos cognitivistas, visto que as duas áreas de estudo defendem uma interdependência dinâmica entre sistema e uso. Tanto a variação linguística como a implementação de uma mudança requerem a abstração de padrões linguísticos mais gerais que só podem ser generalizados a partir da ação de mecanismos ligados à atenção, percepção, memória e à capacidade de identificar semelhanças e diferenças entre elementos linguísticos e eventos comunicativos distintos. Um exemplo ilustrativo dessa ação de mecanismos cognitivos no uso de variantes linguísticas é o “efeito priming”, ou seja, a repetição da forma linguística usada mais recentemente, o que pode favorecer a propagação de uma determinada variante linguística numa comunidade de fala (cf. PAIVA; SCHERRE, 2022). Como destacam Paiva e Abraçado (2021, p. 202), uma integração entre Sociolinguística e Linguística Cognitiva conduz, necessariamente, “para a forma como a variação pode ser modelada na gramática do indivíduo, o que conduz para questões relacionadas não apenas à produção como também à percepção e à aquisição de padrões de variação”.

REVISTA LINGUÍSTICA: 4) Considerando a ampla gama de estudos já realizados na Sociolinguística brasileira, ainda existem áreas que carecem de maior investigação e atenção por parte dos pesquisadores. Quais seriam, em sua opinião, essas lacunas ou áreas pouco exploradas que merecem uma atenção mais dedicada no futuro? Como vocês enxergam o cenário futuro da Sociolinguística no Brasil, levando em conta as mudanças socioculturais e tecnológicas?

MARIA CECÍLIA MOLLICA: Existem muitas direções a serem exploradas para além do que já temos reunido na área. Vale aqui lembrar o conceito de ondas pelas quais historicamente a Sociolinguística teria perpassado, muito embora elas não sejam excludentes. O texto recente de Freitag (2023), além de descrever as três ondas, sugere uma quarta onda da Sociolinguística no Brasil. Esta consiste no ativismo sociolinguístico, em especial na área educacional.

Com efeito, em que pesem os esforços de veiculação de conceitos sociolinguísticos e de resultados de pesquisas voltadas para o PB, a sociedade e a escola ainda não atingiram nível satisfatório de letramento informacional. Aqui vale salientar que os desafios da divulgação científica se originam na própria diferença entre as linguagens ditas científicas e não científicas. Em última análise, a tarefa de repassar informação científica inclui conhecer a linha divisória entre os chamados cientistas e leigos. Quais são as barreiras para enfrentar?

Muitas questões estão aí envolvidas. A história das ciências lança luzes para algumas respostas. A delimitação dos gêneros textuais e os movimentos retóricos de que fazemos uso para a divulgação científica influem no *modus operandi* da divulgação. Não se trata de um trabalho apenas de traduzir textos não acessíveis ou de mera simplificação dos seus conceitos.

Antes de qualquer coisa, a tarefa a enfrentar sugere conhecer os primórdios da especialização do conhecimento racional. Por certo, é muito difícil transpor a univocidade da linguagem científica no processo de divulgação. A relação entre forma e sentido tem que ser minimamente preservada, evitando o estabelecimento de relação entre uma forma e diferentes sentidos, que caracteriza a linguagem não científica. Eu diria que se trata da principal contenda do que seria, a meu ver, a quarta onda.

MARIA CONCEIÇÃO PAIVA: Inicialmente mais concentrados na produção linguística, os estudos variacionistas foram, gradativamente, se estendendo para a análise de outros aspectos ligados à variação. Dentre eles, se destaca a percepção e avaliação de variantes linguísticas e suas consequências na implementação de mudanças, bem como o processo de aquisição da variação por crianças. Outro campo de interesse é a importância do estilo de fala como um relevante condicionador da variação. Embora muitos resultados já estejam disponíveis, este aspecto ainda suscita questões que merecem análise mais aprofundada no que se refere à variação no português brasileiro. Também as questões ligadas ao contato linguístico merecem maior investimento, visto que podem fornecer evidências mais decisivas acerca da aquisição e difusão de variantes inovadoras. Desde o seu início, os estudos da produção conduziram a questões centrais sobre o ensino de português como língua materna e alimentaram várias propostas metodológicas para a abordagem de fenômenos variáveis no meio escolar.

Outra área que requer maior desenvolvimento está relacionada ao estudo da mudança em tempo real, de forma a verificar a validade das evidências em tempo aparente. Ao longo do tempo, grupos de pesquisadores contribuíram para a constituição de diversas amostras de fala da mesma comunidade e/ou dos mesmos falantes, criando as condições necessárias para a realização de estudos da mudança linguística em tempo real de curta duração. No entanto, essa via tem sido pouco explorada, embora constitua um dos meios mais seguros de identificação da direcionalidade de uma variante linguística. Creio que é necessário incentivar a realização desse tipo de estudo, que fornece evidências mais seguras tanto para a discussão de questões teóricas centrais, quanto para o refinamento de estratégias metodológicas para a obtenção de amostras representativas de diferentes sincronias do português brasileiro. Maior investimento seria bem-vindo também na organização de amostras que permitam o estudo de redes e de comunidades de prática, de forma a superar as limitações impostas pelas amostras sociolinguísticas mais tradicionais. Como se pode esperar, a rapidez com que são disponibilizados e aprimorados recursos tecnológicos para o tratamento e armazenamento de dados tornou possível não só a organização de amostras linguísticas mais facilmente disponíveis como permitiu agilizar o levantamento dos dados relevantes para o estudo de uma variação linguística, através da implementação de recursos de busca. Numa outra direção, a “linguagem” da internet passa a constituir ela própria uma amostra de variação linguística em outros meios de comunicação e outros gêneros textuais. Outras questões podem ser colocadas, principalmente no que se refere ao efeito das particularidades dos meios digitais no uso de variantes linguísticas. Acredito, inclusive, que o estudo da “linguagem da internet” passe a ocupar um lugar cada vez mais relevante nos estudos sociolinguísticos, já que se trata de um meio no qual outros códigos se superpõem e colaboram na transmissão da mensagem.

REVISTA LINGUÍSTICA: 5) Para onde o programa de pós-graduação em Linguística da UFRJ, mais especificamente a Linha 3 – Variação e Mudança Linguística¹⁰, está direcionando a Sociolinguística? Quais são os objetivos futuros em termos de pesquisa, colaborações e expansão dessa área dentro do programa?

MARIA CECÍLIA MOLLICA: O PPGLIN/UFRJ tem o compromisso e a enorme responsabilidade de dar continuidade a todas as direções de pesquisa trilhadas até o momento. Destacaria os estudos em tempo real, com a nova amostra ora em constituição pelo PEUL, 40 anos depois das amostras de 80 e de 2000.

Além disso, os estudos sobre aquisição da variação são fortemente expressivos. Neles, são também contemplados os princípios que norteiam a influência do léxico na aquisição e mudança. As teses varicionista e difusionista (cf. MOLLICA, 2014b) devem agregar-se para fins de ampliação do escopo de pesquisa, em que types e tokens devem ser finamente analisados sob vieses específicos, como é o caso da frequência.

¹⁰ <https://ppglinguistica.lettras.ufrj.br/programa/linhas-de-pesquisa/>

A variação registrada em vários gêneros textuais e redes sociais online e offline tipifica pesquisas valiosas. Em que medida os estilos monitorados emergem em função de enquadres distintos e de plataformas naturais e documentárias? Em Mollica (2015), há uma boa discussão sobre representação e participação corporativa em ambientes digitais. Na agenda de trabalho, a área deve procurar conhecer a arquitetura dos portais, bem como investigar em que domínio do conhecimento e em que comunidade discursiva emerge a diversidade linguística.

Os estudos acerca da percepção da variação são aliados importantes no campo. Para a área de Educação, por exemplo, é relevante conhecer o tempo para os indivíduos com déficit, as características e particularidades em relação à acuidade, discernimento e atitudes sociolinguísticas. As posturas atitudinais que os falantes possam ter em relação à linguagem revelam singularidade do ponto de vista social especialmente.

MARIA CONCEIÇÃO PAIVA: A linha de pesquisa Variação e Mudança Linguística, inicialmente mais centrada na produção, tem voltado sua atenção para outras questões, destacando-se entre elas, a inter-relação entre produção e avaliação, bem como a percepção de variantes linguísticas e seu processamento por falantes nativos de português. Através da associação de evidências de produção e percepção de variantes linguísticas da variedade carioca, visa-se incrementar estudos voltados para a representação da variação. De um ponto de vista teórico, ganha destaque a discussão sobre o status da variação no conhecimento linguístico do indivíduo.

Outro objetivo na pauta de trabalho de pesquisadores da linha é o estudo mais aprofundado da variação estilística e o estudo de comunidades de fala específicas, como, por exemplo, as favelas. Um dos objetivos visados é identificar as possíveis particularidades da variação constatada nessas comunidades, comparando-as com outras comunidades de fala. Nesse sentido, uma via a explorar é a própria metodologia de organização de amostras de fala que permitam captar o comportamento linguístico do falante em diferentes situações comunicativas.

Busca-se também incrementar os estudos de mudança linguística, através de análises do tipo tendência e painel, a fim de obter evidências mais seguras do estágio de implementação de certas variantes linguísticas na variedade carioca do português e testar resultados já obtidos em estudos da mudança no tempo aparente.

Uma outra frente de trabalho diz respeito à utilização dos meios computacionais disponíveis não apenas para a organização de bancos de dados e levantamento de dados, mas também para a análise de traços prosódicos e acústicos associados a variantes linguísticas. Para tanto, busca-se incrementar a relação e o intercâmbio com outros grupos de pesquisadores brasileiros, através de estudos comparativos do mesmo fenômeno, o que pode redundar numa visão mais completa e objetiva das diferenças entre variedades do PB.

REVISTA LINGUÍSTICA: 6) Na visão de vocês, como a Sociolinguística influenciou e moldou as percepções e estudos sobre a variação e diversidade linguística no Brasil ao longo do

tempo? Desde seus primeiros passos até a atualidade, como essa área de estudo tem contribuído para compreendermos melhor a riqueza da diversidade linguística presente no país e quais foram os principais marcos ou mudanças significativas impulsionadas pela Sociolinguística que impactaram as pesquisas linguísticas no Brasil? Além disso, em que medida as contribuições sociolinguísticas têm influenciado não apenas o ambiente acadêmico, mas também políticas públicas, práticas sociais e a valorização das variedades linguísticas presentes na sociedade brasileira?

MARIA CECÍLIA MOLLICA: As pesquisas sociolinguísticas, para além de aprofundar o conhecimento a respeito do processamento linguístico em sua dimensão dinâmica, “subvertem” a lógica dos estudos clássicos. Além disso, mostram até que ponto, no caso do Brasil, podemos dizer que há uma dialeção fraca ou forte. Os estudos sobre percepção apontam para os estereótipos e, nessa medida, revelam o nível de aceitação das comunidades em relação à diversidade linguística. Passamos a conhecer, assim, as avaliações positivas e negativas do falante em relação à linguagem.

O conhecimento gerado pela reunião de trabalhos na área sobre o PB, por consequência, conduz à possibilidade de traçar diretrizes, especialmente, no âmbito educacional. Nesse sentido, as políticas públicas traçadas devem levar em conta a aceitação da diversidade linguística e da singularidade dos sujeitos, assim como considerar a compatibilização dos usos com os adequados contextos. Para se obter maior leque de pesquisas, eu recomendo acessar o repositório do Programa <https://ppglinguistica.letras.ufrj.br/teses-e-dissertacoes/> para se conhecer algumas das dissertações e teses orientadas por docentes do Programa.

Tanto os PCNs quanto a BNCC contemplam tais apontamentos, no entanto não há qualquer indicação dos procedimentos a adotar nas práticas pedagógicas. Note-se que, na prática forense, o entendimento da complexidade sociolinguística consiste, por vezes, em apoio jurídico fundamental.

A formação do fonoaudiólogo no Rio de Janeiro já conta, desde os anos de 1970, com os fundamentos linguísticos. Na UFRJ, tomou mais fôlego nos anos de 1990, quando foi criado o curso de Fonoaudiologia. A coletânea reunida por Improta França (2022) consiste num livro de referência para a qualificação dos profissionais. Nele, grande número de subáreas da linguística está incluído na grade das disciplinas. Os conceitos fundantes da Sociolinguística lá estão conjuntamente com os demais do campo da linguagem humana.

MARIA CONCEIÇÃO PAIVA: O estudo da variação/diversidade linguística no Brasil não é uma novidade, na medida em que remonta aos estudos dialetológicos, com ênfase na dimensão espacial/geográfica, reconhecendo a importância da variação horizontal. Destaque-se nesse sentido o importante trabalho desenvolvido pela equipe do Atlas Linguístico do Brasil (ALIB)¹¹. A introdução e expansão da Sociolinguística, mais particularmente da Sociolinguística Variacionista, colocou no centro das atenções a importância da variação vertical. Além disso, forneceu um aparato teórico e metodológico que permitiu, e continua permitindo, a identificação do efeito de fatores socioculturais,

¹¹ <https://alib.ufba.br/>

estilísticos e cognitivos correlacionados ao uso de variantes linguísticas de diferentes níveis da língua. Dessa forma, a Sociolinguística encontrou adeptos em vários centros de pesquisa brasileira, o que culminou, ao longo dos anos, não só no expressivo aumento do número de trabalhos, mas também na sua extensão a uma grande diversidade de fenômenos, avaliados ou não avaliados socialmente.

A expansão desses estudos tornou possível fornecer um panorama mais claro e empiricamente sustentado das diversas variedades geográficas do Brasil e forneceu os subsídios para desmistificar a dicotomia entre forma linguística correta versus forma incorreta, visão de que uma forma de falar é correta e outras incorretas. Além disso, esses estudos trouxeram inquestionáveis evidências para os processos de mudança em curso no português.

Uma outra contribuição relevante é a desconstrução do pressuposto de que a variação linguística se restringe à língua falada, despertando o interesse também pela variação em diferentes gêneros de escrita, como é o caso, por exemplo, dos trabalhos reunidos em Paiva e Gomes (2015), o que vem permitindo, inclusive, desvendar a forma como processos de mudança em curso são incorporados na língua escrita.

É necessário destacar que essa expansão dos estudos sociolinguísticos de variação conduziu, inevitavelmente, à questão do ensino de língua portuguesa no meio escolar, classicamente baseado em manuais que se limitam a trabalhar com regras prescritivas e estigmatizam formas/variantes correntes na língua falada, consideradas “erros”, como é o caso, por exemplo, da ausência de concordância nominal e verbal.

Com o objetivo de desmistificar oposições tais que correta/incorreta ou forma de prestígio/forma desprestigiada os resultados empiricamente sustentados dos estudos sociolinguísticos tornaram possível discutir e buscar estratégias de conscientização dos alunos acerca da variação linguística, incluindo a proposição de atividades que permitam conscientizar o aluno da coexistência de diferentes estilos tanto de fala como de escrita, uma direção explorada, dentre muitos outros, por Mollica (2016),

REVISTA LINGUÍSTICA: 7) Como a Sociolinguística se adaptou e evoluiu para lidar com as nuances linguísticas e sociais específicas do Brasil ao longo do tempo? Considerando a diversidade cultural e linguística do país, de que maneira ela desenvolveu abordagens particulares para capturar e analisar essa complexidade? Existem características únicas ou estratégias metodológicas distintas na Sociolinguística brasileira que a diferenciam de outras perspectivas ou abordagens no campo mais global? Além disso, como essas adaptações sociolinguísticas se refletem na produção de conhecimento e no entendimento mais aprofundado sobre a variação linguística, as dinâmicas de mudança de línguas e as interações entre língua e sociedade no contexto específico do Brasil?

MARIA CECÍLIA MOLLICA: A Sociolinguística no Brasil tem origem na Geolinguística e toma corpo com o Variacionismo, nos anos de 1970. A tradição de constituição de corpora do português brasileiro impressiona e tem dado base a pesquisas quantitativas de correlação de variáveis com a meta de investigar a mudança em tempo aparente e em tempo real. Os idos de 1990 têm

norteado estudos com um viés marcadamente funcionalista em que a mudança se vê representada por processo de gramaticalização, por exemplo.

No livro de Mollica e colegas (2017), são investigados os modos como se processa a mudança linguística dando relevo à gradualidade de variantes novas e de formas lexicalizadas. Demonstra-se a força de processos prototípicos sobrepondo-se a outros, de modo a promover a mudança num efeito dominó. A projeção escalar de câmbios linguísticos pode acontecer em diversas sincronias e em diferenciados enquadres discursivos. Na obra, evidencia-se que a mudança pode ter origem na opacidade do léxico de uma comunidade discursiva que, paulatinamente, se expande para o léxico geral da língua. Para tanto, processos cognitivos são acionados para operar a reestruturação léxico-gramatical de forma escalar. Evidencia-se ainda que os contextos tipificadores dos gêneros textuais se movimentam numa espiral de reanálise composicional e de aquisição de novos padrões gramaticais e conceituais.

Em Mollica (2016c), ficamos impactados com a ilimitada produtividade dos falantes ao engendrar sentenças tipologicamente consideradas como etiquetagens, usuais no mundo de hoje e em tempos mais remotos. Com eficácia, os empregos variáveis que se utilizam da topicalização e focalização, por exemplo, têm como meta conquistar direitos, mudar papéis sociais, ganhar cidadania, especialmente por parte da minoria e dos sujeitos mais vulneráveis. Se bem embalada, a língua pode fazer uma história de conquistas na direção da inclusão e harmonia de comunidades de fala. As investigações sociolinguísticas podem destacar o “poder” das construções quando ativadas as competências linguística, pragmática e cognitiva do falante.

Há muito que fazer na área. É relevante insistir na comparação de processos variáveis em diversos dialetos no Brasil, uma vez que nos permite conhecer o dinamismo de contato linguístico e os mecanismos de acomodação dialetal. Avançar no paralelo entre o PB e o PE é pertinente, na medida em que significa inserir na agenda de trabalho o projeto de compreender as línguas pluricêntricas. Com esse propósito, tão bem encaixam-se as pesquisas sociolinguísticas sob orientação histórica. Vale lembrar a publicação de livro já citado aqui (cf. MOLLICA; FERRAREZI, 2016) que oferece uma boa ideia das inúmeras interfaces teóricas que a Sociolinguística vem oferecendo. Diálogos com a área de Ciência da Informação são bem-vindos e podem ser encontrados, por exemplo, em Mollica & Gonzalez (2012) em que se focalizam questões relativas a processamento, a fluxo da informação e à arquitetura de sistemas de redes online e offline, bem como à representação mental da linguagem, do letramento e comunicação, do papel dos gêneros discursivos digitais e não digitais na construção do conhecimento e na inovação tecnológica.

A adoção de metodologias variadas para a investigação da contraface dinâmica da linguagem se revela, dado que as perspectivas diatópica e diastrática estão presentes nos estudos de mudança, aquisição, aplicação. No livro de Mollica e colegas (2022), a díade fala-escrita é naturalmente abordada num contínuo vigoroso, de modo a se conhecer os índices que lhe servem de critérios de caracterização da lectoescrita. Trata-se de complexidade que se impõe como desafio permanente para

pesquisadores que cogitam estreitar efetivo diálogo com as demais áreas numa perspectiva transversal, imperativo da contemporaneidade.

MARIA CONCEIÇÃO PAIVA: A meu ver, não seria muito apropriado falar em especificidades da Sociolinguística Variacionista no Brasil, assim como ocorre com outros modelos teóricos. As teses centrais e os pressupostos básicos da teoria variacionista, como, por exemplo, o de que nenhuma variação linguística é aleatória, são mantidos, embora possam ser discutidos. Não tenho certeza de que possamos falar propriamente de evolução da Sociolinguística no Brasil. No entanto, podemos, por outro lado, falar de adaptação, na medida em que as sociedades humanas se distinguem nas suas práticas e também nos seus valores, o que, efetivamente, impõe a necessidade de considerar variáveis, que, talvez, não se apliquem a outras sociedades ou comunidades de fala. Assim, a maioria dos estudos de variação no Brasil verifica, por exemplo, o efeito possível da variável gênero no uso de variantes linguísticas. Como a própria mudança da sociedade atual impõe um tratamento diferenciado desse fator, alguns a focalizam como um continuum.

Podemos destacar, ainda que, nos estudos sociolinguísticos brasileiros, a possível relevância de diferenças culturais salientes se impõe por si mesma. Outro exemplo de adaptação de pressupostos teóricos e métodos à realidade brasileira é a inclusão em muitos estudos de variáveis não estratificáveis como profissão, renda e sensibilidade linguística, o que tem permitido uma análise mais acurada da importância da dimensão estilística da variação.

Outro aspecto a destacar é a conjugação de princípios teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista com modelos teóricos funcionalistas e cognitivistas, em especial da Gramática de Construções, integrando o estudo da variação na comunidade e no indivíduo de forma a buscar evidências mais seguras para a forma de representação da variação. Como já mostrado por vários trabalhos, a representação da variação não pode ser explicada apenas em termos de regra variável, como proposto inicialmente nos estudos variacionistas. Compreender a representação da variação requer levar em conta todos os aspectos associados a cada instância de uso de uma variante linguística.

Graças ao desenvolvimento dos recursos eletrônico-computacionais, novos procedimentos de organização de amostras se tornaram possíveis. Neste sentido, diferentes grupos de pesquisa têm se esforçado não só na organização de bancos de dados como também na utilização de programas computacionais que tornem mais ágil o levantamento de dados.

Referências

BRAGA, Maria Luiza; MOLLICA, Maria Cecilia. Maras segmentais e/ou suprasegmentais entre o sujeito e o predicado e a sua função discursiva. *Série Estudos*, 12, Linguística: Questões e controvérsias, Uberaba-MG, 1986, pp. 24-39.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. GT de Sociolinguística. *Revista da Anpoll*, v. 1, pp. 95-102, 1985.

FREITAG, Raquel. *A quarta onda: ativismo sociolinguístico no Brasil*. *Fórum Linguístico*, v. 20, n. 3, pp. 9401-19, 2023. <http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2023.e9> 2013 Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/92913/54464>, 2023.

GOMES, Christina Abreu (org.). *Fonologia na perspectiva dos modelos de exemplares*. São Paulo: Editora Contexto, 2020.

IMPROTA FRANÇA, Anieli. *Linguística para fonoaudiologia: interdisciplinaridade aplicada*. São Paulo: Editora Contexto, 2022.

LABOV, William. *The cognitive capacities of the sociolinguistic monitor*. Paper presented at the 17th Sociolinguistic Symposium, Amsterdam. 2006.

LABOV, William. *Principles of linguistic change*, volume 3: cognitive and cultural factors. New Jersey, Willey Blackwell, 2010.

MACEDO, Alzira; MOLLICA, Maria Cecília; RONCARATI, Claudia (orgs.). *Variação e Discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos; WIEDEMER, Marcos Luiz Wiedemer. Grupo de Trabalho de Sociolinguística, 35 anos depois: reflexões e cenários. *Revista da ANPOLL*, Florianópolis, v. 52, n. esp., jan.-dez., 2021, pp. 09-26.

MOLLICA, Maria Cecília. *Estudo da cópia nas construções relativas do português*. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Letras). PUC-Rio, 1977.

MOLLICA, Maria Cecília. *Queísmo e dequeísmo no português do Brasil*. Tese de Doutorado (Doutorado em Linguística), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 1989.

MOLLICA, Maria Cecília. *(De)que falamos?* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

MOLLICA, Maria Cecília. *Da linguagem coloquial à escrita padrão*. Rio de Janeiro: 7LETRAS, 2003.

MOLLICA, Maria Cecília. *Fala, letramento e inclusão social*. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

MOLLICA, Maria Cecília (org.). *Linguagem para a formação em Letras, Educação e Fonoaudiologia*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

MOLLICA, Maria Cecília. (org.). *Usos da linguagem e sua relação com a mente humana*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

MOLLICA, Maria Cecília (org.). *Linguagem em contextos*. Rio de Janeiro: 7LETRAS, 2014a.

MOLLICA, Maria Cecília. *Difusão lexical: aquisição, variação e letramento*. Curitiba: Editora CRV, 2014b.

MOLLICA, Maria Cecília. *Influência da fala na alfabetização*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2016a, 2. edição.

MOLLICA, Maria Cecília (org.). *#linguisticaprotestos*. Novos caminhos de pesquisa. Rio de Janeiro: 7LETRAS, 2016c.

- MOLLICA, Maria Cecília. *Seleção de escritos sobre a pausa*. Campinas: Editora Pontes, 2021.
- MOLLICA, Maria Cecília et al. (orgs.). *Cybercorpora e inovação com práticas de ensino*. Curitiba: Editora CRV, 2015a.
- MOLLICA, M. C. et al. *Do analfabetismo à violência: contribuições da Ciência da Linguagem*. São Paulo: Editora Contexto, 2020.
- MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. As estruturas SN pleno + SN pronominal anafórico no Português do Brasil 20 anos depois. In: LIMA-HERNANDES, Maria Celia; ABREU, Katia (orgs.). *Língua Portuguesa em foco: ensino-aprendizagem, pesquisa e tradução*. Lecce, Itália: Pensa MultiMedia Editora, 2010, pp. 85-95.
- MOLLICA, Maria Cecília; FERRAREZI, Celso. *Sociolinguística, sociolinguísticas*. São Paulo: Editora Contexto, 2016b.
- MOLLICA, Maria Cecília; GONZALEZ, Marcos. *Linguística e Ciência da Informação: diálogos possíveis*. Curitiba: Editora APPRIS, 2012.
- MOLLICA, Maria Cecília; LEAL, Marisa Bezerra. *Letramento em EJA*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- MOLLICA, Maria Cecília; LEAL, Marisa Bezerra (orgs.). *Construindo o capital formal das linguagens*. Curitiba: Editora CRV, 2010.
- MOLLICA, Maria Cecília; PATUSCO, Cynthia; BATISTA, Hadinei Ribeiro (orgs.). *Sujeitos em ambientes virtuais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015b.
- MOLLICA, Maria Cecília et al. *Efeito dominó na Linguagem: o que a escola precisa saber*. Curitiba: Editora CRV, 2017.
- MOLLICA, Maria Cecília; PAIVA, M. C. Restrições estruturais atuando na relação entre [l]/[r] e [r] 0 em grupos consonantais em português. *Boletim da ABRALIN*, 11(1). São Paulo, UNICAMP, Campinas: 1981, pp. 181-89.
- MOLLICA, Maria Cecília; RIBEIRO, Hadinei; QUADRIO, Andreia. *Contínuo fala-escrita na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2022.
- MOLLICA, Maria Cecília; RONCARATI, Claudia (org.). *Variação e aquisição*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.
- MOLLICA, Maria Cecília; SILVA, Cynthia Patusco; BARBOSA, Maria de Fátima (orgs.). *Olhares transversais em Pesquisa, Tecnologia e Inovação*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 2012.
- MOLLICA, Maria Cecília. (org.). *Introdução à Sociolinguística Variacionista*. Rio de Janeiro/ PR1-UFRJ, Cadernos Didáticos I, 1992.
- MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Editora Contexto, 2003.
- MOLLICA, Maria Cecília; MOLITA LOPES, Luiz Paulo. *Linguística e Linguística Aplicada* (orgs.). Rio de Janeiro: PR-1 UFRJ, Cadernos Didáticos III, 1993.

MOLLICA, Maria Cecília; MOITA LOPES, Luiz Paulo. *Linguagem, Interação e Cognição*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

OLIVEIRA E SILVA, Giselle Machline; SCHERRE, Marta Pereira. *Padrões Sociolinguísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

PAIVA, Maria da Conceição, ABRAÇADO, Jussara. Questões teóricas e metodológicas: as contribuições do eixo 4. *Revista da Anpoll*, Florianópolis, v. 52, n. esp., jan.-dez., 2021, pp. 198-215.

PAIVA, Maria da Conceição; GOMES, Christina Abreu. *Dinâmica da variação e da mudança na fala e na escrita*. Rio de Janeiro, Contra Capa/Faperj, 2015.

PAIVA, M. C.; SCHERRE, M. M. P. Retrospectiva sociolinguística: contribuições do PEUL. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 15, pp. 201-32, 1999.

PAIVA, Maria da Conceição; SCHERRE, Maria Marta P. Revisitando o efeito da repetição na variação linguística. In: OLIVEIRA, Josane M. de; MOTA, Jacyra A.; REIS, Regiane C. P. *Contribuições para a Linguística brasileira: uma homenagem a Dinah Callou*. Campo Grande, Editora da UFMS, 2022, pp. 257-76.

PAIVA, M. C.; SILVA, V. L. P. Cumprindo uma pauta de trabalho: contribuições recentes do PEUL. *Alfa: Revista de Linguística*, v. 56, pp. 739-70, 2012.

RAMOS, Jania Martins. (org.) *Estudos Sociolinguísticos: os quatro vértices do GT da ANPOLL*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2006.

SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães. Estudos e pesquisas em Sociolinguística no contexto plurilíngue do Brasil. *Revista da ANPOLL*, v. 1, n. 29, pp. 219-34, 2010.

Rio de Janeiro (RJ), março de 2024.